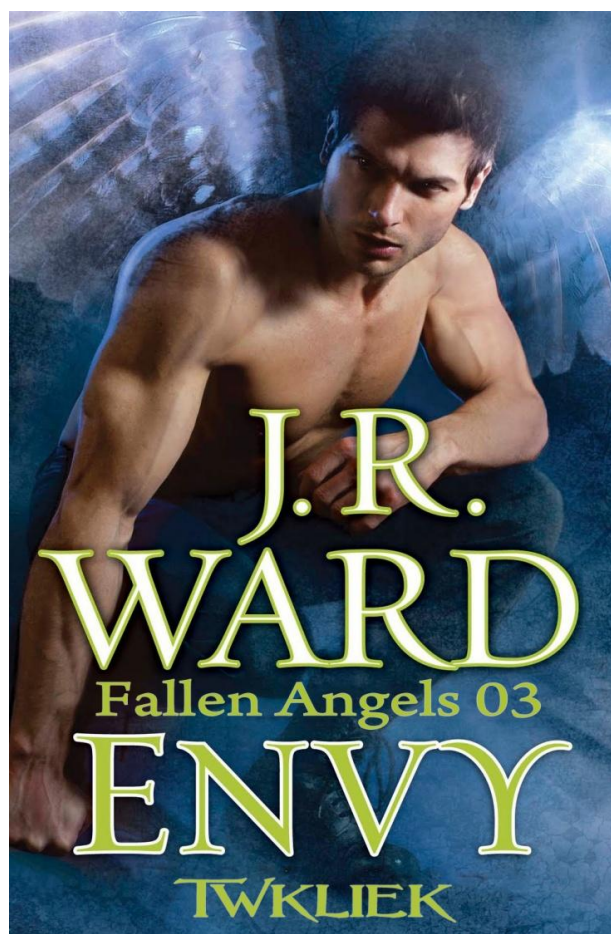




J.R. Ward

Envy

Série Fallen Angels 03

Como o filho de um serial killer, o detetive de homicídios Thomas "Veck" DelVecchio, Jr., cresceu sob a sombra do mal. Agora, sobre o fio da navalha entre o dever cívico e a retribuição cega, ele expia os pecados de seu pai, enquanto luta contra seus demônios interiores. A oficial de Assuntos Internos Sophia Reilly é designada para o acompanhamento de Veck, cujo interesse por ele é inteiramente profissional. Mas Veck e Sophia tem um link: Jim Heron, um misterioso estranho com muitas respostas... às perguntas que são mortais. Quando Veck e Sophia são atraídos para a última batalha entre o bem e o mal, o seu anjo caído Salvador é a única coisa que está entre eles e condenação eterna.

Livro Traduzido e Revisado do Inglês

Equipe de Revisão TWKliek



Capítulo 1

Foi na primavera, em uma noite escura de Abril, quando o Detetive Thomas DelVecchio Jr. aprendeu que os pesadelos podiam de fato fazer o salto para fora da mente, e para dentro da vida real.

Infelizmente para ele, não era exatamente uma notícia nova.

Sangue estava por toda parte. Brilhante e carmesim ao luar, era como se um galão de tinta tivesse sido aberto e espalhado de forma desajeitada por toda parte e não apenas no chão da floresta... mas o homem que estava cortado e imóvel em uma cama de folhas em decomposição.

Aos pés de Veck.

Toda aquela merda vermelha não era uma tinta látex premium de interior, no entanto. Ou um acabamento à base de óleo. Ou uma forte pintura para o exterior de celeiro. Você não podia

comprá-la na Home Depot ou na Lowe's¹ e não a limparia com aguarrás² ou a usava em algum filme B.

Isto era vida real, bem aqui. Vazando pela porra toda.

O que ele fez? Querido Deus...

Arrancando sua jaqueta de couro, ele enrolou a coisa, se ajoelhou e a apertou contra o tórax exposto do homem. Sons guturais misturavam com as fortes rajadas da própria respiração de Veck enquanto ele olhava dentro dos olhos que estavam ficando opacos. Rapidamente.

— Eu matei você? *Matei?*

Nenhuma resposta. Então, novamente, a caixa de voz do bastardo estava, provavelmente, pendurada em um galho em algum lugar.

Merda... oh, *merda*... era como a noite em que sua mãe foi assassinada.

Exceto que neste caso, ele realmente veio para fatiar alguém.

Isto ele sabia com certeza: Ele subiu em sua moto, dirigiu para cá e esperou na floresta por este psicótico PDM³ aparecer, o tempo todo dizendo a si mesmo a mentira de que ele iria apenas levar o “suspeito” em custódia.

A arma em sua mão contava a verdade. Quando sua presa finalmente chegou, a faca estava em sua mão e ele ficou como uma sombra em suas roupas deliberadamente pretas, se aproximando...

O Motel & Suites Monroe estava a apenas cerca de quatorze metros de distância, do lado afastado deste fechado grupo de moitas e pinheiros. Iluminado por luzes de segurança amarelo urina, gastas placas de alugado-por-noite-ou-por-hora, eram a razão pela qual tanto ele quanto esse assassino bisbilhoteiro tinham saído esta noite.

Assassinos em série geralmente levavam troféus de suas vítimas. Incapazes de formar laços emocionais adequados com as pessoas e precisando de representações físicas do poder fugaz que desfrutavam sobre suas presas, eles transferiam emoções para os objetos ou restos das pessoas que massacravam.

David Kroner tinha perdido sua coleção de recordações duas noites atrás. Quando seu trabalho aqui foi interrompido e a polícia apareceu.

Então é claro que ele voltaria para onde ele esteve no controle pela última vez. Era o mais perto que podia ficar de tudo que ele já teve.

— Eu já chamei uma ambulância — Veck se ouviu dizer, incerto de com quem estava falando.

Movendo seus olhos, ele se concentrou no último quarto do motel, aquele ao final que estava mais próximo de onde eles estavam, e mais afastado do escritório. Um lacre oficial de evidência do Departamento de Polícia de Caldwell estava afixado na porta e no batente, a fita usada nas cenas de crimes assobiava na brisa ao redor. Entre um piscar e o próximo, viu o que ele e os outros policiais do departamento encontraram ali na noite anterior a ontem: outra jovem mulher, morta recentemente e no processo de ter algo de sua carne recolhida como lembrança.

Mais murmurar.

¹ **Home Depot e Lowe's** – São duas lojas varejistas norte-americanas que vendem produtos para o lar e construção civil.

² **Aguarrás** – É frequentemente utilizada como solvente, ou seja, remove a tinta com maior facilidade.

³ **PDM** – Pedaco de Merda; POS no original, Piece Of Shit.

Ele olhou para baixo novamente. O homem sangrando debaixo dele era magro e delgado, mas então novamente, as vítimas de David Kroner haviam sido mulheres jovens com idades entre dezesseis e vinte quatro, então não era como se ele precisasse ter a aparência de um segurança para ter o trabalho feito. Cabelo loiro arenoso estava rareando no topo. Pele que fora pálida como a de um garoto branco estava agora ficando cinza, pelo menos, onde não estava coberto de sangue.

Mergulhando em seu banco de dados, Veck tentou lembrar o que diabos tinha acabado de acontecer. Depois de esperar pelo o que pareceram dias, um estalar de galhos secos fez seus olhos girar ao redor, e ele encontrou Kroner andando na ponta dos pés através dos pinheiros.

No instante em que viu o homem, sua mão foi para a faca, seu corpo se agachou e então ele...

— *Filho da puta...*

A dor de cabeça veio acentuada e rápida, como se alguém tivesse batido um prego em seu lobo frontal. Colocando uma mão para cima, ele se inclinou para a esquerda e pensou, *bem, ótimo*. Quando a ambulância chegasse, os médicos podiam tratá-lo de um aneurisma.

Pelo menos iria lhes dar algo para fazer, Kroner estaria duro quando eles chegassem aqui.

Quando a dor gritante desapareceu um pouco, Veck teve outra série de lembranças... apenas para entrar na terra de Excedrin⁴ e da escuridão novamente. Com a nova rodada de agonia florescendo em seu crânio como um buquê vermelho brilhante, ele fechou os olhos, e considerou vomitar, e enquanto o debate “por ou não por” para fora se enraivecia em seu intestino, ele percebeu que era hora de ser honesto consigo mesmo. Por mais que sua memória de curto prazo estivesse com um grande buraco, o fato era, ele *veio* aqui para matar esse filho da puta pervertido que, para registro, estava morrendo agora, havia corrompido pelo menos onze jovens mulheres de Chicago até Caldwell no ano passado.

Horrível, é claro. Mas uma noite de amador comparado com o pai semeador de Veck, que fez isso em um período de apenas três meses: Thomas DelVecchio Sr. Escreveu o livro para caras como Kroner.

E foi precisamente essa linhagem que fez Veck pegar o telefone para chamar não apenas a ambulância, mas seu parceiro na Homicídios.

Por mais que ele odiasse admiti-lo, era filho de seu pai: Ele veio para matar. Ponto final. E o fato de que sua vítima era um idiota violento, era nada mais que um filtro socialmente aceitável sobre a imagem real.

Em sua essência, isto não tinha sido sobre vingar aquelas garotas mortas.

E pelos Diabo, ele sabia que esta noite era inevitável. Toda a sua vida, a sombra esteve atrás dele, guiando-o, seduzindo-o, puxando-o para esta mesma cena de destruição. Então fazia sentido que ele não se lembrasse de nada. Sua outra metade tinha finalmente assumido o comando e não cedeu o controle do volante até que a violência estivesse feita. A prova? Em algum lugar na parte de trás de sua cabeça, riso estava ecoando, maníaco e satisfeito.

Sim, certo, *receba suas felicitações agora*, ele pensou. Porque não estava longe dele seguir os passos de seu pai...

⁴ *Excedrin* – Medicamento para dores de cabeça.

Os sons das sirenes borbulharam do leste ficando mais alto, rápidos.

Aparentemente, ele não foi a única pessoa que ouviu a aproximação. Um homem explodiu de um dos quartos do motel e roubou o capuz de um garoto de dez anos de idade que estava com as janelas do quarto abertas. Meio difícil para ele tirar as chaves, considerando que ele estava puxando as calças ao mesmo tempo.

A seguir, no desfile da correria, estava uma mulher de aparência rude que subiu em um velho Honda Civic enquanto puxava sua minissaia para baixo.

Suas partidas gritantes significava que o estacionamento estava bom e vazio quando a ambulância saiu para fora da estrada e parou em frente ao escritório.

Quando o médico, que estava no lado do passageiro, saiu e aquele que tinha que ser um gerente abriu a porta de vidro, Veck assobiou alto e claro:

— Aqui!

O gerente aparentemente não tinha intenções de se envolver e voltou para dentro. Mas o médico correu e a ambulância girou em frente ao estacionamento. E enquanto se aproximavam dele, Veck se tornou absolutamente calmo, mortalmente calmo. Tão intocável quanto a lua fria e distante que observava sobre a noite escura como tinta.

Foda-se seu lado negro. Ele tinha feito isso. E ele ia pagar.



A oficial de Assuntos Internos, Sophia Reilly, estava indo como um morcego saído do inferno em seu carro sem identificação⁵, disparando através das sujas florestas afastadas de Caldwell. Enquanto ela dirigia pelos retornos e curvas da Rota 149 em uma corrida mortal, o fato de que ela estava a caminho de uma cena de crime não era responsável pela alta velocidade: Ela dirigia rápido. Comia rápido. Odiava esperar em filas, esperar por pessoas, esperar por informações...

Se ela pudesse apenas evitar bater em um cervo antes de chegar ao Motel & Suites Monroe...

Quando seu celular tocou, ela o tinha em seu ouvido antes do segundo toque.

— Reilly.

— Detetive De La Cruz.

— Hey. Adivinha para onde estou indo agora?

— Quem ligou para você?

— A Central. Seu parceiro está na minha lista de coisas para fazer, assim quando ele disca por uma ambulância e reforço no meio da noite, e diz que não sabe o que aconteceu com a vítima, eu recebo o toque da vitória.

Infelizmente, era algo que ela estava ficando familiarizada. Thomas DelVecchio Jr. estava trabalhando na Homicídios por apenas duas semanas, e ele já esteve perto de uma possível suspensão por atacar inesperadamente um *paparazzo* que tentou roubar uma foto de uma vítima.

⁵ **Carro sem identificação** – Um carro de polícia, mas que não possui nenhuma escrita nas laterais indicando isso, ou seja, parece um carro normal.

Isso foi uma brincadeira de criança comparada a esta confusão, no entanto.

— Como você descobriu? — ela perguntou.

— Ele me acordou.

— Como ele soou?

— Eu vou ser honesto.

— Você sempre é, detetive.

— Ele parecia bem. Queixou-se de uma dor de cabeça e perda de memória. Ele disse que havia muito sangue e que tinha cem por cento de certeza que a vítima era David Kroner.

A.k.a.⁶ *o bastardo doente que vinha cortando garotinhas e guardando os pedaços e partes.*

A mais recente sessão de “trabalho” do bastardo foi conduzida na noite de anteontem no motel e foi interrompida por desconhecidos. Após a perturbação, Kroner escapou por uma janela sobre o vaso sanitário, deixando para trás um cadáver tragicamente bagunçado e uma caminhonete cheia de frascos de amostra e os outros objetos, dos quais todos estavam sendo catalogados na Central e com referências cruzadas em todo o país.

— Você perguntou se ele fez isso? — Como membro da Assuntos Internos, Reilly investigava delitos de seus próprios colegas e embora ela tivesse orgulho de seu trabalho, ela não gostava do fato de que pessoas com sua descrição trabalhista, tivessem algo a ver. Muito melhor se todos, inclusive os policiais, fossem cumpridores da lei e jogassem pelas regras.

— Ele disse que não sabia.

Apagão ao cometer assassinato? Não é incomum. Especialmente se foi um crime passional, como, oh, digamos, um detetive de homicídios derrubando um assassino em série de segunda categoria. Veck já tinha provado ser um cabeça quente na proteção ou defesa de vítimas. Bem, um cabeça quente, ponto final. O cara era um brilhante e muito sensual cabeça quente.

Não que sensual era de alguma forma relevante.

Minimamente.

— Qual é o seu TEC⁷, Detetive? — ela perguntou.

— Cerca de 15 minutos.

— Eu estou a menos de um quilômetro e meio de distância. Vejo você lá.

— Entendido.

Enquanto eles desligavam, ela colocou o telefone no bolso interno do casaco e se levantou em seu assento. Para um membro da força, ser um possível suspeito em uma investigação de assassinato, e pelo o que Veck tinha dito a Central, a probabilidade de Kroner sobreviver era pequena, criava todos os tipos de conflitos de interesse. Na maioria das vezes, o pessoal do Assuntos Internos lidava com corrupção, infrações processuais e as investigações sobre competência no trabalho. Mas em uma situação como esta, os membros do próprio departamento de Veck estavam no local apertado avaliando se um deles tinha ou não cometido um crime.

Inferno, dependendo de como isto seguisse, ela poderia precisar chamar algum tipo de um júri exterior para tomar a decisão. Mas era muito cedo para isso.

⁶ **A.k.a.** (*Also know as*) – tradução: também conhecido como.

⁷ **TEC** – *Tempo Estimado de Chegada*. No original, *ETA: Estimated Time of Arrival*.

Não era muito cedo para pensar sobre o pai de Veck, no entanto.

Todo mundo sabia quem o homem era e ela tinha que admitir que se esse laço de sangue não tivesse na situação, ela não estaria entrando em um estado de alerta tão alto... com a preocupação de que o vingador poderia muito bem ter sido um DelVecchio, por assim dizer.

Thomas Sr foi um dos assassinos em série mais notórios do século XX. Oficialmente, ele foi acusado e condenado por “apenas” vinte e oito assassinatos. Mas ele foi implicado em cerca de mais trinta, e isto era apenas o que as autoridades em quatro estados sabiam. As chances eram boas de que houvesse dezenas de mulheres desaparecidas que não foram devidamente vinculadas a ele.

Então, sim, se o pai de Veck tivesse sido um advogado, um contador ou um professor, ela podia não estar tão preocupada. Mas toda a coisa da maçã-não-cair-longe-do-pé tinha implicações perversas quando se tratava de assassinos em série e seus filhos.

Depois de passar por uma ponte longa, o Motel & Suítes Monroe estava acima à direita e ela entrou, passando pelo escritório e o corredor de quartos até a extremidade mais afastada do estacionamento pela floresta. Saindo com sua mochila cheia de coisas necessárias, o diesel doce da ambulância a fez espirrar forte, e na sequência, sentiu o gosto dos ramos de pinheiro... bem como inconfundível pontada de cobre de sangue fresco.

Os médicos ajustaram o veículo deles para que assim, encarasse a floresta, e nos faróis, ambos paramédicos estavam trabalhando sobre o corpo ensanguentado de um homem caucasiano. As roupas da vítima foram cortadas, ou arrancadas, e o que estava debaixo delas era uma bagunça bruta de feridas demais para contar.

De nenhuma maneira ele ia viver, ela pensou.

E então ela viu Veck.

O detetive de homicídios estava de pé ao lado, braços cruzados, pés plantados, rosto mostrando... absolutamente nada. Assim como De La Cruz havia dito.

Cristo, o cara poderia muito bem estar na fila por um sanduíche de lanchonete.

Enquanto ela caminhava sobre a cama esponjosa de folhas caídas e terra fofa, ela sentiu uma súbita vontade de restringir suas próprias entranhas. Embora se ela fosse honesta, isto não era apenas sobre esta cena do crime. Era pelo homem por quem ela tinha vindo aqui, também.

Na aproximação, ela observou a motocicleta preta estacionada na orla da floresta. Era dele; ela a tinha visto na Central antes. De fato, ela o observava de sua janela enquanto ele montava a coisa, dava partida, e arrancava. Ele usa capacete, na maioria das vezes.

Ela sabia que um monte de mulheres na delegacia fazia a mesma coisa de encarar, mas então novamente, havia muito o que olhar. Entre seus ombros fortes e seus quadris estreitos, ele era construído como um boxeador, mas seu rosto era mais “garoto bonitinho” do que pugilista, ou teria sido se não fosse por seu olhar. Aqueles frios e inteligentes olhos azuis escuros, levavam aquela estrutura óssea de modelo da J.Crew para um território todo masculino. E então mais.

Parando na frente dele, a primeira coisa que ela notou foi o sangue em sua camiseta preta de gola alta. Pontos dele aqui e ali, não manchas grandes ou pedaços encharcados.

Sem arranhões no rosto. Ou no pescoço.

Roupas e chapéu estavam em bom estado, nada fora de ordem, rasgado ou desgastado. Dois círculos de lama estavam sobre os joelhos de sua calça preta. A arma estava no coldre. Não estava claro se tinha outras armas para ele.

Ele não disse nada. Sem “Eu não fiz isso” ou “Deixe-me explicar...”

Seus olhos apenas presos sobre ela e... foi isso.

Dispensando as gentilezas, ela disse:

— O sargento me chamou.

— Eu imaginei.

— Você está ferido?

— Não.

— Você se importa se eu lhe fizer algumas perguntas?

— Vá em frente.

Deus, ele estava em tal controle de si mesmo.

— O que o trouxe aqui esta noite?

— Eu sabia que Kroner ia voltar. Ele tinha que voltar. Com a coleção dele apreendida, ele não possuía mais nada de sua obra, assim isto é um local sagrado para ele.

— E o que aconteceu depois que você chegou aqui?

— Eu esperei. Ele veio... e, em seguida... — Veck hesitou, suas sobrancelhas se apertando como um nó antes de uma mão subir e esfregar suas têmporas. — Merda...

— Detetive?

— Eu não me lembro. — Ele a olhou diretamente nos olhos novamente. — Eu não consigo me lembrar de nada depois que ele apareceu, e esta é a honestidade de Deus. Em um minuto ele estava vindo pela floresta, e no próximo? Havia sangue por toda parte.

— Posso ver suas mãos, detetive? — Quando ele as ofereceu, elas estavam firmes como pedra... e não marcadas com cortes ou abrasões. Sem sangue nas palmas das mãos, nas pontas dos dedos, nas unhas. — Você avaliou a vítima ou interveio com ele de alguma forma, antes ou depois de ligar para o nove-um-um⁸?

— Eu tirei a minha jaqueta de couro e a coloquei no pescoço dele. Não ia ajudar, mas eu fiz mesmo assim.

— Você está carregando qualquer outro armamento que não seja a sua arma?

— Minha faca. Está no meu...

Ela pôs a mão no braço dele para impedi-lo de alcançar ao redor.

— Deixe-me dar uma olhada.

Assentindo, ele girou sobre os calcanhares da bota. À luz da ambulância, a lâmina de aparência nojenta no coldre na parte de baixo das costas era uma laceração esperando para acontecer.

— Posso remover esta arma, detetive?

— Fique à vontade.

⁸ 911 – Número de emergência nos EUA.

Pegando um par de luvas de vinil de sua mochila, ela as colocou e foi para o punhal. Enquanto ela puxava para soltar o fecho, o corpo dele não fez um movimento em absoluto. Ela poderia muito bem estar desarmando uma estátua.

A faca estava limpa e seca como um apito.

Levantando-a até seu nariz, ela inalou. Nenhum cheiro de adstringentes como se ele a tivesse esfregado com pressa.

Quando ele olhou por cima do ombro, a torção em seu corpo fez seus ombros parecer enormes, e por nenhuma boa razão, ela percebeu que estava olhando-a, olho com seus peitorais musculosos. Com um metro e setenta, ela era de estatura média, mas próximo a ele se sentia como se tivesse encolhido a uma miniatura.

— Eu vou confiscar isso, se você não se importar? — Ela iria levar a arma dele também, mas dadas as lesões... a lâmina era o que ela realmente queria dele.

— Nem um pouco.

Enquanto ela pegava um saco de plástico de sua mochila, ela disse:

— O que você acha que aconteceu aqui?

— Alguém o rasgou em pedaços, e eu acho que foi eu.

Isto a parou, mas não porque ela achava que era uma admissão de algum tipo, ela apenas não esperava que alguém sob estas circunstâncias pudesse ser tão honesto.

Naquele momento, um carro sem identificação entrou no estacionamento juntamente com duas viaturas.

— Seu parceiro chegou, — ela disse. — Mas o sargento quer que eu lidere a investigação para evitar quaisquer possíveis conflitos de interesse.

— Não é um problema.

— Você concordaria que eu coletasse amostras de debaixo de suas unhas?

— Sim.

Ela moveu a mochila para frente novamente e pegou um canivete suíço, junto com alguns sacos plásticos menores.

— Você é muito organizada, oficial, — Veck disse.

— Eu não gosto de não estar preparada. Por favor, mostre sua mão direita.

Ela fez um trabalho rápido, começando com o dedo mindinho. As unhas dele estavam cortadas curtas, mas não bem cuidadas, e havia muito pouco embaixo de qualquer uma delas.

— Você tem experiência em trabalho de detetive? — Veck perguntou.

— Sim.

— É visível.

Quando terminou, ela olhou para cima... e imediatamente teve que descer de seus olhos azuis meia-noite para algum lugar na vizinhança de seu queixo.

— Você gostaria de outro casaco, detetive? Está frio aqui fora.

— Eu estou bem.

Se você estivesse sangrando de uma ferida no peito, aceitaria um maldito Band-Aid? Ela se perguntou. *Ou você daria uma de durão, até que não houvesse mais plasma restante em suas veias?*

Ele daria uma de durão, ela pensou. Definitivamente.

— Eu quero que os médicos deem uma olhada em você...

— Eu estou bem.

— Isso seria uma ordem, detetive. Parece que sua cabeça está doendo.

Naquele momento, De La Cruz emergiu de seu carro e enquanto vinha, ele parecia severo e cansado. Falava-se que ele perdeu um parceiro alguns anos atrás, ele obviamente não estava empolgado com a repetição, mesmo que fosse por um motivo diferente.

— Com licença, — ela disse aos dois. — Eu vou chamar um dos médicos.

Exceto que quando ela chegou até os dois homens, eles estavam no processo de transferir de Kroner para a maca, e estava claro que não poderiam dispensar um minuto sequer.

— Quais são as chances dele?

— Ruins, — aquele que o estava ensacando disse. — Mas nós vamos fazer o nosso melhor, Oficial.

— Eu sei que vocês vão.

Os suportes da maca estavam estendidos assim a coisa estava na altura da cintura, e pouco antes deles se distanciarem, ela fez uma nota mental. Kroner parecia ter sido retirado dos destroços fumegantes de um carro, seu rosto desfigurado como se ele não estivesse usando cinto de segurança e tivesse saído pela janela.

Reilly olhou de volta para Veck.

Muitos buracos nesta cena, ela pensou. Especialmente tendo em conta que ele acreditava ter sido o atacante. Mas não havia maneira de fazer tanto estrago e se limpar tão rápido na floresta. Além disso, ele não parecia como se estivesse em qualquer briga em absoluto, não havia maneira alguma de tirar hematomas e arranhões com água e sabão.

A pergunta era... quem tinha feito isto?

Como se ele pudesse sentir seus olhos nele, a cabeça de Veck virou, e quando seus olhares se encontraram, tudo desapareceu: ela poderia muito bem estar totalmente sozinha com ele.. e não de pé a quase quinze metros de distância, mas sim, a quase 30 centímetros.

A partir do nada, um calor nascente ferveu em seu corpo, o tipo de coisa que, se ela estivesse dentro de casa, ela diria a si mesma que era o resultado de ficar de pé sob um duto de calor. Como era, ela justificava o rubor como sendo uma resposta adrenal ao estresse.

Estresse, maldito seja. Não atração sexual.

Reilly quebrou a conexão chamando os uniformizados recém-chegados:

— Vocês podem colocar a fita entre nós?

— Entendido, Oficial.

Certo, hora de voltar ao trabalho: esta breve pontada de atração totalmente inadequada não ia ficar no caminho dela fazer seu trabalho. Em primeiro lugar, era equilibrada demais, e em segundo, sua integridade profissional exigia nada menos que isso. Também não tinha a intenção de estar na lista muito longa do homem de fãs adoradoras. Ela iria cuidar dos negócios, e deixar aqueles olhos maravilhosos para as outras.

Além disso, caras como Veck não iam atrás de mulheres como ela, e isso estava muito bem. Estava muito mais interessada no trabalho do que em mostrar as pernas, subir seu cabelo, e

competir nas Olimpíadas dos encontros. Brittany, soletrava-se Britnae, a.k.a a gostosa do escritório, poderia tê-lo e mantê-lo se quisesse.

Nesse meio tempo, Reilly iria ver se o filho tinha ou não feito jus aos horrores do pai.

Capítulo 2

Sob circunstâncias normais, Jim Heron se considerava um mau perdedor.

E esta era a sua média, todo dia merdas como World of Warcraft⁹, o maldito tênis ou poker.

Não que ele perdesse tempo jogando qualquer um desses, mas se o fizesse, teria sido do tipo que não deixa o controle, quadra, ou mesa até que estivesse no topo.

E, novamente, isto era apenas sobre porcarias sem importância.

Quando ele veio para a guerra com a demônio Devina, ele estava pegando fogo, estava tão puto: ele perdira a última rodada.

Perdido, sem nenhuma vitória. Como na das sete almas por quem eles estavam lutando, ele e a vadia estavam agora empatados em 1-1. Ele admitia, ainda havia mais cinco batalhas, mas esta não era a direção que ele, ou qualquer outra pessoa precisava seguir.

Ele foi derrotado? Aquela demônio tinha domínio não apenas sobre a terra, mas também sobre o céu... o que significava que a mãe dele e todas aquelas almas boas lá em cima, assim como ele e seus soldados anjos caídos, estavam olhando para uma eternidade de condenação.

E que não era, ele descobriu recentemente, apenas algo hipotético usado para motivar os religiosos. O inferno era um lugar verdadeiro e o sofrimento lá era muito real. Para falar a verdade, muito do que ele anteriormente descartou como retórica boba do pessoal mais-santo-que-você, acabara por ser na mosca.

Então, sim, as apostas estavam altas e ele *odiava* perder. Especialmente quando não tinha necessidade de cair como acontecera.

Ele estava a toda capacidade e totalmente irritado com jogo.

E com seu chefe, Nigel. Com “regras.”

Era a porra de senso comum: Quando você diz a um cara que ele deveria influenciar algum idiota em uma encruzilhada na vida dele ou dela, meio que ajudaria se você lhe dissesse quem era a bola da vez, *caramba*. Afinal de contas, não era um maldito de um grande segredo: Nigel sabia. O inimigo, Devina, sabia. Jim? Não muito, pessoal. E cortesia desse buraco negro informativo, ele focou no homem errado na última rodada e estragou tudo.

Assim aqui estava ele, empatado com a vadia e irritado em um quarto de hotel em Caldwell, New York. E ele não era o único com um caso de mal humor.

Na porta ao lado, no outro extremo de um conector, duas profundas vozes masculinas estavam fazendo o vai-e-vem, na entonação de frustrados até a merda.

Não uma novidade. Seus parceiros, Adrian Vogel e Eddie Blackhawk, não estavam contentes com ele, e claramente os dois o estavam mastigando *in absentia*¹⁰.

⁹ *World of Warcraft* – Jogo de RPG.

Este voltando-para-Caldie-Caldie-Caldie não era tanto a questão. Era a razão por Jim ter arrastado todos até aqui.

Seus olhos se deslocaram para o edredon. Cão estava enrolado em uma bola apertada ao lado dele, seu pelo desalinhado dando a impressão de que passaram muito mousse e o colocado em um vento forte, mesmo que ele não tivesse feito isso. Ao lado do carinha, havia folhas impressas de um artigo de jornal de três semanas do *Cadwell Courier Journal*. O título era “Garota Local Desaparecida,” e para o lado do texto, havia uma foto de um grupo de amigos sorridentes, cabeças juntas, braços em volta dos ombros umas das outras. A legenda sob a foto identificava a do meio como Cecília Barten.

Sua Sissy.

Bem, não realmente “sua,” mas ele começou a pensar nela como sua responsabilidade.

A coisa era, ao contrário dos pais, familiares, amigos e comunidade dela, ele sabia onde ela estava e o que lhe acontecera. Ela não fazia parte da lista incontável de sequestrados, nem foi assassinada por um namorado ou um estranho, e não fora cortada por aquele serial killer que, de acordo com o site do *CCJ* esta manhã, estava à solta.

Ela foi profanada, no entanto. Por Devina.

Sissy foi uma virgem sacrificada para proteger o espelho do demônio, aquela posse mais sagrada. Jim encontrou o corpo dela pendurado de cabeça para baixo na frente da coisa no covil temporário do demônio e foi obrigado a deixá-la para trás. Tinha sido ruim o suficiente saber que ela perdera a vida para a inimiga dele, mas então depois, ele a viu na parede de almas de Devina... presa, sofrendo, perdida para sempre entre os condenados que mereciam este destino.

Cecília não pertencia ao inferno. Ela era uma inocente, tomada e usada pelo mal, e Jim iria libertá-la, mesmo que fosse a última coisa que fizesse.

Por isso, sim, foi que eles voltaram para Caldwell. E a razão por Adrian e Eddie estarem putos. Mas sem ofensa... foda-se eles.

Com cuidado, Jim pegou o artigo e roçou seu polegar calejado sobre a imagem granulada do cabelo longo e loiro de Sissy. Quando ele piscou, ele viu o cabelo coberto por seu sangue e pendurado perto do ralo de uma banheira de porcelana branca. Então ele piscou novamente e a viu como tinha visto na outra noite, na prisão viscosa de Devina, aterrorizada, confusa, preocupada com seus pais.

Ele ia fazer o certo por todos os Bartens. Mas as queixas de Adrian e Eddie eram apenas aeróbica para suas bocas: ele não estava tirando seu olho da guerra, porque ele não podia se dar ao luxo de perder para Devina antes de tirar Sissy do poço das almas. *Duh*.

A porta de ligação abriu inesperadamente e Adrian, a.k.a. o *Prodígio Espírito Surdo*, entrou sem bater. Que era exatamente o seu estilo.

O anjo estava vestido de preto, como de costume, e os vários piercings em seu rosto não eram metade do que ele supostamente tinha em todo o corpo.

— Vocês dois terminaram de falar e reclamar de mim? — Jim virou o artigo com a face para baixo e cruzou os braços sobre o peito. — Ou vocês apenas estão dando uma pequena pausa.

— Que tal você levar isto a sério?

Jim se levantou da cama e ficou nariz-a-nariz com seu soldado.

— Estou dando qualquer indicação de que eu esteja fodendo por aí?

— Você não nos arrastou de volta para cá pela guerra.

— O inferno que não o fiz.

Enquanto eles se encaravam, Adrian não se intimidou, mesmo sendo um ex-assassino das operações negras, Jim sabia como derrubar um peso pesado como o outro anjo de doze maneiras diferentes até domingo.

— Essa menina não é o seu alvo — Ad disse, — e no caso de você não ter notado, nós estamos com menos um. Distrações não são nossas amigas.

Jim pulou referências à Sissy: ele fez questão de nunca falar sobre ela. Seus meninos foram testemunha dele encontrando seu corpo, e viram o que isto tinha lhe feito, então não era como se eles não soubessem o suficiente. E não havia razão para vocalizar como foi vê-la naquele muro. Ou mencionar o fato de que, enquanto ele fora usado e abusado por Devina e seus subordinados durante a última rodada, temia que a jovem pudesse ter visto tudo o que lhe foi feito.

Merda... as coisas naquela mesa de “trabalho” eram nada que você sequer quisesse que um homem endurecido pela batalha testemunhasse. Uma inocente? Que já estava petrificada?

Além disso, na realidade, as violações não lhe incomodaram de uma forma ou de outra. Tortura, sob qualquer forma que fosse, era nada mais do que uma sobrecarga de sensações físicas, mas novamente, ninguém precisava testemunhas disto, muito menos sua garota.

Não que ela fosse dele.

— Eu estou a caminho para ir falar com Nigel, — Jim soltou. — Então, se você terminou de me chupar... Ou você quer perder meu tempo um pouco mais?

— Por que você já não está, então?

Bem, porque ele estava sentado na cama, encarando o espaço, se perguntando onde no inferno Devina levava o corpo de Sissy.

Exceto que Jim era daquele tipo de otário que não admitiria isso nem um pouco.

— Jim, eu sei que esta menina é algo para você. Mas vamos lá, cara, nós precisamos cuidar dos negócios.

Enquanto Ad falava, Jim olhou sobre o ombro do rapaz. Eddie estava parado na conexão entre os dois quartos, seu enorme corpo tenso, seus olhos vermelhos graves, aquela longa trança negra dele sobre seu ombro com a ponta da cauda quase na cintura de sua pele.

Porra.

O alto barulho de Adrian era o tipo de merda com a qual você poderia argumentar. Ou socar, o que acontecer antes. Mas a inabalável rotina de não confronto de Eddie não lhe oferecia um alvo. Era um espelho que simplesmente refletia o seu próprio comportamento idiota.

— Eu tenho isto sob controle, — Jim disse. — E eu vou ver Nigel agora.



O arcanjo Nigel estava em seus aposentos privados no Céu quando a convocação veio.

Já era hora de sair do banho de qualquer jeito.

— Estamos sendo obrigado pela companhia, — disse ele para Colin enquanto se levantava da água perfumada.

— Eu vou ficar aqui, o banho está na temperatura perfeita. — Com isso, Colin se espreguiçou em um arco lânguido. Seu cabelo escuro estava molhado pela umidade e se cacheando nas extremidades, seu rosto régio e inteligente tão relaxado como sempre. Que não era tão terrível. — Você sabe por que ele está vindo.

— Mas é claro.

Atravessando o mármore branco e afastando a cortina coral e safira, Nigel saiu e teve o cuidado de retornar de volta ao lugar a pesada cortina damasco¹¹. Ninguém precisava saber quem se juntava a ele em sua suíte de banho, embora ele suspeitasse que Bertie e Byron tivessem uma ideia. Eles eram, no entanto, discretos demais para dizer qualquer coisa.

Cobrando-se com um manto de seda, ele não se preocupou em vestir algo mais formal. Jim Heron não se importaria com seu vestuário e dada a forma como isto provavelmente seguiria, retornar ao banho seria necessário.

Com o passar de uma mão, Nigel chamou o anjo que estava na terra, convocando o corpo físico de Heron e o unindo aqui em seus aposentos privados.

Em seu divã envolvido de seda, para dizer a verdade.

O Salvador parecia totalmente ridículo sobre a amplidão framboesa, braços e pernas fortes, sua camiseta preta e seu jeans gasto-até-o-inferno uma ofensa à tal delicado tecido.

Heron entrou em sua cabeça uma fração de segundo mais tarde e pulou para seus pés, pronto, alerta... e nem um pouco satisfeito.

— Vinho de gelo¹²? — Nigel perguntou enquanto seguia para um baú bombé francês, o tampo de mármore que servia como um bar. — Ou talvez uma dose?

— Eu quero saber quem é o próximo, Nigel.

— Então isto é um “não” para a bebida? — Ele tomou o seu tempo escolhendo entre os decantadores¹³ Baccarat¹⁴, e quando serviu, foi lentamente, de forma constante.

Ele não era um pateta de quem se faz exigências, e Heron precisava aprender algumas boas maneiras.

Nigel girou e tomou um gole.

— Está leve e refrescante.

— Foda-se o vinho.

Nigel deixou esta ficar onde estava, e apenas olhou para o Salvador.

Quando o Criador aparecera para Nigel e Devina, e explicou que haveria uma competição final, ambos os lados tiveram que concordar que Heron seria aquele em campo com as sete almas escolhidas. Naturalmente, cada lado oposto queria seus valores representados, e o resultado final

¹¹ **Cortina Damasco** — É um tecido de grande qualidade, usualmente de seda (mas também pode ser de lã, linho ou algodão), ornado em alto-relevo.

¹² **Vinho de Gelo (Ice wine)** — é um tipo de vinho produzido de uvas que estiveram congeladas enquanto ainda estavam nos pés.

¹³ **Decantadores** — Jarras para vinho.

¹⁴ **Baccarat** — é uma companhia de cristais situada ao leste da França. É uma das mais conceituadas cristalerias do mundo, sendo sinônimo de lapidação precisa, manufatura delicada em objetos únicos e nas formas mais variadas.

foi que este anjo maciço e de mente guerreira diante dele possuía a mesma quantidade de bem e mal dentro dele.

Nigel acreditava, no entanto, que o fato de que a mãe assassinada de Jim estivesse dentro dos muros do presbitério seria o fator de virada, e ele ainda pensava que isto era verdade. Momentos como este, no entanto, o faziam questionar o próprio fundamento deste jogo terminal que todos estavam jogando.

O anjo parecia pronto para matar.

— Você tem que me dizer quem é.

— E como eu disse antes, eu não posso.

— Eu perdi, idiota. E ela trapaceou.

— Eu estou bem ciente das linhas que ela ultrapassou, e se você se lembra, o meu conselho para você foi deixá-la fazer o que quiser, represálias virão.

— Quando.

— Quando vierem.

Heron não gostou desta resposta, e ele começou a andar pela tenda ornamentada com suas cortinas de cetim, seus tapetes orientais e a baixa plataforma de dormir, em torno do qual, Nigel percebeu tarde demais, dois conjuntos de roupas muito diferentes estavam espalhados.

Nigel limpou a garganta.

— Eu não posso arriscar ter uma reviravolta que vá contra nós. Eu já desci ao nível de Devina demais dando Adrian e Edward a você. Se eu ajudá-lo mais, eu arrisco perder não apenas uma rodada, mas toda a competição. E isso é inaceitável.

— Você sabe quem é a alma, no entanto. E Devina também sabe.

— Sim.

— E isso não lhe parece seriamente desigual? Ela mesma vai atrás deles, provavelmente já foi.

— Pelo estabelecido e as regras combinadas anteriormente, ela não está autorizada a interagir com as almas. Ela, como eu mesmo, deveria influenciar você a influenciá-los. Contato direto não é autorizado.

— Então por que você não impediu isto?

— Não é minha competência.

— Oh, pelo amor de Deus, Nigel, cresça um pouco...

— Eu lhe asseguro, as bolas dele estão muito bem.

À interjeição seca, tanto Nigel quanto o Salvador se viraram para o arco cortinado que dava para a banheira. Colin não se preocupou com um robe, mas estava ali indesculpavelmente nu.

E agora que ele possuía a atenção de todos, o arcanjo se alinhou.

— Eu também vou lhe pedir para observar seu linguajar, parceiro.

As sobrancelhas de Heron se lançaram para cima, e houve um momento de partida de tênis, quando então sua cabeça foi para trás e para frente entre os dois.

Nigel amaldiçoou em voz baixa. Tanto por decoro. E privacidade.

— Vinho de gelo, Colin? — ele disse rispidamente. — E talvez algo para vestir?

— Estou bem.

— Podemos ver. Mas a sua falta de modéstia não lhe oferece melhor cobertura do que o ar temperado nesta tenda. E eu tenho um convidado.

Um grunhido foi tudo o que veio em forma de resposta. Que era a forma de Colin proclamar que não havia razão para ser um velho rude enfadonho.

Adorável.

Nigel se virou para o Salvador.

— Lamento que eu não possa lhe conceder o que procura. Acredite nisso.

— Você me ajudou com o primeiro.

— Foi-me permitida esta licença.

— E olhe como o número dois acabou.

Nigel escondeu sua preocupação concordante atrás de um gole de seu copo.

— Sua paixão é louvável. E eu vou dizer-lhe que seu retorno à Caldwell é bem-vindo.

— Obrigado pela dica. Há dois milhões de pessoas naquela maldita cidade. Dificilmente essa dica ajuda em algo.

— Nada é arbitrário, e não existem coincidências, Jim. Na verdade, há outro que deve procurar o que você faz, e quando as missões separadas se unirem, você vai encontrar a próxima alma.

— Sem ofensa, mas isso não significa merda alguma. — Heron olhou para Colin. — E eu não vou pedir desculpas ao policial aí por isto. Sinto muito.

Colin cruzou os braços sobre o peito nu.

— Como quiser, rapaz. E eu vou fazer o mesmo.

Leia-se: Talvez eu lhe exploda agora. Ou talvez mais tarde.

A última coisa que Nigel precisava era uma briga em seus aposentos que sem dúvida traria os outros arcanjos, bem como Tarquin em pleno galope. Dificilmente a interrupção que alguém procurava.

— Colin, — ele disse, — vá mergulhar a cabeça.

— Estou molhado o suficiente, obrigado.

— Isso é questão de opinião, — Nigel murmurou antes de se dirigir a Jim novamente. — Vá em frente e tenha fé que estará no lugar onde deve e fará o que precisa.

— Eu não acredito em destino, Nigel. Isso é como pegar uma arma descarregada e pensar que ela vai atirar alguma coisa. Você mesmo tem que colocar as balas no tambor.

— E eu estou lhe dizendo há coisas maiores no trabalho do que os seus esforços.

— Okay, maravilhoso, então coloque isso em um cartão de Natal. Mas não tente alimentar esta besteira para mim.

Encarando o rosto duro do Salvador, Nigel conheceu um lampejo de medo. Com esta atitude, havia ainda mais uma coisa impedindo os anjos de prevalecerem. E ainda assim, o que ele poderia fazer? Heron não tinha paciência ou fé, mas isto nada fazia para mudar as regras do jogo ou a probabilidade de que o Criador, inevitavelmente, repararia as liberdades de Devina.

Pelo menos este último funcionou a favor dele.

— Acredito que nós terminamos, — disse Nigel. — Nada favorável virá se continuarmos conversando.

Houve um momento sombrio e um tanto perverso durante o qual Heron o fitou com uma espécie de fúria.

— Tudo bem, — disse o Salvador. — Mas eu não desisto tão fácil assim.

— E eu sou a montanha que não será movida.

— Entendido.

Entre um piscar e outro, o anjo foi embora. E não foi até que o silêncio ecoou dentro da tenda que Nigel percebeu que não fora ele aquele a enviar Heron a seu caminho. Ele mesmo tinha feito isso.

Ele estava se tornando mais forte, não era?

— Você quer que eu desça e o vigie, — disse Colin.

— Quando eu concordei ter ele como o escolhido, pensei que houvesse rédeas suficientes para segurá-lo. Realmente pensei...

— E assim eu digo, devo partir e vigiá-lo?

Nigel se virou para seu amigo mais querido, que era muito mais do que um colega e um confidente.

— Esse é o propósito de Adrian e Edward.

— Estipulado. Mas eu me preocupo onde a competência crescente dele irá levá-lo. Nós não estamos em um bom caminho com isso.

Nigel tomou outro gole de seu vinho e olhou para o espaço vazio que Heron acabara de habitar. Embora mantivesse silêncio, teve que concordar.

A pergunta era, o que fazer, o que fazer...

Capítulo 3

Lá embaixo, na floresta fria ao lado do Motel Monroe & Suites, Veck pôs-se na luz forte direta dos faróis da ambulância, seu parceiro De La Cruz à sua direita, seu amigo Bails do lado esquerdo. Iluminado como estava, ele se sentiu como se estivesse no palco, quando Kroner foi empurado para fora das árvores em uma maca.

Exceto que havia apenas uma pessoa olhando para ele.

A Oficial da assuntos internos Sophia Reilly.

Estava de pé ao lado, enquanto seus olhos se conectaram, ele desejou que tivessem se encontrado em diferentes circunstâncias, de novo. A primeira vez que foi apresentado à ela fora porque socou aquele *paparazzo*...

Esta merda fazia um soco direto, parecer um dia na praia.

A coisa era, ele gostou dela no momento em que balançou sua mão, e aquela primeira impressão só foi reforçada esta noite: O detetive nele a aprovava tanto agora mesmo, bem como a forma como ela o olhou de cima a baixo, como se mesmo que estivesse falando besteira, e não estava, ela teria sabido.

Mas precisavam parar de se encontrar dessa forma. Literalmente.

Sobre o limite do asfalto da vaga do estacionamento, havia um thunch¹⁵ quando os médicos fecharam as portas duplas da ambulância e, em seguida, o veículo se afastou, levando a iluminação com ele. Quando Reilly virou-se para assistir a partida, estava nas sombras, até que ela ligou uma lanterna.

Antes que ele se aproximasse, De La Cruz se inclinou para ele e falou baixinho:

— Você quer um advogado?

— Por que ele precisa de um advogado? — Bails perguntou.

Veck balançou a cabeça para seu amigo. Entendia a lealdade do cara, mas era uma porrada de fé a mais do que ele tinha em si mesmo no momento.

— É uma pergunta justa.

— Então, você quer? — De La Cruz sussurrou.

A Oficial Reilly circulou ao redor da piscina de sangue, caminhando dentro e fora dos troncos e galhos, pequenos gravetos estalando debaixo dos seus pés, os sons altos nos ouvidos dele.

Ela parou em sua frente.

— Terei perguntas complementares amanhã, mas pode ir para casa agora.

Veck estreitou os olhos.

— Está me deixando ir.

— Nunca estive sob minha custódia, detetive.

— E é isso.

— Não, não tudo. Mas você já terminou aqui esta noite.

Veck balançou a cabeça.

— Escute, Oficial, isto não pode ser...

— O pessoal do CSI¹⁶ está a caminho. Não quero você aqui quando eles passarem pela cena, porque representa um comprometimento potencial do trabalho deles. Isso está claro o suficiente para você?

Ah. E ele devia ter adivinhado. Estava escuro aqui na floresta. Ele poderia facilmente pegar ou manipular provas do chão sem ninguém saber, e ela estava tentando dar a ele uma forma graciosa de saída.

Era inteligente, pensou.

Também acontecia de ser bela: No brilho refletido da lanterna, ela estava deslumbrante do jeito que só uma mulher natural e saudável poderia ser, com nenhuma maquiagem pesada para melear seus poros ou pesar suas pálpebras e sem o gorduroso gloss escorregadio em sua boca, era totalmente não-falsa.

E o pesado cabelo vermelho escuro e aquele olhar verde profundo não eram exatamente difíceis de olhar também.

Além disso, havia sua atitude de vá-á-merda...

— Muito justo, Oficial, — ele murmurou.

— Por favor, reporte para o escritório do sarge¹⁷ às oito e meia da manhã de amanhã.

¹⁵ **Thunch** – Gíria que combina soco e garganta, se refere a uma pessoa que é tão idiota que você quer dar um soco direto na garganta.

¹⁶ **CSI (Investigação Criminal)** – Crime sob Investigação.

¹⁷ **Sarge** – Gíria para sargento

— Pode deixar.

Quando Bails murmurou algo em voz baixa, Veck rezou para que o bastardo mantivesse suas opiniões para si mesmo. Reilly estava apenas fazendo seu trabalho, e sendo danada de profissional sobre o assunto. O mínimo que podiam fazer era pagar-lhe o respeito em retorno.

Antes que seu amigo pudesse vomitar qualquer outra coisa, Veck bateu palmas¹⁸ com Bails e acenou para De La Cruz. Quando se afastou, a voz baixa e grave de Reilly surgiu na noite.

— Detetive.

Olhou por cima do ombro.

— Sim, oficial.

— Vou ter que pegar sua arma. E seu distintivo. E aquele coldre de faca.

Certo. É claro.

— O distintivo está no casaco de couro lá no chão. Quer fazer as honras no meu nove¹⁹ e cinto?

— Sim, por favor. E vou pegar o seu telefone celular também, se não se importa.

Quando ela se aproximou, ele sentiu seu perfume. Nada frutado, floral ou, *Deus me livre*, aquela merda de baunilha. Nada do que pudesse indentificar comercialmente tampouco. Xampu, talvez? Ela recebera a chamada justamente quando estava saindo do chuveiro?

Agora, havia uma imagem...

Espere um minuto. Ele estava *realmente* fantasiando sobre sua colega de trabalho... a cinco pés de uma cena de assassinato? Enquanto ele era um suspeito?

Uau.

Sim, isso era tudo que precisava.

Reilly colocou a lanterna na boca, e depois suas brilhantes mãos azuis enluvadas foram para a frente. Quando ergueu os braços para ajudá-la a chegar à sua cintura, um sutil puxão foi sentido em seus quadris, o tipo de coisa que teria sentido se ela estivesse tirando as calças dele, o disparo elétrico que abateu em seu pau foi uma surpresa, e *Cristo*, ele estava feliz que o feixe de luz estava direcionado direto em seu peito e não na direção ao sul.

Cara, isso estava tão malditamente errado, e diferente dele. Ele não dava em cima de colegas, fossem elas assistentes de administração, parceiras detetives ou oficiais da Assuntos Internos. Muita trabalhadeira quando o fim inevitável para o caso de uma noite viesse...

Querido Deus, onde estava com a cabeça?

Não na realidade, aparentemente.

Era quase como se a magnitude do que acontecera naquele pequeno remendo de folhas manchadas de vermelho deixado lá fosse tão grande, que seu cérebro estava buscando abrigo em qualquer outro assunto que o gigante e sangrento elefante na floresta.

Então novamente, talvez ele tivesse acabado de perder a cabeça. Ponto final.

— Obrigado, Detetive, — Reilly disse quando recuou com sua arma e o coldre de couro. — O seu telefone?

Entregou a ela.

¹⁸ Aperto de mão onde uma mão **bate forte na mão** do outro fazendo estalar. Forma de cumprimento.

¹⁹ **Nove** – (nine) eufemismo para pau (pênis);

— Quer a minha carteira?

— Sim, mas pode manter sua carteira de motorista.

Quando as entregas acabaram, ela lacrou:

— Além disso, vou lhe pedir para retirar sua roupa em casa, empacotar e as trazer para mim amanhã.

— Sem problema. E você sabe onde me encontrar — disse, sua voz rouca.

— Sim, sei.

Quando se prepararam para partir, não houve um rápido tímido abaixar do queixo dela e luzes nos olhos. Nenhum cabelo jogado. Nada de balanço do quadril. Que, bem, teria sido ridículo, dadas as circunstâncias, mas tinha a sensação de que os dois poderiam estar em um clube perto do bar e ela não teria usado nenhuma dessas merdas óbvias de qualquer maneira.

Não era o estilo dela.

Merda, a Oficial estava realmente ficando cada vez mais atraente a cada minuto. Isso continuava e ia acabar lhe pedindo para casar com ele na próxima semana.

Har-har, hardy-har-har²⁰.

A propósito, Veck se afastou dela pela segunda vez. E ficou surpreso ao ouvi-la dizer:

— Tem certeza que não quer um casaco, detetive? Tenho uma jaqueta extra no meu porta-mala, e vai estar frio naquela sua moto.

— Vou ficar bem.

Por alguma razão, ele não queria olhar para trás. Provavelmente por causa da combinação peanut-gallery²¹ de Bails e De La Cruz.

Sim. Era isso.

Em sua BMW, jogou a perna sobre o assento e colocou seu capacete. Não usou essa porcaria no caminho para cá, mas precisava conservar calor corporal, e assim que colocou, meio que esperava que De La Cruz revisitasse a questão do advogado. Em vez disso, o detetive venerável ficou onde estava e falou com a Oficial Reilly.

Bails foi o único que apareceu. O cara estava com roupa de ginástica, seu curto cabelo espetado, olhos escuros um pouco agressivos, sem dúvida porque não gostava que Reilly assumisse o caso.

— Tem certeza que está tudo bem para ir para casa?

— Sim.

— Quer que te siga?

— Não. — Provavelmente o cara iria de qualquer maneira. Ele era simplesmente assim.

— Sei que não fez isso.

Quando Veck olhou para seu amigo, ficou tentado a descarregar tudo, os dois lados para ele, a divisão que ele sentiu vindo há anos, o medo de que o que ele se preocupava finalmente aconteceu. *Inferno*, sabia que podia confiar no cara. Ele e Bails estiveram na academia de polícia

²⁰ *Har-har, hardy-har-har* – Desenho animado produzido pela Hanna-Barbera Productions que contava as aventuras de uma dupla, no mínimo muito estranha ou contraditória, mas por isso mesmo, muito engraçada, formada por um leão chamado Lippy e uma hiena chamada Hardy Har Har, que vivia deprimida, nunca ria e vivia se queixando da vida de "Oh Vida! Oh Azar!" <http://youtu.be/1JB7j-IUeAs>

²¹ *Peanut-gallery* – Plateia que questiona o artista. Tem origem nos assentos mais baratos de um teatro, frequentados por pessoas que jogavam amendoim (peanut) no artista quando estava insatisfeita com a apresentação.

juntos anos atrás, e embora tivessem seguido caminhos separados, continuaram próximos e em contato, até Bails o recrutar para vir de Manhattan para se juntar à equipe de homicídios de Caldwell.

Duas semanas. Estava na força aqui por apenas duas fodidas semanas.

Assim que ele abriu a boca, uma van estacionou atrás de outros carros do CPD²², anunciando a chegada da Equipe Nitpick²³.

Veck balançou a cabeça.

— Obrigado, cara. Vejo você amanhã.

Com um impulso rápido de sua bota, deu o pontapé inicial do motor e quando ele bombeou a gasolina, olhou de volta à cena. Reilly estava ajoelhada junto ao seu casaco, revistando seus bolsos. Assim como ela ia fazer com a sua carteira.

Oh, merda. Ela ia encontrar...

— Ligue para mim se precisar que eu venha, cara.

— Sim. Liguei.

Veck assentiu para Bails e tirou sua moto do descanso, pensando que realmente não precisa que ela visse as duas Trojans²⁴ que ele sempre mantinha nas aberturas embutidas atrás de seus cartões de crédito.

Engraçado, ser um pegador nunca realmente o incomodou antes. Agora, ele desejava que tivesse se livrado disso anos atrás.

Quando saiu para a estrada propícia, acelerou forte a moto e ela roncou alto. Quando foi disparada pelas curvas e voltas da 149, flexionou os cotovelos, inclinado-se apertado por cima do guidão, tornando-se apenas uma outra parte aerodinâmica da BMW. A toda velocidade, curvas sinuosas tornaram-se nada além de rápidas oscilações para esquerda e direita quando ele e a moto desafiavam as leis da física.

Dado que ele estava apostando tudo o que possuía a esta velocidade... Teria sorte se restasse algo grande o suficiente para enterrar.

Mais rápido. *Mais rápido.* Mais rápido...

Infelizmente, ou felizmente, não tinha certeza do que, o fim para ele não veio em um guincho rasgado nas árvores para desviar de um Buick²⁵ ou um Bambi²⁶.

Era uma loja de venda direta ao público da Polo Ralph Lauren.

Ou especificamente, a luz logo em frente do lugar.

Sair do túnel de visão que ele estava aproveitando o fez sentir-se estranhamente desorientado e a única razão pela qual ele parou no sinal vermelho era que havia dois carros a sua frente e ele foi forçado a obedecer às leis de trânsito ou andar sobre seus tetos. A maldita luz levou uma eternidade, e a fileira que ele estava, se movia a passo de caramujo quando finalmente obteve seu verde.

²² **CPD** – Departamento de Polícia de Caldwell.

²³ **Equipe Nitpick** – É a corregedoria, Nitpick é gíria usada para definir quem investiga a pessoa quando, supostamente, ela fez algo errado. Tentam mostrar tudo de ruim que a pessoa já fez.

²⁴ **Trojans** – Marca de camisinha.

²⁵ **Buick** – é uma marca americana pertencente à General Motors. Seus modelos são vendidos na América do Norte, China, Taiwan, e Israel.

²⁶ **Bambi** – Forma genérica de denominar cervos. É ele mesmo, o viadinho órfão do Walt Disney.

Então, novamente, poderia estourar a mais de cem na rodovia e teria se sentido como se estivesse girando os polegares.

Mas não era como se ele estivesse tentando fugir de algo. Claro que não.

Passando pela Nike, Van Heusen, e Brooks Brothers, ele se sentiu tão vazio quanto os estacionamentos enormes, e havia uma parte dele que queria continuar... passando esta periferia varejista, através do labirinto do suburbio de Caldie, em torno dos arranha-céus, e sobre a ponte para só Deus sabe onde.

O problema era, em todos os lugares que ia... lá estava ele: realocação geográfica não ia mudar a face no espelho. Ou aquela parte dele que nunca entendeu, mas nunca questionou. Ou o que porra afundara esta noite.

Ele deve ter matado aquele filho da mãe doente. Não havia outra explicação. E não sabia o que Reilly estava pensando em deixá-lo ir. Talvez ele só precisasse confessar... Sim, mas o quê? Que ele foi lá com a intenção de matar, e então ele...

A dor de cabeça que se chocou com seu lobo frontal era o tipo de coisa que você não conseguia desviar. Tudo o que ele fez foi gemer e fechar os olhos, não era o melhor movimento quando se está em uma moto, que é basicamente apenas um motor com um assento acolchoado parafusado a ele.

Obrigando-se a se concentrar na estrada e mais nada, ele ficou aliviado quando o golpear crâniano abrandou e seguiu para seu objetivo.

A casa onde morava estava em um bairro repleto de professores, enfermeiros e representantes de vendas. Havia um monte de garotos jovens, e os quintais eram mantidas por amadores, o que significava que no verão, haveria provavelmente um monte de capim, mas pelo menos a merda seria cortada regularmente.

Veck era um outlier²⁷: Não tinha mulher, nem filhos e nunca estouraria um Toro ou um Lawn Boy²⁸. Felizmente, ele teve a sensação que os vizinhos de cada lado de sua caixa de correio eram do tipo que invadiam alegremente com suas lâminas.

Boas pessoas. Quem lhes disse que se sentiriam mais seguros com um tira na porta ao lado? Mostrou que sabiam.

Sua casa de dois andares era tão extravagante e original quanto uma moeda de um centavo dos anos setenta. Que, como se via, foi a última vez que o lugar foi revestido com papel de parede.

Avançando para a garagem, ele desmontou e deixou o seu capacete pendurado no guidão. Não havia muitos crimes nesta área, então seus vizinhos que aparavam recebiam um bom negócio em muitos níveis.

Ele entrou pela porta lateral, passou pelo hall de entrada e caminhou em sua cozinha. Sem um monte de Food Network²⁹ por aqui: tudo o que ele tinha era algumas caixas de pizza vazias no balcão, e alguns soldados mortos da Starbucks³⁰ agrupados em torno da pia. Correspondência meio aberta e relatórios estavam vagamente empilhados sobre a mesa. O laptop foi fechado perto

²⁷ **Outlier** – Fora do comum.

²⁸ **Lawn Boy** – Fábricas de cortadores de grama e removedores de neve.

²⁹ **Food Network** – Canal de televisão especializado em culinária.

³⁰ **Starbucks** – é a empresa multinacional com a maior cadeia de cafeterias do mundo, com sede nos EUA.

de um livro de cupom Valpak³¹, que ele nunca ia usar, e uma conta de TV a cabo que ainda não estava vencida, mas provavelmente estaria porque ele era uma droga em pagar as merdas na hora certa.

Sempre muito ocupado para preencher um cheque ou estar online para pagar.

Deus, a única diferença entre este lugar e o escritório no centro da cidade era o fato de que havia uma cama king-size no andar de cima.

Nesta nota, a Oficial Reilly queria que ele ficasse pelado, não queria?

Pegando um saco de lixo Glad de debaixo da pia da cozinha, subiu as escadas, pensando que ia ter que contratar um aspirador uma vez por semana para não acabar com teias de aranha em cada canto e coelhinhos de poeira indo à clínica de fertilização *in vitro* sob o sofá. Mas isso não era um lar e nunca iria ser. Pinho-Sol e 409³² quatro vezes por mês não o tornava acolhedor.

Embora pelo menos a transa ocasional que trazia teria algum lugar decente para se *re-vestir*.

Seu quarto era na frente da casa, e tudo o que havia nele era uma grande cama e uma escrivaninha.

Suas botas, meias e calças saíram rápido. A camisa de gola alta fez o mesmo. Enquanto tirava a cueca boxer preta, se recusou a pensar na Oficial Reilly, brincando com ela.

Apenas não iria por esse caminho.

Dirigindo-se para o banho, ligou o chuveiro e enquanto esperava a água aquecer, ficou na frente do espelho sobre a pia. Nenhuma reflexão para se preocupar, ele cobriu o vidro com uma toalha de praia no dia que se mudou.

Ele não era um fã de espelhos.

Erguendo as mãos, manteve as palmas para baixo. Em seguida, virou-as. Então olhou sob suas unhas.

Parecia que seu corpo, como acontecia com sua mente, estava vazio de pistas. Embora você poderia argumentar que sem arranhões, sem sangue, sem sangue coagulado sobre ele era um indicador, e sem dúvida, o que a boa Oficial Reilly percebera e agira de acordo.

Cara, essa era a segunda vez em sua vida que esteve nesta situação. E a primeira...

Nenhuma razão para pensar sobre o assassinato de sua mãe. Não em uma noite como esta.

Entrando no chuveiro, ele fechou os olhos e deixou o jato cair sobre sua cabeça, ombros e rosto. Sabão. Enxaguar. Xampu. Enxaguar.

Estava de pé no calor fumegante e molhado quando sentiu a corrente de ar: Certeira como se alguém tivesse aberto a janela do banheiro, a explosão de ar disparou por cima da cortina de plástico e roçou em sua pele. Arrepios vieram quando chamados, pulando para fora em seu peito e descendo por suas pernas e costas.

A janela não havia sido aberta, no entanto.

E foi por isso que ele removeu a parede de vidro do chuveiro e cobriu aquele espelho embutido sobre a pia. Essas duas coisas foram as únicas mudanças que fez na casa e a falta de manutenção fora por sua própria sanidade. Ele se barbeou durante anos sem seu reflexo.

— Sai de perto de mim, porra, — ele disse, fechando os olhos e os mantendo assim.

³¹ **Valpak** – Cupons de descontos para serem usados em diversos estabelecimentos.

³² **Pinho-Sol e 409** – Produtos de limpeza.

A corrente de ar girou em torno de suas pernas, parecendo mãos vagando sobre sua carne, indo mais alto, acariciando seu sexo antes de atingir seu abdômen e seus peitorais, até o pescoço, seu rosto...

Mãos frias correram através de seu cabelo...

— Deixe-me sozinho! — Ele jogou o braço e empurrou a cortina para o lado. Quando o ar quente cumprimentou-o, atingiu em sua essência, tentando chutar o intruso para fora, matar a conexão.

Tropeçando para o balcão, apoiou os braços e inclinou-se, respirando com dificuldade e odiando-se, odiando esta noite, odiando sua vida.

Ele sabia malditamente bem que aquilo era possível, se você tivesse destúrbio de múltipla personalidade, para uma parte de você se libertar e agir de forma independente. Afetados poderiam ficar completamente inconscientes das ações que seus corpos tomavam, mesmo que envolvesse violência...

Quando aquela dor de cabeça começou a chutar suas têmporas como pneus mais uma vez, ele amaldiçoou e se secou; em seguida, puxou a camisa de flanela e calças de moletom da academia NYPD³³ com que dormiu na noite anterior e deixou na parte de trás do vaso sanitário. Estava prestes a descer quando uma rápida olhada para fora da janela o prendeu no lugar.

Havia um carro estacionado do outro lado da rua duas casas para baixo.

Ele conhecia cada veículo no bairro, todos os caminhões, vans, SUVs, sedans e híbridos e aquele estilizado, modelo Americano antigo nada de mais não estava na lista.

Era, no entanto, exatamente o tipo de não marcado que o Departamento de Polícia de Caldwell usaria.

Reilly o mantinha vigiado. Bom movimento, exatamente o que faria no lugar dela.

Poderia muito bem ser ela em carne e osso.

Descendo as escadas, hesitou na porta da frente, planejou sair com seus pés descalços, porque talvez ela, ou quem quer que fosse, tivesse algumas respostas da cena...

Com uma maldição, desistiu dessa brilhante ideia e se dirigiu para a cozinha. Precisava ter algo para comer nos armários.

Precisava haver.

Puxando para abrir e encontrar um monte de espaço vazio nas prateleiras e nada mais, ele se perguntou exatamente qual fada-mantimentos ele achava que entregava magicamente os alimentos.

Então novamente ele poderia simplesmente jogar algum ketchup em uma caixa de pizza e comê-la. Provavelmente seria bom para a sua ingestão de fibras.

Humm.



³³ NYPD – Departamento de Polícia de Nova York.

Duas casas para baixo da casa do Detetive DelVecchio, Reilly estava ao volante e parcialmente cega.

— Por tudo que é sagrado... — Ela esfregou os olhos. — Você não acredita em cortinas?

Enquanto rezava para a imagem de um colega espetacularmente nu desaparecer de suas retinas, seriamente repensou sua decisão de fazer a espionagem ela mesma. Estava exausta, por alguma razão, ou foi antes de ver quase tudo que Veck tinha para oferecer.

Tire o *quase tudo*.

Um bene³⁴ era a causa dela estar realmente fodidamente ligada agora, muito obrigado, poderia muito bem ter lambido dois dedos e os empurrado em uma tomada: um frontal total como aquele era o suficiente para lhe dar o perm³⁵ que queria de volta quando tinha treze anos.

Resmungando para si mesma, deixou cair as mãos em seu colo novamente. E Gee Whiz³⁶, quando ela olhou fixamente para o painel do carro, tudo o que viu.. foi tudo o que havia para ver.

Sim, uau, em alguns homens, sem roupas significava muito mais do que apenas *nu*.

E pensar que ela quase perdeu o show. Estacionou seu não marcado e apenas colocou em posição quando as luzes do andar de cima acenderam e conseguiu uma olhada na vista de um quarto. Recostando de volta para seu assento, não ocorrera a ela onde exatamente a vista desobstruída ia levar a ambos, apenas ficou interessada por aquilo que parecia ser nada mais do que soquete de lâmpada vazio no teto do que tinha que ser a suite master.

Então novamente, a decoração do apartamento de solteiro tendia a ser unidade de armazenamento do pegador ou o árido Vale da Morte.

Veck era, obviamente, a variedade Vale da Morte.

Exceto que de repente ela não estava pensando em decoração de interiores, porque seu suspeito entrou no banheiro e ligou o interruptor.

HelLLLLllo, garotão.

Em maneiras demais para contar.

— Pare de pensar sobre isso... parar de pensar...

Fechar os olhos novamente não ajudou: Se relutantemente notou antes o quão bem ele preenchia suas roupas, agora sabia exatamente o porquê. Ele era muito musculoso e dado que não tem nenhum cabelo no peito, não havia nada para obscurecer o duro peitoral, aqueles seis gomos e os sulcos esculpidos que passavam por seus quadris.

De fato, quando se tratava de depilação masculina, tudo que ele apresentava era uma listra escura que corria entre seu umbigo e seu...

Sabe, talvez o tamanho de fato importasse, ela pensou.

— Oh, pelo amor de Cristo.

Em uma tentativa de ter seu cérebro concentrado em algo, nada mais apropriado, inclinou-se e olhou pela janela oposta. Até onde poderia dizer, a casa em frente possuía tons de privacidade em todas as vistas disponíveis. Boa jogada, assumindo que ele desfilava por aí assim todas as noites.

³⁴ **Bene** – Adjetivo usado para descrever alguém/algo incrivelmente atraente.

³⁵ **Perm** – Gíria para permanente, química para encaracolar os cabelos.

³⁶ **Gee Whiz** – Forma de dizer Jesus, assim como aqui falamos G-zuis

Por outro lado, talvez o marido bloqueou o presunçoso, de forma que sua esposa não tenha um episódio de desmaio.

Firmando-se, olhou para a casa de Veck novamente. As luzes estavam apagadas no andar de cima e ela esperava que agora que ele estivesse vestido e no primeiro andar, permanecesse desse jeito.

Deus, que noite.

Ela ainda estava à espera de qualquer evidência que viesse da cena do crime, mas sua mente já havia decidido sobre as lesões de Kroner. Havia coiotes naqueles bosques. Ursos. Gatos da variedade não-Meow Mix³⁷. As chances eram boas de que o cara veio andando por lá com o cheiro de sangue seco em sua roupa e alguma coisa com quatro patas o vira como um McLanche Feliz. Veck poderia muito bem ter tentado intervir e foi empurrado para o lado. Afinal, ele estava esfregando as têmporas como se sentisse dor ali e Deus sabia que traumatismo craniano eram conhecidos por causar perda de memória recente.

A falta de evidências físicas sobre ele apoiava a teoria, era isso com certeza.

E ainda assim...

Deus, aquele pai dele. Era impossível não considerá-lo um pouco.

Como todos os especialistas em justiça penal, ela estudou Thomas DelVecchio Sr. como parte de seus cursos, mas também passou um tempo considerável o considerando em suas aulas de desvio psicológico. O pai de Veck era o assassino em série clássico: inteligente, astuto, comprometido com o seu “ofício,” totalmente sem remorsos. E ainda, assistindo aos vídeos de suas entrevistas com a polícia, ele se mostrava tão bonito, atraente e afável. Clássico. Muito não-monstro.

Mas novamente, como um monte de psicopatas, ele cultivou uma imagem e a sustentou com cuidado. Fora muito bem sucedido como um comerciante de antiguidades, embora seu estabelecimento nesse arrogante e altivo mundo de dinheiro e privilégios fora uma completa auto-invenção. Veio absolutamente do nada, mas possuía um talento especial para encantar pessoas ricas, bem como um talento para ir para o exterior e voltar com artefatos antigos e estátuas que eram extremamente vendáveis. Não foi até os assassinatos vieram à tona que as suas práticas de negócios ficaram sob escrutínio, e até hoje, ninguém tem ideia de onde ele encontrou o material que possuía, era quase como se ele tivesse um tesouro secreto em algum lugar do Oriente Médio. Certamente não ajudou as autoridades a resolver as coisas, mas o que fariam com ele? Ele já estava no corredor da morte.

Não por muito tempo no entanto, evidentemente.

Como teria sido a mãe de Veck...

A batida na janela ao lado de sua cabeça foi como um tiro, ela pegou sua arma e apontou para o som em menos de um piscar de olhos.

Veck estava parado na rua ao lado de seu carro, as mãos para cima, seu cabelo molhado brilhante na luz da rua.

Baixando a arma, ela abriu a janela com uma maldição.

— Reflexos rápidos, Oficial, — ele murmurou.

³⁷ **Meow Mix** – Marca de comida de gatos. Quando ela diz non-Meow Mix, quer dizer gatos selvagens.

— Você quer levar um tiro, detetive?

— Eu disse o seu nome. Duas vezes. Estava imersa em seus pensamentos.

Graças ao que viu naquele banheiro, a camisa de flanela e a calça úmidas que ele vestia, pareciam eminentemente removíveis, o tipo de roupas que não resistiria a um empurrão para cima ou um puxão para baixo. Mas vamos lá, como se ele já não tivesse visto todos os corredores da mercearia dele?

— Você quer minhas roupas agora? — ele disse enquanto segurava um saco de lixo.

— Sim, obrigada. — Aceitou o embrulho pela janela e colocar as coisas no chão. — Botas, também?

Enquanto assentia, ele disse: — Posso lhe trazer um café? Não tenho muito em minha cozinha, mas acho que posso encontrar uma caneca limpa em um instante.

— Obrigada. Estou bem.

Houve uma pausa.

— Há alguma razão para não estar olhando nos meus olhos, oficial?

Acabo de ver você completamente nu, Detetive.

— Não em absoluto. — Ela o cravou direto em seus olhos. — Você devia entrar. Está frio.

— O frio não me incomoda. Vai ficar aqui a noite toda?

— Depende.

— De se eu ficar, certo?

— Sim.

Ele balançou a cabeça, depois olhou ao redor casualmente como se fossem nada mais que vizinhos conversando sobre o tempo. Tão calmo. Tão confiante. Assim como seu pai.

— Posso ser honesto com você? — ele disse abruptamente.

— É melhor ser, detetive.

— Ainda estou surpreso por você ter me deixado ir.

Ela passou as mãos em torno do volante.

— Posso ser honesta com você?

— Sim.

— Eu deixei você ir, porque realmente não acho que fez isso.

— Eu estava na cena e havia sangue em mim.

— Você ligou para o 911, não foi embora e aquele tipo de morte é muito difícil de cometer.

— Talvez eu tenha limpado.

— Não havia chuveiro naqueles bosques, até onde vi.

Não. Pense. Nele. Nu.

Quando ele começou a sacudir a cabeça como se fosse argumentar, Reilly o cortou.

— Por que está tentando me convencer de que estou errada?

Aquilo o calou. Pelo menos, por um momento. Então ele disse em voz baixa:

— Você se sentirá segura me seguindo?

— Por que não iria?

Pela primeira vez emoção sangrou através de sua expressão letal e o coração dela parou: Havia medo em seus olhos, como se não confiasse em si mesmo.

— Veck, — disse suavemente, — há algo que não saiba?

Ele cruzou os braços ao longo daquele peito grande e seu peso ia e voltava no seu quadril como se estivesse pensando. Então sussurrou e começou a esfregar a têmpora.

— Não tenho nada, — ele murmurou. — Ouça, basta fazer um favor a nós dois, Oficial. Mantenha a arma por perto.

Ele não olhou para trás quando se virou e atravessou a rua.

Não estava usando sapatos, ela percebeu.

Fechando a janela, viu-o entrar na casa e fechar a porta. Em seguida, as luzes da casa apagaram, exceto a do corredor no segundo andar.

Acomodando-se, ela recostou no seu assento e olhou para todas as janelas. Pouco tempo depois, uma sombra enorme entrou na sala de estar, ou melhor, parecia estar arrastando alguma coisa? Como um sofá?

Então Veck sentou-se e sua cabeça desapareceu como se estivesse deitando em algo.

Era quase como se estivessem dormindo lado a lado. Bem, exceto pelas paredes da casa, o trecho de gramado de primavera desalinhado, a calçada, o asfalto, e a cabine de aço de seu Crown Victoria³⁸.

As pálpebras de Reilly desceram, mas era por causa do ângulo de sua cabeça. Ela não estava cansada e não estava preocupada em cair no sono. Estava totalmente desperta no interior escuro do carro.

E ainda assim esticou o braço e apertou o botão da trava da porta.

Só para garantir.

Capítulo 4

Quando a demônia Devina vagou para cima e de volta através do concreto frio, seu caminho não era em linha reta, mas cheio de curvas. Circulando dentro e fora de linhas do escritório, o tic-tac discordante de centenas de relógios sufocou o clip-clip de seus Louboutins³⁹.

Tudo tinha um lugar aqui, sua coleção se movida com segurança para o porão do prédio de escritórios de dois andares. A localização era perfeita, mesmo fora do centro de Caldwell, e para parecer legítimo e incontroversa, projetou uma ilusão de que uma empresa de recursos humanos assumiu o espaço acima onde andava: Tanto quanto as pessoas estavam cientes, uma empresa de negócios super movimentada tinha alugado o lugar para acomodar sua expansão.

Humanos estúpidos. Como se nesta economia alguém estivesse contratando ou pudesse pagar orientadores quando se tratava de trabalhos de temporários.

³⁸ **Crown Victoria** – Um carro sedan da Ford.

³⁹ **Christian Louboutin** – é um designer de calçados francês que lançou sua linha de high-end de calçados femininos na França em 1991. Desde 1992, seus projetos têm incorporado os brilhantes, solas vermelhas laqueadas que se tornaram sua assinatura. Em 27 de março de 2007, Louboutin apresentou um pedido de proteção de marcas EUA deste projeto vermelho único.

Parando próxima à uma cômoda Hepplewhite⁴⁰ que tinha sido feita em Providence, Rhode Island, em 1801, passou a mão por cima do mogno. O acabamento original ainda estava na peça, mas por outro lado, manteve a coisa segura dos danos do sol e da água desde que a comprou mais de duzentos anos atrás. Em suas gavetas estavam cestos cheios de botões, fileiras de óculos e uma variedade de caixas de anéis. As outras cômodas tinham objetos similares, todos os itens pessoais feitos de vários metais.

Além de seu espelho, esta coleção era a coisa mais preciosa que tinha. Era o laço com suas almas caídas, a conexão segura que necessitava quando se sentia insegura ou estressada aqui na terra.

Como se sentia agora.

O problema hoje à noite, no entanto, era que pela primeira vez desde que começou a acumular séculos atrás, ela não se acalmou, não tranquilizou, nem relaxou. Andando por este depósito de objetos, ela estava sumariamente abandonada pelo vício que há muito provou ser tão útil.

E o que parecia ainda pior? Esta noite deveria ter sido "um momento seminal", como sua terapeuta os chamava, um tempo para centrar-se e saborear suas realizações: Havia vencido a última rodada contra o Jim Heron. Mesmo que ele, Adrian e Eddie tenham se infiltrado em seu covil anterior, conseguiu acomodar suas coisas com segurança nessa nova e segura instalação.

Ela devia estar fodidamente extasiada.

Mas *porra*, nem o cheiro de morte fresca pairando no banheiro lhe deu algum prazer: Para proteger seu espelho, precisava de muito mais do que aqueles monitoramentos ADT ou Brinks⁴¹ tinham para oferecer e o novo sacrifício virgem que pendurou sobre a sua banheira estava sangrando muito bem, preparado para ser útil e não apenas decorativo.

Tudo estava indo bem, pelo menos superficialmente e ainda assim, se sentia tão...

Entediada, acreditava que era chamdo disso... e que nome lindo para um estado tão ruim, desmotivado.

Talvez estivesse só exausta por arrumar tudo após a mudança. Tinha cerca de quarenta escritórios cheios de aquisições de todas as épocas da humanidade e sempre que foi forçada a restabelecer-se em outro lugar, era compelida a tocar cada único objeto um por um, reconectando com a essência da vítima que permanecia no metal. Ainda tinha que começar o ritual de contato, no entanto, ficou um pouco surpresa consigo mesma. Normalmente, não poderia se concentrar em mais nada até que transpusesse o tempo, entrasse no espaço entre minutos e completasse o processo demorado.

Supos que sua terapeuta veria isso como um progresso, considerando que a compulsão era tipicamente urgente e irresistível: Esses itens preciosos do antigo Egito até a França Gótica, para a Guerra Civil e do presente aqui nos Estados Unidos, eram o que a conectava à casa quando estava tão longe.

Ainda assim, não havia pânico apressado para aconchegar-se com o que era dela por toda a eternidade. Tudo o que parecia querer fazer era andar por aí deprimida.

⁴⁰ **George Hepplewhite** – foi um marceneiro. É considerado como sido um dos "três grandes" fabricantes de móveis Inglês do século 18, juntamente com Thomas Sheraton e Thomas Chippendale.

⁴¹ **ADT e Brinks** – Companhias de monitoramento e segurança de ponta no EUA.

Era tudo culpa de Jim Heron.

Ele era simplesmente muito desafiante. Dominante. Extraordinário.

Foi escolhido por ela e aquele filho da puta arrogante do Nigel porque Heron era em partes iguais bem e mal, e como ela aprendeu ao longo dos tempos, quando chegou à humanidade, o mal sempre ganhava. Na verdade, assumiu que atraí-lo para seu lado não seria nada além de um aborrecimento tedioso, o tipo de coisa que fez a homens e mulheres desde que o tempo tinha lançado sua primeira hora muito tempo atrás.

Em vez disso... foi ela quem tinha sido tragada e seduzida.

Heron era simplesmente tão... incomparável. Mesmo quando tinha se entregado a ela brincou com ele, seus servos o detonaram, a verdadeira natureza dela revelada... ele foi inflexível, intransigente, não se submeteu.

E aquela força o fez inatingível.

Ela nunca viu isso antes. Em ninguém.

A coisa era, estava em sua natureza dominar: Era uma parasita perfeita, fazendo seu caminho de formar sutil e replicando sua essência, até que aquilo em que entrou se tornasse dela para sempre. O desafio de Heron era inebriante, um tapa na cara, um sopro de ar fresco. Mas também parecia tirar a importância de tudo o mais.

Abriu uma gaveta e tirou uma pulseira fina de ouro que tinha uma encantadora pombinha pendurada. A inscrição atrás era em letra cursiva e simplesmente preciosa. De pais para uma filha. Com uma data do ano anterior. Blá, blá, blá.

Odiava o nome Cecília. Realmente odiava.

A virgem irrelevante... um espinho em seu caminho. O propósito da menina Barten foi proteger o espelho. Agora, a merdinha tinha algum tipo de conexão com Jim.

No instante em que ia quebrar a frágil lembrança, um bafo de calor passou por ela, como se o toque de um amante tivesse não apenas passado por sua carne, mas através de todos os ossos.

Jim.

Era Jim. Chamando por ela.

Abandonando a pulseira, fechou a gaveta com o quadril e correu para frente de um espelho de corpo inteiro que funcionava apenas para verificar sua aparência. Quando se foi, mudou de forma, assumindo o corpo de uma morena linda com os seios que desafiavam a gravidade e uma bunda mais firme que uma estante.

Ajeitou o cabelo, alisou a saia preta e decidiu que a bainha estava muito longa. Puxou para cima, girou e deixou as coxas lisas e as panturrilhas perfeita a mostra.

De repente, estava viva.

Bem, viva não era tecnicamente correto. Mas assim era como se sentia: No espaço de um momento, seu humor foi de deprimido para flutuante.

Exceto que ela não seria idiota a esse respeito.

Confiante em seu estilo, seu decote e seu penteado, entrou no banheiro.

— Como estou?

Rodopiou na frente do jovem que estava pendurado de cabeça para baixo sobre sua banheira. Só que ele não tinha nada a dizer, mesmo seus olhos estando abertos.

— Oh, o que diabos você sabe?

Abaixou-se e mergulhou as pontas dos dedos no sangue que saía do corte de sua artéria carótida. Impaciente com a demora, rapidamente desenhrou em volta dos portais e no chão, indo e voltando para a banheira para conseguir mais. A pureza de sua essência formou um selo que era melhor do que qualquer alarme de segurança que qualquer humano poderia criar, bônus, o processo livrava o mundo de mais uma criatura mortal.

Tornava seu trabalho mais fácil.

Aproximando-se do Sr. Chatty, ela virou o rosto para o espelho antigo que estava pendurado em uma moldura sarnenta que tinha apodrecido há séculos e séculos atrás. A superfície de vidro-chumbo tinha um reflexo que mudava constantemente, as ondas de cinza escuro e preto girando em torno de um fundo da cor de uma mancha de tapete. A coisa era um portal hediondo e a única maneira dela chegar ao seu poço de almas.

— Vou sair, — disse asperamente. — Eu voltarei.

Atravessando a superfície do espelho, ela foi puxada por uma sucção violenta e se entregou livremente, o corpo que ela assumiu sugado pelo buraco de minhoca⁴². Do outro lado, surgiu na base do seu poço, cuspidada da tempestade, mas sem necessidade de tempo para se recuperar.

Quando ajeitou o cabelo e alisou a saia apertada, pensou o quanto estúpido era não ter um espelho aqui.

Por outro lado, ela não se importava que quais eram as opiniões de seus servos, e as almas dela... oh, suas almas encantadoras... bem, elas tinham outras coisas em suas mentes.

Inclinando a cabeça para trás, olhou para os quilômetros de paredes pretas brilhantes que se levantavam do chão de pedra. Os condenados torturados se contorciam contra os limites de sua prisão viciosa, rostos, quadris, joelhos e cotovelos lutando por uma liberdade que jamais atingirão, suas vozes angustiadas, multi-facetadas e abafadas.

— Como estou? — ela gritou alto.

O coro de gemidos aumentou em resposta, mas lhe disse absolutamente nada.

Pelo amor de Deus, ela não poderia ter um admirador em algum lugar? Em qualquer lugar?

Após uma dupla verificação de si mesma, concedeu acesso a Jim, convocando-o a sua frente. E enquanto esperava, seu coração disparou, uma descarga de rubor em cada centímetro da sua pele com um zumbido elétrico. Mas não demonstraria. Calma. Manteve-se calma.

Jim chegou em um redemoinho de névoa e a respiração dela prendeu.

O Salvador escolhido era o melhor do sexo masculino. Feito grande e letal, seu corpo era um instrumento de guerra, mas também era feito para foder. Cru, batendo...

— Você me quer, — disse ela em voz baixa.

Os olhos dele se estreitaram e o ódio neles fez mais por sua libido do que o melhor prato de ostras que alguém já havia servido.

— Não assim, querida.

Oh, como ele mentia.

⁴² Em física, um buraco de verme ou **buraco de minhoca** é uma característica topológica hipotética do continuum espaço-tempo, a qual é, em essência, um "atalho" através do espaço e do tempo. Um buraco de verme possui ao menos duas "bocas" conectadas a uma única "garganta" ou "tubo". Se o buraco de verme é transponível, a matéria pode "viajar" de uma boca para outra passando através da garganta.

Balançando os quadris, ela foi até a mesa de trabalho e deslizou a ponta dos dedos em toda a superfície suja, desbotada. Memórias dele amarrado nu, suas pernas afastadas e seu sexo brilhando pelo uso, tornou a respiração dela profunda.

— Não? — ela disse. — Você me chamou. Não o contrário.

— Quero que me diga qual será a próxima alma.

Interessante.

— Então, Nigel o jogou para baixo quando você lhe perguntou, não foi?

— Não disse isso.

— Bem, acho difícil acreditar que veio a mim primeiro, — ela murmurou amargamente. — E acha que vou dizer a você?

— Sim, acho.

Ela riu em uma explosão violenta.

— Deveria saber como sou a esse altura.

— E vai me dizer.

— Por que no mundo que eu iria...

A mão dele se levantou para seu próprio peito forte e lenta, oh, tão lentamente, caiu para seu estômago...

Devina engoliu em seco. E então sua boca ficou totalmente seca, quando ele tocou a si mesmo entre as pernas.

— Tenho algo que você quer, — ele disse asperamente. — E vice-versa.

Bem, bem, bem... ela queria estar com ele, sim, mas isto era ainda melhor do que o acasalamento voluntário. Ele se forçaria a fazer sexo com ela, sacrificando sua carne a ela para obter informações... na frente de sua querida e doce Sissy.

Devina olhou para sua parede e encontrou a alma com a qual ele estava tão malditamente preocupado. Colocando a menina para baixo, ela se encostou à mesa.

— Exatamente o que está propondo?

— Diga-me quem é, e vou foder você.

— Fará amor comigo.

— Vai ser foder. Confie em mim.

— Uma rosa por qualquer outro nome... Mas não tenho certeza. — Que mentira. — Essa é uma informação muito valiosa.

— E você sabe como eu sou.

Oh, ela sabia e o queria novamente. Queria ele sempre.

— Tudo bem, — ela disse. — Eu vou lhe dizer quem é, e em troca, vai se entregar a mim sempre que eu queira. Estará a meu dispor.

Seus olhos se estreitaram novamente daquela maneira que eles faziam, transformando-se em fendas que o fizeram parecer um predador.

E então só houve silêncio. Quando o silêncio se estendeu, ela aguentou firme. Ele iria ceder e por incrível que pareça, ela tinha que agradecer a Nigel, o insuportável traseiro-apertado cumpridor das regras, por isso. Se aquele arcanjo tivesse soprado o nome da alma, esse maravilhoso sacrifício não seria feito.

— Feito.

Devina começou a sorrir.

— Com uma ressalva. — Quando ela congelou a expressão, ele disse: — Estarei com você agora e me dará o nome. Então veremos se é o certo. No final desta rodada, se não mentiu... você me pegou. Sempre que me quiser.

Devina rosnou. *Porra*, pedaço de merda de livre arbítrio. Se ela pudesse apenas possuí-lo adequadamente, ele não receberia um voto absolutamente. Mas essa não era a forma como isso funcionava.

Embora ainda houvesse brechas para serem exploradas, disse a si mesma. Maneiras de encobrir isso para não revelar muito e ainda conseguir tê-lo independentemente.

— Temos um acordo? — ele exigiu.

Avançando para ele, ela se concentrou sobre seus ombros, na pequena forma na parede que ela tinha convocado para um assento de camarote bem perto do que ia acontecer.

Quando Devina se aproximou do corpo rígido e se levantou para a ponta dos pés, se deliciou com a carne totalmente rígida que roçou. No ouvido de Heron, ela sussurrou:

— Tire suas calças.

— Trato ou sem trato, demônio?

Ele estava inflexível diante dela, perfeitamente capaz de negá-la, não apenas agora, mas no futuro: Mesmo que estivesse bem na frente dela, estava completamente intocável.

Exceto que, como ele disse, ambos tinham algo que o outro queria.

— Tire suas calças. — Ela deu um passo atrás, pronta para apreciar o show. — Faça-o lentamente, e temos um acordo.



— Que diabos ele está arrumando lá?

Quando Adrian latiu a retórica, não esperava uma resposta de seu colega de quarto. Por outro lado, poderia deixar um Lexus⁴³ cair na bota de combate de Eddie e talvez você conseguisse um ow. Mais provável que o anjo só piscasse e chutasse o sedan longe de seu dedão do pé.

Francamente, a besteira forte-e-silenciosa tinha que ser irritante.

— Já se passaram duas horas. — Parou no pé da cama em que Eddie estava esparramado. — Olá? Você está seguindo tudo? Ou estava pensando em dormir durante esta rodada?

As pálpebras daquele olhar vermelho levantaram.

— Não estou dormindo.

— Meditando. Tanto faz.

— Não estava meditando.

— Tudo bem. Psiquicamente manipulando campos de energia...

— Você me deixa zozinho quando perambula. É desvio de vertigem.

⁴³ **Lexus** — é a divisão de veículos de luxo da Toyota com sede no Japão. Desde sua criação em 1989 goza de reputação bastante positiva em função da qualidade de seus produtos.

Não acreditou nem por um segundo.

— Será que o mataria ficar preocupado de vez em quando?

— Quem diz que não estou?

— Eu digo. — Adrian correu os olhos pelo corpo comprido e imóvel de seu amigo. — Eu me sinto como se estivesse rolando em um desfibrilador e batendo em seu traseiro.

— O que vou fazer, Ad? Ele vai voltar quando for a hora.

Imagens de Nigel, o almofadinha, dando uma de astronomicamente estúpido para cima de Jim veio à mente e fez Adrian querer saber se eles necessitavam planejar serviço memorial. Aquele Arcanjo lá em cima pode passar seu tempo jogando críquete e polo, mas isso não significa que ele não poderia rasgar um cara, e Jim tinha partido daqui com um grande desafio em sua mente.

Talvez o desgraçado tivesse conseguido o que estava procurando.

Adrian começou andar para lá e para cá novamente, mas o quarto de hotel não oferecia muito em termos de espaço. Supunha que ele poderia ir até o bar.

Ao lado, houve um rangido. Como se alguém tivesse sentado na cama. Ou aberto e fechado alguma coisa.

Alcançando suas costas, Ad retirou a faca de cristal. Se fosse apenas algum humano arrombando para roubar um laptop, ele não precisaria o que estava na palma da mão. Mas se Devina enviou mais um servo ou dois para distraí-los, a arma viria a calhar.

Empurrando a maçaneta uma ou duas polegadas, ele se inclinou para dentro

A camisa preta veio voando do banheiro. Em seguida, um par de jeans muito batido.

Bota.

Bota.

O chuveiro começou a funcionar e então houve um chiado, como se Jim não tivesse esperado a água aquecer primeiro.

Merda. Ele não tinha acabado de ver Nigel, tinha?

Colocando sua adaga na bainha novamente, Adrian empurrou a porta amplamente, atravessou o quarto e se sentou na cama do outro anjo.

Deus sabia que não havia razão para desfazer-se das roupas e tomar banho de água quente logo depois de se encontrar com o arcanjo. O pobre bastardo deve ter ido até Devina, e ninguém precisava de dois palpites para descobrir o que aconteceu.

Ouvindo o som de Jim lavando o fedor da demônia, Adrian estava cansado ao ponto de visão-embaçada de exaustão. Este caminho que o Salvador estava? Esteve lá. Fez aquilo.

Enlouqueceu pensando nisso.

Assim eram as coisas com Devina. Ela entrava em você. Mesmo assim, no começo, você pensava que fosse quem estava no controle... Eventualmente, o que estava obrigando-se a fazer com ela, por razões que soavam totalmente sãs, o corroia até que estava dentro de sua pele e dirigindo seu ônibus. Era como ela trabalhava e era muito bem sucedida nisso.

Quando Jim finalmente saiu do banheiro, parou com a toalha esticada nas costas, um braço para cima, outro embaixo. Havia marcas de arranhões nas coxas e abdômen e seu sexo pendurado embaixo, como se tivesse sido usado intensamente e deixado para morrer.

— Ela vai comê-lo vivo, — disse Adrian.

O anjo que era responsável por salvar a todos e a tudo, balançou a cabeça.

— O inferno que vai.

— Jim...

— Vai nos dizer quem é a alma. — Jim envolveu a toalha em torno de seus quadris. —

Encontraremos com ela amanhã de manhã.

Santa. Merda.

— Espere, ela não lhe deu a informação agora?

— Amanhã de manhã.

Ad apenas balançou a cabeça.

— Ela está fodendo com você.

— Ela mostrará. E falará. Confie em mim.

— Ela não é uma fonte confiável. E este não é o caminho para vencer.

— Então você gostou mais do resultado da última rodada?

Bem... *Porra.*

Jim foi até sua mochila preta e tirou um par de calças cargo. Quando se virou e a vestiu, aquela imensa tatoo em suas costas, uma caracterização do Ceifeiro em um cemitério, distorceu e em seguida retornou à sua forma.

Talvez Jim fosse mais durão

O que seria um tapa nas bolas e algo que Ad admitiria somente sobre sua própria carcaça fumegante. Mas se o cara ligar com aquilo... se pudesse de alguma forma se sustentar... então eles tinham a melhor arma nessa luta, porque a demônia tinha um jones⁴⁴ pelo cara. Demais.

Jim foi até a calça jeans que jogou para fora do banheiro e vasculhou os bolsos. Quando se levantou novamente, tinha um quadrado de papel dobrado em suas mãos.

Mãos que tremiam levemente.

Quando o cara cuidadosamente esfregou a coisa, mesmo que não houvesse nenhum fiapo sobre ele, Adrian esfregou o rosto e desejou que um Lexus caísse sobre sua cabeça: Sabia muito bem que tinha que ser o artigo sobre aquela menina que foi encontrada sobre a banheira de Devina, a virgem pela qual Jim estava obsecado.

Mais durão o meu rabo, Ad pensou. Estavam fodidos.

Estavam muito fodidos.

Capítulo 5

Veck acordou em seu sofá na sala. O que foi uma espécie de surpresa, visto que não tinha um.

Quando esfregou os olhos por causa da luz alegre do sol da primavera, ficou surpreso que levou o desejo de dormir mais perto da sexy Oficial Reilly ao ponto de arrastar o PDM de sua caverna masculina de um cômodo de família.

⁴⁴ **Jones** – Desejo que não leva em consideração suas consequências.

Sentando-se, olhou para a rua. O desmarcado se fora e ele se perguntou quando ela teria partido. A última vez que checou, ela ainda estava lá fora, às quatro horas da madrugada.

Gemendo, ele se espreguiçou, os ombros rangeram. Detalhes da noite anterior voltaram em fragmentos, mas ele instintivamente se afastou da parte do Motel & Suites Monroe. Já se sentia como o inferno, não precisava adicionar uma dor de cabeça à pilha fumegante de merda na qual dançava.

Quando se levantou, teve que lidar com uma obscena ereção matinal, o que lhe deu outra coisa a cuidadosamente ignorar. Tinha uma sensação de que foi embalado num sonho bastante atrevido e totalmente espetacular sobre ele e sua sombra da Assuntos Internos. Algo sobre ela cavalgando-o selvagememente... ele todo vestido em sua maior parte; ela completamente nua...

Não, espere, ela estava com seu distintivo, sua arma e seu cinto colocados.

“Porra...” Quando seu pênis chutou forte, rezou por outra rodada de perda de memória a curto prazo e amaldiçoou o clichê pornô.

Então novamente, ele podia ver agora porque os caras achavam aquela merda atraente.

Dada a direção que seu cérebro estava tomando, não tinha certeza se a adição de cafeína à mistura era um bom plano, mas seu corpo precisava do estimulante. Uma pena que ele descobriu ter mentido para a Oficial Reilly: depois de voltar para dentro após falar com ela, percebeu que ficara sem Folgers⁴⁵.

No andar de cima, tomou banho, fez a barba e vestiu a calça do uniforme de trabalho e uma camisa. Sem gravata para ele, embora muitos dos detetives usassem. Sem paletó, não usava um a menos que fosse de couro e do tipo motociclista ou aviador.

Lá embaixo, tirou seu casaco reserva do armário, pegou a chave de sua moto e trancou as coisas. Quando caminhou até a BMW, foi golpeado pela noite anterior, mas também se sentiu muito leve: Nenhum celular para verificar o correio de voz. Sem distintivo no bolso do paletó. Nenhuma arma em seu coldre. Sem carteira em sua bunda.

A Oficial Reilly estava com tudo isso. E suas BVDs⁴⁶.

Espremendo-se em seu capacete e montando, a manhã estava fodidamente brilhante e reluzente demais para ele, e isso era sem o sol estar totalmente a pino. *Inferno*, dada a vesgueira que estava sofrendo, era uma coisa boa a sua moto saber para onde estava indo.

De La Cruz o havia apresentado ao Riverside Diner apenas outro dia e Veck já se perguntava como conseguia viver sem o greasy spoon⁴⁷. Dirigindo-se para o lugar, pegou a estrada, porque mesmo às sete e quarenta e cinco, a Northway ia estar lotada.

O salto foi bem nas margens do Hudson, apenas cerca de quatro quarteirões da central, e não foi até que entrou no estacionamento cheio de desmarcados que antecipou seu destino. As chances eram boas que metade da força estivesse tomando café lá dentro, como de costume, mas já era tarde demais para ir a qualquer outro lugar.

Pouco antes de entrar, juntou setenta e cinco centavos e pegou um *Caldwell Courier Journal* da caixa distribuidora do lado de fora. Não havia nada sobre a noite passada na primeira página acima da dobra, então virou o jornal, à procura de um artigo.

⁴⁵ **Folgers** – Café Folgers é uma das mais populares marcas de café moído no mercado de café dos EUA

⁴⁶ **BVDs** – Uma marca de cuecas.

⁴⁷ **Greasy Spoon** – Um snack-bar barato ou lanchonete que serve comida barata de alto teor calórico para as classes trabalhadoras.

E lá estava seu nome. Em negrito.

Exceto que o relato não era sobre ele ou Kroner. Era algo sobre seu velho e rapidamente dispensou a peça. Ele não acompanhou a acusação, o julgamento, a sentença no corredor da morte, nada que tivesse a ver com seu pai. E G-Zuis, quando ele foi levado à justiça criminal, estava doente no dia em que cobriram o caso.

O resto da primeira seção estava limpo, assim era a Local e, naturalmente, não havia nada nos conjuntos Esportes/Quadrinhos/Classificados. A falta de cobertura não duraria, no entanto: Repórteres tinham acesso ao livro de ocorrência da polícia e a história já estaria, provavelmente, no noticiário de rádio e televisão. Um detetive da homicídios tão proeminente associado a um psicopata mutilador? Essa merda vendia jornais e justificava os preços dos anúncios.

Empurrando a porta de vidro, entrou na cacofonia da Riverside com o rosto enterrado nas manchetes da seção de esportes. O lugar estava lotado e tão barulhento e quente como um bar. Cuidadosamente não fez contato visual com ninguém enquanto procurava por um banco livre no balcão ou uma cabine vazia ao longo das bordas.

Nada estava vago. *Dane-se*. E não estava prestes a se juntar a uma mesa de CPDers⁴⁸. A última coisa que precisava era um monte de perguntas de seus colegas. Talvez devesse ir para a central e bater na máquina automática de vendas...

— Bom dia, detetive.

Veck olhou para a direita. A sexy Oficial Reilly estava sentada na cabine mais próxima da porta, de costas para ele, com a cabeça virada por cima do ombro para olhá-lo. Havia uma xícara de café na frente dela, um telefone celular na mão e um monte de não-tolero-irrelevâncias em seu rosto.

— Gostaria de se juntar a mim? — ela disse, apontando para o outro lado da mesa.

Inferno. Ela tinha que estar brincando. Havia cerca de uma dúzia de membros da força olhando fixamente para eles, alguns mais discretamente que outros.

— Tem certeza que quer ser vista comigo?

— Por quê? Tem modos terríveis à mesa?

— Sabe o que quero dizer.

Deu de ombros e tomou um gole da xícara.

— Nossa reunião com o sargento é em cerca de vinte minutos. Terá sorte de ter um assento até então.

Veck deslizou em frente à ela.

— Pensei que na Assuntos Internos vocês sempre se preocupassem com o decoro.

— São apenas dois ovos fritos, Detetive.

Colocou seu jornal de lado.

— Certamente.

A garçonete se aproximou com seu bloco e lápis prontos.

— O que vai ser?

⁴⁸ CPD – Departamento de polícia de Caldwell. Aqui o personagem quer dizer que não ficará numa mesa cheia de policiais do Departamento de Polícia de Caldwell.

Não havia razão para olhar para o menu. A Riverside contava com todo o tipo de omelete, ovos e torradas conhecidos pelo homem. Você queria torta no café da manhã? Um BLT⁴⁹? Cereais, aveia, panquecas? Bem, tanto faz, apenas peça rápido e coma rápido para que outra pessoa possa pegar um assento.

— Três mexidos. Duros. Torradas com manteiga. Café. Obrigado.

A garçonete sorriu para ele, como se aprovasse a eficiência.

— Saindo.

Eeeeeee então estava sozinho novamente com Reilly. Ela tomou uma chuva e se transformou em um combo profissional saia-e-blusa-respeitáveis. A jaqueta que fazia par com a roupa estava cuidadosamente dobrada ao lado dela, em cima do sobretudo. Seu cabelo vermelho escuro estava mais uma vez puxado para trás de seu rosto e usava apenas um pouco de batom como maquiagem.

De fato, quando pousou a xícara de café, havia uma meia-lua cor-de-rosa onde colocou a boca. Não que estivesse à procura de detalhes sobre seus lábios. Realmente.

— Tenho um relatório preliminar da cena, — ela disse.

Huh... aqueles olhos não eram apenas verdes, como assumiu anteriormente. Eram castanhos, alguma coisa, compostos por uma combinação única de cores que só pareciam verdes à distância.

— Sinto muito, o que disse?

— Tenho o preliminar de ontem à noite.

— E?

— Não foram encontradas outras armas na área.

Ele manteve seu alívio para si mesmo por hábito.

E antes que pudesse comentar, a garçonete pousou o café e o desjejum de Reilly: uma tigela de mingau de aveia com uma torrada ao lado. Sem manteiga.

— Isto é integral? — ele perguntou.

— Sim, é.

Claro que era. Ela provavelmente comia uma salada leve para o almoço com uma proteína e um copo de vinho, se tanto, como uma jantar que seria tudo sobre legumes, frango grelhado e um amido de baixo índice glicêmico de algum tipo.

Ele se perguntava o que ela achava do *especial ataque cardíaco* que ele pediu.

— Por favor, não espere por mim, — disse ele.

Ela pegou a colher e acrescentou um pouco de açúcar marrom e creme.

— Quer saber o que eu acho que aconteceu?

— Sim, quero.

— Foi um ataque de animais selvagens e você bateu a cabeça no processo.

Esfregou o rosto.

— Sem contusões.

— Poderia ter caído para trás.

Verdade, ele pensou que talvez tivesse... Sem galos.

⁴⁹ **BLT** – Bacon Lettuce and Tomato Sandwich: Sanduiche de Bacon, alface e tomate.

— E então meu casaco estaria sujo por toda parte.

— Está.

— Só quando eu o coloquei em Kroner.

Ela baixou a colher.

— Pode comprovar isso? Como você sabe quando ficou sujo se não consegue se lembrar de nada? Além disso, sua cabeça estava matando você na noite passada, e P.S.⁵⁰, você está fazendo isso novamente.

— Fazendo o quê?

— Discutindo comigo sobre isso. Bem como esfregando a sua têmpora. — Quando ele amaldiçoou e moveu a mão para a caneca de café, ela sorriu de lado. — Adivinha o quê, detetive? Você vai fazer uns exames na central logo após o nosso encontro.

— Estou bem. — *Cristo*, ele podia ouvir a lamentação em sua própria voz.

— Lembra-se do que eu disse ontem à noite, detetive? Isso é uma ordem.

Quando se sentou e bebeu alguns de seus Wakey-Wakey⁵¹, ele pegou-se verificando seu dedo anelar. Nada ali. Nem mesmo uma marca circular como se algo tivesse estado lá.

Ele desejou que ela ostentasse uma pedra preciosa e um anel: Ele não saía com casadas conscientemente. Nunca. Sem dúvida, esteve com algumas delas em sua longa história de relações anônimas, mas foi apenas porque não lhe contaram.

Ele era um galinha com princípios.

— Por que não me dá uma suspensão?

— Mais uma vez, negativo.

— Não quero que arruíne sua carreira por minha causa, — ele murmurou.

— E não tenho nenhuma intenção de permitir que isso aconteça. Mas não há evidência alguma de que você foi responsável pelo ataque, Detetive, e várias dizem que não foi, e realmente não entendo por que continua me forçando sobre isso.

Enquanto olhava para os olhos dela, ouviu-se dizer:

— Sabe quem é meu pai, não sabe?

Isso a colocou em modo de pausa por um momento, seu triângulo de fibra sem manteiga graciosamente a meio caminho de volta para seu prato. Até parou à meia mordida.

Mas então a sexy Oficial Reilly se recuperou com um encolher de ombros.

— Claro que sim, mas isso não significa que retalhou alguém. — Ela inclinou-se — Mas é disso que você tem medo, não é? E é por isso que continua bancando o advogado do diabo.

A garçonete escolheu esse momento para mostrar-se com seu prato fumegante de colesterol e a chegada foi um salva-vidas de conversação, se ele já vira um.

Ele salgou. Apimentou. Garfou para cima e mandou para baixo.

— Ajudaria se falasse com alguém. — Reilly disse calmamente.

— Como um psiquiatra?

— Terapeuta. Podem ser muito úteis.

— Isso por experiência pessoal, Oficial?

⁵⁰ **P.S.** – *Post Scriptum*: pós escrito.

⁵¹ **Wakey-Wakey** – é um "alarme social". Usando novo o Cliente Twilio, seus amigos podem ligar para você até você acordar. Se você acordar a tempo, chama seus amigos para despertá-los e acompanhar seu progresso. Nesse caso, algo que o faz despertar.

— De fato, sim.

Ele riu vigorosamente.

— De certa forma não acho que é do tipo que precise de um.

— Todo mundo tem problemas.

Sabia que estava sendo um pedaço de merda, mas se sentia nu e não de uma forma boa.

— Então qual é um dos seus?

— Não estamos falando sobre mim.

— Bem, estou ficando cansado de estar no palco por toda minha pequena solidão. — Ele acabou com metade de uma torrada em duas mordidas. — Vamos, Oficial. Diga algo sobre si mesma.

— Eu sou um livro aberto.

— Quem precisa de um terapeuta? — Quando ela não respondeu, ergueu a olhar para ela.
— Covarde.

Estreitando os olhos, ela recuou e empurrou sua tigela meio cheia para longe. Esperava alguma réplica espirituosa. Ou, mais provavelmente, uma repreensão.

Em vez disso, enfiou a mão no bolso, tirou uma nota de dez dólares e colocou-a entre eles.

— Eu o verei no escritório do sargento.

Com graça sutil, deslizou para fora, levando seu casaco, bolsa e telefone celular com ela.

Antes que saísse, Veck agarrou seu pulso.

— Sinto muito. Eu saí da linha.

Ela livrou-se do agarre, colocando o telefone na bolsa.

— Vejo você em breve...

Depois que ela saiu, Veck empurrou seu próprio prato para longe, mesmo havendo um bom ovo e meia refeição.

Nem nove da manhã... e já ganhou o prêmio cretino-do-dia. Fantástico...

Uma corrente de ar passou na parte de trás do seu pescoço, arrepiando os cabelos em sua nuca e fazendo-o olhar em direção a porta.

A mulher entrou e estava tão fora de lugar como um vaso Ming⁵² na loja de utensílios domésticos da Target⁵³. Enquanto seu perfume se tornava mais forte e ela deslizou para fora de seu casaco de peles, houve uma pausa audível nas conversas de mais ou menos cinquenta comensais. Então, novamente, ela acabara de expor os seios estilo Pamela Anderson à metade do CPD.

Quando Veck a analisou, supôs que deveria ter sido atraído por ela, mas em vez disso, o calafrio na espinha o fez querer pegar uma arma e apontar para ela em autodefesa.

E o quão fodido era isso?

Deixando uma de vinte das suas, pegou o resto do seu café da manhã e atingiu a porta. Pisando do lado de fora, parou. Olhou ao redor.

⁵² **Ming** – Porcelana chinesa da época da dinastia Ming (1368-1644)

⁵³ **Target** – Empresa de varejo.

Ainda sentia a parte de trás do seu pescoço, seus instintos gritavam, particularmente quando olhou para as janelas da lanchonete. Alguém o estava observando. Talvez a chippie⁵⁴ com o corpo Hustler⁵⁵, talvez outra pessoa. Mas seus instintos nunca se enganavam.

A boa notícia era, parecia que receberia as suas armas de volta mais tarde nesta manhã. Assim, pelo menos poderia proteger-se legalmente novamente.



Quando Jim entrou no estacionamento da Riverside Diner em sua Harley⁵⁶, um cara em uma doce moto BMW partiu com um rugido.

Adrian e Eddie estavam bem atrás dele em suas montarias e os três estacionaram juntos no canto mais distante da costa do Hudson. Quando desmontou e olhou para o lugar onde Devina marcara o encontro, pensou: Bem, isso não é especial? Tinha estado neste mesmo lugar com sua primeira alma.

Supôs que Caldwell era um foco de atividade para os condenados.

Por outro lado, talvez ela apenas gostasse do café daqui e ia dizer-lhe que a alma em questão estava em outro lugar.

Dirigiu-se para a entrada, seus rapazes estavam dando-lhe um tratamento de silêncio, nenhuma novidade por parte de Eddie, mas um milagre por parte do outro anjo. De nenhuma alguma iria durar com Ad, entretanto.

O restaurante estava lotado, barulhento e cheirava a café e manteiga derretida. Um Inferno de lugar para Devina escolher.

E lá estava ela, andou para a esquerda, sentada em uma cabine de frente para a porta com um raio de sol entrando pela janela ao lado dela. Os quentes raios amarelos iluminavam seu rosto perfeitamente, como se estivesse prestes a ser fotografada e pensou na primeira vez que a viu naquele clube, sob uma luminária de teto. Estava tão radiante, também.

O mal nunca pareceu tão sexy, mas ao contrário dos outros homens, que estavam olhando por cima dos aros de suas canecas, quase babando como cães, sabia o que ela realmente era, e não estava tão distraído pela capa para que não notasse que ela não projetava sombra alguma: Tão brilhante quanto a iluminação que a atingia, não havia silhueta escura sobre a mesa ou no Naugahyde⁵⁷ ao lado.

Por uma fração de segundo, teve uma imagem dos dois juntos na noite anterior. Tentou fodê-la por trás na mesa, mas ela insistiu em fazê-lo cara a cara. Francamente, estava surpreso que tivesse conseguido, mas a raiva tinha um jeito de deixá-lo duro. Pelo menos com ela.

⁵⁴ **Chippie** – menina sexualmente promíscua, usa muita maquiagem e jóias baratas brilhante, geralmente menor de idade.

⁵⁵ **Hustler** – Uma revista pornográfica de tiragem mensal voltada para o público heterossexual masculino publicada nos Estados Unidos. Foi fundada e é propriedade de Larry Flynt.

⁵⁶ **Harley Davidson** – famosa montadora de motos.

⁵⁷ **Naugahyde** – Por vezes abreviado para Nauga, uma marca americana de couro artificial. Nesse caso ele se refere ao revestimento do assento.

Quando partiu daquela cena suada e grosseira, olhou ao redor de suas paredes, imaginando Sissy presa no emaranhado de condenados. Orou para que a menina não pudesse enxergar do lado de fora. *Deus*, pensar que ela pudesse ter...

Mas chega disso. Caminhando até Devina, colocou uma pedra sobre qualquer pensamento de Sissy, sobre sexo com a inimiga ou até mesmo o jogo em si.

— Então, quem é? — ele disse.

A demônio olhou por cima de seu *Caldwell Courier Journal*, seus olhos negros fazendo um giro rápido por seu corpo e fazendo-o querer tomar outro banho, desta vez com uma lixadeira automática.

— Bem, bom dia, Jim. Não vai sentar-se comigo?

— De nenhuma maldita forma.

O cara na cabine em frente a ela olhou por cima do ombro. Como se não aprovasse o tom de Jim ou a linguagem ao redor de uma dama.

Ela só se parece com uma, amigo. Jim pensou.

Devina abaixou o jornal e voltou para suas panquecas de manteiga e seu café.

— Tem uma caneta?

— Não fode comigo.

— Um pouco tarde para isso. Caneta?

Enquanto algumas pessoas tentavam passar, Jim e os rapazes tiveram que virar de lado, enquanto Eddie sacava alguma Paper Mate⁵⁸ ou outra coisa e a entregou.

Devina destampou a coisa com suas longas e bem cuidadas mãos. E então dobrou o jornal para o jogo de palavras cruzadas.

— Qual a palavra de sete letras para...?

— Maldição, Devina, corta...

— ...antagonista.

— ...a merda.

— Na verdade, Jim, "a merda" tem seis letras. Embora eu seja, não sou? — Devina começou cuidadosamente preencher uma palavra. — Eu acredito que "inimigo" seja a palavra que estou procurando. E, ou você senta comigo, sozinho, ou ficará em pé até que suas pernas apodreçam e você caia no corredor.

Mais da impressão cuidadosa. Perguntou-se ela estava trabalhando em outra palavra para "pé no saco".

Jim olhou para seus rapazes.

— Já estarei lá fora.

— Tchau tchau, Adrian, — Devina disse, com um aceno. — Verei você em breve, no entanto, tenho quase certeza.

A demônio não disse nada para Eddie. Mas então, ela gostava de alterar as pessoas e Eddie era tão ázimo quanto um matzo⁵⁹.

O que Jim supôs que deveria colocar ele e Adrian no departamento dos hotcross-bun⁶⁰.

⁵⁸ **Paper Mate** – Marca de caneta esferográfica.

⁵⁹ **Matzo** – Pão em fermento, comido pelos judeus na páscoa. Tipo cream-cracker. Nesse caso, significa que não se altera facilmente.

Enquanto os dois anjos se afastaram, Jim deslizou para dentro da cabine.

— Então.

— Será que se importa com o pequeno desjejum?

— Quem é, Devina?

— Odeio comer sozinha.

— Pode segurar a respiração até que eu a acompanhe, o que acha?

Seus olhos negros se tornaram diretos.

— Devemos lutar.

Diante disso, ele teve honestamente que rir.

— É a razão pela qual estamos aqui, querida.

Ela sorriu um pouco.

— Acho que é a primeira vez que ouvi você sorrir.

Jim cortou o som rapidamente quando uma garçonete veio com uma cafeteira.

— Nada para mim, obrigado.

— Ele vai querer um café e waffles.

Quando a garçonete olhou para ele como, *Vamos lá, decide logo*, ele deu de ombros e deixou para lá.

Depois estavam sozinhos novamente e Devina apenas voltou para o suas cruzadinhas.

— Não pode ter uma chance comigo a menos que comece a falar.

Houve uma pausa, como se a demônio pensasse em alguma forma de prolongar o encontro. Eventualmente, bateu no jornal com a ponta da caneta de Eddie.

— Você lê o CCJ?

— Às vezes.

— É um tesouro de informações. — Fez um show elaborado para pegar a primeira seção. — Nunca se sabe o que pode encontrar.

Alisando a coisa e virando para enfrentá-lo, olhou por cima da mesa.

Jim olhou para baixo. Três artigos grandes. Um sobre um novo plano de distritos escolares. Outro sobre negócios das minorias emergentes. E um terceiro...

A ponta da caneta de Eddie apontava para o último artigo.

— Acredito que tenha concluído a minha parte do acordo, — ela falou arrastado.

A manchete dizia: — Agendada a Execução de DelVecchio.

Jim rapidamente folheou o artigo e pensou: Porra, *aquela* era alma?

Somente quando Devina foi retirar a caneta, levantou a mão e agarrou seu pulso, mantendo-o no lugar. A ponta da Paper Mate estava realmente em um nome dentro do artigo, e não era o assassino em série DelVecchio. Era o filho do homem... Thomas DelVecchio Jr.

Um detetive da polícia de Caldwell.

Jim olhou para o outro da mesa à sua inimiga e sorriu com seus dentes incisivos.

— Trapaceira.

Baixou os cílios recatadamente.

⁶⁰ **Hotcross-bun** – Um pão quente cruzado, ou cross-bun, é um pão doce fermentado, feito com groselhas ou passas, muitas vezes com frutas cítricas cristalizadas, decorado com uma cruz no topo.

— Sempre.

Cansado dela e da perda de tempo, Jim se levantou e levou a caneta com ele.

— Aproveite o meu waffles, querida.

— Ei, como vou terminar minhas palavras cruzadas?

— Tenho certeza que encontrará um jeito. Vejo você em breve.

Jim saiu do restaurante e foi diretamente para seus parceiros. Quando alcançou as motos, ofereceu a Paper Mate para Eddie.

— Sua caneta. — Quando o anjo foi pegá-la de volta, Jim a segurou. — Metal envolvendo a ponta. Da próxima vez, dê para a cadela uma Sharpie⁶¹.

Quando Jim deslizou uma perna sobre a sua hog⁶², Adrian perguntou:

— O que ela disse?

— Parece que estamos indo para a terra de polícias e ladrões.

— Oh. Bom. — Ad montou sua própria moto. — Pelo menos eu falo a língua de lá.

Capítulo 6

Quando Reilly entrou na Central, foi pela porta dos fundos e pelo corredor de blocos de concreto que despejava no que deveria ser o recém renovado, inspirador e edificante saguão. Infelizmente, a estátua de bronze da Senhora Justiça com suas balanças e sua espada era uma interpretação moderna do protótipo clássico Greco-Romano, a deusa de olhos vendados parecia queijo derretido. Queijo derretido velho e marrom.

O caminho circular em torno dela e os holofotes brilhando da loggia⁶³ aberta acima, apenas proporcionou maior acesso visual ao desastre. Por outro lado, a maior parte do pessoal da polícia, promotores e advogados de defesa caminhando por ali, estavam ocupados demais para se preocupar com a decoração. Centrais tinham muitas coisas acontecendo: caixa de recebimento seguras e centrais de processamento para as prisões estavam à direita, junto com a própria prisão. Registros estava à esquerda. No topo das escadas curvas estavam os escritórios da Homicídio e Assuntos Internos, bem como a sala do pelotão e vestiário. No terceiro andar estava o novo laboratório e o depósito de evidência.

Reilly subiu os degraus dois de cada vez, passando por alguns colegas que estavam indo mais lentos do que ela. Mas quando saiu no patamar do segundo andar perdeu seu ímpeto. A ampla área aberta à frente contava com um amontoado de mesas, onde grande parte do pessoal de apoio administrativo trabalhava. A Frente e no centro, entre os jovens homens, e mulheres? Brittany, que se soletra Britnae, a.k.a., a Pneumática⁶⁴ Gostosa do Escritório.

⁶¹ **Sharpie** – fabricante de instrumentos de escrita (principalmente canetas). Originalmente designava um marcador permanente, mas a marca foi amplamente expandida. **N.T.** É feita toda de plástico. Devina usa metal para prender as almas.

⁶² **Hog** – Forma que os aficionados tratam as Motos Harley Davidson.

⁶³ **Loggia** – é um elemento arquitetônico aberto inteiramente ou dos lados, como uma galeria ou pórtico, coberto e, normalmente, sustentado por colunas e arcos.

⁶⁴ **Pneumática** – Referência aos grandes seios.

A loira estava com um espelho de mão levantado e corria a ponta do dedo sob um olho carregado na M.A.C., Brown Bobbi ou Sephora⁶⁵. O próximo passo seria afofar os cachos. O último seria mandar beijos e fazer beicinho.

Durante todo o tempo, ela estava inclinada para frente, exibindo seus duplos Ds⁶⁶ para... si mesma.

Evidentemente satisfeita com seu trabalho de pintura e paisagismo, Britnae virou seu pulso e verificou um daqueles relóginhos pequeninhos que algumas mulheres usam, o tipo que juntavam braceletes e pequenas faces de madrepérolas. Provavelmente possuía cestas de pulseiras e brincos bamboleantes que se penduravam de um pequeno suporte, e um armário cheio de coisas rosa.

O closet de Reilly parecia o de Marilyn Manson. Supondo que ele renasceu como um contador. E não usava joias. Seu relógio? Casio. Preto e à prova de choque.

Três suposições de para o que Britnae estava se preparando... e as duas primeiras não contavam: A garota vinha suspirando por Veck desde o dia em que entrou por aquela porta há duas semanas.

Não que isso fosse problema de Reilly.

Antes que alguém a ficasse por ser uma perseguidora repulsiva, entrou às pressas na divisão de AI⁶⁷ e foi para seu cubículo. Fingindo estar alerta, logou em seu computador, mas quando entrou em seu e-mail, tudo foi traduzido para uma língua estrangeira. Isso, ou seu cérebro esqueceu o Inglês.

Maldito DelVecchio.

Chamando-a covarde? Só porque queria manter as coisas profissionais? Não sabia metade do inferno pelo qual passou. Além disso, estava tentando ajudá-lo...

Isso a fez querer dar o café da manhã para o cara com a sua calibre nove.

Mantendo-se no programa, abriu o relatório que arquivou via e-mail mais cedo nesta manhã e verificou seu trabalho duas vezes, passando por todo o documento do início ao fim.

Quando seu telefone tocou, alcançou o fone sem ter que olhar para cima.

— Reilly.

— Thomason. — Ah, o laboratório acima. — Só queria que soubesse que penso que as lesões do Kroner foram resultado de dentes.

— Como em...

— Presas, especificamente. Encontrei-me com os médicos na noite passada no pronto-socorro e estava lá quando Kroner foi entubado, recebeu pontos e transfusão. Dei uma boa olhada nas feridas no pescoço e rosto. Quando uma faca é usada em um ataque como esse, tende a fazer bordas muito limpas sobre as lacerações. A carne dele foi rasgada, como vi quando o tigre comeu aquele treinador no ano passado.

Bem, isto fechou o assunto, não é? E a deixou preocupada com o que poderia estar solto nas matas.

— De que tipo de animal estamos falando?

⁶⁵ **M.A.C., Brown Bobbi e Sephora** – Marcas de cosméticos e maquiagem

⁶⁶ **Ds** – Gíria para uma mulher que tem seios enormes, referindo-se ao tamanho de seu sutiã: D sendo o maior tamanho.

⁶⁷ **AI** – Assuntos Internos

— Disto não tenho muita certeza. Tirei algumas amostras de tecido, Deus sabe, havia muitas para pegar, e vamos descobrir que tipo de saliva foi deixada. Direi isso, porém: O que quer que tenha sido... Estamos falando de algo grande, poderoso... e irritado.

— Muito obrigada por me ligar tão rápido.

— Sem problema. Vou tirar uma soneca e voltar ao trabalho. Estarei em contato.

Depois que desligou, ela digitou um adendo ao seu relatório, pressionou Ctrl-P e em seguida enviou por e-mail o documento como um anexo para o sargento. Recolhendo seu arquivo e o telefone celular, ficou ao lado da impressora enquanto as páginas eram ejetadas da máquina.

Pelo menos possuía alguma evidência para respaldar o que disse ao sarge antes do café da manhã esta manhã.

Tocando no assunto, pensou sobre a lanchonete. Provavelmente não deveria ter chamado Veck para se juntar a ela. Estava certo; o que parecia ruim, mais ao ponto, eles poderiam ter evitado aquela discussão desagradável. Que a magoara, realmente.

Não deveria ter magoado. Comentários casuais num café inadequado? Não devia a ter incomodado. Em absoluto.

Ou talvez fosse apenas o fato dela ser alérgica a palavra *covarde*.

Sim, era isso.



Veck atravessou o saguão da central como uma corrente de ar frio, se lançando em torno de pessoas, correndo pelo andar. Atingiu a escada e subiu os degraus de pedra dois passos de cada vez.

Quando chegou ao patamar do segundo andar, virou à esquerda, mas não estava indo ao seu escritório. Assuntos Internos era onde ele estava.

Saindo do nada, algo rosa e loiro entrou em seu caminho.

— Oi!

Quando olhou para a menina, pensou... agora sabia o que tornados sentiam quando chegavam à uma casa trailer: absolutamente nada. Preferia picotá-la logo para chegar a Reilly, se isso fosse preciso.

— Oi! — ela disse novamente, como um pássaro de uma nota só.

Cara, alto demais, alegre demais, perfume floral demais. E qual era a do brilho labial? Um pouco mais dessa merda e poderia dar a seu próprio carro uma troca de óleo.

— Hey. Com licença, estou atrasado.

Infelizmente, decidiu convidá-lo para uma dança de salão, correndo para a direita quando ele o fazia, e depois à esquerda. Quando ele parou, ela respirou fundo, ou arqueou as costas, ou talvez atingiu algum tipo de compressor de ar, porque de repente se tornou Jessica Rabbit com um decote.

Se mostrasse um pouco mais de tecido mamário, ganharia uma maldita mamografia.

— Então, — arrastou a palavra, — Estava me perguntando se gostaria um pouco de café...

Chá... ou eu? terminou em sua cabeça por ela.

— Obrigado, mas estou atrasado para uma reunião. — Passo para o lado.

Contrapasso.

— Bem, poderia levar para você...

— Não, obrigado.

Pôs a mão em seu braço.

— Realmente, não me importo...

A sexy Oficial Reilly escolheu esse momento para sair da AI. E certamente, não hesitou ou mostrou qualquer mudança de expressão, mas por outro lado, por que diabos deveria incomodá-la que estivesse sendo paquerado por alguém?

Quando passou, acenou para ele e disse oi para o seu carma.

— Tenho que ir, — ele disse, mais que aborrecido com os atrasos.

— Eu o verei mais tarde, — Britnae chamou.

— Reilly, — ele assobiou. — *Reilly*.

A mulher de que realmente estava atrás parou em frente ao escritório do sargento.

— Sim?

— Realmente sinto muito. Pelo que disse. Aquilo passou do limite.

Reilly mudou seu arquivo para o braço esquerdo e alisou o cabelo.

— Está tudo bem. Tempo de alta tensão. Eu entendo.

— Não vai acontecer novamente.

— Não importaria para mim se acontecesse.

E então, girou sobre seus delicados saltos e entrou na sala de espera.

Certo... essa doeu. Mas não podia culpá-la.

Em vez de segui-la para dentro, apenas ficou ali como uma tábua quando a porta fechou em sua cara, preocupado, querendo chutar o próprio rabo. A próxima coisa que soube, o cheiro de café fresco anunciava que seu parceiro se aproximou dele.

José De La Cruz parecia cansado, mas alerta, que era o POP⁶⁸ do homem.

— Como estamos?

— Uma merda.

— Não diga. — Entregou um dos dois cafés que estavam em suas mãos. — Beba isso. Ou talvez injete direito na veia.

— Obrigado, cara.

— Está pronto?

Não. — Sim.

Quando entraram no escritório, Reilly olhou para dar bom dia para De La Cruz e então voltou a falar com a assistente do sarge.

Veck sentou em uma das antigas cadeiras escolares de madeira que estavam alinhadas contra os painéis de madeira da parede da antessala do escritório do sargento. Bebendo o café, observou Reilly e percebeu todos os tipos de detalhes minuciosos dela: a maneira que mexia com seu brinco direito, como se a parte de trás estivesse solta; como tendia a dobrar a perna e bater a

⁶⁸ **POP** – Procedimento Operacional Padrão; *SOP*, no original, *Standard Operating Procedure*.

ponta do sapato quando estava defendendo um argumento; o fato de que, quando sorria, havia uma obturação de ouro em um molar superior que brilhava tão ligeiramente.

Era realmente atraente. Tipo, *realmente* atraente.

— Então, tentei ligar para você ontem à noite, — De La Cruz disse calmamente.

— Meu celular está no laboratório no momento.

— Realmente deve conseguir um telefone fixo.

— Sim. — Olhou para seu parceiro. — Acho que não encontraram muitos lá na floresta.

— *Nada*⁶⁹.

Sentaram lado a lado, bebendo daqueles copos de papel com as tampas de papelão sobre eles. O café tinha um gosto horrível, mas estava quente e lhe dava algo para fazer.

— Pensou em matar Kroner, não é? — Quando Veck lançou-lhe um olhar, o outro detetive deu de ombros. — Vi você com aquele *paparazzo*, lembre-se. Fui eu quem o separou dele. Muita raiva.

Veck voltou a olhar para Reilly, feliz que estivesse absorta na conversa. Assentindo na direção dela, disse baixinho:

— Ela não acha que matei. Estou ficando com a impressão de que você acha, no entanto.

— Não diga isso.

— Não preciso.

— Não, vi o estado em que Kroner estava. Você viu também. Isso é uma equação que não fecha.

— Então por que levantar a história da intenção?

— Porque acho que está em sua mente.

Veck fez um barulho evasivo.

— Se ela recomendar que fique na ativa, vai ter um problema com isso?

— Não, mas não acho que deva estar nas ruas sozinho agora.

Engraçado, se sentia da mesma maneira. E isso não era uma merda?

— Vamos estar colados pelo quadril, então?

O sargento abriu a porta de seu escritório e enfiou sua cabeça de cabelos grisalhos para fora.

— Vamos começar.

Reilly se afastou da assistente e Veck e De La Cruz a seguiram até o escritório maior. A mesa de conferência no canto mais distante era grande o suficiente para todos se sentarem confortavelmente e ela tomou a cadeira o mais longe possível de Veck, o que significava que estava do outro lado em frente a ele. Sem contato visual; nenhuma surpresa.

Fodido inferno.

— Então, li o relatório que me enviou por e-mail, — o sargento disse a Reilly. — Mais alguma coisa?

— Apenas esse adendo que também enviei. — Passou cópias ao redor, e depois entrelaçou os dedos e se recostou. — Mantenho minhas conclusões.

O sargento olhou para De La Cruz.

— Qualquer coisa a acrescentar?

⁶⁹ *Nada* — Em espanhol no original.

— Não. Li o relatório também e diz tudo.

— Então estou pronto para concordar com a Oficial Reilly. — O sargento olhou fixamente para Veck. — Gosto de você. É o meu tipo de policial. Mas não vou manter ninguém sob distintivo que seja um perigo para os outros. Reilly é sua nova parceira. Não posso dispensar De La Cruz pelo período probatório anormal no qual estou te colocando. Que é de um mês, no mínimo.

Reilly não mostrou reação à redesignação, mas era uma profissional, não era?

— Posso trabalhar no caso Kroner? — Veck perguntou.

— Não nessa vida. Vai se concentrar em casos arquivados pelos próximos trinta dias, como também se encontrando com o Dr. Riccard.

Ah, sim, o psiquiatra do departamento. E no silêncio que se seguiu, sabia que todo mundo estava esperando que resmungasse, mas não era um coringa do *Máquina Mortífera*⁷⁰, maldição.

Sim. Por exemplo, não podia deslocar o ombro, não vivia na praia com um cachorro e não oscilava num desejo de morte. De nada.

— Certo.

O sarge pareceu um pouco surpreso, mas então bateu na sua mesa com as juntas dos dedos, o que Veck tomou como forma do sujeito de expressar satisfação.

— Bom. De La Cruz, quero falar com você. Você dois, estamos terminados.

Reilly se levantou e estava fora do escritório mais rápido do que uma bala, mas dois podiam disparar tão rápido. Veck entrou logo em seu rastro, e a pegou no corredor exterior.

— Então, como isso vai funcionar? — disse.

Isso era tudo que tinha. A rota de pedido de desculpas não funcionara, e de alguma forma não achava que lhe agradecer pelo relatório ia alçar voo também.

Encolheu os ombros.

— Vou empacotar o que estava trabalhando nesta manhã e então vamos nos concentrar nos casos arquivados.

— Por trinta dias.

— Trinta dias. — Não parecia entusiasmada, mas também não pareceu temer a perspectiva. O que lhe dizia que não seria um alvo fácil de poker se eles tivessem um tempo de inatividade. — Vejo você a uma da tarde em seu departamento, detetive.

— Entendido, Oficial.

Quando saiu, fez algumas anotações em seu arquivo, sua cabeça enterrada no trabalho. Alguns rapazes da unidade passaram por ela e olharam em sua direção, encarando, como se esperando para pegar seu olhar. Não olhou para cima, no entanto. Não notou.

Veck certo como o inferno notou. E descobriu que queria fazer um ajuste óptico nos bastardos.

— Deixou isso no escritório do sargento.

Veck se virou. De La Cruz saíra e tinha o café de Veck.

Bem, isso não era constrangedor. Não.

— Obrigado, cara. — Veck envolveu o copo de papel e tomou um gole da borda. A merda agora estava morna, seu único fator compensador se foi. — Bem, foi bom trabalhar com você.

⁷⁰ *Máquina Mortífera* – Filme estadunidense de ação.

— O mesmo. — José estendeu a mão. — Mas quem sabe, talvez vá ser redesignado para mim em um mês.

— É. — De alguma forma, porém, Veck estava com a sensação de que seus dias com o CPD estavam contados.

Caminharam de volta para a Homicídios em silêncio e quando abriram a porta para o departamento, cada detetive ali olhou pelas paredes cinzentas de partição de seus cubículos.

Veck não viu razão para aliviar as coisas. *Na ativa. Fora do caso Kroner. Com Reilly.*

Vários cumprimentos retornaram para ele, e, cara, apreciava as pessoas sendo legais. Então, novamente, estas eram pessoas decentes fazendo um trabalho duro com um orçamento apertado, e não havia muito tempo para papo furado. Além disso, bem ou mal, depois que bateu na cara daquele *paparazzo*, ganhou muito respeito.

Quando todo mundo voltou ao trabalho, José bateu em seu ombro e se dirigiu para sua própria mesa. Veck não perdeu tempo. Sentou em sua cadeira, logou no computador e verificou seu e-mail. Casos arquivados, hein. Esta era uma bela malditamente ampla categoria.

Indo para o banco de dados do departamento, selecionou todos os relatórios de pessoas desaparecidas. Que eram tecnicamente casos arquivados, não eram? Assumindo que ainda estavam em abertos. Iniciando uma busca, se inclinou para trás e deixou o computador fazer seu trabalho. O fato de que a tela de dados que ele acabou de usar passou a ser de mulheres com idade entre dezesseis e trinta que haviam sido relatadas nas últimas, oh, digamos... três semanas? Quando Kroner passou a estar ocupado na área?

Não era uma coincidência?

Capítulo 7

Às doze horas em ponto, Reilly saiu da estação a pé e se dirigiu até o centro. O dia estava glorioso, o sol de Abril estava brilhante e quente o que expulsava a sensação de treze graus do ar. Ela não era a única aproveitando o clima. As pessoas andavam pelas calçadas e faixas de pedestres em massa, obstruindo o tráfego, enquanto passeavam com refrigerantes ou sorvetes em suas mãos, ou carregavam suas refeições para a beirada de uma fonte ou um banco de ferro no parque.

Após seis meses de escuridão gelada, o estado de Nova York estava ofegante por algum sinal de que o inverno finalmente terminara, e esta bela hora para o almoço não podia ser desperdiçada.

Aparentemente, ela estava fazendo uma pausa para limpar a mente antes de ver Veck novamente. Seus avanços, no entanto, tinham uma direção e um propósito dos quais ela se recusava a olhar muito de perto.

O Galleria Mall era outro projeto de revitalização do centro, mas ao contrário de tantas outras tentativas, esse realmente obteve sucesso. Ancorada por uma loja da Macy's e uma nova e brilhante livraria da Barnes and Noble, o trecho de quatro quarteirões composto por edifícios de

1920 foi fechado para tudo, exceto para pedestres, criando encantadoras ruas e tornando-se um lugar para terapia de compras ao meio-dia para milhares de pessoas como Reilly.

Exceto que ao contrário da maioria de seus companheiros, esta era a primeira vez em que ela andava pelo trecho da Bath & Body Works, Talbots e Gap⁷¹...

Quando ela parou em frente da próxima loja, ela piscou devido ao brilho rosa que veio através dos vidros.

Oh, não. Nahh. Esta não era a sua...

Uma mulher saiu com duas sacolas grandes balançando em suas mãos e um sorriso da largura de uma autoestrada em seu rosto.

— Liquidação, — ela disse para Reilly. — Yay!

Sua voz era tão alta que era como se estivesse respirando hélio. Embora talvez fosse porque ela parecia estar usando um corpete sob seu casaco.

Reilly balançou a cabeça. Liquidação ou não, esta não era o seu tipo de...

Eeeee de alguma forma ela estava dentro da loja.

Santa. Porcaria. Ela nunca vira tanta roupa íntima em um único lugar em toda sua vida. Victoria's Secret não era para os fracos de coração... ou para os de bunda grande, ela temia, perguntando-se exatamente quanto tempo passou desde que ela largou a ginástica.

Ensino médio. Não... talvez tenha sido no fundamental.

Cara, todos aqueles laços e rendas eram intimidadores. Assim como eram as fotos das modelos photoshopadas⁷² e ampliadas para além do tamanho normal.

E para piorar as coisas, o lugar estava lotado de mulheres com corpos totalmente diferentes do de Reilly. Todas elas eram vadias em seus vinte e poucos anos, agarrando tangas e sutiãs de bojo meia taça, alguma coisa transparente e outras coisas. Mesmo as coisas mais desleixadas, como calças de moletom pareciam ser feitas para serem arrancadas pelos dentes de algum quarterback⁷³.

— Olá, posso ajudar?

Reilly estremeceu.

— Ah...

A vendedora era uma linda afro-americana que provavelmente ficaria maravilhosa em cada peça que pairava sobre os pequenos cabides ou que estavam dobradas sobre as mesas e em comparação, Reilly se sentia uma sem graça sardenta do tipo por-favor-vamos-fazer-com-a-luz-apagada.

— Eu estou bem, obrigada.

— Estamos tendo uma liquidação.

— Sim, eu vi alguém sair daqui com algumas sacolas. — E considerando o quão pequeno é tudo por aqui, significa que a garota devia ter comprado quinhentos, talvez seiscentos conjuntos de peças.

— Você está procurando por alguma coisa em particular?

⁷¹ **Bath & Body Works** — é uma loja que vende produtos de beleza. Já a Talbots e Gap são lojas de roupas.

⁷² **Photoshopadas** — Fotos onde o aplicativo Photoshop é usado para corrigir imperfeições.

⁷³ **Quarterback** — É uma posição do futebol americano. Os jogadores que ocupam essa posição são membros da equipe ofensiva do time. O jogador dessa posição também é chamado de quarterback.

Reilly estava prestes a sacudir a cabeça negando, quando a sua boca se abriu por vontade própria.

— Eu quero me sentir como uma mulher, em vez de uma policial. Eu estou... realmente cansada de mim e do meu trabalho neste momento. Você entende o que eu quero dizer?

Oh, merda, o que ela estava dizendo?

E P.S. Isto não tinha nada a ver com Brittany, que se soletra Britnae.

A vendedora sorriu.

— Eu entendo. E você veio ao lugar certo.

Reilly olhou para uma camisola com manchas de tigre e não estava mais tão certa disso.

— Eu não me lembro de já ter comprado lingerie antes, nenhuma das minhas combinam e eu acho que alguns dos meus sutiãs são da Guerra Civil. Talvez da Revolução.

— Bem, me chamo Ralonda. — Ela estendeu a mão. — E eu posso cuidar de você.

— Reilly. Quero dizer... Sophia. — Enquanto apertavam as mãos, ela murmurou, — Você tem um diploma de psicologia, por acaso?

— Na verdade, estou estudando na SUNY⁷⁴ de Caldwell para isso.

— Deus, você é perfeita.

— Dificilmente. — Ralonda sorriu novamente, mostrando belos dentes brancos. — Vamos medi-la e eu vou lhe trazer algumas coisas.

Uma hora, seiscentos e dois dólares e quarenta e três centavos depois, Reilly saiu com três sacolas cheias de coisas. Enquanto se dirigia para fora, seu queixo estava erguido e ela se viu sorrindo para duas garotas que estavam olhando através das vitrines.

— Eles estão em liquidação, — disse para as garotas. — É melhor vocês entrarem. E perguntem pela Ralonda, ela é a melhor.

Enquanto elas corriam para dentro, Reilly marchou de volta para a delegacia se sentindo curiosamente leve em seus sapatos. Então novamente, talvez o sutiã com enchimento vermelho cereja combinando com a calcinha vermelha que ela provou e resolveu usar tenha propriedades antigravidade, levantando não apenas seus seios, mas seu corpo inteiro.

Faz você se perguntar o que os astronautas usam sob seus trajes.

Quando uma horrível imagem de Buzz Aldrin⁷⁵ vestindo um pequeno conjunto sensual rosa choque passou por sua mente, ficou claro para ela que andar para a central com suas sacolas Victoria's Secrets e um rebolado não enviava exatamente a mensagem certa, especialmente uma vez que ela seria parceria de Veck pelo próximo mês.

Andando furtivamente ao redor da delegacia, ela foi para seu carro e escondeu o contrabando no porta-malas, ao invés do banco traseiro.

Desta vez, quando ela entrou pelos fundos e passou pelo guarda do saguão, ela estava dolorosamente consciente de si mesma, se perguntando se alguém saberia o que ela estava vestindo sob a roupa. Ninguém prestou nenhuma atenção incomum nela, o que sugeria que dentre os inúmeros talentos dos vários membros da força policial, visão de raio X não era uma delas.

⁷⁴ **SUNY** — State University of New York: Univerdade Estadual de Nova York.

⁷⁵ **Buzz Aldrin** — é um ex-astronauta norte-americano que foi o segundo homem a pisar na lua em 20 de julho de 1969. Atualmente ele tem 81 anos.

A primeira parada foi seu escritório. Rapidamente ela verificou seu correio de voz e e-mail. Em seguida, ela foi pegar um bloco e se dirigiu para a central da Homicídios. A sua crescente confiança nas propriedades ocultas do algodão e lã manteve seu queixo erguido quando ela abriu a porta para o departamento.

Todo mundo olhou para ela, incluindo Veck.

Certo. Agora ela sabia por que as pessoas odiavam aqueles sonhos onde andavam nus em uma sala cheia de pessoas. Ela nunca teve um pesadelo como esse antes, e quando ela colocou o bloco de notas na frente de seus seios, ela não estava com muita pressa para passar por isso.

Mas então as pessoas apenas acenaram e a cumprimentaram, ela balançou a cabeça e cumprimentou de volta enquanto passava por Veck. O cubículo ao lado do dele estava completamente vazio, exceto por um computador e um telefone, enquanto se sentava, ela se manteve focada em seu próprio cubículo.

Veck se recostou em sua cadeira de uma forma que fez o peito dele parecer enorme contra sua camisa de botões branca.

— Tudo certo em seu escritório?

— Sim. No que estamos trabalhando hoje?

Ele acenou para a tela de seu computador.

— Eu encontrei algo para passar o tempo. Eu estava esperando você chegar, pensei que poderíamos fazer algum reconhecimento de campo e verificar novamente algumas testemunhas.

— Legal. Qual é o caso?

— Eu contarei para você no caminho para a cidade. Você se importa se usarmos o seu carro? Eu só tenho a minha moto.

— Ah... — Certamente não haveria nenhum motivo para ele olhar no porta-malas. — Claro. Ok. Pode ser.

— Obrigado, Oficial. Ou devo chamá-la de “Detetive” pelas próximas quatro semanas?

Eles se levantaram juntos e ela se viu olhando para os peitorais dele, ela soube que era hora de puxar sua Britnae interior de volta para dentro.

— Reilly está bem.

Por um momento, suas pálpebras se cerraram e ela poderia jurar que ele murmurou algo como, Ela com certeza está⁷⁶.

Mas sem dúvida era sua nova lingerie a fazendo ouvir coisas.



— Espera um minuto, isto *não* é um caso arquivado de homicídio.

Quando eles pararam em um sinal vermelho, Veck foi cravado com um olhar duro vindo de sua nova parceira... e aquilo foi um tesão incrível.

⁷⁶ Trocadilho com a frase acima onde ela diz “Reilly está bem”, no original “**Reilly is fine**” que também pode ser entendido como “Reilly é boa”

Mexendo-se em seu assento e rezando para que a excitação que repentinamente surgiu nele, sumisse antes deles chegarem ao seu destino, ele se empenhou para manter o mesmo nível de voz sem nenhum gemido. Mas, *porra*, e se isso fosse uma indicação de que como as próximas quatro semanas seriam?

Ele estava com problemas.

— Ela é tecnicamente uma pessoa desaparecida...

— Não há nada “tecnicamente” sobre o assunto. Não há um corpo.

— Se você me deixar terminar...?

— Desculpe. — Quando o sinal ficou verde, ela apertou o acelerador. — Mas eu tenho uma impressão de onde isso vai dar e você não vai chegar nem perto do caso Kroner.

Vamos ver sobre isso, ele pensou.

— Eu recebi um telefonema de um dos oficiais de campo do FBI esta manhã. Ele está trabalhando no caso dessa garota desaparecida e ele queria saber se havia alguma nova informação. Eu lhe disse que ficaria feliz em checar o que temos...

— O FBI pode se virar sozinho.

— Não há razão para não sermos colegas. Ou para assumir que há uma ligação com Kroner.

Ela franziu o cenho.

— Qual é a visão do FBI?

— Eu não pedi. Talvez seja interestadual. — Porque talvez fosse parte da investigação do caso Kroner, que foi porque ele não perguntou.

— Só para que fique bem claro, se houver uma conexão com o caso Kroner, nós estamos fora.

— Entendido. — Ele enfiou a mão no bolso e retirou um formulário de três páginas. — Cecília Barten, dezenove anos, desaparecida há pouco mais de três semanas. Vista pela última vez deixando sua casa para ir ao supermercado Hannaford⁷⁷ na Avenida União. As câmeras de vigilância não pegaram nada, graças a uma sobretensão de energia que desligou as câmeras da saída da loja.

— E nós começaremos por onde?

— Pela casa dos pais dela. Eu só quero ver se algo foi perdido. A mãe dela está esperando por nós, pegue a direita aqui.

Reilly seguiu pela direção indicada, se dirigindo para um bairro que era um ou dois bons quilômetros acima de onde Veck vivia. Aqui, as casas eram um pouco maiores e melhor planejadas. Sem carros estacionados na rua, ele imaginou que ali havia sedans e caminhonetes novas em todas essas garagens em anexo. Provavelmente não tantas minivan, embora esta fosse a terra das mães do futebol, então talvez ele estivesse errado.

— Okay, — ele murmurou, olhando para as casas estilo coloniais. — Quatrocentos e noventa e um. Noventa e três. Cinco... é aqui.

Reilly encostou no meio-fio na frente da casa número 497. Depois de desligar o motor, eles saíram para a luz do sol e...

⁷⁷ **Hannaford** – Rede de supermercados.

O carro que parou atrás deles era um SUV prata, com janelas escurecidas, e o que saiu dele foi um monte de agentes federais: Os três homens estavam à paisana e enquanto eles se aproximavam, o que estava na liderança, com cabelos louro-escuro mostrou sua credencial.

— Jim Heron. Conversamos pelo telefone. Estes são os meus parceiros, Blackhawk e Vogel.

— Thomas DelVecchio.

Quando se cumprimentaram, Veck sentiu um estranho tipo de carga, e recuou.

— Esta é a Oficial Reilly. Você quer vir com a gente?

O agente estreitou seus olhos sobre a casa.

— Sim. Obrigado. Meus parceiros vão esperar aqui fora.

Boa ideia. Seria difícil encaixar os três meninos em um hall de entrada menor do que um estádio de futebol.

À medida que eles caminhavam para a porta da frente, uma daquelas bandeiras sazonais balançou casualmente na brisa da primavera. A coisa era cor pastel e havia um ovo sobre ela que era metade rosa e metade lavanda com uma faixa amarela no meio.

A Páscoa havia chegado no final de março este ano. Bem na época em que a filha havia desaparecido. Sem dúvida, a bandeira foi esquecida ali... ou talvez eles estavam orando por uma ressurreição própria. De qualquer maneira, a ruína veio para esta casa, mesmo que eles ainda tenham paredes e um telhado. Esta menina estava morta. Veck sentia isso em seus ossos, mesmo ele não sendo uma merda de um vidente.

Campainha.

Esperar.

Esperar.

Ele olhou para Reilly. Ela parecia triste enquanto se inclinava para trás e examinava as janelas do segundo andar e ele se perguntou se ela estava tentando adivinhar qual destas janelas pertencira a Cecília Barten. Atrás dela, Heron estava fazendo uma excelente imitação de uma estátua: imponente e imóvel, seus olhos estavam focados na porta da frente como se estivesse vendo dentro da casa através da porta.

Veck franziu o cenho.

Havia algo estranho sobre este cara. Claramente não era a competência, no entanto, o agente irradiava uma precisão militar sobre tudo, desde a maneira como mostrou suas credenciais, a forma como ele caminhava até como seu corpo ficava quando parado. Ainda assim... que porra era isso?

A porta se abriu com um rangido suave e a mulher do outro lado parecia que não havia dormido ou comido por um longo tempo.

— Bom dia, senhora, eu sou o Detetive DelVecchio. Esta é a Oficial Reilly e o Agente Heron. Todos mostraram suas credenciais.

— Por favor, entrem. — Ela deu um passo atrás e acenou com o braço. — Posso lhes servir alguma coisa?

— Não, obrigado, senhora. Agradecemos o seu tempo para falar conosco.

A casa estava muito mais que impecável, cheirava a Pinho-Sol e de Pledge⁷⁸. O que sugeria que a Sra. Barten limpava quando estava estressada.

— Eu pensei que talvez pudéssemos conversar na sala de estar? — ela disse.

— Por favor.

A sala estava cheia de souvenir e heranças de família, o papel de parede era de flores e havia dois sofás. A Sra. Barten se sentou em uma poltrona e o restante se sentou em uma almofada do sofá, Veck deu um bom olhar na mulher. Ela estava na casa dos quarenta anos, com um monte de cabelos loiros que foi puxado para trás e torcido em torno de um elástico de cabelo e um corpo longo e magro que precisava do peso que ela perdeu recentemente. Mesmo sem maquiagem ela ainda era bonita. No entanto, os olhos estavam vazios.

Merda, por onde ele começaria.

— Sra. Barten, — Reilly cortou, — você poderia nos contar sobre sua filha. Coisas que ela gostava de fazer ou nas quais era boa. Memórias?

Olhando de esguelha para sua nova parceira, ele queria gesticular com a boca um agradecimento. Especialmente quando parte da tensão deixou os ombros da mulher e a sugestão de um sorriso apareceu.

— Sissy foi... é... — Ela se recuperou. — Por favor me perdoe. Isso é difícil.

Reilly aproximou-se da poltrona.

— Leve o tempo que precisar. Sei que isto é pedir muito de você.

— Na verdade, ajuda falar sobre ela. Leva-me para longe de onde todos nós estamos agora.

Com uma voz hesitante que gradualmente ganhou ímpeto, as histórias começaram a sair, pintando um retrato de uma garota altamente inteligente, ligeiramente tímida e boa, que nunca teria entrado em apuros se ela percebesse o que estava chegando.

Sim, Cecília Barten foi definitivamente assassinada, Veck pensou consigo mesmo. Este não era um daqueles casos de escapadas relacionadas com droga, ou um namorado violento que vira pesadelo. Família estável. Uma mulher jovem e feliz. Um futuro brilhante. Até que o equivalente do destino para um acidente de carro bateu em sua vida e destruiu tudo.

— Você se importa se eu olhar aquelas fotos ali? — Veck disse quando ela fez uma pausa na narrativa.

— Por favor.

Ele se levantou e se dirigiu para as estantes embutidas ao lado de cada uma das janelas curvadas para fora que davam para a rua. Dois filhos. O outro era uma irmã mais nova. Havia fotos de formaturas, festas de aniversário, jogos de hóquei... reuniões de família e casamentos... Natais.

Ele estava curiosamente impressionado com o que via. Cara, isto era o melhor que “normal” tinha para oferecer e por nenhuma razão em particular, ele pensou em como, ao crescer, em sua casa não havia nada disso, sem momentos felizes ou fotografias para mostrar. Os momentos que ele e sua mãe tiveram que compartilhar não eram nada que você gostaria que as outras pessoas vissem. Nada que você gostaria de lembrar, também, para dizer a verdade.

Ele estendeu a mão e pegou uma foto de cinco por sete. Cecília estava de pé ao lado de seu pai, seu braço no dele, sua mão descansando nas costas dele.

⁷⁸ *Pledge* – Uma marca de produtos de limpeza.

Ela era parecida principalmente com sua mãe e só um pouco com seu pai. Mas a descendência era clara.

— ... ligou para casa? — Reilly disse.

Veck retornou para a conversa.

— É isso mesmo, — Mrs. Barten disse. — Ela saiu por volta das nove. Eu tinha acabado de operar meu pé, dedos de martelo⁷⁹... — Por um momento, a mulher pareceu remoer e ele estava disposto a apostar que ela estava pensando sobre o quanto ela gostaria de voltar ao tempo em que tudo com o que precisava se preocupar era a maneira como seus pés se pareciam.

E talvez ela estivesse culpando-se, também.

Ela balançou a cabeça e se reorientou.

— Eu estava basicamente imobilizada. Eu dei a ela a lista de compras e... ela ligou da loja. Ela não sabia se eu queria pimentão verde ou vermelho. Eu queria o vermelho. Eu estava fazendo... — As lágrimas vieram e foram embora rapidamente. — De qualquer forma, essa foi a última vez que alguém ouviu falar dela.

Veck devolveu a fotografia para a prateleira. Quanto ele ia voltar a sentar ao lado de Heron, ele franziu a testa. O homem estava olhando para a mãe da vítima com a intensidade de uma filmadora, como se ele estivesse lendo e registrando cada espasmo do olho e movimento da boca enquanto ela falava.

Quando o radar de Veck começou a zunir como um louco, não ficou claro se era sobre a menina desaparecida ou sua triste mãe, ou esse enorme homem que parecia como se pudesse iniciar um incêndio com aquele olhar duro e ardente dele.

— Se eu puder interromper, — Veck disse: — ela tinha namorado?

Com o canto do olho, ele viu as mãos de Heron apertar em suas coxas, girando apertado.

— Não. Ela tinha amigos que eram garotos, é claro, e um encontro aqui e ali... nada sério, no entanto. Pelo menos, não que ela tenha me dito e ela era geralmente aberta sobre sua vida.

Aquelas mãos se soltaram abruptamente.

— Há algo que você queira perguntar? — disse Veck ao agente.

Houve um longo momento de silêncio. Pouco antes de ele ficar realmente estranho, o homem disse em uma voz profunda e baixa:

— Sra. Barten, eu vou trazê-la para casa para você. De uma forma ou outra, eu vou trazê-la de volta para você.

Veck recuou, pensando: *Porra*, não vá por aí, colega.

— Ah, o que ele quer dizer é...

— Está tudo bem. — Sra. Barten apertou a base de sua garganta. — Eu não estou me enganando. Eu sei que ela está... não está mais entre nós. Uma mãe sente o frio no coração. Nós só queremos saber o que aconteceu e... ter uma chance de colocá-la para descansar adequadamente.

— Você a terá de volta. Eu juro.

⁷⁹ **Dedos de martelo** — É uma das várias deformidades dos dedos dos pés. Os dedos em martelo possuem uma dobra permanente na junta do meio do dedo do pé.

Agora a Sra. Barten engasgou e por que ela não iria. O cara parecia como um guerreiro com a vingança como rotina, mais vingador do que agente.

— Obrigada... a todos vocês.

Veck discretamente olhou o relógio.

— Se vocês dão licença a mim e minha parceira, nós vamos direto para o supermercado. O gerente disse que ele estava saindo mais cedo hoje.

— Oh, sim, claro.

O agente Heron ajudou a Sra. Barten levantar segurando-a pela mão.

— Você se importaria se eu desse uma olhada no quarto dela?

— Claro, eu o levo até lá em cima. — Ela se virou para Veck e Reilly. — Se vocês precisam ir agora, vocês podem voltar sempre que precisar.

— Obrigado, — disse Reilly. — Nós faremos isso.

— E nós mesmo encontraremos a saída, — Veck murmurou.

Quando o agente Heron e a mãe da vítima alcançaram as escadas, Veck parou no hall de entrada e os assistiu subir juntos. Uma janela acima do patamar das escadas lançou luz sobre eles, a luz solar atingiu os dois no rosto agindo como um farol para a...

Espere um minuto.

Veck olhou para a sala... onde os raios dourados estavam se derramando vindo do oeste.

Impossível. Você não poderia obter esse efeito a partir de direções opostas, a parte dianteira e traseira da casa.

— O que é? — Reilly disse suavemente.

Veck oscilou seus olhos de volta para a escada. Heron e a Sra. Barten não estavam mais a vista e a luz do patamar também se foi, a janela mostrava nada mais do que os brotos dos ramos da árvore Bordo⁸⁰ atrás da casa e do céu azul claro por cima.

— Eu vou lá em cima, — ela disse para sua nova parceira. — Só por um minuto.

Capítulo 8

Enquanto Jim seguia a mãe de Sissy, ele estava completamente sobrecarregado. Em um canto escuro de sua mente, ele sabia que precisava ficar de olho em Veck, mas esta oportunidade não ia apresentar-se facilmente de novo tão cedo.

Virando a esquina no alto da escada, o volume da casa aumentou para níveis maiores que Slipknot⁸¹. Tudo, desde o rangido sutil do piso acarpetado sob suas botas, a conversa atenuada lá embaixo no hall de entrada até à sua própria respiração na parte de trás de sua garganta, tudo parecia gritar em seus ouvidos.

Abruptamente, Veck apareceu por trás deles e fez algum tipo de comentário eu-só-ficarei-aqui-por-um-minuto. Jim acenou para o cara, e prontamente esqueceu que ele estava ali.

⁸⁰ **Bordo** — é uma árvore (ou arbusto) do gênero *Acer*. Existem aproximadamente 125 espécies. A folha que aparece na bandeira do Canadá é uma folha de Bordo.

⁸¹ **Slipknot** — é uma banda de rock peado (metal) norte-americana.

— O quarto de Sissy é por esse lado.

Os três foram para a direita e quando a Sra. Barten hesitou em frente à porta fechada, Jim levantou a mão para colocá-la em seu ombro... e depois não conseguiu fazer o contato.

— Você gostaria que entrássemos sozinhos? — ele perguntou.

A Sra. Barten abriu a boca. Mas, então, apenas acenou com a cabeça.

— Eu não estive ali desde... aquela noite. Está do jeito que ela deixou.

Naquele momento, o telefone tocou e o visível alívio apareceu no rosto da mãe de Sissy.

— Eu só preciso ir atender. Sinta-se livre para abrir as gavetas e o armário, mas se você tiver que pegar algo, você me deixará saber o que é?

— Com certeza, — respondeu Veck.

Quando ela se apressou e desapareceu dentro do que ele assumiu ser o quarto principal, Jim abriu a porta.

Oh... o cheiro.

Entrando, ele fechou os olhos e tentou não se sentir como um perverso enquanto inspirava profundamente. Perfume. Loção para o corpo. Lençóis secos.

Era... extraordinário.

E ele não pertencia a este quarto. Ele era um homem adulto que fizera coisas que não deveriam estar sendo lembradas em um quarto como este, e as representações desses atos malignos estavam na tinta que cobria suas costas. Além disso, ele tinha armas consigo. E depois havia aquela merda que fizera com a demônio na noite anterior.

Ele se sentia sujo.

Enquanto Veck fazia o seu próprio reconhecimento, Jim abriu suas pálpebras e foi até a mesa em frente da janela. O trecho liso e as prateleiras foram pintados de branco, mas a cadeira era azul para combinar com as cortinas xadrez e o papel de parede listrado. O tapete possuía franjas trançadas. A colcha era feita de tiras com diferentes tipos de azul e branco. Feito à mão. Tinha que ser.

Os livros que estavam alinhados eram organizados e de mocinha. Ela gostava de Jane Austen, mas também havia uma prateleira inteira de Gossip Girls, provavelmente de quando ela tinha treze anos. Um par de fitas de premiação. Troféus de trilha.

Sobre a mesa havia um laptop da Apple, juntamente com dois livros, um sobre cálculo e o outro sobre... trigonometria avançada?

Huh. Sua Sissy poderia muito bem ser mais inteligente do que ele.

Havia também uma revista. A *Cosmopolitan*⁸² deste mês.

Okaaaay, a capa com a palavra ORGASMO em letra tamanho setenta e quatro na cor rosa choque não exatamente combinava com o resto desta terra de inocência e trabalhos escolares... mas então, ela estava crescendo, não estava?

Girando, ele encarou a cama de solteiro.

Merda, agora ele sabia por que a mãe dela não entrou aqui. A colcha azul estava puxada para trás e os travesseiros ainda estavam amassados como se Sissy estivesse acabado de tirar um cochilo.

⁸² *Cosmopolitan* — é uma revista para mulheres, popular.

— Eu estou indo, — disse Veck. O que fez Jim pensar em quanto tempo eles já estavam no quarto.

— Vejo vocês em breve — Jim disse distraído.

— Entendido.

Ele foi deixado à sua própria sorte, a mão de Jim tremeu ao estendê-la para tocar os lençóis. Roçando o que tocara a pele dela, ele pensou em Devina e o que aquele demônio fez com essa garota... e a família dela.

Adrian e Eddie estavam errados. Se eles o queriam focado nessa guerra, aqui era exatamente onde ele precisava estar. Isto era uma motivação para vencer, se ele ainda não possuía uma: Sissy nunca deitaria nesta cama novamente. Ela não terminaria qualquer que fosse o artigo que estivesse lendo. E não iria mais fazer cálculos complexos. Nunca. Mas ele poderia ao menos lhe encontrar um lugar melhor para esperar pelas passagens de seus pais e de sua irmã para que todos pudessem estar reunidos pela eternidade.

E então ele poderia fazer Devina pagar mil vezes por isso.

Na mesa de cabeceira, havia um despertador branco, outra revista, *In Touch*⁸³ desta vez, e o controle remoto de sua pequena televisão branca. Ele tinha a sensação de que mesmo quando estava na faculdade, ela voltava para casa em vários finais de semana, e uma espiada no armário dela confirmou isso, dado o número de blusas, calças, saias e vestidos. Vários sapatos no chão.

Ele deixou as gavetas sem mexer, porque ele não tinha certeza de qual delas ela guardava suas... peças íntimas, por assim dizer. Provavelmente as duas primeiras, mas ele não estava correndo o risco de chutar errado. Ele já estava sendo um voyeur⁸⁴ estando aqui, porque não veio com esperança de encontrar algo que o auxiliasse a ajudá-la. Deus sabia, que não havia nada na Terra que poderia fazer isso. Em vez disso, ele só queria... estar perto dela.

Certo. Bem. *Isto* era o tipo de merda com que Ad e Eddie estavam preocupados.

Pensando nisso, estava na hora de ir. Novamente, ele não sabia por quanto tempo ele esteve aqui. Poderia ter sido dois minutos ou duas horas e a última coisa que ele queria era fazer a mãe de Sissy se sentir como se tivesse que bater na porta para ver se ele estava bem ou se ele já fora embora.

Ele não ia levar nada, mesmo que houvesse a tentação de guardar um objeto, algo para se focar... algo de Sissy. Sua família havia perdido muito e ele não estava disposto a levar nada mais deles.

Jim teve um último momento para olhar ao redor e então se obrigou a sair. No hall, ele fechou a porta e escutou. A mãe de Sissy estava no quarto do outro lado, falando baixinho, a voz embargada.

Jim desceu as escadas e esperou discretamente no hall de entrada perto da porta da frente. Inclinando-se para o lado, ele olhou para a sala para as fotos através da janela grande. A foto que o agarrou e fez seus pés se moverem era um close de Sissy. Ela não estava olhando para a câmera, mas para o lado e não estava sorrindo. Ela estava perdida em pensamentos profundos e a expressão em seu rosto não era nada infantil, mas sim... sobrevivente.

⁸³ *In Touch* — é uma revista americana de fofocas.

⁸⁴ *Voyeurismo* — é uma prática que consiste num indivíduo obter prazer sexual através da observação de outras pessoas.

Ela olhava com determinação de ferro.

— Ela não tinha ideia de que a câmera estava focada nela.

Jim se endireitou e olhou para a mãe dela.

— Não?

A Sra. Barten veio e pegou o retrato.

— Ela sempre sorria como se soubesse que havia uma câmera por perto. Quando seu pai tirou essa foto, ela estava assistindo suas companheiras de time em um jogo, ela jogava hóquei de campo. Ela torceu o tornozelo e estava no banco... e queria estar jogando com elas. — A mulher olhou para longe. — Ela era mais durona do que parecia.

Quando seus olhos se encontraram, Jim respirou fundo e pensou: *Graças a Deus*, isto a manteria sã até que ele chegasse a ela.

A Sra. Barten inclinou a cabeça para o lado.

— Você é diferente dos outros.

Hora de ir.

— Eu sou igual a todos os outros.

— Não, você não é. Eu conheci mais oficiais, detetives e agentes nas últimas três semanas do que eu vi em Cops⁸⁵ ao longo de toda a minha vida. — Seu olhar se estreitou. — Seus olhos...

Ele se virou para a porta.

— O detetive DelVecchio se manterá em contato.

— Eu quero lhe dar algo.

Jim congelou com a mão na maçaneta e pensou, *má ideia*. Ele estava muito faminto por qualquer coisa que ela pudesse oferecer.

— Você não precisa.

— Aqui.

Enquanto ele se virava para dizer “não, obrigado,” encontrou as mãos dela alcançando por trás do pescoço. O que surgiu em suas mãos era uma corrente de ouro delicada.

— Ela usava isso todos os dias. Eu encontrei no balcão em seu banheiro, ela tomou um banho e se esqueceu de colocá-lo novamente... de qualquer maneira, leve-o.

Pendendo da corrente estava um pássaro delicado feito de ouro. Uma pomba.

— O pai dela lhe deu isto em seu aniversário de dezoito anos. Era parte de um conjunto.

Jim balançou a cabeça.

— Eu não posso. Eu...

— Você vai. Isto vai manter seus olhos da maneira como eles estão agora e nossa família precisa disso.

Depois de um momento, ele trouxe suas mãos para frente, substituindo as pontas dos dedos dela pelos seus. O colar pesava quase nada. E mal cabia em torno de sua garganta. Mas o objeto seguia como um sonho, embora o fecho fosse pequeno e suas mãos eram grandes.

Quando deixou cair os braços, ele olhou para ela.

— Como os meus olhos parecem estar? — ele disse com voz rouca.

⁸⁵ **Cops** — é uma série norte-americana no estilo documentário, que segue oficiais da polícia, investigadores e xerifes durante suas patrulhas e outras atividades.

— Destruídos.

Capítulo 9

O supermercado Hannaford estava a cerca de oito quilômetros de distância, mas levou um tempo para Reilly levá-los lá. Entre o tráfego e os sinais vermelhos, estava começando a pensar que o casal ia passar a eternidade no carro.

Ou talvez o zumbido em sua cabeça fosse o que fazia aquilo parecer eterno.

— No que está pensando? — Veck disse.

Apertando as mãos no volante, ela se reajustou no assento do motorista.

— Se acontecer que Cecília Barten ser uma das vítimas de Kroner, temos de deixá-la ir. Está preparado pra fazer isso?

— Sim. Estou.

Quando olhou cuidadosamente, a mandíbula de seu novo parceiro estava apertada, seu grande corpo tenso.

— Tem certeza disso? — Porque ela não estava.

— Sim. Estou.

Você é um filho da puta teimoso que provavelmente faz o que malditamente bem o agrada, mesmo que foda a uma ordem direta? Sim. Sou.

Assim quando ela se moveu para o estacionamento e começou a procurar uma vaga, seu telefone tocou.

— Oficial Reilly. Uh-hu, sim, não é uma grande surpresa. Realmente? Ok, e obrigada pela atualização. Sim, por favor me mantenha informada.

Desligou e os colocou em uma vaga entre um Mercedes prata antigo e um caminhão azul.

Virando de lado no assento, disse:

— Kroner mal está se mantendo. Não esperam que ele viva.

O rosto severo de Veck não demonstrou nada.

— Pena. Talvez soubesse o que aconteceu.

— E a análise a partir das amostras tiradas dele, há resíduos de saliva, mas as leituras não estão cem por cento claras como a fonte. Parece haver semelhanças com pumas e lobos. Difícil dizer ao certo, mas a hipótese de animais continua o ponto direcional correto.

Ele assentiu e entre abriu a porta aberta.

— Se importa se fumar um cigarro antes de entrarmos.

Então talvez estivesse tendo uma reação, afinal.

— Claro.

Saíram e Veck deu a volta para a traseira do carro, se recostou no porta-malas, retirando um maço de Marlboro, como se um homem como ele fumasse alguma outra coisa. Quando o

acendeu, ela fez o seu melhor pra não pensar em todos os sutiãs e calcinhas que foram retirados impulsivamente por causa de nada além de algumas faixas de sheet metal⁸⁶.

Foi cuidadoso pra não exalar em qualquer lugar perto dela ou na direção que o vento estava soprando.

— Mal habito, — ele murmurou, — mas ninguém vive para sempre.

— Muito verdadeiro.

Encostando-se no porta-malas ela mesma, cruzou os braços sobre o peito e olhou para o sol. O calor em seu rosto era uma benção e fechou os olhos para apreciá-la.

Quando finalmente abriu suas pálpebras novamente, ficou chocada.

Veck estava olhando pra ela e havia uma expressão em seu rosto... uma especulação sexual que tinha quase certeza de estar lendo incorretamente.

Só que então desviou o olhar rapidamente.

Algo que não se faria se estivesse só pensando sobre o trabalho.

De repente, a temperatura do dia de primavera subiu para tropical e agora era a única encarando. Bem, 'comendo com os olhos' era outra palavra pra isso.

Quando puxou outro cigarro para os lábios, seus lábios se separaram e então estava chupando, a ponta queimava laranja, a sua frente, e os dedos médios liberavam brevemente o eixo. *Oh, sinos do inferno*, pensou. Fumar era um habito mortal e desagradável que não aprovava... por isso era perturbador compreender que em todos aqueles velhos filmes de Humphrey Bogart⁸⁷ não haviam sido insanos quando eles faziam close-ups⁸⁸ como esse. Havia apenas algo inegavelmente erótico sobre a coisa toda.

Especialmente porque a fumaça branda fora de sua boca sombreava brevemente os olhos azuis marinhos e seu cabelo escuro cortado.

Desviou os olhos rápido antes que fosse pega.

— Então? — ele incitou.

— Sinto muito, o que?

— Perguntei o que pensa.

Certo. Como responder a isso: *Acho que todo o vermelho cereja que estou usando em minha roupa de baixo distorce meu cérebro. Pois estou achando a ideia de escarranchar você contra o carro e montar como a uma vaqueira com seu chapéu sobre a cabeça malditamente interessante.*

— Preciso de mais informações antes que possa formar uma opinião. — *Então que tal acender mais um desses bad boys e abaixar suas calças.* — Oh Deus.

— Você esta bem? — ele disse, se inclinando e colocando a mão livre em seu braço. — Não comeu muito no café da manhã, pegou alguma coisa para o almoço?

Você é tudo, tirando a masturbação que tive em minha hora de folga, Papaizão.

— Você sabe... — limpou a garganta — Provavelmente deveria comer alguma coisa.

⁸⁶ **Sheet metal** – música heavy metal do final dos anos 80 ao início dos anos 90 que não era nem pesada, nem muito metal mesmo. Quando era ouvida pelos homens, era primeiramente como uma tentativa de trazer uma garota para casa (e, presumivelmente, para a cama).

⁸⁷ **Humphrey DeForest Bogart** – foi um ator de cinema e teatro dos Estados unidos, eleito pelo American Film Institute como a maior estrela masculina norte-americana de todos os tempos, era considerado um dos grandes mitos do cinema.

⁸⁸ **Close-up** – fechar [o foco] num ponto, define a imagem em plano aproximado e com destaque, sendo como um tipo de zoom.

E então que isso a ajudasse, *Deus*, se seu cérebro cuspsse algo remotamente parecido com chantilly em alguma parte do corpo dele, solicitaria uma transferência para longe de si mesma.

— Vamos entrar, — disse, apagando seu Marlboro com seu sapato.

Boa ideia. E nota pra si: Não há tempo ocioso com seu parceiro temporário. Nunca.

Aproximaram-se e passaram pelas portas automáticas, passando a fila de carrinhos no saguão e entrando no supermercado.

Quando Veck fez uma pausa e olhou em volta, ela olhou para a direita.

— O escritório do gerente é por esse caminho.

— Você compra aqui?

— Essas lojas são organizadas quase do mesmo modo.

Enquanto caminhavam juntos, ele disse: — Provavelmente deveria conhecer esta loja de cor. Minha casa não é longe daqui.

— Portanto, este é o lugar onde compra seus mantimentos?

— Meu café e cigarro. Saudável, hein.

Ele realmente parecia estar em excelente forma.

— Sempre pode mudar seus hábitos.

— Sabe, parei por um tempo. Os cigarros, não a cafeína.

— O que fez usar novamente?

— Ter acertado o fotógrafo.

Ahhh, então ele tinha emoções.

— Há um monte de estresse em seu trabalho.

— Já foi alguma vez uma fumante?

— Não, e realmente não sou de beber. Não tenho grandes vícios.

Por outro lado, poderia estar trabalhando em um vício por compras.

E esse foi o último pensamento que teve sobre qualquer assunto fora do trabalho. Quando passaram pelo serviço ao cliente, colocou de lado todas as distrações, com a cabeça ligada novamente no jogo, imaginou a filha da Sra. Barten vindo aqui nesta loja para ajudar a mãe... só para ter o que seria uma viagem de rotina para compras se transformando em um pesadelo.

Talvez por causa de Kroner.

Quando estava pronta para exibir seu distintivo ao gerente, estava perigosamente satisfeita imaginando Veck, ou mesmo o poderoso agente Heron, surrando violentamente esse cara. Mas esse não era o tipo de justiça que seria oferecida ao assassino em série. E não enganaria a si mesma: Não seria uma surpresa descobrir que Sissy estava na lista de vítimas do Kroner e essa possibilidade era absolutamente o motivo pelo qual Veck estava interessado no caso.

Mas Reilly jogava pelas regras. Sempre fez, sempre faria.

O primeiro sinal dessa pobre menina ser uma das vítimas... Passaria seu caso para o De La Cruz e arrastaria a atenção de Veck para outra coisa.

Mesmo que isso o matasse.



Quando Veck em seguida consultou o relógio, era quatro e meia. O gerente era um tagarela e as gravações das câmeras digitais de segurança levaram um tempo para rebobinar, havia também um empacotador e dois empurradores de carrinho para a entrevista. Nenhuma nova informação, *mas porra*, ele e Reilly trabalhavam bem em conjunto.

Sabia exatamente quando avançar, e como com a Sra. Barten, tinha um jeito de deixar as pessoas a vontade, o que significava que elas falavam mais. Enquanto isso, ele cuidava das potenciais pistas do ambiente e avaliava todas as coisas que as pessoas não diziam, porém mostravam em seus rostos.

Fora do balcão de atendimento ao cliente, apertou a mão do gerente e depois Reilly fez o mesmo.

— Obrigada pelo seu tempo, — ela disse ao cara. — Nós realmente apreciamos isso.

— Não acho que ajudamos vocês absolutamente. — O homem empurrou seus óculos quadrados até mais acima no nariz. — Agora ou antes. Sinto-me horrível sobre a coisa toda.

— Aqui esta meu cartão. — entregou. — Ligue a qualquer hora, estou a qualquer hora ou dia disponível. E realmente, foi franco e honesto, que é tudo o que pode fazer.

Veck entregou seu cartão também e então ele e Reilly se dirigiram a saída.

— Jante comigo — disse abruptamente.

Afinal, uma segunda chance pra compartilhar uma refeição juntos, tinha que ser melhor do que a primeira. Desde que não se comportasse como um idiota defensivo novamente...

Em resposta, tudo o que conseguiu foi uma diminuição em seu passo e uma longa hesitação. E então...

— Ah...

Não era um bom sinal, então reforçou o convite com um argumento válido:

— Precisamos passar o arquivo juntos tendo em conta as quatro horas de entrevista que fizemos. Poderíamos muito bem comer ao mesmo tempo e sei que você esta faminta até agora.

Cara, verifique essa merda. Suave, casual. Perfeito.

Parou em uma grande vitrine composta de sacos de nachos fritos, potes de salsa e uma geladeira com painel cheio de queijo.

— Vou cozinhar pra você. Mexicana, essa é minha especialidade.

Na verdade, isso seria comparativamente assim: não sabia macacos sobre *fiesta-alguma coisa*⁸⁹, mas considerando as orientações, ele precisava mesmo seguir com esta do que com qualquer outro estilo de cozinha: Pedir pra viagem era a única experiência que tinha na cozinha. Mas, vamos lá, supondo que acerte as instruções? Pegasse uma caixa de Tacos-para-Estúpidos no corredor Ortega? Como poderia foder com isso?

— Provavelmente devemos manter a coisa no profissional — esquivou.

— Não é um encontro, prometo. Você é muito boa e eu não sou tão sortudo.

Quando as sobancelhas dela dispararam para o céu, deixou seu comentário se manter. Era a verdade e ambos sabiam disso.

— Então, o que diz, Oficial? Só o que estará apimentado é a salsa.

⁸⁹ Referência à rede de lojas **Fiesta Foods**. Supermercado especializado em comida hispânica.

Isso tirou um sorriso verdadeiro, os lábios dela curvando pra cima.

— Gosto de Mexicana.

— Então sou seu homem.

Por um momento, apenas se olharam. Então, ela falou devagar e com cuidado.

— Ok, mas onde?

— Minha casa.

Passando por ela, conseguiu um carrinho e invadiu a merda do mostrador de nachos. Falando sobre a sorte de cima: Todos os ingredientes estavam alinhados então não havia alternativas envolvidas. Esse era apenas o preâmbulo⁹⁰, no entanto, e ele foi para o letreiro que dizia COMIDA MEXICANA sobre ele.

— Esta me olhando, Oficial? — ele disse, quando sentiu os olhos dela sobre ele.

— Estou apenas... surpresa, isso é tudo.

— Sobre o que?

Encaixando o carrinho na frente das prateleiras cheias de caixas amarelas brilhantes, esperou sua resposta.

— Tacos ou enchiladas⁹¹? — Quando ela não respondeu a qualquer pergunta, ele estendeu a mão para uma refeição-em-uma-caixa. — Tacos é isso.

Checando rapidamente o fundo. Alface. Queijo, verificou o carrinho e decidiu que precisava de mais. Tomates.

Entendido.

— Onde é a seção de verduras?

— Abaixo e a esquerda. Mas vai precisar de hambúrguer.

— Sim, bem lembrado.

O balcão de carnes e freezers ficava na parte traseira da loja e quando passaram pelas bandejas de carne moída, pegou uma insípida bandeja com quatro por cento de carne magra orgânica, porque ela era, provavelmente, uma pessoa que só comia coisas totalmente naturais. Quando chegaram a terra dos legumes e verduras, que era o caso do tomate... tomate e uma cabeça de iceberg em um saco.

— Fale comigo, Reilly — disse calmamente.

— Você apenas... não me parece um homem que precisa de sorte com as mulheres.

— Você ficaria surpresa. — Quando os dirigiu em direção a linha dos caixas, passando pela lanchonete e o balcão de saladas, encontrou-se se explicando por algum motivo. — Olha, meu pai é bem conhecido por uma razão cruel e as pessoas são atraídas pra mim por causa da notoriedade. As mulheres não são como você. Ou elas têm tatuagens em lugares estúpidos e piercings por elas todas e tingem seu estúpido cabelo, ou são barbies que querem ‘salvar’ alguém ou estão com fome por uma caminhada segura do lado selvagem. Depois, há as que parecem normais, mas acabam por ter fotos do meu pai em suas bolsas e cartas que querem que cheguem até ele, é uma bagunça do caralho, pra ser honesto. Aprendi que não posso confiar em ninguém, mas a boa notícia é que nunca mais me surpreendo.

⁹⁰ **Preâmbulo** — Prefácio de um livro, uma narração, um discurso.

⁹¹ **Enchiladas** — é uma panqueca de milho mexicana, muito condimentada, recheada de carne de vaca, feijão ou frango que leva por cima molho e queijo ralado.

Colocou o carrinho no autosserviço e começou a passar as coisas enquanto Reilly as entregava.

— Mas como disse, você não está em nenhuma dessas categorias, — concluiu.

— Definitivamente não. — Ela passou o saco de tomates. — Desculpe, não tinha ideia.

— Há coisas piores a ser confrontadas. — Tal como o laço de sangue com o pai maníaco dele, por exemplo. *Inferno*, as tientes que queriam transar com ele apenas por causa do seu nome eram ruim, mas o fato de que tinha um *que* daquele assassino em sua própria medula era o verdadeiro pesadelo.

— Você vai... no meio da semana que vem? — ela perguntou.

— Desculpe?

— Pra execução, — disse suavemente.

Veck congelou com a caixa amarela de Old El Paso⁹² na mão.

— Está avançando?

— Se o governador não emitir um adiamento. Saiu uma nota no jornal hoje.

Ah, sim, as três colunas que pulou na lanchonete.

— Bem, espero que eles fritem o bastardo. E não, não vou. Tenho que ver o que o filho da puta fez toda vez que olho para um espelho. É suficiente.

Pegou a carteira e tirou o cartão de crédito.

— Aqui, deixe-me lhe dar algum...

Veck lhe jogou um olhar sobre o ombro.

— O homem deve pagar. Sou tradicional com isso.

— E a mulher pode muito bem fazer uma contribuição. Sou muito realista com isso.

Quando ela empurrou uma nota de vinte dólares na palma da mão e nivelou os olhos com ele, sabia que queria beijá-la, e não apenas em suas fantasias: Queria saber como era puxá-la perto e tomar um gosto daquela boca delicada dela.

Não ia acontecer.

Focando-se de novo nas coisas que não iriam fazê-lo ser relatado ou certamente esbofeteado, passou seu cartão, colocou a senha e esperou que a transação passasse. Depois que pegou o recibo e o jogou fora se dirigiram para a saída, onde deixaram o carrinho com os outros e pegaram as sacolas.

Enquanto caminhavam de volta para seu carro, murmurou:

— Esta quieta. Falei demais.

Olhou pra ele quando bateu no controle remoto a distancia e desbloqueou tudo.

— Sobre seu pai? Deus não... quando quiser falar sobre ele, ou qualquer outra coisa, estarei feliz em ouvir.

Veck acreditava nela. Que era seu próprio milagre.

Então quando chegou e abriu o porta malas, ela foi para a porta do passageiro traseiro e disse: — Espere, aqui, coloque as mercadorias.

— Só vou colocá-las no...

⁹² *Old El Paso* — é uma marca de alimentos estilo mexicano, incluindo kit de jantar: tacos e tortilhas, molho, condimentos, arroz e feijão frito.

Quando a porta subiu por conta própria, conseguiu uma olhada em três grandes bolsas da Victoria Secret.

Não podia evitar: Seus olhos dispararam pra ela e verificaram seu corpo... por todo o caminho até suas brilhantes bochechas vermelhas.

O que lhe disse que as chances eram muito boas de não haver pijama fuzzy⁹³ e roupões de banho macios naquelas malditas bolsas.

— Uh... banco de trás, — murmurou, — sim...

— Estavam em liquidação, — ela disse, enquanto fechava o porta mala.

Estava ficando duro de novo. Nesse momento. *Merda.*

Depois que a mercadoria estava no carro e o par em seus respectivos assentos ela ligou o motor. O cinto de segurança cortava em sua ereção, mas percebia que a maldita coisa merecia o aperto. Não precisava fantasiar qualquer coisa sobre um desfile de moda.

A sexy Oficial Reilly *nesse* material?

Cara, precisava de um cigarro.

— Merda, — ele disse.

— O que?

— Temos que ir a sua casa fazê-lo. — Com uma maldição, emendou, — O jantar, quero dizer. Fazer o *jantar* em sua casa... não tenho qualquer panela.

Ao pararem no sinal vermelho que os levava fora do estacionamento, ela olhou pra cima... e começou a rir. Antes que percebesse, ele estava sorrindo.

— Não sabe cozinhar nada, não é, — ela disse.

— Terei sorte se conseguir abrir a caixa de tacos. — Colocou seu dedo indicador pra cima. — Mas ainda gostaria de fazer o jantar, se estiver disposta.

Balançando a cabeça, ela sorriu.

— Ok, mas pode me fazer um favor?

— Diga.

— Poderia esquecer o que viu no meu porta mala?

Seus olhos vagaram para sua boca e depois foram mais para baixo para a pálida coluna da garganta...

— Sinto muito, — disse sombriamente. — Isso não posso fazer.

Ela inspirou uma afiada sugada, como se tudo o que estava pensando estivesse se mostrando no rosto dele.

— Caralho, — ele respirou. — Quero dizer, sim, é claro. Considere-o feito. Totalmente esquecido.

Uma alta buzina soou atrás deles e ela pulou antes de pisar no acelerador.

Bem, estava indo sem problemas. Talvez encerrasse melhor a noite queimando a maldita casa dela abaixo.



⁹³ **Fuzzy pijama** — é aqueles pijamas de corpo inteiros.

Capítulo 10

Durante seus anos como um soldado Black Ops, Jim havia aprendido que boa informação era missão crítica⁹⁴ em qualquer tarefa. É claro que, quando ele estava trabalhando para Matthias o Fodido, sua função foi matar pessoas, e esta não era a situação com seu novo chefe e seus alvos atuais. Mas muitos dos princípios eram os mesmos, no entanto.

E os riscos eram ainda maiores.

Sentando em sua cama no Marriott⁹⁵, com seu Dell⁹⁶ apoiado sobre suas coxas, o site do *Jornal Caldwell Courier* estava na frente e no centro da tela, e a dor de cabeça que ele tinha não era pela claridade.

Seu trabalho estava exposto pra ele. Presumindo que Devina não tivesse mentindo sobre a alma.

Ontem a noite, Thomas DelVecchio Jr. esteve na mata com um cara que ele estava investigando, negócio usual para um detetive de homicídios, certo? Errado. A chave no trabalho era o fato de que David Kroner, que se acreditava ser um assassino em série, havia sido levado de volta a cidade ao fim dos negócios em uma ambulância. Onde ele foi tudo, menos molho de tomate.

E isso era apenas o começo da diversão e jogos. Depois de passar quase duas horas vasculhando a net, Jim sabia o suficiente para encher um livro sobre DelVicchio... e o pai do rapaz.

Nada disso era uma boa notícia.

— Droga, Cão, — ele murmurou.

Cão soltou um pequeno ofego e colocou a pata no antebraço de Jim, como se lhe oferecendo apoio.

A questão era, onde estava a encruzilhada de DelVecchio? Havia sido naqueles bosques na noite passada?

Não, porque então Jim teria perdido antes de ter começado, e ele tinha que imaginar que estava fora do alcance das regras. Não significava que Devina não pudesse ter dado uma chance a isto, no entanto.

E nessa nota...

— Onde esta você, vadia...

A demônio estava em algum lugar nisso tudo, trabalhando nos bastidores, tentando puxar as cordas para que o DelVecchio mais novo entrasse profundamente na dela.

A rota poderia ser através do pai. Redigitando o nome do cara no Google, Jim entrou em outra navegada na Web e o que encontrou, o fez questionar se valia a pena salvar a humanidade:

⁹⁴ **Missão crítica** — é o termo utilizado na disponibilidade de aplicações, serviços e processos, dos quais perda de dados importantes poderiam gerar transtornos

⁹⁵ **Marriott** — Hotel de luxo internacional.

⁹⁶ **Dell** — Marca de Notebook

site após site de adoração ao herói, blogs sobre o bastardo, oh, veja, role-playing⁹⁷ com base nas mortes. Trabalhos artísticos no eBay⁹⁸. Autógrafos.

O cara era sua própria indústria caseira, mas não ia durar, aparentemente. Esperava-se que suas luzes se apagassem em Connecticut muito, muito em breve.

Então novamente, talvez ele vivesse para sempre na infâmia: Havia vigílias contínuas acontecendo fora da prisão. Não havia dúvidas de que aquela coleção de manifestantes não iria parar a execução, mas eles eram uma indicação de que o bastardo podia ainda ser mais que uma celebridade, uma vez que ele estivesse no chão.

De acordo com os arquivos CCI, o DelVecchio mais velho cometeu a maioria de seus assassinatos em Nova York e Massachusetts, e o primeiro relatório da AP⁹⁹ das vítimas datavam até meados dos anos noventa, quando um corpo foi encontrado em... Caldewell, Nova York. Levou cerca de três anos de abates aparentemente aleatórios para as autoridades darem o pontapé de que eles tinham um assassino em série em suas mãos. Parte do atraso foi pelo fato de que ele deixava corpos em vários estados e as investigações diferentes foram realizadas com graus variados de competência da polícia local. Mas a outra coisa era, pelo menos no início, DelVecchio fez de seu objetivo esconder os restos bem, e criativamente.

Os pontos foram ligados, no entanto, e depois se transformou em uma corrida para pegar seja quem fosse o assassino. O batedor de bunda foi que DelVecchio esteve nos olhos públicos o tempo todo, um negociante de antiguidades, e não apenas bugigangas e falsificações. Ele esteve no topo dos acervos com essa, importação de estátuas e artefatos e tábuas do Egito e do Oriente Médio.

Filho da puta bonito. Até mesmo teve um artigo na *Vanity Fair*¹⁰⁰ sobre ele, em que ele entrou em alguns detalhes. Aparentemente, entre viagens ao exterior, e as festas no Metropolitan¹⁰¹, DelVecchio Sênior conseguiu engravidar alguma mulher. O filho nasceu no dia do aniversário do pai, vinte nove anos atrás, mas não havia vida em família de que falar. Sem outras crianças.

Apesar de ter algum tipo de contato: Acabou que o assassinato daquela mulher foi a chave para a eventual captura de DelVecchio, o primeiro vínculo que trouxe a corrente que ele estava juntando. O resto era história, por assim dizer.

— A-nta-r?

Jim olhou por cima do laptop. Em pé na porta conectora aberta, Adrian tinha uma caixa de pizza entre suas mãos e metade de um pacote de seis cervejas pendurados nos dentes.

— Oh, sim. Obrigado, cara.

Eddie veio atrás do cara com uma segunda caixa.

— Ele pediu a dele com tudo, e a isca maldita.

Ad parou na cama e abaixou as cervejas.

— Elas são chamadas de anchovas, idiota.

⁹⁷ **Role-playing** – jogos de RPG. Definição em português: “jogo de interpretação de personagens.”

⁹⁸ **eBay** – É o maior site do mundo para venda e compra de bens.

⁹⁹ **AP** – Associated Press, agência de notícias norte-americana.

¹⁰⁰ **Vanity Fair** – Revista de variedades dos Estados Unidos.

¹⁰¹ **Metropolitan** – Museu.

O ‘tanto faz’ foi dito entre eles. Jim alimentou Cão primeiro, dando ao rapazinho algumas crostas da pizza que não era de Adrian. Indo por seu rabo curto e grosso, o gororoba estava mais do que boa o suficiente.

— Então, como é que sabemos que Devina não mentiu pra você? — disse Adrian, antes de dobrar uma fatia no meio e colocar a parte pontuda na boca.

— Essa confusão quente está diretamente em nosso beco. — Ele mudou para o artigo sobre a execução e virou o laptop ao redor. — Encontrei o pai do rapaz. E espere, há mais.

Enquanto comiam, ele mostrou a eles alguns dos sites e cobriu com a redação online sobre a viagem do pequeno Júnior até a floresta com o assassino em série. Enquanto seus parceiros liam, houve a quantidade certa de *Inferno Fodido*, o que era satisfatório.

Ele terminou sua terceira fatia.

— Precisamos descobrir o que aconteceu naqueles bosques na noite passada.

— O artigo diz que DelVechio não tem memória alguma.

Jim olhou para Eddie, conhecido como mestre de truques.

— Isso é onde você entra. Eu quero entrar na mente desse cara, e você precisa me dizer como fazer isso.

Ad encolheu os ombros.

— Pessoalmente, eu teria usado um serrote, mas...

— Há possíveis consequências e efeitos colaterais, — disse Eddie com cuidado.

— Como o que?

— Bem, no pior caso... ele poderia acabar como Adrian.

— Hey.

Jim cortou os protestos do anjo.

— Desafinado. Aberração das agulhas¹⁰²

— Viciado em sexo, — Eddie acrescentou.

— Isso seria ‘*deus*’. — Ad abriu uma Bud¹⁰³. — E eu continuo dizendo as pessoas, não sou desafinado.

— Nós já passamos por isso antes. — Eddie limpou a boca. — Se você não pode ouvir o quanto desafinado é, como você sabe?

— Eu não sou desafinado.

— Sim você é, — Jim e Eddie disseram juntos.

Antes que essa discussão saísse do controle, Jim ficou sério com Eddie.

— Então me diga o que eu preciso saber.

— Você vai ter que explicar o que está procurando em primeiro lugar.

Jim tomou um longo gole da sua lata de cerveja.

— Eu quero saber onde Devina está em tudo isso. O que ela tem nesse ângulo e de que maneira ela é susceptível para levar merda. É disso que eu estou atrás.

E dado o que estava fazendo com o pai? Ele já tinha suas suspeitas.

¹⁰² **Needle Freak** – refere-se a pessoa que sente excitação por sentir uma agulha entrando em seu corpo. No caso o personagem Adrian é descrito como possuidor de piercings em lugares que a maioria das pessoas não iria querer uma agulha por perto.

¹⁰³ **Bud** – Marca de Cerveja



Naturalmente, Veck tinha que ver o que estava no porta-malas, Reilly pensou enquanto entrava em sua garagem.

O universo simplesmente não podia deixar passar uma oportunidade como essa para colocá-la numa boa.

Enquanto sua porta da garagem subia, ela olhou para seu parceiro.

— Deixe-me adivinhar... você gosta de levar as compras, bem como pagar por elas.

— Sim, eu gosto. — Ele olhou para os assentos. — Como eu disse, eu sou antiquado. Mas se você quer fazer o dever, eu recuo.

E era por isso que ela não tinha problemas com ele.

Além disso, ele podia lidar com a comida, enquanto ela agarrava as VS¹⁰⁴ no porta-malas: Independente do quanto estava embaraçada, ela não iria deixar aquelas coisas para trás. Não havia como fingir que a descoberta não tinha sido feita, mas o mais importante, não havia razão para se esconder. Ela era uma mulher crescida e ela podia comprar pra si.

Quando a voz em sua cabeça ficou mais estridente e defensiva, ela se perguntou com quem exatamente estava falando.

Provavelmente com seu pai.

Cortando o discurso ridículo, ela estacionou o carro. Enquanto Veck saía e pegava as sacolas do Hannaford, ela rodeou para a traseira do sedan, estalando o porta-malas e mantendo o queixo erguido, enquanto ela pescava todas as suas rendas adoráveis e liderava o caminho até sua cozinha.

— Wow, — ele disse olhando para as paredes. E as cortinas. E os balcões.

— Eu deveria ter avisado você.

A boa notícia sobre o pesadelo do tema de galo que cobria a cozinha, era que isso geralmente fazia as pessoas pararem e olharem ao redor, então ela teve a oportunidade de esconder suas bolsas em um canto, fora da vista.

— Eu não acho que eu já vi...

Com um aceno de cabeça, ela estava grata por ele não terminar aquilo, embora não era como se tivesse que fazer.

— ...tantos pintos em um só lugar. — tinha sido deixado no ar com solidez, se arrepiando, frequentemente.

— A velinha que morava aqui antes gostava deles. — Oh, Deus, isso soava horrível. — Desde que me mudei pra cá há dois anos, eu tenho pensado em pegar uma tesoura e começar a picar os cantos. Mas há sempre algum tipo de trabalho que me mantém ocupada.

Embora vendo pelo olhar dele a fazia desejar ter se focado nisso um pouco mais. O padrão do papel de parede tinha três galos de forma alarmantemente exagerada em poses diferentes, como se fossem fisiculturista competindo por um troféu. O esquema de cores era marrom, vermelho e creme, com tufo de grama verde sobre seus pés tripartidos. E de alguma forma,

¹⁰⁴ VS – Victoria's Secret.

mesmo que o material tivesse estado nas paredes há uns bons vinte anos, manteve uma vivacidade de arregalar os olhos.

— Sou eu ou os olhos deles te seguem? — Veck perguntou quando ele colocou as sacolas no balcão.

— Não, eles estão observando você, certamente. Fez maravilhas pra minha dieta, eu me sinto como se estivesse comendo com uma audiência, e não tive frango aqui desde maio passado.

— Isso é como *Os Pássaros*.¹⁰⁵

— Exceto o tema de fazenda. Eu sei. — Quando ela se aproximou e abriu o armário debaixo do fogão, disse: — O fato de que eu estou ficando um pouco acostumada com isso me assusta. Como se talvez ele me hipnotizasse. A propósito, as panelas estão aqui embaixo. Tigelas aí embaixo e facas nas gavetas perto da máquina de lavar louça.

— Obrigado.

Quando ele tirou o casaco, seus grandes ombros rolaram de uma maneira que devia ser apenas sobre tirar a roupa, mas de alguma forma em sua mente, isso se transformou em algo nu e ofegante.

Tempo para uma distração, ela pensou quando ele começou a desempacotar.

— Ei, porque eu não imprimo o arquivo do caso, enquanto você começa com a comida? — ela disse.

— Isso seria ótimo.

— Pode demorar um pouco. Minha impressora é antiga.

— Nós temos tempo.

Evidentemente: Indo pela maneira como ele estava se concentrando no saco de fritas, ele estava prestes a realizar uma cirurgia no cérebro com a ajuda do microondas dela. E okay, *wow*. A rotina calma, impassível, e bonita-como-o-inferno era sexy, mas esta consternação o tornava acessível. Ela nunca antes considerou o ângulo fanático, mas então, mesmo as pessoas de boa aparência podiam ser perseguidas pelos motivos errados, não podiam?

Em seu escritório no final do corredor, ela conectou ao banco de dados do CPD, abriu o relatório, e permaneceu ao lado da impressora, pronta para realizar a Heimlich¹⁰⁶ quando a coisa ficasse presa, o que ficou. Duas vezes.

O primeiro indício de que nem tudo estava bem no outro extremo da casa era o aroma inconfundível de carne queimada de enrugar o nariz. O segundo foi a explosão de maldições.

Que se manteve até que ela voltou com as cópias.

Monte de bombas-F.

E então o detector de fumaça disparou.

Santa fumaça estava certo. O que quer que estivesse na panela no fogão, o hambúrguer de carne, provavelmente, mas com Veck, talvez fossem os nachos, necessitava de uma mangueira de incêndio. Mas ele estava nisso, indo para a pia com a bagunça, colocou-a lá dentro, e não abrindo a água ainda. E ele estava instantaneamente sobre a unidade gritante no teto, abanando o detector com um pano de prato, sem ter que ficar nas pontas dos pés.

¹⁰⁵ Filme norte americano de 1963, um clássico de suspense de Hitchcock, *The Birds* é sobre pássaros de todas as espécies que passam a atacar a população, em número cada vez maior e com mais violência, deixando todos aterrorizados.

¹⁰⁶ **Heimlich** — A Manobra de Heimlich é o melhor método pré-hospitalar de desobstrução das vias aéreas superiores.

— Eu acho que um dos galos aumentou o fogo, — ele soltou.

— Não seria surpresa pra mim.

Ela escondeu um sorriso quando colocou os papéis na mesa e deu uma olhada no que ele tinha colocado em um prato: Pedacos alaranjados de queijo que tinham se colado ao nível molecular com a camada de Santitas¹⁰⁷.

Só uma coisa a fazer agora, ela pensou.

Indo para o telefone, ela disse:

— O que você gosta em sua pizza, oh, poderoso fazendeiro.

— Pepperoni e salsicha.

— Boa pedida.

Quando ela discou o conjunto local, olhou por cima. A parte inferior de sua camisa havia subido, e ela teve um vislumbre claro da cintura preta de sua calças Calvins... bem como um trecho de pele esticada que tinha aquela linha escura escorrendo de seu umbigo.

Demorou pouco tempo para seu cérebro seguir de volta para a cena do banheiro na noite anterior. Um instante e lá estava ela, vendo o corpo dele nu.

— Oh, sim, oi. — Ela se afastou rapidamente. — Esta vai ser para entrega. Sim, sou eu. Grande de Pepperoni e salsicha. Ahã. Não, sem bebidas... Não, eu não quero uma segunda pizza de graça... Não, sem asas... Não, obrigada, não precisamos de... fatias de canela, também... — Pelo amor de Deus, levou mais tempo para fechar o ‘negócio’ do que para eles fabricarem, e entregarem a maldita pizza. — Ótimo, obrigada.

Desligando, ela endireitou os ombros e girou ao redor...

Veck estava logo atrás dela, suas pálpebras a meio mastro, o seu corpo muito maior do que parecia quando ele estava a cinco metros de distância dela.

Ela não se moveu, nem ele.

— Você acredita que a confissão é boa pra alma? — ele disse sombriamente.

— Sim...

— Então eu tenho algo que é melhor eu lhe dizer.

Oh, Deus, era por isso que eles lhe dizem para não misturar negócios e prazer: Quando os olhos deles se encontraram, ela não estava pensando sobre o caso. Ela estava pensando que podia ter que fazer um pouco de sua própria admissão.

Eu vi você nu ontem a noite e você é lindo.

— O que? — ela respirou.

Eu quero você mesmo que eu não deva.

Engolindo em seco, ela disse:

— Me diga...

Capítulo 11

¹⁰⁷ *Santitas* – Marca de tortilhas chips que são feitas de milho.

Veck sabia que não devia ter respondido a parceira e estava seguro que não devia ter vindo para ficar tão perto dela. O mais certo seria começar a limpar a porcaria que fez com a comida, invés de criar outra.

Só que ele a viu encarando seu corpo, com uma expressão no rosto de uma fome devastadora. Surpreendente? Sim. Satisfatório? Poderia, se decidissem explorar esse caminho.

O problema era, este não era o tipo de questão que poderia ser resolvido com água quente e sabão.

— O que é? — ela sussurrou.

— Eu quero... — A palavra era tão grosseira que a manteve para si.

— Diga.

Ele inclinou-se e colocou os lábios à orelha dela.

— Você sabe exatamente o que eu quero.

— E eu quero que o diga.

— Tem certeza disso. Não é nada simpático.

Antes que ele pudesse se arrepender, ela o alcançou e colocou as mãos em seus quadris. O toque dela era tão suave como uma sombra que caía sobre ele, mas ele sentia as chamas que queimavam através de si. E uma coisa era certa, se ela o puxou para ela... Ela iria saber *exatamente* o que ele queria.

O aperto sobre ele aumentou.

— Conte-me.

A voz dele passou a um rugido.

— Eu quero *foder* você.

Enquanto ela gemia um pouco, ele continuou.

— Eu quero você nua. Debaixo de mim. E eu quero estar dentro de você. — Ele baixou e passou a boca no pescoço dela. — Mas eu sei que você é especialista em conflitos de interesses, então está mais que familiar com todas as razões que fazem disto uma péssima ideia.

Era a deixa para ela se afastar. Ou ele saltar fora.

Nenhum se moveu.

Merda, o corpo dele estava ameaçando sair do controle, a ereção pressionava para se libertar e fazer o que fazia de melhor. O que significava que se eles iam fazer a coisa certa aqui, a força teria que vir dela...

— Dê um tapa, — ele rosnou. — Empurra-me... pelo amor de Deus, tranque-se no banheiro ou qualquer coisa assim. Porque se não, eu vou...

— Beije-me.

Deus, o tom que ela usou: aquilo era um comando, ali mesmo. E quem ele era para desobedecer a uma ordem? Especialmente de um superior?

Veck alcançou-a e enrolou um braço ao redor da cintura dela. Com um duro e impaciente puxão, jogou-a contra o corpo dele. O próximo movimento era tirar-lhe o que prendia o cabelo e atirá-lo ao chão.

Cara, ela era comestível sem aquela coisa sem estar puxada para trás, a massa vermelha descia-lhe pelos ombros, pedia mesmo as mãos de um homem nele.

Enquanto ele agarrava-lhe o cabelo na nuca com força, ele estava malditamente consciente de que ele estava a dominando-a, tomando o controle do corpo, agarrado-a como se ele quisesse arrastá-la para a mesa da cozinha e ajoelhar-se entre suas pernas de maneira que pudesse sugar seu sexo.

Mas então, novamente, isso é o que ele queria fazer.

— Desculpa, — ele disse, consciente de que se estava se desculpando não só pelo que estava prestes a fazer, mas também por todas as merdas que passavam pela cabeça nesse momento, todas as coisas sujas e baixas que ele queria que fizessem.

E então ele selou seus destinos ao selar-lhe os lábios.

A boca dela era tão suave sobre a dele, assim com os seios dela contra seu peito e os quadris dela contra o seu pau... ela era suave e quente, o tipo de coisa onde ele queria escorregar e manter-se dentro por um tempo. Mas mesmo quando a pélvis dele curvava e a ereção pulsava, no fundo de sua mente ele sabia que conflito de interesses não era o maior problema que eles tinham. Por mais que ele quisesse fingir que estava no seu estado normal, ele tinha o interior brutalmente rasgado, entre a merda na floresta e as últimas notícias de seu pai.

E ainda estava preocupado que Reilly parecesse como exatamente o tipo de Band-Aid que ele precisava...

Foi o último pensamento lógico e decente que teve.

Enquanto a penetrava com a língua, os braços dele aumentaram a pressão e a parte de baixo de seu corpo doeu outra vez, seu pau apertou e golpeou espremendo-o ainda mais. E isso foi antes dele sentir o estremecer que passou por Reilly. Claramente, ela estava exatamente como ele, especialmente quando o arranhou com as unhas nos ombros e as suas coxas se afastaram dando uma abertura para ele empurrar uma das suas pernas entre elas.

Com uma maldição interna, ele a girou em volta e levemente a pousou na mesa, em cima dos papéis que ela acabara de imprimir. Imagens dela com as pernas nos ombros dele e ele lambendo o centro de seu interior o fez pensar que talvez tivesse lançado falsos alarmes com a sua F-bomb¹⁰⁸.

Bem, realmente não erram falsos. Ele simplesmente juntou uma atração turística, a caminho do grande evento.

Sua mão deslizou para a parte de fora da coxa dela e levantou sua perna, esfregando-se ainda mais perto de onde realmente queria estar. Quebrando a sucção das bocas, ele afundou-se no pescoço dela mordiscando e lambendo.

— Deixe-me vê-la, — ele rosnou em sua garganta. — Deixa-me...

Dentro, disse outra voz.

Abruptamente, ele perdeu o ritmo, saindo da espiral e olhou para cima. Agora seu coração batia por um motivo diferente.

— O que foi? — ela perguntou.

Os olhos dele percorreram todo o compartimento. Mas não havia sombras que rodeassem a cozinha. O chão não rangia ou havia chiados de dobradiças. Nada espreitava pelas janelas.

¹⁰⁸ **F-bomb** — significa o uso da palavra Fuck, ou seja, Foda.

Depois de um momento, a adrenalina desapareceu e ele tornou-se novamente consciente do que estava fazendo com ela.

Talvez tenha sido apenas um pensamento muito sonoro.

E considerando o que aconteceu com Kroner na noite anterior, não o fazia se sentir nada bem.

A mão dela subiu e pousou na bochecha dele.

— Você está bem?

— Não. — Ele olhou para o rosto dela. Sentiu o corpo dela de baixo do seu. Ouviu sua respiração profunda. — Mas eu não quero parar. Você é real para mim... e eu estou fodidamente necessitado disso neste momento. Eu necessito... de você agora.

Ela não era como qualquer outra mulher que ele teve: seus olhos inteligentes viam demais, sabiam demais. *Inferno*, ele esteve nu na frente dela desde o primeiro momento que a conheceu, e isso deveria tê-lo feito correr na direção oposta. O que ele fez? Ele simplesmente queria todas as merdas dela.

— Então me possua, — disse ela, puxando a camisa para fora da saia.

Ele não lhe deu mais de uma fração de segundo para que mudasse de ideia: ele tomou os lábios, mergulhou, correndo as mãos debaixo da abertura que ela lhe deu, tendo contato com muita pele quente e feminina. E então os botões desapertaram como se todos tivessem o mesmo objetivo: livre acesso.

Ele afastou-se quando o último se abriu... Foda-se

Renda vermelha. Uma confusão de renda vermelha sobre um par de bem proporcionados seios.

O que significava que pelas brechas da renda ele conseguia ver os mamilos, tensos e empinados.

— Gostou do que eu trouxe hoje? — ela perguntou roucamente.

— Nada mau. — ele tossiu quando a voz falhou. — Nada mau mesmo. Mas o que está debaixo é ainda mais quente.

Com uma graça calma, as mãos dela subiram e ela tocou-se através do sutiã fino subindo até as alças brilhantes... então as desceu até aos mamilos duros que imploravam por ele.

Com um uivo, ele subiu-lhe a saia e colocou-se entre as pernas dela, abrindo-as ainda mais com as seus quadris enquanto seguia pelo que prendera sua atenção: atraindo-a para sua boca através do sutiã espetacular, a renda raspou sua língua, mas também a tensa pele rosa que aparecia entre furos da renda.

Não demorou muito para não ser o suficiente.

Com uma mão rude e impaciente ele puxou a taça para baixo, revelando o mamilo.

— Inferno fodido... — ele disse entre dentes. — Você é...

Desinteressada em que ele falasse: ela rapidamente agarrou-lhe a nuca com os dedos e puxou a cabeça para o seio. Enquanto ele a sugava, ela saltou para fora da mesa e esse movimento, esse saltar, o impulso exigente derrubou o resto de restrição que ele possuía. De uma vez, ele dominou, passando um de seus braços por baixo dela e levantando-a mais, usando a outra

mão para ir direito entre suas coxas, para aquela excitação entre sua meia-calça e a calcinha estava.

Ele roçou o sexo, a palma atingindo o topo, logo onde ela precisava...

— Veck!

O som do nome dele era tudo sobre querer mais e mais e mais. E ele ia dar-lhe tudo o que ela queria. Mudando de lado, ele mordeu a outra metade do sutiã e o puxou para baixo com os dentes, antes de sugar o outro mamilo.

Apesar disso, também não era suficiente. Ele necessitava ter o contato completo com o corpo nu. Aqui, agora...

O gemido que rompeu dela era o tipo de confirmação que ele precisava ouvir.

Cristo, isto ia acontecer, ele pensou. *Isto ia acontecer.*



Veck era totalmente dominante.

Reilly não esperou nada menos que isso, mas o que era uma surpresa era o quanto isso a excitou. Uma parte disso era a sensação de que se ela ficasse desconfortável com a situação ele pararia no mesmo instante. A outra parte era a forma como ele a tocava, a confiança, o poder, a possibilidade erótica que vinha de sua boca e as mãos dele, e dos seus intensos olhos quentes.

Não havia dúvida que ele começou com um talento natural para o sexo... que o desenvolveu ao longo dos anos.

De repente, como se ele tivesse lido sua mente, ele a olhou fixamente enquanto dava-lhe pancadinhas no mamilo com a língua... e enquanto as pálpebras dele desciam, ela sabia que ele queria que o observasse.

E que visão era.

Ele puxou seu sutiã para baixo e trabalhava ali, lambendo e chupando enquanto as mãos a empurravam. *Deus*, ele era grande, em toda parte. Sua ereção era um longo e duro cume que se roçava no interior da coxa dela, os seus ombros eram tão largos que ela não podia ver nada atrás dele, e a parte de baixo do corpo ocupava todo o espaço entre as suas pernas afastadas.

Com o seio alçado para cima pelo sutiã que ele puxou para baixo, a camisa estava totalmente aberta e a saia estava toda enrolada na cintura, o próximo movimento lógico era lhe tirar o nylon fino cobrindo suas pernas e ela levantou a pélvis da mesa quando sentiu os movimentos circulares da mão dele a pressionarem mais nela. Enfiando os dedos no elástico da cintura ela sacudi os quadris, descendo o elástico até as coxas.

— Eu assumo daqui. — Veck afastou-se, os olhos dele estavam em brasa enquanto olhava para o corpo dela. — Mmm... logo onde quero estar.

Enquanto ele sorria como um predador, ela subiu os joelhos para ajudá-lo a tirar a roupa mais facilmente. E só quando as meias finas estavam livres de seus pés é que ela pensou o quão longe isto iria. Ela realmente continuaria o que eles começaram até a conclusão que ambos queriam?

Se era um “sim,” havia muitos aspectos práticos para lidar.

Mas, bolas, falar neste momento de preservativos era um estraga clima, e, sim, agora ela sabia por que as pessoas tomavam decisões estúpidas no que dizia respeito a sexo. Todas as coisas que realmente importavam, coisas que iriam ferir depois destes momentos intensos que já tivessem passados e terminado, coisas com que ela teria de viver, talvez para sempre... neste momento eram nada mais que ecos que ela quase não conseguia ouvir, falados numa linguagem que ela não queria traduzir.

Cinquenta mil anos de evolução sabiam o que se seguia.

De repente, Veck voltou à sua boca, beijando-a profundamente enquanto as mãos navegavam para baixo...

A maldição que saiu da garganta dela era mais uma vibração do que um som: As mãos dele estavam novamente entre suas pernas, roçando o interior das coxas, indo em direção ao conjunto do sutiã que ele já vira e dominara.

— Veck! — ela ladrou outra vez quando a mão dele tocou o centro da tira de cetim.

Ele foi cuidadoso, pondo apenas pressão suficiente naquele local tão sensível, atingindo-a nesse círculo apertado que fazia com que o seu corpo fosse do relaxamento a tensão insuportável.

Que se lixasse a calcinha, ela não queria nada entre ela... e ainda assim a barreira de cetim não era de todo mau, parecia que a costura superior adicionava outra dimensão ao ritmo que ele impunha. E ele não parava de lhe beijar a boca, o pescoço ou o seio, até ela sentir que ele estava por toda parte, rodeando-a, tomando-a apesar de ainda não terem realmente se unido.

Com uma mudança rápida, ele afastou o tronco dela e pressionou os quadris em seu sexo, fechando os seus corpos juntos. Então arqueando o tronco, ele ancorando-se a ela, atingindo-a com sua ereção enquanto observava a conexão.

Deus, o rosto dele estava sombrio com a fome, aquela sua reserva fria desaparecera, aquela máscara de impassividade foi para o inferno e desapareceu a necessidade dominadora que tencionava sua mandíbula.

Eles *iam* fazer isto, ela percebeu.

O que era um choque. Na sua vida, as escolhas eram baseadas em informações de *devia*, *precisava* e ainda o *melhor não*. Este sexo quente estava definitivamente na última categoria... e mesmo assim ela não conseguia parar.

Eles faziam seguramente, contudo, mesmo que não na cama. Esta mesa iria ser suficiente.

Mas havia coisas que ela queria ter uma melhor sensação em primeiro lugar.

Deslizou a mão para baixo no corpo dela, e colocou a mão entre eles...

Veck deixou a cabeça cair para trás.

— Foooodaaa...

O sentimento perfeito: A ereção dele ainda era maior do que ela imaginava e estava mesmo na mão dela.

O som da campainha da porta soou mais alto que o som de uma bala.

E por um momento, ela não conseguia compreender que inferno de barulho era aquele e por que raio ela deveria se preocupar.

Veck recuperou o senso antes.

— Pizza.

— O qu... ê?

Com um rápido pensamento lógico, ele alcançou as lâmpadas e alterou a direção para que quem tivesse trazido o pepperoni e salsicha não recebesse um show. Então com mãos eficientes ele puxou a camisa dela de volta e pôs-lhe a saia para baixo, alcançou as próprias calças, rearranjando sua excitação para que sua braguilha não parecesse uma tenda de circo.

— Eu trato disto, — ele disse com uma voz nivelada. Como se nada tivesse acontecido. Em absoluto.

Enquanto ele se dirigia para a porta da frente, Reilly sentou-se lentamente, a cabeça vagueava e o corpo tremia. Mantendo a blusa fechada, a rápida recuperação dele a fez se sentir completamente fora de controle, e então ela saiu da mesa e os papéis do caso Barten caíram todos no chão.

A confusão de folhas soltas formava uma espécie de tapete aos seus pés e eram exatamente o tipo de espelho que ela precisava para se ver claramente: Do outro lado da cidade, havia uma família inteira que chorava a perda de uma filha e invés de focar na dor deles e em seu trabalho... ela estava atracada a um homem de quem ela nem sequer devia estar perto.

Ela não conseguia imaginar um conflito de interesses maior do que este. Era um maldito compêndio.

Lutando com os botões da camisa, ela os apertou rapidamente e se debruçou para apanhar as cópias dos relatórios. Quando os cabelos caíram-lhe no rosto, ela pensou, onde estava seu elástico de cabelo?

Quem diabos saberia.

Enfiando a confusão enredada para trás das orelhas, ela juntou as impressões com cuidado, reordenando as folhas, separando-as em duas pilhas, a dela e a de Veck. Separar era melhor.

Teria ela perdido o juízo?

No hall, o profundo ressoar de um agradecimento foi seguido de um fechar de porta e dos passos dele voltando para a cozinha.

Endireitando-se rapidamente, ela colocou os dois montes de papéis na mesa e manteve os olhos neles. Ela não conseguia olhar para ele. Simplesmente não tinha a força para isso neste momento.

— Acho melhor você ir embora. — A voz dela não soava bem, mas também, ela não se sentia bem.

— Okay. Eu chamo um táxi.

Porcaria. A mota dele estava na estação de polícia, não estava?

Com uma maldição silenciosa, ela murmurou:

— Não há problema. Eu posso levar você...

— Não, um táxi é melhor.

Ela assentiu e roçou a página da frente de um relatório... exatamente onde os dados vitais de Sissy e sua data de desaparecimento estavam listados.

— Nós revisaremos isto no escritório na manhã de amanhã.

— É. — Enquanto ele vestia o casaco, o som de tecido contra tecido parecia mais alto que a campainha da porta. — Desculpe.

Ela cruzou os braços e assentiu outra vez.

— É, eu também. Não sei o que me deu.

Mas ela sabia muito que teria dado se o jantar não tivesse chegado naquele momento

Momentos mais tarde, ele partiu, e fechou a porta atrás dele tão suavemente que não fez qualquer som.

Quando ela finalmente olhou para trás, tudo o que viu foi a pizza no balcão. *Uh-huh*, certo, como se ela fosse comer alguma coisa neste momento. A caixa foi diretamente para o congelador.

No caminho para fora, ela passou pela mesa e encontrou sua meia calça nas costas de uma cadeira. O elástico do cabelo, por outro lado, estava no chão à entrada da sala de jantar. Baixando-se para apanhar o elástico, ela ficou com os olhos no nível do símbolo da Victoria Secret.

E percebeu que o seu sutiã ainda estava muitooooooooo fora do lugar.

Ela deixou as sacolas onde estavam e corrigiu o problema imediatamente com poucos gestos e muito maldizer.

Enquanto seguia para as escadas, pensou, *amanhã iria usar a velha e aborrecida roupa íntima de algodão para ir trabalhar, muito obrigada.*

Capítulo 12

— Pergunta. Ainda é A e E¹⁰⁹ se você realmente não tiver quebrado nada para entrar?

Adrian cantarolou uma música enquanto Jim e os rapazes tomavam forma no hall da entrada de Thomas DelVecchio Jr. e considerando tudo, o anjo poderia ter tecido comentários bem piores. Ou ter rompido em reedições ensurdecedoras de “Take Me Out to the Ball Game¹¹⁰.”

Jim nunca passara tanto tempo rezando por tampões de ouvidos.

Pelo menos o maldito não tentava fazer Rap.

— E então? — disse o Ad.

— Olha, nós nem sequer existimos, — Jim murmurou. — Então você pode argumentar que não estamos aqui de qualquer maneira.

— Excelente ponto. Acho que isso é legal.

— Como se lhe importasse se esse merda não fosse.

A casa era decorada exatamente no estilo Jim: funcional, nada de especial, muito espaço vazio. O problema? Nada de muitos toques pessoais e eles precisariam de algum material de metal. De preferência ouro, prata ou platina. E se conseguissem algum objeto com marcas suficientes de Veck, poderiam utilizá-lo como conexão ao cérebro do homem à distância: De acordo com Eddie, era muito arriscado fazer cara-a-cara. Não com Devina por perto.

— Vamos nos dividir, — disse o Jim. — Eu cubro o segundo andar.

¹⁰⁹ **B and E** – (breaking and entering) no original; **A e E**, arrombar e entrar.

¹¹⁰ **Take Me Out to the Ball Game** – Música de 1908, era um hino de basebol e pode ser ouvido aqui: <http://en.wikipedia.org/wiki/File:MeekerBallGame.ogg>

Enquanto Ad e Eddie se dispersavam, ele subiu os degraus de dois em dois. O quarto principal ocupava praticamente todo o segundo andar, apesar de que isto soava mais impressionante do que na realidade era, talvez porque a área total do apartamento não era mais do que sessenta e cinco, sessenta e sete metros quadrados.

— Cristo, tanta coisa, amigo? — ele murmurou.

Não havia nada no quarto além de uma grande cama e uma mesa de cabeceira de baixa qualidade com um abajur. Não havia relógio de alarme, o cara provavelmente usava o celular para isso. Não possuía telefone fixo, mas para que precisaria de um? O indispensável televisor de tela plana e o controle remoto no meio dos lençóis revoltos.

Algumas roupas sujas num balde de plástico em um canto, meias e boxers se penduravam dos lados como se fossem baba de algodão preto. O armário aberto... *merda*, tudo arrumado em cabides, o que era mais do que a mala com que Jim vivira por anos. Na parte de trás da porta tinha alguns cintos com a fivela de metal, mas precisava ter algo melhor que ele pudesse usar.

Dirigiu-se ao banheiro. Todas as luzes estavam apagadas, mas o cara não acreditava em cortina então tinha suficiente luz da rua para seguir. Assim que ele entrou no quarto pequeno e apertado, sua nuca ficou maluca, um formigueiro na pele.

Devina

— Onde você está? — ele disse virando-se num círculo apertado. — Onde diabos está...

A demônio tinha de estar ali, ele conseguia sentir a presença dela que pairava no ar, como o fedor de lixo depois de já ter sido esvaziado.

E isto não emprestava crédito nenhum à revelação de Devina no jantar.

Ele virou-se para o lavatório e franziu o cenho. O espelho estava coberto com uma toalha e o arrepiu na nuca aumentou a intensidade quando ele tirou a toalha. Nada mais que um armário de medicamentos dos anos oitenta na parede. Mas a face frontal espelhada da coisa estava rudemente contaminada.

Teria ela passado através dele de algum modo? Ele perguntava-se.

No instante em que seus dedos tocaram a face reflexiva, ele retirou a mão. O armário de remédios estava gelado.

Merda, Veck sabia que alguma coisa andava a trás dele, não sabia? Porque mais ele iria tapar a coisa? A questão agora era o quanto a demônio o queria.

— O que você fez com ele, vadia?

Recolocando a toalha, Jim abriu as gavetas dos móveis, chacoalhando o desodorizante de reserva, a pasta de dentes extra e o cortador de unhas, *hey*, talvez isto funcionasse. Exceto que dificilmente elas eram algo com que o cara teria uma ligação emocional.

Luz deslizou pela frente da casa, atravessando a janela onde Jim estava em pé, lembrando-o que ele não se preocupou em ficar invisível.

Tornando-se invisível, ele olhou pela janela. Diretamente abaixo e em movimento, estava Veck saindo de um táxi amarelo.

Jim deslizou como um fantasma para fora da suíte e pairou até o fundo das escadas, tornando-se nada mais que uma perturbação no ar. Na cozinha ele descobriu que Ad e Eddie

havam feito o mesmo que ele, e os três esperaram juntos, formando nada mais que uma bolsa de ar quente no canto mais afastado do espaço.

Ela já está nele, ele pensou para os rapazes.

Posso senti-la daqui, Eddie mandou em retorno.

Na ponta do hall, a porta abriu e fechou, e foi trancada. Então o ouviu-se um pesado arrastar de pés vindo na direção de onde eles estavam.

— Inferno... Fodido...

O amaldiçoar continuou enquanto Veck entrava na cozinha, atirava as chaves e tirava o casaco. O movimento seguinte foi ir até o congelador buscar uma longneck¹¹¹. Abrindo a tampa e bebendo de uma vez, estava claro que ele teve uma péssima noite.

De repente, o homem levantou a cabeça, baixou a cerveja e olhou diretamente para onde eles estavam.

Ele não deveria ser capaz de senti-los quanto mais de vê-los.

Ninguém se moveu. Incluindo Veck.

E então foi quando Jim olhou para o chão atrás do detetive... e reparou que o cara formava duas sombras.

Uma só fonte de luz? Duas manchas opostas aos pés?

Mantendo-se calado, Jim apontou para o chão e o homem mais próximo dele assentiu.

Veck com o seu braço comprido alcançou o interruptor e ligou as luzes. Olhou para todo lado.

— Inferno... fodido.

Obviamente, esse era o tema musical preferido do cara, pelo fato que poderia encorajar Ad a cantar um refrão, Jim estava pensando em cantarolar qualquer coisa.

Com um abanar de cabeça, Veck voltou para sua cerveja e bebeu um gole atrás do outro. Deixando o soldado morto¹¹² no balcão, ele pegou mais duas e saiu da cozinha.

Destino: Sofá da sala de estar.

Jim e os seus rapazes deslizaram atrás dele, mantendo-se a uma distância. Veck ou era muito intuitivo ou estava suficientemente poluído para ter uma tela de radar para anjos.

Com a sorte deles, devia ser a última.

Sentando-se, o detetive desarmou-se, removendo um carregador respectivo, bem como uma faca de aparência desagradável. Então retirou o distintivo.

O brilhante distintivo policial em dourado e prateado.

O homem segurou a coisa na palma da mão, durante muito tempo como se fosse uma bola de cristal pela qual ele podia ver... ou talvez um espelho onde se pudesse ver refletido

Baixa isso, colega, pensou Jim. *Acabe essas cervejas, deita-se para trás, porra, e tire um pequeno cochilo. Eu prometo que vou devolvê-lo quando acabar.*

Veck seguiu bem as ordens, colocando o distintivo com o seu nome e número de série junto com as armas, bebeu as cervejas uma atrás da outra e então se recostou no sofá.

¹¹¹ **Longneck** – um tipo de garrafa de cerveja usual nos USA, Canadá e Austrália.

¹¹² **Soldado morto** – Gíria para uma garrafa de cerveja vazia.

Seus olhos fecharam-se um momento depois. Demorou um instante antes que as mãos relaxassem e caíssem para os lados, a respiração profunda foi a confirmação, e a deixa para que pegassem o que precisavam e saíssem

Jim estendeu a mão ao nível da cintura e deu uma de Jedi¹¹³ com o distintivo, levitando-o do chão e dirigindo-o pela estática escuridão até ele. No instante que a palma de sua mão entrou em contato com o objeto, o mesmo ar frio que notou no andar de cima, a maldade de Devina habitava no espaço entre as moléculas do metal.

Eddie parecia ter muita precaução, até agora. Tendo em conta o forte sinal que o distintivo emitia, você não iria querer ser apanhado com as calças abaixadas se estivesse trabalhando nessa coisa.

Jim assinalou a janela com a cabeça, e exatamente como uma bruma desaparecendo, os três se levantaram e saíram dali.



Do outro lado da cidade, no centro altamente povoado de Caldwell, o complexo do Hospital St. Francis era uma operação gigantesca que brilhava como a Vegas Strip¹¹⁴. Debaixo deviam existir mais de vinte telhados diferentes, vidas que começavam e acabavam aos milhares todo ano, a luta contra o Ceifeiro era travada por todos os médicos, cirurgiões e enfermeiros que ali estavam.

Devina estava bastante familiarizada com o local: Às vezes aqueles humanos com casacos brancos e luvas verdes precisavam de uma pequena ajuda para garantir que o trabalho fosse feito corretamente.

Normalmente isso significava morte, mas nem sempre.

A demônio entrou na sala de emergências pela porta eletrônica da frente. Usando sua pele de mulher boazona, obteve todos os tipos de olhares de pais e garotos de fraternidades que estavam sentados na sala de espera. Que era a razão de ela não ter tomado atalhos que podia ter seguido. Deslizar por vidro, metal ou tijolo era eficiente, mas careta. Ela adorava ser olhada com assombro. Ser admirada. Levar cantadas. E os olhares incendiados de outras mulheres, todos aqueles olhos repletos de ódio e inveja? Melhor ainda.

Encontrando Kroner no labirinto de coelho de salas, andares e unidades foi fodidamente fácil. Ela esteve dentro dele por anos, ajudando-o a moldar suas capacidades e apoiando sua obsessão. Ele nasceu uma merdinha doente, mas carecia de coragem para agir por seus próprios impulsos, e essa impotência murcha trabalhou a favor dela. Nada fazia alguém que estava conectado como ele mais violento contra jovens mulheres bonitas do que o seu próprio mini pau murcho.

¹¹³ **Os Jedi** – (pronuncia-se jedai) são personagens fictícios da série americana Star Wars. Formam uma ordem de guardiões que dominam o lado "luminoso" da força, em contraposição aos sith (força das trevas), no universo fictício da série. Aqui o livro se refere ao poder mental que eles usam para atrair objetos.

¹¹⁴ **A Strip** – de Las Vegas é uma seção de 6,7km da Las Vegas Boulevard, onde se localizam a maioria dos hotéis e casinos da zona de Las Vegas.

A UTI em questão estava sete andares acima da porta onde ela entrou e tomou tempo dirigindo-se para os elevadores, passeando, observando o uniforme das enfermeiras.

Sonolento. Largo, em algodão mal colorido sem decote a mostra e as calças tão largas que não se notava os traseiros. O que diabos eles pensavam que estavam fazendo com aquele visual?

Quando ela finalmente chegou aos bancos de metal das portas duplas, ela apanhou a carona para cima com um funcionário e um velho numa maca. O velhote estava apagado como uma luz, mas o funcionário não lhe deu apenas uma olhadela, mas três olhadelas. Sem dúvida ele teria chegado a quarta e a quinta se as portas não tivessem aberto no andar dela.

Ela lançou-lhe um sorriso por cima do ombro enquanto saía, apenas pelo gozo.

Então era hora de por a mão na massa. Ela tinha a opção de assumir a forma de bruma e deslizar sobre o chão, mas isto causaria um pânico. E ela podia ficar totalmente invisível, mas isso era uma falha de originalidade de acordo com suas regras: ela passou muitos séculos aproveitando a interação com humanos, disfarçando-se entre eles, mordendo-lhes os calcanhares e roçando-se neles, ou indo mais longe que isso. Não havia razão para deixar passar a oportunidade de se divertir esta noite, apesar de que estava trabalhando. Afinal, a terapeuta a mandava encontrar um maior equilíbrio em sua vida.

Assim que chegou à unidade em questão, ela seguiu pelo corredor que tinha fotos nas paredes de vários chefes de departamentos.

Muito útil, como acabou se provando.

Ela parou muitas vezes, observando as feições e acessórios, etiquetas de nome e títulos, os casacos brancos, as gravatas listradas e as camisas formais.

Era como ir às compras de um novo conjunto de roupas. E ela veio com seu próprio serviço de alfaiate.

Contornando uma esquina, ela olhou o corredor de cima a baixo certificando-se que estava sozinha e então fritou a câmara de segurança que estava em cima dela, enviando apenas uma descarga elétrica suficiente para desliga-la sem explodi-la.

Então assumiu o rosto e o casaco branco do chefe de neurologia, um tal de Dr. Denton Philips. O disfarce era um bocado frustrante comparado com traje de morena lasciva. O homem tinha cerca de 60 anos, e apesar dele ser bonito de uma maneira bem preservada e cara-branco-arrogante, ela sentia-se feia e careca no conjunto.

Pelo menos era melhor do que como ela realmente era.

Voltando ao corredor principal, comportando-se como um homem, era como uma dose no braço ver o respeito e o medo nos olhos do pessoal da equipe enquanto ela passava. Não tão divertido como desejo e inveja, mas saboroso de qualquer maneira.

Sem necessidade de perguntar onde Kroner estava. Ele era com um farol facilmente rastreável, ela não ficou surpresa de ver um oficial uniformizado na porta de seu quarto privado.

O homem ergueu-se.

— Doutor.

— Vou apenas demorar um minuto.

— Não tenha pressa.

Impossível, ela tinha que trabalhar rápido. Ela não fazia ideia de como o Dr. Denton Phillips realmente soava, e não havia forma de saber se assumira sua altura correta, que era o que acontecia se tudo que você tinha era uma fotografia para se basear: Agora não seria uma boa hora para esbarrar com quaisquer colegas que saberiam melhor, ou pior, do próprio homem.

A unidade de tratamento intensivo que Krones estava contava com paredes de vidro cobertas por cortinas e mesmo do lado de fora, ela ouvia o sibilar dos equipamentos médicos que o mantinham vivo. Deslizou a porta por um instante e puxou a cortina de tecido verde-mijo e entrou.

— Sua aparência está uma merda, — ela disse em uma voz masculina.

Enquanto andava para a cama, ela deixava a mentira visual de bom doutor desaparecer, mostrando-se como a bonita mulher que Kroner conhecera uma década atrás.

Havia tubos saindo de todos os orifícios, e o emaranhado de fios saindo de seu peito o fez parecer como algum tipo de quadro de distribuição de energia humano. Muitas bandagens e gaze branca sobre pele cinza. Muitos machucados. E a cara dele parecia um balão metalizado, todo vermelho e brilhante, esticado pelo inchaço.

Este não era o fim que ela planejava e trabalhara. DelVecchio deveria ter cedido e matado o bastardo antes que Heron sequer tivesse ideia de quem era a próxima alma. Infelizmente a ovelha sacrificial doentia fora mutilada por outra pessoa.

Putaquepariu, era óbvio que ele não ia sobreviver. Ela não era médica, apenas fazia papel de um de vez em quando, claro, mas aquela palidez apenas a fazia pensar em agentes funerários.

Não era tarde de mais para o bastardo, contudo. E depois de um pequeno truque de magia, ela não estava disposta a correr riscos com o resultado desta rodada. Hora de ser um pouco mais agressivo, especialmente dado o acordo que fechou com Heron.

— Ainda não é sua hora de partir. — Ela debruçou-se sobre a cama. — Preciso de você.

Fechando os olhos, ela deslizou como bruma sobre o corpo do homem e então entrou dentro dele por todos os seus poros. Seu poder inato encheu o tanque exaurido, reenergizando-o, puxando-o da espiral da morte ao mesmo tempo em que o curava e fortalecia.

E pensar que humanos confiavam em desfibriladores. O quão rudimentar isso era?

Os olhos do Kroner abriram-se de repente logo quando estava retraindo-se, e enquanto reassumia sua forma ao lado dele, ele focou-se nela.

Amor brilhou de seu olhar.

Patético, mas útil.

— Viva, — ela comandou, — e eu devo vê-lo logo.

Ele tentou anuir, mas não havia muito como se mexer com o tubo dentro da garganta. Ele ia sobreviver, contudo. Ela olhou para equipamentos de monitoramento, o ritmo cardíaco se estabilizou em um ritmo constante e a tensão arterial se regularizou. Os níveis de oxigênio saíram dos setentas para os noventas.

— Bom menino, — ela disse. — Agora descanse.

Levando sua mão, ela o colocou-o em um sono profundo e restaurador, e então reassumiu a imagem do bom e velho Dr. Denton.

Entre, saia e parta.

Ela deixou o quarto de vidro, assentiu ao guarda e então caminhou pelo corredor, passando por todos os engraxadores e lambe-botas¹¹⁵ faziam tudo menos literalmente cair de joelhos em seu caminho. O que era agradável. Ao ponto dela, ficar tentada a dar uma volta pelo hospital por um tempo apenas absorvendo a experiência de ser o homem

Mas novamente, a última coisa que ela precisava era esbarrar com alguém que realmente conhecesse o cara. E, mais importante, ela tinha uma consulta com a terapeuta logo de manhã, e precisava escolher o que ela iria vestir, o que poderia levar horas.

Que era por que ela precisava da porra de uma psiquiatra.

Hora de fugir.

Capítulo 13

Companhia Aérea Anjo, Jim ainda estava se acostumando com o conjunto de asas iridescente, que traziam-no a ele e aos rapazes para o Marriott num piscar de olho. No par de quartos, converteram a metade do Jim, com Cão fazendo uma pequena dança circular agora que o bando novamente estava junto.

— Então o que eu faço? — Jim perguntou, ele gostaria de saber quantos anos teria de repetir esta pergunta a Eddie até que não precisasse mais fazer. Provavelmente alguns. Este emprego vinha sem treinamento, angústia extrema e terríveis implicações. Lista perfeita para o site *Monster.com*, uhuu, uhuu.

— Fique quieto. — Eddie disse. — e segure o distintivo. Imagine que DelVecchio está sentado em sua frente, enfrentando você com suas mãos nos joelhos e olhando em seus olhos. Como sempre, quanto mais específico é a visão, melhor funciona. Veja-se avançando e colocando o dedo em sua testa, e sabe que essa conexão vai te dar o poder para puxar as memórias dele mesmo que você não esteja realmente tocando ele. É tudo mental...

— Bummm — Adrian termina.

Sentado na cama, Jim segurou o distintivo em suas mãos sentindo-se como um total bundão. Lembrando-se dos dias como Ops¹¹⁶, ou *inferno*, ele antes era apenas um civil bundão violento, ele nunca esteve dentro dessas porcarias transcendentais Maharishi yogi¹¹⁷ e olhar-de-barriga-encolhida. Ele achava que com tantas coisas deste tipo ele deveria acabar por se habituar, mas seria sempre um executor, não um tipo cão cabisbaixo de cara.

Mas mesmo assim...

Concentrado no distintivo, aquilo parecia como um cubo de gelo, parecia que perfurava a pele, mas sem nenhuma gota de água. E tudo isto teria sido mais fácil se ele conhecesse DelVecchio um pouco melhor, mas ele sabia apenas o que podia ver do homem: cabelo escuro, rosto bonito como o pecado, inteligentes e frios olhos azuis.

De um momento para o outro, o que ele imaginou se tornou algo que ele realmente via em

¹¹⁵ **Lambe-botas** – Termos relativos a pessoas que pretendem ganhar benefícios por adular pessoas influentes.

¹¹⁶ **Ops** – Operações especiais.

¹¹⁷ **Maharishi Mahesh Yogi** – foi um guru indiano fundador da Meditação Transcendental.

3-D, como se tivesse ligado a TV e um ator tivesse saído da tela para se sentar na frente dele.

Exceto esta merda estava toda errada.

O homem tinha duas caras.

Jim chacoalhou a cabeça, como se talvez pudesse limpar o problema. Não ajudou. O primeiro rosto era de Del Vecchio... e o outro também, como uma fotografia duplicada.

Alguma coisa disse a Jim para não ir mais adiante.

Ele tentou, de qualquer maneira.

Estendendo a mão, ele colocou seu dedo imaginário na cabeça imaginária do primeiro DelVecchio...

Assim que o contato se fez, um choque atingiu-o, parando seu coração e sacudindo seu corpo. Então, como se ele fosse um diapasão¹¹⁸, um reflexo enraizou-se... e tomou conta dele. Começando com as pontas dos dedos e vibrando sua mão, seu pulso e seu braço, que começou com um sutil tremor se tornando violento, ele literalmente balançava... ate ter dois dedos, duas mãos, dois pulsos e dois braços, como se ele fosse uma bandeira num vendaval indo de extremos, para um lado e outro.

Ele estava vagamente consciente que alguém o chamava, mas não podia responder. Ele estava lutando com sua vida imortal, e algo que ele não distinguia ameaçava destruí-lo... e ele estava prestes a perder o controle de si mesmo completamente quando os DelVecchios se separaram até que eles se ligavam apenas pelos quadris e a parte interior do corpo.

O da direita estava sorrindo e não era o detetive. Esse era o velho DelVecchio do artigo de jornal, aquele com a alma manchada com os atos de maldade.

O filho da puta estava amando essa destruição.

Putá que pariu... Jim teve um terrível pressentimento de que não ia escapar desta.



Adrian sabia que a merda chegara à ventoinha no instante que as mãos de Jim começaram a vibrar envolta do distintivo.

Não era normal.

Em seguida uma fumaça preta subia em espirais da ligação em forma de copo da palma de Jim, unindo e encerrando o aperto do anjo no distintivo de DelVecchio. A agitação começou como nada mais, do que um lento vai-e-vem, mas rapidamente o movimento evoluiu para um chocalhar violento até o distintivo e saiu voando da mão de Jim, e ricocheteou no pequeno carpete.

Por uma fração de segundo, pensou que ia parar, mas a fumaça não precisava da fonte externa: as próprias mãos e braços de Jim estavam servindo de base para a infecção da qual brotava o fumo.

— Se chegar ao seu coração, nós o perdere-mos, — Eddie rosnou.

— Foi a dica para começar. — Adrian e seu melhor amigo deram um salto ao mesmo tempo e foram em direções opostas. Enquanto Eddie pulou para o conector entre os quartos, Ad saltou

¹¹⁸ *Diapasão* – Objeto usado para afinar os instrumentos musicais

sobre a cama atrás de Jim. Preparando-se, ajoelhou-se colocou os braços em volta do grande peito, posicionando o abraço o mais alto possível, para formar uma barreira física contra o ataque.

Ele sentiu o momento em que a onda bateu nele, gelo flutuava através de sua pele, muito frio para qualificar como uma queimadura. Abrindo-se para cima, ele deu à corrente uma área nova para contaminar, oferecendo outro alvo... mesmo que isso significasse sacrificar-se a si mesmo.

Mas a merda não estava interessada nele, ele era apenas um uma lomba no caminho, enquanto baixava para os peitorais de Jim.

A benção que eles precisavam era uma solução de limão, vinagre branco, água oxigenada e Hamamelis¹¹⁹, e a boa coisa era que Eddie tinha sempre preparado. Ele veio voando de seu quarto com um balde cheio, movendo-se tão rápido que espirrou fora, salpicando em sua pele e sua camiseta *Fundação Mundial da Vida Selvagem*.

O anjo virou para trás e em seguida, acertou-lhes com a mistura, ensopando seu corpo junto com a cama. E então foi a deixa para a fuga: com um grito ensurdecedor, o demônio desatou a fugir, deixando apenas um cheiro fedorento emanando da cabeça ao peito de Jim. Com essa partida, o herói desabou para a frente, ficando tão dormente que a única coisa que o mantinha na cama era o abraço em torno do seu peito.

— Calma, — Ad murmurou, enquanto o deitava direito.

Jim abriu os olhos e piscou como se ele não tivesse certeza do que estava vendo.

— É o teto. — Disse o Ad. — Como você está se sentindo?

— Eu não consegui... qualquer informação... de Veck.

— E adivinhe, você não vai tentar de novo.

— Que inferno... foi aquilo? Eu me sinto como se eu estive em uma turbina.

Eddie sentou-se ao lado deles deitando Cão em seu colo.

— Devina já está em DelVecchio em um nível muito profundo.

— Porra... será que ela podia não trapacear? Apenas por uma vez. — Jim apontou na frente de sua camisa molhada, puxando como uma segunda pele para longe do peito. — Merda, eu me sinto poluído.

Adrian foi ao banheiro e pegou algumas toalhas. Quando ele voltou, ele colocou uma sobre Jim e com outra limpou a sua própria cabeça.

Ele não se importava com uma luta difícil, desde que fosse justa, e esta coisa com Devina não respeitando as regras, estava ficando ridículo. Enquanto isso, Jim fizera tudo, até se vender para aquele demônio, em troca de informação, e de que adiantava? Nigel, o seu treinador, não pareciam com muita pressa para lançar um protesto acima.

Toda a coisa fedia.

Estendendo a mão, ele pegou o distintivo e enfiou-o no bolso. Quando Jim parecia que ia protestar, como um caso de nogueiras-americanas...

— Desculpe. Você vai precisar de algum tempo antes do fedor sair totalmente. Se tocar isso agora? Nós iríamos ter o mesmo problema novamente, só que pior. — Ele apontou seu dedo no rosto de Eddie. — E você foda-se.

¹¹⁹ *Hamamelis* — Um tipo de nogueira usada em fitoterapia.

Porque era óbvio que o anjo iria começar com o não-você-não-vai.

— Eu só vou levar o distintivo de volta. — Mais ou menos. — DelVecchio vai despertar, ele irá se sentir como se estivesse perdendo mais sua mente. Você quer isso? Bom. Ainda bem que concorda.

Antes de qualquer um deles pudesse dizer algo novamente, ele entrou no quarto de Eddie, e despiu-se com dificuldade. Cabedal era difícil de sair em primeiro lugar, agora com o sumo de limão? Como uma porcaria de cola.

— Jura-me. — Eddie disse da porta. — Que você não vai tocá-lo. De forma nenhuma.

Adrian terminou a difícil tarefa de se vestir e enfiou no bolso o distintivo depois de tirá-lo das outras calças.

— Juro por Deus.

O som de alguém que tossia o fígado para fora era exatamente o fim de conversa de que precisavam. Jim estava tendo um inferno de um passeio, e apesar de Eddie não parecer com um babá, o filho da puta era ótimo com ele, algo que Ad aprendera em primeira mão.

— Estarei de volta antes que você saiba que eu fui. — Adrian sorriu. — Confia em mim.

Eddie apenas revirou os olhos e voltou para a outra sala, sem dúvida para segurar uma cesta de papéis sob o Jim.

Num piscar de olhos, Adrian estava no gramado da frente do pequeno pedaço de lar doce lar do DelVecchio. O vento aumentara e soprava de norte e o ar frio cristalino canadense que vinha do outro lado da fronteira formigava-lhe no nariz.

Não necessitava bater. E apenas mudou para a sala, onde DelVecchio ainda estava dormindo no sofá.

Colocando o distintivo no chão ao lado da arma e coldre do sujeito, Adrian ajoelhou-se e estendeu a mão. Passando a palma da mão sobre o rosto DelVecchio, ele acalmou o homem para um sono ainda mais profundo, acalmando o pobre coitado.

O transe resultante revelou a verdade: sem as restrições da consciência, a extensão da posse de Devina era óbvia: ela estava em cada centímetro dele.

Poderia já ser muito tarde, pensou Ad enquanto começou a circular a mão sobre a cabeça do cara.

— Ei, meu. — ele sussurrou. — Eu quero que você volte para a noite passada. Para a floresta. Volte para a floresta. Para a floresta junto ao motel. Entre os pinheiros. Você estacionou a moto que, por acaso o mataria ser da velha escola? Uma Beamer¹²⁰? Realmente? Você poderia muito bem andar escarranchado num eletrodoméstico. — Quando as sobrelhas de DelVecchio se contraíram, Ad percebeu que o debate sobre motos teria de esperar. — Você estacionou a calculadora-lixo-europeu¹²¹ e está caminhando pela floresta. Está procurando Kroner, está esperando por Kroner. Me diga o que você vai fazer.

Ad continuou a circular.

— Fale para mim. O que você vai fazer...

— Eu vou... matá-lo.

¹²⁰ **Beamer** – Referência a uma moto da marca BMW.

¹²¹ **Calculadora-lixo-europeu** – Referência à moto BMW (que é um modelo europeu mais eletrônico do que o personagem aprova)

As palavras eram suaves e falava por meio de uns lábios que mal se moviam.

— Com o quê. — Ad pediu — Diga-me tudo, amigo.

— Minha... faca. Eu tenho... a minha faca comigo e eu estou... esperando... — DelVecchio franziu a testa novamente, mas desta vez parecia mais como se estivesse olhando para longe, embora com seus olhos fechados. — Eu sei que ele vai aparecer.

— E quando ele aparecer, o que você faz?

Enquanto Ad esperava a resposta, rezava por um milagre. Ele vira o relatório nas notícias de que alguém fizera um belo trabalho nesse personagem Kroner. Talvez pudesse ter sido outra pessoa que não Veck, pelo menos eles se encaminhariam por um caminho melhor.

— A lâmina na minha palma... e eu caminho em frente. Eu vou... vou matá-lo. Com a minha faca. — A mão direita do sujeito se contraiu em sua coxa, em seguida, formou um punho, como se segurando um punhal. — Eu vou... Tem mais alguém aqui.

DelVecchio prendeu a respiração e não se mexeu no sofá, assim como ele devia ter feito na floresta.

— Quem? — Quando não houve resposta, Adrian sentiu que queria-o sacudir para soltar o pó que causava obstruções cognitivas, mas ao invés disso, continuou circulando a palma da mão. — Quem é?

DelVecchio parecia lutar naquele momento, balançando a cabeça de um lado para o outro e fazendo uma careta. Sua mão se arrastou até seu peito e esfregou a têmpora.

— Eu não posso... lembrar...

Alguém já esteve dentro daquela cabeça dura, Adrian pensou. Remendar as memórias.

Put a que pariu. Havia apenas uma espécie no planeta que poderia fazer isso, e também era capaz de rasgar um macho humano com seus dentes...

— Vampiros.

Enquanto a palavra vinha do pensamento de DelVecchio, Adrian amaldiçoava. *Hum*, ótimo. Exatamente o que eles precisavam nesta já lotada festa.

Do jeito como as coisas estavam indo, quem seria o próximo? O coelhinho da Páscoa ou a Fada do dentes... fadas?

Nah, não com a sua sorte. Seria mais parecido com Wolfman Jack¹²² e a Múmia.

Capítulo 14

Quando a manhã seguinte chegou, Reilly acordou antes de seu despertador tocar, e era difícil saber se isso era uma coisa boa ou má.

Ela estava no meio de um sonho erótico, que a colocara com Veck de volta na mesa da cozinha. Exceto que não houve *uma pizza interrompendo* neste momento. Ela acabava totalmente nua, com Veck em cima dela, e os dois em um passeio selvagem que...

Tocando seu relógio começou a latir como um Yorkie.

¹²² **Wolfman Jack** – DJ Americano dos anos 60's e 70's.

—Cala. A boca.

Quando ela silenciou o ruído maldito, decidiu, acordar cedo era uma “coisa boa.” Mesmo que seu corpo se sentisse enganado, aquelas eram praticamente as imagens que ela precisava para entrar em movimento.

Chuveiro. Secar. Vestir, com algodão branco sob suas roupas, muito obrigada.

Agarrando a caneca de café no percurso, ela estava em seu carro e dirigia para o trabalho apenas a tempo para atingir o tráfego na rodovia. E você sabe, ficar presa em engarrafamentos, com centenas de outros passageiros pela manhã era exatamente o tipo de introspecção forçada que ela não precisava.

Deus, as mães estavam certas sobre tudo: Escove os dentes e use fio dental antes de dormir, mesmo quando você está exausto; use um chapéu quando está frio, mesmo que você pense que vai parecer um idiota; comer seus vegetais mesmo sendo ruins, porque você precisa da fibra e vitaminas. *E não se envolva com colegas de trabalho, mesmo que sejam quentes como o inferno e tenham mãos e lábios mágicos.*

À medida que andava no ritmo de um caracol, sua mente montou uma gangorra que inclinava entre o que estava passando por sua cabeça enquanto ela estava acordando, e o pesadelo que a noite passada fora, quando o sexo parara de repente e a sanidade retornara.

Fale sobre seus polos opostos.

Quando seu telefone disparou, a primeira coisa que pensou foi, *por favor, não deixe ser minha mãe*. Elas eram próximas, mas nunca tiveram uma conexão psíquica, e agora não era a manhã para começar.

Exceto que a tela não estava mostrando “casa”.

—Detetive De La Cruz. — ela disse quando respondeu.

—Bom dia, Oficial. Como você está?

Frustrada. Em tantos níveis.

—Presa no trânsito. E você?

—Mesma droga, direção diferente.

—Você tem café?

—Pode acreditar. Você?

—Sim. Portanto, é quase como estar no escritório.

Houve um som de beber e depois um engolir.

—Então, eu tenho uma notícia.

—E eu aqui achando que você está me ligando apenas para dizer bom dia.

—Kroner está dando uma virada.

Seu aperto no volante aumentou.

—Defina “dando uma virada”.

—Os médicos me chamaram e eles estão confusos. Em algum momento na noite passada, tudo mudou. Seus sinais vitais estão estáveis e fortes, e acredite: Ele está foddidamente consciente.

—Santo... Eu tenho que falar com ele.

—Eles não estão preparados para acomodar um grande número de visitantes, mas eles nos permitiram enviar um representante para lá. E é minha recomendação que você não seja aquele que vá.

—Por que diabos não?

—Você é o alvo dele. Mulher branca, de vinte e poucos anos...

—Estou com quase trinta anos.

—...E também acho que nós poderíamos chegar mais longe com um homem.

—Eu posso lidar com ele.

—Eu quero que ele fale, não que se distraia com todas as coisas que quer fazer com você.

Bem, este não era um pensamento horrível?

—Eu não estou dizendo que você não deva se encontrar com ele. É só que isso pode ser a nossa primeira e única chance para ouvi-lo. Eu não confio em coisas que não podem ser explicadas, e o médico não tem a menor ideia do por que o bastardo ainda está vivo e muito menos acordado.

Reilly amaldiçoou, mas não era como se ela não pudesse entender seu ponto. Além disso, ele não era um chauvinista.

Então, novamente, poderia ter um outro ângulo, embora ela se sentisse como uma merda por levantá-lo.

—Alguma chance de você não querer que eu ouça o que ele tem a dizer sobre DelVecchio?

—Eu não estou protegendo Veck. Se ele cometeu um crime, ele será tratado como qualquer outra pessoa, confie em mim. E eu vou deixar você saber imediatamente quando meu homem sair, assim você pode acompanhar. Okay?

Era difícil duvidar da lógica, e impossível duvidar do homem.

—Eu quero saber de tudo.

—Você vai, doutora. Eu juro pela minha mãe.

—Ligue para mim.

—Em breve. — Quando Reilly desligou, ela jogou o telefone no assento vazio ao lado dela.

A boa notícia, ela supunha, era que eles estavam indo descobrir o que diabos acontecera naqueles bosques, teoricamente. Assassinos em série não eram necessariamente conhecidos por franquezas quando eles finalmente eram pegos.

Mudando de faixa e dando sinal, ela se preparava para pegar sua saída. E uma vez que ela estava fora da estrada, fez um melhor tempo, embora sair do atraso do tráfego fosse uma coisa boa. Quando o peso sem graça da central finalmente assomou-se à frente, ela estava pronta para começar a trabalhar, e ver Veck.

Eles cometeram um erro. Ótimo. Mas não devia ser repetido, e ela não ia deixar isto afetar o trabalho que fazia. Havia muita coisa em jogo, e ela não estava disposta a se distrair, ficar desleixada ou pouco profissional só porque ela estava atraída por seu parceiro.

Sissy Barten, e as outras vítimas, mereciam mais do que isso. Ainda mais com tipos parecidos com Kroner.



—Você parece uma merda.

Veck olhou por cima da tela do seu computador do escritório. Bails estava de pé na frente de sua mesa com uma expressão de satisfação no rosto e sua jaqueta na mão.

—Obrigado. — Veck empurrou para trás e queria um cigarro. —E parece que alguém acabou de lhe vender...

—Um boquete, certo?

—Eu ia dizer um bilhete de loteria premiado. O que está fazendo?

—Adivinha quem acordou.

—Dada a referência de boquete, eu não quero saber.

—Kroner.

Veck foi para frente.

—Impossível.

—Bem, então, De La Cruz é mentiroso, porque ele acabou de me dizer para descer e ver o que o sacana tem a dizer. Acho que ele se animou na noite passada.

Veck explodiu de sua cadeira, antes que ele soubesse, suas coxas estavam trabalhando. Mas foi um desperdício de impulso vertical: Ele não estava indo a lugar algum. Pelo menos não em caráter oficial.

Veck parou novamente.

—Porra.

Bails inclinou-se, com o rosto sério.

—Eu vou cuidar de você. Vou lhe contar tudo. O que me lembra, não vai acreditar na evidência retirada do caminhão apreendido de Kroner. Só a catalogação vai levar mais um dia, pelo menos, há muitas coisas. Cruzar as comparações com as vítimas? Você está falando de um ano, provavelmente. Pelo menos, o FBI está sendo legal e realmente trabalhando conosco em vez de contra nós.

Merda, ele precisava fazer um check-in com aquele agente.

Veck deu um gole na caneca de café.

—Eu não posso acreditar que Kroner está vivo.

—Milagres acontecem.

—Eu acho que você poderia chamá-lo assim.

—É. Ele vai libertá-lo, meu amigo. Confie em mim.

Veck não tinha tanta certeza disso, mas queria. Oferecendo as juntas para um toque, ele disse:

—Vá pegá-los, irmão.

—É isso aí. Eu ligo para você quando estiver lá.

Quando o cara se virou para sair, Reilly apareceu na porta. Ela parecia composta, profissional, séria... todas aquelas coisas que alguém em um ambiente de negócios deveria ser.

Entre um piscar e outro, no entanto, ele a viu desfeita em sua mesa da cozinha, cabeça para trás, seios expostos, sem calcinha, e saia em volta da cintura.

Veck esfregou sua cabeça que doía. Ele acordara com uma pontada nas têmporas, os tentáculos de um sonho aterrorizante demorando em sua mente, e isto não era a metade. Ele tinha a convicção estranha de que alguém esteve em sua casa durante a noite. Ele verificara todas as portas e janelas, e no entanto, tudo bem, sem arrombamentos. Nada fora do lugar, também.

Depois que Bails acenou para Reilly e saiu, ela se aproximou.

—Bom dia.

—Dia. — Veck olhou ao redor. Ninguém estava prestando atenção a eles, o que parecia um milagre, ele sentia como se ambos tivessem sinais de néon em torno de seu peito onde se lia: NÓS DEMOS UNS AMASSOS ONTEM À NOITE. Mas, aparentemente, só ele e Reilly sabiam que o troço estava ali, porque ela estava secretamente olhando para os seus companheiros detetives também.

—Você está pronto para repassar o arquivo Barten? — ela disse, quando colocou as coisas na mesa ao lado dele e lhe entregou uma cópia impressa.

As páginas estavam limpas, empacotadas, com um clipe no canto. Claramente reimpresso.

Girando sua cadeira em direção a ela, ele se perguntou o que aconteceu com os dois relatórios da noite passada. Sem dúvida, ela teve que jogá-los fora depois de terem sido esmagados debaixo de dois corpos arfantes e depois, arrastados para o chão.

Ele esfregou a cabeça novamente.

—Você ouviu falar de Kroner?

—De La Cruz me ligou.

—Eu estou surpreso que você não esteja indo entrevistar o cara.

—Oh, eu vou. Você pode apostar sua vida nisso. —Ela abriu sua pilha e espalhou em várias seções grampeadas. —Então, quando eu estava lendo isso, algo me incomodou.

Ele se pegou olhando para a boca dela e queria chutar o próprio traseiro: Não só era inapropriado, mas parecia falta de respeito.

—O que é isso? — *Sinto muito sobre a noite passada.* —Onde você está no relatório?

—A seção do disque-denúncia anônimo. Página dois, alguém ligou dizendo que viu Sissy entrar em um carro preto na Hannaford.

—Achei. — *Eu não deveria ter colocado você nesta posição.* —Sim, sem acompanhante, no entanto. O cara não deixou o nome.

—Eu estive pensando sobre o que a mãe disse sobre ela. Sissy não me parece do tipo que faz algo assim. Ela não era alguém que iria entrar no carro de um estranho.

—Talvez a denúncia esteja errada, ou seja uma mentira. — *Eu queria poder dizer que eu não a quero, mas eu não posso.* —Não seria a primeira vez, e sem acompanhante possível?

Agora os olhos dela encontraram os seus totalmente.

—Mas essa é a coisa. Por que não houve outras pessoas que a viram depois que ela saiu pela porta para o estacionamento? Ela deixou seu carro lá, certo? Por que ninguém mais viu o que aconteceu quando ela deixou o local, especialmente se houve uma luta? Tinha funcionários para buscar os carrinhos, clientes indo e vindo. Se assumirmos que Sissy foi forçada a entrar em um veículo, alguém deve ter visto uma luta, ou algo fora do comum.

Verificando as outras denúncias, ele balançou a cabeça.

—Sim, e o traçado desse supermercado... não há nada do outro lado da rua ou de cada lado, na verdade. Está fora da estrada, então não é como se ela fosse a pé a qualquer lugar.

—Alguém deve ter visto alguma coisa.

Cristo, era quase como o que acontecera a ele e Kroner: nada além das consequências... em torno de um monte de buraco branco.

Talvez houvesse algo na água de Caldwell que estava fazendo as pessoas se esquecerem.

—Vamos começar pelo princípio. — ele disse, reordenando sua pilha. —E dar um passo de cada vez.

Quando ele pensou em Bails falando com Kroner, ele tirou seu telefone celular e o colocou sobre a mesa no caso de o cara ligar.

Sissy Barten definitivamente se encaixava no perfil das vítimas do assassino, e era uma das duas vítimas relatadas como desaparecidas na cidade: Kroner nunca escolheu homens, crianças, ou qualquer pessoa com mais de trinta anos, e a outra menina que estava na lista fora relatada há quase um mês, então ela poderia muito bem estar fora do alcance de tempo.

Sissy estava dentro, Veck tinha uma sensação.

Sissy era o seu caminho de volta para o caso Kroner.

Capítulo 15

—Mas eu *não* toquei nele.

Jim estava nu e fazendo a barba em seu banheiro quando a discussão que iniciara com o anúncio de Eddie horas atrás continuava ao lado, no quarto deles. Era como ter uma TV em segundo plano, apenas que a versão de interrupções comerciais eram banhos, vestir-se, almoçar correria, etc.

Ele tinha a impressão de que eles estavam no vai-e-vem para sempre. Eles eram muito bons nisso, também... muito criativos. E pensar que ele uma vez esteve impressionado com seu próprio sexo.

—Da próxima vez, seja mais específico. — Adrian acrescentou. —Você não pode bater na minha bunda nessa.

—Você parou para pensar que o que aconteceu com Jim poderia chegado em você? Não havia ninguém para ajudá-lo.

—Eu não o toquei, porra!

Cão estava de camarote para o show, sentado no corredor aberto, com a cabeça se movendo da esquerda para direita quando um dos meninos falava e o outro respondia. O rapazinho parecia perfeitamente feliz em apenas sentar e ser testemunha da partida de vôlei. Talvez ele pensasse que era a versão ao vivo de um show do Animal Planet¹²³; quem saberia?

¹²³ **Animal Planet** – Canal de TV a cabo, voltado para programas com animais.

Balançando a cabeça, Jim firmou as palmas das mãos sobre o balcão e se inclinou para o espelho. A situação de ontem a noite com o distintivo fora despertar. Devina possuía truques e campos minados que ele ainda precisava aprender, e não havia dúvida de que Veck fora sugado para tudo isso...

—... vampiro.

Jim franziu a testa e se inclinou para trás, colocando a cabeça para fora em seu quarto. Ele ouvira direito? Nenhum de seus meninos parecia fã de *Crepúsculo*, embora com Adrian, você nunca sabia onde diabos as linhas eram traçadas. E normalmente, ele teria que deixar para lá. Mas ele não acreditava em anjos, também... até que ele fodidamente se tornou um.

—Está dizendo que eu preciso investir em alho? — ele gritou.

Cão reposicionou-se para que ele pudesse manter seus olhos em todo mundo.

Antes de uma resposta vir através da porta, o telefone celular de Jim tocou na mesa de cabeceira. Passando por cima para pegar a coisa, a tela anunciou que a ligação era de um código de área 518.

Bom dia, Detetive DelVecchio.

—Heron.

—É o Veck. Como você e seus colegas estão?

Recuperando-se de todos os tipos de diversão e jogos com você na noite passada.

—Bem. E você?

—Nós estamos passando pelo estudo de caso da Cecília Barten. Vocês têm alguma coisa?

Jim estava preparado para o pedido de informação, era o POP e o tipo de coisa que ele teria sido capaz de coletar se realmente fosse um agente do FBI.

—Eu não tenho certeza. Você quer se encontrar e dê uma olhada no que você tem?

—Boa ideia.

—Não há muito do que partir.— Devina não teria deixado tópicos pendentes, e dado tudo o que ela podia manipular, o trabalho de limpeza em torno do rapto tinha que ter sido espetacular.

—Sim, eu sei. Não houve testemunhas, como diabos poderia ter havido nenhuma testemunha?

Porque sua Sissy foi tomada por um demônio, era por isso.

Não que ela fosse dele.

—Ouça. — o detetive continuou, baixando a voz. —Acho que ela está conectada a Kroner. Você pode verificar novamente seus arquivos sobre ele, também?

—Absolutamente. — Jim não gostava especialmente de mentir, mas ele não tinha nenhum problema com isso quando a merda pediu por uma pequena pista falsa. —Eu vou ver o que posso desenterrar. Almoço?

—Sim. Riverside Diner?

—Vejo você lá ao meio-dia.

Deixando de lado toda a coisa de vampiros, Jim andou ao redor da extremidade da cama e enfiou a cabeça através do conector.

—Temos um encontro com o detetive bonzinho.

Eddie e Adrian o olharam, e imediatamente os dois franziram a testa.

—O que está em torno de seu pescoço? — Ad exigiu.

—Ao meio dia, — disse Jim — o que significa que você tem algumas horas para discutir enquanto eu volto para a Internet.

Quando ele se afastou e foi para as calças que deixou sobre a cadeira, Ad o seguiu até seu quarto.

—O que há com o colar? — Ad latiu.

Embora Jim estivesse mostrando o traseiro, ele decidiu colocar uma camiseta da Hanes¹²⁴ era uma prioridade maior. Ele não queria que eles vissem a pequena faixa de ouro de Sissy, muito obrigado.

—Estamos fodidos. — Adrian murmurou. —Estamos tão fodidos.

Jim puxou a camisa sobre a cabeça.

—Obrigado pelo seu voto de confiança.

—Ela não é o seu problema! Ela é apenas uma garota, supere.

Coisa errada a dizer no tom errado, na manhã errada.

Jim se teletransportou para mais perto do cara e enfiou seu rosto no do outro anjo.

—Eu passei parte da tarde de ontem olhando nos olhos da mãe da menina. Portanto, antes de descartá-la como nada de especial, eu sugiro que você vá lá e veja por si mesmo o quanto ela é importante.

Adrian não se deu por vencido.

—E eu sugiro que você reconheça suas prioridades. Há cem mil bonitas vítimas inocentes neste conflito, e sim, isso é trágico, mas também é realidade. Ela é apenas a mais recente que vi, você vai vir com essa merda com toda garota que encontrar? Isto é guerra, não um maldito serviço de encontros.

Jim mostrou os dentes em um rosnado.

—Seu filho da puta mais-santo-que-você. *Jamais* finja que me conhece.

—Então faça-nos um favor e conheça a si mesmo!

Jim recuou. E olhou para Eddie.

—Leve-o para longe de mim e mantenha-o lá. Nós já terminamos.

Adrian lançou um “É, tanto faz” ou algo assim por sobre os ombros e voltou para seu quarto. Um momento depois, uma porta se fechou.

Jim puxou seus couros a seu comando, e no silêncio, ele queria gritar.

—Ele está certo. — disse Eddie.

Lançando um olhar penetrante por cima do ombro, Jim soltou:

— E você pode sair, também. Eu não preciso de qualquer um de vocês.

Houve uma batida de silêncio e depois os olhos de Eddie abaixaram lentamente, pondo-se em marcha sobre os olhos vermelhos... que, de repente começaram a brilhar.

Jim deu um passo para trás, mas não porque tivesse medo que fosse bater no cara. Mais como se percebesse que jogara um fósforo em um pouco de gasolina.

Eddie Blackhawk irritado não era algo para se brincar.

¹²⁴ Hanes – Marca de roupa.

Com uma voz que se deformava como se fosse um rádio entrando e saindo de frequência, o anjo rosnou:

—Você quer ser uma ilha? Boa sorte com isso, eu salvei seu pau e bolas ontem à noite, e não foi a primeira vez. Você acha que Adrian é o problema nisso? Dê uma olhada no espelho, você vai conseguir mais.

Nesta mesma nota, Eddie girou sobre os calcanhares e fechou a porta conectora, trancando-os no lugar. Em seguida, um breve clarão de luz incandescente sugeriu que o anjo saíra à moda antiga.

Procurando ao redor, Jim pegou uma cadeira, a levantou por cima do ombro, e estava pronto para jogá-la na porta. Exceto que ele fez uma pausa quando teve um vislumbre de si mesmo no espelho sobre a cômoda.

Seu rosto estava vermelho de raiva, os olhos brilhando azul gelo da mesma forma que os de Eddie fora para a luz vermelha de Natal. Sua camiseta estava esticada em seu peito, os músculos do ombro protuberantes, o colar delicado de Sissy cortando os tendões em seu pescoço.

Baixando lentamente a cadeira, ele se inclinou para o espelho e verificou os minúsculos elos de ouro. Mais disso e ele ia quebrar a coisa, apenas dividi-lo bem ao meio.

—Cão, eu vou sair um pouquinho.

Quando não houve um latido em resposta, sem pata na panturrilha pedindo atenção, nenhum par de orelhas desalinhadas surgindo ao longo da borda mais distante da cama, ele girou ao redor.

—Cão?— Jim assobiou entre os dentes. —Cão?

Talvez o rapazinho tenha ficado trancado com Eddie e Ad.

Indo até a porta, Jim tentou estourar a fechadura com sua mente...

Sem sorte.

Sem o Cão, também.

Ele estava sozinho.

Por um momento, ele balançou a cabeça, uma espécie de que-porra-acabou-de-acontecer-aqui. Mas então ele fechou sua porta conectora e passou a tranca. Todas as coisas consideradas, esta divisão era inevitável. Ele e Adrian saíram na porrada depois de quarenta e oito horas trabalhando oficialmente um com o outro, e toda essa água/óleo continuou a ferver abaixo da superfície. E sim, Eddie era legal, mas Jim tinha a sensação de que poderia superar o cara no que se referia à magia, então ele não podia dizer que se sentia comprometido.

Era mais organizado desta maneira. Mais limpo.

Além disso, quando ele estava sob o comando de Matthias o Fodido na Ops, ele sempre trabalhou sozinho, assim, isto também era negócios como sempre.

Ele estava acostumado com isso.

Parceiros, sejam eles profissionais ou pessoais, eram confusão demais para o gosto dele, *maldito seja*.

Capítulo 16

— Peço desculpa.

De pé no gramado fora do castelo do Heaven, Nigel olhou através da mesa de linho drapeado e acenou para um prato da Royal Doulton¹²⁵.

— Queria scones,¹²⁶ por favor.

— Isso *não* é o que disse. — Colin recostou-se na sua cadeira refinada, as sobrancelhas pretas abaixadas sobre os olhos que estavam cheios de ofensas.

Seus dois companheiros de refeição, bem, três se contarmos o cão de caça irlandês parado entre os dois... ou sniff, no caso Tarquin. No entanto, Bertie entregou o prato em questão, com o rosto cheio de compaixão justa, como era seu jeito.

Basta dizer, no entanto, que não importa a quão gloriosos fossem os bolinhos sobre a porcelana branca, o chá estava arruinado.

— Nigel, o que diabos você fez.

— Eu agradeceria que você não usasse esse tom comigo, Colin.

— E você pode se foder com a etiqueta. O que quer dizer, você viu o Criador.

Nigel abriu seu scone de groselha fresca e inspirou o aroma de vapor doce que se levantou. Na verdade, eles não necessitavam de alimento, mas privar-se desse prazer por uma questão técnica era absurdo.

Byron empurrou seus óculos cor de rosa mais alto sobre o nariz.

— Tenho certeza que ele tinha suas razões, não é?

Ao contrário de Colin, que era um touro teimoso, os outros dois estavam apenas esperando que Nigel escolhesse partilhar. Bertie, com o coração mole e Byron, com seu eterno otimismo, eram criaturas mais delicadas do que aquele outro, capaz de demonstrar as virtudes de moderação e paciência em abundância.

Colin, no entanto, talvez perguntasse apenas mais uma vez. E então ele iria começar batendo na mesa. Então, naturalmente, Nigel levou seu tempo coma faca de manteiga.

E, naturalmente, alguém podia sentir o calor do outro lado da mesa certo como chamas em cima da madeira.

— Nigel. O que aconteceu?

Ele só respondeu depois que sua primeira mordida foi mastigada completamente.

— Eu acredito que nós tenhamos discutido a predileção do outro lado para... como alguém dever ter dito... o reajuste criativo da realidade.

— Ela é uma trapaceira e uma puta mentirosa, — Colin cuspiu.

— Você tem de ser tão brusco? — Nigel abaixou o scone, seu apetite desaparecera. — E eu posso lembrá-lo *mais uma vez* que nós, também, quebramos as regras? Nossas mãos estão igualmente imundas, velho amigo, e...

— É apenas uma fração do que ela tem feito...

— Você deve desistir das interrupções. *Agora*.

¹²⁵ **Royal Doulton** — é uma companhia inglesa que produz utensílios de mesa e coleções desde 1815. Seus produtos já foram considerados obras de arte, sinal de glamour e status.

¹²⁶ **Scones** — são bolinhos típicos ingleses que normalmente acompanham o chá.

Os dois olharam um para o outro em ininterrupto, inabalável silêncio... até o ponto onde Nigel sabia muito bem que estaria dormindo sozinho esta noite e que estava muito bem para ele.

— Terminamos de discutir? — Nigel falou condescendente.

Colin abriu a boca, em seguida, fechou-a com uma batida.

— Bom! Agora, como eu ia dizendo... o Criador estava ciente das transgressões de ambos os lados. — Nigel testou a temperatura do seu chá Earl Grey¹²⁷, esperando, e encontrando-o perfeito. — Mas eu reconheço nossos deslizos e o fato de que dificilmente é justo nós exigirmos coisas de Devina que não estamos preparados para honrar também.

— Sua natureza é como sempre foi, — Bertie disse calmamente. — Ela não pode ajudar quem e o que ela é. Certamente, o Criador sabia disso desde o início.

— Eu acho que sim. — Nigel tomou mais de seu chá. — Não houve surpresa em nada disso. Na verdade, eu fiquei sob a impressão... — Nigel escolheu suas palavras com cuidado, pois nunca se deve falar em nome do Criador de todas as coisas boas e más. — Eu quase acreditei que era tudo esperado. Suas violações. Nossa tentativa de fornecer ajuda a Jim, na forma de Adrian e Edward. Tudo isso.

— E o resultado de sua procura é? — Colin rosnou.

— Ainda não sei neste momento. O Criador comunicou novidades do tipo mais infeliz, no entanto. Quando eu estava saindo, fui informado de que houve uma quebra na boa vontade entre Jim, Edward e Adrian.

— Oh, eles não podem brigar, — murmurou Bertie.

— Desde quando? — Colin exigia.

Nigel colocou sua xícara de porcelana precisamente no pires.

— Simplesmente aconteceu, evidentemente.

As sobancelhas de Colin apertaram mais uma vez, o que significava que ele estava pensando. Nunca era uma coisa boa.

— O que aconteceu?

— O Criador não disse e não é o meu trabalho investigar. — E como ele desejava que ele pudesse dar a mesma restrição ao coração do arcanjo. — Mas está claro que Jim está por conta própria.

O que era um caminho desastroso. O Salvador era forte, mas não tinha nenhuma experiência nos caminhos desta guerra antiga. Ele era, em provérbio de demônio, um faisão perdido em época de caça.

— Mas eu acredito que o Criador agir, — Nigel concluiu.

— Contra nós? — Colin perguntou.

— Devemos esperar e ver.

Não havia nada a prometer a seus colegas, nenhuma fé para instalar neles em virtude da conversa. Uma vez que apresentasse algo ao Criador, para consideração, o assunto estava fora das próprias mãos, e não havia maneira de prever como os dominós enfileirados cairiam.

— Eu vou lá baixo, — anunciou Colin. — Heron não pode ficar sozinho.

¹²⁷ **Chá Earl Grey** — é um a mistura de distintivo sabor e aroma derivado da adição de óleo extraído da casca da laranja bergamota, uma fruta cítrica perfumada. Tradicionalmente, o termo "Earl Grey" foi aplicado apenas para o chá preto, no entanto, hoje o termo é usado para outros chás que contêm óleo de bergamota, ou o sabor.

Porque não cumpriam as regras, Nigel pensou. Apenas uma vez?

Quando ele pegou sua xícara de chá e segurou-a com o seu dedo mindinho estendido, ele percebeu novamente que, se havia uma coisa que poderia ser defendida, era a paixão de Colin: Para todos, ele era o intelectual entre eles, a verdade era, por natureza ele estava de fogo, o seu controle de nada cognitivo, mas uma sobreposição dura cobrindo a sua verdadeira constituição.

— Nada a dizer, Nigel? — Colin cobrou amargamente. — Nenhum, 'oh, não, você não pode'?

Nigel focou o castelo que estava a uma curta distância, e quando ele finalmente falou, foi com uma voz baixa que, vindo de outro, ele teria denominado como triste.

— Nós temos uma oportunidade para ganhar este jogo. Gostaria de pedir que você considere a ação. Seria tolo tomá-la, imediatamente, com precisamente o tipo de violação que eu apresentei para a correção do Criador.

— O conservadorismo é primo da covardia. Eu digo, se o Criador tem conhecimento das infrações de Devina, então a ação poderia ter sido tomada contra ela de volta, na primeira hipótese. Que nada ter sido feito, demonstra uma postura tolerante, e devemos, portanto, ser proativos neste caso.— O arcanjo jogou o guardanapo sobre a mesa. — Você não é o tão poderoso como pensa, Nigel. Ou você se acredita tão importante que só depois que se aproximou de uma resposta seria tomada?

No silêncio que se seguiu, Nigel encontrou-se esgotado com todas as coisas e todos os corpos. Jim mediara um acordo com Devina. Colin estava à beira de ser desonesto. O demônio estava trabalhando furiosamente.

A última jogada foi perdida, e havia pouca esperança para esta atual.

— Se todos vocês, gentilmente, me desculparem. — Com cuidado, ele apertou o guardanapo de linho na boca e fechou-o com precisão. Colocando-o perfeitamente ao lado de seu prato, ele se levantou. — Eu acredito que fiz o suficiente pedindo com lógica e vocês devem fazer o que quiserem. Eu só posso pedir-lhes para estarem cientes das maiores implicações. — Ele balançou a cabeça para seu velho amigo. — Eu esperava a batalha com o demônio. Nunca considerei que eu iria acabar envolvido num conflito com o Salvador ou com vocês, ao mesmo tempo.

Ele não esperou por uma resposta, apenas vaporizou-se de volta aos seus aposentos.

Estando no meio da privacidade do cetim colorido e da seda, ele sentiu como se tivesse sido lançado para a galáxia fria e estivesse flutuando pelo espaço, indo para o fim e mais além... sozinho e sem rumo.

Havia uma boa chance deles perderem a guerra. Com as coisas quebrando na terra, assim como aqui em cima nos céus, não havia nada a oferecer que contestasse as intrigas de Devina, e ela era exatamente o tipo que expunha e explorava esse estado debilitado.

Quando ele entrou inicialmente na arena com o demônio, ele estava tão confiante na vitória. Agora tudo o que podia ver era a derrota.

Eles iam perder.

Especialmente tendo em conta que ele deveria ter enfrentado Colin naquele momento, mas em vez disso cedeu ao cansaço.

Por um longo tempo, ele ficou no lugar onde seus pés pararam, seus pulmões lutando para respirar, ele não precisava e ainda assim parecia em pânico com a perspectiva de não ter ar.

Acabou então por caminhar até seu espelho ornamentado e sentou-se perante o reflexo de si mesmo. Com um feitiço suave, ele deixou sua imagem exterior se esfumaçar até que tudo o que restava dele era tudo o que ele realmente era: uma iridescente, fonte de luz de arco-íris que brilhava com todas as cores da criação.

Ele mentira para si mesmo, percebeu.

Desde o início, ele acreditava que essa guerra era sobre como salvar as almas no castelo e no entanto, era um motorista, havia outra verdade escondida por trás de seu manto de propósito heroico.

Esta era a sua casa. Estes quartos aqui, o tempo que passou com Colin, suas refeições e o esporte com Bertie e Byron. Mesmo tipo de olhos castanhos de Tarquin e membros esguios foram uma visão para desenvolvê-lo e sustentá-lo.

Esta era a sua vida e ele tinha amor por tudo, até as pegadas molhadas que Colin deixava nos tapetes depois de um banho, e o vinho que tomaram juntos, quando tudo estava em silêncio e imóvel, e a forma como até mesmo a pele imaginava que ambos assumiam que se sentia contra os outros. Ele era um imortal que neste momento conhecia o terror mortal da perda.

Como é que os humanos faziam? Passando por suas tão curtas vidas, não sabendo ao certo quando as pessoas que amavam lhe seriam tomadas... ou se tinha de fato um lugar para todos do outro lado.

Talvez fosse esse o ponto, no entanto.

De fato, ele passara muito tempo para catalogar alegremente os seus "dias" e "noites" de tomar por certo que tudo era como ele gostaria que fosse para sempre. Foi só agora, quando foi confrontado com uma morte, morte negra, que ele percebeu o quão bonito as cores vivas de sua existência eram.

O Criador era um gênio, pensou. A eternidade resultou em petulância, mas transitoriedade era a maneira de valorizar o que foi dado.

— Nigel.

Não era Colin, mas Byron, que enfiou a cabeça entre as abas roxas e vermelhas. O arcanjo estava hesitante em sua interrupção, e foi uma surpresa que ele não anunciou a si mesmo.

— Eu estou chamando você, — disse ele.

Ah, estava explicado.

Nigel reassumiu sua forma, reformando sobre si a carne e osso, e recobrindo o corpo com a roupa branca da tarde que ele vestira para o chá.

Enquanto ele encontrava os olhos por trás daqueles óculos cor de rosa, na verdade, ele teria preferido uma audiência com a raiva de Colin. Ou até mesmo a duplicidade de Devina, para esse assunto. A última coisa que interessava era a fé eterna de Byron e o otimismo.

— Meu querido menino, — disse Nigel, — talvez pudéssemos deixar isso para outro momento?

— Eu não devo demorar. Apenas vim dizer-lhe que Colin decidiu não descer.

Nigel levantou-se e foi para a espreguiçadeira ao lado da cama. Estendendo-se, ele achou muito difícil permanecer corporal. Estava cansado, *oh, tão cansado*, mesmo face ao que devia tê-lo aliviado.

— Vamos ver quanto tempo dura a reserva, — ele murmurou.

— Ele foi para seus aposentos.

A mensagem implícita era de que se Nigel quisesse falar com o arcanjo, qual seria o lugar para encontrá-lo, e o relatório de campo, por assim dizer, na realidade, era suficiente para o querido Byron. E não era realmente uma surpresa. Era impossível que Byron e Bertie não soubessem o quão perto Nigel e seu segundo em comando estavam, mas tudo foi tratado com discrição.

No entanto, esta forma, foi a maneira de Byron dizer que estava preocupado com os dois.

O otimista. Preocupado.

Na verdade, as coisas estavam de uma forma muito ruim.

— Colin está em seus aposentos, — o arcanjo repetiu.

— Onde ele deve estar. — Afinal, eles passaram tempo juntos aqui, mas "oficialmente" eles viviam separados.

Após a resposta suave, Byron tirou os óculos escuros, e quando seus olhos iridescentes levantaram, Nigel não conseguia lembrar o arcanjo de sempre sem aquelas lentes róseas.

— Perdoe-me por ser franco, mas eu acho que você talvez deva ir falar com ele.

— Ele pode vir até mim.

— Eu sabia que ia dizer isso. Qualquer chance de você se aproximar dele primeiro? — O silêncio respondeu a essa questão.

— Ah, mas você querido amigo, tem bom coração.

— Não, esse é Bertie.

— E você. Você sempre vê o melhor nas pessoas.

— Não, eu estou cercado por pessoas boas fazendo o seu melhor. Na verdade, sou realista, não um otimista. — Abruptamente, o rosto do anjo brilhava com o poder do conhecimento. — Sua natureza e a de Colin são a mesma coisa. Minha esperança é que vocês entendam isso e se unam mais uma vez.

— Então você é um romântico, também, então. Pequena contradição para um realista.

— Pelo contrário, eu quero ganhar, e nossas chances disso são melhores se você não se distrair com o coração partido.

— Meu coração não está partido.

Byron recolocou seus óculos no nariz, alto e alinhado.

— E pergunto... a quem você está mentindo.

Com uma medida, ele abaixou-se para fora da tenda.

No silêncio que se seguiu, Nigel ficou totalmente frustrado que havia pouco a fazer aqui para salvar registro anexo para a observação do Criador.

Era tão irritante pensar que ele também estava esperando a chegada de Colin com um pedido de desculpas.

No entanto, talvez não devesse prender a desnecessária respiração.

Capítulo 17

— Não, obrigado, acho que vou deixar você almoçar com esse agente sozinho.

Enquanto Reilly respondia sua pergunta, Veck pausou o processo de colocar sua jaqueta de couro. Eles estavam trabalhando seriamente toda manhã, indo linha a linha através dos relatórios Barten e ele, estava surpreso com o quão bem eles se limitaram ao trabalho.

A merda da noite anterior foi colocada firmemente em banho-maria, parecia, pelo menos para ela. Do seu lado? *Inferno*, sim, ela ainda estava em sua mente, e ele teria adorado que isso também lhe tivesse acontecido para que procurassem uma pausa na conversa para deslizar outro pedido de desculpas chato.

Em vez disso, era porque ele a queria. Ainda.

Na verdade, ainda mais.

Deus, ele precisava de um cigarro.

— Eu verei você de volta aqui a uma hora, então.

— É um encontro, *ah*, um plano, quero dizer.

Diante disso, ela mordeu o lábio com os claros dentes brancos, como se estivesse calando-se ou punindo sua boca pela referência a “encontro”.

Havia coisas muito melhores para fazer com aquela parte de seu corpo.

Xingando baixinho, ele deixou o departamento de homicídios antes que a brilhante ideia trouxesse uma oportunidade, e em vez de pegar as escadas principais, ele desceu as escadas de trás: Não estava interessado em ficar preso na barricada Britnae, ou encontrar algum colega. E tão logo ele estivesse fora da central, ele pararia, acenderia um Marlboro, e verificaria o céu. A luz do sol que prevaleceu no dia anterior foi enterrada debaixo de uma grossa camada de nuvens, e o vento era frio e úmido.

Coisa boa que ele estava disposto a uma rápida caminhada.

Cinco minutos de caminhada depois, ele estava no restaurante. O agente Heron estava ao lado da porta da frente, inclinando-se contra o prédio, fumando. Ele estava usando um monte de couro, parecia mais um motociclista do que um agente federal. Quem sabe, talvez ele estivesse de folga e andando de moto.

Veck franziu o cenho. *Cristo*, por alguma razão ele tinha uma memória vaga de um desses agentes reclamando sobre a sua BMW. Exceto: quando isso acontecera?

Talvez ele tivesse apenas sonhado.

— Um cigarro, na hora certa é melhor do que comida, — Veck murmurou, enquanto eles apertavam as mãos.

— Amém a isso.

— Mau dia?

— Pode dizer isso.

— Você quer apenas caminhar? — Veck acenou para a calçada. — Fumar vários cigarros parece mais atraente do que o BLT que eu tinha planejado pedir.

— Boa ideia.

Eles chegaram ao caminho de concreto juntos e mantiveram a velocidade em passeio. Ao lado deles, o Rio Hudson tinha a mesma cor escura do céu, a superfície ondulando em direção ao meio, com o vento.

— Trouxe-lhe uma cópia do nosso relatório, — disse Veck, colocando o cigarro entre os dentes e tirando os papéis que ele dobrara ao meio. — Mas você provavelmente já viu mais do mesmo.

— Nunca é demais dar uma segunda olhada. — Os documentos foram para o bolso do peito de Heron. — Eu quero ajudar.

— E eu preciso do que quer que você tenha. Este caso, é fodidamente frustrante.

— Eu ouvi.

E isso foi tudo o que eles disseram por um tempo. Carros correndo junto à direita deles, buzinando um para outro de vez em quando. Uma ambulância passou numa corrida mortal com as sirenes ligadas. Um emaranhado de ciclistas vestindo roupas Saran Wrap¹²⁸ e baldes de gelo aerodinâmicos¹²⁹ sobre as suas cabeças arrancadas para trás, pedalando como se estivessem sendo perseguidos.

Ao contrário do resto do mundo, ele e Heron ficaram em câmera lenta.

— Você é fácil de conversar, — disse Veck ao exalar a sua fumaça subindo sobre sua cabeça. Heron riu.

— Já não disse muito.

— Eu sei! Eu gosto. Merda, este caso Barten está me matando. Nada disso faz qualquer sentido, para ser honesto.

— Sim...

Veck olhou ao redor.

— Aliás, onde está sua equipe?

— Não está aqui.

Bem, *dah*. E claramente que era um assunto fechado.

Naquele momento, o telefone de Veck tocou, e ele o ergueu até sua orelha.

— DelVecchio... Sim? Claro... Merda... não goze.

Ele sentiu Heron olhar para ele... e enquanto o cara o fazia, o mais estranho aviso de cócegas correu ao longo da nuca de Veck.

Ontem à noite... em sua cozinha...

Os pés de Veck pararam e ele terminou o relatório de Bails sobre Kroner em piloto automático, seus olhos presos com os de Heron.

Ele sempre teve bons instintos sobre as coisas, mas isto era mais profundo do que a intuição ou palpites. Isto era verdade, embora ele não entendesse os 'comos' e os 'porquês'.

Depois que ele desligou, ele só ficou olhando para o agente do FBI.

— Você sabe, eu acho que alguém esteve em minha casa na noite passada.

¹²⁸ **Saran Wrap** – tipo de plástico usado para proteger e embalar qualquer coisa. Os filmes plásticos muito usados na cozinha e em embalagens. No livro a autora se refere às roupas brilhantes e de material sintético, usadas pelos ciclistas nas ruas.

¹²⁹ A autora se refere aos capacetes utilizados pelos ciclistas. Modelo para uso em Mountain bike e na cidade. Modelo para velocidade, geralmente usado em pistas e velódromos.

Heron não piscou um olho, não houve reação em seu rosto duro. *O que era como se assumisse, não era?*

— Eu não sei, talvez eu estivesse sonhando.

Baboseira. Tinha sido Heron. Assim que Veck entrara em sua cozinha, ele sentira exatamente o mesmo, estar sendo observado pelos olhos que estava encontrando agora.

A pergunta era: por que o FBI estava seguindo-o?

Então, novamente, um arquivo debaixo daquele *bem, dá*: Seu pai seria executado em Connecticut, em questão de dias. Talvez eles estivessem preocupados que ele fosse imitá-lo ou algo assim, e sim, o incidente Kroner ajudou muiiiiito nessa frente.

— E, embora a aplicação da lei não permitisse oficialmente destacar e suspender as pessoas só por causa do que pareciam ou com quem eles estavam relacionados, eles com uma certeza de merda poderiam trabalhar os ângulos em volta.

Então, novamente, eles poderiam estar protegendo-o. De seu pai, ou dos seguidores de seu pai. Nesse caso, porém, eles teriam de se apresentar e dizer a ele, não teriam?

— Então o que você achou do Bob Greenway, — Veck murmurou. — O gerente da Hannaford onde Cecília Barten foi vista pela última vez.

— Como você disse, não há muito para ir adiante.

— Você não está aqui pelo caso Barten, não é.

Heron deu uma tragada em seu Marlboro.

— O inferno que eu não estou.

— O nome do gerente é George Strauss. Você já leu o arquivo?

O agente não piscou. Não pareceu se importar nem um pouco que ele fora preso em um lapso de memória, na melhor das hipóteses, e na pior, numa mentira. Ele permaneceu totalmente auto contido, como se tivesse visto e feito coisas muito piores do que uma mera flexão da verdade, ele não se poderia estar mais cagando para isso.

— Você poderia me dizer por que estava em minha casa na noite passada? — Veck disse, batendo seu cigarro no ar.

— Não é errado dizer que eu tenho um interesse especial em você. E é muito correto dizer que o desaparecimento de Sissy Barten é um negócio fodidamente grande para mim.

Veck franziu o cenho.

— Então o que diabos está acontecendo? Não tem nada a ver com meu pai? Porque no caso de você não estar ciente disso, eu realmente não conheço o cara, e espero que faça um favor ao mundo e acabe com o bastardo.

Heron se inclinou, levantou uma bota, e apagou a ponta do seu cigarro sob a sola pesada de sua bota de combate. Depois que ele colocou a bituca no bolso de trás, tirou uma outra haste nova de seu maço de cigarros.

Acendeu a coisa com a eficiência de um fumante de longa experiência.

— Deixa-me perguntar uma coisa.

— Eu agradecia, que pudesse tentar responder a algumas das minhas primeiro.

— Bobagens... Estou mais interessado em você. — O cara tragou e exalou. — Você já se sentiu como se houvesse outro lado de você? Algo que segue você por perto, à espreita sob a superfície. Talvez de vez em quando ele sai, levando-o em uma direção que não quer entrar.

Veck estreitou os olhos enquanto o seu coração chutou uma vez em seu peito e depois parou morto.

— Por que diabos você me pergunta isso?

— Só por curiosidade. Seria o tipo de coisa que não quer ver em um espelho, por exemplo.

Veck deu um passo para trás e apontou para o cara com o seu dedo em riste.

— Fique fora da minha casa e longe de mim.

Heron permaneceu simplesmente onde estava, os pés plantados no meio da calçada.

— Seria o tipo de coisa que faz você se perguntar do que é capaz. Você lembra tanto o seu velho, você não gostaria de pensar nisso.

— Você é louco.

— Nem um pouco. E nem você.

— Deve saber que eu sou bom com uma arma. E não me importo se é um agente federal, assumindo que você não mentiu sobre isso também.

Veck girou e começou a andar rápido.

— Olhe para onde põe os pés, Thomas DelVecchio, — Heron gritou. — Dê uma boa olhada no que está fazendo. E então me chame quando ficar com medo suficiente. Eu sou o único que pode ajudá-lo.

Filho da puta maluco.

Maluco filho da mãe.

Demorou pouco tempo para voltar para o quartel central e ele disparou a correr pela escada, atirando-se para o seu computador. Enquanto corria pelo departamento de homicídios, tudo que tinha a saudá-lo era um monte de telefones tocando, todos estavam fora almoçando ou trabalhando em algum lugar, num caso, na cidade. O que era uma boa notícia para seus colegas.

Sentado em sua mesa, ele conseguiu o número do escritório local do FBI, e ligou.

— Sim. Olá, aqui é o detetive DelVecchio da Homicídios de Caldwell. Eu quero falar com o departamento pessoal. Sim. Obrigado! — Ele pegou uma caneta e começou a rodopia-a em vai e vem na sua frente. — Sim, DelVecchio do CPD, quero ver se você tem um agente Jim Heron em qualquer lugar em seu sistema, incluindo fora do estado. Eu tenho o número do meu distintivo, se você quiser. — Ele recitou os números. — Uh-huh, certo é isso. O cara que eu estou procurando é o agente Jim Heron. Sim, é assim que soletra, como o pássaro¹³⁰. Um homem se aproximou de mim ontem com o que pareciam ser credenciais legítimas, se identificou como um agente que trabalha em um caso de pessoas desaparecidas e veio comigo entrevistar a família. Eu só encontrei com ele novamente e quero verificar quem é. Sim. Apenas me chame, estou na minha mesa.

Ele desligou o telefone.

Um Mississippi. Dois Mississippi. Três Mississippi. Quatro Miss...

Seu telefone tocou.

¹³⁰ *Heron* – em inglês significa garça.

— DelVecchio. Ei, obrigado, realmente. Certo, absolutamente ninguém com esse nome. Sim, ele tem 1,95m, talvez 1,98m. Cabelos alourados. De olhos azuis. Parece com um soldado. Ele tinha dois outros homens com ele, um com uma trança, outro com um monte de metal no rosto. As credenciais eram legítimas, porém, até o holograma. Obrigado, sim, por favor, eu gostaria de saber se vocês encontrarem alguma coisa, eu informarei vocês se ele aparecer de novo.

Quando desligou o telefone, achava que deveria ter percebido. Deveria ter sabido foda-se, ele devia ter prendido o cara ali mesmo junto ao rio. Aquela conversa sobre as sombras, porém, o fez entrar no jogo dele...

— Você está bem?

Ele olhou para cima. Reilly estava de pé ao lado de sua escrivaninha, um saco pequeno do McDonald's em uma mão e um refrigerante pequeno na outra.

— Caralho, não estou nada bem. — Ele passou os olhos pela tela do computador, porque ele sabia que estava olhando. — Lembra-se daquele agente do FBI de ontem?

— Heron?

— Ele é uma farsa.

— Uma farsa? — Ela se sentou ao lado dele. — O que você quer dizer com isso?

— Alguém invadiu a minha casa na noite passada. — Como ela engasgou, ele continuou. — Foi ele. Provavelmente seus dois companheiros, também

— Por que você não me contou? E por que diabos você não o denunciou?

Ele começou a esfregar suas têmporas, e pensar: Bem, pelo menos essa dor de cabeça era o tipo de estresse normal. Nada além de tensão.

Abruptamente, ele se levantou.

Exceto que não havia nada atrás dele, ninguém olhando para a trás de sua cabeça ou alinhando um canhão com seu crânio. Era apenas uma sala vazia cortada por cubículos preenchidos com computadores, telefones e cadeiras de escritório vazias.

Os seus instintos assinalavam fontes desconfortáveis e indetectáveis que existia outra visão para tudo, uma que, embora seus olhos não pudessem medi-la, era tão real quanto qualquer coisa que ele podia tocar e sentir.

Assim como na noite passada em sua cozinha. Assim como ele esteve no rio 10 minutos atrás.

Tal como fora a sua vida inteira.

— O que se passa? — Reilly perguntou.

— Nada.

— Sua cabeça dói?

— Não, está tudo bem.

Veck casualmente se levantou e caminhou todo o caminho através do departamento para os bancos das janelas que davam para a rua abaixo. Fazendo com que ele tivesse apenas que olhar para fora para o céu, focar seus olhos no vidro e se concentrar.

Sem sombras.

Obrigado, foda. Espelhos geralmente eram o caminho mais seguro para ver o que estava à espreita, mas vidraças poderiam fazer esse truque.

Porra, ele estava enlouquecendo.

Voltando ao redor, ele passou pelo que parecia ser um caso quente enquanto voltava para sua cadeira.

Reilly colocou a mão no braço dele.

— Converse comigo. Eu posso ajudar.

Ele esfregou o cabelo e não se incomodou em alisá-lo de volta no lugar.

— Ontem à noite, quando cheguei em casa, eu sabia que havia alguém em minha casa. Não houve invasão evidente, mas foi só... — Ok, agora ele estava começando a sentir-se louco enquanto ele se ouvia falar. — Eu não tinha certeza até que eu fui encontrar com Heron. Algo sobre a maneira como ele estava olhando para mim... Eu sabia que era ele, e ele não negou. Inferno porra, eu deveria ter esperado algo assim tão perto da execução de meu pai.

— O que... Sinto muito, o que seu pai fez...

— Como eu disse antes, ele tem fã. — esfregou novamente o cabelo. — E eles fizeram merdas assustadoras. Eles não podem chegar perto dele, mas eu estou fora do público em geral e eles me encontraram. Você não pode imaginar que porra é descobrir que o seu novo companheiro de quarto é um adorador do diabo, ou aquela garota que bateu em você no bar é coberta com tatuagens do rosto de seu velho. Especialmente o *meu* velho. — Ele amaldiçoou baixo e duro. — E acredite, esses são apenas os exemplos menos criativos. Eu deveria ter sabido que algo como isto ia acontecer agora, mas eu não acredito em paranoia. Talvez, no entanto, maldição, eu devesse muito bem.

— Você não pode culpar a si mesmo pelo Heron. Eu vi a identificação. Parecia absolutamente legítima.

Seus olhos fitam os dela.

— Eu levei aquele homem na casa *da vítima*. Para conhecer sua maldita *mãe*. Oh, pelo amor de Deus...

Veck empurrou sua cadeira para trás em um impulso acentuado se levantou. Enquanto se aproximava da linha de cubículos vazios, ele queria bater em uma parede.

E, naturalmente, naquele momento, seu celular tocou.



Reilly ficou no seu lugar enquanto Veck atendia a chamada.

Ele parecia terrível. Estressado. Esgotado. E ocorreu-lhe que ele não teve nada para comer em sua casa na noite passada e, provavelmente, dada a forma como o "almoço" tinha se passado, não fizera nenhum favor a si mesmo ao meio-dia.

— Sério? Claro. Sim, ela está comigo. Uh-huh...

Como doze tipos de frases evasivas flutuando, ele andava em um círculo apertando a mão livre em seu quadril, cabeça para baixo, sobancelhas apertadas. Ele estava usando seu uniforme de calças pretas e uma camisa branca sem gravata, e através do bolso inferior, se via a faixa vermelha de seu maço de Marlboro.

Os cubículos do departamento de homicídios, como os demais na AI, não eram mais altos do que altura do peito, e como seus colegas, os detetives aqui decoravam seus espaços de trabalho com fotos de crianças e esposas ou maridos. Algumas das mulheres possuíam plantas pequenas. Quase todos tinham canecas especiais que usavam para o café e colocavam quadrinhos do Dilbert¹³¹, e os anúncios com erros estúpidos neles.

O de DelVecchio estava totalmente vazio, o pano coberto, paredes nuas de qualquer coisa, apenas os buracos deixados pelo último cartaz do habitante anterior. E ela teve a sensação de que não tinha nada a ver com o fato de que ele acabara de começar a trabalhar aqui. Normalmente, quando alguém novo entrava, colocar suas coisas era a primeira coisa que eles faziam.

Veck desligou e olhou para cima.

— Era De La Cruz. E também falei com Bails.

— Eu também falei com eles.

— Então você sabe que Kroner pensou que foi um animal que o atacou, e que ele me identificou como o homem que veio e chamou o 9-1-1.

— Sim, eu sei. E eu acho que você deve acreditar.

— Acreditar no que?

— Que você não vai machucá-lo. — enquanto ele fazia um ruído de desprezo, ela balançou a cabeça. — Eu quero dizer isso, Veck. Eu não entendo por que você está tão persistente, mesmo diante de evidências em contrário.

— As pessoas podem estar erradas.

— Não a uma distância tão próxima. A menos que ache que essas feridas foram causadas por alguma coisa do outro lado do estacionamento? — Quando ele não disse mais nada, ela sabia que era como bater em um cavalo morto. — Heron terá de ser citado.

— Por se passar por um agente federal, sim. Mas duvido que eu possa provar que ele esteve em minha casa. — Ele sentou-se e foi até o telefone. — Pelo menos eu tenho o seu número de telefone celular aqui.

— Vou arquivar o relatório, — disse ela. — Você precisa tirar o resto da tarde de folga.

— Bobagens... Eu estou bem.

— Esse não foi um pedido.

— Eu pensei que você era minha parceira, não superior a mim.

— Na verdade, se formos por ranque, eu sou superior a você. — Com um estremecimento, ela desejou que formulasse de forma diferente. — E eu também posso cuidar da papelada sobre o que fizemos ontem.

— Obrigado, mas eu vou fazer isso.

Ela se virou para verificar seu e-mail.

— Você terá a tarde livre, lembre-se.

Quando não houve resposta, ela pensou que talvez ele estivesse recolhendo suas coisas. Ela deveria ter sabido... Ele acabara de se recostar na cadeira e estava olhando para o monitor do computador. Sem dúvida, estava vendo algo nele.

— Eu não vou sair. Eu só quero trabalhar.

¹³¹ **Dilbert** – Personagem de tiras de jornal cômicas, e muitas vezes críticas.

E foi aí que ela percebeu que ele não tinha nada. Ninguém para ir para casa. Ninguém em sua vida deixou o "parente próximo" nos slot vazios em seu arquivo de Relações Humanas, e seu contato de emergência era o cara Bails. *Onde estava sua mãe?* ela se perguntava.

— Aqui, coma isso, — disse ela, colocando o saco dela do McDonald's na frente dele. — É apenas um cheeseburger, mas você parece precisar de algumas calorias.

Suas mãos foram surpreendentemente gentis enquanto ele pegava o presente.

— Eu não quero pegar o seu almoço.

— Eu tive um bom café da manhã.

Ele esfregou a parte enrugada entre as sobrancelhas.

— Obrigado. Quero dizer, por isso.

Enquanto ele pegava o pacote amarelado e fazia um trabalho eficiente ao comer o hambúrguer e as batatas fritas grandes, viu-se correndo de volta para o passo com ele, apesar de nenhum deles estar de pé e andar.

Mas então, as parcerias eram assim. Às vezes, as engrenagens interligavam suavemente. Outros? Era tudo irritante e guinchava. E não foi sempre claro por que, ou quando, as coisas voltaram a estar à vontade.

Embora no caso da noite passada, era malditamente óbvio, a desperdiçaram.

Limpando a garganta, ela disse:

— Você gostaria de tentar jantar de novo.

A cabeça dele rodou na direção dela, ela poderia muito bem ter deixado cair uma bomba em seu colo ao invés dos arcos dourados.

— Você está falando sério, — disse ele.

Ela deu de ombros, fazendo como se ela fosse indiferente.

— Minha mãe ficou mortificada por eu ter ido ao fast-food para o almoço e insistiu que eu vá lá comer hoje à noite. Na verdade, eu acho que ela me faria ir lá até mesmo se eu tivesse almoçado um prato de fibras e tofu, a vontade de cozinhar vem sobre ela de vez em quando, e como filha única, a questão da boca extra importa. Mamãe cozinha bem, você sabe o que quero dizer.

Ele pegou três batatas fritas, mastigou, e limpou a boca com um guardanapo.

— Tem certeza de que quer fazer isso.

— Eu perguntei, não perguntei?

Ele se concentrou na embalagem.

— Bem... então sim. Eu gostaria. Muito.

Com Reilly ocupada com as mensagens de texto de sua mãe, ele disse:

— Eu prometo estar no meu melhor comportamento.

O baixo e rouco tom sugeriu que ele não estava falando apenas de boas maneiras à mesa, e ela sabia que era o tipo de voto que ela devia ter também. Eram necessários dois para dançar o tango, e Deus sabia que ela esteve ali mesmo com ele em sua cozinha.

Então, novamente, ela não estava usando nada Victoria¹³² que fosse algo confidencial aproximadamente. Então, eles provavelmente, estavam seguros.

¹³² Referência a lingerie da **Victoria's Secret**.

Provavelmente.

— Ok, como se escreve Heron? — ela perguntou, enquanto ela puxava um relatório de incidente em branco em sua tela.

Houve a mais breve das pausas. E então ele disse calmamente:

— Assim, como o pássaro.

Capítulo 18

Quando a noite caiu, Adrian estava bêbado... mas não excitado.

As duas coisas nem sempre andavam juntas. Era possível que ele apenas ficasse excitado, por exemplo, sempre acordava, geralmente estava pronto para alguma ação bem como sóbrio como uma pedra fria. Contudo, muito raramente ele flutuava com algumas cervejas sem ficar com aquele comichão que precisava ser coçado. E não era como já tivesse ficado descontroladamente bêbado, ele não tinha certeza de que isso era possível. Mas anjos podiam ficar atordoados, e que de modo geral, levavam a todo tipo de oi-como-está.

Quando ele jogou mais uma longneck vazia, ele contou com seus dedos.

— Espere, esta foi a sexta? Ou sétima para nós?

Pela primeira vez, o outro anjo estava acompanhando as batidas na mesa. Desde que os dois entraram pela porta da frente do Iron Mask há uma hora, o cara estava seguindo o ritmo de Ad uma a uma.

— Oito, — Eddie murmurou, enquanto erguia a mão para a garçonete.

A mulher acenou com a cabeça imediatamente e seguiu para o bar. Ela era boa: movia-se rapidamente, mantinha os olhos abertos e não parecia interessada em cortar ele e seu rapaz.

Enquanto Adrian esperava pela próxima rodada a ser servida, ele sentou de volta no reservado de veludo amassado e inspecionou o pessoal sombrio e mal-humorado. Mais por hábito, do que necessidade, ele estimou que estava na hora de mudar do modo beber para foder.

Ele era tão romântico, não era?

Pelo menos ele sabia que encontraria algo. Este clube gótico era o tipo de lugar em que se sentia perfeitamente confortável, os grupos de personagens, dos bartenders às garçonetes até as pessoas que por ali passaram, eram todos seu pessoal: não chegavam a ser uma rosa, delicada e esnobe POS em visão. E normalmente ele não levava mais do que um minuto e meio para achar uma candidata merecedora. Esta noite? Até mesmo a chippie de cabelo preto preso num rabo de cavalo, a Marilyn Monroe e a bustiê de cetim não eram capazes de fazê-lo tirar o traseiro do sofá.

Pensando nisso, ele nem mesmo estava duro.

Porra de Jim Heron.

A garçonete apareceu com o outro par de longnecks e Eddie inclinou-se para pôr outra de vinte na bandeja diante dela. Ele passou a garrafa para Ad e recostou-se.

— Eu acho que nós precisamos nos ocupar, — Eddie disse.

— Como em...

Naquele momento, uma Rapunzel da noite passou desfilando, sacudindo a bunda e os olhos de Eddie seguiram o espetáculo, enquanto ardiam em vermelho intenso.

Bem, esta não era uma troca de papel? Tipicamente, Ad era o explorador.

— Por que você não faz algum negócio? — Adrian tomou metade de sua cerveja em um gole só. — Eu cuidarei de sua Bud.

A mulher de cabelos longos parou logo depois de onde eles estavam instalaram e olhou por cima do ombro. Pela sua expressão, ela poderia muito bem se colocar nua em uma mesa para eles.

— Tem certeza? — Eddie perguntou.

— Sim, vou só ficar por aqui.

— Eu não demorarei.

— Leve seu tempo. — *Inferno*, a noite seria longa. Talvez mais algumas e ele estaria pronto. Deus sabia que Eddie poderia seguir por dias seguidos, assim eles ainda poderiam formar um time duplo.

Quando Eddie levantou, sua ereção era óbvia, e o tipo de coisa para que o sujeito da Enzyte¹³³ da TV, Bob, tomava todas aquelas pílulas para brincar. E quando a fêmea que capturou o olhar do anjo deu uma olhada apropriada para ele, ela praticamente levitou de seu bustiê, a mão subiu até a garganta... e desceu vagarosamente até seu decote.

Você pode cortar a sedução, doçura, Adrian pensou. Você o pegou.

E ele seria espetacular.

Eddie sempre era.

— Divirta-se, — Ad murmurou.

— Você sabe onde nos achar se mudar de ideia.

Quando Eddie partiu, Ad terminou a cerveja... e, enquanto o tempo se arrastava, foi trabalhar na de seu amigo.

— Você não a achou atraente?

A baixa e lenta fala arrastada fez sua pele rastejar.

E ele se recusou olhar à esquerda.

— Boa noite, Devina.

A demônio passeou por seu campo de visão e tomou o lugar de Eddie no reservado. Pelo canto de olho, viu que ela estava em um vestido preto, do tipo que faz mais sentido usar num coquetel insuportavelmente sofisticado em alguma mansão... o tipo que se separava para mostrar tanta perna que uma pequena parte das ligas sustentando suas meia-calça fizeram uma breve aparição.

— Você não combina com este lugar, Devina.

— Eu sei, eu sou boa demais para este lugar, isso acontece comigo o tempo todo. — Conforme a garçonete se aproximava, a demônio sorriu. — Um copo de vinho branco se você tiver. E coloque na conta dele.

— Não tenho uma conta, — ele cortou.

— Então ele pagará com dinheiro.

¹³³ **Enzyte** — Suplemento nutricional feito de ervas que promete aumento peniano.

Adrian sentiu o primeiro agitar em seu pau, mas não era sexual. Era raiva contra o inimigo. Cara, ele nunca era despertado por ela do jeito correto, mas agora ela o deixou duro.

Era o mesmo para Jim?

— Então onde está o seu amigo segurando vela? — a demônio perguntou. — Acredito que está faltando uma parte de seu tripé¹³⁴.

A boa notícia, ele supunha, era que Devina não poderia estar em dois lugares de uma vez. Assim a menina que fazia sexo casual no banheiro com Eddie não era ela. E onde quer que Jim estivesse, o inimigo não estava com ele, também.

— O que te traz aqui? — ele perguntou.

— Sem comentários sobre minha pergunta?

— Não.

— Ah, bem... Eu estou procurando você, na verdade. Lisonjeado?

— Nem um pouco.

— Eu pensei que poderia precisar de alguma companhia.

Ele abriu a boca para dizer que estava satisfeito e que ela podia ir se foder, mas pensou em Jim lá fora por conta própria. Sem dúvida o filho da puta ainda estava trabalhando os ângulos com DelVecchio, seguindo em frente sem eles. Com aquele maldito colar ao redor da garganta.

E aqui eles estavam, sentados em seus traseiros, paralisados como vadias.

Adrian forçou sua cabeça em direção Devina. Quando ela sorriu para ele, seus perfeitos dentes brancos brilharam até mesmo na escuridão e ele não pôde deixar de se lembrar de todas as coisas divertidas que fizeram juntos.

Riu de revolta.

Suas entranhas se agitaram.

E a trituração piorou quando ela avançou lentamente para mais perto dele.

— Eu senti sua falta.

— Eu duvido disso. Eu sei que você esteve ocupada.

— Com Jim, quer dizer? — Ela se inclinou, os seios perfeitos empurrando contra o braço superior dele. — Com ciúmes?

— Sim. Absolutamente fervendo.

Seus lábios vermelhos rubi roçaram a orelha dele.

— Você não mente muito bem, mas você é um bom companheiro de cama.

— E o oposto seria verdade para você.

Pelo menos isso a ofendeu o bastante, assim ela se afastou.

— Isso é *tão* falso. Eu sou uma foda fantástica.

Ele riu num difícil exalar. Típico, ela nem mesmo se importava de ser empurrada para outra merda.

A garçonete entregou o vinho, e embora ele pudesse ser um otário e fazer a demônio pagar, ele ficou com medo de arrastar a pobre humana com a bandeja de coquetel para esta bagunça. Pagando com uma de vinte, ele ficou aliviado ao ver a mulher passar para outras pessoas.

Devina se recostou no reservado e correu um dedo delicado ao redor do copo de vinho.

¹³⁴ **Tripé** – Homem com pênis tão grande, que o mesmo parece uma terceira perna.

O que diabos ela estava fazendo aqui? ele pensou. Ela era uma cadela viciosa, mas ela não espionava. E ela acabou de ter o Jim, *pelo amor de deus*, assim não era como se estivesse desesperada por sexo.

— Então, onde o Jim está? — Devina perguntou sobre a beira de seu chardonnay¹³⁵. — Na parte de trás com seu menino, fazendo alguma tolice de merda?

Adrian franziu o cenho. Ela fez a declaração parecer retórica, mas ele podia ver através de sua rotina falsamente casual: Ela não sabia onde o Salvador estava, sabia? Jim a bloqueou. De alguma maneira, o bastardo descobriu um modo de ficar verdadeiramente invisível, por assim dizer.

Santa. Merda.

Adrian sorriu.

— Você podia ir ver por si mesma.

Os olhos dela deslizaram para fora.

— Eu prefiro ficar com você.

Mentirosa, ele pensou.

— Eu estou emocionado. Mas não penso que essa é a verdade, não é?

— Eu estou escolhendo me sentar com você agora.

— Sim, você está, não é mesmo?

Seu salto stiletto¹³⁶ balançou no final de seu pé quando ela chutou a cadeira com impaciência.

— Sabe, Adrian, se você algum dia se cansar de ser um chato bem comportado, poderia vir para o meu lado.

— Porque você tem cookies, certo.

Aqueles olhos pretos retornaram para ele.

— E tanto mais.

— Bem, eu estou de regime. Desculpe, mas obrigado pelo convite.

Devina lambeu os lábios.

— Tentação é bom para a alma.

— Apenas do modo como você olha para as coisas. — Ele acabou com a cerveja de Eddie e ficou de pé. — Agora, se você me der licença, eu acho que vou voltar e dar um pequeno passeio.

— Fugindo de mim, Adrian?

— Oh sim, isso mesmo. Estou tremendo de medo de você.

— Você é sábio, meu anjo.

— Eu não sou seu, cadela.

— Errado, oh, muito errado. — Seus olhos brilhavam com todas as torturas do inferno. — Eu estou dentro de você, Adrian. Eu estou bem ali, envolta ao redor de seu coração.

— Falarei ao Jim que você disse oi.

— Eu estou dentro de você, meu anjo, e você sabe disso. É a razão pela qual está levantando e indo embora.

¹³⁵ **Chardonnay** – Vinho feito com a uva branca.

¹³⁶ **Stiletto** – Salto de sapatos alto e fino.

— Nah. Eu apenas quero estar com uma mulher real, não uma falsa.

Sua face empalideceu, Adrian virou a costa para ela e passeou para fora, mas de alguma maneira, não sentia como se realmente a tivesse deixado. Não sentia como se ele jamais a tivesse deixado. E isso significava que... ela provavelmente estava certa.

Enquanto se aproximava do banheiro, ele não estava preocupado em se proteger da ira dela. Ela não faria qualquer coisa com tantos humanos assim ao redor. Confusão demais quando chegava a hora da limpeza. Além disso, seria óbvio demais. Se fosse buscá-lo, ela seria mais criativa sobre isto.

Eu estou dentro de você, anjo, e você sabe disso.

Empurrando aquela voz diretamente para fora de sua cabeça, ele achou facilmente o banheiro em que seu amigo estava, não apenas porque havia um monte de gemido de mulher acontecendo. Ele podia sentir seu melhor amigo claro como o dia, e isso o fez perceber que não apenas Devina não conseguia encontrar o Jim: Ele não estava captando o Salvador, o que era chocante. Ele estava tão puto com aquele cara quando partiram naquela manhã, que só queria distância dele. Mas agora... quando tentava alcançá-lo, não havia nada.

Então onde diabos estava Jim?

Mesmo quando o pensamento ocorreu, ele viajou no que-porra-é-essa?: aquela demônio era como um cata-vento quando se tratava de detectar coisas, assim o melhor curso a tomar era continuar seus negócios como se não houve algo errado. Nenhum racha. Nenhuma luta interna. Apenas Adrian e Eddie queimando algumas calorias enquanto Jim estava camuflado e trabalhando na guerra. Devina perceberia que não fazia algo que valesse a pena desenterrar por aqui e continuar com seus negócios.

Adrian não bateu na porta. Não havia razão para tal. Um momento depois que se apoiou no batente, Eddie estalou a fechadura e foi apenas questão de deslizar para dentro e retrancar.

O bustiê da mulher fora tirado e havia seios em todos os lugares. Como Ad, ela tinha ambos os mamilos perfurados e havia uma corrente de aço inoxidável unindo as pontas.

Conjunto impressionante. E os seios não eram nada mal.

A saia dela estava para cima e ao redor a cintura e seu traseiro comprimido apertado aos quadris de Eddie, e seus cabelos longos contra os peitorais dele. O couro dele ainda estava no lugar, mas era óbvio dada a forma como ela estava inclinada que os botões estavam abertos e uma penetração longa e inteira estava acontecendo.

Adrian sentou no assento do vaso à frente deles e alcançou, puxando os seios para uni-los, a pequena corrente ficando longa por causa da pouca distância. Antes que ele abaixasse a cabeça se concentrado naqueles mamilos, encontrou o olhar de seu melhor amigo e levou em conta os séculos que gastaram juntos para preencher os espaços em branco.

Eles tinham que ficar por aqui e fingir que tudo estava bem.

E era mais que um pouco inquietante que Eddie, que normalmente tinha o melhor radar, não sentiu o vento da chegada da demônio.

Houve uma breve hesitação, indicando que a mensagem foi recebida. E então Eddie começou a foder novamente, puxando o corpo para trás e depois tornando a empunhar. O rosto dele estava tenso, e não porque ele estava pronto para gozar.

A mulher, porém não percebeu que a vibração mudara. Ela apenas gemeu e jogou a cabeça para trás, enquanto oferecia a boca para Eddie e olhava para as mãos enormes que moldavam seus seios. Enquanto Eddie selava seus lábios, Ad apertou o seio que ele espalmou para cima e então meteu sua língua, sacudindo um dos arcos de aço inoxidável; então chupou a ponta da corrente para dentro de sua boca. Enquanto trabalhava nos mamilos dela, escavou debaixo da saia de couro, subindo e subindo, até o sexo molhado que estava sendo usado. Quando encontrou o clitóris da garota, não foi surpresa que ela tivesse um aro de esfera em seu capuz, na verdade, isso era um clichê entediante.

É claro que ela tinha um. Seu umbigo com certeza estava perfurado. E talvez ela tivesse alguns sub-cutâneos nas costelas ou abaixo na espinha dorsal.

Bocejo.

O coração dele não estava nisso. Era apenas outra foda em outro banheiro com outra hardcore nada de especial.

Quando Eddie entrou num ritmo motriz, as bolas dele foram para frente, batendo na mão de Adrian e porque Ad não poderia se importar menos com a garota, ele agarrou o que seu amigo tinha e lhes deu uma bela torcida, garantindo que pelo menos alguém além da mulher tivesse um orgasmo.

Eddie gritou uma maldição e entrou forte no corpo da fêmea, seus quadris se agitando, as bolas ficando apertadas. A mulher gritou, como se o empurrão violento dentro dela tivesse dado início a sua própria aventurinha feliz, ambas fazes fizeram careta e então relaxaram e então fizeram caretas novamente. Quando Eddie eventualmente se retirou, sua ereção ensopada deslizou pela palma de Adrian e sabendo muito bem que seu amigo ainda tinha mais três ou quatro rodadas ainda dentro de si. Ad agarrou aquele comprimento duro e acariciou enquanto voltava a chupar os seios da mulher e deixava seu antebraço esfregando o núcleo dela.

Ele estava totalmente morto à medida que passava pelos movimentos, fazendo ambos gozarem novamente, assumindo a sessão sentado no vaso sanitário.

Girando a mulher, Ad a puxou para baixo sobre os joelhos de frente para Eddie e abriu a boca dela com uma pressão sutil na mandíbula. Agarrando a parte de trás de sua cabeça, ele a guiou até o pau brilhante de seu amigo, fazendo-a trabalhar nele, enquanto ele deslizava um aperto ao redor do traseiro de Eddie.

Os dois estavam concentrados nisto, assim ele aumentou o ritmo, trazendo Eddie para dentro e para fora mais rápido, forçando a mulher a tomar mais e mais daquilo que ela ofegava ter.

Ele sabia que Eddie gostava mais das relações quando ele participava. Esse anjo não confiava em ninguém e sexo era melhor se você se sentisse seguro. Com certeza, o cara nunca se deixava levar completamente, mas se Ad estivesse por perto, era mais provável que relaxasse um pouco, e olhando no espelho em cima da pia, ele observou seu amigo. Eddie mordida seu lábio inferior e fechara os olhos, sua cabeça jogada para trás, seu pesado rabo de cavalo balançando enquanto ele se agarrava ao batente da porta e na parede do outro lado tentando manter o equilíbrio.

Estava ganhando tempo para outro orgasmo. Ad conhecia o corpo de seu amigo como o seu próprio, assim ele parou o vai e vem furioso e pegou a ereção de Eddie, bombeando-a enquanto a

fêmea esperava pela carga como uma estrela pornô, boca aberta, lábios inchados e lambidas em antecipação.

Algum momento entre o acariciar e a face da fêmea sendo lambuza, Ad sentiu Devina deixar o clube. E não era uma miragem. A presença física dela não era possível de se falsificar.

Mas ela demorou, de qualquer maneira.

Enquanto Eddie ofegava em recuperação, a fêmea de joelhos correu os dedos sobre suas bochechas e os levou a boca. Sugando-os, ela semicerrou suas pálpebras e encarou Adrian, toda você-quer-me-foder.

Olhando para ela, ele tentou atrair uma respiração, mas havia um peso em seu peito que se recusava a ser movido e por alguma razão, a única coisa que ele poderia ver era o final do rabo de todo aquele seu falso cabelo preto que se esparramava no azulejo do banheiro sujo. Seus olhos frenéticos e sedentos por sexo desmentiam a fragilidade dela: Havia uma alma perdida atrás daquele olhar fixo e desesperado, um vazio que o lembrava muito de si mesmo.

Sobre ela, havia um armazenador de toalha de papel aderido à parede, seu oferecimento parecia uma língua para fora de sua sombria cabeça prateada.

Levantando o queixo dela em sua palma, ele segurou sua face com cuidado e tirou uma toalha branca. Com carícias cuidadosas, ele limpou a pele delicada, e pálida.

— Não esta noite, — ele disse roucamente. — Não hoje à noite, garotinha.

Ela piscou primeiro em confusão, e depois em tristeza. Mas isso era o que acontecia quando você era forçado a se ver claramente: Nem todos os espelhos eram feitos de vidro e você nem sempre precisa de seu reflexo para dar uma boa olhada em si mesmo. A verdade é algo que você usa tão seguramente como o traje de pele que limita e amordaça sua alma até que você seja libertado, e não se pôde ignorá-la para sempre.

Inclinado-se para frente, ele pegou o bustiê dela do balcão da pia e como uma criança ela sustentou os braços para cima de forma que ele poderia cobrir seus seios nus.

Cuidando dela, ele se sentiu como se estivesse cuidando da parte mais quebrada de si mesmo... e durante todo o tempo, Eddie testemunhou tudo com seus olhos vermelhos.

— Vá, agora, — Adrian disse enquanto ele fechava o último dos prendedores. — Vá para casa... onde quer que seja.

Ela partiu com passos instáveis, mas não por causa do sexo ou da bebida, e enquanto a porta se fechava, Adrian se recostou no banheiro, pôs as mãos nas coxas, e olhou para o chão.

Eu estou dentro de você, Adrian. Estou bem ali, envolta ao redor de seu coração.

Era uma noite estranha para perceber sua doença, entretanto, como era provavelmente típico, quando você vive muito tempo com algo, você se acostuma aos sintomas que falavam que o que você tinha era fatal.

Ele tinha câncer. Nele. Há muito tempo começara a crescer, este tumor que ninguém podia ver. Ele deixou Devina entrar na primeira vez que ele trocou algo de si mesmo por algo que precisava na guerra e ela esteve assumindo o controle desde então, centímetro por centímetro.

Ele nada tinha que o arrancasse do esquecimento que estava vindo por ele, nem mesmo Eddie. E maldito sejam todos eles, ela estava fazendo exatamente a mesma coisa com Jim.

Olhando para seu melhor amigo, ele se ouviu dizer:

— Eu estou morrendo, Eddie.

A pele bronzeada de Eddie ficou cinza, mas ele não disse nada. *Inferno*, nenhuma dúvida a única surpresa para o sujeito era o fato que Ad realmente expôr.

— Eu não vou viver para ver o fim desta guerra. — Ad clareou a garganta. — Eu apenas... não vou conseguir.

Capítulo 19

Quando Reilly parou seu carro na entrada da garagem de uma casa colonial revestida de madeira muito bonita, Veck correu a mão por sua mandíbula e desejou que tivesse encontrado tempo para passar uma navalha antes deles saírem da Central. Então novamente, um sombreado de cinco-horas¹³⁷ era o menor de seus problemas. Ele estava bem consciente de que tinha bolsas debaixo dos olhos e ostentavam muitas linhas que não se lembrava de estarem ali uma semana antes

Ele olhou para sua parceira.

— Obrigado por isto.

Ela sorriu de uma maneira tão aberta e honesta que ele ficou momentaneamente imobilizado: Reilly definitivamente não era daquelas mulheres que precisavam de porcarias de farmácia no rosto para adquirir um brilho, era tudo sobre o que estava por dentro, não o que acontecia com as bochechas e os cílios. E esta expressão? Praticamente o deixou fraco dos joelhos.

Ele também sabia a razão para o brilho. Ele estava com a sensação de que era porque ela amava onde eles estavam e com que eles iam comer: no mais distante possível que ficavam do trabalho, e quanto mais próximos ficavam desta casa, mais leve e encantada ela parecia.

— Seus pais viveram aqui muito tempo? — ele perguntou quando desceram.

— Toda minha vida. — Ela deu uma olhada ao carvalho grande no quinta, à pequena cerca branca na calçada e à caixa postal vermelho cereja. — Foi um lugar incrível para crescer. Eu podia caminhar para a escola pelo meu quintal e havia meia dúzia de crianças todos na mesma classe dentro de um raio de seis quarteirões. E, sabe, meu pai era um superintendente de escolas, ainda é, então eu sentia como se ele estivesse diariamente comigo, todo o percurso até a faculdade. Coisa agradável, acredite ou não.

A rua não era diferente de onde ele viveu em Bartens, pensando nisto. Bem classe-média, mas no melhor senso do termo: Estas eram as pessoas que trabalhavam duro, amava suas crianças loucamente, e se sem dúvida tinham festas nos quarteirões do bairro e mini desfiles para as crianças no Quatro de julho. *Inferno*, até mesmo o latido de cachorro ocasional era nostalgia audível para ele.

Não que ele alguma vez conheceria merdas como esta.

— Você está pronto para entrar? — ela perguntou.

— Sim, me desculpe. — Ele andou ao redor do carro. — O que a sua mãe faz?

¹³⁷ *Um sombreado de cinco-horas* – Barba por fazer

— Ela é uma contadora. Eles estão juntos desde sempre, se conheceram na faculdade, graduaram-se na SUNY ao mesmo tempo. Ele estava fazendo seu PhD em educação e estava tentando decidir entre operações numéricas e lecionar. Ela escolheu os números, porque era uma carreira mais rentável e depois descobriu que ela realmente amava o trabalho corporativo. Ela se aposentou no início do ano passado e faz um monte de trabalho voluntário em torno de planejamento financeiro, bem, isso e cozinhar.

Quando eles atingiram o caminho de ardósia e chegaram à porta da frente preta e lustrosa, ele percebeu que esta era a primeira vez que conhecia os pais de uma mulher. Certo, sim, não estava dentro do contexto de uma situação de “encontro”, mas, cara, agora ele sabia por que não se aproximava de ninguém. Reilly diria o nome dele e sua mãe adorável e seu pai teriam aquela expressão congelada nas faces enquanto ligavam os pontos.

Merda, esta era uma ideia ruim.

A porta abriu antes de eles chegarem até ela, uma mulher afro-americana alta e magra com um avental sobre as calças jeans e pulôver, apareceu ocupando toda a sua extensão.

Reilly correu adiante e as duas se abraçaram tão intimamente que seus cabelos vermelhos se misturaram com os dreadlocks muito bem feitos.

Então Reilly se afastou.

— Mãe, este é meu novo parceiro, pelo menos durante este mês. Detetive DelVecchio.

Os olhos de Veck foram de um lado para outro entre as duas. E então focando, rapidamente se adiantou e ofereceu sua mão.

— Senhora, por favor, me chame de... Tom.

O aperto de mão foi rápido, mas quente e...

— Cadê minha menina?

A voz profunda que trovejou para fora da casa era algo que Veck teria associado mais com um sargento do que com um superintendente escolar.

— Entrem, entrem, — a Sra. Reilly disse. — Seu pai está tão animado por você almoçar conosco.

Quando Veck ultrapassou a soleira, ele viu um corredor que dava para a cozinha, mas não durou muito. Um homem de 1,90 metros entrou no espaço e ocupou tudo, os ombros eram definidos como uma fileira de montanhas, seus passos longos como uma das pontes de Caldie. A pele dele era escura como a noite e os olhos eram negros... e não perdiam absolutamente nada.

Quando Veck pensou sobre *O Incidente da Cozinha* na noite anterior, ele quase se mijou.

Reilly correu à frente e se lançou ao pai dela, obviamente confiante que seria pega e abraçada com facilidade. Ela pôs os braços ao redor dele, eles não se fecharam, o sujeito devia chegar ao redor de cento e treze, talvez cento e dezessete quilos.

Enquanto o homem a abraçava por trás, seu olhar fixo de laser se fechou em Veck. Como se ele soubesse tudo o que o convidado do jantar queria fazer com a filha dele.

Oh, merda...

Comprimindo Reilly debaixo de seu braço, o pai dela avançou e estendeu uma mão que era grande como uma calota.

— Tom Reilly.

— Vocês têm o mesmo nome, — a mãe de Reilly disse. — Isso é destino.

Veck piscou durante um segundo.

Reilly riu.

— Eu não mencionei que fui adotada?

Foda-se a adoção. Ele não dava a mínima para a cor dos seus pais, ou como isso aconteceu. Ele apenas estava rezando para que o pai dela nunca, jamais descobrisse o que acontecera na mesa de jantar da garotinha dele na noite anterior.

— Detetive DelVecchio, — ele disse, se inclinando para o aperto de mão. — Senhor.

— Prazer em conhecê-lo. Você quer uma bebida?

— Sim, isso seria ótimo. — Talvez ele apenas colocasse uma IV de Johnnie Walker¹³⁸ em sua veia.

— O jogo começou.

— Oh, sim?

No momento que a mãe de Reilly fechou a porta da frente, Veck olhou para fora sobre o gramado. Aquela sensação de ser observado ainda o perseguia, ao ponto de ele se perguntar se seria possível pegar paranoia como um resfriado.

Talvez alguém com um complexo de perseguição tivesse tossido nele.

— Por aqui, — disse o pai, como se estivesse acostumado a conduzir pessoas.

Ele tremeu por dentro e se focou, Veck se aproximou de Reilly e os quatro entraram em uma área aberta de estilo contemporâneo onde a cozinha e a sala de estar ficavam juntas em um espaço grande. A tela de plasma estava sintonizada na ESPN e ele soube imediatamente qual cadeira era do pai dela, tinha o *New York Times*¹³⁹, *Sports Illustrated*¹⁴⁰ e os controles remotos alinhados ao lado próximos de uma mesa. Na poltrona ao lado? *The Economist*¹⁴¹, *The Joy of Cooking*¹⁴², e o telefone.

— Sam Adams¹⁴³ está bem? — o Sr. Reilly perguntou do bar.

— Perfeito.

— Copo?

— Eu sou um homem de garrafa.

— Eu, também.

Enquanto Reilly e sua mãe conversavam sobre uma tempestade, Veck se sentou com o outro Tom na outra sala e agradeceu ao bom Deus que a televisão estava ligada. Deu ao pai outra coisa para encarar além dele.

Veck aceitou a cerveja que foi servida, levou à boca e tomou um gole.

— Então, você e minha filha já definiram uma data para o casamento?

A asfixia veio rápida e furiosa, o ar e a cerveja lutaram por espaço nas vias de sua garganta.

— Papai!

¹³⁸ *Johnnie Walker* — é a marca de uísque escocês mais distribuída no mundo, vendida em quase todos os países.

¹³⁹ *New York Times* — Jornal diário.

¹⁴⁰ *Sports Illustrated* — Revista de conteúdo esportivo.

¹⁴¹ *The Economist* — Revista de economia.

¹⁴² *The Joy of Cooking* — Um dos livros de culinária mais publicado nos EUA.

¹⁴³ *Samuel Adams* — marca de cerveja.

Então Reilly começou com os oh-não-você-não-fez-isso, seu pai jogou a cabeça para trás e riu. Bateu nos ombros de Veck, e disse:

— Desculpe, meu rapaz, você parecia tão desconfortável que eu tive que fazer algo para você se soltar.

Veck fez o possível para agarrar um pouco de oxigênio.

— Hipóxia¹⁴⁴. Boa estratégia.

— Eu achei que fosse. — O cara virou na direção de sua esposa e filha. — Ele ficará bem. Não se preocupem.

— Não importune o convidado, querido, — disse a mãe de perto do fogão. Como se o cara fosse um leão brincando com um pedaço de carne.

— Tudo bem, mas se ele não começar a respirar normalmente novamente, eu lhe farei um CPR¹⁴⁵. — O Sr. Reilly se inclinou. — Eu também conheço a Heimlich. Assim você está seguro com comida sólida, também.

— Estou muito aliviado, — Veck disse secamente.



Jim ficou fora da fonte de luz lançada pela casa, enquanto assistia Veck e Reilly com os que deviam ser os pais da mulher. O grupo deles acabou em uma mesa quadrada, enquanto se sentavam para o que parecia ser comida italiana. Falaram muito. Riram muito.

Veck estava um pouco reservado, mas isso provavelmente era POP para o cara, especialmente depois que ficou claro que estava interessado em sua parceira: Ele era todo olhares clandestinos, lançando-os através daquela mesa quando as pessoas estavam focadas em outro lugar.

Isto era tudo que tinha de bom no mundo, Jim pensou. Era a casa dos Barten sem a tragédia, uma família feliz apenas cuidando dos seus negócios no mundo. E esta existência feliz e simples era exatamente o que Devina amaria destruir.

Isso era o que todos tinham a perder.

Jim amaldiçoou e esfregou a parte de trás de seu pescoço. *Merda*, talvez seus meninos tivessem um ponto, talvez ele estivesse ficando muito distraído com a coisa da Sissy. Não sentia que esse era o caso, mas era o ponto de Eddie e de Adrian, se você só fica com algo em sua cabeça, acaba perdendo o juízo.

Mas fala sério, ele *estava* focado em Veck. Ele estava com o cara: Devina sequer espirrou na direção daquele detetive, e Jim ficaria sobre ela como uma praga.

Assim, como ele não estava trabalhando nisso? De que forma estava comprometido?

Ele pegou seu cigarro, tirou um palito da caixa e ascendeu. Ele estava totalmente encoberto, assim ninguém poderia ver o brilho laranja.

¹⁴⁴ **Hipóxia** – Uma condição patológica em que o corpo como um todo ou uma região do corpo é privado de fornecimento de oxigênio adequado.

¹⁴⁵ **CPR** – Ressuscitação cardiopulmonar.

Cara, pensar no dano que ele poderia ter feito na Ops se tivesse todos estes sinos e apitos naquela época, agora sabia por que Deus não deu super-poderes para as pessoas. Os humanos já são perigosos o bastante como são...

O tempo passou, embora soubesse isto por seu relógio, não por qualquer tipo de estrelas ou lua. A cobertura de nuvem era grossa e o resmungar dos trovões ao longe o fez desejar não apenas ser invisível, mas impermeável.

Do canto do olho, ele viu uma sombra correndo de árvore em árvore. A coisa se arrastava pelo chão e se movia rapidamente, exatamente como os servos de Devina gostavam de rolar antes de uma briga.

Entrando em uma posição defensiva, ele foi pegar sua arma, e não encontrou.

Putá que pariu, fodidamente perfeito. Aqui ele estava no subúrbio sem auxílio, com nada mais que uma armação de casa e algumas janelas de vidro claro para manter o alvo fora do alcance da demônio: Porque, malditamente cabeça quente como ele era, acabou saindo sem sua arma. Pelo menos se Eddie e Adrian estivessem aqui, os três poderiam se dividir e conquistar.

Não comprometido, o meu rabo. Ele estava tão envolvido no assunto que não cuidou de si mesmo, ou de Veck.

Merda.

A sombra se moveu para outra árvore... e saiu sobre o gramado.

Jim franziu a testa e se aliviou.

— Cão?

Com um pequeno latido voltado para ele, estava claro que o que estava vendo não era uma miragem: Mais do que a informação que seus olhos forneceram, em seu peito, ele soube que era o seu animal.

— O que diabos você está fazendo aqui?

À medida que o peludo perdido se aproximava, seu coxear dificultando apenas um pouco, Jim lembrou abruptamente do primeiro dia que ele conheceu o cachorro naquele local de trabalho. Onde Jim morreu pela primeira vez.

Aquele foi começo de tudo, não foi? E ele não tinha ideia alguma para onde o levaria.

Ficando de cócoras, ele fez um bom carinho em Cão.

— Eddie e Adrian estão aqui?

O rosnado que retornou para ele parecia um “não” se ele já o ouviu alguma vez.

— Bem, eu estou feliz que você esteja.

Cão plantou sua bunda no chão aos pés de Jim. Embora a criatura fosse menor que ele por aproximadamente oitenta e seis quilos e quase um metro e oitenta e três, Jim teve a sensação de que ele estava sendo protegido, não o contrário.

— Você realmente não é um cachorro, é?

Houve um momento de silêncio. Então outro rosnado, que pareceu bastante evasivo.

— Não achei que fosse. Você vai me contar onde você foi? — O animal espirrou e tremeu sua cabeça. — Certo, eu respeito sua privacidade.

Isto lhe rendeu uma pata na perna dele.

Jim o colocou na grama e acariciou o pelo áspero e irregular de Cão. Focalizando novamente no jantar que ele podia ver, mas não comer, na conversa que podia testemunhar, mas não ouvir, no calor que podia sentir, mas não tocar, ele soube, no entanto, que não estava sozinho.

E quando a chuva começou a cair, ele estava surpreso com o quanto isso importava.

Capítulo 20

Gary Peters sempre achou que era muito parecido com o seu nome: nada de especial. Havia milhões de Garys no país o mesmo valia para Peters e sua aparência física não era das mais dinâmicas. Ele tinha de algum jeito conseguido evitar uma barriga de cerveja, mas seu cabelo estava ralo, e agora que estava avançando para os temíveis quatro-ponto-zero, ele estava chegando na encruzilhada de jogar tudo para fora. O rosto era uma branca batata amassada, os olhos eram de um marrom sujo, e era discutível se ele tinha alguma linha do maxilar, ou se tinha apenas tudo pescoço entre a bochecha até a clavícula.

No fim das contas? Ele era o cara lá no alto, aquele que uma mulher não enxergava entre os metrossexuais punheteiros, os atletas e os riquinhos.

Razão pela qual a visão de Britnae balançando os quadris vindo para sua mesa e olhando-lhe como... bem, *daquele* jeito... era um bocado chocante.

— Desculpe-me. — Ele balançou a cabeça. — O que você estava dizendo?

Ela inclinou-se... e bom Deus, aqueles seios...

Quando ela recuou novamente, ele estava com uma vaga sensação de que ela falara, mas não tinha ideia do que...

— Com licença, telefone. — Ele se esticou e pegou o receptor. — Departamento de Polícia de Caldwell... admissão. Sim. Uh-huh. Sim, ele está reservado e processado. Sim, claro vou mandar uma mensagem para ele de que você estará lá pela manhã.

Ele fez algumas anotações no registro e voltou sua atenção para Britnae. Que decidira sentar-se no canto contra o qual esteve empoleirada.

Sua saia era pequena para começar. Agora, ele acreditava que era uma micromini.

— Ah... o quê? — Ele disse.

— Perguntei-lhe quando é a sua pausa.

— Oh, desculpe. — Pelo amor de Deus, que era como entender “Qual é o seu nome?” errado. — Não por enquanto. Ei, você não costuma ir para casa às cinco?

— Eu fiquei presa desfazendo uma confusão em uma folha de pagamento. — Quando ela fez beicinho, o lábio inferior inchado foi direto para o território do travesso. — É tão injusto, e eu tenho outra hora inteira diante de mim, pelo menos, e está tão tarde.

Ele olhou para o relógio. Oito da noite. Ele acabara de começar o seu novo turno de dez horas checando prisioneiros e provas, de modo que isto era cedo para ele. Então, novamente, ele iria para casa às seis da manhã, e o departamento dela precisava estar aqui às oito e meia da manhã.

Ela inclinou-se novamente.

— É verdade que todas as coisas Kroner estão aqui?

— Você quer dizer lá em cima na sala de Evidências? Sim, estão.

— Você as viu?

— Algumas delas.

— Sério?

Havia algo totalmente tranquilizador sobre a maneira como os olhos dela se alargaram um pouco e sua mão foi para a base de sua garganta.

— É bvem desagradável, — ele acrescentou, sentindo seu peito ficar maior.

— Como... o que é?

Sua hesitação disse-lhe que ela queria saber, mas ao mesmo tempo não queria.

— Pontas e pedaços... se é que você me entende.

Sua voz caiu para um sussurro.

— Você vai me levar lá?

— À sala de provas? Oh, sim, não, eu não posso. É só para pessoal autorizado.

— Mas você é pessoal autorizado.

— E eu gostaria de manter meu emprego.

— Quem iria saber? — Ela inclinou ainda mais para frente. Até o ponto onde ele imaginou que caso se sentasse um pouco mais reto, eles estariam se beijando.

Com medo de fazer papel de tolo mais uma vez, ele se afastou, empurrando sua cadeira para trás.

— Eu não diria a ninguém, — ela sussurrou.

— Não é tão simples. Você tem que se registrar para entrar e sair, e há câmeras de segurança. Não é como uma sala de descanso.

Ele podia ouvir o mau humor em sua própria voz, e abruptamente desprezou seu lado calvo e meia-boca. Talvez seja esta a razão pela qual ele nunca transasse.

— Mas você poderia me colocar lá dentro... se você quisesse. — Seus lábios estavam absolutamente hipnotizantes, movendo-se lentamente à medida que ela pronunciava as palavras. — Certo? Eu sei que você poderia, se quisesse. E eu não tocaria em nada.

Deus, o quanto estranho era isso? Ele esperava entrar no seu turno e apenas fazer seu trabalho, como fazia todas as noites. Mas aqui estava ele, nessa... encruzilhada.

Será que ele deveria ser Gary Peters? Ou ele deveria mudar o jogo e realmente *fazer* algo com essa garota gostosa?

— Você quer saber de uma coisa? Vamos lá.

Ele levantou-se e novamente verificou se as chaves estavam em seu cinto, o que, é claro, estavam. E pelo que sabia, ele tinha uma razão para ir até o terceiro andar. Durante o turno da noite, havia apenas uma equipe de esqueletos ¹⁴⁶na central, então ele era o responsável por qualquer coisa no andar de cima e Hicks e Rodriguez trouxeram apenas dois gramas de maconha que haviam sido selados e prensados.

¹⁴⁶ **Skeleton Crew** — Uma equipe de esqueletos é o número mínimo de pessoas necessário para operar e manter um item em suas exigências operacionais mais simples durante uma emergência e, ao mesmo tempo, manter as funções vitais de operação.

— Oh, meu Deus, — disse ela, saltando para fora da mesa. — De verdade?

Seu peito voltou a dar a sensação de cheio, em vez de oco.

— Isso aí. Vamos lá.

Ele colocou o seu aviso de pausa, o que dizia às pessoas para buscá-lo pelo remoto se precisassem fixar alguém ou dar entrada no registro de alguma evidência, e então ele abriu a porta para ela.

Enquanto ela passava e ele sentia seu perfume, sentiu-se mais alto do que estava quando veio para o trabalho, e foi ótimo. E ele sabia que havia uma boa chance de conseguir se safar dessa. O pessoal da sala de Evidências trabalhara contra o relógio por dias nas coisas do caso Kroner, mas eles finalmente decidiram que precisavam dormir, então não haveria ninguém lá em cima. E era malditamente certo que Britnae não ia tocar em nada, ele se certificaria disso, por isso não haveria nenhuma necessidade de qualquer um verificar as fitas de segurança.

Arriscado? Um pouco. Mas na pior das hipóteses, eles o advertiriam, ele possuía o mais limpo registro de atendimento e desempenho dentre todos no setor de admissão. Porque ele não tinha vida. E Britnae nunca iria aproximar-se dele novamente.

Às vezes, você só precisava ser algo diferente de um Gary Peters atrás da mesa.

Britnae saltou e abraçou-o.

— Você é tão legal!

— Ah... De nada.

Merda, que imbecil que ele era. E graças a Deus por ela não ficar agarrada a ele por muito tempo porque ele quase desmaiou.

Exceto que quer saber, ele realmente se sentiu muito legal enquanto conduzia o caminho, levando-a até o elevador para o segundo andar e depois espreitando, como se ele fosse o 007, até que atingiram as escadas para o resto do caminho. No patamar de cima, ele abriu a saída de incêndio, e escutou. Nada. Nem mesmo o pessoal da limpeza. E para baixo no final do corredor, as luzes do laboratório forense estavam apagadas.

— Eu nunca estive aqui antes, — Britnae sussurrou em sua manga enquanto ela se agarrava a seu braço.

— Eu vou cuidar de você. Vamos lá.

Eles foram nas pontas dos pés pelo corredor até uma porta de aço pesada marcada EVIDÊNCIA – APENAS PESSOAL AUTORIZADO. Usando suas chaves, ele destrancou a porta e empurrou, abrindo passo para uma antessala onde se fazia o registro para entrar. Seus nervos se animaram quando ele foi até a mesa onde a recepcionista se sentava durante o horário comercial normal, mas enquanto ele se logava e registrava, soubesse que não ia desistir agora.

— Oh, meu Deus, estou tão excitada! — Quando Britnae colocou as mãos em seu braço e se inclinou para ele, como se ele fosse seu protetor, ele não se incomodou em esconder o sorriso, porque ela não conseguia ver seu rosto.

Isto era... muito legal, ele pensou quando ele começou a registrar a cannabis¹⁴⁷ no sistema.

¹⁴⁷ **Cannabis** – é um gênero botânico, das quais a mais famosa é a *Cannabis Sativa*, da qual se produz o haxixe e a maconha.



Enquanto Devina se esfregava contra o corpo do oficial, ela fez essa triste cara de saco do Gary Peters um favor, colocando a câmera de segurança no canto para dormir. Era divertido fingir ser a burra do escritório, e o idiota atrás da mesa estava engolindo a mentira, mas com o estratagema precisava começar e terminar com o casal esta noite.

Ele não ia se lembrar disso amanhã de manhã: Para que isso funcionasse, o status quo¹⁴⁸ tinha de ser preservado.

— Ok, vamos entrar, — o cara disse enquanto ele desconectava o computador.

Usando uma voz muito alta e estilo Kardashian¹⁴⁹, com a pronúncia totalmente artificial e californiana, Britnae disse:

— Oh, meu Deus, eu estou tãããõoo empolgada. Isso é tão real!

Blá, blá, blá... Mas ela achou o tom perfeito, porque esteve infiltrada na central por um bom tempo agora. E não era como se o vocabulário fosse muito extenso, adicione um 'oh meu deus' a qualquer substantivo e verbo e estava feito.

Ao chegar à segunda porta de aço trancada, Gary Peters passou seu cartão magnético pelo leitor na parede, e então a tranca desengatou com uma *batida seca*.

— Você está pronta? — ele disse, se sentindo um grande homem.

— Eu não sei... Quero dizer, sim!

Ela saltou algumas vezes e então recomeçou a gesticular com os seios no braço dele enquanto segurava sua mão. E enquanto ele absorvia o show, ela pensava: *Que idiota*.

No instante em que eles caminharam para o interior da importante instalação de armazenamento, a atitude de gato e rato ficou em segundo plano em sua missão. Em algum nível, ela estava puta com essa distração, mas, novamente, ela supunha que teria que fazer algo assim de qualquer maneira.

O desaparecimento de Jim Heron a forçou tomar uma atitude, contudo, e ela odiava isso.

Ela simplesmente não podia acreditar que não havia um fodido sinal dele. Da primeira vez que aquilo acontecera com um anjo, e ela sabia apenas de uma coisa com certeza, ele não se afastara ou desistira. Não estava em sua natureza. A guerra ainda estava acontecendo, e ela tinha uma alma para assumir, e havia maneiras de garantir que ele se mostrasse.

O guarda a levou para baixo pelas longas filas de estantes que iam do chão ao teto e que estavam cheias de caixas e bolsas com uma variedade incalculável de formas e tamanhos. Tudo estava claramente catalogado e indexado, pequenas etiquetas penduradas e sinais alfanuméricos colados delineavam algum tipo de sistema.

Que coleção. Que organização...

Devina teve que parar e absorver tudo aquilo por um momento.

— Isto é *incrível*.

¹⁴⁸ **Status quo** – Forma mais comum da expressão em latim “statu quo” que designa o estado atual das coisas.

¹⁴⁹ **Kardashian** – Família de subcelebridades que ficou famosa pelos filmes de conteúdo erótico de seus integrantes.

O oficial idiota ficou todo orgulhoso e cheio de merda, mesmo que ele fosse apenas um dente que rodava nas engrenagens de uma máquina muito maior.

— Há dezenas de milhares de peças de evidência aqui a qualquer momento. Tudo é referenciado pelo número do caso e conectado ao computador, para que possamos encontrar as coisas de forma eficiente. — Ele começou a andar novamente, indo para os recessos do lugar. — Há exceções, porém, como com Kroner, porque há muitas coisas associadas a esse caso.

Enquanto ela seguia, olhou para cima e ao redor em todos os objetos. Que. Excitante

Por todo o caminho para a parte de trás, havia uma fileira de mesas com cadeiras vazias, como se o lugar fosse uma lanchonete que servia objetos inanimados para o consumo.

— Os detetives e policiais são autorizados a entrar e tirar mais fotos, reexaminar coisas ou requerer evidências para o tribunal. O laboratório também leva os objetos destes corredores de tempos em tempos, mas eles têm que retornar com a prova para cá. As coisas do caso Kroner estão por aqui. *Não* toque em nada.

Dando a volta em torno de uma partição de seis metros de altura, havia uma estação de trabalho temporário criado com mesas, cadeiras, computadores e equipamento fotográfico, bem como caixas de sacos de plástico vazias e rolos de etiquetas adesivas. Mas essas não eram as coisas mais interessantes. Correndo ao longo da linha mais baixa das prateleiras que tinha de dois a três metros de comprimento, havia uma fileira de sacos com códigos de barras que continham frascos, joias e outras coisas neles.

Seu pequeno servo fora um menino muito, muito ocupado, não foi?

— Normalmente, a evidência é registrada lá em baixo na entrada, ou no laboratório caso se trate de restos humanos, mas havia tanta coisa retirada do caminhão apreendido, que eles tiveram que criar uma unidade de processamento temporário aqui. Todas as amostras de tecidos foram feitas primeiro, porque eles estavam preocupados com sua preservação, mas acabou que Kroner sabia exatamente com manter as coisas em bom estado.

É claro que ele tinha. Ele queria ter partes de suas vítimas com ele o tempo todo.

— Há um monte de outros objetos aqui. — O oficial levantou um lençol branco que cobria uma caixa enorme e rasa.

Ah, sim, exatamente o que ela tinha a esperança de encontrar. Um emaranhado de camisetas, joias, bolsas, prendedores de cabelo e outros objetos pessoais.

Levando tudo isso em conta, ela se sentiu verdadeira e profundamente sentida por Kroner. Ela sabia exatamente de onde a obsessão dele vinha, a maneira como você não queria perder o que trabalhara tão duro para conseguir, a maneira que você valoriza sua conexão com os objetos. E fora ainda mais difícil para ele, porque ao contrário de si mesma, ele não tinha maneira de manter suas vítimas para sempre, e agora ele perdera sua coleção.

Abruptamente, Devina lutou para respirar.

Ele perdera seus objetos preciosos e ali estavam eles, sob a custódia de seres humanos que os tocavam e os catalogavam e, eventualmente, algum dia no futuro distante, jogá-los fora.

— Britnae? Você está bem?

O policial apareceu logo ao seu lado, engatando um aperto sobre a imagem do braço da secretária.

— Sente-se, — ela o ouviu dizer a uma certa distância.

Quando a sala começou a girar, Devina fez o que lhe foi dito e colocou a cabeça entre os joelhos que não eram seus. Jogando uma palma para frente, ela agarrou a borda da mesa como se pudesse segurar a consciência daquela maneira.

— Merda, merda... aqui, deixe-me conseguir um pouco de água fria para você.

Enquanto o oficial disparava atrás da água, seus passos foram amortecendo em uma corrida pelas fileiras, e ela sabia que não tinha muito tempo. Com um aperto da mão úmida, ela tirou o brinco de ouro que trouxe consigo de sua própria coleção. Lágrimas turvavam toda a sua visão quando ela percebeu novamente que ia ter que abrir mão do objeto se quisesse obter progressos nesta rodada com Heron, e DelVecchio.

A perspectiva parecia tão razoável, tão manejável, anteriormente quando ela estava em seu lugar privativo, rodeada por centenas de milhares de troféus. O que era um brinco de uma virgem morta? Ela estava mantendo a outra metade do par, e tinha mais objetos para lembrá-la da porra da Sissy Barten.

Agora, porém, sentada ao lado das lembranças das carnificinas de Kroner, ela sentia-se como se estivesse enviando uma de suas muitas almas para fora em um mar de perda desconhecida e permanente. Mas que escolha ela tinha? Ela precisava expulsar Heron, e tão importante quanto, ela precisava preparar o fim do jogo.

Abruptamente, a imagem do estereótipo da secretária loira e gostosa começou a se desintegrar, a forma verdadeira de Devina emergindo através daquela cobertura de uma jovem e rosada humana, sua carne, morta e enrugada com garras cinza e encurvadas segurando o brinco barato de pássaro.

Por um momento, ela não se importou. Muito abalada por seu próprio instinto acumulado, ela não poderia se obrigar a qualquer urgência e o fato de que o oficial em breve estaria retornando e ela teria que infectá-lo ou matá-lo, apenas ressaltava que não possuía energia para nenhuma das duas opções.

Exceto que ela precisava se recompor.

Obrigando-se a pensar, ela invocou para si uma visão de sua terapeuta, imaginando-se rechonchuda, totalmente atualizada, em plena escalada da pós-menopausa que não só tinha uma resposta para tudo... mas parecia saber sempre sobre o que diabos ela estava falando.

Devina, a ansiedade não é sobre as coisas. É sobre o seu lugar neste mundo... Você deve lembrar que não precisa de objetos para justificar a sua existência ou fazê-la se sentir segura e protegida.

Mais ao ponto, a menos que ela conseguisse recompor-se e toda essa merda, e plantasse o brinco, ela iria comprometer seus objetivos mais importantes ainda mais.

Você já perdeu uma vez, lembrou a si mesma.

Duas respirações profundas... e outra. Então ela olhou para a sua mão e buscou a imagem da jovem, carne fresca de volta no lugar. A concentração necessária deu-lhe uma dor de cabeça que permaneceria depois que ela voltasse a ser quem não era, mas não havia tempo para se debruçar sobre a agonia em suas têmporas. Em pé sobre as pernas que estavam tão sólidas como canudinhos de refrigerante, ela tropeçou para a caixa de objetos. Lançando-se no canto da cortina,

ela plantou o brinco de pomba e, em seguida, patinou de volta para o banco onde o oficial a colocara.

Bem a tempo, também.

— Aqui, beba isso.

Ela olhou para o rapaz. Passando por seu rosto, parecia que a ilusão Britnae ainda estava funcionando: Uma coisa que você poderia garantir sobre os seres humanos era um colapso mental absoluto, se eles tivessem um vislumbre da imagem verdadeira dela.

— Obrigada, — ela disse com voz rouca quando alcançou para frente... com uma mão de falsas unhas polidas e cor-de-rosa. Mas quanto tempo isso iria durar?

Ela bebeu a água fria, amassou o copo de papel, e jogou a coisa em uma lata de lixo debaixo da mesa.

— Por favor... você pode ajudar-me a sair daqui? Agora?

— Absolutamente.

Ele a arrastou da cadeira, jogando um braço surpreendentemente rígido em volta da sua cintura e sustentando a maior parte de seu peso.

Seguindo pelas longas fileiras. Para fora através da porta trancada, graças ao cartão de acesso. Para o corredor e além.

O elevador foi uma bênção, mesmo que a descida a tivesse feito sentir-se atordoada.

O plano, ela disse a si mesma. Foque-se no plano. Este era o sacrifício necessário para trazer de tudo de volta para onde precisavam estar.

Quando eles estavam em seu escritório, ele sentou-a em uma das cadeiras de plástico ao lado de sua mesa, e trouxe-lhe um segundo copo de água. Que a ajudou a clarear um pouco mais a sua cabeça.

Centrando-se no oficial, ela decidiu que não só o deixaria viver, como lhe daria um pequeno presente.

— Obrigada, — ela disse-lhe, querendo dizer exatamente isso.

— De nada. Você tem que dirigir para casa?

Ela assentiu, e se inclinou para a frente. Mentalmente alcançando através do ar viciado, ela prendeu seus olhos e se envolveu em seu cérebro, passeando pelos corredores metafóricos de sua mente, vendo casualmente as evidências em suas estantes privadas.

Assim como ela havia plantado o brinco, ela inseriu um conhecimento em seu cérebro de que ele era um Casanova além de qualquer comparação, um cara que, apesar de sua aparência modesta, era procurado por mulheres e, portanto, confiante e viril ao seu redor.

Era o tipo de coisa que ia fazê-lo se dar bem. Porque ao contrário dos homens, que eram criaturas visuais, as mulheres tendem a ir mais pelo que estava entre as orelhas.

E domínio de si mesmo era sexy.

Devina o deixou pouco depois, levando consigo as memórias do que eles fizeram e onde eles foram. Seu ato de caridade tanto a deixou enjoada quanto a fez querer levantar o polegar sob o nariz do insuportável Nigel.

Assim como uma freira com o coração mais puro que se possa imaginar ainda poderia proferir uma maldição de vez em quando, um demônio poderia, em casos raros ser compelido a mostrar compaixão.

Mas aquilo a fez sentir-se como se ela precisasse de uma ducha para tirar o fedor.

Capítulo 21

— Acho que estou no céu.

Reilly escondeu um sorriso quando Veck olhou com admiração para a fatia de torta de maçã que sua mãe colocara na frente dele.

— Você realmente fez isso? — Disse ele enquanto olhava para cima.

— A partir do zero, incluindo a crosta, — anunciou o pai dela.

— E não só isso, ela pode por em ordem seus impostos com os olhos fechados e um braço amarrado atrás das costas.

— Acho que estou apaixonado.

— Desculpe, ela já foi reivindicada. — Seu pai puxou a mãe para um beijo rápido enquanto ganhava seu prato de sobremesa. — Certo?

— Certo, — a resposta foi pronunciada contra a sua boca. Reilly passou um litro de sorvete de creme de baunilha para Veck.

— À la mode¹⁵⁰?

— Pode apostar.

Detetive DelVecchio acabou revelando-se um pequeno bom comedor. Ele devorou em segundos o *Vitello Saltimbocca*¹⁵¹ e *Linguine con Pomodoro*¹⁵². Não era um cara adepto de salada, mas isso não era uma surpresa. E parecia que a sobremesa poderia muito bem se repetir tudo também.

Embora sua capacidade de saborear a cozinha de sua mãe não fosse tudo o que a impressionou: Ele segurou a onda contra seu pai. Brincando e com respeito, ele deixou claro que não era de abaixar a cabeça, apesar de Tom Reilly ser conhecido por assustar funcionários públicos concursados até a morte, como resultado.

— E, sim, Veck, eu concordo com você, — seu pai anunciou. — Há muita coisa lá fora que precisa mudar no sistema. É um equilíbrio difícil entre a acusação e a defesa, especialmente entre certos grupos étnicos e raciais. Socioeconômico, também.

É, a plena aprovação fora agraciada a seu parceiro.

Enquanto a conversa surgiu em torno do tema dos perfis na aplicação da lei, ela se sentou e observou Veck. Ele parecia muito mais relaxado do que ela já o vira antes.

E cara, ele era bonito.

¹⁵⁰ **À la mode** – Servido com sorvete.

¹⁵¹ **Vitello Saltimbocca** – Vitela frita rapidamente com presunto em manteiga, sálvia e molho de vinho branco, servido com purê de batatas com alho e espinafre frito levemente em gordura.

¹⁵² **Linguine con Pomodoro** – Linguine é um tipo de massa e pomodoro significa tomate em italiano.

Meia hora e outra porção de bolo depois, Veck ajudou a levar os pratos para a pia e ajudou na secagem posterior. Então chegou a hora de vestir o casaco e dirigir-se para a saída.

— Obrigado, mãe, — disse ela, abraçando a mulher que sempre esteve ali para ela. — E papai.

Indo para seu pai, ela ficou na ponta dos pés para colocar seus braços ao redor dele, estendendo-se elevada e não conseguindo chegar nem a meio caminho em torno de seus ombros.

— Eu te amo, — disse ele, segurando-a firme. E depois em seu ouvido, ele sussurrou, — Um bom rapaz esse que você tem aí.

Antes que ela pudesse devolver com um ele-não-é-exatamente-meu, apertos de mão estavam sendo trocados e ela e Veck saíram pela porta.

Conforme ela estava chegando na rua, ambos acenaram e depois tudo acabou.

— Seus pais são incríveis, — disse ele, enquanto a conduzia pelo caminho.

Um rubor de orgulho por sua família fez florescer seu sorriso.

— Eles são.

— Se você não se importa que eu pergunte...

Quando ele não se virou para olhar para ela, e não terminou a frase, ela teve o bom senso de saber que sua resposta era importante para ele, mas que não iria forçá-la a responder.

— Estou mais do que feliz em falar sobre isso. — Quando a chuva começou a cair, ela parou em um sinal de trânsito e vestiu o abrigo. — Meus pais sempre trabalharam com jovens em risco e centros de crises. Começaram antes mesmo de se conhecerem. Trabalharam na Igreja Católica do centro da cidade, e depois que eles se casaram, eles costumavam passar os sábados lá, devorando livros, pedindo doações, ajudando as famílias desabrigadas. A mulher que me deu à luz e eu fomos acolhidas naquele lugar depois que ela e um dos seus três namorados entraram em uma briga e ela perdeu a visão no olho esquerdo. — Reilly olhou por cima. — Eu vi acontecer. É a minha primeira memória, na verdade.

— Quantos anos você tinha? — ele perguntou com firmeza.

— Três anos e meio. Ela estava lutando com ele por causa de uma agulha suja, que não era nenhuma novidade, mas depois ela surtou e foi atrás dele com uma faca. Ele a empurrou em autodefesa, mas ela continuou indo contra ele até que ele bateu nela. Forte. Ela disse à polícia que ele batia nela, e eles o levaram para a cadeia. E é assim que acabamos no abrigo. O apartamento onde estávamos era dele. — Reilly acionou a sinal do carro e pegaram a entrada Northway que descia para a escola. — De qualquer forma, estávamos no mesmo lugar que os meus pais se voluntariavam, e a mulher que me deu à luz tinha roubado algumas coisas de outra família, de modo que este foi o fim disso. Fomos para ficar com os outros dois namorados dela por cerca de uma semana e depois... Ela me levou de volta e me deixou no abrigo. Apenas me abandonou.

Veck encontrou seus olhos.

— Onde ela está agora?

— Não tenho a menor ideia. Eu nunca mais a vi, e eu sei que isso vai soar amargo, mas eu não ligo para o que aconteça com ela. — Ela chegou até um semáforo e pisou nos freios. — Ela era um mentirosa e uma viciada, e a única coisa boa que ela já fez foi me abandonar, para ser honesta, tenho bastante certeza que não foi em meu benefício. Eu provavelmente atrapalhava seu

estilo de vida, e ela tinha que saber que matar uma criança era o tipo de idiotice que garantiria sua vida atrás das grades.

Nesse ponto, era hora de entrar na auto-estrada, o que era bom, porque essa era a parte mais difícil de sua história. Uma pequena pausa, um pequeno suspiro, enquanto ela encontrava um espaço para eles no trânsito.

— Rapaz, a chuva está realmente começando a cair, — ela disse, acelerando o limpador do pára-brisas.

— Você não tem que terminar.

— Não, está tudo bem. O verdadeiro pesadelo é o que teria acontecido se meus pais não tivessem demonstrado interesse em mim. Isso é o que ainda me assusta até hoje. — Ela verificou o espelho retrovisor, mudou para a pista rápida, e pisou no acelerador. — Meus pais aconteceram de estar trabalhando naquele dia e eu apenas me agarrei a eles como cola. Eu amava o meu pai desde quando o conheci, porque ele era tão grande e forte, com aquela voz tão profunda, eu sabia que ele iria me proteger. E minha mãe sempre me dava biscoitos e leite e brincava comigo. Quase imediatamente, estava determinada a ir para casa com eles, mas estavam tentando engravidar naquele momento e, por Cristo, não estavam necessariamente encantados com o bebê de uma viciada em drogas. Naquela noite, e durante uma semana depois, eles tentaram encontrar a mulher e infundir um pouco de juízo nela, porque eles sabiam que uma vez que uma criança entrasse no sistema, ela dificilmente poderia sair. Quando eles finalmente a encontraram, ela não me queria disse que assinaria abrindo mão dos seus direitos. Eles voltaram mais tarde naquela noite e sentaram-se comigo. Não se supunha que eu devesse ficar no abrigo, porque você precisava ter seu tutor lá, mas minha mãe estava acampando ali comigo para que eu pudesse ter um beliche. Lembro-me de saber que eles estavam indo para me dizer que eu tinha que partir, mas um dia se transformou em dois... que se transformaram em mais uma semana. Eu era realmente bem comportada, e estava com a sensação de que meu pai estava trabalhando em alguma coisa. Finalmente, eles voltaram e me perguntaram se eu queria ficar com eles por um tempo. Ele os fez serem aceitos como guardião mexendo os pauzinhos como só eles poderiam fazer.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Um pouco de tempo se transformou em vinte e cinco anos e mais. Eles me adotaram oficialmente, mais ou menos, um ano depois que me mudei.

— Isso é incrível. — Veck devolveu seu sorriso, e depois ficou sério de novo. — E o seu pai biológico?

— Ninguém sabe quem ele era, incluindo a mulher que me gerou, de acordo com meus pais. Disseram-me muito mais tarde, quando eu cresci, que ela havia mantido um de seus dois ex, ambos os quais estavam presos por tráfico de drogas. — Ela acelerou seu limpadores. — E escute, eu sei que posso soar... raivosa em alguns momentos. Acho que apenas não ligo muito bem com toda a teoria que vício é uma doença. Com alguns viciados como minha base biológica, havia uma probabilidade estatística de que eu iria acabar como eles, mas não fui por esse caminho, eu sabia que era uma porta que não deveria abrir, e nunca o fiz. E sim, você poderia argumentar que os

meus pais me proporcionaram oportunidades que minha mãe biológica nunca poderia proporcionar, e isso é verdade. Mas você faz seu próprio destino. Você escolhe o seu caminho.

Por um tempo, houve apenas a batida dos limpadores e a corrida sutil de água chicoteando para baixo na parte inferior do carro.

— Sinto muito, eu provavelmente falei demais.

— Não, de maneira nenhuma.

Reilly olhou por cima e ficou com a sensação de que Veck estava de volta em seu próprio passado. Ficando em silêncio, ela esperava que ele fosse se abrir, mas ele manteve o silêncio, o cotovelo apoiado no lado da porta, massageando seu maxilar.

Surgindo do nada, um negro e maciço SUV rugiu vindo pela pista do meio, o Escalade¹⁵³ jogando litros de água ao longo capô de Reilly e obscurecendo sua visão.

— Jesus, — disse ela, diminuindo a pressão no acelerador. — Eles devem estar indo a mais de cem.

— Nada como um desejo de morte para cortar o seu tempo de viagem. — O veículo desviou para a direita, depois à esquerda, depois à direita novamente, cortando pelos outros carros, como um receptor de futebol no caminho para a linha do gol.

Reilly franziu a testa enquanto ela imaginava Veck em sua moto debaixo deste aguaceiro com esse tipo de maníaco na estrada.

— Ei, você vai ser capaz de chegar em casa debaixo de toda a chuva? Isso está ficando perigoso.

— Não, não será problema algum.

Maldizendo a si mesma, ela não estava certa de sua leitura sobre a situação. E o fato de que ele era estúpido o suficiente para entrar naquele seu foguete neste tipo de clima realmente não a colocava em seu lugar feliz.



Conforme Veck se sentou ao lado de Reilly, ele se pegou pensando em seu pai... e em sua mãe, também, embora este último era alguém em quem não podia insistir. Quão irônico. O Senhor DelVecchio quase sempre esteve em sua mente, mas sua mãe...

— Acho melhor eu levá-lo pra casa, — disse Reilly. — Isso não é nada que você precise estar passando em uma moto.

— Eu não tinha nenhuma ideia sobre a sua situação, — ele se ouviu murmurar. — E eu não teria jamais adivinhado. Vocês são tão completamente unidos.

Houve uma pausa, como se ela tivesse que mudar de faixa de conversa em sua cabeça.

— Bem, muito do que sou é pelos meus pais. Por exemplo, e na realidade, eles são quem eu queria ser e que me tornei. Isso nem sempre foi fácil, no entanto. Por um longo tempo, fiquei preocupada de que se eu não fosse perfeita, eles me devolveriam como uma torradeira com

¹⁵³ O Escalade é um utilitário esportivo de grande porte da Cadillac. Será o Vishous? XD

defeito. Mas então eu destruí o carro novo do meu pai com a minha licença provisória, o que me permitiu testar muito bem a minha teoria, e adivinhe? Mantiveram-me de qualquer maneira.

Olhando para o seu perfil, ele disse: — Eu não acho que você se dá crédito suficiente.

— A única coisa que fiz foi aproveitar o bom exemplo que estava diante de mim.

— E isso é tremendo.

Se você pegou esse livro no blog 'Romances Sobrenaturais', da Isis, saiba que ela prejudica propositalmente nosso grupo. Estamos sendo ameaçados por editoras, cujos livros pedimos para não serem postados, e o blog citado, insiste em não acatar o pedido de não postá-los abertamente. Ela quer que você fique sem os livros! E você está colaborando com isso. Gostou desse livro? Pegue direto na fonte e não de quem prejudica quem verdadeiramente faz o trabalho!

Quando ela entrou na vizinhança do seu bairro, cinco minutos depois, ele percebeu que ela tomara seu próprio conselho sobre ele e sua moto e sobre o tempo.

Os freios rangeram ligeiramente quando ela parou em sua garagem, e de repente, a chuva batendo no teto do carro soava como bolas de pingue-pongue.

— Eu acho que nós estamos tendo um pouco de granizo, — disse ele.

— Sim. — Ela olhou através do para-brisa dianteiro. — Uma tempestade ruim.

— Nenhum trovão.

— Não.

Os limpadores batiam para trás e para frente, abrindo a visão apenas momentaneamente.

Eventualmente, ele olhou para ela.

— Eu quero beijar você de novo.

— Eu sei.

Ele riu um pouco.

— Eu sou tão óbvio.

— Não... Eu quero isso também.

Então, vire sua cabeça, ele pensou. *Tudo o que você tem a fazer é virar a cabeça e eu vou tomar a dianteira a partir daí.*

A chuva caía. Os limpadores batiam nos lados. O motor estava ocioso.

Ela virou a cabeça. E focou os olhos em sua boca.

— Eu *realmente* quero isso.

Veck se inclinou em direção a ela, e puxou-a para seus lábios. O beijo foi muito lento e muito profundo. E quando sua língua encontrou a dele, ele estava bem ciente de que queria algo mais dela do que apenas sexo, mas se ele tivesse que nomear que diabos era, não teria tido palavras. Em última análise, no entanto, a definição não importava. Não no interior deste desmarcado, estacionado em sua garagem, com a tempestade do lado de fora do carro.

O que eles tanto precisavam não tinha nada a ver com conversar.

Deus, ela ainda era tão suave abaixo dele, a pele macia, os cabelos macios, o aroma suave, mas era o núcleo de aço em seu interior, a tenacidade e a obstinação, o que realmente o acendia.

A ideia de que ela era tal sobrevivente, que era tão enérgica e firme com quem ela era e de onde vinha, o fazia sentir um respeito tão profundo como o inferno.

E pelo que ele sabia... aquilo era mais sexy do que qualquer coisa que viesse em uma sacola da Victoria's Secret.

Com uma onda crescendo em seu peito, ele tentou chegar ainda mais perto, mas a borda do volante no seu lado, o bloqueava. O homem das cavernas nele realmente rosnou quando fez outra tentativa frustrada, mas ele não sabia de nenhum outro lugar perto onde queria estar.

O que queria dizer: nu, e em cima dela.

Com uma maldição, ele recuou. No reflexo brilhante dos faróis na porta da garagem, o bonito rosto dela estava claramente realçado, o padrão da chuva no para-brisa tocava em suas feições, manchando-as antes de os limpadores limpavam o que pareciam ser lágrimas.

Ele pensava nela com sua família, tão feliz e em paz.

Ele pensou nela, ponto.

— Eu vou entrar sozinho, — disse ele abruptamente.

Veck não esperou por uma resposta. Ele estava fora do carro uma fração de segundo depois, e ele trotou para a porta da frente de sua casa, não por causa da tempestade, mas porque ele podia ver muito claramente dentro de si mesmo.

— Espere! — Ela gritou quando ele espalmava em busca de suas chaves.

— Volte para o seu carro, — ele murmurou com uma voz áspera e faminta.

Correndo até ele, ela balançou a cabeça.

— Eu não quero.

Com isso, ela levantou a mão e apontou-a na direção do seu carro sem identificação. Quando ela apertou o controle remoto, as travas desceram e os faróis piscaram.

Veck fechou os olhos e deixou sua cabeça cair pesadamente para trás em sua coluna, a chuva batendo na testa e nas bochechas.

— Se você vier até aqui, eu não vou ser capaz de parar.

A resposta de Reilly foi pegar as chaves da sua mão, destrancar o ferrolho, e sutilmente, inexoravelmente empurrá-lo de volta para a casa.

Assim como o beijo no carro, ele tomou o controle aqui também.

Fechando a porta com um chute, ele lançou-se, agarrando-a e puxando-a contra si, segurando-a com força, tomando sua boca novamente. E ela o atacou de volta, travando os braços ao redor de seus ombros, apertando-se contra ele.

O sofá.

Ele moveu-se para o sofá.

Fodido obrigado por isso.

Foi uma confusão para chegar até lá, e o fato de que ele estava tentando tirar o casaco molhado dela e o dele, e então ambos os coldres de ombros das suas armas, não faziam as coisas mais fáceis. Mas logo ele estava manobrando-a para baixo, para que ela ficasse estendida sobre as almofadas... e montou-a, tudo menos pulando em cima de seu corpo.

O beijo era pesado, demandante e desesperado, o tipo de coisa em que seus dentes batiam de vez em quando, e ele não queria parar para respirar, mesmo que seus pulmões estivessem

queimando por falta de oxigênio, especialmente quando ela começou a enfiar as unhas em seus ombros.

Ele não foi gentil ao desabotoar suas roupas.

Sem romper o enlace de suas línguas, ele agarrou as lapelas da sua blusa em seus punhos e dividiu a porcaria da gola até a bainha fazendo saltar livremente todos os tipos de OVNI¹⁵⁴ de pérolas brancas voando através do ar e ricocheteando no tapete.

Seu sutiã por debaixo era da cor da pele, e nada mais do que simples algodão que parecia espetacular sobre os seus seios. E que alívio não ter de se preocupar se ele destruiria delicadas rendas.

Enquanto ele ia para o descomplicado fecho frontal, ela estava respirando rápido e forte, e a ondulação das suas costelas sob a pele estava um inferno de um tesão, o que não era nada comparado a quando ele soltou o sutiã e as modestas conchas caíram dos lados.

— Você é incrível, — ele gemeu quando ele deu uma boa olhada sobre ela... algo sobre o que tentou se enganar na noite anterior.

Oh, homem, seus seios eram mais pesados do que eles pareciam com ela vestida, mais cheios e redondos, o que o fez pensar se ela deliberadamente não usava sutiã apertado para contraí-los. E que desperdício que era aquilo.

Então, novamente, a ideia de qualquer outro homem a olhando desse jeito o fez querer ir por sua arma.

Tateando sobre o que ele revelou, teve uma outra surpresa que perdera em sua pressa de voltar para a cozinha dela. Era toda natural, um presente de Deus, sem adulterações médicas provocadas pela insegurança ou vaidade. E o firme e flexível peso daquelas preciosidades fez seu membro pulsar, lembrando-lhe quanto tempo tinha se passado desde que esteve com uma mulher que não possuísse implantes rígidos como pedras.

Forçando-a para junto dele, os mamilos estavam apertados e eretos, e se abaixou, chupando um e depois o outro. Então, ele aninhou a parte inferior do que estava em suas mãos.

Então era um homem chegado em seios, afinal de contas, pensou enquanto seus quadris rolavam contra as pernas dela. Quem poderia saber.

Ou... talvez ele fosse apenas um homem chegado em Sophia Reilly.

— Você é tão fodidamente bonita, — ele rosnou quando voltou a trabalhar sobre essas pontas rosadas.

Tão desesperado quanto ele estava para estar dentro dela, estava também tão fascinado pela parte superior de seu corpo, que apenas a explorou, lambendo-a, tocando-a e vendo-a responder. De alguma forma, as coxas dela se separaram, talvez fosse o joelho dela, talvez a necessidade dela; quem dava a mínima? E em seguida, os dois estavam ruborizados onde mais contava.

Empurrando-se para cima com os braços, ele começou a arremeter-se contra ela, sua ereção se esfregando contra seu núcleo. Em resposta, ela se arqueou da forma mais erótica, seu peito subindo enquanto sua espinha se contorcia, as unhas dela deixando marcas em seus antebraços.

¹⁵⁴ **OVNI**s – *Objetos Voadores Não Identificados*.

Conforme ele bombeava contra ela, seus seios balançavam com a batida e ele se sentiu embriagado, seu corpo dormente e hipersensível ao mesmo tempo, exceto que ele perdeu seus lábios. Novamente selando suas bocas, ele sabia que estava perto do limite do fora controle... e então sentiu as mãos dela puxando sua camisa.

Acho que não era o único.

Abruptamente, ele perdeu a paciência com suas roupas, e a que cobria seu peito desapareceu um momento mais tarde, arrancadas de súbito como as dela.

— Sinta-me, — ele soltou as palavras, enquanto se arqueava sobre ela.

Ele beijou-a duramente enquanto as mãos dela iam por toda parte, traçando sobre seus músculos, agarrando seus ombros, riscando as unhas para baixo por suas costelas.

Mais.

— Posso deixa-la nua? — ele disse.

— Sim...

Ela levantou os quadris e começou a abrir seu cinto, ao mesmo tempo em que ele se elevava sobre ela. E ela fez um excelente trabalho com aquelas calças, ele apenas ficou para trás e espreitou enquanto uma diminuta calcinha de algodão branco fazia sua aparição.

Quando ela teve dificuldades em fazer qualquer outra coisa, porque, vejam só, ela tinha um homem de duzentas libras se equilibrando sobre ela, a ajudou a arrastar aquela tentação para baixo por aquelas suas pernas longas, lisas e macias.

Oh, homem... ele pensou, correndo as mãos para cima e para baixo por suas coxas. Ela era magra, suavemente musculosa, e ele se pegou imaginando que estava espalhando-a largamente e mergulhando de cabeça.

Agarrando-a, ele se lançou, estendendo-se em cima dela mais uma vez e bombeando contra seu núcleo. Seu plano? Facilitar seu caminho para o sul e tirar aquela calcinha com os dentes. Então ele ia passar um tempo certificando-se de seu corpo estava ávido e preparado para ele. Com os seus lábios, sua língua e seus dedos.

Aconteceu que ele tinha um pouco de cavalheiro nele, afinal de contas.

Sim. Era isso. Não porque ele estava morrendo de vontade de prová-la.

Exceto que ela já ia para seu cinto.

Ele congelou, e colocou as mãos sobre as delas, detendo-a.

— Se isso sair, — ele disse roucamente — Eu não vou ser capaz de esperar por mais do que uma fração de segundo.

Com o maciço corpo de Veck pousado acima dela, o cérebro de Reilly estava focado em uma coisa e apenas uma e isto era conseguir suas calças abaixadas.

— Eu não quero esperar.

— Você tem certeza? — Sua voz era tão gutural, que era quase inaudível.

Em resposta, ela passou a mão entre suas coxas e espalmou sobre seu sexo. No instante em que a conexão foi feita, ele amaldiçoou em um exalar explosivo, e seu corpo contraiu-se contra ela, o material macio de suas calças não fazia nada para esconder o rígido comprimento.

— Eu quero ver você, — ela exigiu com a voz rouca.

Não era algo que ela precisasse pedir duas vezes: Com mãos rápidas, quase violentas, ele começou a trabalhar em sua calça velozmente, e ela foi quem puxou o cós. Em seguida, eles estavam lutando juntos em suas cuecas boxer para libertá-lo.

Sua ereção se projetava para fora de seus quadris, e as pálpebras de seus olhos foram para baixo enquanto ele a observava tomá-lo dentro de si.

Santo...

Bem, ela poderia usar um dicionário de sinônimos para descobrir novos termos para “magnífico,” isso era certo. E era seguro dizer que se ela tivesse ficado impressionada quando o vira em seu banheiro naquela primeira noite, ou quando ela o sentiu através de suas roupas em sua cozinha, completamente revelado e pronto para rugir, ela estava impressionada. E seu sexo não era a única parte dele que valia a pena ver: Seu peito era tão suave e musculoso como ela se lembrava, e seus músculos abdominais eram surpreendentes, uma dupla fileira de cumes apertados que levavam até sua pélvis e ao seu...

— Caralho.

Quando ela prendeu-se a ele, com as mãos sobre sua pele, ele estremeceu violentamente, e ela adorou a sensação de poder que veio ao perceber que abalava seu mundo. *E oh, Deus*, ele era grosso e longo, pulsante e batendo contra suas dobras conforme ela o acariciava.

Ela nunca ia esquecer isso, ela pensou, esta visão dele acima dela, dentes à mostra, a cabeça jogada para trás, o enorme peito que estremeceu enquanto ele se esforçava para controlar-se. Foi a coisa mais quente que já vira. E a lenta exploração era uma virtude, com certeza... mas ela o queria de uma maneira muito mais profunda antes que levasse um tempo para aprender sobre seu entrar e sair.

Embora pensando por esse lado...

— Sua carteira? — Ela vira que ele a mantinha com ele, quando tateara seu corpo durante a vistoria na floresta, e a visão daqueles preservativos a embaraçara então. Agora, ela estava agradecida, porque Deus sabia que não possuía qualquer coisa desse tipo. E não havia necessidade de debruçar-se sobre a razão pela qual um homem teria sempre que andar preparado. Além disso, não era como se ela não soubesse nada sobre esse lado dele. Ela já testemunhara o efeito Britnae, muito obrigado.

— Agora, — ela latiu.

Contudo foi uma outra coisa que não teve que pedir duas vezes. Conforme ele encontrava sua calça e sacava sua carteira, ela levantou a bunda e empurrou a calcinha para baixo e a tirou de forma que ela estava pronta quando ele levantou a mão, um preservativo a sua frente entre os dedos médios.

Fez uma pausa, como se estivesse dando a ela uma chance de olhar firme para a coisa.

Ela não hesitou. Sentou-se e pegou o pacote das mãos dele, mordendo e rasgando-a para abrir.

Ele gemeu e disse: — Eu posso colocar.

— Não, deixe-me fazer isso.

Aspectos práticos nunca foram tão eróticos. Ela o segurou com firmeza, acariciando sua grande extensão enquanto o cobria, até que ele esteve arqueado para trás e sustentando seu peso

em seus braços. Enquanto ela trabalhava nele, seus olhos queimavam, e quando ela o puxou para baixo em cima dela, ele rosnou... e a beijou, do jeito que estava aprendendo que ele sempre fazia, com um domínio que vinha de um homem que sabia exatamente o que poderia fazer com uma mulher.

Ela o posicionou em seu núcleo, e apesar do quanto estava desesperada por isso e o quanto ele obviamente a queria, ele foi lento e cuidadoso quando se pressionou dentro dela. Uma boa coisa também. Seu corpo estava pronto, mas isso era relativo, dado o tamanho dele.

Gloriosamente relativo, o alongamento foi eletrizante, e ela abriu as pernas ainda mais, inclinando seus quadris para cima, facilitando o seu acesso.

E então eles estavam unidos.

Em contraste com a fúria com que chegaram até este ponto, tudo agora se abrandava. Com sua língua habilidosa, ele lambeu seus lábios, as voltas preguiçosas torturando-a, enquanto esperava que ela se adaptasse. E então ela mexeu os quadris, ondulando sua coluna, criando um frisson insano.

O silvo que ele soltou foi seguido por outro gemido. Então, ele fundiu a boca com a dela e começou a mover-se, mantendo o ritmo sem pressa e contínuo. Sincronizando seus movimentos, ela rebateu suas estocadas com suas próprias, o sexo ganhando uma dinâmica que a levou de uma só vez para fora de seu corpo e profundamente dentro de si mesma.

A casa estava em silêncio, o que eles estavam fazendo era muito sonoro. Desde o ranger do sofá, as raspadas sutis contras as almofadas, a respiração deles... tudo foi amplificado até que ela não teria ficado surpresa se as pessoas pudessem ouvir no centro da cidade.

Mais rápido. Mais forte. Ainda mais profundo.

O corpo dele se tornou uma máquina pesada bombeando, e ela o sustentava, arrebatada naquele torvelinho, agarrando suas costas primeiro com as mãos, depois com as unhas.

Ela gozou com uma explosão selvagem tão poderosa, que ficou surpresa por não quebrar-se ao meio. E ele a seguiu imediatamente, seus quadris em espasmos dentro dela violentamente enquanto se apertava sobre ele com seus músculos internos.

Passou-se um longo tempo antes que o rugido em seus ouvidos abrandasse, e quando o fez, o silêncio na casa se fez mais marcante.

No despertar da paixão, a realidade voltou: ela tornou-se plenamente consciente de que estava completamente nua, e Veck estava dentro de seu corpo... e ela acabara de fazer sexo. Com o homem que era seu parceiro. Com o detetive que ela deveria estar supervisionando. Com a pessoa que passara um número de horas junto... que mesmo assim ainda era um estranho.

Um estranho que ela trouxe para a casa de sua família.

Um estranho que agora precisava adicionar à sua muito pequena lista do número de pessoas com quem ela esteve.

O que eles acabaram de fazer?

Capítulo 22

Adrian e Eddie desperdiçaram a maior parte da noite naquele balcão do Iron Mask, bebendo Buds direto das garrafas e recusando mulheres descontroladas.

Nenhum deles falava muito. Era como se o que acontecera no banheiro tivesse sugado qualquer sentido de conversa direto das respectivas gargantas. E outra rodada de sexo estava fora de questão.

Quando ele se sentou ao lado de seu parceiro, Ad esperou que algo dentro dele se ativasse e jogasse de volta a rotina.

Eeeee... nada estava lhe ocorrendo.

O caso era, você pode lutar contra o inimigo com suas facas e seus punhos, mas sua própria alma não era algo contra o qual se travar uma batalha, porque não havia nenhuma chance de ganhar essa. Você não poderia enfrentar a realidade no ringue, também, nenhum alvo a atingir. A menos que fosse uma proverbial parede de tijolos com sua cabeça.

Então, ele apenas ficou sentado no clube, vendo a multidão, bebendo, mas não se embriagando.

— Não vamos voltar para o hotel? — ele finalmente perguntou.

Enquanto esperava por uma resposta, tinha plena consciência do quanto ele contava com o outro anjo para ser a voz da razão, para tomar as decisões certas, para colocá-los na direção correta. O que o cara conseguia dele, porra?

Além do sexo, e era isso, e esta noite Eddie provou que ele não precisava desse serviço, também.

Waah, waah, waah, Ad pensou. Ele mantinha-se assim e estaria quase apto a conseguir seu certificado calcinha estampado.

— O que eu realmente quero é uma audiência com o Nigel, — Eddie murmurou, — mas ele está evitando.

Ad olhou por cima.

— Nós vamos ser demitidos de novo? Porque nem por uma merda, isso não é culpa nossa. Jim é o único com problemas, não nós. Ele nos deu o pontapé.

E tudo por causa dessa maldita virgem dele.

Cara, se ele pudesse refazer apenas uma coisa desde que conheceu o Salvador, seria ter mantido o cara fora do covil de Devina. Sim, claro, a questão sobre Sissy era uma tragédia. Mas o que isto estava fazendo com Jim era pior. Uma menina, uma família, contra todas as almas do além? Matemática cruel para os Bartens, mas era o que era.

Ad passou a mão pelos cabelos e sentiu vontade de gritar.

— Escute, eu não posso mais ficar aqui.

O grunhido que saiu de Eddie poderia ser de concordância, fome, ou a cerveja que não assentara bem.

— Vamos lá, — Ad declarou, levantando-se.

Por uma vez, Eddie foi quem o seguiu, e juntos, eles serpentearam dentro e fora da multidão, mirando a porta. Do outro lado da saída? Chuva. Ar frio. Horas noturnas em uma cidade

que não era diferente de qualquer outra no planeta em uma noite que não era diferente de tantas outras que atravessaram juntos.

Merda, talvez eles precisassem alcançar Jim e... resolver isto. Nada de bom viria do Salvador lutando por conta própria.

Saindo do clube, eles foram a nenhuma direção em particular. Cedo ou tarde, eles teriam que encontrar um lugar para ficar durante a noite: A menos que eles foram acolhidos no território de Nigel e parecia que isso não iria acontecer tão cedo, eles precisavam descansar. Imortal era imortal só até certo ponto, quando eles estavam aqui embaixo. Sim, eles não envelheciam, mas eles eram vulneráveis em alguns aspectos e muito sujeitos a necessidades de comer, dormir, tomar banho...

O ataque aconteceu muito rápido, ele não o viu chegando. E Eddie fez.

Seu parceiro apenas soltou uma maldição, agarrou seu lado, e jogou-se contra uma árvore, caindo para o lado no pavimento molhado do beco.

— Eddie? Que porra é essa?

O outro anjo gemia e se enrolou como uma bola... deixando para trás uma brilhante mancha de sangue fresco no asfalto sujo.

— Eddie, — ele gritou.

Antes que ele pudesse cair de joelhos, uma risada maníaca ecoou dentro da fria e úmida escuridão.

A resposta de Adrian foi adiada por nada menos que uma respiração. Ele girou ao redor e desembainhou sua faca, na expectativa de enfrentar Devina. Apoiada por um de seus servos. Ou doze. Tudo o que ele encontrou... foi um ser humano. Um fodido pedaço de merda humano. Com um canivete na mão e os olhos selvagens de um viciado o encarando de seu crânio encolhido.

Mais gargalhadas saíam da boca aberta do homem.

— O diabo me fez fazer isso! O diabo me fez fazer isso!

O mendigo ergueu a faca por cima do ombro e pulou para frente, atirando-se contra Adrian com o tipo de força sobre-humana que só os loucos possuíam.

Ad afundou-se sobre suas coxas. Seu movimento normal seria se agachar e rolar, e voltar por baixo, mas não com Eddie no chão: Ele precisava manter seu amigo caído no canto do olho... porque o cara não estava se movendo, não estava indo em busca de uma arma, não... *oh, merda, imóvel...*

— Vamos lá, Eddie, mexa-se! — Mudando sua adaga de cristal para a mão esquerda, Ad focou no antebraço da harpia possuída, esperando pelo momento certo.

Ele pegou o membro se debatendo na descida, no segundo perfeito para mudar a trajetória do canivete e redirecioná-lo de volta para o bastardo. E a correção do curso deve ter sido macia como uma torta, com a arma fazendo um arco que evitou o contato com os principais órgãos de Ad e terminou no intestino do atacante.

Não. Vá.

O corpo magro controlado pela mente confusa escorregou de suas mãos como se o Ad estivesse tentando segurar uma rajada de vento.

E foi aí que ele percebeu que Eddie não conseguiria ficar sobre seus próprios pés.

Como se a harpia pudesse ler sua mente, o riso borbulhou para fora da alma perdida, soando como teclas de piano tocadas aleatoriamente com uma mão pesada, nada a não ser ruído, sons discordantes.

O filho da puta estava praticamente voando sobre o chão, quando ele veio a Adrian novamente, a faca por cima do ombro, a pele descascando do rosto, que era mais crânio do que carne. Ad não teve escolha senão se concentrar em seu agressor e se proteger. Eddie estaria tão bom quanto um morto na calçada se Ad não sobrevivesse a esta luta e o levasse para segurança. Não havia opção de ser derrotado aqui.

Agachando-se no último momento, ele acertou o pedaço de merda, empurrando a harpia de costas contra um edifício. Quando o impacto aconteceu, uma dor escaldante acima de seus rins lhe disse que a faca transpassara a pele e entrou um inferno de muito mais profundo, mas não havia tempo para se preocupar com um vazamento. Ele estendeu a mão, o pegando de surpresa, e o pregou contra os tijolos molhados. Bloqueando seus movimentos no lugar, ele o esfaqueou com sua adaga uma vez.

Todas as gargalhadas maníacas foram substituídas pelo grito agudo de dor.

Ele esfaqueou novamente. E uma terceira vez... uma quarta, e uma quinta.

Em algum lugar ao longo daquele momento, ficou claro que ele se tornara tão desenquadrado quanto a harpia, mas não parou. Viciosamente, um punho poderoso, ele dirigiu a lâmina de cristal no torso do homem mais e mais até que ele parou de se debater porque ele quebrara todas as costelas, e em vez disso continuou penetrando através de nada, além de uma esponja molhada de tecido profanado.

E ainda assim ele continuou. Não mais prendendo o homem para obter o controle, em vez disso, ele segurou o bastardo levantado para poder continuar o esfaqueamento. A diversão e os jogos finalmente pararam quando sua lâmina atingiu a parede de tijolos, o cristal esculpindo seu caminho por dentro de qualquer prédio que houvesse em seu caminho.

Ad estava respirando com dificuldade quando ele deixou sua arma cair ao seu lado. Sangue estava por toda parte, e assim estava os intestinos da harpia, para dizer a verdade, o bastardo estava quase cortado ao meio, sua coluna vertebral a única coisa que estava ligando os quadris a metade superior de seu corpo.

De um buraco, lábios flácidos, ruídos de engasgos interrompiam o fluxo constante de plasma que bloqueava o ar que o homem ainda estava tentando fazer entrar em sua garganta.

Que iria parar logo, no entanto.

— O diabo... me fez... fazer isso...

— E ela pode mantê-lo no inferno, — Ad resmungou, antes que esfaqueasse o bastardo diretamente entre os olhos.

Houve um grito terrível quando a essência de Devina explodiu para fora das órbitas do que antes fora um viciado perdido nas ruas, a fumaça negra se reunindo, tomando forma, preparando um ataque próprio.

— Merda! — Com um grande salto, Adrian jogou seu corpo no ar e seguiu no impacto. A figura de Eddie prostrada e ferida foi sua almofada de pouso, e ele cobriu o corpo do anjo com o

seu próprio, tornando-se um escudo que era tudo o que poderia manter Devina longe da carne o seu parceiro.

Preparando-se para o impacto, ele pensou consigo mesmo: Bem, eu não esperava que fosse desse jeito, e nem tão logo assim.

Sobre a coisa da morte, queria dizer.

Pelo menos, Eddie iria sobreviver. Que ia custar mais do que um empurrão para derrubá-lo para sempre. Feridas, afinal, poderiam ser curadas. Precisavam ser.



Enquanto Jim ficava com Cão na calçada em frente da casa de Veck, ele estava consciente de que estava fazendo uma abordagem por trás com a alma em questão, apenas seguindo o cara de um lugar a outro e passando o tempo até Devina fazer sua próxima jogada.

Era fodidamente doloroso como merda.

Ele estaria muito mais confortável assumindo uma postura agressiva, mas esperar e observar era, às vezes, o nome do jogo. Embora, *maldito seja*, o tempo poderia estar melhor. A chuva continuava caindo e ele estava certo como inferno que podia ficar sem o vento gelado.

Poderia ficar sem ter que conscienciosamente ignorar o que estava acontecendo dentro da casa, também.

Claro que o casal em questão estava fazendo sexo.

Duh.

Ele pegou o começo da brincadeira e dos jogos pouco antes deles irem para dentro, então era óbvio que o próximo passo seria: A química deles estava fora de qualquer controle, e de modo geral, isto não era o tipo de coisas da qual você pudesse se afastar.

Jim cruzou os braços sobre o peito e se precaveu, todo o rala e rola o fazendo pensar sobre as mulheres com as quais ele esteve. Huh. Será que Devina contava como uma delas? Só se ela estivesse com o disfarce da personagem morena, ele supôs. Sem ele, provavelmente ele teria que começar com uma categoria “animal”.

Mas não importava. Independentemente da espécie, ele nunca esteve com alguém a quem desse a mínima. A porra fora uma espécie de masturbação participativa para ele, e talvez, se fosse honesto, uma vantagem no jogo com a vadia. Ele gostaria de tirá-los de lá, a sensação de controle sobre eles seria melhor do que qualquer coisa que o fizessem sentir em troca.

Sua vida sexual tinha acabado, no entanto, não tinha? O que ele teve com aquela demônio não poderia contar, aquilo era como lutar na guerra, apenas com um conjunto diferente de punhos e cotovelos. E não era como se seu estilo de vida encorajasse encontros esquisitos. Embora...

Uma imagem abrupta de Adrian e Eddie juntos com aquela ruiva no quarto do hotel em Framingham, Massachusetts, filtrou-se por ele como se tivesse chovendo sobre sua cabeça. Ele viu Eddie se estender sobre ela, enquanto Adrian parecia morto por trás dos olhos enquanto ele se juntava ao casal.

Devina fizera isso com o anjo. Colocado esse olhar vazio em seu rosto.

Maldita puta.

Pegando um Marlboro, Jim acendeu a coisa e inalou profundamente.

Veck era um homem de sorte por estar com a mulher que ele queria. Jim nunca ia ter isso. Mesmo se ele conseguisse libertar Sissy.

— Foda-se, — ele murmurou em uma respiração.

A merda com essa menina fora tão longe que em alguma parte do seu ridículo cérebro, ele estava realmente pensando nela não apenas como dele, mas como em uma espécie de responsabilidade? Mas realmente “dele”?

Teria perdido seu fodido juízo? Ela estava perto dos dezenove anos, e ele tinha cerca de cento e quarenta mil anos de idade neste momento.

Okay, talvez Adrian e Eddie estivessem certos. O que estava fazendo com aquela menina *era* uma distração. Sim, ele tentou empacotar para si mesmo em todos os tipos de palavrado descolado, mas ele esteve apenas mentindo. E, naturalmente, quando seus parceiros o obrigaram a levantar a cabeça da areia, ele o jogou na cara deles de volta e resfolegou como uma puta.

Um arranhão na perna, o fez levar o olhar para baixo. Cão se enrolara sentado a seus pés e batia a pata em sua panturrilha, parecendo preocupado.

— O que é isso.

O telefone de Jim disparou, e antes mesmo que ele o agarrasse e verificasse o visor, teve uma premonição da tragédia.

Aceitando a chamada, tudo o que ele ouviu foi uma respiração difícil. Então a voz de Eddie, fraca e quebrada.

— Comércio... e décima terceira. Ajuda.

O riso repicado a fundo era todo o tipo de má notícia, e Jim não desperdiçou um momento. Ele deixou Cão na calçada e tocou para o centro, rezando para que aquele o num-piscar-de-olhos o levasse lá a tempo.

O endereço era irrelevante; tudo o que precisava fazer era focar na essência de seus garotos... e ele chegou lá, justo quando Adrian pegou sua adaga de cristal e sangrava alguns bastardos, bem dentre os olhos.

Devina.

Jim não precisava do guincho para saber que algo mal estava saindo daquele saco de carne, e não havia nada na mão para impedir aquilo de entrar em Eddie: O anjo foi para baixo e, em seguida, meio dobrado em uma apertada bola, o telefone celular estava agora pendurado em uma mão frouxa.

Sem parar para pensar, Jim lançou-se na direção do anjo indefeso, lançando seu corpo através do ar, ao mesmo tempo em que Adrian fazia o mesmo.

Ad aterrissou primeiro.

E depois Jim cobriu todos, sem muita esperança de proteger ninguém.

A coisa mais estranha aconteceu: Seu corpo dissolveu-se em luz, da mesma forma que fizera quando ele estava furioso com Devina durante a última rodada. Um momento ele estava em sua forma corpórea... no seguinte, ele era pura energia.

Cobrando os anjos abaixo dele. Mantendo-os em segurança.

O servo, demônio, seja o que diabo fosse, bateu-se com tudo contra eles com o impacto de uma bola de golfe em um capô de carro, ricocheteando, não deixando sequer um dente para trás. Imediatamente, ele veio de novo, para o mesmo efeito. Eeeeeee uma terceira vez.

Houve uma longa pausa em que Jim não relaxou nem por um momento. Ele podia sentir a presença circulando entre eles, buscando uma maneira de entrar.

Durante todo o tempo, ficou claro que Eddie estava sangrando. O cheiro de cobre era muito intenso para vir do corpo contra a parede de tijolos na lateral do beco. *Inferno*, talvez ambos os anjos estivessem feridos.

Hora de acabar com essa besteira.

Jim reincorporou-se, levantando-se em uma coluna de luz brilhante que, todavia, não iluminava nada nos arredores sujos e não lançava sombras. Mantendo o mal fora, ele se concentrou com tudo o que tinha sobre a mancha de fumaça no ar.

E soprou o filho da puta para longe.

A explosão não teve brilho, mas o grito foi tão alto como um SUV travando os pneus em asfalto seco, e então houve um estranho tamborilar subindo do chão, como se areia estivesse sendo derramada de uma mochila.

Jim retomou sua forma corpórea e ajoelhou-se sobre seus garotos.

— Quem está ferido?

Adrian gemeu e rolou de cima de seu melhor amigo, a mão apertando seu lado.

— Ele. Esfaqueado no estômago.

Ad fora claramente atingido também, mas Eddie era o único que não estava se movendo. Embora pelo menos quando Jim tocou o ombro do anjo, o cara se encolheu.

— Como você está?

Quando houve um momento silêncio sem resposta, Jim olhou ao redor. Eles precisavam sair das ruas. Esta era uma área movimentada da cidade durante a noite, e a última coisa que ele queria era que alguém expectador bem intencionado trouxesse o nove-um-um a situação. Ou pior, esbarrassem em um assaltante passando por aqui. Ou ainda, um policial em patrulha.

— E quanto a você?— ele questionou Adrian enquanto escrutinava a outra extremidade do beco.

— Eu estou bem.

— Oh, sério? — Prédios comerciais. Armazém ao lado deles. — Por que está estremeando desse jeito?

— Constipado.

— Sim. Certo.

Não havia chance de que eles pudessem voltar para o hotel. Eles precisavam de mais privacidade do que a que tinham naquele lugar, e mesmo assim, não havia nenhuma maneira de que ele conseguisse levar Eddie através da maldita recepção: Mesmo que ele pudesse camuflar ambos, o cara ainda deixaria um rastro de sangue.

Então, novamente, era tudo um ponto discutível, porque não haveria voo algum com esse tipo de peso. Ele precisava encontrar-lhes abrigo por perto.

— Você consegue se mover? — ele perguntou a Adrian.

— Depende. Andar? Sim. Voar? Não acredito que consiga. — Jim cavou os braços sob o corpo de bruços de Eddie.

— Prepare-se, garotão. Isso vai doer.

Com uma onda, Jim jogou os músculos de suas coxas em um esforço concentrado e ergueu o peso do anjo acima do pavimento úmido. Em resposta, Eddie gemeu e contraiu-se, o que foi um benefício, enquanto fazia o cara mais fácil de segurar.

Também significou que o bastardo ainda estava com eles.

Antes de Jim começar a andar, o telefone celular de Eddie bateu no chão e escorregou para longe, batendo contra a bota de combate de Adrian.

O anjo inclinou-se e o pegou. A tela estava brilhando e o transparente banho de sangue sobre ela fazia a coisa lançar uma luz vermelha. Empurrando seu cabelo molhado para trás, Ad disse:

— Então ele ligou para você.

— Isso. — Jim assentiu com a cabeça para o banco em frente a abertura do beco. — Nós estamos indo para lá.

— Como?

— Pela porta da frente. — Conforme Jim começou a ir a passos largos para frente, murmurou para Eddie: — Droga, filho, você pesa tanto quanto um fodido carro.

O tropeçar atrás dele lhe disse que Ad estava junto no caminho. Da mesma forma que o rouco comentário:

— Um banco? Esse lugar vai estar mais do que trancado.

Conforme eles chegavam até a entrada fechada de vidro do saguão, as luzes interiores foram desligadas, o sistema de segurança desativado, e a porta da frente...

Aberta. Em toda a sua largura.

Assim que eles estavam dentro, tudo se endireitou por si mesmo, exceto pelas luzes e os sensores de movimento.

— Como você fez isso? — Adrian soprou.

Jim olhou por cima do ombro. O anjo atrás dele parecia saído de um desastre de trem: a face muito pálida, os olhos muito grande, sangue em suas mãos e escorrendo sobre sua camiseta molhada.

— Eu não sei, — Jim disse suavemente. — Eu só fiz isso. E você precisa sentar. Agora mesmo.

— Foda-se isso, nós temos que tratar Eddie.

Era verdade. O problema era, nesta situação... Eddie era o cara a quem ele iria para perguntar o que diabos fazer.

Hora de começar a rezar por um milagre, Jim pensou.

Capítulo 23

Veck sentiu a mudança em Reilly imediatamente: Mesmo estando dentro dela, mentalmente, ela colocou suas roupas de volta, saído pela porta, e o abandonado.

Merda.

Movendo uma mão para baixo entre seus corpos, a segurou e soltou.

— Eu sei o que você está pensando.

Ela esfregou os olhos.

— Você sabe?

— Sim. E eu provavelmente deveria dizer algo como: 'Isso foi um erro.' Só para assim você ter sua deixa.

Antes dele se acomodar nas almofadas do sofá ao seu lado, ele se abaixou e pegou a camisa, cobrindo o corpo nu dela.

Puxando a camisa até o queixo, ela estudou seu rosto.

— Por todas as formas, foi. É.

Okay, ai.

— Mas eu simplesmente não conseguia parar, — disse ela em voz baixa.

— A tentação é assim. — E ele precisava colocar em sua cabeça que aquela era, provavelmente, tudo o que estava do lado dela.

Os olhos dela deslocaram-se para o chão ao lado do sofá... onde a carteira dele estava aberta, outro preservativo claramente dobrado em suas abas.

— Eu provavelmente deveria ir, — disse ela asperamente.

Cristo, por que ele sempre manteve duas lá dentro?

E ela partindo era a última coisa que queria e a última coisa que ele iria fazer era ficar no caminho.

— Você vai ter que ficar com a minha camisa. Eu rasguei a sua.

Fechando os olhos, ela amaldiçoou em voz baixa.

— Sinto muito.

— Deus, pelo quê?

— Eu não sei.

Ele acreditava. Também sabia que ela iria descobrir exatamente o que, e o quanto ela lamentava muito em breve.

Enquanto ele se levantava do sofá, cobriu o próprio sexo com a mão; nenhuma razão para ela ver aquilo agora. E não havia razão para ela pensar na noite como outra coisa diferente do que disse que era: um erro para ela.

Para ele, por outro lado? Graças a ela, teve sua primeira refeição feita em casa no século vinte e um, uma carona para casa em meio à tempestade, e do sexo que chegou bem perto da frase estupidamente super usada: fazer amor.

Irônico como duas pessoas podem sair da mesma lista de eventos com duas visões totalmente diferentes. Infelizmente, a dela era a única que contava.

Em silêncio, ele reuniu as roupas dela uma a uma, e as entregou. Pelos sons, ela colocou suas calças e, em seguida suas meias e sapatos. Ele assumiu que vestiu o sutiã também, mas isso

não faria muito barulho, faria? O coldre foi a última coisa que ele lhe deu, e enquanto ela arrumava as tiras de couro, ele apanhou as próprias calças e as segurou sobre seus quadris.

— Eu acompanho você até a porta, — disse ele, quando ela terminou.

Não há razão alongar situações estranhas. Além disso, ela já partira, de qualquer maneira.

Deus, se sentia como se tivesse levado um tiro na barriga, ele pensou enquanto entrava no hall. Enquanto Reilly vinha até ele, se concentrou sobre o ombro dela.

Que, infelizmente, trouxe seus olhos para o sofá.

— Eu não quero que isso acabe dessa maneira, — ela disse.

— É o que é. E não é como se eu não entendesse de onde você está vindo.

— Não é o que você pensa.

— Eu posso imaginar.

— Eu não quero... Eu realmente queria isso. Mas eu acho que é difícil ser apenas outra mulher em sua cama.

Abrindo a porta, ele sentiu uma rajada de vento frio e úmido.

— Eu nunca levaria você lá em cima. Confie em mim.

Ela piscou. Limpou sua garganta.

— Okay. Ah... Vejo você na parte da manhã.

— Ahã. Nove horas.

Assim que ela passou, ele fechou a porta e deu a volta para a cozinha para vê-la entrar em seu carro e se afastar através da chuva.

— Filho da puta.

Apoiando as palmas das mãos no balcão, ele deixou sua cabeça cair por um momento. Então, desgostoso consigo mesmo, ele foi para trás e correu pelas escadas. Em seu quarto, passou por sua cama e pensou: Não, absolutamente não. Ele nunca tomaria Reilly ali. Aquele colchão, que trouxera com ele de Manhattan, era onde transava com desconhecidas que pegava em bares, algumas das quais não sequer soube o nome, muito menos o número.

Todas as quais ele expulsou antes do suor estar seco.

A mulher com que ele tivera a sorte de estar esta noite, não era uma destas, e mesmo que ela não se sentisse da mesma maneira que ele, nunca iria humilhá-la colocando-a naquele lugar sujo.

Lençóis limpos não escondiam a mancha da maneira como ele estava vivendo.

No banheiro, ele descartou o preservativo frio e o jogou o na cesta de lixo. Quando olhou para o chuveiro, ele pensou em tomar um banho. Mas no final, apenas colocou umas calças de moletom e desceu para o sofá abaixo, o perfume delicado dela ainda sobre si mesmo.

Patético.



Uma boa coisa sobre ter registrado três anos trabalhando em várias batidas em Caldwell, era que Reilly poderia chegar em casa a partir de qualquer bairro sem pensar muito.

Útil numa noite como esta.

Eu nunca levaria você lá em cima. Confie em mim.

Sim, menino, esta pequena cantiga iria ficar com ela para o resto de sua vida.

E, claro, ela queria saber exatamente qual pura classe de mulheres era bem-vinda naquele espaço especial. *Deus*, quantas mulheres ele tivera naquele sofá? E como você se passa pelo filtro para chegar até o quarto?

Mas ela não podia culpá-lo por qualquer coisa que ela sentisse agora. Ela queria exatamente o que acontecera, e iria lidar com as consequências, que, graças ao sexo seguro, seriam apenas emocionais: Escolhera este resultado... Ela o seguiu até sua porta; o empurrou para dentro da casa, e lhe disse para pegar a carteira. Então, ela ia muito bem ser adulta e passar as próximas dez horas colocando tudo no lugar antes de ter que entrar no escritório às nove da manhã de amanhã.

Era o que profissionais faziam. E o porque, profissionais não deixam coisas como esta noite acontecer.

Dez minutos de estrada encharcada de chuva mais tarde, ela deslizou em sua calçada, e apertou o botão da porta da garagem. Enquanto esperava para os painéis subirem, para cima e para longe, ela pensou, *Oh, droga*. Entre o jantar e o que acontecera depois, ela não verificara seu telefone em horas.

Quando pegou o telefone, descobriu que tinha três chamadas perdidas. Houve apenas um correio de voz, mas ela não perdeu tempo em verificá-lo, considerando quem havia tentado encontrá-la. Ela apenas ligou de volta para José De La Cruz.

Um toque. Dois toques. Três toques.

Droga, talvez ela estivesse o acordando. Era tarde.

A voz dele cortou o brrrrring-ing eletrônico.

— Eu estava torcendo que fosse você.

— Desculpe, eu estava presa. — Estremeceu. — O que está acontecendo?

— Eu sei que você queria entrar lá e falar com Kroner, e acho que pode e deve agora. Os doutores dizem que ele está ainda melhor do que estava esta manhã, mas a maré pode virar, e eu acredito que se você fizer uma entrevista como uma terceira parte neutra ajudará Veck, tanto de fato quanto no tribunal da opinião pública.

— Quando posso vê-lo? — *Inferno*, ela iria hoje à noite se pudesse.

— Amanhã de manhã, é provavelmente melhor. Eu tive uma atualização cerca de uma hora atrás e ele ainda estava descansando confortavelmente. Ele não está mais entubado, está fora da sedação, e realmente comeu alguma coisa, mas da última vez que ouvi, ele estava fora do ar.

Lembrando a condição em que o cara estava no chão da floresta, era uma loucura ele ainda estar respirando, e muito menos comendo a comida do hospital, e ela precisava pensar em Sissy Barten. Tão injusto. Kroner estava vivo e aquela garota... bem, ela provavelmente não estava.

— Eu estarei lá amanhã às nove.

— Há segurança vinte quatro/sete¹⁵⁵. Eu vou ter certeza de que saibam que você está chegando. Hey, como você e Veck estão se dando?

Ela fechou os olhos e manteve uma maldição para si mesma.

¹⁵⁵ *Vinte quatro/sete* – Vinte quatro horas por dia, sete dias por semana.

- Tudo bem. Simplesmente perfeito.
- Bom. Não o traga com você.
- Eu não ia. — Por mais de uma razão.
- E confirme comigo depois, se você não se importar.
- Detetive, vai ser a primeira pessoa para quem eu vou ligar.

Depois que ela desligou, esfregou sua nuca, aliviando uma distensão que ela tinha a sensação de ser causada pela sessão no sofá de seu parceiro.

Liberando o freio, ela deixou o motor do carro levá-la para frente na garagem. Depois que desligou a ignição, ela saiu e...

Reilly parou no processo de fechar a porta do lado do motorista.

— Quem está aí? — ela gritou, abaixando a mão sob o casaco e tocando sua arma.

A luz do teto automático deu-lhe uma imagem clara de seu suporte de rodos no canto, sua lata de lixo e do saco de sal-gema que usava em sua entrada da frente no inverno para o carteiro. O saco também a fazia um alvo fácil para quem a estava observando.

E alguém estava.

Movendo-se rapidamente, ela deu a volta no capô em vez do porta-malas e estava com a chave pronta antes de chegar à porta. Com movimentos rápidos e seguros, ela abriu o ferrolho, disparou para casa e bateu a porta da garagem, ao mesmo tempo. E o ferrolho foi girado para trás, logo que ela estava dentro.

Seu sistema ADT¹⁵⁶ imediatamente começou a apitar do canto da cozinha. O que significava que o alarme estava operacional e ela foi a pessoa que o ativara. Usando a mão esquerda, ela socou seu código, e abafou o ruído. Sua arma estava à sua direita.

Mantendo as luzes apagadas, ela passou por sua casa, olhando para fora das janelas. Ela não viu nada. Não ouviu nada.

Mas seus instintos estavam gritando que ela estava sendo observada.

Reilly pensou naqueles agentes do “FBI” e o fato de que alguém estivera dentro ou ao redor da casa de Veck na noite anterior. Policiais poderiam ser perseguidos. Eram perseguidos. E embora ela não tivesse feito nada com o público por uma série de anos, ela estava enroscada com Veck. E ele estava longe de ser incontroverso em tantos níveis.

No escritório, ela pegou o telefone e verificou por um tom de discagem. Houve um. E, ironicamente, a primeira pessoa para quem pensou ligar foi Veck.

Não ia acontecer.

Além disso, ela era perfeitamente capaz de se defender.

Puxando a cadeira para fora da mesa, ela orientou a cadeira no canto para que pudesse ver ambas as porta da frente e a porta por qual entrara na garagem; em seguida, ela arrastou uma mesa lateral. No armário, em um cofre à prova de fogo, havia três outras armas e abundância de cartuchos de munição, e ela pegou outro carregador automático, colocou outro pente de balas, e desativou a trava de segurança.

¹⁵⁶ ADT – Empresa fornecedora de sistemas eletrônicos de segurança.

Sentada de costas para a parede, ela alcançou o receptor sem fio do seu telefone fixo e o colocou sobre a mesa com a arma extra, mantendo o celular no bolso, caso ela precisasse agir rápido.

Alguém a queria?

Ótimo. Eles poderiam simplesmente vir e ver que tipo de boas vindas receberiam.

Capítulo 24

No centro da cidade, no saguão de mármore do banco que Jim tinha arrombado, Adrian estava perdendo sangue e ficando tonto, mas ele se recusou a desmaiar.

Não iria acontecer.

Durante um raio de luz que brilhou do lado de fora, Jim colocou Eddie suavemente no chão duro e polido. O anjo ainda estava dobrado em uma bola apertada, seu corpo enorme em uma posição fetal ao seu lado, sua trança escura serpenteando para fora como uma corda.

— Podemos virar você de costas, amigão? Ver o que está acontecendo? — Jim disse. Não uma pergunta, mais como um aviso para Eddie que mais movimento estava por vir. E quando o cara foi virado, a maldição foi boa de ouvir. Significava que o grande bastardo ainda estava respirando.

Exceto que ele permaneceu enrolado em torno de sua barriga. E seu rosto estava... não estava certo. Sua pele normalmente mais escura desvanecera-se para a cor da neve, e seus olhos estavam fechados tão apertados que suas feições estavam distorcidas.

Havia sangue em sua boca, seus lábios manchados de vermelho.

Sangue... estava saindo de sua boca.

Adrian começou a ofegar, os punhos enrolando, suor cobrindo todo o seu corpo.

— Você vai ficar bem, Eddie. Vai ficar...

— Relaxe por mim, — disse Jim. — Eu sei que dói muito, mas temos que ver.

— Tudo bem. Vai ficar tudo bem.

— Ah, merda, — Jim sussurrou.

Ah... *merda*... descrevia bem. O sangue não só manchava ou vazava de embaixo onde Eddie estava segurando a barriga... jorrava em pulsos.

Jim arrancou seu casaco molhado de couro, fez um rolo com ele, e empurrou as escorregadias e brilhantes mãos vermelhas de Eddie para fora do caminho. Então simplesmente congelou...

De alguma forma aquela faca harpy¹⁵⁷ penetrara o trato intestinal de Eddie e depois atravessado para o lado, cortando um buraco longo e profundo o suficiente para que a anatomia



entrelaçada ficasse exposta. Mas essa não era a pior parte: dada a quantidade de sangue proveniente da lesão, claramente uma das maiores veias ou artérias haviam sido afetadas.

E isso era o que iria matá-lo.

Jim sacudiu-se e colocou a jaqueta enrolada direto sobre a ferida.

— Você pode segurar isso para mim, companheiro?

Eddie fez uma tentativa de levantar suas mãos, mas elas se moveram apenas uma polegada ou duas.

Jim olhou para cima.

— Ele pode morrer?

Adrian balançou a cabeça enquanto suas pernas ficavam dormentes.

— Eu não sei.

Merda. Ele sabia a resposta. Ele simplesmente não conseguia dizê-la.

— Fodido inferno. — Jim se inclinou em direção ao rosto de Eddie. — Amigo, há algo que você possa me dizer?

Adrian caiu de joelhos. Tomando a mão de seu melhor amigo, ele ficou horrorizado por o quão frio estava. Frio e úmido do sangue e da chuva.

— Eddie... Eddie, olha para mim, — Jim estava dizendo.

Isso não estava certo. Este lutador heroico, este guerreiro das eras, não poderia ser morto por uma faca harpy meia-boca. Eddie era feito de chama-de-glória, o tipo de cara que derrubava um exército de servos em seu caminho para a saída. Não este esvaziamento silencioso, e não hoje à noite...

Eddie soltou um suspiro, seu corpo grande sacudindo, sua mão apertando a de Adrian.

— Eu estou aqui.... — Ad disse enquanto esfregava os olhos com as costas da mão livre. — Eu não vou a lugar algum. Você não está sozinho...

Santa merda filha da puta. Eles estavam perdendo ele.

E esse foi o inexplicável trabalho. Como anjos, eles estavam e não estavam vivos; eles de uma só vez existiam e não eram limitados pela carne; eles eram imortais, mas muito capazes de perder a fatia de vida que lhes fora concedida.

— Eddie, fodido inferno... não vá... Você pode lutar contra isto. — Ele olhou para Jim. — Faça alguma coisa!

Jim amaldiçoou e olhou em volta, mas vamos lá, eles estavam no saguão de um banco, e não em um hospital. Além disso, não era como se o Salvador pudesse pegar uma agulha e linha e começar a suturar, poderia?

Exceto que, em seguida, Jim fechou os olhos e recostou-se no chão, cruzando as pernas em estilo indiano e ficando totalmente calmo. Assim como Ad estava pronto para gritar que agora não era o momento para uma porra de meditação, o cara começou a brilhar: dos pés à cabeça, uma pura luz branca começou a emanar de seu corpo, cabeça e mãos.

Um momento depois, o Salvador alcançou adiante... e colocou as mãos no grande, descoberto peito de...

O torso de Eddie corcoveou forte, como se tivesse sido atingido com aquelas pás¹⁵⁸ que humanos usavam, e então ele respirou. Instantaneamente, seus olhos vermelhos piscaram abertos... e focaram em Adrian.

Sentindo-se como um maricas por chorar, Ad fez outra varredura com os olhos.

— Hey. — Ele precisou limpar a garganta. — Você tem que aguentar firme e combater isso. Curar-se. Apenas use o que Jim está dando a você.

Eddie balançou a cabeça um pouco e abriu a boca. Tudo o que saiu foi um gemido.

— Agente firme. Vamos, cara, apenas agente.

— Me... escute... — Ad ficou absolutamente imóvel; a voz de Eddie estava tão fraca, não ia longe. — Você precisa... ficar... com Jim...

— Não. De jeito nenhum. Você não está indo.

— Fique... com Jim... não... — Ele lutou por outro fôlego. — Fique com Jim.

— Não deveria acabar assim! Eu sou aquele que deveria ir primeiro.

Eddie arrastou seu braço para cima e colocou o dedo indicador sobre os lábios de Ad, para silenciá-lo.

— Você seja... inteligente... pelo menos uma vez... okay? Prometa-me.

Adrian começou a balançar para trás e para frente, seus olhos se inundando até o ponto onde sua visão ficou turva.

— Prometa... em sua honra...

— Não. Eu não vou. Foda-se! Você não vai me deixar!

As pálpebras do anjo lentamente começaram a fechar.

— *Eddie! Porra Eddie! Não morra nos meus braços, porra! Foda-se!*

Enquanto os ecos da explosão desapareciam, a respiração de Eddie ficou mais trabalhosa, com a boca amplamente aberta, como se sua mandíbula esperasse que ajudasse. E nos terríveis e silenciosos momentos que se seguiram, o coração de Ad martelava cada vez mais rápido, certo como se seu menino fosse abrandar.

Edward Lucifer Blackhawk morreu duas respirações depois.

Não foi a falta abrupta de movimento nas costelas, a forma como o corpo ficou frouxo ou o fato de que a mão na sua perdeu a pouca aderência que tivera.

Era o cheiro de flores da primavera que ainda flutuava no ar do banco.

Adrian trancou um aperto na frente da camisa de Jim.

— Você pode trazê-lo de volta. Traga-o de volta, pelo amor de Deus, porra, coloque suas... mãos... de volta nele.

Por alguma razão, ele não podia falar mais depois disso.

E então ele não podia ver.

Momentaneamente confuso, ele olhou ao redor, pensando que um nevoeiro sufocante e ardente o tivesse envolvido.

Oh, espere.

Ele estava soluçando como uma vadia.

Nem mesmo fingindo dar a mínima, ele agarrou Eddie em volta do peito e o puxou para cima, embalando perto do seu coração o anjo caído que esteve com ele em cada passo do caminho na terra e no purgatório por séculos. E enquanto ele o segurava, o peso ficou mais leve em seus braços, apesar da altura e comprimento dele continuarem os mesmos.

A essência de Eddie se fora.

Adrian enterrou seu rosto em seu pescoço largo e balançou-os para frente e para trás, para frente e para trás... para frente e para trás...

— Não me deixe... não... oh, Deus, Eddie... — Adrian não estava certo quantos minutos ou horas se passaram, exceto que mesmo em seu estado perturbado, ele percebeu que algo mudara.

Olhando para cima sobre a cabeça de Eddie, ele viu o Salvador... e teve que piscar algumas vezes para ter certeza que a imagem fazia sentido.

Jim Heron estava agachado, dentes à mostra, o corpo enorme tenso. Seus olhos estavam trancados em Adrian e Eddie, e um preto brilho profano emanava deles, o armazenamento das ondas do mal que pulsavam através do ar perfumado.

Era vingança, ira e raiva de pé e andando. Era a promessa de inferno na terra. Era tudo o que Devina era... na forma e características do Salvador.

Adrian estava estranhamente acalmado pelo show. Calmo. Centrado. Ele não estava sozinho no sentimento de violação e roubo. Ele não estava sozinho enquanto seguia para frente.

O caminho que ele esgotaria para pegar aquela demônio por isto teria dois conjuntos de pegadas, não um...

Nesse momento, Jim abriu a boca e soltou um rugido que era mais alto que um avião decolando, e o som rasgado foi seguido por uma grande explosão: As janelas de vidro do saguão de entrada do banco, todos os trinta metros de altura delas, explodiram de uma vez, regando a rua na frente como uma queda de neve brilhante de cacos de vidro.

Capítulo 25

No céu, Nigel saiu correndo de seu leito de cetins e sedas. Ele não estava em repouso, ele não conseguia fechar os olhos sem Colin ao seu lado, mas acordado ou adormecido, a visão que veio a ele teria o eletrocutado para o modo alerta, não importasse a circunstância.

Com as mãos apertadas, ele puxou seu manto sobre sua nudez.

Edward, *oh*, queridíssimo e estoico Edward.

Ele havia sido perdido. Agora mesmo e lá em baixo.

Oh, esta era uma terrível virada de eventos. Uma desestabilização horrível.

Como isso podia ter acontecido?

Na verdade, a concepção de que um daqueles dois guerreiros pudesse cair era algo que ele não previu em nenhum de seus planos: ele havia enviado os anjos caídos para ajudar Jim porque eram duros, resistentes e tão competentes em defesa do bem que muitas vezes subestimaram a si

mesmos. E dos dois, suponha-se que Eddie sobreviveria: ele era o prudente e inteligente, que equilibrava o elétrico e eclético camarada fora de controle.

Mas o destino pregara uma peça em todos.

— Maldito seja, maldito seja... maldito seja.

E não há forma de trazer Edward de volta, pelo menos não em qualquer maneira que pudesse afetar Nigel: Ressurreição estava na área do Criador, e a última vez que um anjo foi devolvido tinha sido... nunca.

Nigel afagou o rosto com um lenço de linho. Ele apostara tanto em Edward e Adrian, jogando-os como dados e agora Adrian, o volátil, era um barco naufragando sem sua bússola, sua âncora, seu capitão. E Jim, que já possuía uma distração, estava pior do que quando estava sozinho. Ele ia ter que cuidar do outro anjo.

Isto estava ruindo.

E uma manobra muito boa por parte da demônio e ainda assim, como acontecera? Edward sempre foi consciente. O que poderia o ter distraído de seus instintos?

Indo para o seu de balcão de chá, Nigel programou o aquecimento da chaleira. Suas mãos tremiam enquanto ele pensava sobre o que havia feito. Edward estava vivendo em segurança na parte isolada deste lugar que Nigel supervisionava, ele estava esperando para ser usado, verdade seja dita, e entusiasmado por ter sido finalmente perdoado por quebrar as regras e salvar Adrian todos aqueles anos atrás. Mas ainda assim.

Um homem de bem. Agora ele se foi.

Não era para ter sido assim.

Você não é tão poderoso quanto pensa, Nigel.

Enrolando as mãos sobre o peito no tampo de mármore arredondado, ele mal podia suportar o peso em seu coração. Se ele não tivesse tirado ambos de seus respectivos purgatórios, isso não teria acontecido. E ele esteve tão arrogantemente certo de sua escolha.

O que ele fizera...?

Ali, sem ninguém por trás dele e ninguém a sua frente, sozinho com seus maus pensamentos e os ônus de seus atos pesando sobre suas costas, ele pensou em Adrian.

Sozinho.

Na dor.

Na guerra.

Enquanto Nigel lutava pelo ar que ele não precisava, havia apenas uma entidade a quem recorrer nesta solidão pavorosa. E o fato de que Colin não estava aqui, e mais triste, que Nigel não poderia ir ao outro arcanjo, o fez lamentar o estado em que Adrian estava. Ter perdido sua outra metade era pior que a morte.

Era uma tortura. Apesar de ser instrutivo...

Na passagem de curso de todos os falsos dias e noites de Nigel, em seus turnos intermináveis de refeições fingidas e falsos jogos de críquete, dentro da construção de toda essa estrutura auto-imposta que ele projetou para manter a ele e seus arcanjos de enlouquecer no infinito em que existiam, ele nunca se curvara a vontade de outro. Não estava em sua natureza fazer isso.

E ainda Colin possuía uma parte dele.

E ao contrário de Adrian, ele poderia ir para sua outra metade, em busca de socorro em meio a este medo, solidão e arrependimento. Adrian nunca teria isso de novo: Salvo um milagre que seria impossível conceder, ele estaria para sempre separado da outra parte de si mesmo.

Você não é tão poderoso como pensa, Nigel.

Quando o apito estridente da chaleira atravessou a tenda, ele deixou a água continuar, seus pés seguiram rapidamente enquanto ele saía de seus aposentos particulares e atravessava o terreno como um raio.

Por ciclos ele estabeleceu e comandou, a noite caíra como uma capa de veludo sobre a paisagem. À frente, tochas flamejavam ao longo das muralhas e torreões do castelo, e foi em direção ao brilho cintilante que correu sobre a grama.

Edward estava perdido.

Colin estava aqui.

E havia gramado demais entre eles.

Seguindo as paredes da mansão, ele foi para o canto mais ocidental da fortificação e virou para a direita. Ao longe, a tenda de Colin estava fixada contra a linha das árvores, a atarracada e baixa instalação feita de pesadas lonas de lã suportada por postes de atarracados. Ao contrário do santuário privado de Nigel, era pequena e modesta. Sem sedas. Sem cetins. Sem apetrechos luxuosos: O arcanjo se banhava no riacho corrente atrás e não dormia em uma cama de plataforma, mas em um catre¹⁵⁹. Um cobertor. Sem travesseiros. Livros apenas para diversão.

Tudo isso era por que Nigel insistira que eles compartilhassem seus aposentos, o outro arcanjo tendo essencialmente se mudado eras atrás.

De fato, enquanto ele ia até a tenda, Nigel percebeu que nunca havia passado uma “noite” ali. Sempre fora Colin que se transplantava.

Quando ele sequer veio aqui pela última vez? Nigel se perguntou.

Sem batente sobre o qual bater...

— Colin? — ele disse calmamente.

Quando não houve resposta, ele repetiu o nome. E fez mais uma vez.

Não parecia haver luz acesa no interior, assim Nigel convocou um farol em cima de sua palma, evocando um brilho para seus olhos. Alcançando, ele puxou a lona de lado e conduziu com sua mão, a iluminação penetrando no interior escuro.

Vazio.

E, de fato, se não soubesse melhor, pensaria que houve um assalto. Havia tão pouco dentro. Sim, sim... apenas o catre com um baú a seu pé. Alguns livros encadernados em couro. Uma lâmpada a óleo. No chão, não havia sequer um tapete de tecido, mas apenas a grama do gramado.

Os quartos de Bertie e Byron, que estavam na extremidade oposta da parede, eram tão luxuosos quanto o de Nigel, apenas equipados com seus gostos individuais. E Colin poderia ter tido mais do que isso.



Colin poderia ter tido o mundo.

Afastando-se, Nigel saiu da tenda e deu a volta para o riacho. Havia toalhas penduradas em galhos de árvore e um conjunto de pegadas na areia.

— Colin... — ele sussurrou.

O som de sua própria voz triste foi o que o fez parar subitamente.

Abruptamente, seu desespero o chocou e reformulou a sua decisão de vir aqui à luz da realidade da guerra: ele pensou em Jim e Adrian e suas fraquezas, fraquezas que estavam sendo expostas e exploradas pelo outro lado. Ele próprio era fraco quando se tratava de Colin. O que significava que ele possuía um flanco desprotegido.

Em uma explosão de velocidade, Nigel deu a volta e correu para longe, com os pés levando-o através da noite enquanto puxava suas vestes e o orgulho de volta sobre ele.

O destino de seus próprios aposentos era um que ele não poderia desviar-se novamente.

Ele não era Adrian. Ele não ficaria perdido... como Adrian ficou. E ele não seria comprometido por suas emoções como Jim foi.

O dever chamava para tal isolamento e força. E o céu podia oferecer nada menos.

Capítulo 26

Na manhã seguinte, Veck se sentou em sua mesa e olhou sobre seu copo da Starbucks para Bails. A boca do cara estava se movendo em um ritmo rápido, com o rosto animado e suas mãos fazendo sinais em círculos.

— Toda a maldita coisa explodiu. — Bails deu uma pausa e acenou em face do Veck. — Olá? Você me ouviu?

— Desculpe, o quê?

— O primeiro andar inteiro do Caldwell Banco e Fundos de Investimentos entre as ruas Trade e Treze está espalhado pela porra da rua.

Veck sacudiu-se em foco.

— O que quer dizer, ‘pela rua’?

— Todos os vidros das janelas do lobby explodiram. Não sobrou nada além das armações de aço. Aconteceu um pouco antes da meia-noite.

— Foi uma bomba?

— A mais impressionante bomba que alguém já viu. Não houve nenhum dano no saguão, bem, algumas das cadeiras da área de espera foram arremessadas para trás, mas não há nenhuma evidência de uma detonação, nenhum anel de impacto. Havia uma pintura estranha pelo chão do saguão, uma porcaria brilhante parecida com esmalte de unha, e o lugar cheirava como uma floricultura. Mas fora isso... Sem mais nada.

— Os policiais checaram as fitas de segurança?

— Pode apostar, e adivinha só? O sistema pifou por volta das onze e ficou desse jeito.

Veck franziu a testa.

— Apenas apagou?

— Apagou. E nenhuma oscilação de energia foi relatada naquela região. E as luzes do saguão parecem ter sido fritadas também, embora nenhum outro sistema elétrico ou informatizado tenha sido afetado, incluindo os alarmes e a rede de computadores. É tudo muito estranho. Como se perde os vídeos e nada mais?

Veck sentiu um arrepio em sua nuca. *Por Deus*, onde ele já ouviu isso antes...

— Então, é mesmo muito estranho.

— É uma das maneiras de dizer isto.

Bails inclinou a cabeça, e estreitou os olhos.

— Ei, você está bem?

Veck virou para o seu computador e abriu o seu e-mail.

— Nunca estive melhor.

— Se você diz. — Houve uma pausa. — Acredito que sua parceira está indo ver Kroner.

Veck se agitou.

— Ela está?

— Você não sabia? — Bails encolheu os ombros. — De La Cruz me mandou uma mensagem ontem à noite. Eu queria voltar lá de novo hoje, mas a Al está recebendo a próxima ordem sobre ele, sem dúvida, para lhe amarrar em um belo laço da fita não-sou-suspeito.

Put a que pariu. A ideia de Reilly em qualquer lugar perto desse monstro fazia seu sangue gelar.

— Quando?

— Agora, eu acho.

E o que você sabe, seu primeiro instinto foi o de ir a Saint Francis numa correria desumana. Este foi o motivo pelo qual, sem dúvida, ela não parou nesta manhã e lhe disse para onde ia.

— De qualquer forma, te vejo por aí. Tenho que voltar ao trabalho.

Instintivamente, Veck pegou seu telefone e verificou. Com certeza havia uma mensagem que não ouvira chegar e seria de Reilly dizendo: *Estarei atrasada. R.*

— Porra.

Olhou ao redor, como se fosse fazer algo que não seria nada bom. Em seguida, tentou se concentrar na tela a sua frente.

Dane-se... de nenhuma maneira no inferno que ele poderia ficar sentado sobre seu traseiro enquanto ela interrogava um louco. E, na verdade... isto era uma oportunidade, não era?

Levando seu café consigo, ele saiu da Homicídios, virou à esquerda, e se dirigiu à saída de emergência. Na escada de concreto, subiu dois degraus de cada vez, socou a porta de aço, e foi diretamente para a sala de evidências.

Lá dentro, registrou-se com a recepcionista, teve um pouco de papo-furado, como se tudo isso fosse apenas rotina e, em seguida, após uma conversa apropriada, estava dentro das pilhas.

Como um policial aperfeiçoado em Manhattan, ele passou uma boa parte do tempo com manipulando evidências como sacos de drogas, celulares e dinheiro apreendido, coisas que eram usadas. Agora que estava na Homicídios, era mais sobre roupa ensanguentada, armas e efeitos pessoais, coisas que eram deixadas para trás.

Descendo as longas filas de estantes, ele concentrou a atenção na parte de trás da enorme instalação onde as mesas estavam.

— Ei, Joe, — disse ele enquanto chegava perto de uma partição de seis metros de altura.

O veterano investigador de cenas de crime olhou para cima a partir de um microscópio.

— Ei.

— Como vai?

— Fazendo o nosso caminho.

Enquanto o cara levantava os braços sobre a cabeça e se espreguiçava forte, Veck encostou-se na estação de trabalho, todo casual.

— Como estão as coisas?

— O turno da noite é mais fácil do que o do dia. Claro, depois desta semana, os dois estão uma merda.

— Vai levar muito mais tempo até que você por tudo isso em ordem?

— Talvez 48 horas. Há um trio de nós. Estamos indo em torno do relógio, exceto a noite passada.

Veck olhou para a coleção de coisas que haviam sido catalogadas e seladas, bem como a bandeja enorme de itens registrados preliminarmente que ainda estavam para ser examinados e devidamente ensacados.

O investigador usou uma pinça para pegar o que acabou por ser um laço do cabelo da parte de baixo da visão de aumento. Depois ele colocou a torção preta em um saco plástico, pegou um longo e fino adesivo neon amarelo, e foi para cima e sobre a abertura. Então ele fez uma anotação com uma caneta azul sobre ela, assinando suas iniciais, e tocou no teclado de um laptop. A etapa final foi passar o código de barras do saco ao longo de um leitor, o sinal sonoro significando que o objeto agora estava oficialmente no sistema.

Veck tomou um gole de seu café.

—Então, eu estou trabalhando em um caso de pessoa desaparecida. Garota Jovem.

—Você quer dar uma olhada no que temos?

—Você se importaria?

—Não. Apenas não leve nada daqui.

Veck começou na extremidade das estantes baixas que foram temporariamente armada. A nenhum dos objetos da coleção fora dado um lar permanente ainda, porque todos, desde os CPDers ao FBI, iram estar interessados nos objetos.

Ignorando os frascos de amostras de pele, porque Cecília Barten não possuía nenhuma tatuagem ele se concentrou na multiplicidade de anéis, pulseiras, presilhas, colares...

Onde está você, Sissy? ele pensou.

Curvando-se, ele pegou um saco de plástico transparente que foi selado com a assinatura de um dos outros investigadores. Dentro, havia uma pulseira de couro manchada que tinha a cabeça de um crânio como “amuleto.” Não era o estilo de Cecília.

Ele seguiu, pegando um aro de prata que havia sido registrado. Em todas as fotografias da casa dos Bartens, a menina estava usando ouro.

Onde você está, Sissy... onde diabos você está?



No Hospital St. Francis, Reilly era toda negócios enquanto caminhava por um dos milhares corredores do hospital. Enquanto caminhava, passou por jalecos brancos e azuis dos atendentes, verde dos enfermeiros e pacientes e familiares casualmente vestidos.

A UTI que estava procurando era todo o caminho à direita, e ela pegou seu distintivo enquanto se aproximava da estação das enfermeiras. Uma conversa rápida e ela foi direcionada mais abaixo, para a esquerda. Quando ela virou a esquina final, o guarda perto da gaiola de vidro ficou de pé.

— Oficial Reilly? — ele disse.

— Eu mesma. — Mostrou-lhe o distintivo. — Como ele está?

O homem balançou a cabeça.

— Acabou de tomar café da manhã. — A resposta cortada escorria desaprovação, como se o guarda quisesse que o suspeito fizesse uma greve de fome. Ou talvez morresse de fome. — Acho que eles vão movê-lo daqui logo, porque ele está se reestabelecendo bem. Você me quer lá com você?

Reilly sorriu enquanto guardava o distintivo e tirava um pequeno bloco.

— Eu posso lidar com ele.

O oficial da segurança privada pareceu medí-la, mas depois concordou.

— Sim, parece que você pode.

— Não é apenas aparência. Confie em mim.

Ela abriu a porta de vidro, empurrado para trás a cortina verde pálido e congelou com a visão de uma enfermeira se debruçando sobre Kroner.

— Oh, eu sinto muito.

A morena olhou e sorriu.

— Por favor, entre Oficial Reilly.

Quando Reilly olhou nos olhos que eram tão negros que pareciam não ter íris, sentiu um relâmpago irracional de terror: Todos os instintos em seu corpo lhe diziam para correr. O mais rápido que ela conseguisse. O mais longe que conseguisse chegar.

Exceto Kroner que era aquele com quem ela precisava ser cautelosa, não uma mulher que estava apenas fazendo seu trabalho.

— Ah... porque eu não volto... — disse Reilly.

— Não. — A enfermeira sorriu novamente, revelando perfeitos dentes brancos. — Ele está pronto para você

— Ainda assim, eu vou esperar até que você esteja...

— Fique. Estou feliz de deixar vocês dois juntos.

Reilly franziu a testa, pensando, *O quê?* Como se os dois estivessem namorando?

A enfermeira se voltou para Kroner novamente, proferiu algo em voz baixa e acariciou a mão dele de uma forma que deixou Reilly um pouco enjoada. E depois a mulher veio para a frente, cada

vez mais bonita até que era tão resplandecente, que você se perguntava porque ela não era uma modelo. E ainda assim Reilly só queria ficar bem longe dela. O que não fazia sentido.

A enfermeira parou na porta e sorriu mais uma vez.

— Não se apresse. Ele tem tudo o que você precisa.

E então ela se foi.

Reilly piscou uma vez. E de novo. Então ela se inclinou para fora e olhou em volta.

O guarda olhou para cima do seu assento.

—Você está bem?

O corredor estava vazio, exceto por um carrinho de parada cardíaca, uma caixa de rolamento cheia de roupa suja, e uma maca com ninguém e nada sobre ela. Talvez a enfermeira apenas tivesse ido para um outro quarto? Tinha que ser isso. Havia unidades de cada lado do quarto de Kroner.

—Sim, muito bem.

Esquivando-se de volta, Reilly se recompôs, e centrou no paciente, encarando o homem que havia matado pelo menos uma dúzia de mulheres jovens em todo o país.

Olhos brilhantes. Foi seu primeiro pensamento. Espertos e brilhantes olhos, como você encontraria em um rato com fome. Em segundo? Ele era tão *pequeno*. Era difícil acreditar que ele pudesse levantar uma sacola de compras, e muito menos dominar mulheres jovens e saudáveis, mas, novamente, ele provavelmente usou drogas para ajudar a incapacitar suas vítimas, cortando tanto o risco da fuga quanto o barulho. Pelo menos inicialmente.

Seu último pensamento foi... Cara, era um monte de bandagem. Ele estava tudo, menos mumificado, tiras de gaze em volta de seu crânio e pescoço, pedaços quadrados colados em seu rosto e mandíbula. E ainda mesmo que ele se parecesse com um trabalho em progresso do laboratório de Frankenstein, ele estava alerta, e sua cor de pele era positivamente radiante.

Anti-natural, na verdade. Talvez ele estivesse com febre?

Quando ela se aproximou da cama, ergueu a identificação.

— Eu sou a Oficial Reilly do Departamento de Polícia de Caldwell. Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Fui informada que você renunciou ao seu direito de ter presente um advogado.

—Você gostaria de se sentar? — Sua voz era suave, o tom respeitoso. —Eu tenho uma cadeira.

Como se ela estivesse em sua sala de estar ou algo assim.

— Obrigada. — Ela puxou a cadeira de plástico duro na direção da cabeceira, chegando perto, mas não demasiadamente perto. —Eu quero falar com você sobre a noite, quando foi atacado.

— Um detetive já fez isso. Ontem.

— Eu sei. Mas eu estou acompanhando.

— Eu disse a ele tudo o que me lembrava.

— Bem, você se importaria de repetir para mim?

— Certamente. — Ele levantou-se fracamente e depois olhou como se quisesse que ela perguntasse se ele precisava de ajuda. Quando ela não fez, ele limpou a garganta. —Eu estava na floresta. Andando devagar. Pela floresta.

Ela não estava caindo na aquiescência e na acomodação nem por um instante. Alguém como Kroner? Sem dúvida, ele poderia se fazer de pobre coitado durante o tempo que lhe convinha fazê-lo. Era assim que os psicopatas como ele trabalhavam. Ele poderia ser normal, ou certamente convencer os outros, e talvez até mesmo por períodos de tempo ser como todas as outras pessoas: um composto de bem e mal, onde o “mal” não ia mais longe do que sonegar seus impostos, excesso de velocidade na estrada, ou talvez falar mal da sua sogra.

Não matar jovens garotas. Nunca isso.

Máscaras nunca duram, no entanto.

— E você, para onde se dirigia? — ela perguntou.

Suas pálpebras baixaram.

— Você sabe onde.

— Por que você não me conta?

— O Motel & Suítes Monroe. — Houve uma pausa, seus lábios se apertando. — Eu queria ir para lá. Eu tinha sido roubado, você vê.

— Sua coleção.

Houve uma longa pausa.

— Sim. — Quando ele franziu a testa, encobriu o que estava em seu olhar, olhando para baixo em suas mãos. — Eu estava na floresta e algo veio para mim. Um animal. Foi a partir do nada. Eu tentei vencê-lo, mas era muito forte...

Como é se sentir assim, seu bastardo, pensou ela.

— Havia um homem lá, ele viu isso acontecer. Ele pode lhe dizer. Eu o reconheci nas fotografias ontem.

— O que aconteceu com o homem?

— Ele tentou me ajudar. — Mais palavras com o cenho franzido. — Ele ligou para o nove-um-um... Eu não me lembro... muito...mais, espere um minuto. — Aqueles olhos maliciosos ficaram astutos. — Você estava lá. Não estava?

— Há algo que você possa me dizer sobre o animal?

— Você estava lá. Você viu me colocarem na ambulância.

— Se pudéssemos ficar com o animal...

— E você estava olhando para ele também. — Kroner sorriu, e a simulação do Sr. Legal-e-Normal escorregou um pouco, um cálculo estranho entre seus olhos. — Você estava observando o homem que esteve comigo. Você achava que ele tinha feito isso?

— O animal. É nisso que eu estou interessada.

— Isso não é tudooooo no que você está interessada. — *O tudo* teve uma cadência melodiosa. — Está tudo bem, no entanto. Está tudo bem querer as coisas.

— Que tipo de animal você acha que foi?

— Um leão, um tigre, um urso, oh, meu deus.¹⁶⁰

— Isto não é uma piada, Sr Kroner... Precisamos saber se temos um problema de segurança pública.

Tendo estudado técnicas de interrogatório, ela achou que daria a ele uma abertura para ser

¹⁶⁰ *A lion, a tiger, a bear oh, my* – é uma fala de Dorothy no filme *O Mágico de Oz* (1939)

um herói. Às vezes suspeitos como ele iria jogar o jogo na esperança de ser insinuante, ou tentando ganhar a confiança que mais tarde iria desfrutar de violar.

O disfarce de Kroner caiu de vez.

— Oh, eu acho que você tomou cuidado do público muito bem. Você tomou?

Sim, assumindo que ele não fugiria deste hospital, e que o sistema prisional lhe batesse uma porta de prisão com uma detenção para o resto de sua vida natural.

— Ele deveria ter presas, — disse ela.

— Sim... —Ele tocou seu rosto arruinado. — Presas... e grandes. Fosse o que fosse, era insuportável. Eu ainda não sei como eu sobrevivi, mas o homem, ele me ajudou. Ele é um velho amigo...

Reilly teve certeza que sua expressão não mudou em nada.

— Velho amigo? Você o conhece?

— Iguais reconhecem iguais.

Quando um arrepio subiu por sua espinha, Kroner ergueu a mão para cima e a impediu de falar.

— Espere, eu tenho que lhe dizer algo.

— E o que seria?

Os curativos no rosto se amassaram, como se estivesse fazendo careta, e a mão foi para sua cabeça.

— Eu tenho que lhe dizer...

Considerando que ele não a conhecia absolutamente, isto era impossível.

— Sr. Kroner.

— Ela tinha um cabelo bagunçado. Cabelos loiros lisos e longos...—Ele tomou uma respiração ofegante e bateu em suas têmporas, como se estivesse com dor. —Ele se prendeu no cabelo... aquele cabelo loiro com o sangue nele. Ela morreu na banheira, mas esse não é o lugar onde seu corpo está. — A cabeça Kroner ia e voltava no travesseiro. —Vá para a pedreira. Ela está lá. Em uma caverna, vocês terão que ir fundo para chegar até ela...

O coração de Reilly começou a bater. O escape de seu interrogatório deveria ser limitado à noite do ataque, mas não havia nenhuma maneira de que ela não estivesse acompanhando isto. E nenhuma razão para que Kroner soubesse que Cecília Barten fosse um caso que ela estava trabalhando.

— De quem está falando?

Kroner deixou cair o braço e, de repente sua cor deu uma guinada em direção ao espectro de cinza.

— A do supermercado. Eu tenho que lhe dizer isso. Ela quer que eu lhe diga. Isso é tudo que eu sei.

Abruptamente, ele começou a tremer, o tremor em seu torso escalando até que ele se puxou de volta para as almofadas e os seus olhos rolaram em seu crânio.

Reilly avançou e apertou o botão de chamada e o interfone.

— Precisamos de ajuda aqui!

Da convulsão, Kroner agarrou seu pulso, aqueles olhos profanos brilhando.

— Diga para ele que ela sofreu... Ele tem que saber... ela sofreu...

Capítulo 27

De volta à esquadra de comando, na sala de provas, Veck repassou tudo o que havia sobre Kroner, passando por sua mente os objetos como se fossem instantâneos. Infelizmente, não havia nada que vira nas fotografias dos Bartens que combinasse com qualquer uma das joias ou outras coisas.

Recuando, ele cruzou os braços sobre o peito.

— Merda.

— Há ainda mais — disse o investigador. Sem tirar o olhar do que estava fazendo, o cara jogou para trás a cortina que cobria tudo o que ainda não havia sido catalogado.

Veck tomou um gole de seu café frio, revisou tudo e inclinou-se sobre os quadris. Sem tocar, é claro, coisas tão boas que foram colocadas para fora, lado a lado. Mais joias... mais laços, mais cabelo com fios de preto e marrom e rosa presos.

Seu telefone tocou, e ele girou afastado-se para respondê-lo.

— DelVecchio. Sim, ahã... uh-huh... ahã, sou eu...

Era do Recursos Humanos, verificando suas informações que enviou antes para o seu primeiro salário. Enquanto respondia às perguntas pensou, sem ofensas, que tinha coisas melhores para fazer.

Quando finalmente terminou, voltou-se para a bandeja. Ele estava tão certo de que Sissy fora tomada por Kroner. *Inferno*.

De fora do cabo de látex do investigador, um brilho de ouro brilhou como se tivesse sido posto sob o microscópio.

Era um brinco. Um brinco de um pássaro pequeno. Como uma pomba ou um pardal.

— Posso ver isso? — Veck disse com voz rouca.

Mas mesmo sem o olhar mais atento, ele reconheceu o que era... da estante da Bartens, na foto em close-up de Sissy, quando ela não tomou conhecimento que fora fotografada. Ela estava usando um brinco igual.

Talvez ela estivesse usando aquele exato.

Seu telefone tocou novamente, justo quando o investigador levantou o pedaço de evidência.

Quando Veck olhou para a tela e viu que era Reilly, imediatamente aceitou o chamado.

— Você nunca vai acreditar nisto, estou olhando para o brinco de Sissy Barten.

— Nas evidências contra Kroner. — Era uma afirmação, não uma pergunta.

Veck franziu a testa. Sua voz soava errada.

— Você está bem? O que aconteceu com Kroner?

Houve uma breve pausa.

— Eu...

Veck afastou-se do investigador, indo para um canto e virando as costas para o cara.

Baixando a voz, disse: — O que aconteceu...

— Acho que ele a matou. Sissy. Ele... a matou.

Veck aumentou a aderência ao telefone, espremendo-o para baixo.

— O que ele disse?

— Ele identificou-a pelos cabelos e a Hannaford.

— Você levou quaisquer fotografias dela? Podemos obter um resultado positivo.

— Ele entrou em uma convulsão no meio do interrogatório. Estou fora da UTI e agora eles estão trabalhando nele. Sem dizer se eles vão conseguir tirá-lo da convulsão ou não.

— Ele disse qualquer outra coisa?

— O corpo está em algum lugar na pedreira. De acordo com ele.

— Vamos

— Eu já chamei De La Cruz. Ele vai lá com Bails.

— Estou saindo agora.

— Veck — falou. — Este caso não é mais sobre pessoas desaparecidas. Você e eu estamos fora dele.

— O inferno que estamos, ela ainda é minha até que encontrarem seu corpo. Encontre-me lá para que você possa suspender-me se você quiser. Ou melhor ainda, vir a dar uma mão.

Houve uma pausa longa, longa.

— Você está me colocando numa posição terrível.

O arrependimento o fez ranger os molares.

— Parece que me sobressaio quando se trata de você. Mas eu tenho que fazer isso e prometo não ser bundão.

— Você se sobressai nisso, também.

— Correto. Olha, eu não posso sair dessa, até que eu, pelo menos, saiba o que aconteceu com ela. Não tem que ser tudo na cara de Kroner, se encontramos alguma coisa, não vou tocar numa maldita coisa, mas eu tenho que fazer isso.

Outra pausa interminável. Então:

— Tudo bem. Eu estou no caminho. Mas, se De La Cruz nos chutar de lá, nós não lutaremos contra ele, de acordo?

— De acordo — Veck enviou uma oração de agradecimento. E então... — Ele disse alguma coisa mais? Kroner?

Houve um ruído, como se ela estivesse passando o telefone de mão em mão.

— Ele disse que conhecia você.

— O quê?

— Kroner disse que conhecia você.

— Isso é uma mentira do caralho. Eu nunca o conheci antes na minha vida. — Quando não houve resposta dela, ele amaldiçoou. — Reilly, eu juro. Eu não conheço o cara.

— Eu acredito em você.

— Você não soa como se acreditasse. — E por alguma razão, sua opinião apenas não importava, era uma coisa necessária. — Vou levar um polígrafo.

Ela exalou parecendo exausta.

— Talvez Kroner esteja só de sacanagem comigo. É difícil saber.

— O que ele disse exatamente?

— Algo na linha de "iguais reconhecem iguais".

Veck foi frio e morto.

— Eu não sou como Kroner.

— Eu sei. Aqui, deixe-me chegar ao meu carro e começar a dirigir. A pedreira é na borda mais distante da cidade, e que podemos muito bem entrar no piso térreo se De La Cruz nos deixar. Vejo você em meia hora.

Quando ele desligou, o investigador olhou por cima do microscópio.

— Conseguiu o que queria?

— Eu acho que sim. Deixe-me saber se você encontrar alguma coisa sobre esse brinco? Eu tenho um pressentimento que é de minha garota desaparecida.

— Sem problema.

— Onde é pedreira?

— Pegue a Northway em direção ao sul, cerca de vinte milhas. Eu não sei a saída exata, mas está marcada. Você não pode perdê-la, e há sinais que o vão guiar.

— Obrigado, cara.

— É um bom lugar para esconder as coisas, se você sabe o que quero dizer.

— Eu sei. Infelizmente.

Cinco minutos depois, Veck estava em sua moto e rugindo em direção a interestadual. Nenhuma razão para chamar De La Cruz à frente do tempo. Eles acabavam de fazer o confronto face a face, quando ele chegou.

A saída apareceu em questão de 15 minutos e viu: PEDREIRA THOMAS GREENFIELD. Os sinais eram fáceis de seguir, e não mais de alguns quilômetros mais tarde e uma pequena estrada de terra que possuía árvores apertado seus flancos. No verão, elas, sem dúvida, formavam um dossel romântico; no momento, pareciam os braços de esqueleto agarrando um ao outro.

Ele cortou a velocidade de volta quando chegou a uma curva que escalava gradualmente mais e mais. Vento soprava, frio e austero, e as nuvens pareciam fechar-se como se para sufocar o chão. Ele estava começando a pensar que havia se perdido quando chegou ao cume, e lá estava ele. Pedreira? Parecia mais como o Grand Canyon, porra.

E membros do CPD, bem como o Caldwell Corpo de Bombeiros, já estavam reunidos: Dois veículos de busca e salvamento. Algumas viaturas. Um não marcado que tinha de ser De La Cruz. A unidade K-9¹⁶¹.

Veck estacionou de maneira que a distância não escondia sua abordagem quando chegou até o amontoado de homens e mulheres e cães.

De La Cruz saiu do núcleo e veio em sua direção. A expressão do detetive, com um sorriso satisfeito, não mudou nem um pouco. Então, novamente, ele não poderia ter sido surpreendido, e a chegada foi uma notícia quase feliz.

— Imaginei encontrá-lo aqui — murmurou De La Cruz. Mas estendeu a mão para um aperto.

— Este lugar é enorme. — Suas mãos se encontraram em uma salva de palmas. — Betcha

¹⁶¹ K-9 – Unidade cinófila (canina)

pode precisar de alguma ajuda.

A pedreira apresentava facilmente um quilômetro de diâmetro e um quilômetro para baixo e mais de uma formação natural do que qualquer coisa que sobraram de uma operação de mineração. Três quartos de suas paredes eram descidas a pique, uma a sul era um declive desagradável onde se notava o escovado nas pedras deixado pelas máquinas, e um monte de buracos negros que tinham que ser cavernas.

— Então, você vai me deixar trabalhar? — Veck exigiu.

— Onde está o seu parceiro.

— A caminho.

De La Cruz olhou de volta para a faixa apertada de colegas.

— Vamos manter uma equipe de luz aqui, porque nós não queremos nenhuma atenção. Se a imprensa fica sabendo disso, nós vamos ter um dia de campo com os curiosos.

— Então é um sim?

De La Cruz concordou olhando-o diretamente nos olhos.

— Você não toca em porcaria nenhuma, e não sai daqui até Reilly chegar.

— Muito justo, Detetive

— Venha, assim você pode juntar-se a fase de planejamento.



O lugar do velho Jim não era tão velho assim e não era seu também.

Ele havia alugado a garagem e seu apartamento do segundo andar de um cara de terno, um antigo mordomo depois de ter chegado a Caldwell, e quando ele saiu cerca de uma semana atrás, assumiu que era a última vez: seu ex-chefe, o Matthias, o Filho da mãe, estava respirando em seu pescoço, e ele fora enviado a Boston para lutar a batalha seguinte com Devina.

Mas, realmente, o que deu de acordo com plano? Matthias não estava mais na imagem, Jim voltou para Caldwell, e ele e Adrian precisava de um lugar seguro para ficar.

Olá, velhos fantasmas, como se houvessem... E era hora de rezar para que o proprietário não tivesse ido ao local para encontrar o dinheiro do aluguel e a chave que deixada para trás.

Puxando sua F-150¹⁶² na rota que levava ao local, verificou para se certificar que Adrian ainda estava atrás dele em sua Harley, ei e o cara estava. Juntos, eles passaram pela vaga do proprietário, e continuaram abaixo da pista, atravessando um prado de rolamento que tinha que ter uns bons oitenta mil metros quadrados. A garagem estava longe de volta na propriedade e provavelmente fora usado para abrigar equipamentos agrícolas e cortadores, e um zelador vivia acima. Ele teve a impressão de que quando alugou, no entanto, estava vazia por um tempo.

Parando primeiro no grande portão de portas duplas, ele saiu, pegou uma das alças de arrastar e jogou seu peso para ele, perguntando se o lugar seria...

O painel retumbou em suas trilhas, revelando um chão de cimento perfeitamente limpo e um teto de viga-prima de altura suficiente para estacionar um reboque de cavalo dentro.

¹⁶² **F-150** – Tipo de carrinha pickup da Ford.

Jim voltou ao volante e deixou ocioso o motor para levá-lo para dentro. E Adrian estava logo atrás dele, estacionando a Harley e chutando a porta atrás deles. Como a luz cinzenta do dia foi cortada, Jim desligou o motor, saltou de sua porta.

O perfume, limpo e fresco de flores invadiu o ar. Até o ponto onde ele quase vomitou, mesmo que o cheiro fosse indiscutivelmente bonito.

Ele e Adrian não disseram uma palavra quando pegaram cada um uma ponta de cada lado da carroceria traseira da caminheta. A lona que compraram em Home Depot uma hora atrás, foi presa por uma meia dúzia de cabos elásticos, e um a um, eles libertaram os ganchos e bandas. Enrolaram a tampa grossa azul, e revelaram o corpo envolto num lençol que fora tão cuidadoso.

Eles haviam deixado o lobby do banco não muito tempo depois da fúria Jim ter arreventado todas as janelas, e eles levaram com eles Eddie, sem que houvesse nenhuma luta, como ele virara para fora, pelo menos não fisicamente. Após a morte, o corpo ficou leve como uma pluma, como se toda a massa crítica já houvesse desocupado a pele e ossos, e o que foi deixado para trás era nada mais do que o esboço de desenho do que Eddie já fora.

Jim não tinha ideia para onde ir, mas depois Cão aparecera em seu caminho... e os levou a um prédio abandonado de três andares.

Deixando Adrian e o animal para proteger os seus mortos, Jim retornou ao hotel, arrumou toda a merda deles e carregou-as para sua caminheta. Quando voltou, estacionara em uma garagem subterrânea alguns quarteirões de distância, e brilhou mais com todos os tipos de planos de mudar-se para maior segurança e recolher os outros veículos e motos que ainda estavam no lote no Marriott.

No final, porém, ele acabara de se sentar em volta, e dado uma pausa a Adrian, porque o cara parecia como se estivesse prestes a quebrar.

Eventualmente, eles tiveram que mudar, no entanto, e ele decidiu que vir para cá era a sua melhor aposta a curto prazo. E Adrian fora junto, sem comentário, só que provavelmente não foi um bom sinal, ele estava claramente ainda anestesiado, mas que não ia durar, e o que havia do outro lado? Biblicamente não se iria cobrir a metade, mais provável.

Jim destravou a porta traseira e deixou-a cair.

— Você quer...

Adrian saltou para cima e sobre a amurada, pousando ao lado de Eddie habilmente. Pegando os restos envolta, ele saiu da cama e caminhou até a porta lateral.

— Você pode obter isso por nós?

— Sim, claro.

Com Cão liderando o caminho novamente, Jim aproximou-se e abriu a saída e então os três subiram as escadas exterior. No topo, ele usou um lock pick¹⁶³, trabalhou na maçaneta da porta em questão de segundos, e ficou ao lado de Adrian quando entrou.

A cama de solteiro estava da maneira que Jim deixara, os lençóis emaranhados de dormir a última noite ruim que tivera lá. E sim, o dinheiro e a chave estavam exatamente onde ele colocou, sobre o balcão da cozinha. O sofá ainda estava sob a janela panorâmica, com as finas cortinas

¹⁶³ **Lock Pick** – ferramenta de abrir fechaduras, maçanetas ou cadeados sem utilizar chaves através da manipulação do mecanismo de fechamento

fechadas. O ar cheirava vagamente a feno, mas isso não ia durar.

Não com Eddie ao redor.

Quando Jim olhou para Adrian, ele soube que não havia razão para não usar este lugar. Matthias estava com as almas de Devina para a eternidade por isso não era como se ele fosse qualquer ameaça, e o resto da Ops ia estar ocupado lutando para preencher o vazio de liderança que o cara deixara para trás. Além disso, o único problema de Jim fora com seu antigo chefe.

Que ele descera na última rodada.

— Há um espaço para rastejar de volta aqui — disse Jim, caminhando até a cozinha.

Ao lado da geladeira, havia uma porta meio estreita que dava para uma área de gesso sob o beiral do telhado. Alcançando, ele ligou a lâmpada e saiu do caminho.

Quando Adrian se agachou e entrou com sua carga, Jim abriu uma das gavetas sob o balcão da cozinha e pegou uma faca longa. Não hesitou quando colocou a lâmina contra a palma da mão e fez estrias através de sua pele.

— Porra, — ele assobiou.

Adrian desistiu do espaço para rastejar.

— O que você está fazendo?

Vermelhas gotas brilhantes caíram no chão em uma pequena trilha enquanto ele caminhava até onde Eddie fora colocado. A verdade era que ele não estava inteiramente certo do que estava acontecendo aqui, mas seus instintos estavam guiando-o, puxando-o para a frente, a colocar a palma da mão sangrando contra o interior da porta... bem como sobre o próprio corpo.

Antes de retrain suas mãos pingando, ele prometeu:

— Eu não deixo soldados caídos para trás. Você vai estar conosco até você voltar para nós. Aposto sua bunda sobre isso.

Fechando a porta, ele olhou para Adrian, que apoiara-se contra o balcão e preparou-se. O anjo estava olhando para o linóleo como se fossem folhas de chá... ou um mapa... ou um espelho... ou talvez nada em tudo.

Quem diabos sabia.

— Eu preciso saber onde você está — disse Jim. — Você quer ficar aqui com ele ou você quer continuar lutando?

Olhos vagos levantaram do chão.

— Não era para ter acontecido assim. Ele teria lidado com isso melhor.

— Não é boa maneira de lidar com ele. E eu não vou torcer seu braço sobre qualquer coisa. Você não quer fazer nada além de chorar, isso está perfeitamente bem pra mim. Mas eu tenho que saber o que você quer fazer.

Porra, era provavelmente muito cedo para pedir para o cara pensar sobre o que ele queria para o almoço, muito menos se ele estava pronto para lutar. Mas eles não tinham o luxo de ir a um terapeuta, explore-seu-sentimentos. Isto era guerra.

Quando Adrian apenas resmungou alguma coisa sobre como "não está certo" foi tudo, Jim sabia que precisava chamar a atenção do rapaz.

— Ouça-me, — disse ele devagar e claramente, — Devina fez isso de propósito. Ela o levou de você porque ela está dependendo da sua perda incapacitante. É uma estratégia-oh-um-

isolamento. Me de vocês dois... do mundo. A escolha é sua se isso funciona ou não.

Adrian mudou seu olhar para a porta Jim que fechou.

—Como pode uma coisa assim... enorme acontecer tão rápido?

Jim voltou no seu próprio passado, para uma cozinha que ele havia conhecido tão bem, a uma cena sangrenta que nunca esquecera: sua mãe morrer em uma poça de seu próprio sangue, como ela dissera a ele para correr tão rápido quanto podia, tão longe quanto podia...

Ele pegou totalmente o que Adrian estava lidando, a realização horrível de que as torres que você dependia para manter o céu de cair se transformaram em papel ao invés de rocha.

—Bombas acontecem.

Houve um período de silêncio, e então um som suave batendo no chão. Cão, que ficara de fora na maior parte do caminho, estava mancando ao longo de Adrian, e quando chegou com o cara, ele se sentou na inicialização do anjo de combate, e reclinar a cabeça contra a canela do anjo.

—Eu não sou louco — Adrian disse finalmente. —Eu não sou... qualquer coisa.

Isso ia mudar, Jim pensou. A questão era quando.

— Fique aqui com ele — disse Jim. —Eu tenho que ir para o campo. Eu não quero DelVecchio por conta própria.

—Sim... Sim. —Adrian se abaixou e pegou Cão. —Sim.

O anjo se aproximou e sentou no sofá, colocando o animal em seu colo e mantendo os olhos fixos na porta do espaço do rastejamento.

—Me ligue, — Jim disse, — E eu vou estar aqui em um instante.

—Sim.

Deus, o anúncio era como um objeto inanimado que respirasse. E o último pensamento de Jim foi, que Devina estava brincando com fogo. Adrian estava indo para acordar deste torpor... e aí ia ser um inferno para pagar.

Depois de fechar a porta, Jim fez uma pausa para acender um cigarro e olhar para o céu. Nuvens estavam fervendo em cima da garagem, e ele se viu olhando para uma imagem ou um sinal neles.

Nenhum sinal.

Ele terminou seu Marlboro, e assim como ele estava prestes a descolar, ele ouviu um rádio no interior do apartamento ficar ligado.

A cappella¹⁶⁴. "Blaze of Glory". Bon Jovi

Muito apropriado.

Jim levou ao ar, seguindo o farol que era DelVecchio. E ele estava a meio caminho de seu alvo quando ele percebeu...

Ele não possuía um rádio.

Capítulo 28

¹⁶⁴ *A cappella* — é uma expressão de origem italiana, designa a música vocal sem acompanhamento instrumental.

— Aqui, deixe-me ajudá-lo.

Reilly se colocou entre duas pedras do tamanho de poltronas, depois inclinou-se e estendeu a mão.

Veck olhou para ela por um momento.

— Obrigado.

As palmas das mãos se encontraram e fecharam, e, em seguida, Reilly inclinou-se para trás, colocando todo o peso dela no suspender. Mesmo com o lastro, era como puxar um carro para fora de uma vala e ela teve a nítida certeza de que se ele não tivesse pulado, não teria ido a lugar algum.

Quando se juntou a ela no platô, olharam em volta. Eles vinham trabalhando na longa encosta da pedreira por um número de horas, acendendo lanternas em cavernas rasas e afloramentos de rochas. Os policiais de busca e salvamento foram vasculhar o lado íngreme e os outros CPDers foram muito mais à esquerda ou ao redor da borda com os cães. Minutos passavam lenta e agonizantemente, a extensão clara do que havia para cobrir esmagando-a.

E o subentendido com Veck, as coisas não ditas, não ajudavam.

Deus, ela odiava essa coisa toda. Especialmente o fato de que eles estavam tentando encontrar o corpo de uma jovem.

— Não há outra caverna por aqui, — ela disse, pulando de uma pedra e pousando num agachar no chão lamacento.

O terreno pareceu inóspito da borda da pedreira. De perto, era uma pista de obstáculos, o tipo de paisagem que você desejaria usar botas para enfrentar, muito bom que roupas externas extras e kits de evidências sobressalentes não eram os únicos equipamentos e suprimentos que ela guardava em sua caminhonete. Coisa boa também que a chuva da noite anterior parou ou isto seria além de cansativo. Como estava, os picos das pedras já haviam secado ao sol assim pelo menos eles tinham alguma base firme; as poças e lama nos pontos baixos os retardavam o suficiente.

— Já estive aqui antes? — Veck perguntou depois que caiu ao lado dela. Como de costume, não estava vestido com roupas suficientes...

Espere, vamos reformular isso, ela pensou: Como de costume, *ele não estava vestindo roupas quentes o suficiente* e seu calçado era mais office-bound¹⁶⁵ que um Outward Bound¹⁶⁶. Não que ele parecesse se importar: Mesmo que seus sapatos estivessem, sem dúvida, em ruínas e sua jaqueta preta tivesse todo o isolamento de uma folha de papel contra a brisa fresca, ele estava empenhado, seguro como se estivesse perfeitamente confortável.

Pelo contrário, elas estavam trabalhando arduamente.

Espere, qual era a questão...?

— Como a maioria das pessoas, eu sempre soube sobre a pedreira. — Ela olhou para cima até a borda. — Mas esta é minha primeira visita. Rapaz, é como se algo tivesse arrancado um pedaço gigante da terra.

¹⁶⁵ **Office-bound** – Pessoas que trabalham em escritórios e que usam roupas sociais.

¹⁶⁶ **Outward Bound** – é uma organização educacional, sem fins lucrativos, pioneira mundial em educação ao ar livre. Presente em mais de 30 países e com mais de 65 anos de história, promove o desenvolvimento humano através de experiências desafiadoras na natureza.

— Algo grande.

— Dizem que foi criada por geleiras.

— Isso ou Deus era um jogador de golfe e o pino em que ele estava mirando está na Pensilvânia.

Ela riu um pouco.

— Pessoalmente, vou colocar meu dinheiro no gelo pré-histórico. Na verdade, isto é apenas chamado de “a pedreira” nunca foi uma, apenas se parece com uma.

Subiram em outra pedra, pularam novamente e seguiram em direção à boca escura da caverna que ela vira. Aquela para onde iam parecia maior que as outras que já verificaram e, de perto, sua entrada parecia alta o suficiente para passar sem se inclinar, embora não houvesse maneira de os ombros Veck caberem, a menos que ele se virasse de lado.

Iluminou dentro, não havia nada, apenas um monte de paredes de pedra e chão de terra, e Deus, o mau cheiro. Úmido, mofado. Todas elas cheiravam igual, como se o lugar tivesse um e apenas um tipo de odor.

— Nada, — disse ela. — Mas não posso ver o fim dela.

— Deixe-me ir mais longe.

Agora seria o momento perfeito para uma mulher moderna acertá-lo com um *Inferno, não, eu vou cuidar disso*. Mas apenas os céus sabiam o que estava lá e ela não era uma grande fã de morcegos. Ursos. Cobras. Aranhas.

O grande ar livre era a única área onde ela se transformava solidamente em uma garotinha. Depois que se afastou, Veck virou e se espremeu para dentro do espaço estreito. O fato de que mesmo o peito dele era um ajuste apertado a lembrou do quão conhecia sobre seu corpo. Desviando o olhar, tentou encontrar o próximo alvo.

Desesperadamente.

— Nada, — Veck murmurou quando ressurgiu e fez um X vermelho com tinta spray sobre a pedra.

— Espere, você tem... — Ela se levantou na ponta dos pés e sacudiu a teia de aranha do cabelo dele. — Pronto, muito mais apresentável.

Ele agarrou sua mão quando ela ia se virar.

Quando ela puxou surpresa e, em seguida, olhou em volta rapidamente, ele disse:

— Não se preocupe, ninguém pode nos ver.

Achou que era verdade: desceram entre três pedras enormes. Mas isso era uma má notícia, porque privacidade não era o que eles precisavam. Holofotes. Um palco. Megafones grudados em seus rostos, seria mais como isso...

— Olha, sei que isto não é apropriado, — ele murmurou com uma voz que fez seu coração bater ainda mais forte. — Mas aquele merda que Kroner disse, sobre me conhecer...

Reilly exalou audivelmente. *Graças a Deus*, não era sobre eles.

— Sim?

Veck a soltou e passeou em um pequeno círculo. Então pegou um cigarro, acendeu e soprou a fumaça para longe dela.

— Acho que em algum nível, é o que mais me assusta neste mundo.

Sentindo-se como uma tola por estar pânico, ela se recostou no lado aquecido pelo sol de um pedregulho.

— O que você quer dizer?

Veck olhou para o céu, a sombra de seu queixo forte caía em seu peito, dando a aparência de um arco escuro cortado de seu torso.

— Como reconhece...

— Você realmente acha que tentou matá-lo. — ela disse em voz baixa.

— Olha, isso vai parecer loucura.. mas parece que meu pai está sempre comigo. — Levou a mão até o esterno, no mesmo lugar da sombra negra. — Esta... coisa, que é uma parte de mim, mas não eu mesmo. E sempre estou com medo de que ela irá sair... — Interrompeu-se com uma maldição. — Oh, Cristo, ouvir essa besteira...

“Isto não é besteira.” Quando ele olhou, ela olhou de volta para ele.

— E você pode falar comigo. Nenhum julgamento. Nenhuma outra testemunha, nunca. Desde que não tenha violado a lei.

Sua boca se contorceu amargamente.

— Não fiz nada pelo que eu possa ser preso. Embora realmente me perguntei se o fiz com Kroner naqueles bosques.

— Bem, se você tem medo de ser como seu pai e há um banho de sangue á sua frente e não, você não consegue se lembrar de coisa alguma, é claro que se perguntaria.

— Eu não quero ser como ele. Nunca.

— Você não é.

— Não me conhece.

Sua expressão dura fez um frio passar através dela, independente do fato de que seus pés estivessem secos e aquecidos e estivesse usando casaco e luvas. Ele tinha tanta certeza de ser um estranho para ela, que se perguntou por que a verdade óbvia não os parou na noite anterior. Então novamente, o sexo e a atração sexual tinham um jeito de fazer você se sentir íntimo, quando na verdade era apenas sobre dois corpos se esfregando.

O quanto ela realmente sabia sobre ele? Não muito diferente do que estava em seu arquivo do RH no trabalho.

Tinha certeza de uma coisa, no entanto: Ele não tinha, de fato, ferido aquele homem.

— Você precisa falar com um profissional, — disse ela. Porque, naturalmente, precisava haver repercussões psicológicas por ter um pai daquele jeito. — Tire este fardo de você.

— Mas esse é o problema... está dentro de mim.

Algo sobre o tom que ele usou fez aquele frio retornar, dez vezes mais forte. Exceto que agora ela apenas se achava louca.

— E estou lhe dizendo, você precisa desabafar.

Ele voltou a olhar para o céu azul brilhante com suas faixas brancas de nuvens.

Depois de um momento, ele disse:

— Fiquei aliviado quando você saiu tão depressa na noite passada.

Bem, isto não era um tapa na cara para trazê-la de volta para seus sentidos?

— Estou feliz por ter agradado, — ela disse inquieta.

— Porque eu poderia me apaixonar por você.

Quando ela ficou com boca aberta e piscou como um peixe, ele tragou o cigarro e exalou a fumaça para cima no ar frio de primavera.

— Sei que não ajuda em nada. O fato de eu dizer isso agora, mas é verdade.

Certamente. E, no entanto, ela não podia deixar de tocar no assunto.

— Mas na noite passada... disse que nunca me levaria para sua cama.

Ele balançou a cabeça, o lábio superior enrugando em desgosto.

— Absolutamente não. A cama é onde estive com mulheres que não importam. Você importou, importa. — Ele praguejou, baixo e profundo. — Você não é como as outras.

Reilly respirou fundo. E de novo.

E ela sabia que agora seria um bom momento para colocar os dois na direção certa com algo como, “estou muito lisonjeada, mas...”

Em vez disso, ele apenas o encarou enquanto ele virava o cigarro ao redor e olhava para a ponta laranja. Traçando as linhas duras e bonitas de seu rosto, ela tentou lutar contra a atração por ele... e então desistiu: Nesta bolha de privacidade na frente da caverna, com a brisa assobiando entre as pedras e o sol em seus rostos, as engrenagens entre eles começaram a deslizar de volta para o lugar novamente... e ela percebeu a verdadeira razão pela qual saiu de sua casa tão rápido.

Danem-se as questões de trabalho: Ela sentia o mesmo que ele, e isso a assustava.

— Mas isto está atado em toda a merda com o meu pai.

— Sinto muito, o quê? — ela se ouviu dizer.

— Essa coisa com você... está ligada com ele também. — Seus olhos brilharam para ela. — Ele era apaixonado por minha mãe. E, mesmo assim, cortou-a em fatias enquanto ainda respirava e colocou um coração feito com seus intestinos no chão ao lado dela. Sei, porque fui eu quem encontrou o corpo.

Quando Reilly ofegou, sua mão foi até sua garganta e ela, instintivamente, deu um passo para trás... apenas para descobrir que estava presa contra a rocha em que encostara.

— Sim... — ele disse. — Então essa é a minha história familiar.



Que jeito de dizer palavras românticas a uma mulher, Veck pensou enquanto Reilly virava a Branca de Neve e tentava se afastar dele.

Dando uma forte tragada no cigarro, exalou longe dela.

— Eu não devia ter levantado isso.

Reilly balançou a cabeça, talvez para limpá-la.

— Não... não, estou feliz que o fez. Estou apenas um pouco...

— Chocada. Sei. E este é apenas um dos motivos de eu não falar sobre essa merda.

Ela tirou uma mecha solta de cabelo de seus olhos.

— Mas eu falei sério. Pode falar comigo. *Quero* que converse comigo.

Não tinha tanta certeza que ela se sentiria assim quando ele terminasse. Mas por alguma razão, se viu abrindo sua boca.

— Minha mãe foi sua décima terceira vítima. — Cara, ele invejava aqueles caras cuja “má história” envolvia porres de cerveja, a deflagração da propriedade pública e talvez mijar no tanque de gasolina de alguém. — Eu estava em férias de Verão no colégio, fui para uma casa de veraneio em Cape Cod com amigos. Era a última noite que tínhamos o lugar e fui a última pessoa a ir para casa, então estava sozinho. Ele a trouxe para a sala e o fez lá. Depois, ele deve ter ido lá em cima me conferir, quando acordei, havia duas impressões sangrentas na moldura da porta de meu quarto. Essa era a única pista de que algo ruim acontecera. Ele colocou fita adesiva na boca dela para eu não escutasse coisa alguma.

— Oh... meu Deus...

Tomando outra tragada profunda, falou através da expiração.

— E sabe, mesmo naquela época, a primeira coisa que fiz quando vi o que estava na moldura foi olhar para minhas próprias mãos. Como não havia nada sobre elas, corri para meu banheiro, verifiquei as toalhas, verifiquei minhas roupas, ironicamente, a mesma coisa que fiz depois do lance do Kroner. E então percebi... Merda, a vítima. Liguei para o nove-um-um e estava no telefone com eles quando desci.

— Você a encontrou.

— Sim. — Ele esfregou os olhos contra as imagens de sangue vermelho em um tapete azul barato, um coração feito de partes humanas. — Sim, encontrei e *sabia* que foi ele. — Ele não poderia ir mais longe do que isso, com ela ou consigo mesmo.

A memória foi esquecida por tanto tempo que ele esperava que tivesse de alguma forma se deteriorado de uma maneira cuidadosa e indubitavelmente saudável. Mas não. A cena que presenciou ainda estava desenhada em tons de neon, como se os vapores do pânico e do terror que sentira houvessem atenuado e distorcido tudo sobre a imagem mental exceto a sua nitidez.

— Eu li sobre seu pai, o estudei na escola, — Reilly disse suavemente. — Mas não havia nada sobre...

— Eu tinha dezessete anos, legalmente menor de idade e minha mãe não tinha meu sobrenome, então você não teria sabido através disso. Engraçado, foi quando a força policial falou pela primeira vez com meu pai sobre uma vítima. Desnecessário dizer que acreditaram quando ele disse que estava aflito, e Deus sabe que ele era bom em fingir emoções. Ah, e as impressões sobre a moldura da porta? Ele usou luvas de látex, naturalmente, então não havia nada a conferir.

— Deus, sinto muito.

Veck ficou quieto, mas não permaneceu assim.

— Eu não o via muito. E quando passava por aqui, minha mãe desaparecia com ele. Nunca se cansava dele, era a sua droga de escolha, a única coisa que importava, a única coisa em que pensava. Olhando para trás, estou malditamente certo de que ele tramava o desespero dela, e usava isso para me irritar, até que eu percebi o que ele era e vi que ela não tinha chance. Quanto ao lado dele das coisas? Acho que a merda o divertia, mas o jogo ficou velho depois de um tempo, aparentemente.

Diante disso, ele simplesmente se esgotou, como um velocista que não podia ir mais longe.

— De qualquer forma, é por isso que nós nunca jantaremos na casa dos meus pais.

Tentativa falha de uma piada. Nenhum deles riu.

Quando terminou o cigarro, enterrou a ponta incandescente com a sola do sapato, e notou, pela primeira vez, que seus sapatos não saíam deste banho de lama vivos. Reilly, por outro lado, de alguma forma conseguiu abastecer-se com um par de botas para caminhadas.

Tão ela. Estava sempre preparada.

Quando ele olhou para cima, ela estava bem a sua frente. Suas bochechas estavam rosa do vento e do esforço e seus olhos brilharam com o tipo de calor que vinha não apenas de um coração bom, mas de um aberto. Fiapos de cabelo saltavam livre de seu rabo de cavalo dando-lhe um halo vermelho escuro e seu perfume, xampu ou o que fosse o lembrou do verão, do tipo normal, não o último que teve como um “garoto.”

E então ela envolveu-o, colocou os braços ao redor dele, e simplesmente o abraçou. Demorou um minuto para perceber o que acontecia, porque essa era a última coisa que esperava. Mas então a abraçou de volta.

Os dois ficaram lá por só Deus sabia quanto tempo.

— Não tenho o hábito de namorar, — ele disse asperamente.

— Colegas de trabalho, você quer dizer? — Ela se afastou e olhou para ele.

— Qualquer um. — Alisou o cabelo dela com as mãos. — E você é muito boa para mim.

Houve uma breve pausa e então ela sorriu um pouco.

— Então, o sofá é o local preferido, hein.

— Chame-me Casanova.

— O que eu vou fazer com você? — ela murmurou, como se estivesse falando para si mesma.

— Honestamente? Não sei. Se fosse seu amigo, diria para correr, não andar, até a saída.

— Eles não são você, você sabe, — disse ela. — Seus pais não definem você.

— Não tenho tanta certeza sobre isso. Ela idolatrava um psicopata. Ele é um demônio em uma máscara de elegância. E junto veio o bebê em um carrinho. Vamos encarar, até agora, minha vida tem girado em torno de evitar o passado, desperdiçando o presente, e me recusando a pensar no futuro, porque tenho medo de compartilhar não apenas o nome do meu pai.

Reilly balançou a cabeça.

— Escute, eu costumava ter medo de que a mulher que me deu a luz voltasse para me reclamar. Durante muito tempo, estava convencida de que tudo o que meu pai fez legalmente não seria suficiente se ela me quisesse de volta. Isso costumava manter-me acordada à noite, e ainda tenho pesadelos em que isso acontece. Para falar a verdade, e você quer falar sobre loucura, ainda durmo com uma cópia do documento do tribunal com a certificação de adoção perto de mim, na minha mesa de cabeceira. O meu ponto? Só porque está com medo de algo, não dá a esta coisa o poder de se tornar realidade. O medo não vai torná-la verdade.

Houve um outro longo silêncio.

Foi ele quem quebrou:

— Risque o que disse antes. Acho que *estou* me apaixonando por você. Aqui mesmo. Agora.

Capítulo 29

Como Jim estava a pouca distância de Reilly e Veck, ele atuou como uma pedra e tentou desesperadamente não ouvir cada palavra que eles estavam dizendo um ao outro. E quando eles se aproximaram, ele virou sua cabeça para longe.

Havia vantagens em estar invisível, mas ele não curti essa coisa de *voyeurismo*.

E ele não estava satisfeito com este atraso. Eles estavam procurando por sua Sissy, essa merda de expressão de sentimentos podia esperar até que eles a encontrassem ou que descobrissem que aquela localização era uma farsa.

Pisando fora da rocha na qual estivera empoleirado, ele caiu em uma poça, espirrando a água escura em sua pele e em suas botas de combate, mas não fazendo nenhum som graças ao pequeno campo de força que erguera em torno de si mesmo. Cara, essa pedreira era como algo saído de um velho episódio de Star Trek, só que sem as camisas vermelhas e os transportadores.

Repentinamente, calor floresceu no lado de seu rosto, e a sensação trouxe sua cabeça para cima e para a direita. Um raio de sol foi descendo sobre ele, atingindo-o na têmpora e na mandíbula.

Que diabo, ele pensou, percebendo que estava vindo da direção errada.

Franzindo a testa, ele virou para trás e girou ao redor, seguindo o caminho do brilho... que levou para a caverna atrás dele.

Algo brilhou profundamente dentro de seu ventre escuro.

— Oh merda, — Jim sussurrou quando uma premonição passou por ele como chuva fria.

Apoiando-se, caminhou até a abertura irregular. Não havia necessidade de afastar-se, a iluminação passou através dele como se ele não estivesse lá.

A abertura era razoavelmente grande, cerca de um metro e oitenta de altura, talvez quase um metros de largura, embora houvesse uma curva interna quase que imediatamente, então a questão era, o que jogara a reflexão?

Ao entrar, a luz do sol o seguia, fazendo-o pensar em Cão em sua companhia calma e reconfortante. E ele não parou para pensar sobre como a iluminação conseguiu envolver-se em torno do canto ou se perguntar por que parecia guiá-lo...

— Oh... Deus... — Ele teve que agarrar-se a parede de pedra para manter-se enquanto olhava para o que a luz puxara da escuridão: de costas contra a parede da caverna, envolto em uma lona áspera, havia um corpo.

Jogado no chão.

Como lixo descartado.

O feixe brilhante caiu sobre o pacote em uma extremidade e foi quando ele viu o comprimento do cabelo.

Limpo, teria sido loiro.

Jim fechou os olhos e desabou contra o flanco áspero da caverna. A noção de que tanto coisa se dirigira para este momento, *merda*, que talvez tudo, foi como ter uma buzinha estridente em sua cabeça, soando incessantemente, ensurdecendo-o.

Não há coincidências, ele ouviu Nigel dizendo.

Quando uma mão pousou em seu ombro, ele se virou ao mesmo tempo em que tirou sua adaga de cristal.

Imediatamente, ele abaixou a arma.

— Jesus, Adrian, você quer ser esfaqueado?

Pergunta ruim para se fazer em um dia como hoje.

O outro anjo não respondeu. Ele apenas olhou para a luz que flutuava acima da cabeça de Sissy, uma coroa de ouro celestial para marcar seus restos mortais. Em voz baixa, ele disse:

— Eu queria ajudá-lo com seu morto. Você me ajudou com o meu.

Jim olhou para o outro rapaz por um número de batimentos cardíacos.

— Obrigado, cara.

Adrian acenou com a cabeça uma vez, como se tivessem trocado um juramento de algum tipo, e o acordo que eles alcançaram fez Jim imaginar... Se tudo tem um propósito, Sissy morrerá por esse momento entre os dois? Teria sido esse o motivo de eles perderem Eddie? Porque, quando os olhos mortos de Adrian encontraram os seus, os dois estavam no mesmo lugar, os dois cabeças quentes realinhados por tragédias que não eram relacionadas, e exatamente as mesmas.

Em vez de ir à sua menina, Jim ofereceu sua mão para seu parceiro. E quando o anjo a aceitou, ele puxou Adrian contra si e abraçou fortemente o bastardo. Sobre o ombro do rapaz, ele se focou em Sissy.

Ponderando a balança de interesses da guerra contra todos os que haviam perdido a menina, assim como o espaço de cabeça onde Adrian estava agora, foi uma decisão difícil saber se essas duas derrotas valiam essa unidade inesperada: Tanto quanto Jim poderia ver, a merda estava metade a metade na melhor das hipóteses, com apenas um fio de cabelo pesando em favor da batalha com Devina.

Exceto que algumas vezes a palha quebrava as costas do camelo¹⁶⁷. E famílias perdem suas filhas. E melhores amigos não voltaram para casa no final da noite. E a vida não parece mais digna de ser vivida. Mas você segue de qualquer maneira.

Quando eles recuaram, Adrian colocou o dedo no colar de Sissy.

— Ela é a sua menina.

Jim assentiu.

— E é hora de tirá-la daqui.



Put a merda, Reilly pensou. Veck parecia como se fosse beijá-la.

¹⁶⁷ O provérbio original é “*the straw that breaks the camel back*”, a palha que *quebra as costas do camelo*, e podemos relacionar com a expressão “a gota d’água”. No texto, a mensagem é que às vezes o caldo entorna.

E ela estava se sentindo como se fosse deixá-lo.

E então havia a coisa do “amor”.

Quando ficou imóvel, ela não soube o que dizer em resposta. Ela estava se apaixonando por ele também. Mas ela mal conseguia lidar com o conceito disso em sua mente. Dizer em voz alta era demais. Havia outras maneiras de responder, no entanto.

Assim que ela se inclinou em direção a sua boca, ele se abaixou, em direção a dela.

Alguém apareceu sobre a rocha acima deles. Alguém grande, que se assomou alto e bloqueou o sol. Quando ela pulou para longe de seu parceiro, seu pensamento imediato foi, *Oh, Deus*, por favor não deixe ser ninguém da central.

Seu desejo se tornou realidade, infelizmente: Era o “agente do FBI.”

Veck se moveu tão rápido, que ela não soube que fora colocada atrás de um escudo humano até que suas mãos repousaram nas costas dele. Que foi um movimento galante, mas ela não precisava da cobertura. Enfiando a mão no casaco e encontrando a coronha de sua arma, assim como ele fez, ela deu um passo atrás com a arma apontada para cima.

Exceto... que o homem olhando para eles não parecia nada agressivo. Ele parecia arruinado. Positivamente destruído.

— Sissy Barten está logo ali. — Ele apontou para trás de si. — Contra a parede no fundo da próxima caverna.

Ele não vai nos machucar, ela pensou com uma convicção que veio da alma.

Redirecionando a boca de sua nove¹⁶⁸ para o chão, ela franziu a testa. Em torno de seu corpo, havia um brilho sutil, um brilho que podia ser explicado pelo fato de que ele estava em um raio de sol, exceto... espera um minuto, ele não estava. Era muito tarde no dia para onde ele estava parado.

— Você está bem? — ela se escutou perguntar ao homem.

Seus olhos assombrados olharam para ela.

— Não. Eu não estou.

Veck falou, afiado e exigente.

— Como você sabe onde o corpo está?

— Acabei de vê-lo.

— Liguei para o FBI. Eles nunca ouviram falar de você.

— Apenas a administração atual. — O tom estava entediado. — Você vai ajudá-la ou vai ficar perdendo tempo...?

— Representar o papel de um oficial federal é crime.

— Então pegue suas algemas e persiga meu traseiro, apenas venha por este caminho.

Quando o cara pulou por sobre a pedra e desapareceu, Veck olhou por cima do ombro.

— Você fica aqui.

— Para o inferno com isso.

Algo em sua expressão deve ter lhe dito que argumentar não seria nada além de perda de tempo, porque ele amaldiçoou e começou a se mover. Juntos, eles escalaram a pedra na frente deles. Quando chegaram ao topo...

¹⁶⁸ *Nove* – Arma de calibre nove milímetros.

Jim Heron, ou quem quer que ele fosse, desaparecera.

Havia, no entanto, a abertura para outra grande caverna.

— Chame por reforços, — Veck disse, saltando para baixo, enquanto ele pegava sua lanterna. — Vou entrar e eu preciso de você para me cobrir daqui de fora.

— Entendido. — Ela pegou seu rádio, mas então gritou para ele: — Pare! Você tem que prestar atenção por as pegadas. Aproxime-se pelas beiradas, okay?

Ele olhou para ela.

— Boa ideia.

— E tome cuidado.

— Você tem minha palavra.

Liderando com a lanterna e sua arma, ele entrou na caverna, seus ombros largos mal passando através da entrada. Quase imediatamente, ele deve ter chegado a um canto, porque o brilho esmaeceu e, em seguida, sumiu.

Quando ela chamou por seus colegas e recebeu a confirmação de que os outros estavam a caminho, ela abaixou-se cuidadosamente até o lamacento pedaço de terra que era o tapete de boas vindas da caverna. Ela sabia que ia levar algum tempo para os outros chegarem, e rezou para que seus instintos estivessem certos sobre aquele homenzarrão loiro que evidentemente não estava preocupado em mentir ou deturpar a si mesmo e ainda assim parecia destruído quando se tratava de Sissy Barten.

Se alguma coisa acontecesse com Veck sobre sua vigilância, ela nunca se perdoaria.

— Que... diabos? — ela murmurou.

Reilly franziu a testa e afundou em seus quadris. Bem no meio do pedaço de terra encharcada, as impressões por onde Veck passara eram como crateras da lua. Da mesma forma, ao redor do aro, seu caminho para a abertura era profundo e óbvio, a funda pegada de sapatos de sola lisa dominando a terra e anunciando que um homem de cerca de 90 kilos passara por ali.

Levantando-se, Reilly firmou seu pé em uma borda alta e se esticou para olhar por onde Veck e ela atravessaram. No topo da plataforma de pedra, havia dois conjuntos de pegadas molhadas, a dela e a de Veck. E era isso.

Levantando-se da extensão da encosta, ela balançou a cabeça. De jeito nenhum Jim Heron ou quem quer que fosse poderia ter chegado até aqui sem ter seus pés encharcados. E de nenhuma maneira ele poderia ter ficado onde ele esteve sem deixar impressões úmidas para trás, como ela e Veck fizeram.

O que diabos estava acontecendo aqui?

Atrás dela, Veck reapareceu na abertura da caverna.

— É Sissy Barten. Ele está certo.

Reilly engoliu em seco quando voltou para baixo.

— Qualquer outra coisa lá dentro?

— Não que eu possa ver. Você os chamou?

— Sim. Você tem certeza que é ela?

— Eu não toquei em nada, mas há cabelo loiro aparecendo e o corpo está onde Kroner disse que estaria. — A testa de Veck franziu. — O que há de errado?

— Havia outros rastros no chão daquela caverna?

— Deixe-me ver. — Ele desapareceu. Voltou. — Na verdade não. Mas não é a melhor superfície para capturá-los. Está relativamente seco, com pouca profundidade do solo. O que você está...

— É como se ele simplesmente tivesse caído do céu.

— Quem? Heron?

— Não há provas de que ele esteve aqui, Veck. Onde estão suas pegadas enlameadas? No chão? Lá em cima?

— Espere, não estão...

— Nada.

Ele franziu a testa e olhou ao redor.

— Filho da puta.

— Exatamente os meus sentimentos.

Ao longe, ela ouviu os outros oficiais se aproximando, então fez uma concha com as mãos e gritou: — Aqui! Estamos aqui!

Talvez alguém mais pudesse dar sentido a isso. Porque ela estava chegando a lugar nenhum... e, evidentemente, o mesmo acontecia com Veck.

Capítulo 30

Quando a última luz do sol do dia foi drenada do céu, os pertences de Sissy Barten foram cuidadosamente ensacados e removidos da caverna.

Veck foi um dos quatro rapazes que tomaram as alças, suportaram seu peso, e a levaram para o ar limpo. Ele ficou perto enquanto a tarde ia progredindo, mas manteve as mãos para si mesmo, limitando sua participação para tirar suas próprias fotografias com seu telefone, falar com o médico legista quando o cara chegou, e ajudar seja onde, e seja quando ele podia com partes não essenciais.

Reilly fizera o mesmo.

E agora a única coisa que restava a fazer aqui era subir com o corpo da encosta.

— Vamos seguir este caminho, — disse ele para os outros. — É a melhor chance que temos. Os quatro se dirigiram ao norte, tomando o caminho menos obstruído, o que era um termo relativo.

E havia muitas pessoas esperando por sua chegada.

Naturalmente, as equipes de reportagem chegaram e estacionaram na borda. Só Deus sabia quem lhes dera a dica. Ninguém em uma capacidade oficial no local, isto era certeza, mas esta era uma área pública e toda a cidade sabia não apenas sobre a captura e a recuperação no St. Francis de Kroner, mas também sobre a vítima nesse motel, e as outras meninas mortas. O fato de que havia uma dúzia de uniformizados passando em torno de uma área remota com um monte de

lugares escuros provavelmente não queria dizer que alguém estava tendo uma festa de aniversário nesta pilha de pedras. Adicionando agora que havia um saco de corpo envolvido.

E Deus sabia que todo idiota possuía um telefone celular hoje em dia.

Que foi precisamente por que, no momento depois que uma identificação positiva fora feita usando fotografias e marcas de nascença, De La Cruz, literalmente correu, saiu da cena e disparando para seu carro. Embora o CPD não liberasse o nome à imprensa até depois de a família ter sido notificada, houve numerosos e-mails, mensagens de texto e chamadas de telefone de um lado e para outro com a Central, e não havia maneira de saber quem poderia ter contado as esposas deles, quem contou a irmã dela, quem contou a alguém na estação de televisão.

Às vezes a era da informação era uma merda.

E ninguém queria que os Bartens descobrissem sobre a filha deles no noticiário da noite... ou, Deus me perdoe, no Facebook.

Como Veck, os outros três caras grunhiram, esticaram, puxaram e levantaram, Reilly estava com eles por todo o caminho, ligando sua lanterna em um clique e iluminando o feixe para lhes algo para seguir enquanto as coisas ficavam mais escuras. E ainda mais escuras.

Até que ficou escuro como breu.

Quase uma hora depois, eles chegaram ao topo e cuidadosamente colocaram os restos na traseira de um dos veículos de busca e salvamento.

Veck e Reilly ficaram para trás quando Sissy Barten foi levada com segurança de volta à cidade. Quando os outros oficiais começaram a dispersar e motores foram iniciados, Reilly disse calmamente:

— Eu não acho...

— Kroner não a matou, — concordou Veck suavemente.

— O MO¹⁶⁹ não se encaixa.

— Nem um pouco.

E eles não foram os únicos que notaram a discrepância entre Sissy e as outras vítimas: Este corpo fora suspenso de cabeça para baixo e sem sangue, e houvera algum tipo de traçado gravado no estômago. Além disso, mesmo se tivesse estado nua e limpa de objetos pessoais, nenhum pedaço de pele foi retirado e ela não havia sido sexualmente atacada, o que fora mais uma das perversões de Kroner.

— Eu só não sei como explicar o brinco. — ele murmurou.

— Ou porque Kroner sabia onde ela estava, se ele não a matou.

Veck olhou para sua parceira.

— Você quer comer em algum lugar?

Esticando os braços sobre a cabeça, ela se alongou.

— Sim, por favor. Estou morrendo de fome. E rígida.

Ele pegou o telefone e mandou uma mensagem para ela:

Sua casa? Parece q vc podia apreciar 1 banho. Pra viagem e sem promessa de ser gentil.

Houve um *bing* discreto, e depois de jogar um pouco de conversa fora, ela sorratamente pegou o telefone e olhou para ele.

¹⁶⁹ MO (*Modus operandi*) – modo de agir.

— Plano perfeito.

Seu impulso foi o de beijá-la forte e rápido. Exceto que cortou esse impulso pela raiz, por que eles não apenas não estavam sozinhos, como também estavam em torno de pessoas que trabalhavam com eles, *hello*.

E ele queria dirigir de volta com ela, mas eles teriam que ir separados, graças a sua maldita moto. *Merda*, e pensar que ele gostava daquela coisa.

Então, novamente, foi por causa dela que teve que levá-lo para casa ontem a noite.

— Vejo você em vinte¹⁷⁰ — disse ela.

— Tem certeza de que não quer um casaco extra?

— Eu vou ficar bem.

Quando ele saiu do outro lado do ainda esponjoso e lamacento chão, pensou em Jim Heron e na falta de pegadas. Ele passou mais tempo procurando por evidências de que alguém que não seja ele e Reilly andaram em torno dessa área, mas não havia nada. No entanto, ele estava muito certo que o homem não poderia ter aparecido quase um quilômetro ladeira abaixo, tendo atravessado terreno molhado e irregular, sem deixar nenhum vestígio. E não foi como se Veck tivesse imaginado a aparição do rapaz.

Olhe para baixo em seus pés, Thomas DelVecchio. E então me chame quando você ficar com medo o suficiente. Eu sou o único que pode ajudá-lo.

Seja como for, Heron.

Resistindo à vontade de gritar com as sombras, ele montou, ligou o motor, e esperou que Reilly estivesse ao lado de seu carro e tirasse as botas imundas. Pelo menos isto o fez sorrir. Ele estava disposto a apostar que ela tinha um saco de plástico ou um tapete de borracha lá dentro para que não colocasse os pés sujos no tapete. E ela tiraria do carro aquelas porcarias sujas logo que estacionasse em sua garagem, e as lavaria imediatamente para que estivessem prontas para a próxima vez.

Ele olhou para os próprios pés. Seus sapatos estavam arruinados. O tipo de coisa que você resolve em um saco de lixo, não usando uma escova e uma mangueira.

Difícil não encontrar alguns outros paralelos ali.

Reilly assumiu a liderança, e ele ficou atrás dela por todo o caminho para a cidade, mesmo que seguir a mais se cento e dez em uma moto em uma noite como esta faz você se sentir como se você estivesse de volta em dezembro. Blusão, seu traseiro. Ele poderia muito bem estar vestindo uma regata e nada mais, o frio o cortando.

Mas não era como se ele se demorasse com a temperatura. Em sua mente, ele voltou para o banho que tomara após aquele pesadelo na floresta com Kroner, de volta para a presença sombria que se envolvera em torno de si, falado com ele e o acariciado, de volta ao seu maior medo pessoal.

Não foi nada deste mundo. Nunca fora.

E então ele ouviu a voz de Reilly: *É como se ele apenas tivesse caído do céu*. Cristo, ele estava perdendo a cabeça. Tinha que ser. Porque ele não estava realmente pensando que Jim Heron não existia.

¹⁷⁰ O personagem quis dizer **vinte** minutos.

Estava?

Cerca de dez minutos depois, eles saíram da Northway e capinando seu caminho para a vizinhança de Reilly, e foi um alívio ver todas as coisas agradáveis-e-normais na forma de casas com luzes e TVs no interior, e os carros seguindo a lentos passos, e lojas de esquina com propagandas de loteria.

Todas as coisas que poderiam ser facilmente e concretamente explicadas. E que teria alguma vez pensado que ele ansiaria por isso?

Quando chegaram à casa de Reilly, ele parou atrás dela e desmontou enquanto ela entrava na garagem, os vermelhos brilhantes das luzes de freio chamejando e então desaparecendo quando ela desligou a ignição.

— Você devia usar um capacete. — ela disse quando saiu, deu a volta ao seu carro, e apanhou suas botas enlameadas.

Com confiança, ela ligou um interruptor de luz, as encaminhou para a mangueira de jardim no canto frontal da garagem, e lavou a sujeira.

Quando ela olhou para ele, ela corou um pouco.

— Porque você está sorrindo?

— Eu tive uma sensação que você ia fazer isso.

Ela riu e se reorientou para o trabalho de limpeza.

— Eu sou tão previsível assim?

Olhando sua forma dobrada, ele pensou “sexy como o inferno” que também explicava a situação. Cara, a mulher poderia transformar uma tarefa tão mundana em algo que valia a pena assistir.

— Você é perfeita,— ele murmurou.

— Confie em mim, isso nunca. — Cortando a água, ela balançou as botas, as enxugou com uma flanela, e colocou-as de volta para o carro.

Juntos, eles entraram em sua cozinha o canto-do-galo e mais luzes se acenderam. Primeira coisa que ele olhou? A mesa.

A ereção foi imediata. Como foi a repetição da noite de anteontem, quando ele fizera muito mais do que beijá-la sobre ela.

Mas nenhuma delas durou.

Através da entrada para o escritório, viu que ela reorganizara os móveis lá: A poltrona fora puxada para o canto e angulada para fora, e uma pequena mesa estava ao lado dela. Extrapolando, ele imaginou que se estivesse sentado lá, você poderia observar tanto as portas da frente como as do fundo com as costas em uma parede sólida.

—Você quer tentar a pizza de novo? — ela perguntou de perto do telefone.

Estalando a cabeça ao redor, ele disse bruscamente:

— Por que você não me contou?

—O quê?

—Que você estava sendo observada, também.



Jim não esperou por perto para seguir os restos mortais de Sissy saírem da pedreira e irem para cidade. Em vez disso, ele se desvinculou de Veck, deixando Adrian para ficar com o cara, e seguiu para a casa da família dela, juntamente com um detetive de altura relativamente baixa e aparência intensa que murmurava para si mesmo em espanhol.

Ele dizia “*Madre de Dios*” muito. E fazia o sinal da cruz tantas vezes que era como se sua mão tivesse uma gagueira.

O que ele não fez foi perceber que tinha um passageiro com ele em seu não marcado: Jim ficou no banco do passageiro por todo o caminho de volta para Caldwell com o cara. Sim, com certeza, ele poderia ter tomado a rota voar-pela-noite, mas este deu-lhe algum tempo para recompor sua merda.

Além disso, a cartilha espanhola era educativa.

Vinte minutos depois que eles deixaram o local, o detetive estacionou na frente da casa dos Barten, desligou o motor e saiu do carro. Quando ele levantado sua calça, seu rosto estava triste, mas também, com o tipo de notícia que ele tinha? Hora ruim para mostrar o seu trabalho dental. Atingindo a calçada, Jim ficou lado a lado com o homem, não querendo invadir a casa da mãe de Sissy mesmo por um momento, e mesmo que ela nunca soubesse que ele esteve lá. Na porta, o cara levantou sua mão e a colocou sob a gravata, no peito. Havia uma cruz ali. Tinha que haver, especialmente quando o homem caiu no espanhol como se estivesse rezando.

Abruptamente, o detetive o olhou.

E mesmo que o cara não pudesse vê-lo, Jim encontrou aqueles cansados e tristes olhos escuros.

— Você pode fazer isso. Você é um homem bom, e você pode fazer isso. Você não está sozinho.

De La Cruz olhou para a porta e assentiu confiante como se tivesse ouvido as palavras. Então ele tocou a campainha.

A Sra. Barten abriu um momento depois, como se ela tivesse esperando.

— Detetive De La Cruz.

—Posso entrar, senhora?

—Sim. Por favor.

Antes que ele entrasse na casa, o detetive tirou os sapatos enlameados no tapete, e enquanto a mulher o observava, sua mão penetrou em sua garganta.

—Você a encontrou.

—Sim, senhora. Nós a encontramos. Há mais alguém que gostaria que estivesse com você enquanto nós falamos?

—Meu marido está viajando, mas ele está a caminho de casa. Eu liguei para ele logo depois que desliguei a ligação com você.

—Vamos fazer isso lá dentro, senhora.

Ela se sacudiu, como se tivesse esquecido de que ela estava em pé na porta aberta.

—Claro.

Jim entrou com o cara, e depois lá estavam eles, mais uma vez na sala de estar, com a Sra. Barten indo para a poltrona de estampa de flores que ela sentou-se no outro dia. De La Cruz pegou o sofá, e Jim compassava para frente e para trás, a sua raiva por Devina tornando para ele impossível de se sentar.

— Conte-me, — a Sra. Barten disse asperamente.

O detetive inclinou-se e manteve os olhos bem em seu rosto, tenso e pálido.

— Nós a encontramos na pedreira.

As pálpebras da mãe de Sissy desceram de uma vez, se fechando e ficando assim. Então sua respiração exalou lentamente, até que não tinha como haver mais nada em seus pulmões. Este foi o êxodo da esperança, Jim pensou. Ela provavelmente nem sabia que tivera qualquer esperança restante, mas aqui estava, se espremendo para fora de seu peito.

— Será que ela.. Ela... sofreu...

De La Cruz falou devagar e com cuidado.

— Não temos certeza de que ela é parte das mortes recentes. — Os olhos da Sra. Barten se abriram muito, seu corpo ficou rígido.

— O que... Então quem? Por quê?

— Eu não tenho essas respostas para você ainda. Mas você tem a minha palavra, minha senhora, eu não vou parar até descobrir tudo e prender o bastardo.

Jim não aguentava mais. Ele foi até a mãe de Sissy e pôs a mão inexistente em seu ombro. Deus... a dor em que ela estava... Ele podia senti-la claramente como se fosse sua, e querendo suportar parte de seu fardo, ele puxou a emoção para dentro de si mesmo e a segurou ali até que seus joelhos batiam um no outro e ele sentiu-se tonto.

Abruptamente, como se ela fosse fortalecida, a mulher ergueu os ombros e o queixo. Em uma voz baixa e forte, ela disse:

— Como ela morreu?

— Senhora, precisamos do médico legista para nos dizer isso. Ela está voltando com ele agora, e ele vai ficar acordado a noite toda para cuidar dela. Ela está em boas mãos, e depois que eu sair daqui, irei direto para o lado dela. Eu não vou deixá-la, senhora. Não até que ela receba justiça. Essa é a minha promessa.

— Obrigada. — A Sra. Barten respirou fundo. — Como vou saber o que está acontecendo?

De La Cruz tirou um cartão e escreveu algo sobre ele.

— Este é o meu celular. Você pode me ligar a qualquer hora, noite ou dia. Meu telefone está sempre ligado e sempre comigo. E logo que o legista terminar, você será a primeira pessoa que eu avisarei.

A Sra. Barten assentiu e, em seguida, mudou seu foco, seus treinados olhos em alguma posição intermediária infinita entre ela e o detetive.

Que parte da vida de Sissy ela estava lembrando? Jim perguntou. O nascimento... os aniversários... os Natais ou Páscoas? Era o Halloween ou o Quatro de Julho, feriado ou não, apenas lembranças espontâneas de um doce momento entre as duas? Ou talvez tenha sido algo testemunhado por Sissy e outra pessoa que mostrava a bondade, empatia ou humor da garota...

Ele queria ver o que ela viu. Mesmo que não fosse nada bom. Ou nada em absoluto. Mas ele não se intrometeria. O suficiente de sua filha havia sido roubado.

A vibração contra seu torso não era o seu coração batendo sob ele. Era seu telefone vibrando. Levando a coisa para fora, ele leu a mensagem de texto de Adrian:

Tentando falar com vc, preciso de vc agora.

Jim não queria partir, mas ele estava fora de casa em um segundo. Acelerando mais a leste, ele se concentrou em Adrian. E se teletransportou direito em uma briga no gramado dos fundos da casa do parceiro de Veck.

Que *porra* é essa?

Servos de Devina aparentemente ferveram para fora da noite, a fumaça de seus corpos circulavam Adrian como carnicheiros sobre um cadáver fresco. Mas pelo menos seu garoto não estava morto, e não estava prestes a ser, dada a forma como seu corpo letal estava preparado para a batalha.

Jim se deslocou imediatamente em completo modo agressão e não esperou o sino tocar. Ele entrou diretamente, jogando-se no servo mais próximo, derrubando-o forte. Quando o bastardo guinchou, aquele som agudo foi o que fez as coisas rolarem, entre um segundo e o próximo, tudo virou uma merda selvagem.

Segurando o FDP para baixo, Jim enrolou um punho e agrediu a coisa com um soco na “cabeça” e então se aproveitou da fração de segundo de paralisia para convocar uma barreira visual e auditiva em torno deste show de horrores. Isto era um bairro, e não um campo vazio. E todo o mano-a-mano estava acontecendo a meros metros de distância de três outras casas. E todas possuíam muitas linhas telefônicas que poderiam chamar a polícia.

Uniformes da CPD *não* eram o que eles precisavam agora.

Tirando sua adaga de cristal, ele se afastou do servo abaixo dele e depois apunhalou em tudo na frente dele, cortando e rasgando, se orientando sempre com a ponta afiada da arma que Eddie havia lhe dado e lhe ensinado.

Tudo saiu na violência, toda a sua dor e sua fúria desencadeada, até que ele não percebeu o sangue ácido do inimigo espirrando em seu rosto. E ele não se importou que a merda estivesse comendo através de sua jaqueta de couro e chegando para mais perto de sua pele. Na verdade, ele não podia sentir a terra sob seus pés enquanto dominava demônio a demônio; ele estava de uma vez totalmente focado e completamente desaparecido.

E em sua ira, eles não podiam tocá-lo: Estes eram meninos tentando realizar o trabalho de um homem, e estavam sendo massacrados.

Após Jim esfaquear outro torso preto, o espirrar ácido acertou seu queixo e a garganta, ele jogou o corpo e se preparou para o próximo.

O golpe em suas costas foi de bater os dentes, o tipo de coisa que lhe faz ver estrelas e ouvir o chilrear dos pássaros. Mas, como o soldado treinado que ele foi, Jim foi com o impulso, deixando-se cair no chão e depois curvando-se no ombro no último minuto para evitar mais prejuízos. Quando ele parou o rolar e olhou por cima, o servo que fora atrás dele estava pronto para a segunda rodada.

Bem, *Olá, homem do quintal*, ele pensou.

O bastardo pegara uma pá e, obviamente, usava a coisa como uma raquete de tênis, balançando e rodando com a placa de metal plana. E era difícil dizer, mas parecia que uma risada estava saindo da sombra tridimensional.

Claramente, a cadela burra pensava que ele estava no comando, e Jim estava mais do que feliz em ensinar ao lacaio de Devina uma lição de vida em deduzir a merda. Ficou abaixado e fingiu estar machucado, esperou para que ele viesse, até que ele o fez, seguro como se Jim estivesse segurando as cordas daqueles braços e pernas oleosas: Movendo-se como um robô com articulações rígidas, o servo se aproximou com a ferramenta pesada equilibrada entre ambas as mãos. Mais perto... Mais perto...

Quando estava ao alcance, Jim levantou o torso, e apanhou o cabo com as duas mãos e puxou forte. O servo sacudiu para frente e perdeu o equilíbrio, a gravidade agarrando aquele corpo e puxando-o bem em cima de Jim.

Boa coisa que não estivesse sangrando.

A bota de Jim encontrou o quadril da coisa para parar a descida, e então foi questão de rolar para trás e se livrar do peso com um chute, mantendo a pá, é claro.

Quando o servo foi dar um pequeno passeio pelo ar, Jim saltou, ficou com ele, e foi o primeiro a recebê-lo em sua nova casa no terreno: Movendo a pá ao redor, ele dirigiu o fim do negócio no peito sombreado do bastardo.

O grito foi satisfatório. Mas ainda mais divertido foi dar um passo atrás e ver como ele voava girando em câmera lenta: Aparentemente, Jim colocara muita força no golpe, a ferramenta penetrara diretamente no solo, cerca de um metro, pelo tanto do cabo de madeira que estava a vista. O servo estava preso de costas, um inseto montado.

A coisa levantou os olhos e rosnou.

— É? Então venha e me pegue. — Jim deu-lhe um segundo para se levantar. — Não? Prefere ser um tapete de boas vindas? Combina com você, filho da puta.

Jim o chutou forte na cabeça, transformando o crânio solto em uma bola de futebol, e depois deixou o FDP onde estava; do outro lado do gramado, Adrian estava prestes a ser surpreendido pelas costas por um servo que encontrara uma pá e o mirava em uma corrida mortal.

— O que é isso, noite da porra da Home Depot? — Jim murmurou enquanto pegava sua adaga novamente. — Atrás de você!

Adrian caiu para a grama, assim que o jardineiro do inferno esfaqueou em frente. Na hora certa, o servo pegou um de seus amigos direto no intestino. Problemas? Todo o sangue iria atingir Ad como irrigadores de campos de golfe.

Jim estava prestes a puxar uma longa respiração quando Adrian tomou conta do problema, entrando em modo esmagando crânios e tirando a merda para fora do caminho. Havia apenas dois servos em pé restantes e ele e seu amigo dividiriam a diferença, Jim tomou aquele com a enxada e Adrian chicoteando para seus pés e circulando o outro, adaga de cristal em mãos.

Sem disposição para esperar por um golpe, Jim avançou, e agarrou o cabo da pá, puxando-a na vertical e, então estalou para fora, assim a madeira nobre da ferramenta recebeu o servo no

lobo frontal. Deixa para um momento *duh*, que Jim explorou esfaqueando a coisa. Enquanto ele se virava, conseguir assistir Ad transformar o filho da puta em poeira abrindo um alçapão por seu intestino, e depois cravando a adaga na cabeça.

Depois disso, não havia nada, apenas respiração ofegante, vapor de couro e equipamentos de gramado silenciosos.

Jim olhou em volta, querendo saber onde todos os... *Ah, sim*, Reilly tinha um vizinho com um daqueles barracões de coisas de quintal, e a caixa fora escancarada. Pena que o cortador de grama ainda estava aninhado ali, pois teria sido divertido.

Isso dava um novo significado para um corte de cabelo de alta impacto.

— Você está bem? — ele disse a Adrian.

Ad cuspiu no gramado.

— Sim.

Ambos estavam sangrando dos arranhões, mas pelo menos no lado de Jim, ele estava se sentindo melhor. A luta explodira o carbono de seus pistões, e ele era mais ele mesmo. Mais calmo. Mais capaz de se concentrar.

Na hora certa, pensou quando ele aproximou-se e ajoelhou-se perto do bastardo que foi pregado no chão.

— Você já pressionou um desses por informação? — Ele disse enquanto media a coisa. Ele estava se movendo lentamente, claramente ainda vivo. Seja lá o que isso significava.

— Sim. Eles não têm nada a dizer. Não podem falar.

— Provavelmente o porque ela gosta deles.

Ad veio e enxugou o rosto com o fundo de sua camisa. O vermelho cintilante da mancha deixada para trás parecia algo que um psicólogo pediria a um paciente para interpretar. Para Jim? Parecia a abertura de uma caverna. Uma caverna densa e escura que tinha o corpo de uma inocente pregado contra a parede de trás.

Sim, sua interpretação seria um choque.

Quando um som de gemido borbulhou, Jim pensou, que se dane a demônio. Ela era inteligente. Se os seus subordinados eram incapazes de falar sobre você, ou porque eram mudos, idiotas ou resistentes a dor, era estratégia muito boa.

— Isto foi divertido de assistir.

Ao som da voz de Devina, Jim e Ad fecharam os olhos. Num acordo silencioso, ambos agiram como se a aparição dela não fosse algo inesperado. E quando eles se levantaram e se viraram para ela, Jim colocou-se na frente do outro anjo.

Ele não perderia um outro para aquela cadela. Hoje não.

— Escondendo-se de mim, Jim?

Os olhos da demônio fizeram de tudo menos alcançá-lo e lhe agarrou: Eles eram tão intensos, era como ser atingido fisicamente.

Coisa boba de se dizer, no entanto. Ele não percebera que ela não podia encontrá-lo.

— O radar não está funcionando, Devina? — Então foi por isso que Ad fora atacado.

Ela queria expor Jim.

A demônio andou delicadamente pela grama. Ela estava usando saltos altos o suficiente para fazê-lo se perguntar como ela lidava com o mal estar causado pela altitude, e sua saia era do tamanho de um guardanapo e a cor dos clube de strip de Vegas.

Soava ridículo, mas parecia quente, desde que você não soubesse o que ela realmente era. E Jim nunca iria esquecer isso.

Alcançando atrás, ele pôs a mão no antebraço de Ad. O outro anjo estava duro como um bloco de concreto, totalmente imóvel, e ele ia ter que ficar assim: Ele não estava no estado normal da mente para lidar com um entra-e-sai com o inimigo.

Nem Jim, para ser honesto. Mas ela não ia saber disso.

— Tem alguma coisa em mente, Devina?

Ela parou quando se aproximou de seu soldado morto-vivo que fora transformado em kebab¹⁷¹. Olhando para a coisa, ela colocou a mão para fora, e com toda a urgência de alguém que ia pegar um jornal, convocou a forma em sua palma, extraíndo-o do solo em uma corrente líquida e absorvendo a mancha em si mesma. Quando ela terminou, a pá permaneceu onde estava, enterrada no chão até o cabo.

— Como está o Eddie, o que ele está fazendo? — Ela sorriu. — Cheirando como uma rosa?

Jim queria amaldiçoar. Claro que ela começou com isto.

Era a única coisa garantida para fazer Adrian surtar.

Put a que pariu... justamente quando ele pensara que esta noite não poderia ficar pior...

Capítulo 31

Reilly quando reconheceu o olhar duro de seu parceiro, ela adivinhou que eles iam perder outra oportunidade de pizza: Em pé do outro lado de sua cozinha, Veck estava parecendo francamente chateado, e embora ela se irritasse com a rotina de homem das cavernas, não era como se ela não soubesse o motivo.

— Por que você não me disse? — Veck exigiu novamente. — Ou, merda, se não eu, qualquer outro?

— Quem disse que eu estava sendo perseguida?

— Por que mais você mudaria os móveis para aquelas posições?

Vê? É por isso que você não quer namorar um detetive...

Cruzando os braços sobre o peito, ela recostou-se no balcão.

— Eu não vi nada na realidade. — Ela deu de ombros. — Se eu tivesse algo a relatar, eu teria contado para você. Mas eu apenas sentei naquela cadeira durante toda a noite, me perguntando se eu estava paranóica. Nada aconteceu.

— Você deveria ter me ligado. — Diante disso, ela levantou uma sobrancelha, e ele amaldiçoou como se estivesse lembrando como as coisas foram deixadas entre eles.

¹⁷¹ **Kebab** — é espeto de pedaços de carne, por vezes entremeados com vegetais.

— Ok, ok... mas, caramba, eu não quero você sozinha por horas à espera de alguém invadir sua casa.

— Eu estava bem. Estou bem agora. E eu *garanto* a você que se alguém tivesse entrado em minha casa, eu teria dado conta da situação.

Resmungando algo sobre Dirty Harry¹⁷², Veck aproximou-se e sentou-se à mesa da cozinha. Levantando os braços sobre os cotovelos, ele esfregou sua cabeça.

— Esta merda está fora de controle.

Qual parte? A ideia de que eles estavam sendo perseguidos? A situação de Kroner? O corpo que encontraram? O sexo? A coisa do “amor”?

Tanta coisa para escolher.

Quando ela tomou a cadeira de frente a ele, pensou em seus pais, sentados juntos à mesa naquela casa agradável deles. Ela apostava que nunca tinham que olhar um para o outro sobre esse tipo de situação...

Um estouro iluminou por trás da casa, e ela e Veck ficaram de pé antes do estouro estridente sumir.

Com armas em mãos, ambos ficaram de costas aos lados da porta de correr que se abria para o quintal. Reilly apertando o interruptor de luz em cima, mergulhando a cozinha na escuridão, antes de bater no que ligava as luzes de segurança.

Seus olhos examinavam o pátio iluminado. Não havia muito em seu quintal. Estava mais para pequeno jardim, e a única vista que possuía, tal como estava, era o ligando os pontos suburbano das caixas de correio das outras casas na vizinhança.

Nada estava lá fora. Que ela pudesse ver.

Seus instintos lhe diziam outra história. E a fez pensar em todas as pegadas que “Jim Heron” não deixara para trás.

— Eu sinto como se estivesse ficando louca, — ela murmurou.

— Engraçado, eu estava preocupado que não estivéssemos.

Quando nada mais aconteceu, eles esperaram. E esperaram. E esperaram um pouco mais. Eventualmente, ambos abriram a porta e guardaram suas armas.

— Precisamos de comida. E um chuveiro — ela murmurou. — E uma avaliação psicológica.

Quando não houve resposta, ela olhou para seu parceiro. Veck andava ao redor, parecendo como se estivesse prestes a levitar do chão. Não era necessário dizer que não tinha como fazê-lo descer. Então, ela entrou na frente dele, forçando-o a parar ou tropeçar nela. Ele parou.

— Comida. Chuveiro. — ela ordenou. — Nessa ordem. Podemos ignorar a coisa psíquica por agora.

Ele sorriu para ela e roçou seu rosto com a mão.

— Esta é sua forma de me convidar para um encontro, Oficial.

— Acho que é, Detetive.

— Então que tal começarmos com um banho, — disse ele no tipo de voz grave que a fez considerar o valor da limpeza.

Limpeza meticulosa, ensaboada e lenta.

¹⁷² *Dirty Harry* – Personagem interpretado por Clint Eastwood.

Ela teve que limpar a garganta.

— Porque eu tenho um pressentimento que vamos ficar lá em cima por um tempo.

— Não diga.— Ele deu um passo para mais perto e pôs as mãos nos seus quadris. — Você acha que estamos sujos tão sujos assim.

— Tente imundos, — disse ela, com foco em seus lábios. — Nós passado do sujo para o território do imundo.

Veck ronronou em um pulsar baixo quando uma das mãos subiu para as suas costas. A outra desceu e a agarrou, trazendo-lhe contra ele assim sua ereção era uma demanda dura e grossa empurrando na parte da frente de seus quadris.

Quando rolou sua pélvis, ele a acariciou com exatamente pelo o que ela estava sem fôlego. E em resposta, Reilly se ergueu na ponta dos pés, se arqueando para ele, e colocou os braços ao redor de seu pescoço.

— Veck...

— Sim, — ele rosnou.

Inclinando a cabeça para o lado, ela colocou a boca a menos de uma polegada da dele. Em sua voz mais rouca e sexy, ela murmurou:

— O que você quer em sua pizza...

Então ela sugou o lábio inferior e mordeu-o ligeiramente.

Ele gemeu e apertou-se por toda parte.

— Provocadora.

— Eu serei sua sobremesa.

Acabou que você não provoca um homem como Veck. Ele a apoiou contra a parede, pegou as duas mãos dela, e as prendeu contra o tolo papel de parede de galo. Pressionando-se nela, para que o sentisse de suas coxas até os seios, ele trabalhou um ritmo de recuo e avanço até que ela estava ofegante.

— É melhor fazer o pedido agora, — ele disse, lambendo sua garganta. — Ou eu não vou deixá-la chegar ao telefone por um tempo.

Ele estendeu o braço dela, colocando-a próxima do receptor do telefone. Mas ele não parou com o passeio erótico, ou com a língua. Em vez disso, ele empurrou a perna entre as dela para que o atrito piorasse... ou melhorasse sua situação, dependendo de como você olha para isto. *Deus*, ela não tinha certeza se poderia falar ao telefone. Ou lembrar o número do lugar que ela ligava pelo menos uma vez por semana.

De alguma maneira, ela agarrou o receptor, e em um ataque de inspiração apertou o rediscar, porque foi o último número que ela havia chamado uma ou duas noites atrás. Enquanto estava chamando? Veck se divertia beijando seu caminho até a clavícula, o que tornou falar um pouco difícil.

De alguma forma, ela falou o nome dela, endereço e o pedido de pepperoni e salsicha grande. E então foi questão de:

— Não... não apenas a... não... Cinna Stix¹⁷³...

Ela encontrou-se enterrando os dedos no cabelo grosso na nuca e se arqueando para ele.

¹⁷³ *Cinna Stix* — Um dos produtos da Domino's. Massa assada com canela e açúcar e depois cortada em tiras.

— Não... Deus, *não*— Okay, isso soou um pouco como uma estrela pornô, especialmente quando era sobre não quer um litro de Coca-Cola pela metade do preço do produto. Em desespero, ela resmungou, — Só a pizza. — Pelo *amor de tudo que é sagrado, apenas a porra da pizza! Ela queria gritar.* — O-o-obrigada.

O telefone foi pendurado desajeitadamente, e então foi tudo sobre velozes e furiosos.

— Quanto tempo? — Veck rosnou contra sua garganta.

— Vinte... minutos... — Ela se apegou ao seu corpo, segurando-o quando ele a levantou, pelos quadris.

— Chuveiro.

Ele agarrou as costas de suas coxas e a tirou do chão. Segurando-o pelos ombros e prendendo as pernas em torno dele, ela se segurou enquanto ele fazia uma corrida louca para o banheiro no corredor.

O cômodo lotado encolheu para o tamanho de uma caixa de fósforos com os dois no mesmo. Mas pelo menos a pia tinha o suficiente de um aparador para ele colocá-la. Depois que ele chutou a porta fechada, ela foi para frente de sua calça no mesmo instante, ele atacou os botões em sua camisa...

Muitas mãos, sem espaço suficiente.

— Permita-me, — disse ela, afastando-o e resolvendo ambos os problemas em questão de segundos, arrancando seu top pela cabeça e abrindo o zíper em velocidade NASCAR¹⁷⁴.

Ele já estava procurando por aquela carteira dele. Exceto que então ele franziu a testa.

— O último.

Ela parou no meio da abertura de seu sutiã.

— Eu não tenho nada em casa.

E este era apenas para ser uma rapidinha antes da atração principal de completamente nus, na cama dela, um sobre o outro.

Maldito seja, ela nunca vira virtude alguma em ser promíscuo, mas pelo menos se ela tivesse sido digna de todas as coisas que ela havia comprado em Victoria's Secret, ela teria preservativos. E pelo lado dele? Foi cavalheiresco que ele não tenha reabastecido o estoque na expectativa deles, ou qualquer outra pessoa com quem ele estivesse, estar nesta posição.

Pelo amor de Deus, no entanto.

— Merda, — disse ela.

Veck estava respirando com dificuldade, o peito bombeando, o seu corpo mais do que pronto para o que começara: Sua ereção tomou vantagem ao ser libertada e estava saliente daquelas calças, lutando contra sua cueca boxer.

Com uma maldição, ele colocou sua carteira de volta no bolso. E depois fez o mesmo desaparecer com sua excitação, enfiando-se de volta e fechando a calça, apesar de ter sido uma luta, dado o tamanho daquela coisa maldita.

— Oh, não! — ela disse roucamente. — Eu...

¹⁷⁴ NASCAR – Famosa categoria automobilista.

Ele voltou aos lábios dela, cortando-a como se possuísse sua boca com a língua. Com pressão sutil, ele a empurrou para a parede inclinando-se para frente, até que foi presa no canto, seu corpo pressionado.

E foi quando ele começou a tocá-la.

Ele empurrou o sutiã para baixo e foi para os mamilos, torcendo -os até que ela engasgou contra seus lábios.

— Veck...

— Shhh. Deixe-me fazer assim.

Ele se inclinou ainda mais para chegar ao que havia exposto, chupando-a enquanto suas mãos iam a outros lugares, passeando em suas coxas, acariciando-a.

Ele se movia com lentidão atordoante, atormentando-a, mas não indo a lugar nenhum perto daquele ponto doce que estava doendo. Enquanto isso, sua boca estava operando milagres em seus mamilos, provocando e mexendo, em seguida, chupando novamente, e, *Deus*, a visão de sua cabeça escura abaixada contra sua pele nua era muito excitante.

Passando as mãos pelos cabelos grossos, ela serrou suas pernas contra seus quadris.

— Veck, por favor...

— Diga-me o que você quer, — ele disse contra seu peito.

— Toque-me.

Ele virou a cabeça para o lado e olhou para ela.

— Eu pensei que estava fazendo isso.

Nesta nota, a língua estendida correu um círculo, quente e úmido em torno de seu mamilo. Gemendo, ela tentou arquear para trás, mas não havia espaço.

— Onde você quer que eu vá, Reilly? — ele exigiu. Quando ela foi para sua mão, preparado para dar-lhe uma maldita turnê guiada, ele manteve seus braços distantes. — Não. Você tem que dizer.

— Veck...

— Esse é um nome legal. — Ele colocou os lábios junto ao seu ouvido. — E fica melhor ainda, quando você diz como se estivesse prestes a gozar. Mas eu não acho que você quer que eu me toque.

— Isso iria fazer o trabalho, — ela gemeu quando ela imaginou seu punho grande agarrando o próprio sexo.

— Desculpe, meu foco está em você. Onde, Reilly?

Dane-se. Dois poderiam jogar o jogo da provocação. Ela deu-lhe um empurrão sutil e ele gentilmente avançou para trás, sem dúvida, pronto para ouvir todos os tipos de coisas divertidas. Em vez disso, ela baixou as pálpebras, olhou para ele... e colocou sua própria mão entre as pernas.

— Eu estou pensando em você, — ela disse, esfregando-se. Então, ela mordeu o lábio e trabalhou seus quadris também, não porque ela queria se mostrar, mas porque era assim que ela estava se sentindo. — Me tocando... Eu estou *sentindo* você... me tocando...

Os joelhos de Veck pareceram dobrar. Isso ou ela jogou fora o centro de gravidade dele, de qualquer maneira, ele afundou na parede e teve que colocar uma mão para manter a si mesmo levantado.

Trabalhava o seu sexo através de sua calça, ela o viu observá-la e foi gratificante saber que este ato solo não ia durar. Seus olhos raivosos estavam fixos no que ela estava fazendo, seu corpo tremendo esperando a qualquer segundo que ele estivesse assumindo o que ela começara.

— Quer ajudar? — ela disse com voz arrastada.

Ele estava nela em um piscar de olhos, acrescentando os cuidados de sua mão, até que ela saiu do caminho, porque era mais excitante vê-lo a acariciar.

Sob seus dedos rápidos e ágeis, suas calças se abriram mais e então ele estava empurrando-as para baixo de suas coxas, seus esforços ajudaram quando ela apoiou o pé contra o assento do vaso sanitário e levantou sua bunda. Com a cintura em torno dos joelhos, ele teve acesso a calcinha e...

— Oh, Deus! — ela gritou quando ele a encontrou.

Havia algo tão delicioso sobre a combinação de ela estar super lisa e ele fazendo a fricção. E isso foi antes mesmo de ele abaixar sob a barreira e entrar em contato pele a pele com seu núcleo. Arranhando seus ombros, ela o puxou para sua boca enquanto ele se concentrava na parte superior de seu sexo, dirigindo-se mais para cima, e mais para cima, e...

Reilly gozou forte, a força do orgasmo apertando suas pernas em torno da mão talentosa dele, seu corpo balançando em pulsos rítmicos. Ele não parou o que estava fazendo, no entanto, ele a ajudou a superar as ondas crescentes até que ela era um saco ofegante de felicidade. Quando Veck recurrou trás e olhou para ela, ele poderia não ter gozado, mas ele com certeza estava parecendo satisfeito.

— Como foi isso para um hors d'oeuvre¹⁷⁵? — ele murmurou, suas pálpebras baixas sugerindo que sabia cada detalhe de quão talentoso era.

Quando ela recuperou o suficiente fôlego para se mover, ela alcançou e envolveu sua ereção através de sua braguilha fechada.

— Pagar de volta vai ser um prazer.

Capítulo 32

De pé em frente a Devina, no quintal da casa da detetive da Assuntos Internos, Adrian não estava reagindo a um alvo pela primeira vez em sua vida não natural e imortal.

Como o Eddie está se saindo? Cheirando como uma rosa?

Enquanto olhava por cima do ombro de Jim para aquele falso e glamouroso pedaço de maldade, as palavras da demônio bateram em torno de seu crânio como se ela tivesse colocado um servo sob sua cabeça e o filho da puta estava surrando seu cérebro com uma marreta.

O velho Adrian teria pisado em Jim, ou em qualquer outra coisa em seu caminho, para botar suas mãos em torno da garganta dela e espremer até que não apenas sufocar, mas que ele conseguisse arrancar sua feia cabeça direto de sua coluna vertebral.

¹⁷⁵ *Hors d'oeuvre* – Aperitivos servidos antes da refeição.

Isso era, no entanto, precisamente o que ela esperava. O que ela estava apostando que aconteceria. A razão pela qual ela falara.

E ele permaneceu no controle, ficando claro para ele que a sua rotineira cabeça quente foi o motivo de seu melhor amigo ter sido assassinado. Jim estava certo: Desestabilização era o nome do jogo, e a demônio fizera o que fez porque tinha certeza que ia ajudá-la na guerra.

Então, sim, tanto quanto aquilo o matasse, tanto quanto o fizesse ranger seus molares e apertar os punhos, ele simplesmente ficou onde estava.

Ele não podia responder a ela, no entanto. Ele não confiava em si mesmo para abrir a boca.

—Eddie está são e salvo, — disse Jim. —E nós estamos cuidando dele.

—Novos empregos como agentes funerários? Quão pitoresco. — Devina abriu um largo sorriso, como se ela estivesse verdadeira e profundamente feliz. —Mas você não sente falta dele, Adrian? Deixa para lá, eu posso sentir você daqui. Sabe, se você precisar de um ombro para chorar, eu estou sempre disponível.

No momento em que ele estava prestes a lhe dizer para enfiar aquela simpatia de plástico tão alto em seu traseiro que iria engasgar naquela merda, Jim aumentou seu aperto sobre o braço de Ad, até que o cara estava a ponto de ter sua circulação cortada.

E o Salvador estava certo: Se ele reagisse como Devina queria que ele o fizesse, Eddie teria morrido por porra nenhuma. Que era a única coisa pior do que perdê-lo em primeiro lugar.

Nesta mesma nota, ele colocou sua outra mão sobre a de Jim, de modo que ambos estavam o segurando no lugar.

Devina pareceu momentaneamente perplexa. Mas não durou muito.

—Paralisado pelo luto, Adrian?

Uma eternidade se passou.

E em algum momento daqueles infinitos batimentos cardíacos entre as provocações dela e sua falta de reação, ele começou a ficar frio: Suas emoções deixaram de levá-lo a qualquer tipo de extremo, como se tivessem se consumido, e como uma estrela que entrava em colapso, ele sentiu uma mudança na maré que o afastou do alcance de Devina.

Ela estaria melhor se apenas o deixasse em paz e o deixasse se afogar em sua raiva. Mas agora que ela o empurrou para essa clareza ártica, pela primeira vez, ele poderia responder unicamente com sua mente e não com seu coração.

Ele liberou seu aperto sobre Jim e se afastou do Salvador. Conforme ele os separava, a cabeça de Jim se arrancou ao redor como se estivesse prestes a interceder, mas Adrian apenas ficou ao lado do cara e encarou a inimiga.

—Você quer alguma coisa, Devina? — Adrian disse em uma voz sombria. —Ou esta é apenas uma visita social.

Pairou outra rodada de silêncio. Desta vez, porém, Devina começou a brincar com seus cabelos longos, a saia curta, e suas pulseiras de ouro.

E para Ad, não havia satisfação em arruinar a diversão da demônio. Havia apenas um silêncio mortal em seu peito, um poder ressoante por todos os seus instintos de guerreiro feroz, que ele nunca chegara perto antes. Foi como se ele tivesse renascido. E ele estaria amaldiçoado se alguma vez voltasse a ser o que fora.

Literalmente.



Quando Jim olhou para o outro anjo, ele pensou, *Okay, quem diabos é você e o que você fez com Adrian Vogel.*

O macho ao lado dele não era nada perto do cara que conhecia e com quem trabalhou pelas duas últimas rodadas da guerra. Este era um robô que se parecia com Ad: absolutamente idêntico, mas completamente desconectado do original.

Não havia emoção em seu rosto, em seu corpo, em suas vibrações.

Nada.

E algo dizia a Jim que a mudança era permanente, como se a placa-mãe do rapaz tivesse sido destruída e substituída. Difícil saber se eram boas ou más notícias, no entanto. O temperamento explosivo se fora. A paixão se foi. O calor se foi. Em seu lugar? Frio calculismo, o que o fazia de certa maneira, intocável. E que era uma espada de dois gumes, com certeza. Mas qualquer que fosse a maneira, não havia tempo para se preocupar com repercussões vindouras.

Jim virou a cabeça de volta para Devina.

—Então, qual vai ser. Lazer? Ou negócios.

Devina balançou o cabelo escuro para cima e para fora, as ondas saltando, esbanjando saúde como se ela estivesse em um comercial de xampu.

— Estou muito ocupada.

—Então por que você está aqui de pé conversando? — Jim tirou seu maço de Marlboro e balançou um. —Se você é uma garotinha tão ocupada.

—Oh, você não tem ideia do quanto eu estou trabalhando. — Seu sorriso malvado era do tipo saído de filmes de terror, do qual não se podia chegar nem perto. —Eu sou totalmente a favor das mudanças de jogo. E eu estou ansiosa para que esta rodada termine.

—Porque você gosta do sabor da derrota? — Ele pegou seu Bic¹⁷⁶ e o acendeu. —Apetite estranho esse que você tem aí, querida.

—Eu gosto do seu sabor. — Ela passou a mão pelo corpo. —E eu vou me saciar muito em breve.

—Eu duvido.

—Esqueceu-se do nosso acordo?

—Oh, eu me lembro dele.

—E eu não menti.

—Você deve estar tão orgulhosa.

Quando Jim não disse mais nada, ela ficou brincando com os cabelos um pouco mais... e foi isso. Ela apenas ficou ali na frente deles, toda mocinha, sem ir a lugar algum. *Inferno*, talvez ela pensasse que estava sendo admirada. Talvez ela fosse a perfeita loura burra, embora ela realmente não tivesse cabelo. Ou talvez ela estivesse...

¹⁷⁶ **Bic** – Marca de isqueiro.

Put a merda, ela estava tendo um momento namoradinha, não estava? Mal humorada, porque não fora capaz de encontrá-lo. Este era o “por que”, não era?

Fodido. Isso era fodido demais.

Encontro do inferno com toda certeza. E embora ele não soubesse por que ela não conseguiu encontrá-lo, às vezes a sorte estava com você.

Abruptamente, o olhar dela correu pela a casa. Na janela traseira, na cozinha, Veck e Reilly fizeram uma aparição. Ambos estavam parecendo desgrehados, e ficou claro que monte de algumas coisas de algum jeito acabaram de acontecer em algum lugar: Ambos estavam na zona de brilho, felizes e satisfeitos, ao ponto de que Jim estava malditamente certo de que se as luzes se apagassem, eles estariam brilhando no escuro.

—Eu fodidamente os odeio, — disse Devina, cruzando os braços sobre os seios.

Aposto que você odeia, ele pensou. Porque aquelas eram duas pessoas apaixonadas, bem ali. E a inveja a estava matando, seu rosto apertado em uma careta, os olhos iluminados pelo ódio. Ela queria aquilo com ele.

Ha, ha.

—Então, você precisa de alguma coisa? — ele perguntou em uma voz baixa e profunda.

Sua cabeça girou.

—Você precisa.

Para mantê-la seguindo, a resposta, é claro, não podia ser agradável. E, puta merda, aquilo não era tão difícil.

—Não de você. — Jim assumiu uma expressão entediada enquanto dava uma tragada e expirava. —Nunca de você.

A fúria em seu rosto o deixou feliz. Até que ela rosnou:

—Por causa daquela fodida Sissy.

Caminho errado, ele pensou. Muuuuito errado seguir por esse caminho.

—Sissy quem?

—Não brinque comigo.

—Eu não estou. Pelo menos, não neste momento. — Ele deixou suas pálpebras semicerradas. —Quando eu brincar com você, você vai saber.

Mesmo que as palavras o tenham adoecido, aquilo a deixou fora do prumo: De repente, ela corou como se estivesse se lembrando deles juntos, e então sorriu, larga e lentamente.

—Promete? — ela disse com a voz rouca.

—Prometo.

Diante disso, ela fez uma pequena pirueta de alegria.

Ótimo. Como se o seu estômago já não estivesse nauseado.

—Então novamente, talvez eu seja um mentiroso, — ele falou lentamente. —Acho que você vai ter que esperar e ver.

—Acho que sim. — Os olhos dela subiram e descaram por seu corpo. —E eu não posso esperar.

Francamente, aquela merda fez Jim murchar, mas não deixou que ela percebesse. E ele não estava tomando como certo que tivesse o controle total sobre a demônio. Mesmo apaixonada, ela era uma peça letal, e ele não podia ter certeza que esta sua arma fosse durar para sempre.

Por quanto tempo conseguisse, no entanto, e a qualquer custo para si mesmo que fosse necessário, ele tentaria manter esta conexão recém-cultivada.

—Bem, eu acho que é hora de levar esta rodada para o final, Jim. — Devina fez outra pirueta. — Eu tenho que voltar ao trabalho, mas verei você em breve.

—Se Veck esta nesta casa, por que você precisa estar em outro lugar?

—Como eu disse, eu sou uma garota ocupada, como você vai descobrir. — Ela soprou-lhe um beijo. —Adeus por enquanto. E Adrian, me ligue se precisar de um ombro para chorar.

No mesmo instante, ela estava fora na noite, vaporizando-se, desvanecendo-se.

Merda. Se ela não estava aqui com Veck, ele precisava assumir que a luta era em outro lugar.

—Porra, — ele murmurou, pronto para bater em alguma coisa.

—Não, — disse Adrian. —Nós ficamos aqui. Ficamos com Veck.

Jim olhou. Velho Adrian? Teria sido o que estaria fervilhando para largar tudo e segui-la. Novo Adrian? O frio filho da puta estava tenso como o inferno, seus frios e desapaixonados olhos correndo ao longo de Jim.

—Ela não vai conseguir nos quebrar, — Ad anunciou. —Nós vamos manter o foco e ficaremos bem aqui. Fumaça e miragens não vão me mover.

Agora, é disso que eu estou falando, Jim pensou, com respeito.

Naquele momento, o som de um carro arrancando na frente da casa quebrou o silêncio da noite. Correndo para a rua com Adrian, Jim desembainhou sua adaga, exceto que então ele viu o pequeno símbolo da Domino's¹⁷⁷ brilhando no teto do sedã.

Oh, caaaara. Pizza... e sexo. Talvez Devina tivesse um pouco de razão.

Difícil não ter inveja.

O entregador saiu do seu carro sucateado e trotou até a calçada. Veck atendeu a porta, pagou em dinheiro, desapareceu de volta para dentro. O carro partiu.

Nos momentos que se seguiram, Jim se coçou para ir atrás de Devina, ele podia sentir sua presença em alguma outra parte da cidade... mas talvez fosse isso o que ela quisesse?

Você nunca podia confiar nela.

O novo Adrian estava certo: Eles ficaram aqui e se manteriam firme.

—Obrigado, homem, — disse Jim sem tirar os olhos da porta da frente fechada e trancada da casa.

—Sem problemas, — foi a resposta concisa.

Capítulo 33

¹⁷⁷ *Domino's* – Famosa rede de pizzarias.

Veck não conseguiu identificar o sabor da pizza. Por tudo o que sabia, a coisa poderia estar coberta com tiras de plástico e pedaços de gesso.

Ele não conseguia parar de pensar em Reilly acima daquela bancada do banheiro, as pernas espalhadas, a mão roçando sobre seu núcleo.

Sentado ao lado dela na mesa da cozinha, ele estava malditamente certo de que ela estava pensando em termos muito semelhantes aos seus, porque havia um monte de eficiência na forma como ela comia. Nada desarrumado ou pouco feminino, apenas limpa e rápida.

Ele era o mesmo. Exceto que menos arrumado.

Quando eles devoraram tudo, menos o último pedaço, ele esticou-se na cadeira e olhou para o teto.

— Então, onde está sua banheira? — ele perguntou, decidindo-se pelo tom casual.

Ela deu aquela sugestão de sorriso torto tão dela. Aquele que o fazia querer beijá-la por toda parte.

— Eu vou lhe mostrar. Você vai querer esse pedaço?

— Não. — *Inferno*, se não fosse pelo o estômago vazio dela resmungando, ele nunca teria desacelerado mais do que levou para despachar o cara da entrega. Mas ele queria ter certeza de que ela se alimentasse. — E você?

— Estou cheia.

E eu estou pronto para enchê-la completamente, ele pensou.

Ficando de pé, ele estendeu a mão para ela.

— Mostre-me o caminho.

Ela fez exatamente isso, levando-o escadas acima e para dentro de um aposento que não era nada como a caixa árida em que ele dormia. O espaço privado dela possuía belas cortinas que abrangiam as três janelas, uma cama com muitos travesseiros e um edredom que parecia grosso o suficiente para servir como um trampolim.

Lugar perfeito para fazer amor.

— O banheiro é por ali, — ela murmurou, apontando para a outra ponta do aposento.

Ele se aproximou, dando um passo na escuridão, e tateou na parede buscando o interruptor. Quando ele acertou a coisa, quase caiu de joelhos com uma oração de agradecimento.

Pés em forma de garras. Profunda como um lago. Ampla como a cama no outro quarto.

E pelo que se podia ver, a torneira tinha pressão suficiente para dar vazão a uma mangueira de incêndio.

Como a água quente começou a correr e o nível começou a subir, ele girou ao redor para pedir...

— Santo... puta que... — ele suspirou.

Reilly dera fim a suas roupas e estava nua sob o batente.

Maneira rápida de fazer desaparecer o cérebro de um homem: Tudo o que ele viu foi uma pele linda e seios perfeitos, e a curva daqueles quadris no qual ele estava morrendo para meter-se.

Enquanto tentava formular uma reação que não envolvesse mais maldições, ou pior, realmente começar a babar, ela puxou o laço que prendia seu cabelo e sacudiu, libertando as gloriosamente longas mechas ruivas... o que provocou que os seios dela balançassem levemente.

—Venha aqui, — disse ele com uma voz rouca.

Ela se aproximou dele com a cabeça erguida e seus olhos baixos... mirando diretamente sobre o pau duro que estava matando-o por chegar até ela.

Incorporando-se, Reilly aproximou-se até morder o lóbulo de sua orelha.

—Será que a água já está quente o suficiente?

—Você entra ali, — ele agarrou seus quadris e apertou — e vai começar a ferver.

Ele a beijou, curvando-se e colocando a boca junto à dela. Suas roupas duraram aproximadamente... oh, um minuto e meio.

E então, como o cavalheiro que ele não estava nem perto de sentir, mas estava malditamente determinado a ser, ele a pegou no colo e levou-a para a banheira com cuidado, acomodando-os de modo a ficarem face a face. O vapor levantando-se entre seus corpos cheirava aquele perfume que ele tanto associava a ela, sugerindo que fazia isso com frequência, talvez com algum tipo de mistura de banho.

Mais beijos e mãos indo para todos os lugares através das correntes de água morna. Exceto, que logo ela encontrou sua ereção, ele deu um pulo e espirrou algumas centenas de litros no chão.

—Oh, merda... desculpe...

Ela veio com ele, empurrando-o para trás contra a parede curva da banheira.

—Eu não estou preocupada com a água.

Com a mão dela fechada sobre seu pênis e começando a acariciá-lo, ele murmurou entre dentes:

—Eu não vou durar muito caso você continue fazendo isso.

—Eu não quero que você dure.

Bem, bom. Porque a visão daqueles escorregadios e flutuantes seios e o acento erótico em seus olhos eram o suficiente para fazê-lo gozar sozinho. Adicione o atrito? Ele passou muuuuuuuito de seu limite.

Sua pélvis encontrou um ritmo próprio para opor ao dela e ele deixou sua cabeça pender até que caiu de costas contra a borda curva da banheira. O que lhe deu um inferno de um ponto de vista. O nível da água estava se recuperando do derramamento, e na marola, o ir e vir das ondas rolando sobre seus duros e rosados mamilos os fazendo desaparecer, apenas para volta, e recuar novamente... Deixando-a brilhante. Tão completamente acetinada. Como se ele mesmo a tivesse lambido. O que acabou por ser o que o chutou para fora do limite de seu controle.

Seus molares travaram e ele soltou um gemido alto enquanto sua excitação estremecia e se agitava contra a palma da mão dela, seu corpo rigidamente contraído.

Em resposta, o sorriso dela foi precioso, do tipo que você coloca em sua mochila mental e leva com você para sempre. E por alguma razão... mesmo pensando que aquilo seria um totalmente corta clima... tudo o que ele podia pensar era nela sentada na cadeira lá embaixo, sem dúvida armada, esperando por alguém que chegasse e a atacasse.

Eles estavam seguros juntos aqui esta noite, mas isso não ia durar. Mais cedo ou mais tarde, ele teria que ir para casa, e ela ficaria sozinha novamente. *Cristo*, ambos estavam sendo perseguidos? Era hora de tomar o controle desta situação e manter esta mulher incrível e seu sorriso devastador em segurança.

Da próxima vez que aquele figura do Heron aparecesse, ele ia levar o filho da puta em custódia. Mesmo que aquilo matasse a ambos.

—Você está bem? — ela perguntou, claramente sentindo a mudança nele.

—Oh, sim. Muito bem.

Ele arrastou a cabeça da borda da banheira e esticou sua perna para fora, girando a torneira com o pé. Então, ele a puxou em cima dele, não querendo desperdiçar esta oportunidade de desfrutar dela.

—Eu gostei muito disso, — ele disse contra sua boca. —Mas tenho a sensação de que você vai me fazer gostar ainda mais.

Eles ficaram tempo suficiente para a água começar a levar vantagem contra o frio, se beijando, se tocando. Não que ele precisasse de tempo para se recuperar. Ele estava preparado exatamente após o orgasmo que ela lhe deu.

Ele a queria tanto assim.

—Leva-me para sua cama? — Ele disse.

Quando ela assentiu, ele ofereceu-lhe uma mão firme quando ela se levantou e passou delicadamente por cima das bordas altas da banheira para o piso.

—Cuidado, — ele alertou. —Tem de estar molhado.

—E está. — Ela olhou para baixo. —Vou pegar umas toalhas.

—E eu vou pagar a despesa se arruinamos o seu teto lá embaixo.

Ela olhou para ele, seu tronco girando graciosamente.

—E certamente terá valido a pena.

—E você é tão bonita, — ele disse suavemente, enquanto observava a luz capturar suas curvas.

Com as bochechas vermelhas, ela virou-se para a pilha de toalhas no balcão e começou a jogá-las no chão ao redor da base da banheira.

Mesmo que ele estivesse mais do que contente por assistir ao show, ele se levantou e saiu da água. O espelho sobre a pia o deixava nervoso, mas ele se forçou a olhar para ele. Nada além do seu reflexo. Nenhuma sombra. Nada diferente se movia além de suas costelas por causa de sua respiração.

Aliviado, ele se aproximou dela por trás. Apoiando-se contra seu corpo quente e úmido, ele se curvou e beijou seu ombro.

—Eu não estou... acostumada com isso. — Ela deu um tapinha na última toalha sobre a pilha, como se impaciente consigo mesma. —Eu apenas... Eu não sei como lidar com isso.

—Você está lidando comigo muito bem. — Ele correu o dedo indicador para baixo sobre sua coluna vertebral. —Melhor do que qualquer um jamais fez.

Ela riu em uma explosão ligeiramente tensa.

—De alguma maneira, eu duvido disso.

—Não. Você é diferente de todo o resto.

Ele colocou as mãos em seu pescoço e acariciou suas costas por todo o caminho até os quadris. Então seus lábios seguiram a mesma trilha que ainda brilhava, beijando e mordendo-lhe todo o caminho pelo torso... e indo ainda mais abaixo.

Ficando de joelhos, Veck correu os lábios até suas coxas, gradualmente aproximando-se da junção a qual teve em mente o tempo todo. Diante de sua gentil insistência, ela se curvou sobre o balcão, expondo aquela fatia de carne que o deixava cada vez mais louco.

Como uma onda súbita, ele se esfregou dentro dela, e então a chupou em sua boca.

Doce... e quente... e lisa contra a sua língua. E ela amou aquilo também, com os braços curvando-se para manter o equilíbrio contra o mármore, sua respiração caindo em um ritmo acelerado e ofegante.

Usando suas mãos, ele espalhou ainda mais os pés dela para lhe dar mais espaço para trabalhar, e então ele correu as palmas das mãos até a frente de suas pernas para agarra-la e mantê-la firmemente contra seu rosto.

Lambendo rápido. Sugando fundo. Penetração com a língua.

Ele levou seu tempo, porque havia tanto para ser explorado, e a manteve no limite até que ele não podia mais suportar o suspense. Serpenteando a mão para cima, ele esfregou ligeiramente a ponta do polegar na parte superior de seu sexo ao mesmo tempo em que estendia sua língua dentro dela. Rápidos círculos no lugar certo a fizeram voar, e ele amou o jeito como ela se apertava internamente e chutava contra ele.

Quando ela terminou, ele recuou. Através de suas pernas trementes, ele tinha uma porra de uma bela visão de seus seios, os dois pendurados, as pontas roçando o mármore enquanto ela se balançava para frente e para trás no ritmo de sua respiração.

Veck fechou os olhos e precisou tomar um minuto.

Na próxima vez que gozasse, ele estaria onde sua língua acabara de estar.



O. Orgasmo. Da. Sua. Vida.

Enquanto Reilly lutava para permanecer na posição vertical, seu corpo ainda estava viajando a frente a toda velocidade, exceto que não havia lugar algum para ir, no entanto, os músculos das suas coxas se contorciam no lugar. E aquilo não era nem a metade. Sua mente estava exausta, ao ponto dela não estar completamente certa de onde estava.

Virando a cabeça, ela teve uma visão plena de creme dental e escovas.

Banheiro. Bem, ela achava que haveria dois locais em sua casa em que nunca mais olharia da mesma forma, espere. Três lugares. O banheiro do andar de baixo, bem como a cozinha.

Enquanto o mundo inclinava e girava, ela percebeu que Veck a carregava. Bom plano. Ela não pensava que poderia andar, e que maneira de secar naturalmente.

Em seu quarto, ele a colocou sobre seu edredom e a cobriu com metade dele.

—Eu já volto.

Ela não ficou sozinha por muito tempo, no entanto, porque ele moveu-se rapidamente, descendo as escadas, assaltando em torno do que soava ser a cozinha e voltando rapidamente. Ele conservou a luz do teto acesa quando voltou, e no início achava que era pela modéstia dela, não que precisasse disto, considerando o que ele lhe fizera naquele balcão, mas então ela o viu colocar algo na mesa de cabeceira.

A arma dele.

Não, havia duas. Ele trouxe a dela também. De onde eles haviam se desarmado na mesa antes do jantar.

Que romântico.

A forte lembrança da noite anterior a esfriou, mas ele se ocupou rapidamente disso, cobrindo-a com seu corpo quente e duro.

—Não pense sobre isso, — ele sussurrou. —Agora não. Haverá tempo de sobra quando terminarmos.

Ela tocou seu rosto e desejou que eles estivessem de férias em algum lugar longe, muito longe do tipo de trabalho que eles faziam e a razão pela qual eles se uniram.

—Você está certo, — ela disse. —E eu não quero esperar nem mais um momento sequer.

Ele balançou a cabeça, e pegou aquele último quadrado de alumínio que guardara na carteira. Quando terminou de cuidar das coisas, ele a montou outra vez, e conforme ela abriu ainda mais as pernas, ele sentiu a mudança por dentro, e dentro dela mesma: tudo ficou mais lento. Quando ele entrou nela em um deslize suave, ela o acolheu não apenas com seu sexo, mas com sua alma, beijando-o profundamente.

Sem palavras, sem hesitações, sem quaisquer reservas, eles se moveram juntos, construindo uma dinâmica própria, reunindo-se em um foco de intensidade. Quando o fim chegou, gozaram ao mesmo tempo, e se seguraram um no outro, ela com as unhas cavando em suas costas, ele com seus braços por baixo dela e apertando.

Foi a mais perfeita união. E depois, mesmo que ele tivesse que se puxar para fora dela e o fez, eles ficaram deitados no escuro, tão perto quanto eles poderiam conseguir, seus corpos formando uma massa crítica de calor no centro da cama.

—Você vai me deixar ficar a noite toda? — ele perguntou.

—Sim. Por favor, sim.

—Eu já volto. Você, entre debaixo das cobertas.

Boa ideia. Porque assim que ele estava fora dela, o frio entrou correndo e pequenos arrepios premonitórios percorreram todo o seu corpo.

Poucos minutos depois ele voltou do banheiro e se juntou a ela.

—Eu peguei o seu lado?

—Ah... não. Eu fico aqui mesmo à noite.

—Bom.

Ela se virou e eles se enfrentaram, as cabeças sobre o travesseiro dela, os corpos se aquecendo sob o peso dos cobertores.

Ele roçou os dedos sobre suas bochechas... passando pelo queixo... até os lábios.

—Obrigado... — ele sussurrou.

Deus, ela não conseguia encontrar sua respiração neste momento.

—Pelo quê?

Ele fez uma pausa.

—Pela pizza. Estava exatamente do jeito que eu gosto.

Reilly riu.

—Engraçadinho.

—Venha aqui. Eu preciso abraça-la.

Ela se sentia da mesma maneira. E quando não havia distância entre eles, era como voltar para casa.

Com a cabeça sobre o peito dele, sentindo seu coração batendo, e os braços em volta dela, e sua perna jogada sobre a dele, ela não estava apenas confortável, ela estava segura.

Enquanto ele alisava ociosamente seu cabelo, ela fechou os olhos.

—Isto é simplesmente perfeito.

Ela podia ouvir o sorriso na voz dele:

—Que é exatamente como eu quero que seja para você. Eu quero fazer tudo perfeito para você.

Quando Reilly adormeceu, seu último pensamento foi... ela não podia esperar para fazer tudo isso de novo. E não apenas o sexo. Esta tranquila, encantadora e inestimável intimidade era ainda melhor do que a parte de fazer amor.

Apesar de que não fora nem um pouco ruim, de forma alguma.

Capítulo 34

Na manhã seguinte, enquanto Veck entrava na Central, sua prioridade número um não era sorrir como um filho da puta.

Difícil de ignorar.

Ele estava uma hora atrasado, porque ele e Reilly se envolveram em atos que, se ele tivesse mais camisinhas, teriam sido chamados de “preliminares.” Tal como estavam, uma vez que não tinham ao redor mais absolutamente nenhuma amostra de látex, o que aconteceu foi melhor do que o melhor sexo que ele teve com qualquer outra, por cerca de quilômetros.

E ele já parara em uma Walgreens¹⁷⁸ e se abastecera no caminho para o trabalho.

Conforme caminhava pelo saguão, ele acenou para as pessoas, mantendo uma atitude profissional, embora o seu ego de dezesseis anos de idade ostentasse um manto de arrogância sobre si, como se tivesse ganhado o Super Bowl¹⁷⁹, a World Series¹⁸⁰, e a Copa Stanley¹⁸¹ tudo em uma noite.

¹⁷⁸ **Walgreens** – Rede de farmácias.

¹⁷⁹ **Super Bowl** – Maior título do futebol americano profissional.

¹⁸⁰ **World Series** – Maior título do baseball americano profissional.

¹⁸¹ **Copa Stanley** – Troféu dado ao vencedor da liga nacional de hóquei no gelo.

Quando ele chegou ao topo das escadas, rezou como o inferno para que Britnae não viesse com o seu café da manhã para cima dele. Essa menina não tinha nada a ver com sua Reilly, e que era hora de acabar com o seu o hábito de dar em cima dele. Ele não precisa se preocupar, no entanto. Um dos caras da noite, que trabalhava na admissão, estava na mesa dela. Veck não conhecia o oficial tão bem assim, mas ele estava parecendo diferente de alguma forma. Meio que como se ele tivesse libertado seu Hugh Jackman interior, apesar do fato de que na superfície ele tivesse mais em comum com Homer Simpson. E Britnae? Comendo tudo.

O que provava que o que tinha dentro era o que contava, e quem poderia saber que uma garota como aquela pudesse descobrir isso?

Abaixo na Homicídios, ele se sentou em sua mesa e ligou seu computador. E, em seguida, atingido por uma ideia romântica que era tão pouco familiar quanto inegável, ele entrou em seu e-mail, selecionou o de Reilly dentre seus contatos, e ficou pronto para enviar-lhe algo.

Muito espaço para preencher. Muuuuuuuito espaço.

No final, ele digitou apenas algumas palavras. E bateu rápido em *enviar*, antes que alguém olhasse por cima de seu ombro.

Depois, ele apenas ficou ali encarando a tela, se perguntando se fizera a coisa certa... até que ele percebeu que estava olhando para a sua caixa de entrada, e o relatório sobre Sissy Barten já chegara do legista.

Claramente, o cara queimou as pestanas à noite para fazer a autópsia.

Veck o leu completamente e olhou para cada uma das vinte ou tantas fotografias do corpo. Não havia nada em nenhum delas que não vira por si mesmo na pedreira, e quando ele chegou a última imagem das marcações ritualísticas no torso, recostou-se para trás, e bateu o dedo indicador no mouse.

Se Kroner não a matou, quem foi?

—Correio!

Veck olhou para o encarregado com seu carrinho cheio de envelopes e caixas.

—Obrigado, cara.

Três peças. Dois interdepartamentais. Uma do correio dos EUA... que aconteceu de ser um selo de cancelamento de Connecticut. Endereço de retorno? A instituição de correções federais que ele evitara nos últimos dez anos.

Olhando para o envelope, ele sentia como se tivesse recebido uma embalagem amassada embrulhada com vidro quebrado. Seu primeiro impulso foi jogar a coisa fora, mas a compulsão por saber o que poderia estar dentro tornou isso impossível, e não é que isso o fez odiar o poder mental que seu pai sempre teve sobre ele.

Ligue para mim quando você ficar com medo o suficiente.

Porque a voz de Jim Heron estava em sua cabeça enquanto ele rasgava a aba não era algo com que ele fosse desperdiçar energia.

Dentro havia uma folha de papel com três linhas em uma escrita à mão elegante e fluida que era mais a imagem de riqueza que seu pai ostentou, do que as raízes do cara no Centro-Oeste.

Caro Thomas: Eu espero que isto o encontre bem. Desejo que venha me ver o mais rápido possível.

*A prisão permite um último visitante e eu escolhi você. Há coisas a serem ditas, filho.
Ligue para o número abaixo. Com amor, Seu Pai.*

—Você está bem?

Veck olhou para cima. Reilly estava de pé ao lado dele, seu casaco ainda sobre ela, sua bolsa pendurada no ombro, seu cabelo liso e recém-lavado.

Se não fosse pela noite anterior, ele teria lhe dado um frio 'sim, tudo bem' e seguiria em frente. Em vez disso, ele apenas segurou a carta, oferecendo-a para ela.

Ela se sentou em sua cadeira enquanto lia, e ele viu seus olhos irem da esquerda para a direita, esquerda para a direita, esquerda para a direita. Em seguida, ela voltou ao topo e leu outra vez.

—O que você vai fazer? — ela perguntou quando finalmente olhou para cima.

—É um suicídio mental ir vê-lo. — Veck esfregou os olhos para limpar as marcas daquelas palavras. —Um fodido suicídio mental.

—Então não faça isso, — disse ela. —Você não precisa que o que ele venha a dizer, fique na sua cabeça para o resto de sua vida.

—É.

O problema era que seu pai não era o único com alguma coisa em sua mente. E com certeza, seria ótimo para ser pessoal, superar e se afastar, mas ele sentiu a necessidade de olhar para aqueles olhos uma última vez, pelo menos para ver se realmente havia alguma coisa em comum ali dentro. Afinal, ele se sentiu um louco por todos estes anos, cobrindo os espelhos, olhando duas vezes para cada sombra, mantendo-se acordado até tarde da noite, se perguntando se era paranoia ou uma percepção válida.

Esta poderia ser a última chance de descobrir.

—Veck? — ela disse.

—Desculpe.

—Você vai descer?

—Eu não sei. — E essa era a verdade. Porque ela tinha um ponto. —Ei, ah... o relatório sobre Sissy Barten chegou. Você precisa dar uma olhada nele.

—Okay. — Descendo a bolsa do ombro. Tirando o casaco. —Alguma coisa surpreendente?

—Tudo é surpreendente sobre esse caso. — Veck a olhou. —E eu quero falar com Kroner.

Ela o olhou profundamente.

—Você nunca vai conseguir a autorização.

—Eu não estava pensando em pedir uma.



Reilly amaldiçoou a si mesma. Isso não era como ela planejava que a manhã do se-encontrar-e-cumprimentar transcorresse. Depois que Veck deixara sua casa, ela tomou um longo banho,

depilou-se em qualquer parte que pudesse passar uma lâmina, e fez um mergulho de cabeça na bolsa com toda a sua nova coleção da Victoria's Secret.

O conjunto preto e vermelho de calcinha e sutiã que vestiu a lembrava de cada lambida, chupada e carícia que compartilharam, e a deixou quase obsecada para ter mais do mesmo, logo que possível. Então ela planejara vir aqui, agir profissionalmente, e de alguma maneira muito discreta gesticular para ele sobre o que ela levava sob a roupa.

Em vez disso, ela entrou direto em um problema de gestão.

Olhando para seu parceiro, ela balançou a cabeça.

—Perder o controle por agir baseado em meias informações *não* é a resposta. E se você pretende seguir com isso, me coloca em um inferno de uma posição.

—Sissy Barten é que é importante. Não as regras burocráticas. E eu estou livre de qualquer envolvimento com aquela noite no motel, lembra? Foi você que fez isso. — ele se sentou para frente. —Kroner não a matou, e você sabe disso. Assassinos em série não variam seus estilos, eles ficam desleixados às vezes, ou param no meio se forem interrompidos. Mas um cara que tem pego troféus de parte de suas vítimas, não começa de repente a desenhar símbolos em suas peles, ou as faz sangrar. O que eu preciso descobrir é por que aquele homem sabia o que fez na pedreira e por que diabos o brinco dela estava nas coisas em seu caminhão. Tem alguma coisa que não estamos vendo em tudo isso.

Ela não podia discutir com ele sobre nada disso. Era o método dele, o que era o problema.

—Alguém mais poderia fazer essas perguntas a ele.

—Você?

—Sim.

No silêncio que se seguiu, ela pensou, bem, pelo menos eles tiveram toda a noite e o início da manhã para estarem em sintonia. Pena que não durou. Ele ia lutar com ela sobre isso, e ela ia ficar chateada, e depois, tudo o que haviam partilhado antes e depois daquela maldita pizza estava indo direto pela janela.

—Okay, — ele disse. Enquanto Reilly recuava, a boca dele se apertou. —Você não tem que parecer tão surpresa. Basta levar Bails com você desta vez. Ou De La Cruz. A ideia de você sozinha com aquele homem, mesmo que ele esteja em uma cama de hospital e você seja boa com uma arma, me dá a arrepios.

Deus, ela queria tomar o seu rosto nas mãos e beijá-lo por ser tão razoável.

Em vez disso, ela sorriu e tirou seu telefone celular.

—Vou verificar com De La Cruz agora mesmo.

Como ela conseguiu falar com o detetive no telefone, ela acessou seu e-mail, e quase perdeu o foco na conversa que estava tendo com o homem. Veck deixara algo em sua caixa de entrada, e ela clicou duas vezes sobre a mensagem justamente quando algum tipo de atualização na condição de Kroner veio pela linha.

Havia apenas três palavras: *Eu te amo*.

Sua cabeça girou. Mas Veck estava parecendo diligentemente ocupado em seu computador.

—Olá?— De La Cruz disse.

—Desculpe. O quê?

—Por que você e Bails não vão juntos?

—Ótimo. — Os olhos dela estavam fixados no rosto de Veck enquanto ele olhava para a tela na frente dele. —Estou pronta para ir quando ele estiver.

Algumas outras coisas foram ditas, mas dane-se se ela sabia o que eram. E quando ela desligou, estava se sentindo perdida.

Não havia nenhum *Eu acho* antes do *Eu te amo*. Nenhuma foto estúpida abaixo das palavras mostrando um gato ou cão com afeição gerada por computador em seus olhos. Nenhuma outra maneira de interpretar erroneamente a declaração.

—Apenas achei que você deveria saber, — Veck disse baixinho.

Ela não estava ciente de uma decisão consciente de apertar *responder*, ou colocar as mãos no teclado. Apenas aconteceu.

—O que está acontecendo aqui?

Reilly limpou a tela com um clique rápido. Girando em sua cadeira, ela olhou para Bails. *Porcaria*. Ele estava bem atrás dela, parecendo tenso.

—De La Cruz ligou para você? — ela disse suavemente.

O cara olhou para a parte de trás da cabeça de Veck, ele não captou nada, obviamente. Então seus olhos voltaram para ela.

—Ah... sim, ele ligou. Apenas um segundo atrás.

Pense na música tema de *Jeopardy!*¹⁸² E a probabilidade de que ele tenha lido o que fora escrito naquele e-mail.

—E quando você estará pronto para ir ao hospital comigo? — ela indagou.

—Ah... Eu tenho um suspeito chegando para um interrogatório agora mesmo. Então pode ser depois disso?

—Tudo bem. Eu estarei aqui.

Quando olhou para ele, ela encontrou aquele olhar estreitado, intenso e sem desculpas. Ela não conhecia o cara tão bem em absoluto, mas ficou bastante claro que ele não estava feliz. E era por isso que você não tinha encontros com colegas de trabalho. Melhores amigos possessivos já eram ruins o suficiente, se tudo o que você precisava fazer era lidar com eles nas ocasionais noites de pôquer e durante grandes eventos desportivos. Vê-los das nove às cinco? Então, novamente, tão logo o período probatório de Veck acabasse, ela ia voltar para a AI.

A ideia a aliviou. Muito melhor para todos em volta...

Oh, merda. Ela ia ter de divulgar essa relação, isso era certo. E uma vez que ela o fizesse, eles iriam tira-la da tarefa de monitorá-lo, o que era absolutamente apropriado.

Bem... parecia que ela não ia ter que esperar um mês antes de ter que voltar para o seu departamento.

—Ei, DelVecchio. Pegue o telefone, — alguém gritou.

Engraçado, ela não o ouvira tocar. Nem tinham ele ou Bails, aparentemente.

Enquanto Veck conversava monossilabicamente entre sim's e hu-hun's com seu interlocutor, ela podia sentir Bails pairando e queria espaná-lo como a uma mosca. Felizmente, a mesma

¹⁸² *Jeopardy* – Programa de televisão de perguntas e resposta transmitido pela CBS.

mulher que chamou por Veck para pegar o telefone se aproximou e disse ao outro detetive que seu suspeito estava embaixo na entrada.

—Eu vou passar por aqui quando estiver terminado, — disse Bails. Depois que ela assentiu, ele deu um tapinha no ombro de Veck e saiu andando.

Veck desligou.

—Era De La Cruz. Ele me quer no centro da cidade em um tiroteio que aconteceu na noite passada. Ele precisa de uma mão extra e eu acho que ele quer ter certeza de eu não tenha qualquer ideia sobre ir para o hospital com você.

Fazia sentido.

—Nós não vamos sair por algum tempo, no entanto.

—Este vai ser um longo dia. Teremos que cobrir todo um conjunto de apartamentos.

Veck se levantou, vestiu o casaco, e buscou por vários bolsos, sem dúvida verificando o distintivo, arma, carteira, chaves e os cigarros.

—Você precisa parar de fumar, — ela deixou escapar.

Enquanto ele congelava, ela pensou, *Droga*, que maneira de soar como uma namorada. Aquelas três palavras que lhe enviou por e-mail não davam esse direito. Continuo nessa direção? Sim. Mas não era uma porta larga o suficiente para passar um ônibus.

O problema era que ela se preocupava com ele o suficiente para não se sentir confortável em sentar-se e observá-lo se matar lentamente.

Veck pegou seu maço aberto de Marlboro... e esmagou-os na mão.

—Você está certa. — Ele jogou o maço no cesto de lixo debaixo da sua mesa. —Se eu ficar irritado pelos próximos dias, peço desculpas.

Reilly não conseguiu deter o sorriso no rosto. E num sussurro que só ele podia ouvir, ela disse:

—Eu vou pensar em algumas maneiras para distraí-lo.

Conforme ela lentamente cruzava e descruzava suas pernas, os olhos dele ardiam. O que lhe disse que ela poderia muito bem ter revelado seus Segredos¹⁸³, por assim dizer.

—Eu vou me assegurar de lembrar você disso. — Ele piscou como um bad boy que sabia o que fazer com seu corpo. Naturalmente. — Fique com Bails e me ligue quando tiver terminado, okay?

—Combinado.

Ela voltou para a mesa que estava usando, mas o viu sair pela porta com o canto do olho.

Bom Deus, esse homem parecia bom demais por trás...

Capítulo 35

Em algum nível, parecia bom estar fora fazendo seu trabalho, Veck pensou algumas horas mais tarde.

¹⁸³ Como *Secrets* estava em letra maiúscula no original, é um trocadilho com *Victoria's Secret*.

Ok, *não* era bom que algum maldito bastardo tenha levado um tiro na cara, ou que nenhum dos vizinhos quisesse dizer uma palavra sobre o que pudessem ter visto, ou que ele e De La Cruz estivessem, provavelmente, gastando as solas de seus sapatos por nada. Mas isso era o curso normal dos negócios duros de merda. Não se tratava de seu pai ou o estranho, que não deixava pegada, a merda do perseguidor da meia-noite.

A vítima em questão, foi estourada enquanto estacionava, sentada no banco do motorista de seu SUV, neste complexo de apartamentos de doze andares conhecido pelo seu animado e ilegal comércio de *Pague e Leve*¹⁸⁴. Descoberto esta manhã pelas equipes de varredores de rua, não havia drogas ou dinheiro no corpo ou no veículo, mas tinham encontrado uma lista de nomes e valores em dólares em um pedaço de papel amassado no casaco do rapaz, resíduos de crack em uma série de sacos plásticos na parte traseira e um total de cinco armas no carro.

Nenhuma das quais foi, evidentemente, capaz de alcançar rápido o suficiente.

A menos que se assumisse que aquelas que eram de fácil acesso foram levadas o restante dos valores.

Por volta de meio-dia, ele e De La Cruz estavam bem em suas rondas nos edifícios, batendo nas portas, tentando fazer que as pessoas que suspeitavam de policiais e tinham medo legítimo de retaliação, falassem.

Enquanto ia de porta em porta, mantinha a lembrança da careta congelada da vítima, como o garoto estava sentado e caído atrás do volante, o cinto de segurança em seu peito era tudo o que o mantinha reto, as características faciais que o identificavam para sua mãe e sua família e seus amigos estavam arruinadas ao ponto de ser necessário buscar os registros dentários.

Pensando em Kroner naqueles bosques, Veck lembrou de seu próprio desejo de matar. A ideia de que ia arrebatar um malfeitor fazia parecer mais justificável, no mínimo, para uma parte dele, mas isso realmente importava?

Inferno, o filho da puta que tinha baleado a vítima na SUV, sem dúvida tinha as suas razões ou as dela, por mais distorcidas que pudessem parecer em uma escala de moral objetiva. Exceto que um ato assassino era um ato assassino, não importa o temperamento do alvo. Pena que nada daquilo importava para o lado negro dele: aquele elemento não dava a mínima se Kroner era um santo ou um pecador, o assassinato, o controle tinha sido a coisa. O objeto da ira? Importante apenas na medida em que era um alvo a abater.

Que era, sem dúvida, como seu pai se sentia em relação às outras pessoas.

E que pensamento feliz era.

Quando o sol começou a baixar e as sombras cresceram, o calor da tarde diminuiu e o complexo pareceu ainda mais sujo. Ele e De La Cruz se separaram e enfocaram os edifícios ao redor de onde o corpo foi encontrado, mas dado que havia seis blocos de apartamentos, teriam sorte de cobrir esta parte até as cinco horas.

Afastando-se entretanto de mais outra não-resposta, Veck alcançou as escadas de concreto áridas, descendo para a entrada. As portas da frente deveriam estar bloqueadas, é claro, mas tinham sido chutadas para abrir tantas vezes, que era uma maravilha que todas elas fechassem.

¹⁸⁴ **Pague e Leve** – Tipo de comércio onde o comprador paga a mercadoria e a leva consigo na hora, geralmente pagando um preço menor do que no comércio tradicional, o vendedor não tem serviço de entrega.

Esfregando o rosto e desejando ter um cigarro, virou-se para o leste e foi para o último prédio que estava sob sua responsabilidade. Estava justo na porta quando seu telefone tocou. O texto de Reilly dizia que estava indo ao hospital agora com Bails.

Bem, pelo menos, isso lhe dava mais algum tempo para amarrar as coisas sobre este caso.

E depois, talvez fazer uma pequena viagem até Connecticut, uma voz interior sugeriu. Para ver seu pai.

Realmente olhou para trás para ver se alguém estava falando com ele. Mas não havia ninguém, exceto ar e a luz fraca do sol às suas costas.

Tanto quanto a convicção de que iria, provavelmente, fazer exatamente isso. Em breve.

Com uma maldição, virou-se para a entrada e enquanto ele girava, passou a olhar para baixo no cimento rachado da calçada.

O que viu, o deteve mortificado.

Olhou por cima do ombro de novo. O sol estava se pondo bem atrás dele, o sol, como uma única fonte de luz. E não havia grande superfície reflexiva para lançar uma segunda iluminação, nenhum carro com um monte de cromo, nenhuma luz de palco, *pelo amor de Deus*.

Olhou para baixo novamente para seus pés. Havia duas sombras lançadas por seu corpo. Duas sombras separadas e distintas, uma apontava para o norte, outra para o sul.

Evidência gráfica de que sempre sentiu, suas duas metades, cortadas à parte, atraindo-o em direções opostas.

Olhe para baixo em seus pés, Thomas DeVecchio... e então me chame quando tiver medo o suficiente.

Enquanto a voz de Jim Heron ricocheteava por sua mente, pensou em Reilly. Teria sucesso em protegê-la de qualquer perseguidor, tão fodida certeza de que poderia ser o que ela precisava. Mas toda essa estupidez não se aplica a essa merda no chão. Não entendia por si mesmo, como diabos poderia lutar contra isso por ela?

Reilly estava vulnerável. Caso contrário não teria passado a noite anterior sentada em uma cadeira com uma arma na mão.

Sou o único que pode ajudá-lo.

Deus sabia que se Heron quisesse machucar algum deles ou ser violento, poderia. Em vez disso, tudo o que o cara fez foi apontá-los na direção certa da caça... e desaparecer.

Decisão tomada, Veck agarrou o telefone. Tinha guardado o número de Heron em seus contatos para o relatório do incidente com o cara e enquanto ligava, orou para que o homem que não deixava pegadas atendesse... e lhe contasse sobre o que estava em seus próprios pés.

O som de um telefone celular tocando alto atrás dele o fez girar rapidamente.

Jim Heron estava a três passos de distância, como se o cara estivesse lá o tempo todo... O qual tinha estado, não esteve?

Veck estreitou os olhos e fez um retrato visual cuidadoso do homem. O desgraçado parecia sólido o suficiente em sua jaqueta de couro e calças. Enquanto exalava fumaça de seu Marlboro, a merda flutuava e acariciava o botão desejo de Veck.

Mas ele não era real, era?

Coração batendo forte no peito, Veck apertou *final* em seu telefone e o som que vinha do bolso de Jim cessou.

— O tempo está ficando curto, — o cara disse.

E isto fez Veck pensar sobre seu pai: aquela nota no correio. Uma ampulheta, que ia drenando enquanto estavam cada vez mais perto da execução.

A qual chegaria muito em breve, não chegaria?

Era isso, pensou. Tudo, toda a sua existência, levou até este... seja lá o que essa porra fosse.

Quando Veck encontrou os olhos do homem, sentiu como se o filme de sua vida estivesse fora de foco, mesmo sem estar ciente que a merda estava borrada. O cinegrafista, no entanto, tinha finalmente acordado e continuou o programa com seu equipamento... e era um fodido mundo novo.

Especialmente tendo em conta o fato de que a luz do dia desaparecendo estava vindo de trás de Jim Heron... e não havia nada no pé do cara. Sem sombra totalmente.

— Que porra é você? — Veck perguntou.

— Estou aqui para salvar seu traseiro, isso é o que sou. — O cara deu uma tragada em seu cigarro e exalou lentamente. — Está pronto para falar comigo agora?

Veck olhou para seu próprio par de linhas, na forma de seu corpo.

— Sim... estou.



Reilly estava ao volante de seu carro desmarcado enquanto ela e Bails iam até o complexo Hospitalar St. Francis. Ao seu lado, o detetive estava quieto no assento do passageiro enquanto navegava pelo tráfego congestionado e ficava presa em sinais vermelho, depois pegou um desvio que a levou na direção oposta.

— Mais disso e vou começar a pensar que alguém não quer que falemos com Kroner, — murmurou.

Bails nem sequer levantou o olhar.

— Sim...

Mais silêncio. Até o ponto onde ia pedir-lhe para só jogar tudo para fora: A última coisa que precisavam era esse tipo de tensão quando estariam na frente de um assassino.

Bails falou antes dela, no entanto.

— Desculpe, não estou falando. Eu simplesmente não sei o que fazer...

— Sobre o quê? — Quando foi seguro tirar os olhos da estrada, jogou-lhe um olhar rápido. O cara estava batendo os dedos contra a porta, olhando para fora do para-brisa, como se estivesse à procura de respostas no vidro.

— Sei que você viu meu e-mail, — disse após um momento.

— Se só isso fosse o grande problema. — quando ela jogou outro olhar para ele, deu de ombros. — Sabe que Veck e eu somos próximos, não é?

— Sim.

— E sabe que eu sempre estarei atrás dele cem por cento. Até a morte! Esse menino é meu. Quando ele bateu sobre o seu coração, ela disse:

— Ok.

— Então, sim, vi o e-mail que ele enviou a você. Não queria, mas estava em sua tela quando voltei para vocês dois. — Olhou para cima. — Não estava xeretando. Estava lá.

Maldição.

Isso foi tudo que ela disse. *Maldição.*

— Então agora... — Seus dedos acalmaram e balançou a cabeça. — Não sei o que fazer.

— Sem ofensa, mas por que é de sua conta? E não quero ser uma cadela, mas...

— Eu sei coisas sobre ele que você não sabe e acho que fez algo ilegal. E dado que está com ele, não sei quem na Assuntos Internos virá. Bom o suficiente para você?

Quando Reilly exalou como se tivesse levado um soco no estômago, quis parar bruscamente. Que bom que estavam finalmente no hospital e podia parar no estacionamento aberto na frente da sala de emergência.

Quando desligou o motor, o encarou.

— Que história é essa?

Bails colocou a mão no painel deslizou a mão para trás e para frente. Então, limpou a fina camada de pó que havia levantado em sua coxa.

— Olha, sou um policial porque quero proteger as pessoas e porque acredito no sistema. Não acho que uma sociedade civilizada pode existir sem a polícia, os tribunais e as cadeias. Há pessoas lá fora que só não pertencem à população em geral. E ponto!

— Você não disse uma palavra sobre Veck. PARA SUA INFORMAÇÃO:

— Disse a você que tem um arquivo?

Quando um arrepio de frio percorreu sua coluna, se forçou se manter composta.

— Não

— Pensava que não.

Esse cara estava cheio de porcaria, pensou.

— Escute, sinto muito em duvidar de suas fontes, mas não há nada em seu arquivo pessoal, e você não pode mentir sobre essas coisas. Tudo o que o Recursos Humanos têm de fazer, e fizeram, é passar seu nome.

— Nem quando é merda do reformatório.

Reilly piscou. Forte.

— Perdão?

— Ele tem um arquivo juvenil. Um sério.

— Como sabe disso?

— Vi a coisa. Com meus próprios olhos. — Bails deixou sua cabeça cair para trás contra o descanso. — Conheci Veck na academia de polícia. Era um solitário que fazia tudo certo, eu era o palhaço da turma. Nós apenas... conectamos. Depois que saímos, ficamos em contato mesmo depois de sermos designados para delegacias diferentes em Manhattan, e então me transferi para cá. Por todos os anos que o conheço, sempre foi contido. No controle. Duro, mas justo. De fato, é um dos melhores caras que já conheci e o recrutei para vir a Caldie porque queria trabalhar com

ele. — Bails amaldiçoou. — Em todo o tempo que o conheço, nunca pensei que não fosse apto para o trabalho por causa dessa merda com seu pai... até agora. Tudo começou com ele acertando aquele *paparazzi*. Então a coisa Kroner na floresta. É como seu envólucro saindo, mas não ia dizer nada, realmente não ia, até...

— Espere. Pare. — Reilly limpou a garganta, pensando que uma dose de protocolo poderia acalmar a dor de cabeça que sentia entre os olhos. — No interesse de propriedade, deve entrar em contato com meu supervisor imediatamente se tiver alguma coisa a dizer referente ao Detetive DelVecchio. Estava certo antes de começar... não deveria me dizer essas coisas. Não deveria... estar na posição que estou agora com respeito a ele. Com certeza, tenho um compromisso com você e eu voltarmos desta entrevista para que possa relatar adequadamente a relação com o meu departamento.

Bails esfregou os olhos e assentiu.

— Vou fazer isso... mas acho que precisa saber, também. Pois se alguma coisa acontecesse com você, nunca iria me perdoar.

Diante disso, Reilly se enrijeceu.

— Por que se preocupa com a minha segurança?

Passou a mão pelo cabelo.

— Veja, ajudei-o a mudar-se para sua casa, sabe, quando ele chegou aqui. Tinha todas essas caixas velhas que precisavam ir para o sótão. Estava carregando uma delas e o fundo caiu. Papéis malditos caíram por toda parte e comecei a recolhê-los, e lá estava ele. Seu arquivo de registro juvenil de meados dos anos noventa.

— O que dizia? — conseguiu falar através de uma garganta fechada.

— Tinha todo os sinais de comportamentos psicóticos, antissociais que existem. — Bails franziu o cenho. — Sabe do que estou falando, então não vou listar a merda que fez.

Tortura animal? Fixação com fogo? Xixi na cama?

— Tudo isso, — disse Bails, como se estivesse lendo sua mente.

— Mas nunca fez nada quando adulto, — rebateu, exceto que isso foi menos uma declaração do que uma pergunta.

— Não que nós saibamos. E, veja, é isso que está me preocupando. Psicopatas são realmente bons em fingir ser normais. Na superfície, se encaixam, porque se dedicam em fazê-lo. E se este período de relativa paz e sossego até agora... for tudo o que ele pode gerenciar? O fim do período de atuação e o momento em que o ele real faz sua aparição? Não pode negar as coisas que têm acontecido, inferno, não seria a garota dele se as coisas estivessem indo bem. — O conflito no rosto Bails era fácil de ver. — Ou pior... e se nós simplesmente não sabemos o que realmente vem fazendo? Digo a você, não consegui dormir à noite passada, tentando conciliar o que acredito que ele seja... com o que pode *realmente* ser. Se isso fizer sentido.

Reilly ouviu a voz de Veck em sua cabeça: *quero fazer tudo perfeito para você*.

E fez. Disse as coisas certas. Fez as coisas certas.

Abandonou os cigarros por ela, ou pelo menos tinha feito isso na frente dela.

Tinha se apaixonado por ele em quatro dias.

Incidente fortuito? Ou planejado?

Mas onde isso o levaria? Tinha sido o único a defender a suspensão... a menos que fosse uma atitude deliberada? Ela certamente cuidou de defender o seu caso e sua reputação, a qual tinha mais credibilidade do que a dele até então, não é.

A voz de Bails flutuou.

— Não pode confiar nele. Estou vendo isso agora.

— Só porque não lhe contou sobre o que aconteceu quando era mais jovem? — se ouviu dizer. — E além disso, manter um arquivo fechado para si mesmo não é ilegal.

— Acho que plantou evidências. O brinco de Sissy Barten, especificamente. Para fazer parecer que Kroner foi o responsável.

Ela não se preocupou em esconder seu sobressalto.

— *O quê?* E como?

— Foi até o quarto dela, não foi? O dia em que vocês dois foram à casa Barten. Disse que você ficou lá embaixo quando subiu. E estava na sala de provas ontem de manhã, falei com Joey, um dos investigadores da cena do crime. Disse que Veck esteve por lá, e poderia ter plantado isso então.

— Mas ele disse que encontrou o brinco entre as provas.

Bails esfregou os olhos novamente.

— Chequei o registro preliminar dos itens do caminhão, a lista que foi feita logo após pegarmos o veículo. Não havia qualquer anotação de um brinco em forma de pomba. Isso é o que estava checando de novo justo quando cheguei e vi vocês dois esta manhã.

Então esse era o motivo porque parecia atordoado?

Ela balançou a cabeça.

— Mas o que ele tem a ganhar? A menos...

Oh, Deus... e se ele a matou. E se Kroner de alguma forma viu algo no curso de sua própria obra maligna naquela caçada?

— Leu o relatório sobre o corpo de Sissy, certo? — Bails disse.

— Claro! — Passou a manhã toda sobre ele, e a conclusão à que primeiro chegou quando o corpo havia sido encontrado agora era inevitável: Nenhum dos ferimentos da vítima combinava com os dos outros assassinatos de Kroner, e esse tipo de mudança não acontecia normalmente. Normalmente, o método e as obsessões não mudavam.

— Então tem que saber que ela não foi profanada por Kroner. E talvez, depois de adicionar tudo... talvez Veck tenha feito isso.

Deus do céu, não conseguia respirar. Parecia que havia mãos em torno de sua garganta.

— Mas... por quê?

Embora fosse uma pergunta silenciosa a se fazer, temia.

— Quanto sabe sobre o pai de Veck? — perguntou o detetive. — Seus assassinatos?

— Apenas o que estudei na faculdade.

Bails focou novamente para fora da janela da frente.

— Sabia que a primeira vítima do pai dele foi sangrada pelo pescoço e pulsos... pendurada pelos pés. Também foi marcada como a menina Barten foi. Sobre o estômago?

Reilly estendeu a mão para a maçaneta e empurrou a porta aberta. Não era apenas pelo ar fresco. Era porque ela estava realmente indo vomitar.

— Sinto muito, — Bails disse, sua voz áspera.

— Eu também, — resmungou, embora isso não fosse encobrir a coisa.

Quando olhou para a calçada, sabia que foi enganada. *Grande*. E claro, Veck se esforçou. Ela era a advogada dele na central, aquela suposta a verificá-lo com cuidado e decidir mantê-lo ou não na força: Queria continuar trabalhando e ela estava em posição de tornar isso possível.

— Agradeço a Deus por você, — ela engasgou. Pena que não conseguia olhar para Bails, estava simplesmente muito mortificada por ter sido manipulada tão bem. — Agradeço a Deus por você dizer alguma coisa.

Capítulo 36

— Então sobre o que quer falar primeiro?

Quando Veck falou em voz baixa, manteve os olhos fixos em Heron. Os dois se esquivaram ao virar na esquina do prédio e estavam de pé nas sombras ao lado de um arbusto ressecado.

O olhar de Jim estava fixo e sua voz parecia um profundo sino da igreja.

— Sabe, tudo. Todas as respostas que quer? — O homem pôs o dedo indicador no peito de Veck, bem em cima de seu coração. — Estão dentro de você.

Veck queria bater de volta nele com um fodido *o que seja, imbecil*. Mas não podia.

— Meu pai quer me ver, — foi sua resposta, em vez disso.

Heron assentiu e pegou seus cigarros. Quando inclinou o pacote para frente, era tudo que Veck poderia fazer para não pegar.

— Não, parei.

— Inteligente. — Heron ressaltou. — Aqui está a forma que isso funciona. Vai encontrar-se em uma encruzilhada. Será uma escolha que terá que fazer, uma ação a ser tomada ou não, uma decisão entre polos opostos. Tudo o que é, o que foi e o que poderia ser, medido em sua decisão. E as consequências? Elas não afetarão somente você. Afetam a todos. Isto não é simplesmente sobre vida e morte, é sobre a eternidade. Sua. Dos outros. Não subestime o quão longe isto vai.

Enquanto o homem falava, Veck sentiu os dois lados dele começarem a se dividir. Metade foi totalmente repelida. A outra...

Veck franziu o cenho. Piscou algumas vezes. Desviou o olhar e olhou para trás. Deus era sua testemunha, podia jurar que havia um brilho cintilante sobre ambos os ombros de Heron e ao redor de sua cabeça. E a ilusão bizarra deu credibilidade a esse pesadelo todo. Assim como o fato de que no momento em que ele quis o cara, o filho da puta estava bem atrás dele... e depois havia falta de pegadas na pedreira... e o show de luzes que aconteceu na escada na casa Barten.

Veck levou mão até o esterno e esfregou forte na sombra escura em seu peito.

— Nunca me ofereci para isso.

— Eu sei como que se sente, — Heron murmurou. — No seu caso, você nasceu para isso.

— Diga-me o que sou.

— Você já sabe.

— Diga.

Heron exalou lentamente, a fumaça subindo pelo brilho dourado.

— O mal. Você é o mal encarnado, ou, pelo menos, metade de você é. E num futuro muito próximo, talvez esta noite, talvez amanhã, vai ser convidado a escolher um lado sobre o outro. — O cara apontou para si mesmo com a mão de fumar. — Estou aqui para tentar fazer com que você escolha sabiamente.

— E se não o fizer?

— Você perde.

— Certo. E então o quê?

O homem balançou a cabeça devagar, seus olhos estreitando.

— E vi onde acabá depois disso. Não é bonito.

— O que você é?

A expressão de Heron não mudou. Nem a sua posição. E nem sequer parou de fumar. Apenas num minuto ele era um homem; no próximo...

— Jesus... Cristo... — Veck ofegava.

— Nem de longe. — Apagou o cigarro na sola da bota de combate. — Mas sou o que sou.

E isso seria... um anjo, evidentemente: À luz fraca e desvanecida do dia, um refratado brilho, mostrava a visão que apareceu sobre os ombros dele em forma de asas gigantes, tornando-as magníficas e etéreas.

— Fui enviado para te ajudar. — O homem... anjo... merda, o que fosse... focou novamente em Veck. — Então, quando for ver seu pai, quero estar com você.

— Já esteve comigo. Não é?

— Sim. — O cara limpou a garganta. — Mas não enquanto estava... você sabe.

As sobrelanceiras de Veck levantaram.

— Ah Sim. Bom!

Eeeeeee foi a deixa para olharem para outro lugar, qualquer outro lugar.

Veck pensou naquela noite com Kroner.

— E se a encruzilhada já aconteceu?

— A coisa Kroner? Não foi legal.

— Bem, sim, assassinato não é.

— Não, não dessa forma. Não sou o único que quer você, mas o outro lado pulou a ordem nesse arranjo.

— Outro lado?

— Como disse, não sou o único neste jogo. E confie em mim, o inimigo é uma verdadeira cadela. Tenho certeza que vai conhecê-la em breve, se ainda não conheceu.

Oh, grande, mais boas notícias, Veck pensou.

E então deixou escapar:

— Ia matá-lo. Kroner, quero dizer. — *Porra*, teria sido bom ter feito isso.

— Quer dizer, *parte* de você ia. Vamos esclarecer, você não fez o dano e também chamou o 911 e se não tivesse feito isso, ele teria sangrado direito aos seus pés.

— Então, o que o atacou?

— Pensa estar surpreso por estar falando com um anjo? Não quer saber o que mais está lá fora. — Jim acenou com a mão dissimuladamente. — Mas não é sobre isso que eu e você precisamos nos preocupar. Iremos ver seu pai. Juntos. ASAP¹⁸⁵.

Veck pensou na sensação da chegada do destino, aquela em que se sentia como se sua vida tivesse escorregado para o modo de culminação. Nem mesmo a mais remota hipótese, era assim.

— É a encruzilhada?

— Talvez sim, talvez não.

Abruptamente, Jim abaixou suas pálpebras e inclinou a cabeça para baixo. Quando olhava pelas fendas viciosas, era completamente mortal, e precisamente o tipo de coisa Veck ficava feliz por cobrir suas costas: Tinha uma sensação de que precisaria de outro lutador bom por perto se estava indo lutar contra esse lado de si mesmo.

E isso era o que significava. Uma luta até a morte.

— Vamos descobrir, — prometeu o anjo, — quando chegarmos lá.



Tudo aconteceu por uma razão, Reilly pensou quando ela e Bails saíram do quarto de Kroner meia hora depois.

As condições de Kroner pioraram, quase como se seus ferimentos fossem um mar no qual brevemente vinha à tona, apenas para ser puxado para baixo novamente: não foi capaz de se concentrar, murmurou respostas que não faziam sentido e não muito tempo depois que chegaram, ela e Bails desistiram.

— O que tem a ver o sofrimento? — Bails murmurou enquanto segurava a porta do elevador aberta para ela.

Reilly balançou a cabeça quando começaram a descer.

— Não sei.

Era o mesmo de antes. *Ele tem que saber que ela sofreu... Ele tem que saber que ela sofreu...*

Não tinha pista alguma, e nenhuma ideia do era a conexão entre Kroner e Veck. *Inferno*, neste momento, não se sentia como se pudesse confiar em seus instintos quando se tratava de seu próprio nome. Especular sobre essa bagunça? Totalmente impossível.

Quando saíram para o saguão e se dirigiram para a porta giratória para o estacionamento, Bails consultou o relógio.

— Você quer um drink? Vou fazer a minha declaração em pouco mais de uma hora e preciso de um de antemão.

Sim, porque quando um detetive tem a informação como ele tem sobre outro, não era o tipo de coisa que as pessoas achavam boa. Chamou a Central logo após terem conversado e dentro de

¹⁸⁵ ASAP (*Sigla para As Soon As Possible*) — o mais rápido possível.

um minuto e meio, o sargento marcou uma reunião de chefia, mesmo que isso acontecesse bem após o horário comercial.

Não admira Bails querer uma cerveja.

— Obrigada, — ela murmurou, — mas como disse, tenho uma reunião com meu supervisor agora mesmo.

Então, isso não os tornava muito parecidos?

Juntos, ela e Bails andaram nas linhas de carros, chegaram a seu não marcado e colocaram o cinto de segurança. Ambos permaneceram em silêncio durante a viagem de volta à central. Não havia muito o que falar e Bails parecia traído e doente, assim como ela se sentia.

Separaram-se com um abraço e quando ele se dirigiu para o próprio carro, ela o olhou ir embora. Veck os colocou no mesmo barco. E isso significava que aquele que foi um estranho era agora uma espécie de amigo...

Quando seu telefone tocou em sua bolsa, sabia quem era antes que o tirasse.

Veck.

Agora, era para isso que inventaram o correio de voz, pensou ela.

Exceto que provavelmente viria à sua procura, o que era a última coisa que queria. Um cara a cara devia ser evitado a todo custo.

Ela apertou o “atender”.

— Alô.

Havia um zumbido no fundo, como se estivesse em um carro.

— Reilly... o que há de errado?

De uma forma desapaixonada, como se estivesse observando-o do outro lado de um espelho de mão dupla, ela pensou, sim, foi assim que a seduziu: A emoção que estava projetando naquela voz profunda era a combinação perfeita de preocupação e com arestas vivas de proteção.

— Eu estou bem. Apenas acabamos de ver Kroner, não conseguimos nada de novo. — Não do cara, é claro. Bails era uma história diferente.

— Você não soa bem.

O que significava que qualquer ambição que teve de, talvez, se tornar uma psicopata estavam fora de alcance. *Que vergonha!*

Na verdade, a ideia de que não pudesse esconder as coisas era um alívio. Não queria ser como Veck. Nunca.

— Reilly... fale comigo.

— Estive pensando muito sobre o meu trabalho hoje, — disse — Não é apropriado para nós termos começado a nossa relação onde aconteceu. Comprometi a integridade da força, minha posição e a mim mesma. Verei o meu supervisor agora e renunciarei ao seu caso. Provavelmente haverá algumas reprimendas do meu lado, mas vou lidar com isso...

— Espere, o quê? Por que você está...

— E não acho que devemos ver um ao outro novamente.

Houve uma pausa. E então ele disse:

— Simples assim.

Agora parecia frio e era isso que ela queria, o ele verdadeiro, o ele real. Mesmo que só fizesse perceber novamente o quão estúpida tinha sido.

— É o melhor, — ela concluiu.

Quando ele não disse mais nada, começou a ficar agitada, porque tinha que saber exatamente do que ele era capaz. Sem dúvida, foi ele quem a perseguiu anteontem a noite... o que seja, esta conversa acabou e uma vez fizesse declarações para seu chefe, e Bails cumprisse o seu dever, Veck teria vários outros problemas, estaria muito ocupado procurando um advogado de defesa para perder tempo em retaliação. Ou pelo menos, esperava que fosse o caso.

Inferno, melhor ainda, estaria preso.

— Tenho que ir, — disse a ele.

Houve outra pausa, e então sua voz estava extremamente calma.

— Não vou incomodá-la novamente.

— Apreciaria isso. Adeus.

Não esperou que respondesse. Não estava interessada em ter uma longa e arrastada conversa onde tentasse manipulá-la novamente, ou pior, deixasse a máscara cair completamente e a ameaçasse.

Sua mão tremia tanto, que precisou de duas tentativas para colocar o telefone de volta em sua bolsa. Apoiando-se contra o seu carro, olhou para feia parte de trás da QG e não se sentiu como se tivesse a força para ir lá e enfrentar seu chefe.

Mas sabia o que tinha que fazer... porque foi assim que foi criada.

Capítulo 37

Quando Veck desligou seu celular, ele olhou para a tela e achou difícil de acreditar que a conversa com Reilly acabara de acontecer.

— O que?

Ele olhou para Heron. O cara, anjo, quem diabos se importava, estava ao volante do caminhão com eles todos dentro, e seu amigo de asas, *Cristo*, como isso poderia ser real? Estava no banco de trás da cabine dupla, ocupando mais da metade do espaço.

Os três estavam indo para a Instituição Correcional ¹⁸⁶do Norte em Somers, Connecticut.

— Nada. — Veck disse suavemente.

— Besteira. — veio da parte traseira.

A primeira palavra que o outro homem falou. O que significava que de fato ele estava respirando, aparentemente, era à única pista de que ele estava vivo.

Jim moveu seu olhar para ele.

— Não há coincidências. Quando chegamos tão perto dos assuntos finais, tudo importa.

— Era... — *Minha garota? Ex-garota? Assuntos internos oficiais?* — Reilly.

— O que ela disse?

— Ela não quer me ver. Nunca mais.

As palavras foram ditas fatalmente, em uma calma e profunda voz, assim pelo menos seu pau e bolas ainda estavam com ele. No centro do peito, no entanto, havia um grande buraco negro de agonia, como se fosse um desenho animado que possuía uma bala de canhão atravessada nele.

— Por quê? Ela deu uma razão?

— Se importa se eu pedir um cigarro?— Quando Jim estendeu o pacote, Veck pegou dois, pensando que agora era um momento perfeito para pegar aquela coisa de eu-parei e jogar pela janela.

— E a razão é?

— Porque ou eu fumo algo agora ou esmurro o vidro ao meu lado.

— Boa pedida para a Marlboro. — veio da parte de trás. — Nós estamos indo a setenta e está fodidamente frio lá fora.

Veck pegou o isqueiro que foi oferecido, meneou o Bic, estalou a abertura. Quando ele inalou, pensou que era uma pena que houvesse tantos agentes cancerígenos no bastardo, porque certo como uma merda, o fez se sentir um pouco melhor.

Não ia durar, no entanto.

Ao contrario da dor atrás de suas costelas. Ele estava com a sensação de que ia esperar por um looooooongo tempo. Como um perpétuo ataque cardíaco.

Exceto, cara, ele deveria saber que isso iria acontecer. A mulher entrou nos Assuntos Internos, porque gostava de coisas que eram feitas certas, bem feitas. Foder ele? Portanto, não estava na lista. Se apaixonando por ele? Não seja fodidamente ridículo.

— Razão? — Jim latiu.

— Conflito de interesses.

— Mas por que agora? Ela tinha que saber o que estava fazendo o tempo todo.

— Eu não sei. Não importa, por sinal.

A boa notícia era que eles não poderiam demiti-lo de seu trabalho só porque ela acordara e se arrependera, por assim dizer. Eram dois adultos conscientes, e sim, parecia ruim, mas ela estava fazendo a coisa certa e era o fim do jogo.

Inevitavelmente, ele ia ser chamado para a variedade de perguntas da recursos humanos, e estava indo ser um cara convincente e dizer que foi tudo ideia dele. Que ele fez: Ele foi o perseguidor, bem como o imbecil com o eu-amo-você.

Burro. Que burro do caralho ele era...

Nada mais foi dito durante o resto da viagem, o que estava muito bem para ele. As imagens em sua cabeça de Reilly e ele juntos faziam com que não confiasse em sua voz, e não porque a voz dele ficaria falhada e desajeitada. Ele corria o risco de morder alguém na cabeça no momento.

Quando chegaram dentro de uma milha da prisão, Jim parou na cidade pouco antes da instituição e eles trocaram de lugares.

Agora ao volante, Veck jogou o caminhão em movimento e assumiu o papel de que ele era: um policial.

— Então ninguém vai te ver?

Embora não era como se ele não acreditasse que o cara pudesse ficar invisível. Heron havia se esquivado dele por dias com nada mais do que um sussurro de instinto para virar aquela merda fora.

— Isso está certo.

— Contanto que... — Veck parou de falar quando ele olhou para o assento de repente vazio ao lado dele. Verificando rápido no espelho retrovisor e na parte traseira também estava completamente ocupado por absolutamente nenhum cara grande, valentão.

— Vocês FDPs já pensaram em roubar bancos. — disse ele secamente.

— Não preciso do dinheiro. — disse Jim do éter¹⁸⁷ ao lado dele.

— Não precisa do aborrecimento. — veio da parte de trás.

Veck esfregou o rosto, pensando que provavelmente seria melhor se sentir como se tivesse enlouquecido, enquanto ele se metia em conversas com o ar rarefeito. O problema era, que ele desafiou e lidado com toda essa realidade alternativa durante toda sua vida. A ideia de que era uma realidade e não uma função da loucura era insano, mas também o fazia se sentir saudável.

Apesar d... isso assumir que ele não era uma “*Mente Brilhante*”¹⁸⁸ completamente.

Então novamente, eram impulsos homicidas e não esquizofrênia que corria em sua família, então ele provavelmente não perdera a cabeça, depois de tudo.

Mas. Que. Alívio...

Antes de sair de Caldwell, Veck previamente ligou na prisão, não o número que seu pai forneceu, mas a linha geral, e se identificou. Não estava nem perto do horário de visitas, mas cortesias eram estendidas à luz da sua ocupação profissional, bem como o fato de que seu pai estaria em uma cova em cerca de 48 horas. Havia também, sem dúvida, o fator da curiosidade, algo sobre o que Veck não tinha ilusões: em algum momento, esta visita ao leito de morte iria aparecer em todos os lugares... na Internet, na televisão, no rádio.

Iria, provavelmente, bater na Net antes mesmo que ele voltasse ao estado de Nova York.

E o que você sabe.

À medida que ele zerava na estrada que conduzia para os muros da penitenciária, havia um pequeno exército reunido em ambos os lados do campo circundante. Fãs de seu pai.

Estavam lá, pelo menos uma centena deles, apesar de serem oito da noite, escuro como o interior de um chapéu, e frio. Estavam preparados, com lanternas e velas e cartazes protestando contra a execução, e no momento em que viram o seu veículo, eles correram para as bordas do asfalto, gritando, rugindo, o tumulto pressionando o caminhão mesmo que eles não chegassem perto. Claramente eles tinham formação sobre a desobediência civil, apesar do seu estilo de Sex Pistols¹⁸⁹ de vestir e o modo raivoso que carregavam as coisas: Ninguém bloqueou ou tocou o seu veículo, e ele começou a desacelerar apenas pra conseguir uma olhada neles.

Grande erro.

Um dos homens se inclinou na janela de Veck, e obviamente o reconheceu: Quando o cara gritou e apontou, o pavoroso êxtase que tomou conta das características dele fez Veck desejar colocar abaixo o vidro entre eles e algum senso no filho da puta.

¹⁸⁷ Éter – Fluido sutil que encheria, segundo os antigos, os espaços situados além da atmosfera terrestre.

¹⁸⁸ *Mente Brilhante* – Filme com Russell Crowe que conta a vida de John Nash, um matemático brilhante que era esquizofrênico.

¹⁸⁹ Sex Pistols – banda inglesa de punk rock. Veck se refere ao modo punk de se vestir.

Mas que desperdício dos nós dos dedos isso seria. O fudiota¹⁹⁰ tinha o símbolo da anarquia rabiscado em sua testa. Tente argumentar com isso.

— É ele! É ele!

A multidão aumentou o aperto e correu para o caminhão.

— O que há de errado com essas pessoas? —ele murmurou quando o atingiram, preparado para transformá-los em ornamentos de capô, se fosse preciso.

— Isso é o que ela faz. — disse Jim fora do ar.

— Quem é “ela”?

— Exatamente o que tentaremos tirar de você.

Sem tempo para acompanhar o tamanho da confusão. Ele virou para a pista que a polícia usava e parou na portaria. Olhando para o guarda, colocou a janela para baixo e mostrou o distintivo e a credencial.

— Thomas DelVecchio... Jr.

Ao fundo, a multidão estava gritando o seu nome, ou o do seu pai. Ambos deles, na verdade, e quão malditamente eficiente.

Os olhos do guarda caíram para a sua identidade, e voltou a enfrentar Veck. Havia uma quantidade de desconfiança em seu olhar, mas ele sem dúvida, manteria a linha dura contra os malucos da última semana.

Ainda assim, o cara apertou o interruptor do portão e as barras de ferro rolaram pra trás.

—Pare assim que ultrapassar. Vou ter que revistar seu veículo, detetive.

—Sem problema. — E faziam bem não fazê-lo do lado de fora. Só Deus sabia quanto tempo essa multidão ficaria no lugar.

Veck seguiu o protocolo, em marcha lenta no complexo e pisou nos freios no momento em que o seu pára-choque traseiro estava do outro lado desta primeira barreira. Quando saiu, pegou o maço de Heron de Marlboro com ele e pôs em bom uso, acendendo-os, enquanto os portões fechavam novamente e o oficial rastejava com uma lanterna.

Enquanto ele fumava, sabia que os anjos não estavam longe. Ele podia senti-los flutuando, e ele estava contente que estava de costas, especialmente quando ele olhava através das grades para a multidão de loucos. A energia nesses doidos era o tipo de coisa que o fazia grato por aquilo o separar do grupo deles.

—Você está livre para prosseguir, Detetive. — disse o oficial, a sua atitude diminuída. —Vá até a sua primeira à esquerda e estacione na porta por motivo de segurança. Um guarda está esperando por você.

—Obrigado, cara.

—Sem fumar porta adentro. Então você pode querer tomar seu tempo.

—Boa dica.

Voltou ao caminhão.

Parando no segundo portão. E então eles foram na instalação adequada.

¹⁹⁰ **Fudiota** – No original: *Fidiot – Fucking idiot (fodido idiota)* – termo usado quando não se pode usar a palavra *fucking*.

Prisões de segurança máxima não eram nada como eram no cinema. Nenhuma parede de pedra lavada e envelhecida com gárgulas olhando sua bunda. Nenhum mergulho-na-história, Al Capone colocou-sua-cabeça-aqui. Sem excursões.

Esse era um negócio muito moderno para manter as pessoas como seu pai isoladas e fora de circulação. Isso era sobre luzes brilhantes de xenon à noite, e câmeras de vídeo e monitoração computadorizada. Havia ainda guardas com armas e suficiente de arame farpado para executar um círculo em torno de toda a cidade de Caldwell, mas o procedimento era executado com os cartões de passe e computadores e portas das celas automatizados.

Ele esteve em vários desses lugares, mas nunca este: Assim quando seu pai foi condenado, uma carta foi entregue em mãos à casa da fraternidade onde Veck estava morando na faculdade como um sênior. Ele nunca deveria ter aberto o maldito envelope, mas ele nunca suspeitou de que seu pai poderia ter alguém para esgueirar a nota fora da cadeia.

Retrospectiva? *Que fodido ingênuo.*

Então, novamente, pelo menos lhe dissera aonde *não* ir.

Então sim, havia uma boa maldita razão para que Veck não trabalhasse em Connecticut, e fora para a força policial em vez do Federal Bureau of Investigation¹⁹¹. Nenhum fora-do-estado para ele, muito obrigado.

E ainda assim, aqui estava ele.

Como prometido, no momento em que ele saiu do caminhão, uma porta reforçada abriu amplamente e um guarda o encontrou e o levou para o inteiramente brilhante e bem-iluminado arredores. Como oficial da lei, normalmente, ele teria sido autorizado a manter seu distintivo e telefone celular e uma arma, desde que ele não entrasse no bloco das celas, mas ele não estava aqui em desempenho oficial, e isso significava que tudo seria verificado.

Quando ele mostrou seu celular, ele viu que a coisa tinha algumas mensagens. Claramente, a viagem abaixo pegara em algumas áreas onde não havia serviço, porque ele não ouvira o telefone tocar, mas ele não ia parar e ouvir agora. O que quer que fosse estaria esperando por ele quando saísse daqui. Além disso, tinha a sensação de que eram aproximadamente. Ele estava sem dúvida atribuído a outra pessoa da AI, *oh, alegria*. E Bails estava provavelmente em cima dele checando. O cara fazia isso, especialmente se ele mandou uma mensagem e Veck não respondesse.

Depois que ele assinou e deu todas as suas coisas para o guarda, foi levado por uma série de salas com não muito mais do que passos entre ele e o oficial da prisão. Mas sobre o que diabos eles estavam indo falar?

Está aqui para dizer adeus a seu pai? Oh, legal...

Sim, a primeira vez que eu o vi em anos, última vez nesta vida...

Divirta-se com ele, então.

Obrigado, cara.

Hum. Muita pressa pra ter isso.

Cerca de cem metros depois através do labirinto da prisão, Veck foi indicado a uma área de visita que era do tamanho de uma pequena cafeteria, e constituída como uma também, com mesas compridas que tinham assentos em ambos os lados. A coisa estava iluminada como

¹⁹¹ *Federal Bureau of Investigation – FBI*

mostruário de um joalheiro em exibição, com grandes painéis de lâmpadas fluorescentes parafusados no teto e no chão era um marrom salpicado, o tipo de coisa que escondia bem a sujeira, mas era mantida limpa e brilhava de qualquer maneira. Não havia janelas, sem plantas, e apenas um mural do que parecia ser a Assembléia Legislativa de Connecticut.

Embora o banco de quatro máquinas de venda automática adicionassem um pouco de cor.

—Ele está sendo trazido agora. — disse o guarda. —Nós o colocamos na área de contato de visitas como uma cortesia, mas vou ter de pedir que mantenha-se sentado com as duas mãos sobre a mesa o tempo todo, detetive.

—Sem problema. Você se importa onde vou sentar?

—Nop. E boa sorte.

O cara ficou apoiado contra a porta que eles chegaram, cruzando os braços e focando a parede nua do outro lado como se tivesse muita experiência com a pose.

Veck sentou à mesa em frente a ele e colocou as mãos sobre a lisa superfície.

Fechando os olhos, sentiu a presença dos dois anjos. Eles estavam a esquerda e à direita dele, de pé como o guarda fez, e ainda vigilantes.

A porta no fim da sala foi aberta sem um som... e então houve arrastar de pés.

Seu pai veio através do batente com um sorriso no bonito rosto, e algemado em seus pulsos e tornozelos. Apesar do fato de que ele estava em um macacão laranja largo, estava elegante, com seu cabelo cinza escuro penteado para trás da testa e sua atitude de embaixador era como uma bandeira real.

Mas Veck não dava a mínima para esse tipo de aparência, ele olhou para o chão. Seu pai derrubava uma sombra, tudo bem, uma simples sombra que se agrupava em torno de seus pés como tinta preta. O fato de que era mais escura do que qualquer outra no linóleo parecia lógico no novo paradigma.

— Olá, filho.

A voz era tão profunda e grave como sua própria, e quando ele levantou os olhos para seu pai, era como olhar no espelho, vinte ou trinta anos a partir de agora.

— Não há saudação para mim? — O DeVecchio mais velho disse quando veio para a frente com passos um pouco apertados, o guarda que o levava montava em seu traseiro tão perto que poderia muito bem ter tido outro macacão em suas costas.

— Estou aqui, não estou.

— Sabe, é uma vergonha que temos que ter dama de companhia.— Seu pai se sentou em frente a ele e pôs as mãos sobre a mesa... na posição precisa das que Veck estavam. —Mas podemos manter a nossas vozes baixas. — Os planos e ângulos daquele rosto aliviaram em uma expressão de calor, que Veck não compraria por um segundo. —Estou tocado por você estar aqui.

— Não esteja.

— Bem, eu estou, filho.— A entristecida agitação de cabeça foi tão apropriada que Veck queria revirar os olhos. —Deus, olhe para você... está muito mais velho. E cansado. O trabalho está difícil? Ouvi dizer que você está na aplicação da lei.

— Sim.

— Em Caldwell.

— Sim.

Seu pai repousou pra frente.

—Eu tenho permissão para ler os jornais e eu ouvi que você tem um pequeno demônio trabalhando lá em cima. Mas você o pegou, não. Na floresta. —Lá se foi a mentira benevolente, pai. Em seu lugar? Uma intensidade na expressão do homem fez que Veck quisesse se levantar e sair. — Você não fez. Filho.

Se os olhos eram as janelas da alma, então Veck encontrou-se olhando para um abismo... e da mesma forma se inclinou sobre a borda e olhou para baixo criando um aumento de vertigem induzida pela gravidade, ele sentiu um puxão.

— Que herói você é, filho. Estou tão orgulhoso de você.

As palavras destorceram nos ouvidos de Veck, seus sentidos ficando confusos, então foi como se ele os ouvisse e os sentisse como um roçar sobre sua pele.

Você devia tê-lo matado quando teve a chance, no entanto.

Veck franziu a testa enquanto percebia que seu pai falou sem mover os lábios.

Balançando a cabeça, Veck quebrou a conexão.

— Isso é besteira.

— Porque eu elogiei você? Eu quis dizer isso. Porque Deus é minha testemunha.

— Deus não tem nada a ver com você.

— Oh, não? — Seu pai rapidamente enfiou a mão no macacão e tirou um crucifixo antes que os guardas pudessem ficar de pau duro sobre a regra das mãos. —Posso assegurar-lhe que Ele faz. Sou um homem muito mais religioso.

— Porque fica melhor para você, sem dúvida.

— Não tenho nada a provar para ninguém.— Agora, os olhos brilharam. —Eu deixei minhas ações falarem por mim, você foi ao túmulo de sua mãe ultimamente?

— Não se atreva a ir lá.

Seu pai riu um pouco e levantou as mãos, mostrando os punhos de aço.

— Claro, eu não posso. Eu não estou autorizado para isso, aqui é uma prisão, e não o Four Seasons¹⁹². E, embora eu tenha sido falsamente acusado, falsamente julgado, e falsamente condenado à morte, estou realizado, assim como todos os outros estão.

— Não há nada falso sobre onde você está.

— Você realmente acha que eu matei todas aquelas mulheres?

— Vamos ser mais precisos, eu acho que você *massacrou* todas aquelas mulheres. E outras.

Balançando mais com a cabeça.

— Filho, eu não sei de onde você tira essas ideias. Por exemplo... —O olhar de seu pai levantou até o teto, como se estivesse diante de uma complexa equação matemática. —Você leu sobre a morte de Suzie Bussman?

— Eu não sou um dos seus fãs. Então, não, eu não acompanho o seu trabalho.

— Ela não foi a primeira garota que me acusaram, mas a primeira que pensaram que eu assassinei. Ela foi encontrada em uma vala de drenagem. Sua garganta cortada, seus pulsos foram cortados, e em seu estômago foi escrito com todos esses símbolos.

¹⁹² *Four Season – Hotel e Resort de luxo.*

Quando seu pai ficou em silêncio, ele ergueu o queixo e olhou para Veck.

Sissy Barten. Encontrada em uma caverna. Sua garganta cortada, os pulsos cortados, seu estômago inscrito com símbolos rituais.

— Agora, filho, como você sabe, os serial killers têm padrões que gostam de seguir. É como um estilo de se vestir ou uma área do país para viver ou em uma busca profissional. É onde você se sente mais confortável para se expressar... é o doce ponto no centro da raquete e a peça perfeitamente cozida de filé e a sala que está decorada ao seu gosto e de mais ninguém. É o lar, filho, aonde você pertence.

— Então você está dizendo que todas aquelas outras mulheres não poderiam ter sido o seu trabalho, apesar das evidências nas cenas, porque sua primeira não corresponde ao padrão?

— Oh, eu não matei ninguém.

— Então como é que você sabe sobre o doce ponto.

— Sou um pequeno bom leitor, e eu gosto de patologia.

— Eu aposto.

Seu pai inclinou-se e baixou a voz para um sussurro.

— Eu sei como você se sente, como você está distante, quão desesperadora pode ser a perda. Mas me foi mostrado o caminho era tudo o melhor por isso, e o mesmo vai ser verdade para você. Pode ser salvo, você *será* salvo. Basta olhar dentro de si mesmo e seguir essa essência interior que nós dois sabemos que você tem.

— Para que eu possa crescer e ser um serial killer como o meu pai? Porra, não obrigado.

Seu pai recuou e ofereceu suas mão para o teto.

— Oh não, isso, isso nunca... Estou falando de religião. Naturalmente.

Sim. Certo.

Veck olhou ao redor para as câmeras de segurança nos cantos da sala. Seu pai não implicara-se inteligentemente em qualquer coisa, mesmo que o subtexto fosse Las Vegas, óbvio.

— Encontre o seu Deus, filho... —Aqueles olhos luminosos cresceram mais uma vez. — Abraçe quem você é. Esse impulso que você tem vai levá-lo onde você precisa ir. Confie em mim. Eu fui salvo.

Enquanto ele falava, a voz se transformou em uma escura sinfonia nos ouvidos de Veck, como se as palavras do seu pai fossem sendo definidas como música de um filme épico. Veck se inclinou para a frente, trazendo-os tão juntos para que ele pudesse ver cada uma das manchas negras nas profundas íris azuis de seu pai.

Em um sussurro, ele disse com um sorriso:

— Eu tenho certeza que você está indo para o inferno.

— E eu estou o levando comigo, filho. Você não pode lutar contra o que você é, e você vai ser colocado em uma posição que não poderá vencer. —Seu pai inclinou seu rosto, como alguém faria se tivessem uma arma diretamente em sua testa. —Você e eu somos a mesma coisa.

— Você tem certeza disso? Estou saindo daqui, e você tem um encontro com uma agulha na quarta-feira. Nenhuma “mesma coisa” aqui.

Eles se encararam por um tempo, até que seu pai foi quem acabou recuando.

— Oh, filho, eu acho que você vai me encontrar vivo e bem vindo no fim da semana.—
Imensa satisfação nesse tom. —Você vai ler sobre isso nos jornais.

— Como diabos você irá fazer isso?

— Tenho amigos em lugares baixos, como sabe.

— Isso eu acredito.

O sorriso encantador e um pouco arrogante voltou, e a voz de seu pai recuou em território gracioso.

— Apesar de quão... amargo... isto é, eu estou contente de ver você.

— Eu também. Você é menos impressionante do que eu me lembro.

A contração no olho esquerdo disse que ele atingira uma marca.

— Você faria algo para mim?

— Provavelmente não.

— Vá ver o túmulo de sua mãe para mim e leve uma rosa vermelha. Eu amava aquela mulher até a *morte*, eu realmente fazia.

As mãos de Veck se enrolaram em punhos.

— E dizer-lhe o quê?— Veck sorriu. —Vou colocar o meu cigarro na sua lápide. Conte com isso, *Pai*.

O DelVecchio mais velho recuou, sua expressão fria.

Claramente, encontrar-e-comprimentar não estava rolando da maneira como ele esperava.

— Isto não é apenas sobre você, a propósito. — seu pai anunciou.

Quando Veck franziu a testa, o homem focou no espaço em branco atrás do ombro do Veck.

— Ela quer que você saiba que ela sofreu. Horivelmente.

Jesus... exatamente o que Kroner disse...

Veck conteve a si mesmo antes que olhasse para cima e para o Jim, mas a resposta do anjo foi clara: Uma corrente de ar frio agitou-se e flutuou sobre a cabeça de Veck, atravessando a mesa e fazendo com que a pele do dorso das mãos de seu pai ficassem arrepiados.

Seu pai sorriu para o ar rarefeito, onde Jim estava de pé.

— Você honestamente não acha que vai ganhar essa, não é? Porque você não pode tirá-la dele, um exorcismo não vai funcionar porque ela nasceu com ele, não está nele, mas *é* dele.

Seu pai olhou para trás por cima de Veck.

— E não acha que eu sei que você trouxe os seus amigos? Tolo, tolo menino.

Veck se levantou.

—Nós terminamos.

Hum, era definitivamente a hora de ir: Dada a coisa ártica-explosiva acontecendo, Jim Heron, o anjo, estava prestes a levantar o inferno em seu pai. Divertido de assistir, mas a consequência, é sábia... Arquivo de não-aqui-não-agora.

— Nenhum abraço? — seu pai demorou.

Veck não se incomodou em responder a isso. Era um desperdício perder o fôlego e seu tempo com o filho da puta. Na verdade, ele não tinha certeza por que tinha vindo, apenas para trocar irrelevâncias? Não havia cruzamento que ele pudesse ver aqui... Então novamente, talvez o ponto fora a mensagem para Heron?

Quando Veck virou-se e caminhou até o guarda, o outro rapaz abriu a porta rapidamente, como se ele não quisesse estar no espaço fechado por mais um momento, também não.

— Thomas. — seu pai chamou. — Eu vou te ver no espelho, filho. Todos os dias.

A fechamento da porta interrompeu os terceiros.

— Você está bem? — O guarda perguntou.

— Muito bem. Obrigado.

Seguindo o outro cara, Veck se dirigiu na direção que vieram.

— Quando a execução foi marcada?

— A primeira coisa de amanhã, quarta-feira. Se você solicitar ao diretor, eu acho que pode conseguir um lugar.

— É bom saber.

Enquanto andava a passos largos, Veck podia sentir a presença de seu pai com ele, como se a bateria que mantinha a lâmpada do mal dentro dele conectada em seu carregador e recuperou uma força que não tinha há anos.

No centro do peito, a escura raiva queimava para a vida... e se espalhava.

— Tem certeza que está bem Detetive?

Veck não estava certo de que parte dele estava respondendo quando replicou:

— Nunca me senti melhor em minha vida.

Capítulo 38

— Você fez a coisa certa.

Reilly olhou por cima da divisória de seu cubículo. Seu supervisor estava encostado na divisória, seu casaco e sua pasta em uma das mãos, balançando as chaves na outra.

— E você deveria ir para casa.

Reilly sorriu um pouco.

— Só vou verificar algumas coisas.

— Sem querer ofender, mas é besteira, mas não vou impedi-la, entretanto.

— Obrigada. — Reilly esticou os braços sobre a cabeça. — Eu tenho de fazer isso. Para a minha própria sanidade.

Na tela de seu computador estava a lista preliminar de provas que saíram do caminhão apreendido de Kroner. Ela fizera uma busca nos relatórios e agora estava verificando a digitalização, as descrições e impressão de fotos, uma por uma.

Tinha cerca de mais quinze para fazer, e então iria passar um pente fino na lista principal, que foi finalizada apenas esta tarde.

Coisas como esta, ela precisava ver por si mesma.

Seu supervisor concordou.

— Não, eu entendo. E para sua informação, DelVecchio não retornou minhas ligações, e eu acabei de falar com o sargento novamente. Não há nada, tampouco.

— Quando você irá emitir um mandado de prisão para ele?

— Amanhã ao meio dia, se ele não se entregar para ser interrogado antes disso.

A queixa será adulteração de provas. Tanto ela e seu supervisor, assim como o sargento, examinaram o vídeo de segurança da sala de provas do dia anterior e viram como Veck entrou, olhou através de todos os objetos catalogados, e, em seguida, vasculhou a caixa de coisas que ainda não foram registradas. Essa era sua oportunidade, e ele fez vários passes para dentro e fora do bolso com a mão esquerda.

Não era uma prova concreta, mas somado com declarações de Bails e a discrepância na lista, era o suficiente para, pelo menos, prendê-lo. Além disso, se ele não estava atendendo as ligações, havia uma boa chance de que estivessem certos.

— Seja honesta comigo. — seu chefe disse. — Você tem medo de sua segurança pessoal.

— Não. — Talvez.

— Você quer colocar uma patrulha em sua casa?

— Boa ideia. E considere a patrulha colocada. — A mulher colocou a mão no ombro de Reilly. — Não se culpe por nada disso.

— Como não me culparia?

— Você não pode controlar as outras pessoas.

Mas ela poderia escolher se queria ou não dormir com elas, pelo amor de Deus. Mudando de assunto, ela disse:

— Então, você acabou de falar com Bails?

— Sim, sua declaração está no arquivo. Você pode lê-la, se quiser e é exatamente o que ele lhe disse. Ele só deixou um pouco para trás.

— Vou fazer isso. E antes que você diga, sim, prometo ir para casa antes da meia-noite.

Seu chefe estava quase na porta quando Reilly chamou:

— Quando você vai falar com o Bartens sobre isso?

— Não até que nossos patos estejam na linha. As pobres pessoas atravessaram o inferno e voltaram, e a ideia de que um policial poderia ter matado a sua filha irá tornar tudo muito pior. Especialmente com o nome DelVecchio associado com o caso.

E à luz do fato de que Veck estivera em sua casa.

Naquele momento, suas próprias palavras se repetiram em sua cabeça. Levei o homem à casa da vítima.

Deus, ele era um mentiroso.

— Chame-me se você quiser falar. — Seu chefe murmurou.

— Chamarei. E obrigada de novo.

Quando foi deixada sozinha, pensou em Jim Heron, o agente do FBI, aquele que os levou a caverna onde Sissy foi encontrada.

Veck interpretou essa cena de forma brilhante. Tão surpreso quando isso aconteceu. Tão profissional depois.

E com a falta de pegadas de lama sobre a rocha? Heron poderia ter acampado lá por horas, enquanto esperava por Veck para levá-la na direção certa, as solas de seus sapatos secaram até

que ele correu para longe, em outra direção. E todos eles ficaram tão paralisados por encontrar o corpo, que ninguém procurara por ele. O que fora um grande erro.

Ficou claro que Heron e Veck estavam trabalhando em conjunto.

Reilly amaldiçoou e reorientou sua tela. Os últimos dados preliminares não tiveram tempo para serem processados, e como ela esperava, não havia nada de bom para ser encontrado. Assim como Bails dissera.

Depois ela foi para a versão final, com suas fotografias tiradas com precisão de um microscópio, a catalogação foi tão sucinta que levou somente um momento para encontrar o brinco. A discrepância não fora notada, seria em breve, no entanto.

— Que confusão. — ela murmurou, enquanto ia até o arquivo de Sissy rever as fotos da autópsia novamente.

Deus, elas eram fisicamente dolorosas de se olhar.

Durante seus anos na força, ela viu muitas coisas horríveis, mas a situação de Sissy a pegou de jeito. Talvez porque ela se envolveu pessoalmente, graças a algumas decisões criminalmente estúpidas de sua própria parte.

Inquieta, mas, no entanto, incapaz de sair, ela decidiu gastar algum tempo na Internet. Digitando o nome — Sr.Thomas DelVecchio— no Google deu-lhe mais de um milhão referências em 17 segundos. Rolando a barra para baixo, clicou mais e acessou alguns blogs e sites, somente para ficar seriamente impressionada com a humanidade.

Não que precisasse de ajuda nesse departamento.

Havia tanta adoração pelas razões erradas, e ela teve que se perguntar quantas dessas pessoas iriam pensar que seria divertido se sua filha ou mãe fossem uma das vítimas. Ou se eles mesmos tivessem caído nas mãos de DelVecchio... e suas facas.

Refinando sua busca para as vítimas, encontrou muitas referências à primeira mulher que fora morta, incluindo algumas fotos da autópsia. E fazendo uma comparação lado a lado entre Sissy Barten e Suzie Bussman mostrou a ela o que já sabia: o método e as características eram os mesmos.

Que maneira de prestar uma homenagem ao seu pai. *Deus*, até mesmo os nomes eram assustadoramente semelhantes.

Reclinando profundamente sua cadeira, seus olhos iam e vinham entre as duas metades da tela e ela se viu rezando para que eles encontrassem o suficiente para agarrarem Veck. Todos teriam que ver agora que a prova foi plantada, que declarações de Kroner no que diz respeito à pedreira, e o fato de que Veck estivera na casa Barten. Então, novamente, todos abordaram o caso como se Kroner houvesse feito isso. Ninguém olhara para Veck, o que estava mudando agora. Sua mesa, seu computador e seu armário já haviam sido revistados e tudo neles apreendido. Sua casa estava sendo vigiada. E logo que ele aparecesse, iria direto para interrogatório.

Embora, talvez ele tivesse fugido.

Reilly se ergueu e se contorceu em sua cadeira.

Seu batimento cardíaco rugia em seus ouvidos, abafando o som do calor que vinha através das aberturas do teto, o zumbido de equipamentos de informática... e o ranger que ouviu atrás dela.

Olhando para o teto, observou a câmera de segurança no canto mais distante. A luz vermelha em sua cavidade estava piscando lentamente, o ciclo preguiçoso de flashes dizendo-lhe que estava funcionando.

— Quem está aí?

Claro que ninguém respondeu. Porque não havia ninguém lá.

Certo?

Ouviu sua própria respiração por um tempo, e então pensou: Ok, isso é besteira. Não seria intimidada em seu próprio maldito departamento.

Estourando para fora de sua cadeira, desceu a pista de cubículos vazios, verificado as salas de conferência e escritórios. Na viagem de volta, percorreu todo o caminho até a porta principal, empurrou-a, e olhou para o corredor em ambos os sentidos.

Girando rapidamente, meio que esperava encontrar alguém atrás dela.

Ninguém.

Xingando baixinho, voltou para sua mesa, sentou-se e...

Quando seu celular tocou, ela pulou e colocou a mão em sua garganta.

— Oh, cale a boca.

Difícil dizer se ela estava se dirigindo ao seu BlackBerry ou a sua glândula renal.

Agarrando a coisa e aceitando a chamada, ela vociferou:

— Reilly.

— Como você está?

Ao som da voz do Detetive De La Cruz, ela respirou fundo.

— Eu já estive melhor.

— Sarge me chamou.

— Que bagunça.— Aparentemente, essa era sua nova canção tema.

— Sim.

Houve uma longa pausa, preenchida pelo mesmo tipo de silêncio que marcara a viagem de volta do hospital para ela e Bails: Que diabos aconteceu, estava sobre a linha sem uma palavra ter sido dita.

— Alguém lhe contou sobre a outra parte disso?— Perguntou ela.

— Que você e Veck estavam... ah...

Ela fez uma careta.

— Foi um erro de julgamento incrível da minha parte. Eu pensei que o conhecia, realmente pensei.

— E esse é o problema, não é? — Isto foi dito com o tipo de exaustão que vinha da experiência pessoal. — No final, você só pode realmente conhecer a si mesmo.

— Você está tão certo... e eu estou feliz que ligou. Quando isto vier à tona e...

— Todas as pessoas vão pensar que ele é um idiota. E essa é uma ótima definição para ele.

Assassino era outra palavra que se encaixaria, sem dúvida.

— Você vai passar por isso. — disse De La Cruz. —Eu só queria que você soubesse que pode me ligar se precisar de alguma coisa.

— Você está sendo realmente... gentil.

— Os parceiros são uma merda complicada. Eu já passei por alguns.

Aposto que você nunca dormiu com uma, ela pensou.

— Obrigada, detetive.

Depois de Reilly cortar a ligação, ela olhou para o espaço. *Deus*, aquela história sobre Veck encontrar sua mãe assassinada seria mesmo verdade? Ou teria sido apenas uma outra maneira de jogar com suas emoções?

Bem, havia uma maneira de descobrir...

Não demorou muito para localizar algumas entradas de blogs amadores que cobriam aquele capítulo especial na história da família DelVecchio. Ela leu tudo sobre como Veck descobrira o corpo, foi questionado e inocentado de qualquer envolvimento com base nas provas físicas: Apesar de suas impressões digitais estarem por toda a casa, não havia nenhuma sobre a vítima, também havia sangue sob suas unhas, suas roupas e em torno de seu banheiro ou na cama.

Com o corpo de Sissy Barten era o mesmo: não havia evidência para amarrá-lo à morte.

Então, novamente, Veck era um detetive que sabia exatamente o que fazer para não deixar nada para trás. O que a fez se perguntar sobre sua mãe. E se preocupar.

Deus... e se ele fugisse com isso? O limite para ser demitido por plantar provas era muito menor do que o de uma acusação de assassinato processada com sucesso. Ele poderia estar fora de um emprego, mas livre nas ruas. E se ele estivesse se baseando no fundamento de seu pai de escorregar das mãos da aplicação da lei, então poderia se passar muitos anos antes que qualquer coisa o prendesse.

Enojada com tudo e, aparentemente, procurando ficar ainda mais irritada com isso, ela foi para o Facebook e digitou Thomas DelVecc...

Não teve que ir muito longe para encontrar uma linha de resultados. Indolentemente indo de página em página, olhou para os fãs-clubes sobre os quais Veck falara.

Pelo menos ele não mentiu sobre isto. O maior grupo contava com 20 mil membros, e ela foi para o mural e olhou para a formação de fotografias na parte superior e, em seguida, as postagens que corriam verticalmente. Tudo sobre a execução. Tudo sobre a adoração.

Ela recostou-se e ficou olhando para a tela.

Passou um longo tempo, antes que desligasse o computador e pegasse seu casaco.



—Quem é “ela”? — exigiu Veck ao volante do caminhão de Heron. —Aquela de quem meu pai tanto falava?

Quando Jim sentou ao lado do cara, ele sequer olhou para ele. Teriam pelo menos mais uma hora antes que estivessem de volta a Caldwell, então havia tempo de sobra para malditas conversas, mas ele não estava com muita pressa para falar sobre o tempo, muito menos sobre Devina e Sissy.

Ela quer que você saiba o que ela sofreu.

Aquela demônio era uma vadia.

Veck amaldiçoou duramente.

— Porra, é melhor começar a falar. E se você não quiser me contar sobre a garota, então é melhor explicar que porra de referência ao exorcismo foi essa.

Jim jogou a ponta do seu cigarro pela fresta da janela, e decidiu atacar o último assunto, em vez do anterior.

— Você não é nossa primeira viagem através do parque. A primeira alma que salvamos... o fizemos servindo a Devina uma notificação de despejo.

— Devina?

— Demônio em um vestido azul, amigo.

— Ela é a pessoa que sofreu?

— Desejaríamos. — Adrian murmurou na parte de trás.

Jim não podia concordar mais com isso.

— Aqui está a forma como funciona. Devina é um demônio e se precisar de mais de uma explicação sobre isso, pense em conhecimento coletivo e você terá uma imagem muito boa disso. Ela alcança uma pessoa e gradualmente assume, influenciando suas escolhas e decisões. Eventualmente, você chega ao cruzamento, e tem que escolher. Dependendo do caminho que escolhe, qual você segue, que medidas toma, é o que determina onde vai acabar. E para baixo é calcinante, um lugar malditamente quente, se você entende o que estou dizendo.

— Inferno.

— É isso aí. — Nesse momento, Jim pensou sobre o pai do sujeito. Cara, aquilo foi pura maldade. E se isso estivesse vinculado a carne de Veck?

— Acabarei ali? — Veck disse suavemente, como se estivesse falando sozinho.

— Não, se pudermos impedir.

Mas, como diabos iriam fazer isso? Especialmente tendo em conta que Veck parecia mais sombrio desde que deixou a sala de visitas. Mais irritado. Mais distante, ainda que estivesse tão perto. *Por que diabos Eddie tinha que morrer*, Jim pensou. Eles precisavam dele aqui.

Devina era uma vadia.

— Reilly está em perigo? — Veck perguntou asperamente.

— Quanto maior a distância entre vocês dois, melhor.

O homem amaldiçoou novamente, e murmurou:

— Missão cumprida por aqui.

— É realmente mais seguro. Ela seria nada mais do que danos colaterais, deixados por Devina.

Ao lado da rodovia, um sinal verde com letras brancas li-se, CALDWELL 55.

Quantos cigarros ele possuía?

— Então, quem é “ela”. Aquela que sofreu?

Oh, sim. Esta pergunta iria ajudar muito no seu humor.

— Alguém que me interessa.

— Sissy Barten. — Veck olhou para ele. — Certo? Kroner disse a mesma coisa, exatamente as mesmas palavras, quando estava conversando com Reilly sobre ela. E você já me disse que era pessoal.

— Sim, eu disse.

— Então, o que eram aquelas marcas na barriga da menina?

— Devina não conhece a ADT¹⁹³. Ela usa virgens. — Jim se esticou em seu assento, seus músculos ficando rígidos enquanto o desejo de matar aumentava dentro dele. — O que você viu na Sissy é o jeito que ela faz.

— Puta... merda. Então a primeira vítima de meu pai...

— Talvez Devina o tenha obrigado a fazer isso, como prova de confiança. Talvez ele só a ajudou em seu trabalho. Quem sabe.

— Quanto tempo isso está acontecendo? Entre você e... — A pausa que se seguiu sugeriu que o homem ainda estava se acostumando com a palavra demônio em sua língua.

— Apenas algumas semanas. Mas houve pessoas antes de mim e não terá ninguém depois, a menos que eu tenha certeza que você não seguirá o caminho que ela quer.

Jim olhou para as mãos do detetive. Elas estavam envolvidos com tanta força ao redor do volante, que era uma maravilha essa porcaria não ter sido arrancado.

Ok, esse tipo de irritação não estava trabalhando a seu favor: isso dava a Devina um ponto de ignição, se ela atingisse a veia corretamente, eles estariam lidando com uma explosão. E Veck era um cara grande e poderoso que era capaz, e provavelmente treinado, para matar com as próprias mãos.

Maldição, Jim odiava essa espera.

— A propósito, vamos ficar com você esta noite.

— Eu imaginei. Eu só tenho uma cama, mas tenho um sofá.

— Estou mais interessado em alguma versão de uma 7-Eleven¹⁹⁴. — Ele abriu a caixa de Marlboro. — Já estão acabando.

— Há uma loja Stewart perto da minha casa.

— Legal.

Veck colocou a mão no bolso e tirou seu telefone celular.

— Poderia muito bem não me envolver com isso.

Enquanto Jim fervilhava em frustração, olhou pela janela lateral na escura estrada, perguntando quando no inferno as coisas iriam...

— Que inferno. — Veck murmurou. — Meu maldito telefone explodiu.

Enquanto Jim lentamente movia a cabeça, pensou, a espera acabou, aqui vamos nós...

Capítulo 39

Lá em cima, no Céu, Nigel estava brincando consigo mesmo.

Xadrez, quer dizer.

¹⁹³ ADT – Adult Diphtheria and tetanus vaccination. Vacinação contra difteria e tétano para adultos.

¹⁹⁴ 7-Eleven – É uma marca internacional, licenciada, e operadora de lojas de conveniência.

Na verdade, era um pouco chato, apesar de ele achar seu adversário formidavelmente vestido e incrivelmente astuto: Fellow possuía todos os mesmos movimentos que ele, assim a falta de surpresa não apresentava qualquer desafio, apesar das estratégias extravagantemente brilhantes.

— Xeque-mate, — ele disse em voz alta para o silêncio de seus aposentos privados.

Quando não havia maldições, acusações de prática desleal, bater de pé e exigências para uma revanche, ele era lembrado novamente por que jogar com Colin era muito mais gratificante.

Levantando-se, ele se afastou da mesa e deixou as peças como estavam, com apenas duas no tabuleiro, uma rainha branca e um rei negro.

O desejo de deixar a tenda e ir vagar pelo gramado em direção ao castelo, em direção ao rio, para onde Colin dormia, era um impulso tão irresistível, foi além do mental até a fronteira do físico. Mas ele se rebaixara a esta tolice uma vez, e foi poupado do constrangimento. Ele não faria isso novamente.

Distraído pela dor em seu peito, ele seguiu ao redor da cama e para a banheira e depois voltou mais uma vez. Na verdade, ele não se focara apropriadamente em... bem, desde que aquela refeição horrível... quando a honestidade de Colin disparara um tiro diretamente no arrogante e irritadiço pequeno ego de Nigel.

Estranha a maneira como uma posição mudava, não era? Como tempo se passara como uma corrente preguiçosa em um vasto e largo curso calmo, sua primeira reação de cabeça quente e defensiva havia desaparecido em uma resposta mais moderada... uma que podia até mesmo fazê-lo se preparar para pedir desculpas, proporcionando um pedido de desculpas que seria oferecido em troca. O que era uma prova positiva de que milagres podiam acontecer.

Infelizmente, ele estava totalmente incerto do que receberia em resposta, e conhecendo a si mesmo tão bem quanto ao outro arcanjo, ele reconheceu que uma nova rodada de discussão não beneficiaria nenhum deles.

Ainda assim, Colin poderia ser aquele a oferecer o ramo de oliveira.

De fato, embora Nigel não fosse admitir isso a alguém, ele esteve pulando as várias últimas refeições, e passando o tempo aqui, na esperança de que arcanjo viesse. Isto estava se esgotando, no entanto. Tal passividade não estava em sua natureza, e paciência era uma virtude que ele possuía pouco.

— Nigel? — veio uma voz do outro lado do batente.

Nigel rangeu os dentes, mas manteve a maldição para si mesmo enquanto reverificava sua gravata. A última coisa que ele precisava era de um visitante da variedade não-Colin. Dificilmente seria adequado punir um inocente bem-intencionado, no entanto.

— Byron, meu velho, — ele murmurou, se dirigindo para a entrada, — O quão bem... — No momento em que recuou o peso de cetim e viu o rosto do outro arcanjo, ele parou. — Diga-me.

— Colin... está aqui?

— Não.

— Nós não conseguimos encontrá-lo. — Byron brincava com os botões de latão nas mangas da jaqueta clube. — Quando ele não se apresentou para o jantar, assumimos que ele estava estudando e o deixamos em paz. Mas antes de ir, fui procurá-lo com alguns mantimentos. Ele não

estava na própria tenda. Não estava à beira da água. Não estava no castelo... e não aqui, também, aparentemente.

Nigel balançou a cabeça ao mesmo tempo em que estendeu seus sentidos, e não encontrou sinal algum do anjo. De fato, se ele não tivesse estado tão preocupado consigo mesmo, ele teria reconhecido previamente o que notava claramente agora: Colin não estava no recinto.

Houve um breve impulso de ceder ao pânico, mas Nigel controlou a resposta emocional. E considerando as coisas logicamente, ele sabia que havia um lugar para onde o tolo iria.

Por que não havia esperado por isto?

— Não se preocupe, — disse Nigel severamente. — Eu irei e o recuperarei.

— Gostaria de ajuda com isto?

— Não. — Por que ele não iria ser responsável pelo açoite de traseiro que daria ao arcanjo. Conflito de personalidade era uma coisa; insubordinação ao posto era outra completamente diferente. E a última não iria ser favorecida em qualquer morte extravagante.

Por sua vontade, seu robe e chinelos monogramados se transformaram em um terno cinza médio, uma camisa de branco brilhante, uma pálida gravata de tartan, e um par de sapatos sociais.

— Vá e conforte Bertie e Tarquin, — ele disse ao outro arcanjo. — Sem dúvida, eles devem estar preocupados. E saiba que não demorarei.

— Onde você vai?

— Onde ele está.

Com isto, Nigel estava fora, viajando através da barreira para o mundo lá embaixo. E quando ele retomou sua forma corpórea, era diante de uma garagem de dois andares de distinção modesta no interior de um campo agrícola.

Ele pensou em Edward descansando ali.

Que marcador comum para uma alma tão extraordinária.

Com foco sombrio, Nigel venceu a estreita escadaria exterior e passou pela porta como se fosse nada além de um véu de neblina.

Nenhuma razão para lançar os painéis abertos; ele havia anunciado a si mesmo com certeza.

E Colin não parecia chocado com a intrusão. O arcanjo estava sentado em um sofá esfarrapado sob a moldura de uma janela, descansando com um braço correndo pela parte superior das almofadas e pernas cruzadas, com o tornozelo no joelho.

Nigel se empenhou em memorizar todos os ângulos e linhas da face severa e bela do macho. E depois moldá-las com um olho roxo e um lábio inchado feito por ele.

— Você não pensou que sua ausência seria notada?

— Eu pareço surpreso com a sua chegada?

— O curso adequado dessas coisas é pedir permissão antes de tirar sua licença.

— Talvez para Byron e Bertie. Mas não eu.

— Eu não teria lhe negado.

— Como eu poderia saber disso?

Nigel franziu a testa, sua ira diminuindo abruptamente, exaustão tomando seu lugar. Como os seres humanos suportavam este turbilhão emocional? E porque algum dia permitiu que isto entrasse em seu coração?

Isso não era bom. Além disso, isto não podia continuar.

Quando ele se dirigiu mais uma vez ao arcanjo, foi com compostura.

— Colin, parece que você e eu atingimos nossas próprias encruzilhadas. Por mais que eu estivesse me preparado para reconhecer certos... erros de julgamento da minha parte... Temo que isto não será suficiente para você, como a água não serve quando o sangue é pedido. Além disso, acredito que em seu impulso para abraçar uma posição lógica, você perdeu a verdade sobre si mesmo. Suas paixões o governam muito mais do que imagina, e elas o levam em direções que colocam em risco nossos interesses coletivos.

Os olhos de Colin se afastaram

— Portanto, eu digo para colocarmos no passado qualquer relacionamento que possa ter ocorrido, e ficarmos a uma distância apropriada. Talvez ao longo do tempo, nós poderemos trabalhar juntos em harmonia novamente. No entanto, até que isto ocorra, eu espero que você se comporte adequadamente ou vou removê-lo de qualquer influência sobre estes processos.

Quando não houve resposta imediata, Nigel caminhou até um balcão da cozinha e parou diante de uma porta pequena e atarracada. Atrás da barreira frágil, Edward estava deitado, sem respirar ou sem se deteriorar, o corpo do anjo como um vaso ostentando o perfume de flores que não estavam ali.

Colin era inteligente por estar aqui, pensou. Com Jim e Adrian envolvido em uma guerra acalorada com Devina, este receptáculo não era seguro, e se fosse quebrado ou comprometido, não havia como restaurar a base da alma de Edward. Embora mesmo que permanecesse intocada, não havia maneira de saber se ele iria retornar. Coisas desta natureza eram da competência apenas do Criador. Além disso, seria uma ocorrência sem precedentes.

Mas ainda assim, Colin devia ter...

— Eu deveria ter lhe dito onde eu estava indo, — o arcanjo disse bruscamente. — Você está correto nisso.

Nigel se virou. O anjo ainda estava no sofá, ainda espalhado, mas os olhos estavam focados para cima, encontrando os seus próprios.

— Isso é um pedido de desculpas? — Nigel disse.

— Tome-o como quiser.

Nigel balançou a cabeça e pensou consigo mesmo: *Não é bom o suficiente, velho amigo. Isto apenas não é bom o suficiente, eu temo.*

Mexendo nas mangas de sua camisa, ele puxou para baixo sobre suas abotoaduras de ouro, e afirmou mais uma vez.

— Estou me esforçando para ganhar esta competição vital da melhor maneira que sei, e isto está dentro dos limites das artes estratégicas adequadas. Eu não posso aderir ao princípio de que dois erros fazem um acerto. Eu não vou.

— Não se iluda, — Colin murmurou enquanto levantava a palma da mão e flexionava os dedos. — Mãos limpas, como você diz.

— E olha como isso terminou. Edward está morto.

— Você não é o culpado por isso.

— Eu sou. — Nigel balançou a cabeça. — Isso é o que você não entende. Tudo isso é minha responsabilidade. Você pode ter as suas opiniões, sua contrariedade e sua raiva, mas no final disto, os seus ombros não devem arcar com o ônus da derrota se isso é o que surge. Isto é para mim, e apenas para mim. Então enquanto você desprezar meu controle, vará as coisas a partir da posição vantajosa de comentarista sem consequência.

Naquela nota, Nigel caminhou até a porta.

— Estou feliz que você esteja aqui, e sei que vai guardar bem o que é precioso.

— Nigel.

Ele olhou sobre ombro.

— Colin.

Houve um longo momento de silêncio.

Quando nada mais pareceu estar se aproximando, Nigel olhou para a cozinha, e pensou sobre a natureza da perda: Algumas você escolhe, e não pode reverter a escolha. Algumas eram forçadas sobre você. E... algumas eram permanentes.

— Eu devo vê-lo em breve, — disse Nigel, antes que ele terminasse as coisas caminhando para fora.

Capítulo 40

Na manhã seguinte, Reilly saiu da casa de seus pais para o trabalho com um estômago cheio: suco de laranja fresco, dois pães doces caseiros de canela, uma xícara de café, e uma fatia e meia de bacon que roubara do prato de seu pai.

No momento que estacionou seu carro na parte de atrás da Central, cada grama da refeição deliciosa virou chumbo: a motocicleta de Veck estava contra o edifício.

Ele obviamente se entregou e estava sendo questionado.

Olhando acima para o feio flanco dos fundos onde ela trabalhava, e estava tentada ligar de volta o motor do não marcada e seguir para... qualquer lugar.

Mas ela não correu. Nunca o fez. Nunca correria.

Saindo, piscou na luz do sol brilhante, e desejou que Deus pudesse apertar o interruptor de ajuste da luz: Em vez de levantar o seu humor, a coisa primavera-alegre levou-a ainda mais longe para o esgoto.

— Belo dia, não é? — alguém falou.

Olhando por cima do ombro, ela disse: — Bom dia, Bails.

O detetive estava prosseguindo seu caminho através dos carros, caminhões e SUVs, e enquanto ela o observava, semicerrou os olhos, a luz abruptamente a ofuscou.

Provavelmente estava ficando com enxaqueca.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Nem perto. Você?

Enquanto se aproximava, ele tirou os óculos escuros.

— Mesmo barco. — Ele balançou a cabeça em cima da moto. — Então ele está aqui.

Reilly esfregou os olhos.

— Sim, está.

— Onde estão suas lentes? — ele disse, batendo em seus óculos de aviador. — O verão está chegando, e também a catarata.

Quando ele colocou seus óculos escuros de volta, ela inclinou a cabeça e olhou para ele. A luz era tão brilhante ao redor do cara, parecia como se ele fosse feito de cromo. Ok, ela estava perdendo sua mente, ficando totalmente gagá. A próxima coisa que soube era que estaria usando carne para trabalhar.

— Eu disse... você vai assistir ao interrogatório?

Agitando-se, ela murmurou:

— Deus, não. E desculpe, estou apenas meio distraída hoje.

Ele colocou o braço em volta dos ombros dela como um amigo faria, nada mais.

— Entendo. Vamos lá, vamos entrar e tentar fingir que estamos trabalhando.

— Bom plano.

Eles entraram juntos, seguiram para o saguão e pegaram as escadas. No patamar do segundo andar, o grupo da administração não estava em suas mesas, mas ali no canto traseiro, agrupados. Assim que um deles viu Reilly, todos olharam.

Abaixando a cabeça, ela murmurou um vejo-você-mais-tarde e correu para seu departamento. Na Assuntos Internos, ela teve mais olhos sobre si, mas pelo menos aqui seus colegas se aproximaram, disseram bom dia, e reconheceram a situação: estranho, mas melhor do que sussurros silenciosos, e as pessoas eram solidárias.

Então, novamente, a maioria das pessoas uma vez ou outra sofria uma avalanche. Era um risco ocupacional de respirar.

Quando o bate-papo diminuiu, ela se sentou em sua mesa, logou em seu computador e durou cerca... de um minuto e meio.

Fora de seu departamento. Pelo corredor. Para a Homicídios.

E como se fosse para acontecer, a primeira pessoa em quem ela esbarrou foi De La Cruz.

— Estava me perguntando se você apareceria, — ele disse, vindo à frente e oferecendo sua mão.

Sacudindo a palma da mão, ela limpou sua garganta.

— Como está indo?

— Eles estão apenas começando. Você quer ver?

— Sim, — ela disse com a voz rouca.

— Venha comigo. — Enquanto ele a conduzia pelas mesas, levantou seu copo de café. — Eu acabei uma rodada de cafeína, quer um pouco?

— Estou nervosa o suficiente, mas obrigada.

As salas de interrogatório seguiam por um corredor estreito que tinha uma entrada através da sua própria porta, mas havia um acesso através dos fundos do departamento, e De La Cruz segurou a porta traseira aberta para que ela seguisse.

— Existe um monitor aqui.

A sala de conferências pequena tinha um carpete velho, mas uma nova mesa redonda, em que estava uma tela mostrando em preto e branco uma sala de três por quatro e meio metros. A câmera estava focalizada em Veck, que estava sentado em uma cadeira contra o canto, e ela sentiu um choque físico ao vê-lo. *Homem*, ele era grande, especialmente parecendo tão agressivamente frio como ele estava: seus braços estavam cruzados sobre o peito, e seus olhos estavam estreitados e focalizavam o detetive que o estava interrogando.

Meio que como se o cara que fosse um alvo.

Reilly puxou uma cadeira e sentou-se, sentindo suas pernas instáveis.

— Aqui, deixe-me ligar o som, — De La Cruz disse enquanto se acomodava e alcançava a frente.

— ...não plantei aquele brinco como evidência, — Veck cortou. — Você tem o vídeo, assista a maldita gravação. Eu não plantei a porra.

— Mas você estava lá mais pela evidência de Kroner.

— Assim como todos os outros detetives na casa.

— E a Oficial Reilly indicou que você estava esperando encontrar uma ligação com o caso Barten.

Veck não mostrou reação alguma ao seu nome.

— E eu estava. Mas como isto se correlaciona com a plantação de alguma coisa?

O outro detetive, seu nome era Browne, se ela lembrava corretamente, se inclinou sobre o seu bloco legal.

— Sua mão estava saindo e entrando de seu bolso.

— Você já ouviu falar de trocados? Centavos, moedas, níqueis?

— Você esteve no quarto de Sissy Barten.

— Como outros. Eu não fui o único representante deste departamento que passou por aquela casa.

— Olha, Veck, apenas me diga o que aconteceu.

Veck inclinou-se também, sua face absolutamente furiosa.

— Eu fui para a casa de Sissy para falar com a mãe dela. Eu fui lá em cima, sim, claro, mas eu não levei nada de lá, e eu não plantei prova alguma. Você já provou que não machuquei Kroner. Por que eu iria querer armar para o cara, por um assassinato, aliás, que eu não cometi?

— Eu não tenho certeza do que provamos com Kroner.

Veck sentou-se novamente.

— Porra, você está brincando comigo.

— Talvez você tenha encenado o ataque, precisamente para que pudesse colocar o assassino de Barten em torno do pescoço dele.

— Então você acha que eu viajo com leões de montanha treinados ou alguma merda parecida? Além disso, Kroner sabia onde o corpo estava na pedreira, não eu.

— Pelo contrário, Kroner mencionou a pedreira. Você encontrou o corpo.

— Não, não fui eu. Este foi...

— Quem?

Com isso, ele enfiou a mão no bolso da jaqueta que usava e tirou um maço de Marlboro.

Ah, então ele mentiu sobre parar de fumar também.

O outro detetive sacudiu a cabeça.

— Não fume aqui dentro.

Veck resmungou baixinho enquanto desapareceu com a embalagem.

— Olha, você quer a minha declaração? É simples. Eu não fiz isso, o assassinato, o brinco, nada disso. Alguém está tentando me incriminar.

— Você pode provar isso, Veck?

Deus, ela podia sentir uma onda de ar frio em Veck quando ele soltou:

— A questão é além disso, você *pode* provar isso?

— Ele a matou, — Reilly disse asperamente. — Oh, meu Deus, ele a matou, não foi?

Ele sabia como o sistema funcionava, sabia as maneiras de se salvar de uma acusação de assassinato, ele era um detetive, afinal. Ele havia sido treinado nos limites da lei e de evidências e provas.

De La Cruz olhou.

— Eu não vou mentir. Isso não parece bom, nada disso.

Ela pensou lá atrás na pedreira, em Jim Heron, em Veck encontrando o corpo... foi a encenação perfeita. E Kroner? Veck poderia ter saído para as árvores com o plano de matar o cara, só para ter um animal selvagem o estraçalhando.

Sorte, afinal, não jogar apenas em favor dos justos.

Se Kroner tivesse morrido perto daquele motel como se supunha, e o brinco fosse plantado com sucesso, e Bails não tivesse visto aqueles registros do reformatório, Veck teria se safado da acusação de assassinato, assim como o pai dele.

E ele teria matado novamente.

Isso era o que psicopatas como ele faziam.

As mãos de Reilly rastejaram até sua garganta. Pensar que ela poderia ter se apaixonado por um assassino... exatamente como a mãe de Veck.

— A coisa mais importante, — ela se ouviu dizer, — é que as acusações se mantêm. Não podemos deixar alguém como ele ficar solto, ou será como foi com o pai dele mais uma vez.

— Nós vamos precisar de evidências mais fortes. Agora, ele é tecnicamente apenas uma pessoa de interesse.

— Temos que entrar na casa dele.

— Estamos preparando o mandado enquanto falamos.

Ela focalizou novamente na tela.

— Eu quero estar lá.



Sentado no “outro lado” da mesa de interrogatório, Veck estava à beira da violência.

Alguém, ou algo assim, o empurrou para uma queda, e, cara, eles fizeram a lição de casa. Entre a condição do corpo de Sissy, a besteira sobre esse brinco, e a conexão com seu pai, ele estava olhando para uma encruzilhada, tudo bem.

Nenhuma escolha para ele, no entanto.

Era como se o piloto automático de sua vida tivesse recalibrado um curso direito para o lado de uma montanha, e ele não conseguia pegar os controles de volta. E para completar? Seu colega do outro lado aqui, o detetive Stan Browne, estava usando todas as técnicas de interrogatório padrão. *Inferno*, Veck poderia escrever o diálogo, e ele sabia os truques; como o entrevistador poderia insinuar coisas ou sugerir a verdade, mesmo se houvesse zonas cinzentas. Então não havia maneira de ter certeza exatamente de quanto eles possuía de provas concretas contra ele.

Neste ponto, ele tinha uma e somente uma coisa a seu favor: ele realmente era inocente e a lei favorecia os homens inocentes.

— Não se preocupe em obter um mandado, — disse Veck enquanto pegava as chaves dele para fora e as colocava sobre a mesa. — Vá até minha casa. Vasculhe a minha merda. Você não vai encontrar uma única coisa que me amarre a Sissy Barten ou Kroner.

Assumindo que quem estava atrás dele não havia plantado sua própria versão de um brinco de pomba.

Merda.

Browne estendeu o braço e pegou as chaves.

— Você quer um conselho?

— Eu não preciso. Porque isto não vai a lugar algum.

O outro detetive esfregou sobre sua sobrancelha com a ponta do polegar.

— Você parece muito certo disso.

— Eu estou.

— Então como você explica o fato de que o brinco não foi contabilizado imediatamente depois que o caminhão foi apreendido e procurado, e que apareceu depois que você esteve na sala de provas?

— Como eu disse, quantas pessoas entraram e saíram de lá ao longo dos últimos dias? Você olhou em todos os arquivos digitais das câmeras de segurança?

— Nós iremos. Estamos apenas começando nossa investigação.

— Bem, é melhor você seguir. Porque o que não vejo, Browne, não é algo de concreto.

— Ainda.

— Jamais.

— Você poderia fazer um teste no detector de mentiras?

Veck parou nessa. Se eles lhe perguntassem se ele pretendia ferir Kroner naquela noite? Como ele poderia lidar com isso?

— Sim. Com certeza.

Browne virou a página no seu bloco, mesmo que ele não tivesse feito nada além de rabiscar círculos no topo da folha.

— Okay, bom. E aprecio você dar seu consentimento para passarmos por sua casa.

Como se ele tivesse uma escolha? Eles iriam obter a permissão de um juiz de qualquer maneira. O que ele realmente queria saber era quem diabos o implicou nisto.

Reilly, ele pensou. Aquela conversa na última noite fora sobre isto, ela já o entregara naquele ponto. Ou isso, ou ela estava prestes a fazer. Mas por que diabos ela pensou que ele pegou qualquer brinco? E ela esteve lá na pedreira com ele quando Jim lhes mostrara onde Sissy estava. Os dois foram surpreendidos.

A não ser que ela não acreditasse em nada disso. E se isso fosse verdade, qual fora o motivo da dica?

Foda-se isto... mais como *quem*.

— Você se importaria em passar pelo detector de mentiras agora?

As entrelinhas eram: *enquanto procuramos em sua casa*.

Reilly iria com eles? ele se perguntou. Provavelmente. Isso era o que ele teria feito no lugar dela.

Veck levantou os olhos para a câmera que estava sobre ele... e sabia que ela estava do outro lado dela.

— Traga a máquina, — disse ele à lente.

Browne se pôs de pé.

— Vai nos levar um pouco de tempo para conseguir configurar. Você fica firme.

— Como se eu tivesse escolha.

— Café?

— Não, obrigado.

Quando Browne partiu, Veck continuou olhando para o pequeno olho preto na unidade camurça no canto.

Em câmera lenta, ele gesticulou com a boca, *estão... armando... para mim*.

Ele estava completamente certo sobre o fato de que ela não acreditaria nele, mas ele não era do tipo que não lutava. E depois daquela ressalva muda, ele focalizou a porta. Não precisava de uma bola de cristal para saber que ele não sairia dessa com uma carta de reprimenda ou uma sombra muito bonita da Assuntos Internos. Sua carreira na aplicação da lei estava terminada, mesmo se ele fosse inocentado.

Que, dado o quão completa esta armação parecia estar, não era uma certeza.

Enquanto mastigava sobre esta nova realidade que ele acontecera, aquela raiva aquela raiva sombria e viciosa, deu outro giro atrás de seu esterno. Mais apertado. Ainda mais apertado.

— Então o que você acha, Jim? — ele disse em voz baixa.

O anjo esteve de pé no canto oposto o tempo todo, se aproximando por trás de Browne, a ponto que, quando o detetive primeiramente sentou-se, o cara olhou por cima do ombro como se percebesse a presença.

A voz de Jim ecoou em sua cabeça.

Isto é apenas uma armadilha. A pergunta é: onde isto está nos levando? E você precisa mentir no teste. Diga que você foi lá para matar Kroner e você estará fodido eles podem não deixar você sair daqui, e isso torna meu trabalho mais difícil.

No silêncio que se seguiu, a fúria no centro do peito Veck foi multiplicada novamente, e num momento terrível de clareza, ele percebeu que era plenamente capaz de matar alguém. Aqui mesmo. Neste momento. Com a cadeira que ele estava sentado. Com a caneta azul e dourada da CPD que Browne deixou para trás por engano. Com as próprias mãos nuas.

E não seria assassinato do tipo “teve um dia de fúria, perdeu a cabeça, e apagou” como ele assumiu que aconteceu com Kroner. Isso seria um assassinato muito calculado, o tipo de coisa que iria deixá-lo no controle de si mesmo e de sua vítima.

O tipo de coisa que lhe tira desta impotência furiosa e faz você se sentir como um deus.

Não era de se admirar que seu pai era viciado na sensação. E fracos como Kroner desejavam isso. O poder supremo de tirar a vida, ver alguém implorar, segurar em suas mãos o futuro de outra pessoa, sua família e sua comunidade... e depois esmagar tudo.

O medo era o mestre e a dor era a arma.

E neste estado atual de Veck, mesmo com o anjo logo atrás e ao lado dele, estava a apenas um passo de distância de seguir os passos de seu pai.

Doce lugar, de fato.

Capítulo 41

Enquanto Reilly dirigia até a casa de Veck com meia dúzia de outros oficiais, ela estava preparada para deixar o trabalho para os dedos de seus colegas.

Ela estava no modo de observação e ficaria assim: olhos abertos, mas as mãos permaneceriam em seus bolsos. Francamente, teve sorte de ter a possibilidade de acompanhar tudo.

Até o momento os vários carros estavam estacionados na calçada de Veck, parecia uma convenção policial, e enquanto ela saiu do seu desmarcado, avistou um casal de vizinhos que espreitavam através da persiana. A reputação dele no bairro não era mais sua preocupação, no entanto. Agora, ela estava preocupada em manter essas pessoas a salvo dele.

No momento que a porta da frente foi aberta com as próprias chaves dele, a conversa de seus colegas se transformou em música de fundo para ela, tudo saindo de destaque enquanto ela entrava atrás dos outros.

A primeira coisa que fez foi olhar para o sofá. Havia um travesseiro na outra extremidade, como se Veck tivesse passado a noite ali, mas nenhum cobertor, embora ainda estivesse frio à noite. Um cinzeiro cheio de bitucas, juntamente com dois maços de Marlboro e um Bic vermelho estava no chão... exatamente onde a carteira dele aterrissara três noites atrás.

Reilly fugiu rápido de cena e foi para a cozinha, não foi intencional, mas apenas porque foi para onde seus pés a levaram.

Praguejando para si mesma, ela sabia que precisava colocar seu chapéu de detetive. Caixas... onde as caixas de mudança estariam?

— Este é o porão? — Alguém perguntou enquanto eles abriram a porta para o banheiro no corredor.

Ela quase apontou para o cara na direção certa, mas se controlou. A última coisa que precisava fazer era demonstrar o quanto conhecia a casa.

— Por aqui, — alguém respondeu enquanto eles abriam uma porta diferente e apertavam um interruptor de luz.

Reilly aproximou-se e seguiu aquele oficial para baixo. Quando ela desceu para o piso de concreto abaixo, o ar mofado fez cócegas em seu nariz e o frio a fez fechar mais o casaco.

— E eu pensei que o andar de cima estava vazio, — murmurou o policial, sua voz ecoando ao redor.

Você entendeu isso direito, ela concordou. Além do forno e do aquecedor de água quente, não parecia ter mais nada no porão. Mesmo assim, eles andaram ao redor, tomando caminhos diferentes, e então ela parou de lado, enquanto ele pegava uma lanterna a fim de verificar as coisas por trás do sistema AVAC¹⁹⁵.

— Nada, — ela disse.

— Nada.

Depois que eles voltaram para o primeiro andar, ela ficou na cozinha, e deu uma olhada na parte traseira de cada armário que Veck não usou e o fundo de todas as gavetas que não estavam ocupadas e os suportes do armário que não tinham nada pendurado dentro. Os oficiais estavam tirando fotos de todos os espaços vazios, e havia os sons de pessoas andando lá em cima no chão nu.

Deus, ela alguma vez realmente esteve com este homem? se perguntou.

Não, ela pensou. Ela estava com a imagem que ele precisava que ela visse.

Com um estremecimento, subiu as escadas e olhou para a suíte principal. A cama estava uma bagunça e havia outro pacote de Marlboro e um cinzeiro na mesa lateral. Duas mochilas estavam no canto, ela aproximou-se e cutucou com o pé para abrir o fecho. Couros. Uniforme militar. O que parecia uma camisa do AC/DC. Meias preta.

O tipo de coisa que você levaria para uma noite, exceto que ela não viu Veck usar nada disto antes, mas como considerar aquilo?

Franzindo a testa, ela ultrapassou os outros oficiais e foi na direção do banheiro. Duas escovas de dente em cima do balcão com um tubo de pasta de dente. Uma terceira escova estava em pé em um copo.

Quem diabos estava ficando aqui também?

E por que havia uma toalha sobre o espelho...?

Quando uma lâmpada se acendeu atrás dela, a luz alcançava a vidraça da janela pela qual ela o viu na primeira noite.

De modo severo, ela se virou e saiu para o corredor. Nos outros dois quartos não havia nada neles, e outro banheiro. Sem nada.

— Já estiveram no sótão? — Ela falou para os outros oficiais. Quando eles balançaram a cabeça, ela alcançou uma luva e puxou para baixo as escadas dobráveis.

¹⁹⁵ **AVAC** – Sistema relacionado ao controle do ar de um ambiente. A sigla vem de Aquecimento, Ventilação e Ar Condicionado.

Dando um passo ao lado, ela deixou um colega subir primeiro com uma lanterna. Deus, com tanto espaço de armazenamento disponível, você acharia que ninguém se preocuparia em levar qualquer coisa para o terceiro andar, mas Bails disse que ele empurrou as caixas nas escadas e não tinha outro lugar para verificar.

— Nada, — veio a voz masculina de cima.

Reilly pegou a armação de escada, agarrando-a com as mãos e seguindo com os pés. No sótão peculiar, o outro funcionário ligou uma lâmpada suja, e a coisa estava balançando em sua corrente, indo e voltando e puxando para fora as sombras das vigas.

Depois de olhar em volta, ela se ajoelhou e correu um dedo pelas tábuas de madeira que foram colocadas sobre o isolamento. Poeira. Montes de poeira.

Franzindo a testa, ela inspecionou o piso que estava em torno da abertura que eles passariam. Seus passos e os do outro funcionário deixaram um padrão distinto na camada grossa imaculada de partículas.

Mas que diabos? ela pensou.

Não apenas não havia nada ali em cima, nada *esteve* ali desde bem antes de Veck se mudar.

— Com licença, — ela murmurou, antes de escorregar de volta para baixo da escada dobrável.

Ela entrou no primeiro quarto que encontrou. Dentro, havia apenas carpete de parede a parede com pegadas nele, não havia rastros de caixas terem sido empilhados em qualquer lugar. E no fundo do armário? Mais da mesma coisa: suave tapete, sem marcação, o tipo de coisa igual a quando você passa aspirador um tempo atrás e deixa as fibras para recuperar sozinhas dos rastros de seu Dyson¹⁹⁶. Levantando-se na ponta dos pés, olhou para a prateleira. Sem marcas de coisas terem sido puxadas para fora e removidas.

No outro quarto era a mesma coisa.

Lá embaixo, foi até a cozinha, passou pela sala anexa e saiu do outro lado na garagem. Nenhum equipamento de jardim, ferramentas ou alpiste. Apenas dois caixotes para lixo, sendo que ambos estavam vazios.

— Quando foi a coleta de lixo? — ela perguntou, não esperando que alguém respondesse.

Era um fato que valia a pena saber, e sem dúvida alguém descobriria em breve.

Voltando à cozinha, ficou em frente dos armários e gavetas abertas. Ficou claro que ele dera permissão à eles para procurar na casa porque ele sabia muito bem que não encontrariam nada e ela estava ciente disso enquanto iam para ali.

Mas teve a sensação de que nada aconteceu aqui, para começar. Ela não viu nenhuma das caixas em qualquer lugar quando chegou, mas a propósito, parecia não existir evidência alguma de que muita coisa fora trazida quando ele se mudou. Sim, claro, ele teve umas boas doze horas para se livrar das coisas... mas você não poderia fabricar coisas como camadas de poeira e tapetes sem marcas.

Talvez Veck tivesse mexido com o que vazou de seu relatório do reformatório... e jogado os documentos fora. Exceto que sobre o que diabos Bails estava falando quando se aproximou das

¹⁹⁶ *Dyson* — Marca de aspirador de pé.

caixas? E por que ele mentiu? Os dois eram bem conhecidos por serem amigos, e o cara estava legitimamente esmagado.

Deus, apenas existia muitos buracos negros em toda parte.

Com uma maldição, ela checkou o relógio, depois pegou seu telefone e discou o número de De La Cruz. O detetive ficou para trás na delegacia, e quando ouviu o correio de voz, não se incomodou em deixar uma mensagem.

Ele saberia o que ela estava procurando.

Do lado de fora, ela entrou no carro e sentou-se atrás do volante. Eventualmente, olhou para a casa. À luz do sol brilhante, as sombras eram quase negras.

Seu telefone celular tocou e ela respondeu sem verificar quem era.

— Reilly.

— Eu tenho os resultados do polígrafo. — De La Cruz parecia tão cansado quanto ela se sentia. — Acabaram de chegar e imaginei que foi por isso que você ligou.

— Foi. Você pode me dizer?

— Ele passou por tudo, absolutamente tudo.

— *O quê?*

— Você me ouviu.

— Como isso é possível? — Exceto que no instante em que ela fez a pergunta, sabia que era besteira. Um bom mentiroso, um mentiroso excepcional, podia enganar a máquina. Era raro, mas não impossível.

Com um gemido, ela esfregou a ponte de seu nariz.

— Espera aí, só para ficar claro, eles perguntaram a ele sobre a visita ao Bartens, o brinco, a sala da evidência...

— Tudo

— E ele negou tudo, e a máquina disse que ele estava dizendo a verdade.

— Ahã. Exceto por uma questão.

Então, ele era um mentiroso estupendo.

— Espere, ele falhou em uma pergunta?

— Não, ele não negou uma coisa. O examinador lhe perguntou se ele tinha a intenção de matar Kroner naquela noite no motel. E ele disse que sim, que tinha.

Reilly balançou a cabeça.

— Isso não faz sentido. Por que isso seria a única coisa que ele admitiu?

Se ele estava mentindo sobre tudo o mais, por que ele não iria cobrir o próprio traseiro nesta também?

— Eu não sei, — De La Cruz murmurou. — Eu não tenho resposta para isso.

Capítulo 42

— Será que eles não podem fechar a porcaria dos armários?

Enquanto Adrian estava na cozinha de Veck, olhou através do vazio espaçoso, vendo como o pobre coitado fechava as merdas com grandes pancadas.

Em algum nível, era difícil ficar animando sobre algo, e isso incluía não só quartos, armários e gavetas de outra pessoa, mas a guerra em geral. A única coisa que lhe chamaria a atenção era se Devina aparecesse outra vez, mas a demônio parecia ter ido se esconder.

O que nunca era uma coisa boa.

Perto dele, Jim voltava também, deixando Veck fazer suas coisas e arrumando a casa. Quando o detetive subiu as escadas, o Salvador lançou um olhar ao redor.

— É melhor Devina fazer a merda de seu movimento logo ou a cabeça dele vai explodir.

Ad concordou com um grunhido.

— Mas não há muito que possamos fazer à cerca disso.

Ele e Jim assistiram a isso durante o início do interrogatório, o teste de detenção de mentira e o resto do interrogatório, até Ad ficar convencido de que eles nunca sairiam da estação policial. No final, contudo, Veck foi solto. Tudo o que os policiais tinham contra ele era merdas circunstanciais e com os resultados do polígrafo, não havia o suficiente para acusá-lo ou sequer colocá-lo em uma detenção de quarenta e oito horas.

De alguma forma eram boas notícias, melhor afastar o espetáculo com a Devina de todos aqueles uniformes. Mas o detetive foi levado ao limite e Adrian sabia muito bem o que isso significava.

Subitamente incapaz de se manter quieto, Ad foi ao refrigerador e o abriu. Não tinha muito dentro, sem grandes surpresas, mas mesmo que houvesse lá um carregamento de lo mein¹⁹⁷, ele não tinha impulso algum de realmente comer.

Até respirar era algo que ele já perdera o hábito de fazer a este ponto.

De fato, ele ouvira que havia vários estágios de luto. Ele estaria agora em depressão? Certamente não estava tão irritado como esteve quando Eddie... não importa. Naquele momento, tudo o que ele tinha era uma jaula de dor ao redor dos pulmões e a impressão de que estava arrastando uma barcaça de rio atrás dele.

Balançando a cabeça ele deliberadamente pôs essas merdas fora da mente. Introspecção não era uma boa amiga neste momento.

Pena que a definição não se manteve por muito tempo.

Olhando de relance para o Jim, ele disse:

— Você acha que ele deve ser deixado sozinho?

— Veck precisa de espaço.

— Eu não estava falando dele.

— Quer dizer o Eddie? — Jim cruzou os braços e amaldiçoou. Depois de um momento ele disse, — De fato, sim, penso que ele está bem. Devina não se sentirá incentivada a foder com ele porque enquanto estiver conosco, será uma ferida aberta que não se cura. Ela toma o corpo ou o danifica... Isto é uma coisa a curto prazo.

Ad andou até à janela e olhou para fora. Cinco horas, a luz estava começando a desaparecer do céu.

¹⁹⁷ *Lo Mein* – Prato chinês de massa de trigo com vegetais.

Cara, ele ficou todo ansioso de repente.

— Ela sabia que ele ia ser mantido cativo.

— Mas eu marquei a porta. Qualquer um que entre lá... — o cara bateu com o punho no peito. — Eu vou saber.

Ad compassou ao redor, sentindo-se como se tivesse formigas debaixo da pele.

Eventualmente ele murmurou:

— Olha, eu só vou até lá e checá-lo. Volto já.

Jim colocou-se à frente dele.

— Eddie está bem. E eu preciso de você aqui. A merda está prestes a cair.

— Dez minutos.

— Isto é exatamente o que ela quer. Você precisa perceber isso.

Adrian não queria brigar com o cara. Eles já contavam com demasiados temperamentos inflamados, graças ao Veck tendo uma atitude WWE¹⁹⁸ e Ad tinha senso suficiente para saber que ele próprio está instável, capaz de inflamar ou queimar com o girar de uma moeda.

Mas ele não conseguia afastar a abrupta necessidade de voltar para a garagem.

— Olha, eu volto já. Prometo. — Ele encontrou os olhos do Salvador com os seus próprios.
— Eu juro pela alma do Eddie.

— Maldito seja, — Jim murmurou.

— Eu não poderia concordar mais.

Sem esperar por outra rodada de desentendimentos, Ad flutuou para fora da casa. E assim que ele tomou forma na relva em frente à garagem, soube que estava com a razão em vir: havia outra presença dentro do apartamento com Eddie.

Instantaneamente entrou em modo combate, ele sacou a adaga de cristal e...

— Mas que inferno é esse? — ele murmurou baixando a arma.

Nesse momento, Colin abriu a porta no topo das escadas e caminho para o patamar.

— Devia ser “Céus”, muito obrigado.

O arcanjo não estava nas roupas namby-pamby¹⁹⁹ brancas, mas no tipo de roupas que se poderia lutar: calças largas e camisa justa. E ele estava sozinho, ou pelo menos era o que Ad sentia.

— O que está fazendo aqui? — Ad perguntou, apesar dele saber que poderia existir apenas uma explicação

— Assistindo TV.

Adrian foi até o fim das escadas.

— Jim não tem TV a cabo.

— Então pode imaginar o quão insatisfeito estou.

— Nigel deixou você guardá-lo?

— Sim, ele sabe que eu estou aqui.

¹⁹⁸ **WWE** – Referencia a lutas de Wrestling profissional.

¹⁹⁹ **Namby-pamby** – Refere-se a roupas afectadas ou pretensiosas.

O vento mudou de direção repentinamente, mudando tanto que agora vinha do leste, e trazia más notícias com ele: viajando com as correntes invisíveis, sacudindo com o vento, havia um subtil som de rugido.

— Fodida. Vadia. — Adrian pregou Colin com seu olhar. — Você fica com o Eddie.

— Obrigada pela ordem, — Colin disse secamente. — Mas foi para isso que eu vim.

— É. Desculpa.

Não tinha tempo para mais galanteios: enquanto o vento se intensificava e o rugido se transformava em guinchos, Ad não queria apenas amaldiçoar Devina e os seus senhores da guerra, ele queria dar um chute na própria cabeça. Isto era precisamente o que Jim disse que ia acontecer: os dois separados, ele lidando com um bando de bastardos sem ossos e desalmados enquanto Jim sem dúvidas enfrentava encruzilhada atual

Ele caiu diretamente nas mãos da demônio

E ele teria que ficar na palma dela.

Ele certaria não poderia partir agora: Colin era forte, mas havia limites, e eles já quase perderam Eddie uma vez.

Não ia acontecer outra.

Movendo-se rápido, Adrian se transportou para a garagem. Ao redor da caminhonete, havia uma mochila de tecido cheia de equipamento de montaria de couro, e ele rapidamente tirou luvas grossas que lhe chegavam aos antebraços, e então vestiu o casaco comprido que Eddie usava para as longas viagens de moto.

No caminho para fora, passou por um forcado, e se inclinou e o apanhou. *Merda*, como ele queria espetar essa porcaria em alguma coisa, ele sabia exatamente o quanto divertida ferramentas de jardinagem poderiam ser.

Quando ele saiu novamente, Colin estava à vista, o que era uma boa sincronia e era exatamente o que ele queria: Ao redor, servos estavam saindo das sombras, transformando-se em assassinos sem olhos que eram apenas da porra de seu gosto.

Adrian inflou seus pulmões até seu peito estar cheio e então deixou sair um grito de guerra que sacudiu os ramos das árvores que cercavam a garagem, empurrando-os para tão longe que poucos sequer estavam posicionados.

E então ele atacou.

Agarrando com uma força mortal no cabo de madeira gasto, ele se lançou a frente, acertando em cheio o servo mais próximo nas tripas antes de inclinar o forcado para cima, até que acertar na estrutura das costelas no tronco. Com os dentes do forcado presos no local, era um caso de para cima-e-para-a-frente enquanto ele espetava o maldito para o lado esquerdo do campo como se fosse um fardo de palha. Então era a pequena questão de enfiar a extremidade apropriada debaixo do braço para assim acertar o FDP tentando ficar sobre o traseiro na coxa.

Adrian girou ao redor, atirou a ferramenta e passou sobre a cabeça, passou os espetos curvados lateralmente no bastardo aleijado. Eles penetraram pelo rosto, então desceu para a cavidade torácica, reduzindo o lutador de Devina a um pudim de lama.

A luta foi tão fodidamente satisfatória

Livre novamente, ele alterou sua postura e posicionou-se de forma que o par de servos que tentavam dispersar-lhe a atenção conseguisse o que queriam: Mantendo a cabeça para frente, ele os mediu com a visão periférica de ambos os olhos.

Ele também considerava um terceiro que se aproximava por trás.

Era estupidamente óbvio.

Flexionando os joelhos, ele atirou-se para o ar, dando um salto para trás passando por cima do que acertou onde estaria, e então o apunhalou nas costas e rodou com força. Quando o impacto foi sentido o servo entrou num espasmo corporal, sangue ácido espirrando ao ponto de ele ter que soltar e se afastar. Lançando-se ao redor ao coisa do servo, ele abaixou-se e atingiu o chão com um giro.

Quando ele se colocou de pé, estava preparado para abater os outros dois.

Em vez disso, ele enfrentava um exército.

Demônios apareceram de todas as sombras que havia no quintal e rodeavam-no, o seu número era tão alto, que estavam nas árvores e nas esquinas do telhado da garagem.

Deviam ser trinta. Quarenta. Cinquenta.

Encarando a força esmagadora, uma calma ressoante o invadiu, como se ele estivesse esvaindo-se em sangue. Eddie ia ficar bem; Colin ia garantir isso. E Ad ia dar tempo e espaço suficiente ao arcanjo para que pudesse tirar os dois dali.

Quanto a ele? Ele não ia sair dali inteiro e ele estava muito bem com a maneira que iria partir. Esta era a maneira de morrer: defendendo seu território e derrubando uma cambada de inimigos fodidos no caminho para seu túmulo.

Era honorável.

Enquanto Adrian se aprontava para ir para a parede de inimigos, ele pensava que esta seria a última vez, que deseja que seu amigo ainda estivesse com ele. De qualquer forma, pelo menos eles não ficariam separados por muito tempo.



No centro da cidade na Central, Reilly encontrou-se na iminência de sair e ir para casa. Por cerca de uma hora e meia.

Não havia nada para ela fazer. Ela ainda não fora destacada para nenhum caso novo; ela acabara o trabalho naquele caso; e Deus sabia que ela estava fora do caso do Veck. Mesmo assim ela estava sentada em sua mesa como se alguém tivesse colado seu traseiro na cadeira, seus colegas tendo partido a um bom tempo.

Infelizmente, ela não estava apenas encarando o vazio. Ela estava na página do Facebook do pai do Veck como uma maluca aficionada em trabalho.

Indo para a seção dos links, ela clicou em alguns sites, mas nenhum lhe deu a resposta que queria. Mas a verdade era que nada com www. a ajudaria: Suas respostas de porque Veck a seduzira, porque ela caiu nessa, e porque ele tinha que ser como o pai, não estavam na rede.

Ela foi para a seção dos vídeos. *Deus*, aquelas coisas eram realmente repulsivas, a maioria tirada de reuniões de fãs.

Ela franziu as sobrancelhas e inclinou-se para o tela. Um dos últimos fora filmado nos últimos dias na frente da prisão onde o DelVecchio mais velho estava. No brilho do sol, os sinais eram completamente visíveis e os slogans eram ridículos.

Alguns até rimavam.

Execução. Perseguição. Muito original.

Ela viu o vídeo outra vez. Outra vez. E outra vez. Até que já havia memorizado os closes e grandes planos do clipe de dois minutos, como também a parte em que aquele flash vinha de trás.

Espera.

Não era um flash.

Ela abriu o arquivo novamente e deixou recarregar. Na última fila, de pé ao lado, estava um homem... com um par de óculos de sol espelhados.

Não dava para ampliar, então ela simplesmente assistiu novamente.

— Oh... Deus...

Assistiu mais uma vez.

— Oh... meu... *Deus!*

Era o... Bails?

Tinha que ser ele... estava no meio dos desconcertantes devotos. Quando a câmara se afastou, ele estava falando com o cara ao lado dele, até que reparou que estava sendo filmado e então virou-se.

Ela voltou para a página principal. Procurar por membros não fazia sentido: Não apenas não havia maneira de gravar os dados, mais exatamente, ela não sabia o que estava procurando em termo de nome. De fato ela escreveu “John Bails” na pesquisa do Facebook, o que a levou a um cara no Arizona que tinha sessenta e a alguém no Novo México que tinha dezessete, havia ainda mais três pessoas que não se encaixavam no perfil.

Num momento de paranoia ela parou o vídeo e olhou por cima do ombro. Não havia ninguém atrás dela... ou sequer no departamento.

De volta ao vídeo

Enquanto assistia uma e outra vez, ela não conseguia ter a certeza absoluta que era ele. Afinal de contas, havia um milhão de óculos de sol espelhados no mundo. Mas o cabelo... a constituição do corpo... a cor... tudo isso se encaixava perfeitamente.

De repente, ela pensou naquelas “caixas” de que ele falou... assim como o fato de Veck ter passado no detector de mentiras. Sim, é possível enganar a máquina e tendo em conta o quão calmo Veck conseguia ficar, ele parecia o candidato perfeito para essa estirpe de mentirosos. Mas porque, então, ele admitiria ter a intenção de ferir Kroner? Isso não fazia sentido.

A não ser, claro... que ele simplesmente estivesse dizendo a verdade.

Reilly passou por todos os vídeos que havia ali... e encontrou outros dois avistamentos do homem que parecia ser Bails. Ele sempre usava óculos de sol, mesmo a noite, mas não exclusivamente aqueles espelhados.

Ela recostou-se na cadeira. Deu um chute e colocou-se em um giro vagaroso.

Seria possível que esse Bails tivesse um relacionamento com o pai de Veck?

Então novamente, se Bails era um das legiões de fãs que o louco possuía, ele não precisava realmente conhecê-lo. Então porque armar para o Veck?

Enquanto o movimento da cadeira diminuía, ela encontrou-se olhando para a página novamente e pensou, Bem, *duh...*

Se o pai fosse executado, como eles continuariam a fluir o amor? Simples, alguém criava a ilusão de que a tradição de família continuava. Talvez até conseguisse que Veck fosse preso. Talvez conseguissem fazê-lo matar.

Ela pensou no polígrafo e considerou a ideia de que Veck realmente tinha um impulso assassino. Se pressionado forte o suficiente, se colocado sob stress o suficiente, era possível que alguém agisse e fizesse o que normalmente não faria. *Olá*, era por isso que os departamentos de polícia contavam com divisões de homicídios.

Quanto o que acontecera na floresta? Veck poderia ter ido até lá com o pensamento de matar Kroner, mas tendo em conta como ele se comportou com o *paparazzo* que ele acertou, era inevitável que ele encarasse como uma retaliação pelo o que o homem fez, ainda assim era ilegal, imoral e indesculpável se ele o fez, mas completamente diferente de isolar uma mulher inocente e corrompê-la. Neste caso, vinte e cinco mulheres inocentes.

Além disso, Veck não ferira, de fato, Kroner.

Ele em vez disso chamou o 911.

Ela pensou como Veck era ao seu redor, a forma como ele falava, agia e a tocava.

Então ela recordou-se de Bails perto do carro dela, parecendo desolado e traído pelo “melhor amigo.”

Psicopatas podiam ser muito convincentes. Esse era o cerne de como eles conseguiam causar os estragos.

A questão agora era, entre estes dois homens, quem era o mentiroso?

Quanto mais pensava sobre a grande revelação de Bails em seu desmarcado na frente do hospital, ela precisava se perguntar... como ele soube sobre a discrepância dos brincos? Havia centenas de pedaços de pistas no relatório preliminar. Centenas. Como um detetive do caso, ele teria visto aquela lista mais de uma vez. Meio difícil de acreditar que ele iria se lembrar de um único registro.

O que o teria levado a comparar as duas listas relativamente a aquele objeto em particular? O fato de Veck ter reconhecido o brinco como de Sissy Barten? Ou talvez porque Bails era o cara bolando a armação?

Só havia uma coisa a fazer para ter certeza. Infelizmente, não era legal.

Reilly levantou-se e andou pelo departamento, caminhando rapidamente até o final do corredor e procurando nas salas de conferência; então retornando à frente para checar a recepção; antes de virar para trás e olhar rapidamente para o gabinete de sua chefe, mesmo sabendo que a mulher partira.

Em sua mesa novamente, ela pegou seu telefone e ligou para a única pessoa que sabia que poderia ajudá-la.

Quando atenderam do outro lado ela disse suavemente:

- Eu preciso de ajuda, mas será fora da linha.
- A voz de De La Cruz soou firme.
- De que tipo de linha estamos falando?
- Da única que conta.

Capítulo 43

Adrian Vogel era um maldito de um fodido lunático.

Olhando pela janela panorâmica do apartamento acima da garagem, o arcanjo Colin mediu o campo de batalha lá embaixo. Antes, aquele pouco mais de mil metros quadrados fora nada além de um caminho de terra e um pequeno pedaço de gramado. No momento em que os subordinados mostraram seus rostos oleosos, no entanto, uma mudança de propósito ocorreu, e agora Adrian estava enfrentando uma legião de bastardos da Devina.

Isto tinha catástrofe carimbada por toda parte: Mesmo Colin não tendo respeito pelos habitantes do covil da demônio, eles eram muito perigosos, especialmente nessa quantidade. E aquele filho da puta idiota estava enfrentando-os com nada além de um fino traje de couro e uma ferramenta agrícola.

Colin fechou os olhos brevemente e amaldiçoou. O anjo não iria sair dessa. Ele era um lutador extraordinário, tão bom quanto o Salvador que era um mestre. Mas a quantidade que ele estava enfrentando? Era um enxame.

Exceto que não havia como deixar Eddie descer e ajudar. Devina iria querer o corpo indefeso, em primeiro lugar, e Jim tinha apenas uma notificação de feitiço com aquela sangrenta impressão da mão dele. Se alguma coisa quebrasse aqui? Apenas desencadearia um sinal para o Salvador, e puxar Jim para longe de seu trabalho com a alma em questão não era o que alguém precisava.

Além disso, se Colin entrasse na briga e descesse para a terra, ele teria que lidar com Nigel por interferir, e menos conflitos entre eles era aconselhável neste momento. Com exceção de que ninguém podia ficar de lado e apenas observar um massacre, podia?

Levantando-se e indo até a porta, Colin abriu a barreira frágil e inútil. Imediatamente, o cheiro flutuante de sangue ácido formigou em seu nariz, e os gritos e grunhidos de combate queimaram em seus ouvidos.

Adrian estava surpreendente, empunhando o garfo de feno com intenso sucesso mesmo quando a maré de inimigos avançava e ameaçava fechar as fileiras para cercá-lo. Apunhalando a frente, então dobrar à esquerda, depois à direita, então retornando para o centro, ele estava derrubando subordinados com tal capacidade que por um momento, ele teve que reconsiderar seu envolvimento.

Mas, então, um subordinado, apoiou um companheiro e veio por baixo, enquanto Adrian estava trabalhando no nível do peito.

O bastardo estava mirando o pé do anjo, tentando fazê-lo perder o equilíbrio e então derrubá-lo, a certa altura todos eles iriam tomar o controle e possuí-lo como um cão.

Colin voltou para casa e olhou em volta.

Espelho. Ele precisava de um espelho.

Uma rápida inspeção do local rendeu um que estava pendurado em cima da pia no banheiro. Infelizmente, foi parte de uma unidade embutida na parede, e não algo que pudesse puxar de um gancho. Ele, no entanto, deu um jeito.

Focando sobre o dedo indicador, ele acumulou uma frieza sobre a ponta, intensificando a energia, aumentando-a e mantendo-a controlada.

Quando ele fez contato com o vidro reflexivo, o painel quebrou, mas se manteve em sua moldura, as rachaduras emanando de onde ele havia tocado. Olhando em volta, ele encontrou uma publicação sobre a parte de trás do vaso sanitário marcada como *Car and Driver*, e apanhando-a, ele pressionou as folhas de papel contra o que ele lascara.

Com uma força de vontade convocatória, ele chamou os cacos para frente, separando-os de seu apoio, afixando-os temporariamente sobre a face do que ele mostrava a eles. Quando ele removeu a pilha de papéis, as peças ficaram presas como se tivessem sido coladas, o resto caiu diretamente na pia branca em um tintilar apressado e brilhante.

Ele zunia de tão rápido enquanto corria de volta pelo andar e saiu sobre o patamar das escadas exteriores mais uma vez.

Adrian estava quase cercado. Ele fizera um trabalho incrível, no entanto. Com apenas o modesto garfo de feno, ele incapacitara tantos, o gramado e o caminho da garagem eram uma pista de obstáculos de corpos pretos contorcidos. Vapor, de onde ele fora salpicado com aquele sangue corrosivo, subia-lhe da roupa exterior de couro, dando-lhe uma sombra nebulosa enquanto ele golpeava e girava.

Segurando a revista esticada em sua palma da mão, Colin comandou os cacos espelhados a subir e voar, enviando-os em um grupo para Adrian. Quando eles chegaram ao seu destino, eles rodados em massa assim suas superfícies reflexivas o encararam e então começaram a circundá-lo, pegando sua imagem... e jogando-a.

Um Adrian se tornou dois. Dois se tornaram quatro. Quatro se tornaram dezesseis. Dezesseis tornou-se um exército incontável para encontrar uma força finita. Cada um tinha o casaco de couro. Todos contavam com o forçado. Todos eram o assassino proficiente.

Eles eram o Adrian multiplicado, reproduções perfeitas que lutavam e pensavam exatamente como ele fazia. E enquanto ele olhava ao redor para tanto de si mesmo, ele perdeu seu ritmo por um momento quando percebeu que tinha reforço de um tipo inesperado.

Ele não era alguém de perder tempo no calor da batalha, no entanto, e enquanto ele voltava a se envolver, os outros dele assumiram posturas de batalha e então se prepararam, atacando os subordinados.

— Agora está justo, — Colin murmurou enquanto se fechava de volta na garagem e retomava sua posição elevada na janela.

Era um corpo a corpo a toda potência lá embaixo, uma guerra terrestre de dimensão adequada, com combatentes bem equipados. Os subordinados rompiam seus membros

expansíveis, suas presas piscando branco em seus rostos descaracterizados e perigosos enquanto eles procuravam conseguir se afundar em braços e pernas de anjos. E em contrapartida, os Adrians investiam com igual autodomínio, golpeando com precisão viciosa e uma espécie de elegância brutal de movimento, aquela modesta ferramenta de fazenda transformada na mais digna arma. Enquanto o tempo passava, a brigada angelical alongou seu território, cortando quaisquer avenidas da dominância da retaguarda ao flanco, e então eles começaram a conquistar seus inimigos, apertando os subordinados em uma cunha enquanto se aproximavam dos lados, deixando corpos contorcidos sob os pés.

Era tão gratificante de assistir, mas ainda melhor era fazer parte, Colin pensou com inveja.

Acima no céu, esta guerra era de grande importância, sim, mas havia uma firme falta de sensação visceral. Aqui... aqui era onde estava acontecendo. Aqui era onde ele desejava estar.

Abruptamente, ele pensou em Nigel e se perguntou se o arcanjo estava correto. Colin por muito tempo se vira como um ser lógico, elevando-se acima de toda emoção básica, e isto era uma grande parte do que o definia.

Ele tinha paixão em suas entranhas, no entanto. Rios profundos de paixão.

E o fez querer lutar, e não bancar a testemunha.

Infelizmente, ele queria estar nas botas de combate de Adrian...

Capítulo 44

Enquanto Reilly se sentava em sua mesa e encarava o telefone, ela não achava que La Cruz iria conseguir.

Sim, ele era a única pessoa que ela podia pensar que conseguiria um arquivo juvenil selado de quinze anos e sem dúvida enterrado no porão de algum subúrbio da Cidade de Nova York. Mas isso era uma tarefa difícil, mesmo para um operador de milagres como ele.

Por outro lado, “selado” significava “perder seu emprego” se você fosse lá. E, os registros mais antigos eram revisados depois de um certo número de anos, dado que os arquivos informatizados nem sempre prevaleceram nos anos noventa, especialmente em municípios menores. E finalmente, o cara não trabalhava em Manhattan há anos e anos. Quem sabia se ele possuía contatos remanescentes no sul?

Ainda assim, fora um alívio expor tudo para o detetive, mesmo as coisas sobre o Bails: Ela não gostava de se sentir louca sozinha. E pelo menos ele não parecia pensar que suas suspeitas eram totalmente infundadas.

Olhando para o relógio do outro lado do escritório, ela sabia que ele não voltaria para ela esta noite... assim era provavelmente hora de ir para casa antes que ela ossificasse em sua cadeira. Levantando-se, ela se espreguiçou muito, que era menos sobre o relaxamento de seu corpo e mais sobre encontrar uma desculpa para olhar para trás de si. Novamente.

Cara, você sabia que a paranoia estava ruim quando precisava inventar desculpas para isso para si mesma.

Depois de desligar seu computador, ela pegou seu casaco, o vestiu, e apanhou sua bolsa. Antes de deixar a AI, ela checou o revólver em seu coldre debaixo do braço e pegou o telefone celular.

Só por garantia.

Enquanto saia para o corredor, ela olhou para ambos os lados e prestou atenção. À distância, passando da Homicídios, ela ouviu um aspirador funcionando, e, lá embaixo no vestíbulo alguém estava usando uma enceradeira.

Ela olhou para trás. Não havia ninguém ao redor.

Andando rápido para as escadas principais, ela se lembrou de que mesmo sendo depois do expediente, as luzes ainda estavam acesas em toda parte e havia vinte ou trinta pessoas do turno da noite trabalhando no edifício.

Quando seu telefone tocou, ela quase deixou a maldita coisa cair. E então quase o perdeu novamente quando viu que era De La Cruz. Aceitando a chamada, ela sussurrou:

— Não me diga que você encontrou o registro do reformatório?

— Foi isso que você me pediu para fazer.

Seus pés desaceleraram.

— Meu Deus...

— O marido da prima do meu cunhado, na verdade.

— Diga-me.

— Falta na escola. É isso.

Ela parou no topo da escada, e manteve a voz baixa.

— O que quer dizer 'é isso'?

— Os registros do departamento de Condado Garrison tem uma única lista em 'noventa e seis' para um Thomas DelVecchio Jr. Ele foi levado por faltar à escola várias vezes.

— E não há outra referência? Sem avaliação psicológica? Sem...

— Nada. O acúmulo de casos foi digitalizado em dois mil e cinco, e eles salvaram dez anos de arquivos, assim nós entramos apenas na de zona segura. DelVecchio tinha quatorze anos na época em que foi trazido, e se ele teve viagens anteriores pelo sistema de justiça, elas estariam anotadas naquela entrada.

— E não havia nada depois.

— Nada.

Houve um longo silêncio. E então ela se sentiu obrigada a perguntar:

— Não há possibilidade de algo ter sido perdido?

— Se por algum motivo ele teve problemas em outra jurisdição, bem, então sim. Mas os registros de imóveis mostram que a mãe dele possuiu uma casa na mesma cidade por trinta anos e sei que o currículo de Veck foi vetado, e nele está que se formou no ensino médio na Escola do Condado Garrison em dois mil. Então eu acho que é seguro assumir que ele ficou nessa área.

Reilly colocou a mão em sua cabeça como sua mente vacilava.

— Estão armando para ele.

— Certamente parece assim.

“Maldito seja.”

Agora ela se moveu, correndo pelas escadas, saltos altos batendo ruidosamente sobre o mármore.

— Outra coisa, — De La Cruz disse. — Enquanto eu estava esperando pelo retorno da chamada, eu entrei naquela página do Facebook que você me enviou o link.

— E você viu o Bails?

— Sim, eu acho que é ele, também. Onde você está?

— Acabando de sair da estação. Eu vou para a casa do Veck agora mesmo.

Quando ela passou pelo pessoal da limpeza, ela observou seu andar pelo mármore molhado e então disparou pelo corredor traseiro.

— Há apenas um problema, — De La Cruz disse. — Nós não podemos usar o registro do reformatório para provar qualquer coisa. Nós nunca deveríamos ter conseguido esta informação.

Ela socou a barra na saída traseira e explodiu na noite.

— Eu tenho as imagens de Bails no Facebook, eu guardei imagens da tela no caso de elas serem retiradas e eu achei o nome falso que ele está usando. Eu acho que temos o suficiente para conseguir um mandado para forçar o Facebook a nos dar os detalhes da conta e do fornecedor de serviços de Internet. Nós podemos envolvê-lo dessa maneira.

— Provar que ele é um fã do DelVecchio Sr não é suficiente.

— É um começo.

— Concordo, mas tem que haver algo mais. E antes que você pergunte, sim, eu vou ligar para o sargento, a menos que você queira...

— Eu vou estar ocupada com o Veck. Talvez ele tenha algumas ideias.

— Entendido.

— Eu não sei *como* você conseguiu isto.

— Oficialmente, eu não consegui...

— Bem, eu realmente lhe devo essa. Você é um salva-vidas.

Ela desligou a chamada e tirou as chaves para seu carro sem identificação.

— Na verdade, essa não é bem a palavra que eu teria usado.

Reilly não teve a chance de girar. Uma mão agarrou a parte de trás de sua cabeça e bateu seu rosto nos contornos rígidos do carro, a parte superior da porta atingindo seu lado direito à linha da sobrancelha.

Quando suas luzes se apagaram e os joelhos dobraram, tudo o que ela ouviu foi a voz de Bails em seu ouvido: — Você realmente devia ter olhado para trás.



Adrian matou o último subordinado com um corte em arco que foi de alto a baixo, os dentes do forçado perfurando um negro peito oleoso, como faca na manteiga.

Pelo menos... ele pensou que ele foi quem fez aquilo.

Quando o corpo caiu no chão com um baque úmido, ele olhou ao redor... a todos os outros dele. Que, no mesmo instante, se viraram e olharam em sua direção. Ele girou o forçado ao redor

e esfaqueou o chão e outras dezenas de si mesmo fizeram a mesma coisa uma mera fração de segundo depois.

Se Eddie estivesse aqui, ele pensou, o cara estaria mijando nas calças. Aberturas demais para um tapinha no traseiro.

Merda, Eddie... por que não fora ele aquele com nove vidas?

Naquele momento, o rosto de cada Adrian ficou apertado, aquelas bocas que ele conhecia tão bem se achatando, aquelas sobrancelhas perfuradas se abaixando... até que ele estava cercado, literalmente, por seu próprio pesar.

O som de palmas lentas levaram seus rostos coletivos para cima e ao redor. Colin saíra do apartamento e estava de pé no patamar superior da escada.

— Muito bem, rapaz, muito bem.

— Eu tive ajuda.

Huh. Nenhum dos outros Adrians falou, assim este tinha de ser ele, e que coisa para estar aliviado.

Pelo amor de Deus, esta merda ia lhe dar um transtorno.

— Euteria me unido a você, — disse Colin enquanto flutuava escada abaixo e então atravessou o chão manchado e com vapor. — Mas, como você apontou, eu estou aqui para cuidar do nosso saudoso amigo.

— O Eddie está bem?

— Sim.

Ad balançou a cabeça.

— Graças a Deus que você estava aqui.

— De fato.

Enquanto o arcanjo atravessava os restos de todos aqueles subordinados, suas botas permaneceram intocadas mesmo o chão estando uma bagunça lamacenta.

Ele e os outros Adrians pareciam impressionados. E então ele percebeu que eles estavam evaporando: Cada Adrian tinha gavinhas de fumaça subindo de seus ombros e costas, o sangue corrosivo comendo através do couro, indo para a pele.

Naquela nota... Adrian arrancou o sobretudo.

Nem mesmo uma fração de segundo depois, veio um coro de agitação, como se um bando de gansos tivesse começado a se mover e decolado para o céu. E então os Adrians jogaram seus casacos no chão com nojo assim como ele.

Colin parou na frente de todos eles.

— Você gostaria de manter seus amiguinhos?

Adrian olhou em volta para todos de si mesmo.

— Eles são um ótimo reforço, me pergunto se eles conseguem lidar com janelas? E se você não se importa que eu pergunte, como conseguiu fazer isto?

Colin estendeu a mão. A algum tipo de comando dele, a superfície de lodo escuro cobrindo a calçada e gramado começou a vibrar, e então aqui e ali, pequenos objetos se levantaram, gotejando com...

Eles eram cacos, Adrian percebeu, enquanto eles derramaram sua cobertura de subordinados. Vidro, não, cacos espelhados.

— Astuto, astuto, — Ad murmurou.

— Diga adeus à seu pessoal, parceiro.

Ele olhou ao redor. E descobriu que queria dizer muito obrigado para todos de si mesmo.

Em perfeita sincronização, todos os outros Adrians colocaram as palmas das mãos sobre o coração, aquelas cabeças escuras abaixando gravemente.

E então eles foram embora, junto com seus casacos.

— Posso tê-los de volta se precisar deles de novo? — Ad perguntou. — Quando eu tiver que colocar algum tapete, ou mover um piano?

— Você sabe onde me encontrar.

— Eu sei. — Ele estendeu a mão, mas depois a abaixou quando viu a condição de suas luvas.

— Eu tenho que saber uma coisa.

— O que?

— Por que você fez isso?

— Você ia perder.

— Você vai contar a Nigel?

— Provavelmente. Eu aderi ao conceito de que é melhor pedir desculpas do que permissão.

— Conheço esse bem.

Houve um período de silêncio.

— Obrigado, — disse Adrian rudemente.

O arcanjo se curvou com graça.

— Foi um prazer. Agora, eu acho que devíamos limpar isto. Não muitos vizinhos por perto, mas seria difícil de explicar, você não acha?

Bom ponto: Se houvesse apenas uma discussão, não havia muita razão para se preocupar com as consequências desagradáveis. Deus sabia que os humanos deixavam muitas bagunças oleosas ao redor, e manchas no chão logo desapareciam com luz solar suficiente. Isso?

— A única opção, — ele murmurou, — seria dizer as pessoas que petroleiro explodiu no gramado da frente.

— E isso não requer uma licença ou algo assim?

— Provavelmente. Assim como um monte de pólvora. — Ele balançou a cabeça. —Caramba, nós vamos precisar de muita...

Solução de limpeza era o termo que ele ia usar, quando começou a se perguntar quanto daquela mistura de hamamélis ele poderia reunir. Suficiente para um caminhão de bombeiros fazer o trabalho.

Colin, no entanto, cuidou de tudo: Varrendo a mão em um círculo, ele desapareceu com qualquer vestígio da formidável luta.

Adrian assobiou baixinho.

— Você não estaria no mercado para um segundo emprego, estaria?

Colin sorriu com uma nuance sombria.

— Isso seria contra as regras, querido menino.

— E Deus me livre de acabar com aquelas vadias.

Adrian arrancou uma de suas luvas e igualou a expressão cínica do arcanjo enquanto eles davam as mãos e balançavam forte.

— Jim está provavelmente esperando por mim, — Ad murmurou, olhando para cima em direção à garagem.

— E no momento, não tenho nada melhor para fazer.

O alívio que Eddie não estava sozinho era tão profundo, ele estava tentado a abraçar o filho da puta.

— Então eu vou apenas voltar ao trabalho agora.

— E assim, também devo.

Enquanto Adrian assentia e se levantava ao ar, ele estava preparado para Devina de maneiras que não estivera antes.

Coisa boa, como se viu, considerando o que ele encontrou quando chegou à casa de Veck.

Capítulo 45

Quando o telefone de Veck tocou quinze para as nove, ele estava tão tenso, que quase não se incomodou de atender aquela merda.

Ele esteve marchando a volta de sua casa, à espera de algo, qualquer coisa para descer com Heron, que estava praticamente vibrando o chão, todos os fios soltos, sem nada para conectar-se.

— Você não vai atender isso, — Jim perguntou do outro lado da cozinha. O anjo foi fumar tranquilamente na cadeira que ele sentou-se, como nos fodidos dias atrás.

Ok, não foram dias. Este trecho de nada acontecer pareceram *décadas*.

No momento que a campainha tocou novamente, Veck deu uma olhada. Ele jogou o celular no balcão e ele vibrou, a coisa se aproximando mais e mais da borda com cada tremor tocando.

Ele estava completamente satisfeito para deixar o pedaço de merda deslizar direto para fora numa queda livre. Exceto que viu na tela tinha uma palavra sobre ela: *Reilly*.

Veck mergulhou através a bancada.

—Alô! Alô? Alô!?

Ele não tinha ideia porque ela estava chamando, mas não se importava. Talvez ela tivesse discado errado, ou talvez precisasse do número do cara da pizza. Ou, *inferno*, mesmo que ela só quisesse amaldiçoá-lo, ele foi reduzido a isso...

—Você parece tão reprimido aí, DelVecchio.

Ele franziu a testa para a voz masculina.

—Bails?

—Eu já te disse o quanto eu amo seu nome? DelVecchio... —O cara esticou as sílabas. — *Mmm*, só o som dele me deixa fora.

—Que porra você está falando?

—DeeeellVeccccchiooo.

Abruptamente, Veck sentiu um tiro de agressão cega apertar no coração.

— Por que você está com o telefone de Reilly?

Embora não fosse como se ele não pudesse adivinhar. *Cristo*, aí estava ele novamente, pensou. Outro esforço para persuadir alguém que ele assumiu que podia confiar, só que desta vez, ele estava aterrorizado com as consequências.

Ele olhou para Heron, que havia colocado seu cigarro no cinzeiro e se levantado, como se isso fosse seu passatempo.

— Por que, Bails?

Houve um grunhido e um ruído de raspagem... o tipo de coisa que alguns pés faria sobre a terra.

— Desculpe, apenas movendo o corpo.

Veck apertou o telefone tão forte, que uma das teclas de marcação saiu com um grito.

— *Eu vou matar você. Se você machucá-la.*

Houve um som batendo. E depois um gemido.

— Levante-se, vaca. Quero que você fale com ele.

— Reilly. — Por isso ajudaria os dois, Veck ia rasgar a cabeça de Bails fora de seus ombros e ia chutá-la. Então, ele estava indo para estripar-lhe o corpo e cortar fora os braços e pernas.

Mas primeiro, ele castraria o filho da puta.

— Reilly...

— Eu sou... sinto muito... — Disse numa voz fraca.

Veck fechou os olhos.

— Reilly, eu vou buscar você.

— Eu não sabia... acredito em você... me perdoe...

As palavras foram arrastadas, como se ela estivesse com a boca inchada, ou talvez, *Deus me livre*, tivesse alguns dentes arrancados.

— Eu vou buscá-la. Não se preocupe, eu vou.

Ela o cortou.

— Eu sei... você não... fez... Bails... mentiu...

Seu grito foi tão alto que Veck teve que empurrar o telefone longe de seu ouvido.

— Reilly — gritou, sua voz soando em torno de sua cozinha. — Reilly.

— Desculpe, — Bails cortou. — Eu vou apresentá-la à minha namorada. Elas vão se divertir um pouco juntas, pelo menos até que você venha se juntar a nós.

— *Diga-me onde você está, filho da puta.*

— Oh, eu vou, mas eu tenho alguém que quer dizer olá primeiro. Mas não para você. Ela diz para você dar o telefone para Heron agora.

— Foda-se.

Houve um barulho e, em seguida, uma mulher entrou na linha.

— Olá, pequeno Tommy.

Ah, merda, aquela voz era... toda errada. Como se alguém tivesse um desses filtros de distorção sobre o receptor. Mas isso não foi o único problema.

Seu pai chamava-lhe assim quando era jovem.

—Agora ouça, Tommy, eu quero que você dê o telefone para o homem, grande e bonito que está de pé do outro lado de sua cozinha. Então eu quero que você pegue seu casaco e arme-se bem, estou falando suas armas, suas facas, o que quiser. Volte a andar no lugar onde esteve circulando nas últimas horas, Heron irá até lá lhe dizer para onde ir.

— Quem é você? — ele gritou.

— Você sabe *exatamente* quem eu sou. — O riso que se seguiu foi como uma lâmina afiada. —Uma nota, a propósito, sabe aquelas toalhas que você mantém esticadas? Eles podem fazer com que pare de me ver, mas não é um tipo de coisa recíproca. Eu sempre tive meu olho em você.

Veck mudou seu olhar sobre Jim. O anjo estava balançando a cabeça de um lado para o outro lentamente, como se soubesse exatamente o que estava sendo dito mesmo que o celular estivesse quase grampeado a orelha de Veck.

—Antes que você jogue o telefone para Jim, — a mulher, ou qualquer merda que fosse, disse, — você deve saber que se alguém vier com você, eu vou matá-la. Vou levar a faca que tenho agora em minha mão e eu vou começar com o rosto. Você está ciente de quanto tempo alguém pode viver sem uma boca? Muito tempo. Ouvidos? Dentes? Ela pode estar viva, mas rezando para estar morta, se você sabe o que eu quero dizer. E eu não vou parar por aí... Eu vou até os dedos. Apenas para as juntas primeiro. Eu sou boa a cortar em linha, mantendo-os vivos se eu quiser, quem você acha que ensinou a seu pai todos os seus truques?

— Se você tocá-la...

— Quem disse que não fiz. Agora seja um bom menino e jogue o telefone.

—Pegue,— Veck gritou enquanto jogou a coisa acima.

Ele não esperou para ver se houve um pouso seguro. Correndo pelas escadas, foi por três degraus de uma vez, as solas de seus sapatos rangendo, especialmente enquanto virava o canto do segundo andar.

O armário de seu quarto estava cheio de armas. Armas, munição, facas, como a cadela sabia disso tudo, ele não queria pensar.

—Filho da puta! — Ele gritou quando abriu as portas.

As prateleiras estavam vazias.

Mas, é claro. A polícia veio e levou tudo o que estava em evidência.

— Isso não é o que você vai precisar.

Ele se virou e recuou. De pé na porta de seu quarto, o parceiro de Heron, Adrian, estava parecendo uma bagunça quente: Sua camisa estava meio apodrecida em partes e... *Cristo*, o cheiro. Seja o que fosse, porém, o cara estava vivo e respirando, e da maneira como as coisas estavam indo, essa foi a única informação que contava.

— As armas não vão funcionar, — disse Adrian.

— O inferno que não.

Correndo para fora da sala, Veck empurrou o homem, seus olhos lacrimejando daquele cheiro acre. Lá embaixo, ele verificou os outros dois lugares óbvios que mantinha meio automáticos: na cozinha debaixo da pia, e sob o sofá.

Desapareceram.

Apenas um armário sobrava.

Como a voz zangada Jim Heron flutuou da cozinha, Veck entrou na sala de utilidades que ligava a garagem a casa. A lavadora e a secadora estavam atrás de um par de portas de persianas, ele escancarou os dois lados abertos antes de se abaixar. A secadora foi abandonada durante seu último uso, o painel de fundo tornando-se solto o suficiente para que se soubesse onde apertar...

Estalou. Certo. Saiu.

E lá estavam elas. Duas nozes com cliques totalmente carregados, com tudo armazenado em sacos plásticos para mantê-los sem fiapos.

— Obrigado, Jesus.

— Isso não é o que você precisa. — Veck olhou para cima. Jim estava de pé sobre ele, o telefone celular na mão. O anjo estava de saco cheio, um rubor subiu de sua garganta e agarrou o rosto dele, mas não era apenas isso, o brilho que estava acontecendo: Havia uma luz forte que emanava de seu corpo, como se ele fosse uma lâmpada de lava na posição ligada.

Veck saltou a seus pés, as imagens de Reilly sendo desfigurada mostrando-lhe uma imagem muito precisa do que na realidade era necessário. Rasgando as armas fora daqueles sacos plásticos, ele verificou as armas duas vezes, e depois foi lá em baixo, novamente pegar os dois cliques extras.

— Onde ela está? — Ele exigiu enquanto carregava os bolsos.

— Se você entrar lá meio engatilhado, você vai escolher o caminho errado.

— Foda-se, eu estou totalmente engatilhado. — Ele pegou as armas, e empurrou Heron fora do caminho.

Coldre de reposição foi pendurado no cabide da porta traseira, e ele deslizou as alças sobre os ombros. Ambas as armas estava perfeitas, porque ele era o tipo de cara que servia em qualquer tamanho, em seguida, um blusão claro cobria o show.

— Onde ela está, — retrucou.

— Nós precisamos conversar primeiro.

— Não está na minha lista de coisas para fazer. Desculpe.

Com isso, ele desembainhou um par de semiautomáticas e apontou um cano para o peito de Jim Heron e outro para o de Adrian.

— Agora, onde está a minha mulher.

Capítulo 46

Bem, esta grande foda estava acontecendo Jim pensou, enquanto marcou o fim do negócio com um nove.

— Me diga onde ela está, — Veck cuspiu fora. — ou vou atirar em você.

O cara quis dizer isso: Ele estava calmo, geladamente pronto. Meio que faz você respeitar o bastardo. Só que ele não estava pensando direito, era ele.

— Me mate, — destacou Jim calmamente, — e não posso lhe dizer para onde ir. Mata-o — ele acenou com a cabeça na direção do Ad — e eu vou estrangulá-lo com seus próprios intestinos.

Houve uma breve pausa e então a arma apontada para ele mudou não mais do que um milímetro para a esquerda de Jim. O filho da puta puxou o gatilho e uma bala enterrou direto na moldura à direita da orelha de Jim.

— Quem falou em matar? — Veck sutilmente moveu-se a boca da arma mais abaixo. — A dor faz maravilhas nos lábios fechados. Além disso, eu aposto que se fizesse uma chamada de retorno eles atenderiam.

Triangulando onde a bala seguinte iria fez Jim temer uma nova carreira como um falsete supondo que ele não queria fazer um exame presumido de todas as balas que não poderiam tocá-lo. Então, pelo menos, não eram os testículos de Adrian na linha dado o quanto esse cara podia cantar.

— Você pode pensar que essa merda acabou, Jim — o outro anjo murmurou. — Sabemos que a pontaria do cara é boa.

Jim balançou a cabeça.

— Você não sabe no que você está entrando, Veck.

— Mencionei que o tempo está voando? Só Deus sabe o que está acontecendo com ela.

— É verdade, mas não é com ela que estou preocupado. — Jim olhou para Ad. — E eu preciso ir com ele. Alguma ideia de como posso fazer isso?

O outro anjo amaldiçoou suavemente.

— Isto é do departamento de Eddie.

— *Ninguém* vem comigo — Veck latiu. — Ou a mulher vai matá-la. *E você vai parar de perder tempo.*

— Devina não vai fazer merda com ela! Ela precisa de você lá, e Reilly viva é a única maneira de ter certeza que você vai aparecer. Agora você vai me dar um momento para pensar, idiota?

Enquanto Jim começou a andar, Veck cuspiu tudo fora, tudo:

— Pare de se mexer ou eu atiro — mas ele ignorou o cara.

O segundo tiro foi para o chão, aos pés de Jim, e o deteve. Com um olhar de filho da puta à Clint Eastwood, ele disse: — Isso foi, tipo, a uma polegada da minha bota, homem.

— Da próxima vez será seu maldito tornozelo.

— Melhor do que suas bolas, — Ad falou mordaz.

Jim virou-se para o detetive, pronto para pintar o retrato verdadeiro de Devina... quando ele passou a olhar para baixo na sombra bifurcada do cara no ladrilho do chão.

Aquele par de padrões escuros pareciam duas árvores na floresta...

E você poderia estar atrás das árvores, não poderia. Escondido por trás delas. Camuflando-se parecendo ser parte do ambiente de tal forma que qualquer pessoa, como, digamos, seu inimigo, pudesse olhar ao redor... e não saber nada.

Final, Devina parecia sugerir que não poderia encontrá-lo, mas ele estava realmente disposto a ter uma chance em algo que não chegou a começar?

Exceto então ele pensou na merda do distintivo. Presumindo, ele precisaria quase dividir-se em dois, mas existia alguma outra solução? Era insuficiente enviar esta embalagem de pistola, fodido filho da puta para o confronto sozinho?

— Tenho que entrar dentro de você, — Jim disse com uma voz profunda.

Veck franziu a testa duro.

— Desculpe, você não é meu tipo.

— Poderíamos colocar uma peruca e um vestido nele, — Adrian sugeriu. Enquanto ele examinava acanhado tudo na sala, o anjo deu de ombros. — Eles tem que fazer essa porcaria no tamanho de lona, certo?

— E pensar que eu estou realmente feliz por seu traseiro inteligente estar de volta, — Jim murmurou antes de voltara seu foco para Veck. — Eu tenho que ir com você, e ela não pode saber que estou lá. Então, se você me desculpar...

Jim fechou os olhos e, instintivamente, deixou a parte corporal de si mesmo ir, derramando seu terno de pele e ossos até que ele não era nada, mas a fonte de luz que animava seu corpo de dentro.

A dissolução saiu sem uma falha, que era exatamente o que ele fez, mas não foi capaz de controlar no covil de Devina quando explodiu em fúria contra ela.

— Prepare-se, garotão, — disse ele no ar.

Veck ouviu claramente, porque recuou, com os olhos rolando como ervilhas em um frasco com a perspectiva de ser possuído. Mas esta era a única maneira de protegê-lo, e ele deve ter sabido, porque não correu.

Tendo em conta que Jim não tinha ideia do que diabos ele estava fazendo, ele se aproximou com cuidado.

A última vez que ele fez isso, Devina foi pelos ares, não exatamente o final feliz que ele ou Veck precisavam neste caso.

Boa notícia, no entanto. Enquanto seguiu em frente, Veck se tornou nada mais do que uma peneira, oferecendo apenas uma resistência de passagem. Dentro da casca? Jim lutou por um quarto em uma paisagem metafísica que não tinha nada a ver com as moléculas que constituíam o homem, e tudo a ver com o espaço entre eles. E você sabe, ele era como um cristal transparente sobre o porquê de Eddie dizer não para um exorcismo. Veck foi um maldito Moon-Pie²⁰⁰, tudo meio a meio: Cada centímetro de sua alma era yin e yang, com o bem e o mal encaixados juntos.

Nenhuma maneira de operar e cortar. Você vai destruí-lo.

Exceto que dois poderiam jogar neste jogo de posse: por instinto, Jim derramou-se no interior do homem, tornando-se uma névoa que os deixou em uma situação de trio...

Homem, isso parecia sujo.

Mas o fato, era que assim como "DNA" de Devina era penetrante Jim tornou-se o mesmo e ele não se escondeu atrás do lado bom, mas do mau. Melhor disfarce dessa forma.

Ahã. Desse ponto de vista, ele poderia olhar pelos olhos de Veck.

— Como estou? — Jim perguntou em sua própria voz hei, ele também poderia falar pela boca do filho da puta.

²⁰⁰ **Moon Pie** – bolo de chocolate ou outros sabores recheado a marshmallow.

Do outro lado, Adrian deu de ombros.

— Malditamente bom, não posso sentir você. Mas tenho que perguntar, algum de vocês quer um cigarro? Ou você está indo para um dois por um?

— Vá-se foder, — Jim e Veck responderam ao mesmo tempo.



De pé em sua sala da arrecadação, Veck sentia-se vagamente enjoado, como se tivesse comido uma grossa fatia de queijo Filadélfia com dois dias, lavado com cerveja morna, e uma raspadinha de cereja para a sobremesa: muito cheio de merda que não podia ficar junta.

E quanto ouviu a voz de Jim saindo de sua boca? Ele poderia passar sem isso, muito obrigado.

— Então, onde estamos indo? — Perguntou.

Bem, não fez disso um novo significado para "falar para si mesmo."

— A pedreira.

— A *pedreira*? Porra, ele vai demorar uma eternidade para...

— Pegue o cigarro, — disse Jim.

— Que se lixe isso, precisamos de minha moto, ela vai nos levar em meia hora.

— Vamos, chefe. Pegue os Marlboros vou cuidar dos preparativos da viagem.

Amaldiçoando fodicamente, marchou em direção a mesa da cozinha, agarrou o pacote e o isqueiro, e empurrou-os com os cartuchos de bala reserva.

— E pegue isso, — disse Adrian, desembainhando o que parecia ser uma faca de vidro.

— Sem ofensas, vou ficar com balas.

— Sub-humano idiota. — O anjo empurrou o punhal no cinto de Veck. — Você pode disparar em qualquer coisa que queira, isto é para Jim.

— Diga-me, isso não é permanente?

— Não, você tem que devolver minha arma no final.

Dif-dif, dificilmente, dif, dif.

— Estou conversando com Jim.

— Não, não é, — o anjo respondeu de fora da boca do Veck. — Eu posso sair tão facilmente como entrei.

— Você tem certeza disso?

— Não.

— Fabuloso. — Veck olhou ao redor para encontrar o olhar de Heron e percebeu que era inútil sem um fodido espelho. — Então como é que vai nos levar?

A próxima parada foi na pedreira. Literalmente.

E não havia ônibus ou viagem de trem ou carro arrepiante para comparar: Num momento Veck estava em sua casa, no seguinte, estava no centro da longa encosta da pedreira.

Não se dirija a mim em voz alta, disse Jim em sua cabeça.

Isso é que é uma experiência esquizofrênica, Veck assombrou-se.

Não poderia lhe dizer. Apenas certifique-se de ficar firme.

— Como tenho uma escolha com você aqui também, — Veck murmurou, enquanto olhava ao redor.

Espera, antes de entrar. Houve uma pausa. *Veck, este é o seu show. Eu só estou indo para ter certeza que você vai viver o suficiente para ter uma chance, mas tudo está com você. Eu não vou interferir ou interceder, fui claro? Você tem que decidir por sua conta. Mas você tem que fazer a coisa certa, seja ela qual for.*

— Sim. Com certeza.

Eu só quero que você lembre: o mal é geralmente o caminho mais fácil. E seu destino é o seu próprio e de mais ninguém.

Como se na sugestão, um brilho emanou da boca de uma caverna a 150 metros para a direita.

Chega de conversa de merda.

Desembainhando ambas as armas, Veck se movia como o maldito vento, saltando de pedra para pedra, pulando abaixo, pulando acima, correndo. Enquanto seu corpo ficou completamente voltado para Reilly, seus olhos ficaram bloqueados naquela luz. Com todos os obstáculos ao longo de que ele se atirou, visões horríveis atravessaram sua cabeça, o abominável, pesadelos sangrentos fazendo queimar seu peito com uma fúria que lhe deu poder além da soma física de seus músculos e força.

A gruta em questão possuía uma entrada grande o suficiente para que ele não precisasse abaixar, e larga o suficiente para que ele não precisasse se espremer através dela. E, em seguida, a natureza fez um corredor, ele encontrou-se em frente esticado, penetrando longe no ventre da terra. Caindo agachado, ele correu o mais rápido que pôde em direção ao brilho cintilante.

Tudo ao seu redor, as paredes estavam molhadas e ásperas, o teto pingando, o chão acima encharcado. Em pânico, ele tentou filtrar fora o som batendo de seus próprios passos para que pudesse ouvir o que estava à frente: Gritos? Respiração pesada? Gemido doloroso?

Nada.

Estava fodidamente quieto.

E então ele virou o canto final.

A caverna se abriu para o que parecia ser um espaço de muro baixo do tamanho de uma grande sala. Era impossível obter um verdadeiro sentido de sua largura, no entanto, porque o lugar estava iluminado com velas, fora da qual não havia nada além de escuridão.

No centro, havia um corpo pendurado pelos braços, o peso morto pendurado no teto.

Não era Reilly. Era o que parecia ser um homem com cabelo curto loiro areia.

Veck olhou ao redor para Bails e aquela mulher vadia. Mas tudo o que havia... era o corpo. E estava com o rosto virado para a parede mais distante.

Era isso... um paciente hospitalar? pensou enquanto seguia adiante, mantendo as armas para cima.

— Reilly — gritou.

O nome ecoando despertando quem estava pendurado, e enquanto a cabeça idiota, um som de raspagem levantou-se ainda no ar, úmido. A pessoa foi, lentamente, transformando-se em torno, usando as pontas de seus pés nus, enlameados para mudar sua posição.

Quando Veck viu quem era, ele amaldiçoou: A identidade da vítima estava clara, apesar do fato de que o cara fora obviamente socado no rosto recentemente: Sua testa estava inchada e estava em preto e azul, mas os recursos foram bem conhecidos.

— Kroner... — Veck murmurou, pensando em como o fodido bastardo fora trazido para cá. Apesar de tudo, sequestros dos hospitais eram improváveis mas não impossíveis.

O assassino em série se esforçou para levantar o queixo, a boca trabalhando com lentidão. Ele estava tentando falar, mas Veck não dava a mínima o que o filho da puta tinha a dizer.

— Reilly! — ele gritou, esperando que a escuridão além das velas significasse que havia uma outra câmara onde ela estivesse.

Alguém saiu das sombras em direção a ele.

Ele piscou uma vez, e quando a visão não mudou, ele percebeu que era, na verdade, uma mulher. Embora o que alguém como ela estava fazendo aqui...

— Olá, Veck. — Era a voz de seu telefone, ao vivo e em pessoa. — Bem-vindo a festa.

A morena fazia Angelina Jolie parecer uma bibliotecária: Ela estava exuberante e perigosa, uma profusão selvagem vestida com salto agulha e uma saia curta que pertencia a um café no centro da cidade, ou um clube elegante e privado... qualquer lugar menos, esta caverna fedida.

— Você veio sozinho? — ela perguntou à ele, seus lábios cheios, suculentos fazendo beicinho.

— Sim.

— Bom. — Ela moveu-se em torno dele, circulando, sorrindo. — Você é como seu pai, pegando a direção certa.

— Onde está Reilly?

— Sua devoção à mulher é, —sua voz ficou tensa — invejável. E porque eu posso imaginar como você está ansioso para encontrá-la, eu vou dizer que estou preparada para lhe dizer.

— Então, faça.

Ela olhou para a arma.

— Você honestamente acha que essas coisas vão trabalhar contra mim?

Seu riso soava como vento, bonito, e ainda assim falsidade tocou na orelha.

— E, oh, olha, deram-lhe um punhal, também. Esperança faz a primavera eterna, suponho. A propósito, Jim lhe disse que costumava ser um assassino?

— Eu não dou a mínima para o que ele era.

— Certo, certo, é tudo sobre a garota. — Aquela voz amarga cresceu novamente. — Que sorte ela tem. E ela deve saber como você se sente sobre ela, você não acha.

Nisso, a mulher indolentemente virou-se para Kroner e atravessou vagarosamente para o cara. Falando sobre seu ombro, ela disse:

— Sim, diga-lhe como se sente, por que não.

Veck olhou para as sombras.

— Eu te amo, Reilly! Eu estou aqui!

— Que romântico, — a morena disse secamente.

Enquanto a mulher ficou fixada no assassino em série, Veck decidiu se resguardar: Ele colocou uma de suas armas distante... e palmou acima o punhal de vidro que lhe foi dado. Nada disto fazia sentido, o que deu alguma credibilidade ao conselho de Adrian.

— Onde diabos ela está? — Ele rosnou.

— Eu vou te dizer, mas você tem que fazer algo para mim.

— O quê.

A morena sorriu e afastou-se de Kroner.

— Mate-o.

Veck estreitou os olhos para a mulher.

Em resposta, ela sorriu mais profundamente.

— É o que você estava querendo fazer o tempo todo. Você esperou por ele naqueles bosques, aguardando seu tempo até que ele apareceu entre as árvores ao lado do motel. Você estava indo para agir... mas sua chance foi negada.

Enfrentando o olhar dela, o corpo Veck começou a vibrar, aquela raiva que brotou solta na prisão aderindo em seu torso, apertando seus músculos.

— Este é meu presente para você, pequeno Tommy. Você vai matá-lo, e eu vou te mostrar onde sua mulher está. É o que você quer. É pra isso que você está aqui. É o seu destino.

Vindo do nada, um reflexo de luz perfurou as trevas, e iluminou as sombras, revelando... Bails.

O cara estava sentado no chão da caverna, recostando-se contra a parede molhada. A bala marcou sua testa entre seus olhos bem abertos, o menor rastro de sangue filtrou fora e escorreu pelo nariz. Sua boca estava frouxa, sua pele cinza pálido.

— Não se preocupe com ele, — a morena disse com desdém. — Ele não passava de um peão. Você, por outro lado... é o prêmio. E tudo que você tem a fazer é agir. Mata-o... e tenho certeza que verá sua garota.

De repente, Veck percebeu de onde o eixo de luz estava vindo.

Sua mão estava levantada, e a adaga de vidro pegou a luz de manteiga suave das velas, enviando um raio através da caverna apontando para seu suposto amigo.

— Perda de tempo, pequeno Tommy. Vamos passar por isso, para que possamos sair do outro lado. Ouça o seu instinto. Faça o que você sabe que é certo. Jogue fora este pedaço de merda, assassino amoral e encontre o que você procura. É como um caminho óbvio, como uma troca simples, tudo o que Reilly é, por este louco assassino. Está tudo em suas mãos...

— Reilly está viva? — Ouviu-se dizer.

— Ela está.

— Você vai deixar nós dois sairmos daqui vivos?

— Provavelmente. Depende do que você fizer, não é. — A voz da morena caiu para um sussurro sedutor. — Você vai poder vê-la no momento em que cuidar dos negócios. Juro isso. Está tudo em suas mãos...

Capítulo 47

Enquanto Reilly estava pendurada no teto da caverna, ela ainda não conseguia acreditar na imagem que ela estava mostrando a Veck: O roupão de hospital e o peito liso e as pernas balançando, não eram seus.

No entanto, apesar da dor gritando em sua cabeça, apesar de sua confusão e pânico, ela poderia mover esses membros que não eram dela, podia respirar através de uma garganta que não conhecia, podia encher os pulmões que eram de outra pessoa.

Tudo o que dava credibilidade ao que Veck pensava que estava olhando.

E assim ele ia matá-la, ela pensou com horror e descrença.

Esforçando-se para falar, ela sussurrou em voz rouca que não era a sua:

— Eu sou... eu... por favor...

— É como um caminho óbvio, um simples comércio, tudo que Reilly é, para este louco assassino. Está tudo em suas mãos...

A morena que estava falando não era na verdade uma mulher. Reilly vira o que aquela coisa era, ela havia lhe mostrado sua verdadeira vilania, enquanto Bails e Veck estavam ao telefone, e foi por isso que ela gritara.

Então depois disso, ela vira como ela entrou na mente de Bails e o fez voltar sua própria arma contra si mesmo.

O grande mentiroso, ela pensou. Que sabia que isso era tão verdadeiro sobre o diabo.

— Veck... — Reilly tentou mobilizar mais fôlego, arrastando o ar para baixo em uma caixa torácica congelada. — Veck... não...

Mas ela não estava alcançando-o, e ela não ia alcançar: Quanto mais alto ela falava, mais ela parecia Kroner, como se sua caixa de voz tivesse sido substituída. E ela estava perdendo o pouco de força que ela tinha: Bails a arrastara para baixo do declive da pedreira, e a parte inferior das pernas estava bem contundida ao ponto que ela sabia que perdera sangue. Ela também estava muito certa de que ela tinha uma concussão, e ela ficou fraca por estar pendurada no frio por só Deus sabia quanto tempo.

Uma lágrima quente desceu por sua bochecha, e depois uma segunda... e depois uma variedade delas.

Em um momento ou outro, como a maioria das pessoas, ela tinha entretido pensamentos mórbidos sobre o que a morte estava esperando por ela: uma doença de crescimento lento? Um rápido acidente de carro? Alguma fraqueza genética que a predispunha a um coração ruim? Ou talvez um ataque de um criminoso, onde ela lutava de volta, talvez matá-lo enquanto ele atirava nela. Coisas cheias de glória real.

O que estava acontecendo nesta caverna, fria e úmida? Não era.

Olhando para o rosto frio e furioso de Veck, ela começou a ver dobrado, e seus olhos eram incapazes de trazer as duas metades dele juntas... assim ela teve mais do que suficiente oportunidade para descobrir que não havia nenhuma compaixão, nenhuma emoção, nenhuma dúvida em sua expressão...

Enquanto o punhal de cristal brilhante se levantava, ela percebia que estava olhando no rosto do pai dele. Este era o filho vivo seguindo o legado do pai.

Imagens de seus próprios pais fizeram as lágrimas cair mais duras. Ela não tivera a chance de dizer adeus. Dizer-lhes uma última vez que ela os amava, e que mudaram não só a sua vida, mas de outros tantos... E ela não fora capaz de dizer a Veck corretamente que acreditava nele, que sabia que ele era inocente... e que ela o amava.

É claro, a grande ironia era que ele estava prestes a matá-la sob o pretexto de salvá-la.

— Eu sei que você não fez aquilo, — ela disse em uma respiração áspera que não ia longe. — A evidência... foi Bails...

Por que foi importante dizer, dada a quantidade de tempo que lhe restava, que era quase nenhum, ela não fazia ideia.

Melhor ir em frente:

— Eu amo... você...

E então ela fechou os olhos, virou a cabeça, e se preparou. Ele iria para o coração. Com um punhal, que era a maneira mais eficiente e Veck não ia querer perder tempo se ele achava que sua vida estava pendurada na balança.

Terror a sufocava e seu corpo começou a tremer.

Sua boca se abriu quando ela começou a soluçar.

Lágrimas correram... como o sangue dela em breve estaria.



Noites atrás, naqueles bosques, naquele motel, Veck estava preparado para eliminar este Kroner pedaço de merda.

Presumindo, não seria para o benefício da sociedade, embora ele estivesse preparado para afirmar que era. E depois a oportunidade chegou e se foi, ele estava aliviado que ele não fez isso.

Agora? Ele tinha a única justificativa que importava: sua Reilly não se importou quando ela pensou que ele adulterara provas ou que ela não teria nada a ver com ele depois disso.

Salvar a vida dela era o suficiente.

A morena estava certa; tal qual comércio simples.

Veck focou em sua vítima. Enquanto Kroner estava pendurado no teto da caverna, sua boca estava se movendo, e dado as lágrimas que estavam saindo de seus olhos, ele estava, sem dúvida, implorando por misericórdia, o assassino reduzido a implorar por tudo o que ele não havia concedido a sua presa.

Cristo, ele estava tão fodido e patético, aquele roupão de hospital marcado com sangue, como se tivesse sido puxado de cabeça para baixo a descida, sua pele tão branca que parecia ter escorregado em território de neve, com o rosto todo distorcido pelo inchaço.

Veck tinha vontade de colocar o punhal de lado e socar o cara até que o filho da puta tivesse um enfarte. As vítimas do homem sofreram devagar... estiveram consciente enquanto ele tirava

pedaços delas... parecia como o carma deixa-lo conhecer em um nível pessoal como era estar fora de controle, com dor, e à mercê de outro.

Mas a vida de Reilly estava em jogo.

Veck esticou o braço por cima do ombro e apontou a ponta da adaga de vidro para o peito de Kroner. Uma facada viciosa era tudo que ia precisar, e foda, se sabia que Veck tinha forças para fazer o trabalho.

Assim que a arma atingiu o ápice do arco, no segundo antes de ele pôr todo o seu poder na parte superior do corpo para o impulso para baixo, uma das facetas da arma pegou a luz de velas e disparou um raio no rosto de Kroner.

Veck franziu a testa enquanto contava com uma visão clara dessas feições de rato: Kroner fechou os olhos e virou o rosto para o lado, seu corpo frágil tremendo enquanto ele se preparava para a morte.

— Qual é o problema? — a morena bradou. — Faça isso e você a terá.

Esta não é a minha vida para tomar, Veck pensou com convicção súbita, inexplicável.

— Faça!

Esta não é... minha vida para tomar.

Seu pai... o próprio Kroner... homens assim... eles pensavam que todas as vidas, todas as pessoas, todas as coisas, eram deles para serem tomadas, e eram apenas um caso de capricho baseado no que eles decidiam escolher, que se tornava o próximo entalhe em seu cinto. E os troféus eram sobre como manter uma fatia deste momento agora, quando eles tinham todo o poder, quando eles estavam no controle, quando eram Deus porque, como um orgasmo, este ponto era o prazer fugaz, e a memória não era um remendo na experiência real.

E foi por isso que eles fizeram isso de novo e de novo.

E quanto a ele? Em algum nível, este foi o início perfeito, a faixa de coceira da hera venenosa em seu braço que, quando ele arranhou-se, iria florescer e tomar todo o seu corpo.

Esta não é minha vida para tomar.

— Porra só faça isso! — a morena exigiu.

Veck moveu seus olhos sobre a mulher. Seu olhar negro gritou-lhe ainda mais do que suas palavras o fizeram, oferecendo-lhe uma tentação que ia além desta caverna, essa fração de segundo, pronto para...

— Reilly ou ele, — ela sussurrou. — Escolha agora.

O braço de Veck começou a tremer, seus músculos tensos preparados para atacar e incapazes de suportar a tensão de espaço morto entre a decisão e a ação.

— Eu não acredito em você, — Veck ouviu-se dizer.

— *O quê?*

Veck abaixou lentamente a arma para o lado do corpo. Com uma voz rouca, quebrada, ele disse:

— Eu não confio em você. E eu não sou... — Ele teve que limpar a garganta. — Eu não vou matá-lo.

Bails já estava morto, e não havia outros sons na caverna. E esta mulher... o que quer que ela fosse... era uma mentirosa: Reilly estava viva em algum lugar, fora absolutamente ela no

telefone, mas não havia mais ninguém respirando neste buraco úmido com eles, e dada fraquesa que soava, era duvidoso que ela pudesse ter escapado.

As chances eram boas de ela já estar morta.

E apesar de que isso o deixou enlouquecido com a dor e o desejo de vingança, Kroner, em sua condição, certamente não fizera a ação.

— Seu *merda* miserável, — a mulher cuspiu. — Seu patético, sacana filho da puta, fraco, *covarde*. Seu pai não hesitou anos atrás, quando era a vez dele, ele agarrou a maldita possibilidade que eu lhe dei.

Por alguma razão, Veck pensou no jantar com os pais verdadeiros de Reilly, os que a acolheram e a conduziram até a idade adulta, os que não eram de sangue, mas que eram melhores para ela do que aqueles que a trouxeram a este mundo.

— Eu não sou o meu pai, — disse ele asperamente.

Enquanto as palavras registravam em seus ouvidos, ele se sentia mais forte:

— Eu *não sou* o meu pai.

Do outro lado do caminho, uma brisa quente bateu nele, como se a morena fosse uma unidade de aquecimento em ebulição.

— Você está dizendo que *aquilo* — ela apontou para Kroner — vale mais do que a mulher que você ama.

— Não, eu estou dizendo que não irei matá-lo. Eu não acho que Reilly está... — A voz dele quebrou, mas ele se recuperou rapidamente. — Eu não acho que ela está viva. E eu não sei por que diabos você quer que eu o pegue, mas se a última coisa que eu fizer nesta vida for te chatear? Então para mim está bem. Cadela.

O rugido que se seguiu foi tão violento que ele foi jogado pelos ares, seu corpo flutuando através do ar viciado e batendo na parede da caverna atrás dele. Enquanto ele caía numa fração de segundo, ele podia sentir a terra tremer sob seus pés, e ouvir as pedras da encosta acima vibrando enquanto sujeira e pequenas pedras caíam do teto da caverna. Num impulso, ele abrigou sua cabeça, por todo o bem que faria...

As velas caíram em seguida.

E então, no escuro como breu, o vento veio do nada, o vendaval violento carregando em suas costas um barulho ensurdecador e vicioso. No meio da fúria, pedras mais pesadas caíam sobre ele, até que ele se enrolou como uma bola e pensou... *merda, ele não sairia disso vivo*.

De jeito nenhum.

Ao longe, ouviu mais pedras grandes moverem-se, mas sabia que, na realidade, elas provavelmente não estavam muito longe de tudo e era apenas um caso de terra abafando os sons: Toda a pedreira era um campo minado de entalhes subterrâneos, incapaz de resistir a este tipo de explosão...

Abruptamente o furacão foi sugado para fora da caverna, levando o ruído estridente com ele. Na sequência, soluços suaves cortaram pelo barulho.

Soluços femininos.

Não era como Kroner.

— Reilly? — ele gritou. — *Reilly!*

Ele saltou para cima

— Maldição! — ele murmurou enquanto ele batia em alguma coisa sobre sua cabeça.

Esfregando seu crânio e agachando-se para que ele não batesse no teto de novo, ele enfiou o punhal de volta no cinto e apalpou os bolsos em busca de sua lanterna. *Merda*. Ele não trouxera uma.

Balbuciando várias palavras, ele tentou apurar os sons dela.

— Fale comigo, Reilly! Me ajude a encontrar você!

— Eu estou... mais... aqui...

— Reilly! — ele gritou, jogando os braços para frente e varrendo-os de lado a lado.

De uma vez só ele teve seu próprio mini terremoto, seu corpo ficando descoordenado enquanto Jim Heron saiu, revelando-se.

Cronometragem perfeita: De repente havia uma abundância de luz na caverna, a forma do anjo brilhando ferozmente enquanto ele estava do lado de fora.

Por um momento, tudo o que Veck podia fazer era olhar para o que ele via.

Não fazia sentido, *porra*.

Reilly estava pendurada no teto, exatamente o lugar onde Kroner estivera, com os braços esticados sobre a cabeça, os pés mal tocando o chão de terra. Seu rosto estava inchado e as pernas dela estavam sangrando, sua meia-calça cortada, sua saia suja de lama, e seus sapatos, Deus sabia onde estavam.

— Reilly? — ele respirou.

Ela se esforçou para levantar a cabeça. Através de seu cabelo sujo e endurecido, os olhos embaçados procuravam os dele.

— Eu sou... eu...

Uma chuva de fragmentos de rocha caiu do teto e fez Veck entrar em ação. Agora não era o momento de questionar qualquer desta merda. Ele precisava tirá-la daqui antes que a encosta desabasse sobre eles.

Obrigado Deus pela luz orientadora de Heron.

Veck usou-a para disparar ao longo de Reilly, mas quando ele conseguiu um olhar para o que a estava segurando pendurada, ele sabia que estavam em apuros: Os elos de ferro foram parafusados no teto de pedra, e as grossas algemas de ferro fixadas nos pulsos, estavam aparafusadas nas malditas correntes.

Merda, essa não era a primeira vez esta caverna era colocada em uso.

— Maldito inferno, — ele murmurou enquanto tentava encontrar uma saída.

— Use a adaga, — disse Jim.

— É só vidro.

— *Use a coisa maldita.*

Veck pegou a lâmina e a colocou contra os elos. Ele não esperava muito diferente da quebra da "arma"...

O metal se partiu sob o cristal, não só cortando em dois, mas se soltando de si mesmo: Ele mal teve tempo de pegar Reilly e mantê-la longe do chão.

Esmagando-a contra ele, sentiu o tremor dela, e se permitiu um momento de felicidade traiçoeira por saber que ela estava viva e, em seguida, ele se concentrou em tirá-la de lá.

Enquanto ele a carregava em seus braços, Jim liderou o caminho para o corredor serpenteando com a sua luz.

Assim que eles chegaram até Bails, Veck teve que parar.

— Nós vamos deixá-lo, — Jim pronunciou.

— Você tem esse direito. — Só Deus sabia quem o seu "amigo" realmente foi, mas uma coisa era clara: *Quem diabos se importava*. Qualquer pessoa que jogasse Reilly para fora da estrada no tráfego já estava em sua lista de merda. Pôr em perigo a sua vida?

O desgraçado teve sorte de já ter levado um tiro na cabeça...

Atrás deles, o teto começou a ruir, a velocidade do som, das pedras e do ar frio, estava em seus calcanhares o conduzindo para fora.

Veck rompeu em uma corrida, o seu corpo empurrando para frente a uma velocidade vertiginosa. Quando a rampa na qual estavam correndo começou a desmoronar sob seus calcanhares, parecia Indiana Jones, exceto que era real. *Merda*, o caminho não parecia tão longo antes...

Veck irrompeu fora do túnel para o ar livre, quase batendo seu corpo e saltando por cima da pedra na frente dele. Não havia tempo para agradecer a Deus ou Heron ou qualquer outra pessoa. Se aquela caverna acabara de desmoronar, havia uma boa chance de que tivesse uma avalanche.

Dirigindo-se para a esquerda, ele não se incomodou em medir a distância que ele tinha que ir, para levá-los para até a borda da pedreira, e ele não perdeu tempo olhando para trás para ver tudo rolando, pedaços de quartzo do tamanho de carros correndo para cima deles.

Mesmo que o matasse, ele iria levá-la para longe dessa maldita ladeira.

Ele *iria* salvá-la e todas as coisas que estavam contra ele, desde o percurso de obstáculos que ele enfrentou a um quilômetro acima, até o ardente cansaço que já estava apertando suas coxas e peito, não iriam detê-lo.

Ele teve a chance de vender sua alma e tinha se afastado da mesa de negociações. E esse triunfo não era nada em comparação com o que ele iria sentir quando se certificasse que Sophia Reilly veria o nascer do sol de amanhã.

Capítulo 48

Reilly deve ter perdido a consciência após Veck ter conseguido libertá-la das cavernas e desacorrentá-la, porque quando ela acordou de novo, havia luzes vermelhas piscando por todo lado, e ela estava estendida em algo relativamente macio.

— Veck...?

— Senhora?

Definitivamente não era a voz de Veck. Franzindo a testa, ela forçou os olhos para tentar se concentrar... e recebeu a imagem borrada de um socorrista inclinando-se sobre ela.

— Senhora? Qual é seu nome?

Ele conseguiu, pensou. Veck de alguma forma os libertara.

— Senhora? Você pode me ouvir?

— Reilly. Sophia... Reilly.

— Você sabe que ano é esse? — Depois que ela disse a ele, havia mais algumas perguntas do tipo quantas-das-suas-bolinhas-de-gude-você-perdeu?²⁰¹

— Onde está... Veck? — Por que diabos seus olhos não funcionavam direito — Uma luz brilhante explodiu em um lado da sua visão.

— Hey!

— Apenas verificando suas pupilas mais uma vez, senhora.

Ela lutou para trazer a mão para cima, e descobriu que colocaram uma IV²⁰² em sua veia.

— Gostaríamos de levá-la para St. Francis. — disse o homem. — Você está à beira do choque, você pode precisar de uma transfusão, e tem uma concussão.

— Onde está...

Ela virou a cabeça... e lá estava ele.

Veck estava de pé ao lado, apenas à beira de estar fora da luz lançada ao abrir as portas duplas da ambulância. Seus braços estavam cruzados na frente de seu peito e ele estava olhando para o chão a seus pés. Parecia que passara por uma guerra, grandes marcas de suor manchando sua camisa, calças manchadas de sujeira e rasgada em alguns lugares, o seu cabelo espetado para cima.

Vagamente, ela precisava se perguntar onde o seu blusão estava.

Um oficial da CPD com um bloquinho aberto estava ao lado dele, obviamente pegando uma declaração, e houve vários membros da Busca e Salvamento, parecia que eles estavam prestes a descer para a pedreira.

Para conseguir Bails, sem dúvida.

Veck estava balançando a cabeça. Em seguida, balançando a cabeça. Então falando.

Lágrimas a traíram na visão dele.

Ele levou-a para fora de lá. E ele fizera a coisa certa... ele não era um assassino no coração.

Como se sentisse os olhos nele, ele levantou o olhar e encontrou o seu próprio: Instantaneamente, ela estava de volta àquela noite na floresta, quando olharam um para o outro sobre o corpo de Kroner.

Quando ele pareceu hesitar, como se não soubesse o que ela queria dele, ela tentou alcançar a mão.

— Veck...

Ele deu um passo adiante. Depois outro.

O policial o deixou ir e o médico e saiu do caminho e então ele estava ao seu lado em uma corrida, tendo a palma de sua mão em um aperto que se transformou em uma exploração suave.

— Como você está? — Ele perguntou com uma voz áspera, como se tivesse gritado muito, ou talvez ofegante como um cavalo de corrida levando-a pela encosta irregular.

²⁰¹ No original: **how-many-of-your-marbles-have-you-lost**; 'Lose your marbles (Perder as bolinhas degude)' quer dizer 'Perder a cabeça', 'ficar louco'.

²⁰² IV – Intravenosa

— Cabeça... —Ela tentou levantar a mão livre e descobriu que seu braço pesava uma tonelada. —Você? Você está...

— Bem.

Ele não parecia bem. Ele parecia magro e desbotado. De fato, se tivesse sido qualquer outro homem, ela teria dito que ele estava... perdido.

— Bails. — disse ela, e depois tentou engolir. Sua garganta estava tão seca, ela se sentia como se tivesse passado em um incêndio na floresta, respirando a fumaça. —Ele atirou em si mesmo.

— Não se preocupe.

— *Não*. — Agora ela era a apertar sua mão. —Ele armou... para você. Disse... registro reformatório... Facebook...

— Shh.

— Ele estava na prisão. Pelo seu pai. Ele era... —O cinismo permanente de Veck eclipsado pela exaustão. —Um dos legiões. Eu sei... você não plantou o brinco. Bails... Tinha que ter sido ele. Ele se matou... na minha frente...

— Nada disso importa.

— Eu sinto muito.— Essas lágrimas malditas voltaram, mas ela não fez nada para detê-las.

— Eu sinto tanto...

— Shh.— Ele colocou um dedo nos seus lábios. —Vamos te tirar daqui.

— Você já fez.

— Não fomos longe o suficiente.

Por um longo momento, eles só olharam um para o outro.

— Vou ligar para seus pais. — Ele escovou seus cabelos para trás. —E dizer-lhes para encontrá-la no hospital.

— E o quanto a você?

— Eu vou garantir que eles estejam lá. — Ele recuou e olhou para o médico. —É melhor você ir.

Não um pedido. Uma demanda.

— Veck...? —Ela sussurrou.

Seus olhos evitaram os delas.

— Vou ligar para seus pais.

— *Veck*.

Quando ela começou a tentar sentar-se, o médico e o parceiro dele começaram a colocá-la em seu veículo. Enquanto isso, Veck apenas deu mais um passo para trás.

Houve uma colisão e um rolar suave enquanto se ela era colocada no interior.

— Eu te amo, — ela gritou tão alto quanto podia. Que acabou por não ser muito alto.

A última coisa que viu antes que as portas se fechassem foi a expressão de dor de Veck... e então ele lentamente balançando a cabeça para frente e para trás... para frente e para trás.

Adeus, ela percebeu com um arrepio frio, não tem que ser falado a fim de ser real.



Veck respirava doce fumaça de óleo diesel enquanto a ambulância balançando fora do rebordo e para a estrada de terra que a levava para longe da pedreira. Quando partiu, seu motor roncou alto e depois se estabeleceu em um suave zumbido que gradualmente desapareceu.

— Detetive? — Seu colega disse atrás dele. — Eu só tenho mais algumas perguntas.

Boa sorte com isso, pensou. Ele não tinha certeza se poderia se lembrar de como falar Inglês.

— Quando você chegou, Bails estava segurando a Oficial Reilly...

— Ela foi amarrada. — ele cerrou os dentes. — Nos pulsos.

— E então o que aconteceu? Depois que você chegou.

Sim, como explicar tudo isso.

— Armaram para que eu a... matasse.

— A detetive Reilly?

— Sim.

— Mas por quê?

Nisso, ele poderia dizer a verdade:

— Porque como todo mundo... ele se perguntou o quão parecido ao meu pai eu sou. Eu o desapontei. Gravemente.

Poderia muito bem deixar a mulher de fora. Obviamente, ela realmente não existia, pelo menos, não na maneira convencional, 3-D, relatório policial.

— Você disse que Bails estava morto quando você saiu da caverna.

— Ele estava morto quando cheguei lá. Um tiro na cabeça.

— Dado por quem?

— Reilly apenas disse que fez isso a si mesmo.

O policial assentiu e escreveu.

Homem, Veck pensou, *ele estava tão cansada de estar desse lado da lei*.

— Bem, isso é tudo que tenho por agora. — O oficial olhou para cima. — Eu imagino que você vai querer chegar ao hospital. Posso lhe dar uma carona?

Veck balançou a cabeça.

— Eu apenas vou para casa.

Exceto, *merda*, como era que ele ia conseguir isso, dada a forma como Jim Heron o trouxera aqui? E onde estava o cara, afinal?

Naquele momento, um não marcado parou, e o detetive De La Cruz saiu, o vento forte soprando no casaco do homem e no cabelo.

— Okay, Detetive. — o outro oficial disse. — Tome cuidado. E sem dúvida haverá outras pessoas do departamento com suas próprias perguntas.

— Eu acho que um acabou de chegar.

Quando o uniformizado caminhou para sua viatura, De La Cruz se aproximou, balançando a cabeça para trás e para frente sobre a abordagem.

— Temos que parar de nos reunir desta maneira.— De La Cruz ofereceu sua mão. —Como você está?

Veck balançou a mão que foi oferecida brevemente, e percebeu que estava ficando frio.

— Eu estou bem.

— Se cuide, — o cara disse secamente. —Você precisa de uma carona de volta para a cidade?

— Sim. — Na mesma nota, como ele iria explicar como chegou aqui?

Oh, quem diabos se importava mais, pensou.

— Então, Reilly foi para o hospital, — disse ele.

— Eu ouvi. Também ouvi dizer que você a salvou.

Mais como ela o salvou. Não que alguém estivesse contando.

— Ela era a pessoa, aliás. — De La Cruz continuou. —Aquela que descobriu sobre Bails. Achamos que é por isso que ele fez dela um alvo. Ela o encontrou em alguma coisa de seu pai no tal do Facebook. Então ela seguiu até perceber que ele mentiu sobre seu passado com uma pequena ajuda de outra pessoa.

Dada a luz escura nos olhos do detetive, não foi uma deixa para perguntar qual o papel que o homem jogara nessa frente.

— Obrigado, — Veck disse suavemente.

Um encolher de ombros casual.

— Eu não saberia, é claro.

— Claro.

— Escute, eu liguei para os pais dela no caminho. Deixando-os saber que ela estava indo para St. Francis.

— Isso é bom. — Isso significava que ele não precisava incomodá-los. —Você quer me perguntar algo?

Os olhos cansados do detetive encontraram os seus.

— Eu quero levar você para o hospital. Você está tremendo, caso não tenha notado.

— Eu estou?

— Vamos, St. Francis tem um estetoscópio esperando por você.

— Reilly não precisa me ver agora. Ou nunca.

— Você não acha que é escolha dela?

Nem um pouco. Havia muita coisa que não poderia ser explicada, e que o contexto do vasto vazio de informação não era pó de pirlimpimpim, unicórnios ou duendes. Foram demônios, mal e sombras duplas. Era o que ele vinha vendo em espelhos por toda sua vida. Não era algo que você queria que alguém a quem realmente amasse sequer lesse sobre o assunto, muito menos estar ao redor.

— Vamos entrar em seu carro, detetive? Eu acho que você está certo, eu estou fodidamente congelando, de repente.

— Sim. Com certeza.

Bom plano. Exceto que quando Veck tentou andar para frente, os músculos de suas pernas pesadas trancaram contra seus ossos, o acúmulo de ácido láctico a partir das pontas para a borda comprometendo não só a sua capacidade de andar, mas desafiando sua tolerância à dor.

— Pernas doendo? — De La Cruz perguntou quando o mediu mancando.

— Não, elas estão ótimas.

De La Cruz riu.

— Como eu disse, você precisa ir para o hospital.

— Não é nada que um bom alongamento e alguns Motrin²⁰³ não possam curar. Apenas me leve pra casa, tá legal?

Ambos entraram no carro, e logo De La Cruz ligou o motor, o bom detetive ligou ao máximo o aquecimento. Mas de alguma forma o frio de gelo no núcleo do corpo Veck piorou.

— Ffff-oda. — ele murmurou, agarrando seus braços.

— Não admira que você não queira levar aquela sua moto de volta.

— Huh?

De La Cruz colocou o carro na entrada e aliviou para a frente em torno da primeira curva e... e lá estava o veículo de Veck. Estacionado com segurança ao lado.

— Espere. — disse Veck. — Eu quero pegar a chave.

— Acho que você estava distraído quando chegou aqui.

— Você poderia dizer isso.

Quando Veck foi sair, a rajada de vento frio facilitou o congelar em seus ossos, o que provavelmente significava que ele estava no território da hipotermia e para proteger o outro homem da rajada, ele fechou a porta.

Com certeza, a chave estava na ignição da moto.

— Toque legal, Heron. — ele sussurrou, olhando para a mata.

Mais à esquerda, um brilho suave iluminava as árvores em flor.

Veck respirou fundo.

— Aí está você. Eu pensei que você tivesse soprado este suporte de picolé.

— Esse é geralmente o meu MO. — Heron saiu, e Veck franziu a testa quando um cachorrinho shaggy²⁰⁴ mancava com ele. — Eu estou fazendo uma exceção no seu caso, porém.

— Sorte minha. — Veck temperou a resposta com um meio sorriso. — É o seu cachorro?

— Ele é de todos, na verdade.

Veck assentiu, embora não houvesse nenhuma pergunta para responder.

— Então, eu acho que preciso lhe agradecer.

— Nem um pouco. Quando eu disse entrando, era tudo você, amigo.

— E eu acho que passei. Toda aquela coisa de encruzilhada.

— Você passou. Facilmente. — O anjo estendeu a ele um maço de cigarros. — Cig?

— Obrigado, querido Jesus. — Veck escorregou um livre e, em seguida, Heron o acendeu. — Oh, cara... isto é melhor do que um casaco.

— Sim, sem ofensa, mas seus lábios estão azuis.

²⁰³ **Motrin** — Relaxante muscular

²⁰⁴ **Shaggy** — Raça de cachorro

— É só a maquiagem. Eu queria ficar bonito para você.

Heron sorriu.

— Idiota.

— Na verdade, — Veck disse exalando fumaça — Eu procurarei um novo emprego em breve, pensei tentar uma audição para o homem Michelin. Você está dizendo que eu preciso de mais prata?

— Sim. É isso. — O anjo ficou sério. — Você está livre agora. Você pode colocar esta merda para trás. Ela nunca mais vai incomodá-lo novamente.

Obviamente, o “ela” não era Reilly.

— O que a era aquela morena?

— Um demônio de uma mulher.

— Você entendeu direito.

— Então agora você precisa ir até aquela sua Reilly. — Isto foi tudo dito em tom de *“O que você está esperando, seu idiota”*.

Veck olhou para a ponta incandescente do cigarro.

— Acho que ela lidou com o suficiente.

— Você está livre.

— E assim está ela.

Jim amaldiçoou em voz baixa.

— Olhe para baixo.

— Perdão? — Quando o anjo apontou para a terra áspera no rebordo da estrada, Veck foi forçado a olhar, apenas para revirar os olhos quando não viu nada. — OH!

— Atrás de você, imbecil.

Veck murmurou algo vil, e olhou por cima de seu...

No chão, que se estendia por trás dele... era uma sombra única.

— Como eu disse, você está livre.

Veck olhou para o belo-e-normal pelo que pareceu eras. Então ele olhou para o anjo.

— Meu pai... ele acha que a execução não vai funcionar. Ele me disse que ia viver. Não era uma aposta que eu tomaria. — Jim balançou a cabeça.

— Talvez isso fosse verdade, se você tivesse feito uma escolha diferente, mas graças ao modo como as coisas aconteceram... Acho que você vai gostar do que verá nos jornais em breve. É o que meu chefe me diz o tempo todo. Não há coincidências.

— Eu pensei que você fosse o chefe.

— Quem dera.

— Veck? Com quem você está falando?

Veck olhou para De La Cruz, que se esticava para fora do carro.

— Ah... — Quando ele olhou para trás, Heron desaparecera, como se ele nunca tivesse estado ali. O pequeno animal, também. — Ah... ninguém.

— Olha, eu não me importo se você fumar no carro. Especialmente se ele vai salvá-lo do congelamento.

Veck olhou de volta para onde Jim estava de pé. O homem se foi, o brilho desvanecera... e ainda assim sua presença permaneceu de alguma forma.

Vá para a sua mulher, seu idiota!, Jim declarou em sua cabeça.

— Veck? — De La Cruz disse. —Vamos lá, você pode fumar aqui dentro.

— Não. — Veck respondeu após um momento. Em seguida, amassou a brasa com a sola da bota. —Acho que vou parar.

— De novo.

Veck pegou chave da moto e voltou para o carro. Quando ele e o outro homem fecharam suas portas, Veck olhou encarou do banco da frente.

— Você acredita em Deus, detetive?

De La Cruz fez o sinal da cruz sobre o peito.

— Absolutamente.

— Então isso significa que os demônios existem?

— O inferno é real. A menos que você tenha esquecido a menina encontramos no motel? Ou o que aconteceu com Sissy Barten.

— Eu não esqueci.

De La Cruz acenou com a cabeça e começou a dirigir para fora.

— Mas sim, eu tenho fé. E acredito que os pecadores vão para sala de estar de Satanás pela eternidade e os justos vão para o Céu e ao que Senhor poderoso fornece. Eu assisto à missa com minha família toda semana, e o Bom Livro — ele bateu no porta-luvas, a porta abriu, e a capa vermelha da Bíblia brilhou na pequena-luz — está sempre comigo. Se há uma coisa que a vida me ensinou, é que Deus cuida de nós, meu caro.

— Então você pensa... que as pessoas podem ser salvas.

— Não, eu sei disso. E uma vez que você tenha fé, eu não me importo com qual tipo, ela lhe transforma. Não há como voltar atrás, e ninguém ou nada pode tirá-la de você. Você abre o coração, e ela vem, e isso é quando sabe que vai dar tudo certo.

Veck assentiu e ficou em silêncio enquanto olhava pela janela da frente.

Juntos, eles cruzaram ao longo da pista de terra. Saíram para a estrada do condado e entraram à esquerda. Angulando ao longo da rodovia.

Depois que eles estavam na rodovia e iam em direção Caldwell, Veck disse:

— Permanentemente.

— Huh?

— Estou parando permanentemente.

De La Cruz o olhou.

— Sabe... desta vez, eu acredito em você.

— Leve-me para o hospital.

— Sala de emergência ou de internação.

Veck sorriu um pouco.

— Onde quer que minha parceira esteja.

De La Cruz sorriu e bateu-lhe no peito.

— Agora você está falando, meu caro. Agora você está fazendo algum sentido.

Capítulo 49

Muito acima, no colo do Céu, quando Jim ficou ao pé da mansão de almas e olhou para a segunda bandeira acenando preguiçosamente no parapeito, ele pensou... mais duas para terminar.

Se ele conseguisse mais duas daquelas bastardas flamejantes em cima do muro, ele poderia sair dessa merda.

E sua mãe estaria segura para sempre.

Sissy estaria livre. Se ele não tivesse saltado sobre ela antes disso.

— Você fez bem.

O autocrático sotaque Inglês de Nigel não parecia tão chato.

— Sim, mas eu não vou parar agora.

— Nisto você está certo.

Jim assentiu, e então olhou para seu chefe. O cara estava vestido em um belo terno muito bem talhado, desta vez com riscas pretas. De fato, ele parecia um elegante gangster quando ficou ao lado de uma mesa posta com guloseimas insuportavelmente esnobes. Dois dos outros arcanjos e o grande wolfhound irlandês²⁰⁵ estavam sentados, claramente esperando com paciência pelo sinal verde para atacar a mesa.

— Nesta nota. — Jim murmurou: — Eu vou voltar para baixo. A próxima rodada vai começar em breve.

Ou pelo menos, ele esperava que assim fosse.

— Você não vai ficar para um jantar de comemoração? Temos um lugar para você.

— Obrigado. — disse Jim. — Mas tenho alguém que preciso ver.

— Muito bem.

Salvo que antes que pudesse desaparecer, Nigel chamou-o à parte, fora do alcance da voz dos outros.

— Nós ainda não estamos terminados, você e eu.

— Desculpe, eu realmente não estou com fome.

— Com relação a este acordo que tinha com Devina...

— Você quer dizer quem a alma era.

O arcanjo limpou a garganta.

— Sim, é verdade. Eu o advertiria.

Jim o cara bateu nas costas e ignorou o olhar intenso que ele lançou em resposta.

— Eu entendi, Nigel. Confie em mim.

Quando ele armou um meio sorriso, os estranhos olhos incolores de seu chefe se estreitaram.

— Às vezes me pergunto se isso é sábio.

²⁰⁵ *Wolfhound irlandês* – Raça de cachorro

— Confiar em meu traseiro? Bem, você me escolheu.

— Eu sou constantemente lembrado. — O anjo pegou o braço de Jim. — Mas eu gostaria de lhe dizer algo.

— Blá, blá, blá...

— A próxima alma. Você vai reconhecê-la tanto como um velho amigo e um velho inimigo que você tem visto ultimamente. O caminho não poderia ser mais óbvio se fosse iluminado.

Jim revirou os olhos.

— Mapa de caminho legal, Nigel. Como de costume, você dá um novo significado a palavra ‘obtusos.’

— Confie em mim.

Quando Jim levantou uma sobrancelha, um lado da boca do arcanjo levantou em um sorriso. Jim teve que rir.

— Sabe, é uma surpresa que não nos damos muito bem.

— Eu tenho que concordar.

Nesta nota, Nigel o mandou de volta, e a viagem foi mais fácil do que as primeiras vezes em que ele fora para cima e para baixo a terra.

Pelo menos desta vez, ele não teve que morrer para carimbar seu bilhete de viagem. Tomando forma na frente da garagem em que ele agora vivia de novo, olhou para cima. As janelas do apartamento estavam escuras, e sem luzes no exterior, a noite estendida até o quintal, passando pela floresta, e para o campo rolando além. Mas nem tudo estava preto. Ao longe, a casa de fazenda branca tinha suas duas lanternas na varanda da frente ligadas, as balizas jogando um par de feixes brilhantes, como se a estrutura estivesse corando um pouco.

Cara, estava um fodido frio. Nenhuma lua no céu, também.

Parecia que ia nevar.

— E assim você ganha.

Virando-se, saudou a chegada de Devina com um largo sorriso.

— E isso seria ‘novamente.’ Veio me ver tripudiar?

— Não.

— Que pena, é um inferno de um show. Eu até ia lhe dar um intervalo no caso de que você quiser mais pipoca.

Como de costume, ela estava muito bem como uma nova nota de um dólar, tudo montado em uma de suas roupas que nada deixava para a imaginação: Hoje à noite, as curvas dela estavam embrulhadas em um apertado vestido vermelho brilhante.

— Você sabe por que estou aqui. — disse ela.

— Sem nenhum lugar para ir, hein. Tão triste.

— Nosso acordo, Heron. — Agora, ela sorriu. E enquanto ela caminhava para frente, seus quadris se moviam como se ela estivesse pronta para ser montada forte. — Eu mantive a minha parte no trato. Apesar do que você pensa de mim, eu lhe disse quem a alma era, eu não menti. Assim, você está vindo comigo agora.

Jim a deixou passear mais. E ele ia deixá-la ter o seu pequeno momento de satisfação. E quando ela estava bem na frente dele, a deixou alcançar e envolvê-lo entre as pernas.

Mas quando ela abriu a boca, ele a cortou.

— Eu o fiz.

Ela riu, um som encantador que sugeria que em sua mente, eles já estavam transando.

— Eu acredito que, na tradição de casamento humano, a resposta é 'eu aceito'²⁰⁶. É isso que você está atrás, meu amor?

Ele retirou a mão dela intencionalmente.

— Eu menti, Devina.— Ele se inclinou e pôs a boca junto à sua orelha. — Mentira. Falsificada. Fabricada. Você sabe tuuuuudo sobre isso, não é? Então, como é a sensação de estar do outro lado, cadela?

Quando ele deu um passo atrás, a confusão em seu rosto era algo para os livros de história. Pena que ele não tinha uma câmera...

— Entendeu ou quer que eu desenhe?— Ele murmurou.

Abruptamente, sua expressão mudou, suas feições escureceram ao ponto da violência.

— A intenção é irrelevante. — disse ela em voz baixa. —Você foi muito claro.

— Oh, eu acho que você vai descobrir que a intenção é tudo. Você não pode pegar o que não é seu, e eu não deixei você conduzir, eu a conduzi.

— Você... bastardo, — ela cuspiu.

— Tudo é justo no amor e na guerra. E não finja que não escreveu esse roteiro.

Ela puxou para trás e deu um tapa em seu rosto.

— *Não esqueça o seu lugar.*

Jim riu dela.

— Nunca, nem por um minuto. — Em seguida, ele ficou sério. —Mas, Devina, você e eu precisamos esclarecer uma coisa, se você voltar e maltratar... qualquer um... Eu garantirei que você nunca tenha um pedaço de mim novamente.

— Eu já sei que você não mantém suas promessas.

— Isso é um voto. — Bateu no peito e em seguida, colocou o dedo indicador direto entre seus seios. —De mim... para você. Você faz mal a alguém lá em baixo, eu nunca vou foder você de novo.

Por uma fração de segundo, sua máscara caiu, aquela visão monstruosa com sua pele podre e cristas salientes de ossos fazendo uma aparição.

Jim levantou a cabeça.

— Sabe, demônio, raiva combina com você. Precisamente.

Houve um longo momento de silêncio tenso, e então ela pareceu recuperar o controle, a beleza falsa encobriu o mal mais uma vez.

— Eu nunca vou confiar em você de novo. — ela anunciou.

— Parece bom para mim. — Ele levantou a mão e acenou. —Bye-bye, Devina.

— Isso não acabou.

— Tirada de partida previsível. Exatamente o que eu espero de você.

²⁰⁶ Do original "*I do*". A autora faz um trocadilho com a expressão que tanto quer dizer eu faço, como **eu aceito**, quando usado em casamentos.

Ele estava ciente de que estava abusando da sorte, mas alinhado com o fato de ganhar mais uma rodada, ele não dava a mínima. Devina, no entanto, aparentemente, havia terminado de jogar. Ela inclinou o queixo para baixo e olhou para ele sob as sobrancelhas cuidadosamente esculpidas.

— Vejo você em breve, Heron.

E assim, ela estava fora dali, sumindo como éter.

Ao resultado, Jim balançou um cigarro de seu maço e acendeu. Na expiração, ele riu de novo, aproveitando o burburinho passando por ele. Era uma espécie de satisfação como se ele tivesse acabado de fazer sexo, o tipo bom. Virando-se para a garagem, ele caminhou até as escadas, imaginando que iria verificar Adrian antes de ir.

Quando exalou, ele franziu a testa e se perguntou se estava ouvindo coisas. Mas não. Aquele o rádio ele não possuía estava tocando novamente...

Uma versão a capela de 'Calling All Angels' do Train.

Mas que diabos?

Subindo as escadas rapidamente, ele colocou o cigarro entre os lábios quando abriu a porta...

Sentado no chão, de costas contra a porta de entrada do porão, Adrian estava com a cabeça entre as mãos. Com um tom suave e perfeito, ele carregava as letras lenta e lindamente... como se ele tivesse nascido para o microfone.

— Eu pensei que você não pudesse cantar. — Jim disse.

Adrian não levantou a cabeça, mas parou e deu de ombros.

— Eu só fiz isso para irritá-lo. Você, também, para dizer a verdade.

Jim exalado um fluxo constante de fumaça.

— Você tem uma voz agradável.

Engraçado que ele preferisse sons desafinados e irritantes de merda.

Quando não houve resposta, ele disse ao anjo:

— Você vai ficar bem se eu for dar uma saída rápida?

— Sim. Estou bem. Eu só vou sentar aqui com ele.

Jim assentiu, embora não houvesse contato visual.

— Você precisa de alguma coisa?

— Não. Estamos bem.

Olhando através da figura maciça do anjo, aquelas pernas pesadas estavam curvadas, e seus braços poderosos estavam descansando frouxamente em seus joelhos, Jim estava além de pronto para a próxima rodada: Adrian pareceu vivo novamente por um tempo esta noite, animado, engajado. Este silêncio resolutivo, por outro lado, estava muito próximo à condição de Eddie para seu gosto.

— Eu voltarei logo.

— Leve o seu tempo.

A separação não era boa, mas Jim precisava fazer isso. Algumas coisas eram questão de escolha... outras eram questão de necessidade, se você tivesse alguma honra em absoluto em seus ossos.

Virando-se, saiu pelo caminho que entrou, silenciosamente fechando a porta atrás de si.

Antes de sair, colocou sua mão na parede da garagem e fechou os olhos. Com forte concentração, ele convocou a memória de Adrian e Eddie em seu quarto de hotel no Marriott, o par discutindo para frente e para trás, e trocando acusações aleatórias. Imaginou-os fazer isso de novo, vendo os olhos vermelhos de Eddie esquadrinhando os teatrais de Adrian, enquanto o outro anjo jogou os braços para cima, exasperado.

Eles estavam juntos novamente nesta visão que ele criou em sua mente.

Eles estavam a salvo e inteiros.

Ambos ainda estavam vivos.

Quando ele abriu suas pálpebras, havia um brilho sutil em torno de todo o edifício, uma iluminação fosforescente que não lançava sombras, mas era mais poderosa que uma iluminação de estádio.

Assim quando Jim retirou sua mão, o primeiro floco de neve caiu do céu... que foi sua deixa para desaparecer no ar fino e frio.

Capítulo 50

Passaram-se duas horas e meia desde que Veck chegou ao St. Francis Hospital antes que estivesse finalmente livre para ir ver Reilly.... *duas e meia malditas horas*.

Então, novamente, quando De La Cruz estacionou na entrada ao lado da sala de emergência para deixá-lo, ele escancarou a porta do carro e descobriu que não era capaz de se levantar.

Uma espécie de problema de limitação de velocidade.

Então, ao invés de atravessar as portas giratórias do edifício dos pacientes internados e seguir para o quarto de Reilly, de que ele tinha o número graças a um telefonema ao setor de informação do hospital, ele próprio acabou no PS. Onde, naturalmente, não lhe dariam qualquer detalhe sobre ela ou sua condição.

Malditas regras da HIPAA²⁰⁷.

E, cara, eles se arrastaram por todo seu corpo.

Depois de ter sido picado, examinado e radiografado, eles tentaram sugerir que ele precisava de uma intravenosa para fluidos, mas ele recusou e os informou que estava indo embora. Por meio de compromisso, eles envolveram uma bandagem elástica em torno da coxa que doía mais, jogado outro especial de múmia em seu tornozelo oposto, e lhe disseram para ir para casa e esperar se sentir pior no dia seguinte.

Obrigado, Doutor.

A bengala foi útil, no entanto. E enquanto o elevador tinha e ele saía para o sétimo andar do prédio de internação, ele usou a coisa para ajudar a conseguir colocar seu traseiro cansado no corredor. Ele olhou em ambas as direções. Não tinha ideia de qual caminho seguir.

²⁰⁷ **HIPAA (Health Insurance Portability and Accountability Act)** – uma vasta legislação que trata do conjunto de situações enquadradas na política de saúde, que vão desde o acesso aos seguros de saúde até aos abusos e fraudes no reembolso das despesas de saúde, passando pela simplificação de uma variedade de tarefas associadas com a prestação de serviços de saúde.

Ao acaso, ele escolheu a direita e imaginou que em algum momento esbarraria com um membro da equipe, um mapa ou a unidade que ele estava procurando. Enquanto mancava ao longo do caminho, ele olhou para suas roupas. Imundas. Suadas. Rasgadas. O inferno de um traje, mas não era como se ele fosse tirar um tempo para voltar para casa e se trocar.

E quando ele chegou ao posto de enfermagem, ele não tinha intenção de ser atingido com qualquer tipo de não-é-hora-de-visita ou porcaria de volte-mais-tarde.

Reilly dissera que lhe amava.

E ele afastou sua mulher.

Sim, tudo bem, ele não fora aquele a realmente bater a porta na cara dela, tecnicamente, foram os médicos. Mas ele a deixou partir, e este era o tipo de erro que você tentava retificar assim que tivesse a chance. Mesmo se você precise de uma bengala para chegar lá e parecesse como se devesse tomar um banho.

Virando outra esquina, ele enfrentou um longo corredor que tinha instruções em Inglês e Espanhol, assim como um monte de flechas, e um mapa. Que pena que toda aquela merda não fazia qualquer sentido, e não apenas porque ele estava exausto. Eles propositadamente tornavam pacientes difíceis de se encontrar aqui?

Para baixo na extremidade do corredor, uma figura enorme e escura apareceu e começou a andar a passos largos em direção a ele. Mais perto. Mais perto ainda. Até Veck poderia delinear as calças de couro, as shitkickers, e o casaco preto.

Instantaneamente, um tiro direto atravessou seu cérebro. Até o ponto onde ele se perguntou se não soltara um coágulo com toda essa corrida pela subida de ladriho.

Exceto... quando ele olhou para cima para um rosto duro, ele sabia quem era. Este era...

Veck amaldiçoou e se inclinou na parede enquanto o triturador em sua cabeça eliminava todos os pensamentos. E enquanto isso, o homem continuou se aproximando. Até que ele parou logo em frente de Veck. Enquanto Veck focava através de sua dor naquele rosto incrível, ele soube que nunca iria esquecê-lo.

— Eu vou concertar tudo, — disse o homem com um sotaque estrangeiro, que não era bem francês, não era bem húngaro. — Não se preocupe, meu amigo.

Deus, aqueles Rs rolantes eram agradáveis ao ouvido, curiosamente suaves e aristocráticos.

E então Veck percebeu sobre quem o cara estava falando: — Kroner...

Com um galante e afirmativo aceno de cabeça, o estrangeiro retomou a sua caminhada, os passos de suas botas uma sentença de morte se Veck já tivesse ouvido uma. E então no meio do corredor, a figura desapareceu de uma vez... como um fantasma.

Mais provável, porém, ele apenas virou outra esquina.

Para ir encontrar Kroner... *Putá merda*.

Veck esfregou os olhos, pensou sobre a caverna, e percebeu que perdera um pedaço de tudo isso: Ele vira o assassino em série pendurado na frente dele, exceto que isso não fora nada além de uma imagem, não é? Uma imagem projetada em sua Reilly. Essa era a única explicação. Porque ela fora a pessoa pendurada naquelas algemas depois que a poeira baixou, e Deus sabia que não houvera tempo para trocá-los.

Abruptamente fraco dos joelhos, ele se inclinou forte sobre a bengala quando lhe ocorreu exatamente o que acontecera. Ou melhor, o que poderia ter acontecido. Se ele tivesse apunhalado quem acreditara ser Kroner... ele a teria matado.

Na pressa e pânico das conseqüências, ele sequer se dara conta disto.

Cristo, sua escolha na encruzilhada salvara a ambos, não é? Porque ele nunca teria se recuperado se tivesse feito o que lhe armaram para fazer.

E quanto a Kroner...

Sacudindo sua cabeça sobre o ombro, Veck se reorientou para a direção que a figura da morte seguira. O serial killer ainda devia estar vivo e em sua cama de hospital, então, e quanto você queria apostar, que o quarto dele estava por ali em algum lugar?

Por todos os direitos, a vida de Kroner ainda não era de Veck para tomar. Mas isso não significava que ele ia parar o que estava prestes a acontecer. *Merda*, anjos, demônios, cães de pequeno porte com permanentes ruínas... o mundo estava cheio de porcarias sobre as quais ele apenas ouviu rumores antes. Assim, por tudo o que sabia? Aquele era o Ceifador de pé e em pessoa, e nesse caso, a vida de Kroner estava sendo arrebatada da maneira certa.

Apenas para ter certeza, porém, Veck mancou ao longo de uma luz do teto e verificou a sua sombra, mesmo que ele se sentisse como um tolo.

Apenas uma.

— Pronto para que isto esteja terminado, — ele murmurou para si mesmo. — Tãããoo pronto.

Eventualmente, ele encontrou a ala direita, e, felizmente, talvez porque as enfermeiras tiveram pena dele, ele não recebeu qualquer conversa de sem-visitantes. Ele apenas foi enviado cinco portas para baixo e lhe disseram para gritar se precisasse de qualquer coisa.

Como se talvez eles esperassem que ele caísse em uma pilha morta a qualquer momento.

Quando chegou ao quarto Reilly, ele não se apressou para dentro no caso dela estar dormindo. Ele apenas se inclinou um pouco para que pudesse espiar pela porta.

No brilho ofuscante vazando do banheiro, ficou claro que ela estava apagada como uma luz: Mesmo que a cabeça dela estivesse virada, sua respiração era profunda e regular, seu corpo pequeno e imóvel sob os cobertores. Ela estava em uma intravenosa, e havia um monitor ligado a ela que estava apitando regularmente. Provavelmente o coração dela.

A cabeça dela virou no travesseiro, e então ela estremeceu, sua mão subindo para as têmporas.

— Veck...

Enquanto corria, ele disse: — Você está bem? — *Que pergunta idiota*, ele pensou.

— Você está aqui. — Então ela obviamente viu a bandagem de pulso que lhe foi dada. — *Você está bem?*

— Apenas não me peça para correr uma maratona amanhã. — Quando ela tentou se sentar, ele puxou uma cadeira para a cama. — Não, não, deite-se. Eu vou ficar logo aqui.

— Eu não achava que você viria, — ela disse.

Enquanto ele pensou em uma resposta para isso, ela murmurou:

— Nem você, huh.

Ele balançou a cabeça.

— Eu... — Deus, por onde começar? — Sabe, desde o primeiro momento que conheci você, eu trouxe um monte de merda para sua vida. E então eu quase fiz você ser morta esta noite.

— Não, você não fez. Nós dois caímos na armadilha de Bails e aquilo... Quem era aquela mulher?

— Eu não sei. Mas posso dizer-lhe isto: Ela não vai voltar — Ele acreditava em Jim nessa. — Jamais.

— Você tomou conta disso, não foi?

— Acho que sim.

— Eu não a mencionei quando fui interrogada.

— Nem eu.

Deixa para uma pausa. E então ele limpou a garganta, ansioso para falar sobre algo, qualquer coisa além do que acontecera na caverna. Talvez mais tarde, com a distância, eles poderiam cobrir tudo o que-porra-aconteceu, mas não esta noite.

— Seus pais passaram por aqui?

— Eles perguntaram onde você estava.

— Então você não contou a eles sobre mim.

— Oh, eu lhes contei tudo. Como armaram para você, como você veio atrás de mim...

— Eu te amo.

Isto a parou como morta. Até o ponto onde ele se perguntou se talvez não devesse pedir desculpas. Exceto que então ela ficou com lágrimas nos olhos e estendeu a mão para o rosto dele.

— Eu também te amo.

Curvando-se, para que ela pudesse alcançá-lo mais facilmente, ele murmurou:

— Eu só quero fazer o certo por você. É tudo que eu sempre quis para nós.

— Então, como você disse. — sua voz estava áspera, — sem fugir amanhã. Ou jamais.

— Isso é o que um amigo meu me disse.

— Jim... — Quando ele assentiu, ela sussurrou: — Aquele homem é um anjo.

— Você entendeu direito.

Ele não quis invadir, mas de alguma forma acabou arrastando-se até a cama e deitando ao lado dela. Ela se encaixava tão perfeitamente contra ele, e enquanto a segurava, ele estremeceu. Eles quase perderam isto, não apenas com o que acontecera naquela caverna, mas o resto da merda que o Bails estava tentando engendrar.

Inclinando-se, Veck a beijou cuidadosamente e então apenas olhou nos olhos dela pelo tempo mais longo. Ele nunca tivera uma oportunidade de começar de novo antes. Não sequer nascera com uma. Mas, neste momento? Ele via o novo começo que nunca esperou entrar nos pontinhos castanhos daqueles olhos verdes perfeitos dela.

E foi então que ele percebeu que o peso sumira. Ele viveu com o seu fardo pesado por tanto tempo, que se tornara algo que ele não estava mais ciente. Agora, porém, na ausência da pressão taxativa dentro de cada polegada quadrada dele, ele se sentia... livre. Revigorado. Renascido.

O único problema era que essa síndrome de novo homem o fazia pensar coisas malucas, e decidir que pareciam inteiramente razoáveis.

Acariciando seus belos cabelos vermelhos para trás, ele disse baixinho:

— Então, seu pai me fez uma pergunta naquela noite em que fui jantar com vocês.

Reilly sorriu.

— Ele fez? Eu só me lembro dele dizendo que sabia CPR.

— Foi logo antes disso, — ele sussurrou. — Você acha que talvez eu pudesse dar uma resposta para ele algum dia?

A respiração dela se prendeu. E então uma alegria cintilante brilhou do rosto dela.

— Se eu entendi o que você está dizendo, acho que você vai ter que perguntar algo a ele primeiro.

— Seus pais estão livres para jantar amanhã à noite?

Ela começou a rir e então assim ele o fez.

— Acho que posso arranjar isso.

— Perfeita. — Ele ficou sério. — Você é simplesmente... perfeita.

Embalando-a contra seu peito, Veck deixou uma exaustão pacífica reclamá-lo: Tudo estava certo em seu mundo. Ele tinha sua mulher, sua vida e sua alma de volta.

Não ficava melhor do que isso.



No céu, os pés de Nigel o levaram em uma viagem ao redor do castelo. A perambulação não era para admirar a graça desfraldada da última vitória de Jim. Nem era para verificar a segurança. Nem era para decolar para o ar.

Embora se perguntado sobre seu passeio, ele teria oferecido todas essas mentiras em resposta. De fato, talvez Jim e ele fossem mais próximos do que ele pensava.

E ainda se ele tivesse proferido tais explicações a qualquer pessoa ou um cão, o que ele segurava sobre sua palma o teria anunciado como um mentiroso: Ele levava consigo uma placa com um guardanapo de damasco coberto por cima, e por baixo do pano fino, havia um bolinho de groselha, dois biscoitos, e um morango fresco.

À medida que caminhava com sua carga de pastelaria, ele tinha em seu coração um vago sentimento de aversão a essa atividade de mordomo. Mas ele precisava de uma desculpa tangível para ir para onde estava seguindo, e não apenas para quaisquer outros com mentes curiosas, mas para o recipiente desejado do que havia sido coletado.

Dito isto, no entanto, não eram apenas doces para o não-tão-doce que ele estava trazendo consigo. Ele tinha notícias para compartilhar.

Aproximando-se da tenda de Colin, ele se sentia como um burro da realeza, mas o arcanjo não se apresentara para a reunião coletiva e perdeu a missiva, por assim dizer. Ele provavelmente também estaria com fome depois de seu tempo fora.

Desculpas, desculpas... Nigel queria ver o tolo sortudo.

Malditos sejam ambos.

E tanto por rompimentos limpos.

Na aba de entrada, ele limpou a garganta.

— Colin.

Esperando por uma resposta, ele puxou o guardanapo de damasco para ter certeza que ainda estava cobrindo as guloseimas.

— Colin.

Oh, chega desta restrição educado.

Ele abriu o caminho para dentro e parou. Sobre a modesta cama estreita, havia três ternos estendidos, cada um com lenços de pescoço, meias e sapatos combinando. A combinação central de tons de preto e cinzas pálidos iriam favorecê-lo melhor, Nigel pensou.

Deixando o prato de lado, ele estendeu a mão para afagar o pano fino da manga. Estranho que o arcanjo tivesse alinhado estes. Colin não era particular sobre suas vestes. Afastando-se, Nigel olhou para os livros encadernados em couro. O baú. A lâmpada à óleo que queimava com luz suave. Onde o anjo estava indo com tal vestimenta?

E então ele lembrou: Colin estivera lá baixo com Edward, e onde quer que Edward estivesse, também estava Adrian. Esse anjo pretensioso com o fetiche por piercings nunca foi conhecido por se afiliar com membros de seu próprio sexo antes, mas não era como se Nigel entrasse nessa parte da vida de seus subordinados em qualquer detalhe. Além disso, Colin era irresistível. Que era o que colocara Nigel na posição que ele estava agora.

Ele era tão tolo, Nigel pensou. Tão tolo.

Ele saiu, mas fechou a aba atrás de si suavemente. A última coisa que ele precisava era ser pego. Um alegre tom de assobio levantou sua cabeça.

Esgueirando por detrás da tenda, sua respiração se prendeu. No meio da atual corrente do rio, Colin estava de pé com suas costas para o banco, um macio pano de esfregar passando por cima de seus ombros e deixando um rastro de espuma que deslizava entre os músculos alado de seu torso, seguindo um caminho sempre descendente...

A cabeça de Colin virou ao redor, e então sua metade de cima seguiu.

Nigel engoliu em seco quando seus olhos se encontraram. O macho era uma visão, assim como fora antes, e ainda assim era sempre novo.

— Boa noite, — o outro arcanjo disse, antes de retomar suas ministrações ensaboadas em seu peito.

Enquanto Colin trabalhava mais com sua pele, ele não girou para o outro lado, mas em vez disso continuou a levar aquele pano macio para baixo, para baixo... para baixo...

— Indo para algum lugar? — Nigel disse amargamente.

— Sim.

— Onde?

O arcanjo girou todo o caminho ao redor... e dado que o corpo do homem estava sugerindo, Nigel sentiu vontade de blasfemar. As roupas. Este banho. Pular a refeição como se estivesse se preparando para algo especial.

Esta excitação. Se não fosse o Adrian, poderia ser um pretendente humano? Ou uma alma no lado seguro das muralhas do castelo, por ventura?

— Eu tenho notícias, — Nigel obrigou-se a dizer suavemente. — Isto foi compartilhado durante a sobremesa, na verdade.

— Desculpe-me por não estar lá.

— De fato.

Enquanto eles conversavam, a visão periférica de Nigel estava se provando dolorosamente aguda: Embora ele se concentrasse sobre o rosto de Colin, ele foi muito bem consciente da atenção cuidadosa que o arcanjo estava destinando a sua masculinidade.

E pensar que a limpeza era uma virtude.

Mais como uma tortura.

— Nigel?

— Você também perdeu a comemoração de vitória e a aparição de Jim.

— Pelo que eu dou minhas desculpas. — Colin sibilou um pouco em prazer e então pareceu recuperar o foco. — Agora, me diga, qual é a sua notícia?

— O Criador decretou por quem os sinos seguintes badalaram. Não é quem nos foi dito no início.

Isto chamou a atenção do arcanjo, e congelou aquele pano condenável.

— Eu pensei que todas as almas tivessem sido acordadas antes do jogo começar?

— Elas estavam. E assumiu-se, pelo menos por mim, que haveria somente seis, porque um lado ou do outro ganharia mais cedo.

— Mas agora?

— Oh, esta alma foi aprovada. Eu apenas desconhecia que haveria um segundo turno em cima dela.

A surpresa de Colin foi satisfatória, pelo menos provou que Nigel ainda podia obter uma reação dele.

Com uma investida poderosa, o arcanjo deu um mergulho suave nas águas e depois saiu do rio. Enquanto ele emergia, pingando e ainda duro naquele lugar essencial, Nigel obsequiosamente ofereceu a toalha ao macho que pendia sobre o galho mais próximo, não era para salvar o arcanjo de um resfriado, no entanto.

Mais porque Nigel não tinha necessidade de ser incinerado no local.

No entanto, embora Colin tivesse se secado, o bastardo apenas enlaçou a coisa em torno de sua nuca quando terminou.

— Você não vai se vestir? — Nigel interveio.

— Sim.

— Agora? — *Por favor.*

— Quem é a alma?

— Matthias.

Colin franziu a testa.

— O Criador redigindo a vitória de Devina, então?

— A decisão do alto é que a perda para ela irá permanecer, mas que Jim terá uma segunda tentativa de influenciar o homem.

— Isso é sem precedentes.

— O jogo é sem precedentes.

Como eles olharam um para o outro, o coração de Nigel sofreu ao ponto da dor real. Era sua deixa para sair, não era?

— De qualquer forma, eu pensei que você gostaria de saber, — disse ele vivamente. — Eu lhe ofereço um adeus e... boa noite. Claramente, você pretende ter uma.

— Eu pretendo. — As pálpebras de Colin se abaixaram. — Na verdade devo ter.

Nigel assentiu rigidamente e caminhou sem a maior graça de volta para sua tenda. Ao passar pela mesa de chá que fora limpa, ele estava feliz que os outros dois e aquele grande cachorro voltaram para seus aposentos. Ele não queria nem mesmo o olhar canino de Tarquin para testemunhar esta caminhada de humilhação privada.

Ele fora para apresentar um presente, apenas para testemunhar os preparativos de um encontro que obviamente não o envolvia.

Estúpido. Tolo.

Em seus aposentos, Nigel se despiu, mas ele não se retiraria para o banho, memórias demais. Em vez disso, ele vestiu um novo manto de cetim que nunca usara na presença de Colin e se estendeu sobre seu divã, olhando para suas mobílias de luxo.

Mesmo com todas as cortinas coloridas e a cama confortável, parecia um lugar tão vazio. Ao lado dele, a chama no topo de uma vela de cera de abelha indolentemente flutuava para frente e para trás, e ele invejou seu trabalho fácil. Infelizmente, a coisa oferecia pouco no caminho da companhia, então ele apenas a assistiu se canibalizar em silêncio, as lágrimas de consumo escorrendo lentamente de seu corpo que sempre se encolhia.

Que deprimente: Mesmo algo tão romântico quanto luz de velas ele interpretava em um vocabulário de perda.

— Este bolinho é fantástico.

Nigel olhou para cima. Colin estava de pé na entrada da tenda, seu braço forte segurando a cortina de lona de lado, sua forma longa e esguia enchendo o espaço.

Ele estava vestindo o preto e cinza.

Nigel voltou a focar na vela.

— Estou feliz que lhe sustente.

— Atencioso de sua parte. — O arcanjo veio enquanto terminava a coisa. — Sabe, você não me pagava uma visita a um bom tempo.

Na verdade, fora muito recentemente, mas isto dificilmente servia para ser mencionado.

— Você não estava seguindo a algum lugar? — Nigel murmurou.

— Oh, sim. — Quando Nigel olhou, Colin girou de forma masculina. — Você gosta disso?

— A roupa? — Nigel acenou com a mão. — Não é para eu julgar.

— Eu usei isso para você.

Os olhos de Nigel se lançaram de volta.

— Certamente você não quer ser tão cruel.

— Cruel? — O arcanjo parecia honestamente confuso. — Por quem mais eu poderia usar trajes tão inúteis?

Nigel franziu a testa.

— Eu pensei que talvez Adrian ou...

A risada de Colin foi imediata. E irritantemente tudo saiu.

— Você pensou que aquele anjo... e eu...?

— Ele é adequado.

— Sim. Mas ele não é quem eu quero.

Nigel engoliu em seco e tentou esconder sua reação desviando o olhar.

— É... para mim?

— SIM. Então, o que você diz, amante meu.

Eventualmente, ele girou os olhos de volta e os dois se encararam pelo tempo mais longo.

Então Nigel sentou para frente e escovou os cabelos para trás com uma mão trêmula: O desejo por compostura não venceu, não aqui e em privado. Não com Colin.

Nunca com esse arcanjo, ele temia.

Estendendo a mão para seu amor, Nigel disse roucamente:

— Eu digo... que é o que eu teria escolhido.

O arcanjo veio para frente com um sorriso.

— E foi, — Colin murmurou, — por isso que eu o vesti.

Capítulo 51

Abaixo, em um subúrbio atraente de Caldwell, Susan Barten se sentou em sua sala de estar, bem desperta apesar de ser quatro horas da madrugada. No andar de cima, seu marido e sua filha remanescente estavam dormindo em suas respectivas camas, e tudo estava quieto acima, ao redor, e abaixo dela.

Ela estava acostumada a este silêncio, dolorosamente sentada no escuro. O último trecho de descanso ininterrupto que tivera fora na noite anterior... que “aquilo” acontecera.

Como de costume, ela se sentou na poltrona ao lado de seu sofá, com os olhos treinados na porta da frente. Este era o seu poleiro, o ramo sobre o qual ela trancava os pés enquanto os ventos do destino sopravam ventanias em seus entes queridos, descascando as camadas de quem ela era e o que sua família era e como ela esperava passar seu tempo na terra.

Ela sempre encarava a porta de que Sissy saíra e entrado tão regularmente, e isso fora verdade, mesmo após as primeiras noites, quando a esperança inicial se extinguiu, deixando nada além de um medo paralisante para trás. Ainda era verdade mesmo agora, quando havia uma razão concreta para saber que sua filha nunca, jamais iria voltar para casa novamente.

Deus, achar que ela se sentia sortuda por haver algo para eles enterrarem.

Ao pensamento, lágrimas coçaram os cantos de seus olhos, e ela se viu pensando sobre aquele livro do Dr. Seuss, o que fora tão onipresente na formatura do colegial, o que comprou para Sissy junto com os brincos de pomba, aquele colar de pomba e aquele bracelete de pomba.

Oh, os Lugares que Você Irá!

Uma morte prematura não era o que nenhum deles contemplara.

Por que este destino dela não podia ter sido a escola de medicina? Ou a Europa? Ou a Cidade de Nova York? Ou apenas para um salão de cabeleireiro no centro de Caldwell, ou o escritório de um veterinário, ou uma escola primária para ensinar? Por que não podia ter sido o que haviam sido concedidos a todos os seus colegas de classe? Por que teve que ser aquele supermercado Hannaford naquela noite em particular...

Susan se equilibrou na ponta do limite da loucura enquanto as centenas de diferentes caminhos abertos à sua filha mais velha se apresentavam em uma lista... e ela se perguntou mais uma vez porque, quando os dados foram jogados, eles tinham que vir com... Um grito irrompeu para fora de sua boca antes que ela estivesse consciente de fazer o som, e suas pernas eram iguais, fazendo seu dever para tirá-la da cadeira e ao redor por trás da coisa antes que estivesse ciente do movimento.

Um homem tinha vindo pela porta. Um homem enorme com cabelos loiros havia entrado em sua casa sem realmente abrir caminho, e ele agora estava parado em seu hall de entrada.

Olhando para ela.

Espera... ela o conhecia. Ele era aquele para quem ela dera o colar. Ele era aquele que tinha uma aparência devastada junto com ela. E ele ainda estava devastado.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou delicadamente, estranhamente ciente de seja lá como ele chegara, ele não estava aqui para machucá-la ou o que restava de sua família. — Por que você veio?

O homem apenas olhou para ela sem responder, seu rosto severo entristecido ao ponto em que parecia como se ele estivesse no mesmo limite que ela.

Sentindo-se instável, Susan virou a poltrona e quase caiu de costas para ela. Então ela colocou as mãos sobre os joelhos, e balançou para frente e para trás lentamente.

— Eu já sei que eles a encontraram, — disse ela. — Eu sei que eles encontraram... minha filha...

O homem veio para frente quando ela começou a soluçar, e depois dela tentar limpar os olhos, descobriu que ele havia se agachado a seus pés.

— Você disse que iria trazê-la de volta, — ela soltou.

Quando ele assentiu para ela, ela entendeu que ele queria dizer que ainda tinha a intenção de cumprir a promessa, mas com certeza ele sabia que tal coisa era impossível.

— Estou feliz que você tenha vindo, — ela murmurou, pensando em voz alta.

Ele permaneceu em silêncio, e quando ela olhou em seus olhos estranhos, ela expressou a culpa que não falara com ninguém:

— Eu matei minha filha. Eu a mandei por aqueles mantimentos. Eu pedi a ela que fosse... e se ela não tivesse... ela não teria...

Não havia como ir mais além quando ela começou a chorar. E enquanto ela chorou colocando o seu coração para fora, o pesado guerreiro ficou com ela, compartilhando sua dor e sua solidão e seus arrependimentos, sua mão grande veio para descansar em seu ombro a acalmando, sua presença um bálsamo sobre as queimaduras em carne viva que a cobriam apesar de que sua pele ainda estava exteriormente intacta.

Quando ela se acalmou um pouco, ele colocou as mãos sobre as dela.

No contato, o calor mágico a invadiu e viajou por ambos os lados de seus braços, a maré se movendo para o abismo em seu peito, enchendo-a. Foi então que ela viu que ele tinha asas. Asas finas e grande que se elevavam de seus ombros enormes e capturava a luz, apesar de ela ter deixado a casa na escuridão.

— Você é um anjo, — ela sussurrou, petrificada. — Você é... um *anjo*...

Ele não mostrou reação alguma, apenas continuava a encarando, seus belos olhos e seu toque curador elevando-a apesar de ela permanecer sentada. Eventualmente, ele removeu as mãos das dela, mas o calor que ele lhe dera ficou dentro de seu corpo.

— Você tem que ir? — Disse ela tristemente.

Ele assentiu, mas antes de se levantar para sua grande altura, ele abriu sua camisa. Ali, em sua garganta, estava o delicado colar que ela lhe dera, a pomba da paz suspensa de sua pequena corrente.

Ela estendeu a mão e tocou os elos que estavam quentes contra a sua pele brilhante.

— Eu sei que você vai cuidar dela.

Ele assentiu uma vez... e então ele se foi. Instantaneamente.

Com movimentos bruscos, Susan pulou da cadeira e correu através da porta da frente. Destrancando-a e a escancarando, ela saltou sobre o concreto frio da varanda.

Nenhum sinal dele. Mas ele estivera ali.

O calor que ele lhe dera ainda estava com ela.

Quando ela olhou para o céu, viu que estava nevando: Pequenos flocos brancos estavam descendo lentamente do céu, seus caminhos traçantes como a dos destinos das pessoas, sempre mudando, nunca os mesmos, movendo-se em torno de obstáculos visíveis e invisíveis.

Deixando a cabeça cair para trás, ela sentiu os pequenos pontos em sua testa e bochechas, como se fossem pequenas e gentis mãos enviadas para levar suas lágrimas.

O anjo voltaria, ela pensou.

E Sissy, onde quer que ela estivesse, não estava sozinha...

Passou-se um longo tempo antes de Susan voltar para a casa, fechar a porta, e silenciosamente fazer seu caminho até a cama que ela e o marido compartilharam por décadas. Quando ela deslizou para dentro dos lençóis, ele despertou brevemente.

— Você está bem?

— Nós temos um anjo, — disse ele. — Ele está cuidando de nós. Da Sissy.

— Você acha?

— Não, — ela disse, indo para os braços do marido e fechando os olhos em exaustão. — Eu sei.

E com isso, ela caiu em um sono profundo e duradouro...

Epílogo

Duas semanas depois que Reilly saiu do hospital, ela estava em sua escrivaninha em seu quarto e se perguntou se era moralmente errado usar lingerie sob suas roupas, presumindo que você estava indo para a casa de seus pais para o jantar de domingo.

Talvez ela tivesse acabado de colocar sua renda preta. Sensual, mas nada muito revelador.

— O que você está fazendo? — Veck disse quando veio por trás dela e colocou os braços ao seu redor.

Ele estava nu, como de costume, e muito contente em vê-la, como de costume.

Olhando por cima do ombro, ela sorriu e levantou o sutiã em questão.

— O preto. Eu estava pensando no preto. O que você diria?

— Boa escolha. É um dos meus conjuntos favoritos para tirar de você.

Enquanto ele a beijava lenta e profundamente, e roçava aquela excitação contra a parte de trás de seu roupão de banho, Reilly se entregou, mas apenas por um momento.

Afastando-se, ela balançou a cabeça.

— Já estamos atrasados.

— Não vai levar muito tempo, — ele murmurou, indo para a gravata. — Prometo.

— Mas eu vou ter que explicar ao meu pai por que nos atrasamos para o jantar.

Veck recuou acentuadamente. Limpou a garganta. Fez tudo menos olhar atrás de si mesmo para ver se o homem em questão estava na sala com eles.

— Bom Deus, porque você não está vestida ainda, mulher? Venha... Corra.

Ela riu enquanto ele se dirigia até a mala no canto e começou a vestir roupa como se a casa estivesse em chamas.

Seu parceiro ainda era o homem com um interior durão, fala direta e sensual por quem ela se apaixonara: Sempre o detetive obstinado. Sempre alerta e muito protetor com ela. Precisamente o tipo de cara que nunca desistia, raramente cedia uma polegada, e de alguma forma ainda conseguia cuidar dela.

Mas se havia uma pessoa na face do planeta que poderia arrancar suas BVDs, era o pai dela.

Veck e o Big Tom, como Veck o chamava, eram um corte do mesmo tecido, mas Veck nunca ultrapassava, e estava sempre em seu melhor comportamento. E o fato de que o par se dava tão bem era apenas mais uma razão para amar os dois homens em sua vida.

— Você ainda está neste roupão, Reilly — ele atirou enquanto puxava as calças.

— Eu te amo, você sabe disso?

Ele nem sequer parou, a agitação continuou enquanto ele puxou uma camisa.

— Isso é bom, querida. Agora vamos lá, vista-se.

Reilly riu de novo, apanhou sua Victoria's Secret, e fez sua própria versão atenuada da confusão de DelVecchio no banheiro.

Era incrível o quanto mudara... e quão pouco. O corpo de Bails fora encontrado nos escombros da pedreira três dias depois, e a causa da morte havia sido considerada um suicídio, já que a arma que ele usara ainda estava presa no aperto de sua mão fria. Kroner também aparecera morto: A equipe médica do hospital havia descoberto que naquela mesma noite do colapso da pedreira ele parara de respirar e eles não conseguiram reanimá-lo, algo que não foi uma surpresa, dada a extensão de sua lesões.

Quanto a Sissy Barten, sua morte fora não oficialmente pendurada no pescoço de Bails: O corpo dela não rendeu DNA para vincular os dois juntos, mas especialistas em TI²⁰⁸ forense entraram em vários computadores do homem e encontraram uma rede, literalmente, de loucura e maquinações, tudo o que girava em torno de Veck e o pai de Veck. Acabou que Bails falara frequentemente em suas postagens on-line de matar alguém na época que Sissy tinha sido morta, usando precisamente aquelas técnicas e marcas, como uma forma de homenagear o pai de Veck.

Desnecessário dizer que Veck foi inocentado de qualquer suspeita, de fato, uma auditoria dos arquivos da câmera de segurança da sala de evidência mostrou que o sistema tivera uma pane por um período de tempo em uma noite entre quando as coisas de Kroner haviam entrado e quando Bails apresentara sua falsa acusação. A implicação de que de alguma forma Bails engendrara a avaria era óbvia.

E isso... foi isso. Na sequência, Veck não falou muito sobre o que acontecera, ou feito observações sobre o fato de que seu pai fora executado dentro do cronograma, ou pareceu se alongar naquele momento na caverna quando a decisão errada da parte dela poderia ter terminado a vida de ambos. Mas havia noites o suficiente quando ela e ele deitavam juntos e ele dizia algumas palavras aqui e ali. Ela estava lhe dando tempo, e ele o estava tomando, mas ela nunca ficou com a sensação de que ele estivesse escondendo, ou esconderia, qualquer coisa dela.

Se Deus quiser, eles tinham os próximos cinquenta anos para colocar a conversa em dia.

— Estamos prontos? — ele chamou do quarto.

— Sim! Estou indo! — Uma escovada rápida em seus cabelos, uma borrifada daquele perfume que Veck gostava, e ela correu para fora do banheiro.

No centro de seu quarto, logo ao lado da cama que eles compartilhavam, ele estava abaixado em um joelho, com uma pequena caixa de veludo em sua palma da mão estendida.

Falando de derrapar até parar.

Colocando a mão em seu coração batendo, Reilly piscou como uma idiota por um momento.

— Duas chances para você adivinhar o que vou lhe perguntar, — ele murmurou, abrindo a parte de cima.

Por um longo momento, ela apenas ficou parada ali em estado de choque. Exceto que então ela seguiu com o programa, fazendo tudo menos flutuar até ele.

Olhando para baixo, viu um pequeno e perfeito diamante em uma simples moldura dentada.

— Só para que saiba, — Veck murmurou, — Eu perguntei para o seu pai há uma semana. Ele me deu permissão, e prometeu me bater até uma polpa sangrenta e me enterrar no jardim de rosas de sua mãe se eu algum dia fizer mal a você.

Reilly ficou em seus próprios joelhos com ele, lágrimas fazendo tudo tremer.

— É... realmente a cara dele dizer isso.

Ambos riram.

— É. Então — Veck limpou a garganta. — Sophia Maria Reilly, você aceitaria ser minha esposa? Por favor?

Ela assentiu, porque não confiava em sua voz, e se esquecendo da pedra; ela jogou os braços ao redor dele e o segurou com força.

²⁰⁸ TI – Tecnologia da Informação.

— Eu amo você... — Veck a esmagou em si, e depois recuou. Com mãos que tremiam tão levemente, ele tirou o anel de sua abertura de veludo... e o deslizou em seu dedo.

— Encaixa perfeitamente. — Ela levou algum tempo para admirar o brilho piscante e cintilante. A pedra era incrivelmente brilhante e alegre, quase de maneira impossível.

— Não é grande, — Veck disse, — mas é impecável. Isso foi importante para mim. Eu queria lhe dar alguma coisa... impecável.

Ela apertou os lábios aos dele.

— Você já deu, no entanto. E não é nada que você poderia comprar para mim em uma loja de joias.

Veck a beijou em retorno por mais tempo... durando para sempre, pareceu, que foi apenas quase o suficiente para ela. E então, com a boca ainda contra a dela, ele sussurrou:

— Agora você se importa se entramos em seu carro e quebrar o limite de velocidade? Tanto quanto eu ame o jardim de sua mãe, prefiro não ser o Miracle-Gro²⁰⁹, especialmente em uma noite como esta.

Rindo, Reilly ficou de pé e ajudou seu... caramba, *noivo*.... a se levantar.

— Sabe o que eu acabei de perceber? Nós dois somos conhecidos por nossos sobrenomes.

— E nenhum de nós sabe cozinhar.

— Vê, — ela disse enquanto corriam para as escadas lado a lado. — Nós fomos feitos para ficarmos juntos.

Após descer a metade, ele a fez parar, a puxou em seus braços, e a beijou novamente.

— Amém a isso, meu amor. *Amém*.

Um último beijo... e então simples assim, eles saíram para o outro lado da porta...

E para o futuro deles.

Fim



**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.

Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.

Respeite o grupo e as revisoras.

²⁰⁹ **Miracle-Gro (Scotts Miracle-Gro Company)** – empresas de produtos de jardinagem, como adubos.